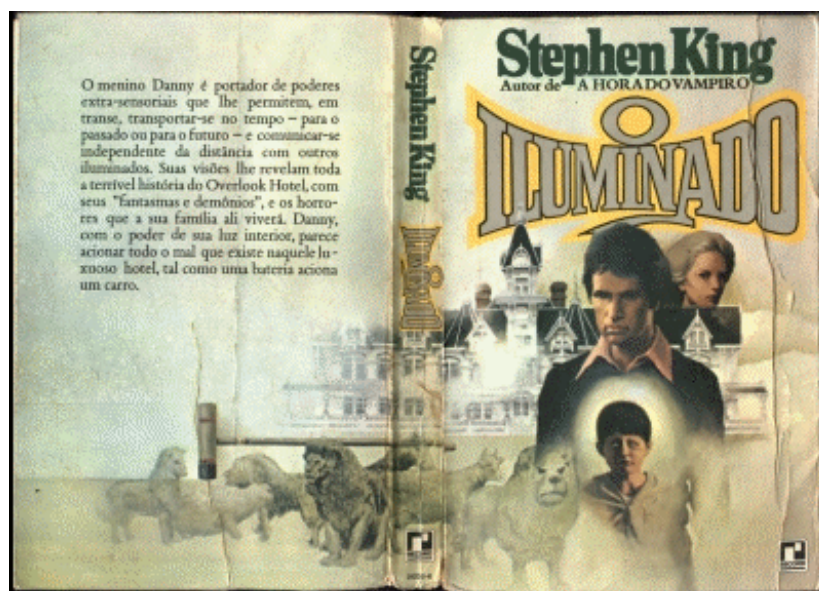
O Iluminado

Stephen King

Aqui, neste apartamento também, estava ele... o imenso relógio de ébano, com o balançar triste, preguiçoso, monótono de seu pêndulo; e... ao bater da hora, saía de seus pulmões de bronze o som claro e alto, profundo e extraordinariamente musical, de melodia e relevo tão peculiares que, a cada intervalo de hora, os músicos da orquestra eram obrigados a parar para dar atenção ao som; e os dançarinos forçosamente cessavam suas evoluções, dando lugar a uma breve inquietação do alegre grupo; e, enquanto os carrilhões do relógio ainda tocavam, a falta de seriedade esvanecia, e os mais velhos e serenos levavam a mão à fronte como que num confuso devaneio ou meditação. Mas ao cessar dos suaves ecos musicais, a assembléia impregnava-se de risos leves... e (eles) sorriam do seu nervosismo... sussurravam juras, de que o tocar do próximo carrilhão não lhes provocaria emoção semelhante; e então, depois do intervalo dos sessenta minutos... um outro tocar de carrilhão do relógio, seguido da mesma inquietação, agitação e meditação de antes. Mas apesar de tudo, aquilo era um alegre e esplêndido festim...

E. A. Poe
A Máscara da Morte Rubra

"O adormecer da razão gera monstros."
Goya.

"Tudo tem seu tempo certo."
Dito popular

Alguns dos mais belos balneários do mundo estão no Colorado, mas o hotel destas páginas não se baseia em nenhum deles. O Overlook e as pessoas a ele ligadas existem tão-somente na imaginação do autor.

PRIMEIRA PARTE

Introdução

1

ENTREVISTA DE TRABALHO

Jack Torrance pensou: Cretino.

Ullman media um metro e sessenta e se locomovia com maneiras afetadas que parecem ser exclusividade de todo homem gordo e baixo. O cabelo bem repartido, e o terno escuro, sóbrio, mas confortável. Sou o homem para quem você pode trazer seus problemas, dizia o terno ao cliente. Como entrevistados, porém, falava mais asperamente: Acho bom tudo correr muito bem. Tinha um cravo na lapela, talvez para que ninguém na rua tomasse Stuart Ullman pelo empresário local.

Enquanto ouvia Ullman, Jack admitiu que, naquelas circunstâncias, não poderia gostar de nenhum homem do outro lado da mesa.

Ullman fez uma pergunta que ele não entendeu. Isso era ruim; Ullman era o tipo de homem que arquivava tais lapsos num arquivo mental, circular, para consultas posteriores.

- Como disse?

- Perguntei se sua mulher compreendeu qual seria sua função aqui. Há também seu filho, claro. - Lançou o olhar sobre o formulário de solicitação de emprego que estava a sua frente. - Daniel. Sua mulher não está um pouco atemorizada com a idéia?

- Wendy é uma mulher extraordinária.

- E seu filho também é extraordinário?

Jack sorriu, um largo sorriso de relações-públicas.

- Assim suponho. p uma criança muito segura para seus cinco anos.

Ullman não sorriu. Colocou o formulário de Jack de volta na pasta e devolveu-a à gaveta. A mesa estava agora completamente limpa, exceto por um mata-borrão, um telefone, um foco de luz e uma caixeta de entrada e saída de papéis, que também estava vazia.

Ullman levantou-se e foi até o arquivo do canto.

- Fique aí na mesa, por favor, Sr. Torrance. Vamos dar uma olhada na planta dos

andares do hotel.

Trouxe cinco folhas grandes de papel e colocou-as sobre a mesa de nogueira polida. Jack ficou de pé ao lado, sentindo o perfume da. colônia de Ullman. Ou todos os rotas funcionários usam English Leather ou não usara nada, veio à sua mente sem motivo algum, e teve que segurar a língua entre os dentes para evitar uma gargalhada. Podiam-se ouvir os ruídos da cozinha do Hotel Overlook no: preparativos para almoço.

- O último andar - disse Ullman alegremente. - O sótão. No momento não existe nada ali a não ser quinquilharias. O Overlook já mudou de dono várias ucas deado a Segunda Guerra Mundial; e parece que todos os gerentes resolveram colocar tudo aquilo que não queriam no sótão. Quero ratoeiras e veneno espalhados por todo o lugar. Algumas camareiras do terceiro andar dizem que já escutaram barulhos. Nunca acreditei nisso um só momento, mas não pode haver a menor possibilidade de que um rato sequer continue vivendo no Hotel Overlook.

Jack, que sempre suspeitara da existência de ratos em todos os hotéis do mundo, segurou a língua.

- Naturalmente o senhor não deixará seu filho ir ao sótão em hipótese alguma.

- Não - disse Jack, e deu novamente o largo sorriso de relações-públicas. Situação humilhante, esta. Por acaso, este cretino estaria pensando que ele pudesse deixar seu filho brincar num sótão cheio de ratoeiras, móveis velhos e sabe Deus o que mais?

Ullman tirou a planta do sótão de cima da mesa, e colocou-a por baixo das outras folhas grandes.

- O Overlook tem cento e dez apartamentos de hóspedes dito com uma voz de sábio. - Trinta deles, todos suítes, catão aqui no terceiro andar. Dez na ala oeste (incluindo a Suíte Presidencial), dez ao centro, e mais dez na ala leste. Todos com vistas deslumbrantes.

Poderia pelo menos dispensar a conversa de vendedor?

Mas continuou quieto. Precisava do emprego.

Ullman colocou a planta do terceiro andar por baixo da pilha e começaram a estudar o segundo andar.

- Quarenta apartamentos - disse Ullman - trinta de casal e dez de solteiro. E no primeiro andar, vinte de cada. Mais trás rouparias em cada andar, e uma despensa que oca no fim da ala leste, no segundo pavimento, e outra na extremidade da ala oeste, no primeiro. Alguma pergunta?

Jack balançou a cabeça. Ullman pés de lado as plantas do segundo e primeiro andares.

- Vejamos agora o saguão. Aqui no meio está a recepção. Atrás, os escritórios. O saguão é circular, com um raio de seis metros, partindo do balcão de recepção, que fica no centro. Bem aqui, na ala oeste, estão o restaurante do Overlook e o Salão Colorado. Os salões de banquete e baile ficam na ala leste. Alguma pergunta?

- Apenas sobre o subsolo - disse Jack. - Para um empregado de temporada de inverno, esta é a área mais importante de todas. Ir onde se concentra o movimento, por assim dizer.

- Watson vai mostrar-lhe tudo. A planta do subsolo está na parede da sala da caldeira. - Franziu a testa, talvez para mostrar que, como gerente, não se preocupava com aspectos tão irrelevantes do funcionamento do Overlook. - Não seria má idéia colocar algumas armadilhas lá também. Um momento...

Rabiscou um bilhete num bloco que tirou do bolso de dentro do paletó (cada folha do bloco tinha a inscrição de seu nome em negrito), e colocou-o na caixeta de saída de papéis. Aquele papel ficou ali sozinho. O bloco voltou para o bolso do paletó de Ullman como num passe de mágica. Está vendo, Jack? Agora não está vendo mais. Este cara é realmente um saco.

Voltaram a seus lugares. Ullman por trás da mesa e Jack adiante, entrevistador e entrevistado, suplicante e relutante patrono. Ullman juntou as mãos por sobre a mesa, e fixou o olhar em Jack, um homem careca, baixo, vestido com um terno de banqueiro e uma gravata cinza e modesta. Numa lapela tinha uma flor e na outra um broche com a palavra pessoal em letras douradas e pequenas.

- Serei franco com o senhor. Albert Shockley é um homem poderoso, com muito interesse no Overlook, o que resultou em lucro nesta temporada pela primeira vez na história. O Sr. Shockley também faz parte do Conselho Diretor, mas não é um hoteleiro por excelência, e é o primeiro a admitir tal fato. Mas seus desejos, em relação ao assunto de que estamos tratando, são óbvios. Ele quer que você seja admitido. E eu o farei. Mas, se me fosse dada a possibilidade de opção, não o admitiria.

As mãos suadas de Jack estavam apertadas sobre suas pernas.

Cretino, cretino...

- Não creio que me dê muita importância, Sr. Torrance. Não me importo. Sua opinião a meu respeito na realidade, não interfere na minha certeza de que o senhor não é a pessoa certa para este trabalho. Durante a temporada, isto é, de quinze de maio a trinta de setembro, o Overlook emprega cento e dez funcionários em regime de tempo integral; um para cada apartamento do hotel, pode-se dizer. Não acho que a maioria gosta de mim, e acredito mesmo que alguns deles me considerem um filho da puta. Estão corretos no julgamento do meu caráter. Tenho que ser um filho da puta para poder dirigir este hotel da maneira que ele merece.

Olhou para Jack a espera de comentários, e o sorriso de relações-públicas deste iluminou-se largo e cheio de dentes.

- O Overlook foi construído entre 1907 e 1909 - continuou Ullman. - A cidade mais próxima é Sidewinder, a sessenta e cinco quilômetros a leste daqui, em estradas que ficam fechadas por volta de fins de outubro ou novembro até abril. Um homem de nome Robert Townley Watson, avô do nosso gerente de suprimentos, construiu-o. Aqui já se hospedaram os Vanderbilts, os Rockfellers, os Astors e os Du Ponts. Quatro presidentes já ocuparam a suíte presidencial. Wilson, Harding,,Roosevelt e Nixon.

- Não me orgulharia tanto de Harding e Nixon - murmurou Jack.

Ullman fremiu a testa e prosseguiu indiferente.

- Foi um investimento pesado para o Sr. Watson e o hotel precisou ser vendido em 1915. Foi novamente vendido em 1922, em 1929, e em 1936. Ficou abandonado até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando foi comprado e totalmente reformado por Horace Derwent, interventor, piloto, produtor de cinema e empresário milionário.

- Conheço de nome - disse Jack.

- Sim. Tudo o que ele tocava parecia transformar-se em ouro... com exceção do Overlook. Empatou cerca de um milhão de dólares no negócio, antes que o primeiro hóspede do pós-guerra viesse, transformando-o num lugar de exibição. Foi Derwent que construiu a quadra de roque que você admirava quando chegou.

- Roque?

- Uma versão britânica do nosso croqué, Sr. Torrente. Croqué é um roque degenerado. De acordo com a história, Derwent aprendeu o jogo com sua secretária particular e apaixonou-se por ele. A nossa quadra deve ser a melhor da América.

- Não duvido - disse Jack seriamente. Uma quadra de roque, uma topiaria de arbustos cortados em desenhos de animais, o que mais? Estava cansado do Sr. Stuart Ullman, mas podia notar que ele não havia concluído. Ainda continuaria até a última palavra do que tinha a dizer.

- Depois de perder três milhões, Derwent vendeu o hotel a um grupo de investidores da Califórnia, cuja experiência com o Overlook foi igualmente ruim. Não eram pessoas com prática de hotelaria. Em 1970, o Sr. Shockley e um grupo de sócios compraram o. hotel e encarregaram-se de sua gerência. Estivemos deficitários durante muitos anos, mas posso assegurar-lhe, com felicidade, de que a confiança dos proprietários atuais em mim nunca foi abalada. Encerramos o último ano em equilíbrio: sem lucros, nem prejuízos. E pela primeira vez em sete décadas, nosso livro de contabilidade não encerrou o ano em vermelho.

Jack supôs que o orgulho desse homenzinho complicado era justificável, e sua antipatia por ele passou como o fluxo de uma onda.

- Não vejo nenhuma ligação entre a história gloriosa do Overlook, e sua impressão de que eu seja a pessoa errada para ocupar o cargo, Sr. Ullman - disse Jack.

- Uma das razões pela perda de tanto dinheiro reside no fato de ocorrer uma depreciação a cada inverno. Esta depreciação diminui a margem de lucro, mais do que se possa pensar, Sr. Torrance. Os invernos são profundamente cruéis. A fim de suportar o problema, criei o cargo de operador de caldeira em regime de tempo integral e rotativo. Consertar os vazamentos, pois isso acontece, e fazer reparos, de tal forma que os elementos não fiquem sem um ponto de apoio. Estar em constante alerta em toda e qualquer contingência. Durante nosso primeiro inverno, empreguei uma família ao invés de um único homem. Foi uma tragédia. Uma tragédia terrível.

Ullman olhou Jack friamente.

- Cometi um erro. Admito. O homem era beberrão.

Jack esboçou um sorriso vago e sem graça... a antítese do sorriso de relações-públicas.

- Então é isso? Surpreende-me que Al não lhe tenha dito. Regenerei-me.

- Sim, o Sr. Shockley me disse que o senhor não bebe mais. Ele também me contou sobre seu último emprego... seu último cargo de confiança, digamos assim. O senhor ensinava Inglês numa escola em Vermont. Perdeu o controle. Não creio que precise ser mais específico do que isto. Mas realmente acredito que o caso de Grady tenha alguma relação, e foi por isso que trouxe à baila o assunto de seus... antecedentes. No inverno de 1970/71, depois da reforma do Overlook, e antes da nossa primeira temporada, admiti este... este coitado chamado Delbert Grady. Mudou-se para as dependências que o senhor e sua família irão ocupar. Ele tinha mulher e duas filhas. Eu tinha minhas preocupações a respeito, sendo as principais a dureza do inverno e isolamento dos Gradys do mundo exterior, por cinco ou seis meses.

- Mas isso não é verdade, é? Há telefones aqui e um rádio-transmissor. E o Parque Nacional das Montanhas Rochosas está ao alcance de um ou dois helicópteros.

- Não sei - disse Ullman. - O hotel realmente tem um radio-transmissor que o Sr. Watson vai mostrar-lhe, juntamente- com a lista das freqüências corretas para comunicação em caso de socorro. As linhas telefônicas daqui para Sidewinder ainda não são subterrâneas, e caem quase todo inverno em um lugar ou outro, e assim ficam durante semanas. Temos um trenó e um equipamento de transmissão também.

- O lugar não fica isolado, portanto.

Ullman ficou aflito.

- Suponhamos que seu filho ou sua mulher tropecem na escada e fraturem o crânio. O senhor pensaria no isolamento do lugar?

Jack sentiu a intenção. Um trenó em alta velocidade poderia levá-lo a Sidewinder em uma hora e meia... talvez. Um helicóptero do Serviço de Salvamento poderia chegar aqui em três horas... sob condições favoráveis. Numa tempestade de neve, talvez não possa nem levantar vôo, e não se pode contar com um trenó correndo em alta velocidade, mesmo que você se arrisque a acidente grave sob temperatura de quarenta graus abaixo de zero, e contra o vento gelado.

- No caso de Grady - disse Ullman - ponderei mais, da mesma forma que o Sr. Shockley parece ter feito no seu caso. O excesso de cuidado pode ser prejudicial. Ir melhor para um homem estar junto de sua família. Se houvesse um transtorno, pensei, isto seria menos importante do que uma fratura de crânio ou um acidente com as máquinas de força, ou algum outro tipo de distúrbio. Uma gripe forte, pneumonia, um braço quebrado, ou até mesmo uma apendicite. Haveria tempo para tudo. Acho que o que aconteceu foi o resultado de excesso de uísque barato, que Grady tinha em grande estoque, e que era de meu total desconhecimento, e uma situação curiosa que se chamava "complexo de solidão". Conhece a expressão? - Ullman deu um sorrisinho superior, pronto para a necessária explicação, assim que Jack admitisse sua ignorância, mas o rapaz folgou em responder rápida e decisivamente.

"É uma gíria para uma reação de claustrofobia que pode ocorrer quando um grupo de pessoas é confinado. A sensação de claustrofobia é exteriorizada na forma de antipatia pelas pessoas que estão confinadas em sua companhia. Em casos extremos, isto pode resultar em alucinações e violência... já houve, inclusive, casos de assassinato gerado por problemas sem importância, tais como uma comida queimada ou uma discussão sobre quem deveria lavar os pratos.

Ullman ficou embaraçado; o que deixou Jack realizado. Resolveu ir mais longe, mas, em seu pensamento, prometeu a Wendy manter-se calmo.

- Acho que o senhor se enganou em relação ao assunto. Ele os agrediu?

- Matou-os, Sr. Torrance, e depois cometeu suicídio. Matou as duas meninas com um machadinho, a mulher com um revólver e se suicidou da mesma forma. Sua perna estava quebrada. Sem dúvida, deveria estar tão bêbado, que rolou escada abaixo. - Ullman espalmou as mãos e olhou para Jack de modo justificado.

- Ele era formado?

- Não - disse Ullman firmemente. - Pensei que um... digamos, um indivíduo menos ilustrado fosse menos suscetível aos rigores, à solidão...

- Foi seu erro - disse Jack. - Um idiota é mais propenso à claustrofobia, da mesma forma que é mais propenso a atirar em alguém numa mesa de jogo, ou cometer um roubo sob um impulso repentino. Ele se cansa. Quando chega o inverno, não tem nada para fazer, a não ser assistir à televisão, ou jogar paciência e roubar quando não consegue eliminar os ases. Não tem nada para fazer, a não ser explorara mulher e resmungar para as crianças e beber. Vem a insônia, pois não há nada para se escutar. Assim, bebe até conseguir dormir e acorda de ressaca. Torna-se impaciente. Talvez o telefone emudeça e a antena da televisão enguice. Não há nada para se fazer. Só pensar, roubar no jogo de paciência e ficar cada vez mais impaciente. Finalmente... bum, bum, bum.

- Enquanto um homem mais culto, assim como o senhor?

- Minha mulher e eu gostamos de ler. Tenho uma forma de entreter-me, que Al Shockley provavelmente já lhe deve ter contado. Danny tem seus quebra-cabeças, seus livros para colorir e seu rádio. Pretendo ensiná-lo a ler e também quero ensiná-lo a deslizar na neve. Wendy também gostaria de aprender. Realmente acho que temos meios de nos ocupar individualmente, se a televisão pifar. - Fez uma pausa. - Al disse mesmo a verdade quando lhe contou que não bebo mais. Já bebi, e muito. E se bebi um copo de cerveja nos últimos quatorze meses foi muito. Não pretendo trazer bebida alcoólica nenhuma para cá, e não creio que haja condição de se obter bebida depois que a neve começar a cair.

- Quanto a isso, está absolutamente correto - disse Ullman. - Mas, uma vez estando os três aqui, o potencial de problemas multiplica-se. Disse isto ao Sr. Shockley, e ele assume total responsabilidade. Bem, já lhe disse tudo, e aparentemente o senhor está disposto a arcar com a responsabilidade.

- Estou.

- Está muito bem. Aceito, pois me resta pouca chance de escolha. Mas continuo preferindo um jovem universitário descompromissado. Bem, talvez dê certo. Vou encaminhá-lo ao Sr. Watson que o levará ao subsolo e demais lugares. A não ser que o senhor ainda tenha alguma pergunta.

- Não, nenhuma.

Ullman pôs-se de pé.

- Espero que não haja ressentimentos, Sr. Torrance. Não há nada de pessoal nas coisas que disse. Só quero o que for bom para o Overlook. E um grande hotel. E quero que continue assim.

- Não. Nenhum ressentimento.

O sorriso de relações-públicas iluminou-se novamente, mas ficou feliz por Ullman não ter estendido a mão. Havia ressentimentos. De todos os tipos.

2

BOULDER

Ela olhou pela janela da cozinha e o avistou sentado no meio-fio, sem brincar com seus caminhõezinhos, carrinhos, nem com o planador que lhe tinha distraído durante toda a semana, desde que Jack lhe dera de presente. Só estava sentado ali, esperando o Volkswagen sujo, os cotovelos enterrados nas coxas, e o queixo apoiado nas mãos, um menino de cinco anos à espera do pai.

De repente, Wendy sentiu-se mal, e quase começou a chorar.

Pendurou a toalha perto da pia e desceu abotoando os dois primeiros botões de seu vestido de casa. Jack e seu orgulho! Não Al, não preciso de adiantamento. Por enquanto estou bem. As paredes do corredor de entrada eram esburacadas e rabiscadas. A escada era íngreme e lascada. O prédio todo cheirava a mofo, e afinal de contas isto não era lugar para Danny, depois de já ter morado numa casa arrumada e de tijolos, em Stovington. As pessoas que moravam no terceiro, andar não eram casadas, e apesar de isto não a aborrecer, suas brigas constantes e violentas não a agradavam. Amedrontavam-na. O rapaz chamava-se Tom, e depois de os bares estarem fechados, o casal voltava para casa e as brigas começavam... o resto da semana, em comparação, era apenas uma preliminar. Apesar de não serem nada engraçadas, Jack batizara as crises de Brigas das Sextas-feiras. A moça - Elaine - por fim debulhava-se em lágrimas, repetindo sempre: "Não, Tom. Não, por favor. Por favor, não". E ele gritava. Chegaram, uma vez, a acordar Danny, e ele dormia como uma pedra. Na manhã seguinte, Jack encontrou Tom de saída, e os dois conversaram na calçada por algum tempo. Tom começou a vociferar, e Jack disse-lhe uma meia dúzia de palavras. Tom limitou-se a balançar a cabeça com raiva e foi embora. Jack falara em voz baixa, de modo. que Wendy não pôde ouvir. Isto acontecera fazia uma semana; as coisas melhoraram durante alguns dias, mas depois do fim-de-semana, tudo voltou ao normal... ou melhor, ao anormal. Isso não era bom para a criança.

A tristeza tomou conta dela, mas teve que sufocá-la, pois já estava na calçada. Segurando o vestido e sentando-se no meio-fio, disse:

- O que há, doutor?

Danny olhou-a com um sorriso superficial.

- Oi, Mãe.

O planador estava entre os pés de Danny, e ela viu que uma das asas estava-se quebrando.

- Quer que veja se consigo consertar, meu bem!

Danny voltou a olhar para a rua.

- Não, Papai vai consertar.

- Pode ser que Papai chegue só depois do jantar, doutor. O caminho até as montanhas é longo.

- Você acha que o fusca pode enguiçar?

- Não, acho que não. - O filho acabara de lhe dar mais um motivo para preocupação. Obrigada, Danny. Só faltava isso.

- Papai disse que sim - falou Danny quase aborrecido. Ele disse que a bomba de gasolina era uma merda:

- Não diga isso, Danny.

- Bomba de gasolina? - indagou, inocentemente.

Wendy suspirou.

- Não. Não diga merda.

- Por quê?

- Porque é vulgar.

- O que quer dizer vulgar, Mamãe?

- Vulgar é você limpar o nariz à mesa, ou fazer pipi com a porta do banheiro aberta. Ou então, dizer palavras como merda. E uma palavra vulgar. Gente educada não diz isso.

- Mas Papai diz. Um dia, quando estava consertando o motor do fusca, ele disse: "Deus, esta bomba de gasolina é uma merda". Papai não é uma pessoa educada?

Como é que se sai desta, Winnifred? Exercitando?

- Ele é educado, mas é também um adulto. Ele cuida para não dizer coisas assim diante de pessoas que poderiam não compreender.

- Como Tio Al, por exemplo?

- Isto mesmo. Como Tio Al.

- Quando crescer, vou poder dizer?

- Suponho que sim, mesmo que eu não goste.

- Com quantos anos?

- O que você acha. de vinte, doutor?

- Ainda tenho que esperar muito.

- Acho que sim. Mas você vai tentar, não vai?

- Está bem.

O menino voltou a observar a rua. Esticava um pouco o pescoço, mas o fusca que estava chegando era muito mais novo e de vermelho mais vivo. Descontraiu-se novamente. Ela começou a pensar no quanto esta mudança para o Colorado havia sido penosa para Danny. Este não falava nada a respeito, mas a incomodava vê-lo sozinho por tantas horas. Em Vermont; três colegas de Jack tinham filhos da idade de Danny... e havia também o jardim de infância. Mas, na vizinhança atual, não existia nenhuma criança com quem pudesse brincar. A maioria dos apartamentos era ocupada por estudantes da Universidade do Colorado, e dos poucos casais da Rua Arapahoe, apenas uma pequena percentagem tinha filhos. Descobrira talvez uns 12 no curso secundário, três bebês e só.

- Mamãe, por que Papai perdeu ó emprego?

Fora sacudida no meio de um sonho, e debatia-se por uma resposta. Jack e ela já haviam estudado meios de contornar uma resposta a uma pergunta desse tipo. Tais meios variavam de evasivas à verdade nua e crua. Mas, Danny nunca fizera perguntas. E logo agora, quando ela estava deprimida e menos preparada, ele tocara no assunto. Assim, ali estava o filho, lendo a confusão em seu rosto e formando suas idéias próprias a respeito do assunto. Wendy achava que, para as crianças, os motivos e as atitudes dos adultos são tão fortes e agourentos quanto a visão de animais selvagens nas sombras das florestas. Eram manobradas como marionetes, com noções muito vagas dos porquês. O pensamento levou-a de volta para muito próximo das lágrimas, e enquanto lutava contra elas, inclinou-se, tomou o planador e segurou-o em suas mãos.

- Seu pai era o instrutor da equipe de debates. Lembra-se Danny?

- Claro. Discussões como divertimento, certo?

- Certo. - Examinava o planador, as estrelas pregadas nas asas e, de repente, viu-se contando a verdade ao filho. - Havia um rapaz chamado George Hatfield que Papai havia excluído da equipe. Isto porque ele não era tão bom quanto os demais alunos. George disse que seu pai excluiu-o porque não gostava dele, e não porque não fosse tão

bom: George fez uma coisa feia. Acho que você sabe.

- Foi ele quem fez os buracos nos pneus do fusca?

- Exatamente. Depois da aula. E seu pai surpreendeu-o. Mais uma vez ela hesitou, mas já não havia razão para evasivas; tinha que decidir entre a verdade e a mentira. - Seu pai... às vezes faz coisas de que se arrepende. As vezes, não pensa antes de agir. Isso não acontece sempre, mas às vezes sim.

- Ele machucou George Hatfield, como fez comigo quando molhei os papéis dele?

Às vezes...

(Danny com o braço engessado)

... faz coisas de que se arrepende.

Wendy piscou os olhos com força, contendo as lágrimas.

- Como nesse caso, meu bem. Papai bateu em George para fazê-lo parar de cortar os pneus, e George bateu-lhe na cabeça. Então, os homens que tomam conta da escola disseram que George não poderia mais voltar às aulas e seu pai não poderia mais voltar a ensinar.

Interrompeu, pois lhe faltavam palavras, e esperou amedrontada por uma avalancha de perguntas.

- Oh - disse Danny. E voltou a prestar atenção à rua. Aparentemente o assunto estava encerrado. Seria bom se se encerrasse tão calmamente.

Wendy levantou-se.

- Vou subir e tomar uma xícara de chá, doutor. Aceita uns biscoitos e um copo de leite?

- Acho que vou esperar Papai.

- Não creio que ele vá chegar muito antes das cinco.

- Talvez chegue cedo.

- Talvez - concordou. - Talvez chegue.

Estava no meio da escada, quando ouviu:

- Mamãe?

- Que é, Danny?

- Você quer ir morar naquele hotel no inverno?

Qual das 5.000 respostas deveria dar àquela pergunta? O que pensara ontem à noite, ou o que pensara esta manhã? Seu pensamento oscilava de róseo a negro.

- O que seu pai quiser, estará bom para mim. E você?

- Acho que quero - disse ele, finalmente. - Não há ninguém para eu brincar aqui.

- Sente falta de seus amigos, não sente?

- As vezes, sinto falta de Scott e Andy. Mas é só.

Voltou e beijou-o, acariciou seus cabelos claros que já estavam perdendo a delicadeza do cabelo de bebê. Era um menino muito sério. Wendy imaginava como é que ele podia sobreviver, tendo Jack e ela como pais. As esperanças que tinham desabaram nesse prédio desconfortável, numa cidade que não conheciam. Veio-lhe à mente a imagem de Danny engessado. Alguém no Departamento de Recrutamento e Seleção do Céu havia cometido um erro que ela temia não poder ser corrigido e pelo qual só o espectador mais inocente poderia pagar.

- Não fique no meio da rua, doutor - falou, abraçando-o com força.

- Claro, Mamãe.

Subiu e foi para a cozinha. Ajeitou o bule de chá e colocou alguns biscoitos num prato para Danny, caso ele resolvesse subir quando estivesse deitada. Sentada à mesa, com a xícara grande de cerâmica a sua frente, avistou-o pela janela, ainda sentado no meio-fio, com a camiseta grande da escola de Stovington, e o planador a seu lado. As lágrimas que havia contido durante todo o dia explodiam agora, e, inclinada sobre a fumaça cheirosa e sinuosa do chá, chorou. De tristeza e saudade do passado, e de medo do futuro.

3

WATSON

Perdeu o controle, dissera Ullman.

- Muito bem. Eis aqui a fornalha - falou Watson, acendendo a luz do cômodo escuro e com cheiro de mofo.

Watson era forte, cabelos espessos e encaracolados, camisa branca e calças verdes. Abriu um painel de grades de metal na sala da fornalha, e os dois ficaram lado a lado.

- Esta é a lâmpada piloto.

Um bocal azul e branco assobiando em direção a uma força destrutiva canalizada, a palavra chave porém, pensou, era destrutiva e não canalizada: se colocasse o dedo ali, o churrasco estaria pronto em três segundos.

Perdeu o controle.

(Você está bem, Danny?)

A fornalha ocupava todo o cômodo, e era realmente a maior e a mais velha que já vira.

- O piloto tem um mecanismo de segurança - disse Watson - sensível ao calor. Se a temperatura baixar a um certo nível, acionará um alarme em seu quarto. A caldeira está em outro lado. Vou mostrar-lhe tudo.

Bateu com força a porta de grades e encaminhou Jack para trás da parte principal da fornalha de ferro, em direção i! outra porta. O ferro irradiava um calor tremendo, e por alguma razão Jack imaginou um gato grande e sonolento. Watson balançava as chaves e assobiava.

Perdeu o...

(Ao voltar ao escritório, lá encontrara Danny usando apenas calças plásticas, e uma nuvem lenta e vermelha de fúria tomou conta de sua razão. A lentidão era subjetiva, pois tudo deve ter acontecido em menos de um minuto. Tudo fora tão vagaroso quanto um sonho mau. Todas as portas e gavetas do escritório pareciam ter sido saqueadas em sua ausência. Armário, prateleiras, estante. Todas as gavetas arrancadas. O manuscrito da peça de três atos que vinha desenvolvendo devagar, com base numa novelinha que escrevera sete anos antes, quando ainda estudante, estava espalhado pelo chão. Tomava uma cerveja e trabalhava na revisão do segundo ato, quando Wendy chamou-o para atender um telefonema. Danny entornara a cerveja em todas as páginas. Provavelmente para ver a espuma. Ver a espuma, ver a espuma, as palavras brincavam em sua mente como uma corda partida de um piano desafinado. Tudo isso aumentava sua raiva. Deu um passo deliberado em direção ao filho de três anos, que o olhava com um sorriso de prazer; o prazer de haver concluído, com sucesso, um trabalho no escritório do pai; Danny dissera alguma coisa quando ele agarrou sua mão, dobrando-a para fazê-lo largar a borracha da máquina de escrever e a lapiseira. Danny gritou um pouco... não... não... diga a verdade... ele berrou. Era tudo muito duro para ser lembrado através de uma névoa de raiva, de uma corda partida. Wendy de algum lugar da casa, perguntando se havia algo errado. Sua voz débil e umedecida por uma neblina interior. Era isso que havia entre eles. Rodopiara Danny para espancá-lo; seus dedos grandes de adulto cavando a pele do braço da criança, apertando seu pulso. O estalar do osso quebrado

não foi alto, não foi alto... foi muito alto, IMENSO. Som suficiente para abrir uma fenda na névoa vermelha, como uma flecha... deixando passar através de si uma nuvem escura de vergonha e remorso, terror e convulsões da alma, ao invés da luz do sol. Um som claro, que trazia de um lado o passado, e do outro, todo um futuro, som como o de um lápis se partindo contra o joelho. Um momento de silêncio absoluto de um lado, em respeito ao futuro que talvez estivesse começando agora. Ver a face de Danny perdendo a cor e se tornar branca como cera, ver seus olhos, sempre grandes, tornarem-se ainda maiores e ficarem vidrados. Jack, o menino iria cair morto por sobre a cerveja e os papéis; sua própria voz, fraca e bêbada, fluida, tentando voltar atrás e encontrar um meio de eliminar a lembrança do som alto do osso se partindo... existe um status quo nesta casa? "Você está bem, Danny?" A resposta gritada de Danny, depois a aproximação de Wendy ofegante quando viu o ângulo estranho que o braço formava com o cotovelo; nenhum braço deveria estar pendurado daquela forma, num mundo de famílias normais. Seu próprio grito quando o acolheu em seus braços e o murmúrio idiota: "Ó Deus. Meu Santo Deus. Meu bom Deus. Seu pobre bracinho." E Jack ali parado, atordoado e idiota, tentando entender como uma coisa como essa podia ter acontecido. Seus olhos encontraram-se com os da mulher, e pôde perceber que ela o odiava. Não lhe ocorreu o que aquele ódio significava em termos práticos; só mais tarde pôde constatar que ela poderia tê-lo abandonado naquela noite, ido para um hotel e constituído um advogado para o divórcio na manhã seguinte; ou mesmo chamado a polícia. Viu apenas que a mulher o odiava, sentiu-se tonto com isto, e profundamente só. Sentiu-se péssimo. Era como se a morte estivesse chegando. Então, ela voou para o telefone e ligou para o hospital, com o menino preso em seus braços, aos berros. Jack não fora atrás dela, ficara ali pensando, estático sobre as ruínas do escritório fedendo a cerveja.)

Perdeu o controle.

Esfregou a mão na boca e seguiu Watson até a sala da caldeira. Era um lugar úmido, mas algo além da umidade trazia o suor viscoso e doentio a sua testa, barriga e pernas. A lembrança. A cena toda fizera aquela noite de dois anos passados parecer como se tivesse acontecido há duas horas. Não havia possibilidade de voltar o tempo. Voltara o sentimento de vergonha e repulsa, sensação de inutilidade, vontade de beber, a vontade de beber trouxe um desespero ainda maior... poderia haver um momento, não uma semana ou um dia, perdão, bastaria um momento em que o desejo de beber não o surpreendesse dessa forma?

- A caldeira - anunciou Watson. Tirou do bolso traseiro um lenço grande vermelho e azul, assoou o nariz com força, e enfiou o lenço de volta no bolso, reparando se havia dentro dele alguma coisa interessante.

A caldeira ficava sobre quatro blocos de cimento; era um tanque cilíndrico, grande, de cobre e cheia de remendos. Escondia-se em um emaranhado de tubos e duetos que ziguezagueavam no teto daquele subsolo. A direita de Jack, dois canos de aquecimento saíam dos fornos da sala ao lado através da parede.

- O manômetro está aqui. Libras por centímetro quadrado. Creio que sabe. Regulei-o agora para cem e os apartamentos ficam um pouco frios à noite. Poucos hóspedes reclamam. São mesmo doidos de virem para cá em setembro. Além do mais; isto aqui já está velho. Tem mais remendos do que roupa de mendigo.

O lenço. O assoar. O reparar. De volta ao bolso.

- Estou com uma merda de um resfriado - disse Watson informalmente. - Todo setembro fico gripado. Fico aqui remendando esta bosta, depois saio para cortar grama ou trabalhar no campo de roque com o ancinho. Apanho friagem e fico gripado. Era o que minha velha mãezinha dizia... Deus a tenha... costumava dizer. Morreu há seis anos. O câncer apanhou-a. E você sabe: câncer chegando prepare seu testamento, pois a morte vem aí.

"Não queira elevar a pressão a mais de cinqüenta ou sessenta. O Sr. Ullman manda aquecer a ala oeste num dia, a ala central no seguinte e a ala leste no outro. Não é maluco? Odeio aquele filho da puta. Au-au-au o dia inteiro. Ele é como aqueles cachorros que lhe mordem o tornozelo, depois correm e mijam no tapete. Se o cérebro dele fosse pó preto, não poderia sequer assoar o nariz. É uma pena ver-se certas coisas e não se ter um revólver na mão.

"Veja. Os duetos são abertos e fechados com estas argolas. Marquei-as todas para você. As etiquetas azuis são para os quartos da ala leste; as vermelhas para os do meio e as amarelas para a ala oeste. Quando for aquecer a ala oeste, tem que se lembrar que esse é o lado mais frio. Aqueles quartos ficam mais gelados que uma mulher fria com uma pedra de gelo na vagina. Nos dias de ala oeste, pode elevar a pressão a oitenta. E o que eu faria.

- Os termostatos lá em cima... - Jack ia dizendo.

Watson sacudiu a cabeça com veemência, fazendo o cabelo pular.

- Não estão montados. Estão lá só como exibição. Esse pessoal da Califórnia só acha que o calor está suficiente quando vêem crescer uma palmeira na merda do quarto. O calor todo sai daqui. Tem-se que verificar a pressão. Está vendo como ela aumenta?

Watson deu um tapa no mostrador principal, que se movera de 100 para 102 libras por centímetro quadrado, enquanto monologava. Jack sentiu, de repente, um arrepio passando pelas vértebras, e pensou: A morte passou por mim. Depois, Watson girou a roda e desligou a caldeira. Houve um silvo alto e o marcador caiu a 91. Watson fechou a válvula e o silvo silenciou.

- Ela aumenta - disse Watson. - Você diz isso àquele pica-pau gordo, Ullman, ele agarra os livros de contas, e passa três horas explicando que não terá condições de comprar uma máquina nova até 1982. Qualquer dia, isso aqui vai voar pelos ares, e só espero que aquele filho da puta esteja aqui dentro para pilotar o foguete. Meu Deus, gostaria de ser

tão caridoso quanto minha mãe. Ela via o lado bom de todos. Eu sou tão ruim quanto uma cobra venenosa. Por que, afinal, um homem não consegue ser bom?

"Tem de se lembrar de vir aqui duas vezes ao dia e uma vez à noite antes de deitar-se. A pressão tem que ser verificada. Se se esquecer, ela vai aumentando, aumentando e provavelmente você e sua família vão acordar quando estiverem na Lua. É só diminuí-la um pouco, não haverá problema.

- Qual seria a pressão máxima?

- Teoricamente, pode ser regulada para duzentos e cinqüenta, mas explodiria com muito menos do que isto. Ninguém me faria ficar junto dela a cento e oitenta.

- Não existe regulagem automática?

- Não. Foi construída antes de tais coisas serem exigidas. O Governo Federal está em todas nos últimos tempos, não é? FBI violando correspondência, a CIA censurando os telefones... e veja o que aconteceu com o tal do Nixon... Não foi uma desgraça? Mas, se vier aqui regularmente e verificar a pressão, tudo estará muito bem. E lembre-se de ligar os duetos como ele quer. Nenhum dos apartamentos receberá muito mais de quarenta e cinco libras, a não ser que não se tenha inverno. E seu apartamento também estará quentinho como você gosta.

- E o encanamento?

- Já ia tocar nisso. Vamos por este arco.

Caminharam por uma sala retangular comprida que parecia esticar-se por quilômetros. Watson puxou uma corda e acendeu uma lâmpada fraca de 75 watts, que balançava sobre eles. Adiante estava o poço do elevador com os cabos pesados, sujos de graxa que passavam por roldanas de seis metros de diâmetro e um motor imenso. Havia jornais por toda a parte: empacotados, amarrados e encaixotados. Caixas de papelão marcadas com registros ou faturas ou recibos - GUARDE! Tudo amarelado e mofado! Algumas caixas de papelão estavam desmontando, entornando no chão folhas de papel finas e amareladas que já deviam ter 20 anos. Jack olhou em redor, fascinado. A história do Overlook deveria estar aqui, enterrada nestas caixas podres.

- Aquele elevador é uma merda para se pôr em funcionamento. Sei que Ullman anda pagando bons jantares ao inspetor estadual para conseguir manter o conservador a distância. - Eis aqui o coração do sistema.

Diante deles, havia cinco tubos grandes, que nasciam nas sombras a perder de vista, cada um preso e isolado com tiras de aço.

Watson apontou para uma prateleira cheia de teias de aranha ao lado da haste utilitária. Havia ali alguns tapetes sujos de graxa e um fichário.

- Ali está todo o sistema de encanamento. Não acho que vá ter problemas de vazamento... nunca houve. Mas, às vezes, os canos congelam. A única forma de acabar com isso é abrir um pouco as torneiras durante a noite, mas há mais de quatrocentas torneiras nesta merda e lugar. Aquele gordo fresco lá em cima berra quando vê a taxa de água e esgoto.

- Diria que é uma análise extraordinariamente astuta.

Watson olhou-o com admiração.

- É... você tem mesmo uma mentalidade universitária. Fala como um livro. Admiro isso, desde que o cara não seja fresco. Uma porção deles é. Sabe quem agitou as greves estudantis alguns anos atrás? Os homossexuais. Ficam frustrados e precisam de uma compensação. Fugir da rotina, eles dizem. Que merda! Não sei o que será do mundo.

"Se houver congelamento, é provável que seja aqui no cano. Fica então bloqueada a passagem de calor. Caso aconteça, use isto. - Apanhou um bujão cor de laranja e acionou uma pequena tocha de gás. - Você remove a correia de isolamento no lugar onde estiver o bloco de gelo e dirige-lhe o calor. Entendeu?

- Mas o que me diz se o cano congelar fora do centro utilitário?

- Isso não acontecerá, se cumprir sua tarefa de manter o lugar aquecido. Os outros canos não podem ser atingidos. Não se preocupe. Não haverá problema. Lugar abominável. Cheio de teias de aranha. Apavora-me.

- Ullman contou-me que o zelador do inverno anterior matou a família e se suicidou.

- Sim, aquele tal de Grady. Deduzi que era um péssimo elemento logo na primeira vez que o vi. Sempre sorrindo como um bobo. Mas o gordo empregaria até mesmo o Estrangulador de Boston caso trabalhasse por um salário mínimo. Foi um guarda-florestal do Parque Nacional que os encontrou; o telefone estava pifado. Todos eles no terceiro andar da ala oeste, gelados. Coitadas das meninas. Tinham oito e seis anos. Lindas. Foi um inferno. O tal do Ullman estava na Flórida, pois dirige um prostíbulo por lá, quando não estamos em época de temporada. Tomou um avião até Denver, alugou um trenó para trazê-lo dá Sidewinder, pois as estradas estavam bloqueadas... um trenó, pode imaginar? Fez das tripas coração para evitar os jornais. Tenho que confessar que fez um bom trabalho. Houve uma nota no Denver Post. Razoável, considerando-se a reputação do lugar. Esperava que algum repórter fosse mexer no assunto novamente e usar Grady como pretexto para divulgar escândalos.

- Que escândalos?

- Em qualquer hotel grande há escândalos, da mesma forma que todo grande hotel tem um fantasma. Por quê? Ora, as pessoas vêm e vão. As vezes, alguém cai duro no chão,

ataque do coração infarto ou coisa semelhante. Os hotéis são lugares supersticiosos. Nada de décimo terceiro andar ou apartamentos de número treze, espelhos atrás. da porta de entrada, coisas assim. Acabamos de perder uma senhora em julho. Ullman teve que tomar conta do assunto, e pode apostar sua vida, pois ele cuidou. É por isso que lhe pagam vinte e dois mil dólares por temporada, e seu salário aumenta na mesma proporção que aumenta meu ódio por ele. É como se as pessoas viessem aqui só para vomitar. Empregam-no para limpar-lhes a sujeira. Um exemplo típico é a mulher com seus desgraçados sessenta anos... minha idade!... com cabelos pintados tão vermelho quanto a luz de um puteiro, os peitos caídos até o umbigo, varizes inchadas por toda a perna mais parecendo um mapa rodoviário, jóias despencando pelo pescoço, braços e orelhas. E em sua companhia um rapazinho de seus dezessete anos, com cabelos compridos até o rabo e com a virilha saliente como se a tivesse recheado com as páginas de uma revista pornográfica. Ficam por uma semana, dez dias talvez, e toda noite o mesmo exercício. Descem para o Salão Colorado de cinco às sete, ela misturando bebidas como se amanhã fossem ser proibidas, e ele bebendo uma única garrafa de cerveja em goles pequenos para fazê-la durar. Ela conta piadas bobas, e ele se vê obrigado a rir como se tivesse elásticos amarrados nos cantos da boca. Deus sabe em que tinha que pensar para manter sexo com a velha. Jantam, em seguida ele caminha e ela cambaleia, bêbada como um peru. Ele bolina as garçonetes e sorri para elas, quando a velha não está olhando. Já havíamos até apostado quanto tempo ele agüentaria.

Watson encolheu os ombros.

- Uma noite, ele desce por volta das dez, dizendo que sua "esposa" está "indisposta"... o que significa que ela havia desmaiado como todas as outras noites... e ele vai comprar um remédio para o estômago. Sai então, no pequeno Porsche em que chegaram, e esta é a última vez que o vemos. Na manhã seguinte ela desce, fingindo que não está dando importância ao caso, mas vai ficando cada vez mais pálida. Ullman pergunta diplomaticamente se gostaria que a polícia fosse avisada, talvez em caso de um pequena acidente ou coisa assim. Se arrepia como um gato. "Não, não, não, ele é um bom motorista", e ela não está preocupada, tudo está sob controle, "ele estará de volta para o jantar"'. Naquela tarde entra no Colorado por volta das três e não almoça. Sobe ao quarto em torno de dez e meia e esta é a última vez que alguém a vê viva.

- O que aconteceu?

- O investigador disse que ela tomou cerca de trinta pílulas para dormir em cima de toda a bebida. O marido apresentou-se no dia seguinte, com um advogado importante de Nova York. Ullman viu o diabo em figura de gente. Vou processar isso e aquilo, e quando o caso estiver concluído o senhor não terá sequer suas cuecas, e assim por diante. Mas Ullman foi esperto. Acalmou o homem. Talvez tenha perguntado ao cara importante se gostaria de ver a fotografia de sua mulher em todos os jornais de Nova York: MULHER DE HOMEM IMPORTANTE... Blablablá... ENCONTRADA MORTA COM A BARRIGA CHEIA DE BARBITÚRICOS, DEPOIS DE BRINCAR DE ESCONDE-ESCONDE COM UM RAPAZ QUE PODERIA SER SEU NETO.

"Os policiais encontraram o Porsche em Lyons, e Ullman teve que dar tratos à bola para liberá-lo para o advogado. Depois, ambos se uniram ao velho Archer Houghton, o investigador municipal, e fizeram-no mudar o veredicto, para morte acidental. Ataque cardíaco. Hoje, Archer está por aí dirigindo um Chrysler. Não o invejo.

O lenço. O assoar. O reparar. Sumiu.

- O que acontece então? Uma semana depois a idiota da camareira, Delores Vickery, sentiu-se mal enquanto arrumava o quarto onde os dois haviam estado e caiu dura. Quando volta a si, diz que vira a morta no banheiro, deitada nua na banheira. "Seu rosto estava roxo e inchado", diz ela, "e sorria para mim." Ullman então deu-lhe um dinheiro equivalente a duas semanas de trabalho e lhe pediu para sumir. Calculo um número de talvez quarenta e cinco pessoas mortas neste hotel, desde que meu avô o inaugurou em 1910.

Olhou para Jack com perspicácia.

- Sabe como a maioria se vai? Ataque cardíaco ou infarto, enquanto estão na cama com uma dama. Os balneários têm muito disso, gente velha que quer experimentar o sexo pela última vez. Eles sobem às montanhas para fingir que ainda têm vinte anos. As vezes acontece alguma coisa, e nem todos os gerentes deste lugar foram tão espertos quanto Ullman ao tentar afastar os jornais. O Overlook, portanto, conserva sua reputação. Aposto como a merda do Biltmore na cidade de Nova York goza de reputação, se fizer a pergunta às pessoas certas.

- Mas, nenhum fantasma?

- Sr. Torrance, sempre trabalhei aqui. Aqui brincava quando tinha a idade de seu filho na fotografia que você me mostrou. Ainda não vi nenhum fantasma. Venha comigo, vou mostrar-lhe o depósito.

- Está bem.

Enquanto Watson apagava a luz, Jack disse.

- Realmente há muito papel por aqui.

- Não está enganado. Parece que remontam a cem anos. Jornais, notas fiscais, conhecimentos de transportadoras e sabe Deus a que mais. Meu pai mantinha-os em dia quando tinha uma fornalha a lenha, mas hoje em dia isso não existe mais. Um desses anos vou apanhar um menino para arrastar a papelada até Sidewinder e queimar tudo. Se Ullman pagar a despesa. Acho que não vou ter problemas, se o aborrecer bastante.

- Há ratos?

- Sim, acho que alguns. Comprei as ratoeiras e o veneno. O Sr. Ullman quer que você os

ponha no sótão e aqui embaixo. Preste atenção em seu filho, Sr. Torrance. Você não gostaria que nada acontecesse a ele, gostaria?

- Não, claro que não. - O conselho vindo de Watson não o aborrecia.

Foram até a escada e ali pararam por um momento, enquanto Watson assoava o nariz.

- Encontrará todas as ferramentas que precisar, e que não precisar, ali. Há também as telhas. Ullman disse alguma coisa a respeito?

- Sim. Ele quer que as telhas da ala oeste sejam trocadas.

- Aquele gordo cretino vai usar e abusar de você, e quando chegar a primavera vai lamuriar-se pelo trabalho que não foi feito como devia. Uma vez falei na cara dele...

A voz de Watson ia desmaiando num sussurro enquanto subiam as escadas. Jack Torrance olhou para trás, aquela escuridão impenetrável e fedorenta, e pensou que aquele seria o lugar ideal para fantasmas. Pensou em Grady, trancado pela neve macia e implacável, enlouquecendo pouco a pouco e cometendo a atrocidade. Teriam gritado? Pobre Grady, cada dia mais comprimido e consciente de que, para ele, a primavera nunca viria. Não devia ter vindo. E não devia ter perdido o controle.

Enquanto passava pela porta, atrás de Watson, as palavras ecoaram como um dobrar de sinos a finados, seguido de um estalido agudo... como um lápis se partindo. Santo Deus, uma bebida cairia bem. Ou centenas delas.

4

A TERRA DAS SOMBRAS

Danny se cansou e subiu às quatro e quinze para tomar o leite e comer os biscoitos. Devorava-os enquanto olhava pela janela, e em seguida foi beijar a mãe que estava deitada. Ela sugeriu que ele ficasse e assistisse a Vila Sésamo - o tempo passaria mais rápido - mas Danny sacudiu a cabeça decidido e voltou para a calçada.

Eram cinco horas, e apesar de não ter um relógio e não saber ver as horas muito bem, estava consciente do passar do tempo, pelo crescer das sombras e pelo dourado matiz do fim de tarde.

Com o planador nas mãos, cantarolava uma cantiga infantil.

Os meninos a cantavam no maternal em Stovington. Aqui, ele não estava freqüentando maternal, porque o pai não tinha condições. Sabia que os pais se preocupavam com que isso acrescesse sua solidão (e sério, silencioso, Danny os culpava), de qualquer forma

ele não queria voltar àquela escola. Era para bebês. Ele ainda não estava muito crescido, mas também não era mais bebê. Os meninos grandes iam para a escola grande e almoçavam comida quente. Primeiro ano. No próximo ano. Ele então estaria entre ser bebê e um menino crescido. Era razoável. Ele realmente sentia falta de Scott e Andy - principalmente Scott - mas estava tudo bem. Era melhor esperar sozinho por qualquer coisa que pudesse acontecer.

Entendia uma porção de coisas sobre seus pais e sabia que em muitas das vezes não gostavam ou não acreditavam em sua compreensão. Mas algum dia teriam que acreditar. Sentia-se feliz por esperar.

Pena é que especialmente em horas como esta, não acreditavam nele. Mamãe estava deitada, quase chorando de preocupação por Papai. Algumas de suas preocupações eram de gente grande e Danny não conseguia entender - coisas vagas que se relacionavam com segurança, com a imagem pessoal de Papai, sentimentos de culpa e raiva e o medo do desconhecido - mas as duas coisas mais importantes em sua mente no momento eram que o carro de Papai pudesse estar enguiçado nas montanhas (então por que não telefona?) e que papai estivesse fazendo a "Coisa Feia". Danny sabia muito bem o que era a "Coisa Feia", pois Scott Aaronson, que era seis meses mais velho, havia explicado. Scott sabia, pois seu pai também fazia a "Coisa Feia". Uma vez, Scott contou que o pai dera um soco no olho da mãe e a derrubara no chão. Finalmente, conseguiram o divórcio por causa da "Coisa Feia", e quando Danny o conheceu, Scott morava com a mãe e só via o pai nos fins-de-semana. O maior terror na vida de Danny era o divórcio, uma palavra que vinha sempre a sua mente como um cartaz escrito em letras vermelhas e coberto de serpentes venenosas. No divórcio, os pais não vivem mais juntos. Batalham por você perante um juiz (De tênis? De peteca? Danny não sabia se ou qual era o juiz, mas Papai e Mamãe jogavam tênis e peteca em Stovington, e ele concluiu então que poderia ser qualquer um dos dois) e a gente tinha que ficar com um deles, sem praticamente, ver o outro, e aquele com quem se ficava podia casar-se novamente com uma pessoa desconhecida. A coisa mais terrível sobre o divórcio, era que ele compreendia que a palavra - ou conceito, como queiram - boiava na cabeça de seus próprios pais, algumas vezes como uma idéia difusa ou distante, outras forte, negra e terrificante como um trovão. Foi naquele dia em que Papai o castigara por estragar os papéis no escritório e o médico colocara seu braço no gesso. Aquela lembrança já estava apagada, mas a lembrança dos pensamentos sobre divórcio estava nítida. Mamãe pensara mais, e ele ficara debaixo de um medo constante de que ela pudesse arrancar a palavra de seu cérebro e concretizá-la pela boca. DIV6RCI0. Era uma corrente de pensamentos, um dos poucos que podia detectar, como o compasso de uma música simples. Mas, como o compasso, o pensamento central formava apenas o eixo de pensamentos mais complexos, pensamentos que, por enquanto, não podia nem começar a interpretar. Vinham-lhe coloridos e tristes. O eixo dos pensamentos sobre divórcio era o que acontecera em Stovington, quando Papai perdeu o emprego. Aquele tal de George Hatfield que tinha ficado danado da vida com Papai e furara os pneus do fusca. Os pensamentos de Papai quanto ao divórcio eram mais complexos, pintados de roxo e correndo. por veias negras de pavor. Ele parecia pensar que tudo melhoraria, se ele saísse de casa. As mágoas cessariam. As mágoas que Papai causava eram sempre por

causa da "Coisa Feia". Sua necessidade de sentar-se num quarto escuro, assistir à televisão, comer amendoim e fazer a "Coisa Feia" até seu cérebro se acalmar e deixá-lo em paz.

Mas desta vez sua mãe não tinha razão para se preocupar e ele tinha vontade de poder ir até ela e dizer-lhe isso. O fusca não estava enguiçado. Papai não estava em lugar nenhum fazendo a "Coisa Feia". Está quase chegando em casa, engasgando pela estrada entre Lions e Boulder. Por enquanto, Papai não pensava na "Coisa Feia". Pensava em... em...

Danny olhou furtivamente para a janela da cozinha. Pensar muito causava-lhe algo. Fazia as coisas - coisas reais - se dissiparem, e em seguida via coisas que não estavam ali. Certa vez, pouco tempo depois que lhe colocaram o gesso, aconteceu isso na hora do jantar. Não estavam conversando muito. Mas pensavam. Oh, sim. Pensamentos sobre DIVÓRCIO pairando sobre a mesa de jantar como uma nuvem escura, cheia de chuva e pronta para explodir. A sensação era tão ruim que o deixava sem vontade de comer. O pensamento de comer sob aquela nuvem negra do DIVÓRCIO fazia-o ter vontade de vomitar. E como fosse importante, mergulhou totalmente em concentração e algo aconteceu. Quando voltou à realidade, estava deitado no chão com grãos de feijão e purê no colo, sua mãe segurando-o e chorando e o pai ao telefone. Ficou amedrontado, tentou explicar-lhes que não houvera nada de errado, que isso, às vezes, acontecia, quando se concentrava para ter uma compreensão maior das coisas. Tentava falar sobre Tony, a quem chamavam seu amigo invisível.

- Ele está tendo uma A-LU-CI-NA-ÇÃO. Parece estar bem, mas quero que seja visto por um médico - dizia seu pai.

Depois que o médico saiu, mamãe fê-lo prometer que nunca mais faria aquilo, que nunca mais os assustaria daquela forma, e Danny concordara. Ele próprio estava com medo, pois ao se concentrar sua mente voltara-se para seu pai, e por um momento Tony aparecera (muito longe, como sempre o fazia, chamando-o a distância) e as coisas estranhas escureciam a cozinha e o bife sobre o prato. Por apenas um instante, seu próprio consciente penetrara através da mente do pai, encontrando uma palavra incompreensível mais pavorosa do que DIVÓRCIO: SUICÍDIO. Danny nunca mais penetrara a mente do pai e naturalmente nunca mais procurou fazê-lo. Não se importou em saber exatamente o significado daquela palavra.

Mas realmente gostava de se concentrar, pois, às vezes, Tony aparecia. Nem sempre. As vezes, as coisas ficavam confusas por alguns segundos e, em seguida, elucidavam-se - na verdade, isso acontecia com mais freqüência - mas outras vezes Tony aparecia dentro de seu limite visual, chamando de longe e acenando...

Acontecera duas vezes, desde que se mudaram para Boulder, e lembrava-se quão agradável e surpreso era saber que Tony viera com ele de Vermont. Assim, não teria deixado todos os amigos para trás.

A primeira vez em que estivera no quintal, nada de muito importante acontecera. Apenas Tony acenando, em seguida a escuridão e poucos minutos depois uns vagos fragmentos de lembrança, como um sonho confuso. A segunda vez, duas semanas atrás, fora mais interessante. Tony acenando, chamando de longe "Danny... venha ver..." Parecia estar-se levantando e depois caindo num buraco grande, como Alice no País das Maravilhas. Em seguida, foi ao porão do edifício e Tony estava com ele, apontando para o baú onde seu pai guardava os papéis importantes, "A PEÇA" em especial.

- Veja - dizia Tony com sua voz musical. - Está debaixo da escada. Exatamente debaixo da escada. Os carregadores colocaram-no exatamente... debaixo... da escada.

Danny deu um passo à frente para ver a maravilha mais de perto e então começou a cair novamente, desta vez da gangorra onde estivera sentado todo o tempo. Ficara sem fôlego.

Três ou quatro dias depois, seu pai estava revirando tudo, dizendo à mãe furiosamente que procurara por todo o maldito porão e o baú não estava lá, e que iria processar a maldita transportadora por tê-lo largado em algum lugar entre Vermont e Colorado. Como é que ele poderia terminar "A PEÇA", se essas coisas continuassem a acontecer?

- Não, Papai - falou Danny. - Está debaixo da escada. A transportadora colocou-o bem embaixo da escada.

Papai lançou-lhe um olhar e desceu para ver. O baú estava lá, onde Tony mostrara. O pai colocou Danny a seu lado, sentou-o no colo e perguntou quem o levara ao porão. Teria sido Tom, o vizinho de cima? O porão era perigoso, Papai disse. Por isso o proprietário mantinha-o trancado. Se alguém estava deixando a porta aberta, gostaria de saber quem. Estava feliz por ter seus papéis e sua "PEÇA", mas não valeriam nada, se Danny caísse na escada e quebrasse... uma perna. Danny disse ao pai seriamente que não havia estado no porão. A porta estava sempre trancada. E Mamãe concordou.

- Danny nunca foi lá - disse ela - pois é úmido, escuro e cheio de insetos. E ele não mente.

- Então, como é que você ficou sabendo, doutor?

- Tony me mostrou.

Pai e mãe entreolharam-se. Isto acontecera por vezes. E por ser assustador tiraram imediatamente o pensamento de cabeça. Mas Danny sabia que se preocupavam com Tony, especialmente Mamãe, e cuidava em pensar num modo de fazer Tony aparecer onde ela não pudesse ver. Estava pensando que ela estivesse deitada, concentrou-se então profundamente para ver se conseguia entender em que Papai estava pensando.

Franziu a testa e suas mãos um pouco sujas apertaram-se sobre as calças de brim. Não fechou seus olhos - não era preciso - mas baixou-os imaginando a voz do pai, a voz de

Jack, a voz de John Daniel Torrance, grossa e monótona, às vezes ardilosa de satisfação, ou mais grossa de raiva, ou então monótona quando estava pensando. Pensando. Pensando...

(pensando)

Danny suspirou silenciosamente e seu corpo caiu na calçada como se seus músculos tivessem sido desligados. Estava plenamente consciente; via a rua e o casalzinho passeando na calçada do outro lado, de mãos dadas, pois estavam

(amando?)

tão felizes por estarem juntos naquele dia. Viu as folhas de outono caindo na sarjeta ao balançar do vento, rodas amarelas de carros. Viu a casa por onde passavam e viu o telhado coberto de

(telhas. acho que não vai haver problema, se estiver iluminado, é... estará tudo bem. aquele Watson. deus, que figura. quem me dera ter um papel para ele na "PEÇA". vou acabar com toda a miserável humanidade nela, se não tomar cuidado, é... telhas. há pregos por lá? que merda, esqueci de perguntar. bem são fáceis de se conseguir. loja de ferragens de Sidewinder. vespas. nesta época do ano estão acasalando, devo precisar de uma daquelas bombas contra insetos, caso haja alguma por lá quando retirar as telhas velhas, telhas novas, velhas.)

telhas. Então era nisso que ele estava pensando. Conseguira o emprego e pensava em telhas. Danny não sabia quem era Watson, mas tudo o mais parecia suficientemente claro. E pode ser que chegue a ver um ninho de vespas. Tão lógico quanto seu nome

- Danny... Dannii...

Levantou os olhos e lá estava Tony, no final da rua, ao lado de um sinal luminoso, acenando. Danny, como sempre, sentiu uma imensa explosão de prazer ao ver o velho amigo. Desta vez, parecia sentir também um pouco de medo, pois havia atrás de Tony uma nuvem escura. Um monte de vespas que, quando libertadas, picariam deixando seu ferrão.

Mas não havia razão para não ir.

Abaixou-se mais no meio-fio, as mãos escorregando relaxadamente pelas coxas e balançando abaixo da bacia. O queixo mergulhado no tórax. Houve então, um puxão indolor quando parte dele levantou-se e correu atrás de Tony escuridão adentro.

- Dannii...

A escuridão foi invadida por um turbilhão de testemunhas. Um som de tosse e sombras curvadas e torturadas que se decompunham em pinheiros durante a noite, empurradas

pela ventania. Um torvelinho de neve. Neve por toda a parte.

- Muito profundo - disse Tony da escuridão e havia uma tristeza em sua voz que amedrontava Danny. - Muito profundo para se poder sair.

Uma outra sombra. O aparecimento gradativo de um vulto, erguendo-se imenso e retangular. Um telhado inclinado. Testemunha obscurecida pela escuridão da tempestade. Muitas janelas. Um edifício comprido, coberto de telhas de madeira. Algumas telhas eram mais verdes e mais novas. Seu pai as tinha colocado. Com pregos da loja de ferragens de Sidewinder. A neve estava agora cobrindo as telhas. Cobria tudo.

Uma lâmpada verde brilhava em frente ao prédio, luz bruxuleante que se transformava num gigante, uma caveira sorridente sobre dois ossos cruzados.

- Veneno - disse Tony da escuridão. - Veneno.

Outros avisos bruxuleavam por seus olhos, alguns em letras verdes, outros em quadros enfiados na massa de neve acumulada pelo vento. PROIBIDA A NATAÇÃO. PERIGO! FIOS DE ALTA TENSÃO. PROPRIEDADE CONDENADA. ALTA VOLTAGEM. TERCEIRO TRILHO. PERIGO DE MORTE. MANTENHA DISTÂNCIA. MANTENHA-SE AFASTADO. ENTRADA PROIBIDA. VIOLADORES SERÃO FUZILADOS. Ele não entendia nada daquilo - não sabia ler! - mas captava o sentido, e um pavor nebuloso boiava dentro de seu corpo oco como uma sementinha que morreria à luz do sol.

Apagaram-se. Estavam agora numa sala cheia de móveis estranhos, uma sala escura. A neve borrifava as janelas como se fosse areia. Sua boca estava seca, seus olhos duas bolas de gude quentes, seu coração batendo. Lá fora um estrondo terrível de uma porta sendo aberta. Passos. Do outro lado da sala havia um espelho refletindo a palavra: REDRUM.

A sala escureceu. Outra sala. Ele conhecia.

(conheceria)

esta sala. Uma cadeira derrubada. Uma janela quebrada deixando entrar a neve; já havia coberto a borda do tapete. As cortinas soltas e caídas de um trilho quebrado. Um armário pequeno ao lado.

Mais ruídos ocos, altos, monótonos, compassados, horríveis. Vidro quebrado. A aproximação da destruição. Uma voz rouca, a voz de uma mulher, fez tudo parecer mais terrível por ser familiar:

- Saia! Saia seu pedaço de merda! Tome seu remédio!

Creque, creque, creque. Madeira lascada. Um berro de raiva e satisfação simultâneos.

REDRUM. Aproximando-se.

Movendo-se pela sala. Quadros arrancados da parede. Um toca-discos.

(o toca-discos de Mamãe?)

derrubado no chão. Seus discos: Grieg, Handel, Beatles, Art Garfunkel, Bach, Liszt espalhados por toda a parte. Quebrados em pedacinhos negros. Um raio de luz vinha de outro cômodo, o banheiro, luz clara e desagradável e uma palavra bruxuleando no espelho do armário de remédios como um olho vermelho, REDRUM. REDRUM. REDRUM.

- Não - murmurou ele. - Não, Tony, por favor.

E pendurada na porcelana branca da banheira, estava uma mão. Flácida. Sangue escorrendo lentamente (REDRUM) pelo dedo médio, pela unha bonita e pingando no ladrilho.

- Não, não, não.

(oh por favor, Tony, você me está apavorando)

REDRUM, REDRUM, REDRUM.

(pare com isso, Tony!)

Apagou-se a imagem.

Na escuridão, o barulho aumentava, mais e mais, ecoando em todos os lugares.

Estava agora agachado num corredor escuro, sobre um tapete de desenhos pretos, ouvindo os estrondos se aproximando e um vulto dobrou o corredor caminhando em sua direção, cambaleando, com cheiro de sangue e abatido. Segurava um taco de pólo e balançava-o (REDRUM) de um lado para outro, batendo-o contra a parede, rasgando o papel de seda e gritando fantasmagoricamente.

Venha tomar seu remédio! Seja homem!

O vulto avançava em sua direção, exalando um cheiro forte e desagradável de suor, o taco de pólo cortando o ar num assobio, e então o estrondo surdo do seu impacto contra a parede, espalhando poeira numa lufada sarnenta e de cheiro seco. Pequeninos olhos vermelhos brilhavam no escuro. O monstro estava em cima dele, descobrira-o, agachado diante de uma parede nua. E o alçapão no teto estava fechado.

Escuridão. Movimento.

- Tony, por favor leve-me de volta...

E voltou. Sentado no meio-fio da Rua Arapahoe, a camisa colada nas costas, o corpo banhado de suor. E seus ouvidos ainda escutavam aquele estrondo e ele podia sentir o cheiro de sua própria urina enquanto se abandonava ao terror. Podia ver aquela mão flácida balançando no canto da banheira, com o sangue correndo pelo dedo médio, e aquela palavra inexplicável muito mais terrível do que todas as outras: REDRUM.

Agora, então, a luz do sol. Coisas reais. Exceto Tony, seis quarteirões dali, apenas uma mancha parada na esquina, sua voz desmaiada, alta e meiga.

- Cuidado, doutor...

Depois, no instante seguinte, Tony se foi, e o fusca vermelho do Papai dobrava a esquina, trepidando pela rua, soltando fumaça azul. Danny pulou do meio-fio num segundo, acenando, pulando num pé e noutro, gritando:

- Papai! Oi Papai! Oi! Oi!

O pai encostou o VW no meio-fio, desligou o motor e abriu a porta. Danny correu em sua direção e depois arrefeceu arregalando os olhos. O coração pulava na garganta. Congelou-se. No banco do lado, estava um taco de pólo com a cabeça coberta de sangue e cabelo. Depois, foi como se ele fosse um saco de mercearia.

- Danny... você está bem, doutor?

- Sim. Estou bem.

Correu e enterrou-se na jaqueta do pai, num abraço muito apertado. Jack o abraçava também, um pouco confuso.

- Ei, doutor. Não fique no sol tanto tempo assim. Você. está pingando.

- Acho que adormeci. Eu o amo, Papai. Fiquei esperando por você.

- Eu também adoro você. Trouxe algumas coisas. Acha que consegue carregar até lá em cima?

- Claro.

- Doutor Torrance, o homem mais forte do mundo, e cujo passatempo é adormecer deitado numa esquina - disse Jack, desmanchando o cabelo do filho.

Caminhava para a porta e Mamãe os esperava na entrada. Danny parou no segundo degrau para admirar o beijo. Estavam felizes por estarem juntos. Exteriorizavam seu amor, da mesma forma que o casalzinho que caminhara pela calçada de mãos dadas.

Danny estava feliz.

O saco de mercearia - apenas um saco de mantimentos apertado nos braços. Estava tudo bem. Papai estava em casa, Mamãe o amava. Não havia nada ruim. E nem tudo o que Tony mostrava acontecia.

Mas o medo havia tomado conta de sua cabeça. Medo relacionado com aquela palavra indecifrável que vira no espelho de sua alma.

5

CABINE TELEFÔNICA

Jack estacionou o VW em frente ao Centro Comercial e deixou o motor morrer. Pensou se não seria melhor substituir a bomba de gasolina, porém concluiu mais uma vez que não tinha dinheiro. Se o carrinho conseguisse andar até novembro, aposentar-se-ia com uma medalha de honra ao mérito. Em novembro a neve nas montanhas estaria cobrindo o teto do fusca... talvez até mesmo cobrindo três fuscas colocados um sobre o outro.

- Fique no carro, está bem, doutor? Vou trazer-lhe uma barra de chocolate.

- Por que não poso ir com você?

- Tenho que dar um telefonema. Coisa particular.

- Foi por isso que você não ligou de casa?

- Exatamente.

Wendy insistira em ter um telefone em casa, apesar da situação financeira não muito boa. Argumentara que com uma criança pequena - especialmente um menino como Danny, que às vezes sofria desmaios - não poderiam ficar sem telefone. Jack então arcou com a despesa suficientemente pesada de 30 dólares, pela instalação, e com depósito de 90 dólares realmente elevado. E até aquele momento o telefone estivera mudo, a não ser por duas chamadas por engano.

- Você pode trazer-me um chocolate bem grande?

- Trago. Fique aí quietinho, e não mexa na alavanca de câmbio, certo?

- Certo. Vou ficar olhando os mapas.

- Está muito bem.

Quando Jack saiu, Danny abriu o porta-luvas e retirou cinco mapas: Colorado, Nebrasca, Utah, Wyoming e Novo México. Adorava mapas rodoviários, adorava acompanhar o caminho das estradas com seu dedo. Achava que a melhor coisa que acontecera na mudança para o Oeste fora a possibilidade de ver mapas novos.

Jack foi ao balcão da loja, comprou uma barra de chocolate para Danny, um jornal e um exemplar de outubro da Revista do Escritor. Pagou com uma nota de cinco dólares e pediu o troco em moedas. Caminhou para a cabine telefônica. Dali, podia ver Danny no fusca. A cabeça inclinada estudando os mapas. Jack sentiu uma sensação de amor sufocante pelo menino. A emoção petrificou-se em sua fisionomia.

Achou que poderia ter feito este telefonema de agradecimento a AL de sua casa; certamente não iria dizer nada a que Wendy objetasse. Seu orgulho não permitiria. Nos últimos tempos, quase sempre escutava o que soeu orgulho lhe ditava, pois, além da mulher e filho, 600 dólares numa conta bancária e um Volkswagen 1968, seu orgulho era tudo que lhe restava. A única coisa que era realmente sua. Até a conta bancária era conjunta. No ano passado ensinara Inglês numa das melhores escolas da Nova Inglaterra. Tinha amigos apesar de não serem os mesmos de antes - alegres, companheiros do corpo docente que admiravam sua eficiência numa sala de aula e sua dedicação pessoal à literatura. Seis meses atrás, as coisas estavam bem. De repente, havia dinheiro sobrando para abrir uma caderneta de poupança. Na época em que bebia, nunca sobrara um centavo, mesmo com Al Shockley pagando muitas rodadas. Wendy e ele haviam conversado seriamente sobre a compra de uma casa financiada em 12 meses. Uma casa no campo, levando uns oito anos para reformá-la, ora essa, eram jovens, tinham o tempo a seu favor.

Então, perdera o controle.

George Hatfield.

O cheiro de esperança transformara-se em cheiro de couro no escritório de Crommert, tudo como uma cena de sua própria peça: os velhos retratos dos diretores anteriores de Stovington, pendurados na parede, desenhos da escola, em placas de metal, de 1879, quando foi inaugurada, e de 1895, quando Vanderbilt pôde construir a casa que ainda se erguia no fundo do campo de futebol, imensa, coberta de hera. A hera de abril farfalhava na janela trincada da sala de Crommert, do aquecedor saía o ruído monótono da fumaça, não era uma fantasia. Era a realidade. Sua vida. Como pôde ter-se afundado tanto?

- Ir uma situação difícil, Jack. Terrivelmente difícil. O Conselho pediu-me para comunicar-lhe a decisão.

O Conselho queria a demissão de Jack e ele demitiu-se. Em circunstâncias diferentes, teria obtido direito de posse sobre o terreno, naquele junho.

O que se seguiu àquela entrevista no escritório de Crommert foi a noite mais escura e

mais terrível de sua vida. A vontade, a necessidade de se embriagar, nunca fora tão forte. Suas mãos tremiam. Derrubava coisas. E queria descarregar tudo sobre Wendy e Danny. Sentia-se como um animal selvagem atrelado. Temia agredir mulher e filho. Viu-se parado diante de um bar, e a única coisa que o impediu de entrar fora a consciência de que, se o fizesse, Wendy o abandonaria, levando Danny. Morreria.

Ao invés de entrar no bar, onde as sombras pairavam sobre as garrafas de "elixires de esquecimento", foi para a casa de Al Shockley. A decisão do Conselho tinha sido de seis votos contra um. Al fora esse um.

Ligando agora para a telefonista, fora informado de que, por 1 dólar e 58 centavos poderia falar durante três minutos com AI, que estava a 3.000 quilômetros dali. O tempo é relativo, meu caro, pensou ele, e depositou dois dólares. Podia ouvir longe os ruídos da sua ligação sendo completada.

O pai de Al, Arthur Longley Shockley, fora o barão do aço. Deixara para o filho, Albert, uma fortuna imensa, investimentos, diretorias e a presidência de vários conselhos. Um dos cargos era o de membro do Conselho Diretor da Academia Preparatória de Stovington, a obra de caridade favorita do velho. Tanto Arthur quanto Albert eram bacharéis, e AL morava em Barre, próximo o bastante para ter um interesse particular pela escola. Durante muitos anos, AL fora o treinador de tênis de Stovington.

Jack e Al tomaram-se amigos acidentalmente: estavam presentes em muitas das reuniões da escola, e em todas elas eram as duas pessoas mais embriagadas. Shockley era separado da mulher, e o próprio casamento de Jack estava fracassando, apesar de ainda amar Wendy e de prometer-lhe sincera e freqüentemente regenerar-se.

Os dois saíam das festas do corpo docente, indo de bar em bar, até que estivessem fechados, terminando então numa mercearia para uma cerveja, que bebiam dentro do carro. Havia dias em que Jack chegava em casa cambaleando, de manhã, e encontrava Wendy e Danny nó sofá. Danny encolhido junto à mãe. Olhava-os e, sentindo nojo de si, limpava a garganta numa onda de amargura mais forte do que o gosto da cerveja, dos cigarros e martínis... marcianos, como dizia AI. Nesses momentos sua mente voltava-se, pensativa e sensatamente, para o revólver, a corda ou a gilete.

Se a farra era em dia de semana, dormia por três horas, levantava-se, vestia-se, tomava quatro pílulas de Exedrin e saía às nove para a aula de Poesia Americana, ainda bêbado. Bom dia, rapazes, hoje o Monstro de Olhos-Vermelhos vai contar-lhes como Longfellow perdeu a mulher num incêndio.

Não podia admitir que fosse um alcoólatra, pensava Jack, enquanto o telefone chamava na casa de Al. As aulas que havia perdido, ou dado sem se barbear, ainda com o hálito forte dos marcianos da noite anterior. Eu não, posso parar a qualquer hora. As noites que Wendy e ele passaram em camas separadas. Ouça, estou bem. Pára-lamas amassados. Claro que consigo dirigir. As lágrimas que ela derramara no banheiro. Olhares desconfiados dos colegas, em qualquer festa em que bebida alcoólica era

servida, até mesmo vinho. A consciência de que falavam dele. A convicção de que não produzia nada do seu trabalho, a não ser bolas de papel em branco que terminavam na cesta de lixo. Fora uma boa presa para Stovington, talvez um escritor americano que desabrochava, e decididamente um homem qualificado para ensinar o grande mistério: como escrever criativamente. Publicara duas dúzias de contos. Estava trabalhando numa peça e pensava que existisse uma novela incubada no fundo do cérebro. Agora não produzia nada e não mais ensinava com tanta eficiência.

Tudo terminou numa noite, um mês depois de Jack ter quebrado o braço do filho. Aquilo, pareceu-lhe, acabara com seu casamento. Tudo que restou fora a força de Wendy... se a mãe dela não fosse tão miserável, Wendy teria tomado um ônibus de volta a Nova Hampshire, logo que Danny pudesse viajar. Fim.

Passava um pouco de meia-noite. Jack e AL voltavam para Barre. Al dirigia como um louco. Ambos estavam muito bêbados; os marcianos haviam aterrado naquela noite, com força total. Faziam a última curva, antes da ponte, a 120km, e havia uma bicicleta de criança na estrada, houve então o frear agudo, enquanto o pneu se cortava em tiras, e Jack lembrava-se do rosto de AL aparecendo gradativamente sobre o volante, como uma lua cheia. Depois, o impacto da bicicleta ao ser atingida a 70 km. Voara como um pássaro, o guidom chocando-se contra o pára-brisa, e subindo novamente, deixando os estilhaços do vidro diante dos olhos esbugalhados de Jack. Segundos depois, o estrondo final ao cair na estrada atrás do carro. Alguma coisa chocou-se contra eles, quando os pneus passaram por cima. O carro derrapou, Al ainda manobrava o volante, e de longe, muito longe, Jack ouvia sua própria voz dizendo:

- Santo Deus, Al. Atropelamos alguém. Acabei de sentir.

O telefone continuava a tocar em seu ouvido. Vamos logo, Al. Atenda. Deixe-me acabar com isto.

AL parara o carro num abrigo a um metro da ponte. Dois pneus estavam vazios. Haviam deixado no asfalto marcas sinuosas de borracha queimada numa extensão de 40 metros. Entreolharam-se e voltaram correndo na escuridão.

A bicicleta estava esmigalhada. Uma das rodas sumira, e olhando para trás, AL avistou-a no meio da estrada, com meia dúzia de raios levantados como corda solta de um piano. AL disse hesitante:

- Acho que foi por cima disto que passamos, amigo.

- Então, onde está a criança?

- Você viu alguma criança?

Jack franziu as sobrancelhas. Tudo acontecera em velocidade tão alta. Na curva. A bicicleta aparecendo gradativamente no farol do automóvel. Al gritando. A colisão, e a

longa derrapagem.

Colocaram a bicicleta no acostamento. Al voltou ao carro e ligou os faróis. Procuraram com uma lanterna de longo alcance, durante duas horas. Nada. Apesar de tarde, vários carros passavam. Nenhum parou. Jack imaginou mais tarde que uma espécie de Providência Divina, inclinada a dar aos dois uma última chance, mantivera os guardas afastados, sem que os outros motoristas os pudessem avisar.

Às duas e quinze, voltaram ao carro, sóbrios mas enjoados.

- Se não havia ninguém dirigindo, o que fazia a bicicleta no meio da estrada? - indagou Al. - Não estava parada no acostamento; estava no meio da estrada!

Jack limitava-se a balançar a cabeça.

- A pessoa não responde - disse a telefonista. - Quer que continue tentando?

- Mais algumas vezes, telefonista. Não se importa'

- Não senhor.

Vamos Al.

Al marchou pela ponte em direção ao telefone mais próximo, chamou um advogado amigo e disse que lhe pagaria 50 dólares, se pegasse na garagem os pneus especiais para neve e os trouxesse para a ponte da Estrada 31, fora de Barre. O amigo chegou 20 minutos mais tarde, vestido em calças de brim e paletó de pijama. Examinou o carro.

- Matou alguém?

Al já estava levantando a traseira do carro com o macaco, e Jack âfrouxando as porcas.

- Graças a Deus, ninguém - disse Al.

- Acho que vou embora. Pague-me pela manhã.

- Está bem - disse Al, sem levantar os olhos.

Os dois colocaram os pneus, sem incidentes, e juntos voltaram para a casa de Al Shockley. AI colocou o carro na garagem e desligou o motor. .

No silêncio da escuridão disse:

- Acabou-se a bebedeira, amigo. Tudo encerrado. Liquidei meu último marciano.

E agora, suando na cabine telefônica, ocorreu a Jack que nunca duvidara da vitória de

Al. Voltou para casa dirigindo o VW com o rádio ligado, tocando músicas em alto volume. Apesar da altura, ouvia ainda o frear estridente dos pneus e o impacto. Com os olhos cerrados, via aquela única roda amassada com os raios apontando para o céu.

Quando chegou, Wendy dormia no sofá. Foi ao quarto de Danny e ele estava deitado no berço, dormindo profundamente, com o braço ainda enfiado no gesso. Pela luz filtrada que vinha da rua podia ver no gesso os rabiscos das assinaturas de todos os médicos e enfermeiras da Pediatria.

Foi um acidente. Caiu na escada.

(seu mentiroso sem-vergonha)

Foi uni acidente. Perdi o controle.

(seu beberrão, filho da puta, sacana)

Ouça, ei, vamos, por favor, apenas um acidente...

A última justificativa foi no entanto afastada pela imagem da lanterna na busca pelo capim seco de novembro, à procura do corpo caído que devia estar ali, esperando a polícia. Não importava que Al estivesse dirigindo. Havia noites em que ele dirigia.

Cobriu Danny, foi para o quarto e tirou o revólver da prateleira de cima do armário. Estava numa caixa de sapatos. Sentou-se na cama, segurando-o por quase uma hora, observando-o, fascinado com seu brilho.

Amanhecia quando o colocou de volta na caixa e no armário.

Pela manhã, telefonou para Bruckner, chefe do departamento, e pediu-lhe a gentileza de substituí-lo nas aulas. Estava gripado. Bruckner concordou, com menos boa vontade que de costume. Jack Torrance estivera muito suscetível a gripes, no último ano.

Wendy preparou-lhe café e ovos mexidos. Comeram em silêncio. O único ruído era o de Danny no quintal brincando com seus caminhões e areia, com uma só mão.

Wendy, lavando os pratos, de costas para ele, disse:

- Jack, estive pensando.

- Esteve?

Acendeu um cigarro com as mãos trêmulas. Não estava de ressaca, por estranho que fosse. Apenas os tremores. Piscou os olhos, e nesse instante de escuridão a bicicleta voava contra o pára-brisa, quebrando o vidro. Os pneus rasgavam-se. A luz da lanterna.

- Quero conversar com você sobre... sobre o que é melhor para mim e para Danny. Talvez para você também. Não sei. Devíamos ter conversado antes, creio eu.

- Faça-me um favor - pediu, olhando para a ponta do cigarro. - Você me faria um favor?

- O quê? - Sua voz era insensível e neutra. Continuava de costas.

- Falemos sobre isso, daqui a uma semana. Se ainda quiser.

Voltou-se para ele, as mãos envolvidas em espuma, o rosto bonito pálido e desiludido.

- Jack, promessas não adiantam. Você simplesmente continua a...

Ela parou, olhando em seus olhos, fascinada, repentinamente insegura.

- Daqui a uma semana - disse ele. Sua voz perdeu a vitalidade e transformou-se num sussurro. - Por favor. Não estou prometendo nada. Se ainda quiser conversar, conversaremos. Sobre qualquer coisa que você queira.

Fitaram-se por longo tempo, e quando ela voltou a lavar a louça sem dizer nada, Jack começou a tremer. Deus, precisava beber. Apenas um gole.

- Danny sonhou que você sofreu um acidente de carro disse ela abruptamente. - De vez em quando ele tem sonhos engraçados. Contou-me esta manhã, quando eu o estava vestindo. É verdade Jack? Você sofreu um acidente?

- Não.

Ao meio-dia a vontade de beber era imensa. Foi à casa de Al. - Sóbrio? - Al perguntou, enquanto Jack entrava.

Al estava horrível.

- Sóbrio de corpo e alma. Você está parecendo Lon Chaney no Fantasma da ópera.

- Entre.

Jogaram buraco a tarde inteira. Não beberam.

Passou-se uma semana. Wendy e ele quase não conversaram. Mas sabia que ela o observava, sem acreditar. Bebia café e infindáveis latas de Coca-Cola. Uma noite bebeu toda uma caixa de Coca e depois correu para o banheiro e vomitou. O número de garrafas de bebida alcoólica no armário não diminuía. Depois da aula, ia para a casa de Al Shockley - ela odiava Al Shockley mais do que qualquer outra pessoa - e quando voltava Wendy podia jurar que ele estava cheirando a uísque ou gim, mas Jack conversava lucidamente antes do jantar, bebia café, brincava com Danny depois do

jantar, repartindo com ele a Coca, lia-lhe uma história antes de dormir, e sentava-se para corrigir redações bebendo uma xícara de café após outra, e ela então admitia seu erro.

Passaram-se semanas sem que se tocasse no assunto. Jack estava consciente de que não mais bebia, mas sabia que não seria para sempre. As coisas começavam a ficar mais fáceis. Em seguida, George Hatfield. Perdera o controle mais uma vez, desta vez totalmente sóbrio.

- O telefone não atende, senhor...

- Alô? - A voz de AL sem fôlego.

- Pode falar - disse a telefonista rispidamente.

- Al, Jack Torrance falando.

- Jack, amigo! Que prazer! Como vai?

- Bem. Estou telefonando para agradecer. Consegui o emprego. Tudo certo. Se não conseguir terminar a peça neste inverno, não termino nunca mais.

- Vai terminar.

- Como vão as coisas? - Jack perguntou, hesitante.

- Sóbrias - respondeu Al. - E você?

- De corpo e alma.

- Está sentindo falta?

- Diariamente.

Al riu.

- Entendo, mas não sei como conseguiu ficar sóbrio depois do episódio com Hatfield. Foi além da expectativa.

- Desgracei-me.

- Merda. Vou reunir o Conselho na primavera. Effinger já está dizendo que talvez tenha sido muito precipitado da parte deles. E se a idéia persistir...

- Sim. Ouça, meu filho ficou no carro, Al. E já deve estar impaciente...

- Claro. Entendo. Desejo-lhe uma boa temporada de inverno por aí, Jack. Fico feliz por

ter podido ajudá-lo.

- Mais uma vez, obrigado Al.

Desligou, fechou os olhos na cabine quente, e novamente viu a bicicleta e a lanterna. O jornal publicara uma nota no dia seguinte, apenas para ocupar espaço, mas não mencionava o nome do dono da bicicleta. Por que estaria durante a noite, no meio de uma estrada, seria sempre um mistério e talvez o fosse.

Voltou para o carro e entregou a Danny a barra de chocolate um pouco derretido.

- Papai?

- O que, doutor?

Danny hesitou, olhando para a fisionomia absorta do pai.

- Quando eu estava esperando você voltar do hotel, tive um pesadelo. Lembra-se Quando adormeci?

- Hum... hum...

De nada adiantou. A cabeça de Papai estava em outro lugar. Pensando na "Coisa Feia" de novo.

(Sonhei que você havia me machucado, Papai.)

- Qual foi o sonho, doutor?

- Nada - disse Danny enquanto saíam do estacionamento. Colocou os mapas de volta no porta-luvas.

- Tem certeza?

- Tenho.

Jack lançou-lhe um olhar ligeiro e confuso, e sua mente voltou-se para a peça.

6

CONVERSANDO COM O TRAVESSEIRO

Amaram-se e seu homem dormia ao lado.

Seu homem.

Sorriu na escuridão, o sêmen ainda escorrendo morno e vaga roso por suas coxas ligeiramente separadas, e o sorriso era tanto de prazer, quanto de mágoa, pois a expressão seu homem englobava uma centena de sentimentos. Cada sentimento por si só era desorientados. Juntos, nesta escuridão impregnada de sono, eram como a melodia distante de uma balada num bar vazio, triste, porém agradável.

Amar seu bem é como rolar um pião.

Mar se não posso ser sua mulher, com certeza não serei seu tão.

Isso era de Billie Holiday? Ou de alguém., mais vulgar como Peggy Lee? Não importava. Era baixo e claro, 'c no silêncio de sua mente, tocava suavemente, como se estivesse saindo de um daqueles gramofones antigos, um Wurlitzer, talvez, meia hora antes de fechar.

Agora, no caminho do inconsciente, imaginava em quantas camas já dormira com este homem deitado a seu lado. Conheceram-se na faculdade e amaram-se pela primeira vez no apartamento dele... isto fora uns três meses depois de sua mãe tê-la expulsado de casa, dizendo que nunca mais voltasse, e que se quisesse ir a algum lugar, que fosse para junto do pai, uma vez que fora ela a responsável

pelo divórcio. Isto em 1970. Fazia tanto tempo? Seis meses depois, foram viver juntos, encontraram emprego durante o verão, e continuaram no apartamento, até o último ano de faculdade. Lembrava-se nitidamente daquela cama, grande, com um buraco no meio. Quando faziam amor, o colchão de molas rangia no mesmo ritmo. Conseguira finalmente livrar-se da mãe no outono. Jack ajudou-a. Ela quer continuar a agredi-la, dizia Jack. Quanto mais telefonar e se curvar, implorando perdão, mais ela agredirá você e seu pai. Faz bem a ela, Wendy, pois pode continuar fazendo de conta que você foi a culpada. Mas não faz bem a você.. Discutiram sobre isso milharei de vezes naquela cama, durante um ano.

(Jack sentado, com o lençol enrolado na cintura, um cigarro queimando entre os dedos, fixando-lhe o olhar - ele tinha um jeito todo especial de fazer aquilo - dizendo: - Ela lhe disse para nunca mais voltar, certo? Nunca mais aparecer, nem mesmo como visita, certo? Então, por que ela não desliga o telefone, quando sabe que é você? Por que só lhe diz que não quer que você apareça em casa, em minha companhia? Porque acha que posso acabar com esse teatrinho. Ela quer desgraçá-la, amor. E você é tola permitindo tal coisa. Ela lhe disse para nunca mais voltar, então por que não segue suas instruções? Silenciava. Finalmente percebia seu ponto de vista.)

Jack achara melhor uma separação... dissera que precisava fazer um balanço do relacionamento dos dois. Temia que estivesse interessado em outra pessoa. Mais tarde descobriu que não era essa a razão. Estavam juntos novamente na primavera, e ele perguntou se estivera com o pai. Assustou-se.

Como sabia?

O Sombra sabe.

Anda espionando-me?

E sua risada impaciente, que a deixava sem graça... como se ela tivesse oito anos, e ele pudesse perceber suas reações melhor do que ela própria.

Você precisava de tempo,, Wendy.

Para quê?

Acho... que para ver com qual dos dois queria casar-se.

Jack, o que está dizendo?

Acho que estou pedindo sua mão.

O casamento. O pai estava presente, a mãe não. Descobriu que poderia suplantar a situação com Jack a seu lado. Depois veio Danny, o filho maravilhoso.

Aquele fora o melhor ano, a melhor cama. Depois que Danny nasceu, Jack arranjou-lhe um emprego de datilógrafa para uma meia dúzia de professores do Departamento de Inglês - testes, exames, resumos de aulas, pontos, textos. Terminou datilografando um romance para um deles, um romance que nunca foi publicado... para satisfação pessoal de Jack. A 40 dólares por semana, era um bom emprego, e durante os dois meses em que datilografou o romance, chegou a ganhar 60. Compraram o primeiro carro, um Buick de cinco anos, com uma cadeira de bebê. Um jovem casal inteligente, em ascensão social. Danny estimulou uma reconciliação entre ela e sua mãe, uma reconciliação sempre tensa e nunca feliz, mas, ainda assim, uma reconciliação. Quando levava Danny para visitá-la ia sem o marido. E não dizia a Jack que a mãe sempre recolocava as fraldas de Danny, franzia a testa quanto a sua maneira de educá-lo, e sempre criticava acusativamente os primeiros sinais de assadura na bundinha do bebê. Nunca dizia as coisas abertamente, mas através de indiretas: era o preço que tinha que pagar (talvez para sempre) pela reconciliação... a sensação de não ser uma boa mãe. Era a maneira de sua mãe espezinhá-la.

Durante o dia, Wendy ficava em casa, trabalhando nas tarefas domésticas, dando as mamadeiras para Danny na cozinha clara do sobrado de quatro cômodos e tocando seus discos na vitrola portátil que tinha desde os tempos de escola. Jack chegava em casa às três (ou às duas, se percebia que podia enforcar a última aula), e enquanto Danny dormia, ele a levava para o quarto, e a sensação de impropriedade logo terminava.

A noite, enquanto datilografava, ele escrevia e preparava as aulas. Naqueles dias saía do

quarto onde estava a máquina de escrever e encontrava os dois dormindo no sofá do escritório, Jack vestido apenas de cueca, Danny deitado confortavelmente sobre seu peito com o dedo na boca. Colocava o filho no berço, lia qualquer coisa que Jack havia escrito, e depois o acordava para ir para a cama. A melhor cama, o melhor ano.

Dias melhores virão...

Naquela época Jack bebia com moderação. Aos sábados à noite uma porção de colegas chegava, e havia então uma caixa de cerveja e discussões de que raramente participava, pois sua área era Sociologia e a dele, Inglês: debates acerca dos diários de Pepy como literatura ou história; discussões sobre a poesia de Charles Olson, às vezes a leitura de algum trabalho em andamento. Estas e centenas de outras. Não, milhares. Não sentia desejo de participar: contentava-se em sentar na cadeira de balanço ao lado de Jack, que se sentava no chão com uma lata de cerveja numa das mãos e a outra segurando a barriga da perna da mulher ou envolvendo o tornozelo dela.

A disputa na Universidade de Nova Hampshire fora violenta, e Jack acumulou excesso de trabalho escrito. Passava, pelo menos uma hora, todas as noites, escrevendo. Era a sua rotina. As reuniões dos sábados eram terapia, do contrário as coisas se acumulariam dentro dele, até explodir.

Quando concluísse seu trabalho universitário, assumiria o emprego em Stovington, especialmente por causa de seus contos... quatro deles já publicados, um deles na Esquine. Lembrava-se nitidamente daquele dia; três anos não bastavam para esquecê-lo. Quase jogara fora o envelope pensando que fosse oferta para assinatura da revista. Ao abri-lo encontrou uma carta da Esquine, dizendo que gostariam de publicar o conto de Jack, A Respeito dos Buracos Negros, no início do próximo ano. Pagariam 900 dólares, mediante sua aceitação. Isto correspondia a aproximadamente seis meses de trabalho de datilografia, e ela voou para o telefone, deixando Danny na cadeira de refeições, seguindo-a comicamente com os olhos, o rosto sujo de sopa.

Jack chegou da Universidade 45 minutos mais tarde. O Buick não agüentou o peso de sete amigos e uma caixa de cerveja. Após um brinde formal (Wendy também bebeu um copo, apesar de não gostar de cerveja), Jack assinou a carta de aceitação, colocou-a no envelope de devolução e foi até a caixa dos Correios, na esquina. Quando voltou, parou sério à porta e disse, "Veni, vidi, vici". Houve aclamações e aplausos. Quando a caixa se esvaziou às onze da noite, Jack e os outros dois únicos companheiros capazes de andar foram circular pelos bares.

Chamou-o em particular no corredor de entrada do prédio. Os dois outros já estavam no carro, cantando embriagados o hino do Estado de Nova Hampshire. Jack estava ajoelhado, atrapalhado como uma coruja com os cadarços dos sapatos.

- Jack - disse ela - você não devia... Não consegue nem amarrar seus sapatos, quanto mais dirigir.

O marido levantou-se e colocou as mãos calmamente sobre seus ombros.

- Esta noite poderia pilotar um foguete à Lua, se quisesse.

- Não. Nem por todos os contos da Esquine no mundo.

- Volto cedo.

Mas só chegou às quatro da manhã cambaleando e resmungando pela escada, acordando Danny ao entrar em casa. Jack tentou acalmar a criança e deixou-a cair no chão. Wendy precipitou-se pensando no que sua mãe diria se visse aquele machucado - que Deus a proteja, que Deus proteja os dois - apanhou Danny, sentou-se com ele na cadeira de balanço, acalmou-o. Pensara na mãe durante quase todo o período de cinco horas que Jack passara fora, na profecia da mãe, de que Jack nunca seria ninguém. Grandes idéias, dissera a mãe. Claro. As filas da Previdência Social estão cheias de bobalhões cultos com grandes idéias. A história da Esquire tornava a mãe certa ou errada? Winnifred, você não está segurando o bebê da maneira correta. Deixe-me carregá-lo. Estaria ela segurando o marido de maneira correta? Por que outro motivo extravasava sua alegria fora de casa? Uma espécie de medo brotou dentro de si, e não lhe ocorreu que ele tivesse saído por motivos outros.

- Parabéns - disse ela, balançando Danny - já estava quase dormindo novamente. Talvez você lhe tenha provocado uma concussão.

- É apenas um machucado. - Ele falava zangado, como se estivesse arrependido: uma criança. Durante um minuto ela o odiou.

- Talvez sim - disse ela firme. - Talvez não.

Ouvia a voz da mãe em sua própria voz. Sentia-se enjoada e amendrontada.

- Tal mãe, tal filha - resmungou Jack.

- Vá para cama! - gritou com raiva. - Vá para cama, você está bêbado!

- Não me dê ordens.

- Jack... por favor, não devemos... não... - Não havia palavras.

- Não me dê ordens - repetiu mal-humorado, e entrou no quarto. Sentiu-se abandonada na cadeira de balanço com Danny, que dormia novamente. Cinco minutos depois, os roncos de Jack chegavam à sala. Fora a primeira noite que dormira no sofá.

Estava agora deitada na cama, virando de um lado para outro, já sonolenta. Sua mente, sem conciliar o sono, voltava ao passado, para o primeiro ano em Stovington, para as épocas ruins que viveram, quando o marido quebrara o braço de Danny, e para aquela

mesa de café da manhã.

Danny no quintal brincando com os caminhões na pilha de areia, o braço ainda engessado. Jack sentado à mesa, pálido e grisalho, um cigarro tremendo entre os dedos. Decidira consultá-lo sobre o divórcio. Ponderara a questão em suas centenas de aspectos durante seis meses. Se não fosse por Danny, já teria tomado a decisão com mais antecedência, mas nem isso era verdade. Sonhava, nas noites longas em que Jack não estava em casa, com o rosto da mãe e com seu próprio casamento.

(Aceita-a como sua legítima esposa? O pai de pé, vestido com seu melhor terno, que não era grande coisa - ele era um. careiro viajante de uma firma de produtos enlatados que estava falindo o rosto cansado, parecia tão velho, tão pálido: Sim.)

Até mesmo depois do acidente - se é que se podia chamar acidente - não pudera extravasar completamente, admitir que seu casamento era uma frustração. Esperara bobamente que ocorresse um milagre, e que Jack visse o que estava acontecendo, não só com ele, mas com ela. Mas não houve melhoras. Um gole antes de sair para a faculdade. Duas ou três cervejas no almoço. Três ou quatro martínis antes do jantar. Mais cinco ou seis enquanto corrigia redações. Os fins-de-semana eram piores. As noites em que saía com Al Shockley, piores ainda. Nunca imaginara que pudesse haver tanta agonia numa vida, quando não há nada fisicamente errado. Agredia-o o tempo inteiro. Seria sua culpa? Assombrava-se. Sentia-se como sua mãe. Como seu pai. As vezes, quando se sentia ela mesma, imaginava como seria para Danny e temia o dia em que ele já estivesse crescido o bastante para culpá-los. E imaginava para onde iriam. Não tinha dúvida de que sua mãe a receberia, e não duvidava que seis meses depois de ver sua mãe colocando as fraldas a sua maneira, fazendo novamente as sopinhas, trocando as roupas de Danny em sua ausência, cortando o cabelo da criança, ou colocando os livros, que considerava inadequados para a idade de Danny, no sótão... seis meses depois de tudo isso, Wendy sofreria uma crise nervosa. E sua mãe acariciando sua mão e confortando-a diria: Apesar de não ser sua culpa, é exclusivamente sua culpa. Você não estava preparada. Mostrou suas garras quando chegou para ficar entre mim e seu pai.

Meu pai, o pai de Danny. Meu, dele.

(Aceita-a como sua legítima esposa? Sim. Morto de um ataque cardíaco seis meses depois.)

Na noite anterior, deitara-se pensando, decidindo.

O divórcio era necessário. Seus pais não faziam parte da decisão. Nem seus sentimentos de culpa por seu casamento, nem seus complexos. Era necessário por causa do filho e por ela mesma, se não quisesse ter a sensação de uma vida perdida. A visão era brutal, porém, clara. O marido era um alcoólatra. Tinha temperamento difícil, que não podia mais controlar devido a tanta bebida, e não escrevia mais tão bem. Casualmente ou não, ele quebrara o braço de Danny. Iria perder o emprego mais cedo ou mais tarde. Já observara os olhares de compaixão das mulheres dos demais professores. Dizia para si

mesma que tolerara a tarefa árdua de seu casamento, até onde fora possível. Agora, tinha que recusá-la. Jack. teria todo direito a visitas, e ela receberia pensão somente até encontrar alguma coisa, tomando pé na situação... - e isso teria que ser rápido, pois não sabia até quando Jack poderia sustentá-la. Faria tudo da forma menos dolorosa possível. Mas tinha que haver um fim.

Assim pensando, adormecera, assombrada pelos rostos de seus pais. Você não é nada. É apenas urna destruidora de lares, dizia a mãe. Aceita-a como sua legítima esposa? dizia o pastor. Sim. Mas na manhã ensolarada ainda se sentia da mesma forma. De costas para ele, as mãos envolvidas pela espuma, iniciara a conversa pouco amena.

- Quero conversar com você sobre o que é melhor para mim e para Danny. Talvez para você também. Não sei. Deveríamos ter conversado antes, creio eu.

E então ele dissera uma coisa estranha. Esperara provocar sua raiva, amargura, recriminações. Esperara uma corrida ao armário de bebidas. Mas nunca esta resposta calma, sem cor, tão contrária a seu modo de ser. Era como se o Jack com quem tinha vivido durante seis anos, não tivesse voltado para casa na noite anterior... como se tivesse sido substituído por ~ um ser sobrenatural, que ela não conhecia, e com quem não estava acostumada.

- Você me faria um favor? Um favor?

- O quê? - Precisou controlar a voz para que não saísse trêmula.

- Falemos sobre isso, daqui a uma semana. Se ainda quiser.

E ela concordara. Ficou tudo guardado no silêncio entre eles. Naquela semana vira AI Shockley mais do que nunca, mas o marido voltava para casa mais cedo sem estar cheirando a bebida. Pensava que estivesse sentindo o cheiro, mas sabia que não estava. Mais uma semana. Mais outra.

O divórcio voltou para decisão da comissão, e não foi votado.

O que acontecera? Ainda pensava, e ainda não tinha a menor idéia. O assunto era um tabu entre eles. Jack estava como um homem que dobrara a esquina e vira um monstro inesperado, à espreita, agachado em meio aos ossos daqueles que havia matado. A bebida continuava no armário, mas ele não a tocava. Considerou, por dezenas de vezes, a hipótese de jogar tudo fora, mas sempre voltava atrás, como se o ato fosse quebrar a magia.

Tinha-se que considerar Danny também.

Sentindo que não conhecia o marido, ficava então amedrontada pela criança... medo, no sentido mais amplo da palavra: uma espécie de pavor supersticioso, indefinido.

Quase dormindo, surgiu a imagem do momento do nascimento do filho. Deitada na mesa de parto, banhada de suor, o cabelo preso, os pés afastados nos estribos,

(e um pouco anestesiada pelo gás que sopravam; num determinado momento resmungara que se sentia como uma propaganda de um estupro, e a enfermeira, uma fulana que assistira a tantos nascimentos que o número de crianças seria suficiente para encher uma escola, achou aquilo muitíssimo engraçado)

o médico entre suas pernas, a enfermeira ao lado arrumando os instrumentos e cantarolando com os lábios fechados. As dores agudas a intervalos cada vez menores, várias vezes ela gritara, apesar da vergonha. -

O médico então lhe disse que fizesse FORÇA e ela fez, e em seguida sentiu algo sendo tirado de dentro dela. Uma sensação clara e distinta que jamais poderia esquecer,- a coisa tirada. O módico levantou o filho junto a suas pernas - ela vira o pequenino pênis e soube então que era um menino - e enquanto o médico apalpava a máscara de oxigênio, vira mais alguma coisa, algo tão horrível, que ela encontrou força para gritar mais uma vez, depois de pensar que todos os seus gritos se haviam esgotado.

Ele não tem rosto!

É claro que havia um rosto, o próprio rosto meigo de Danny e a placenta que o envolvia estava agora num jarrinho que guardara muito envergonhada. Não acreditava em superstições, todavia resolveu guardar a placenta. Não acreditava em historinhas de comadres, mas, desde o início, o menino fora diferente. Não acreditava em sexto sentido, mas

Papai se acidentou? Sonhei que Papai sofrem um acidente.

Alguma coisa o modificara. Não acreditava que pudesse ter sido apenas o divórcio que tivesse motivado a mudança. Alguma coisa acontecera naquela madrugada. Alguma coisa acontecera enquanto ela dormia. AL Shockley disse que nada havia acontecido, absolutamente nada, mas ele desviara os olhos ao afirmar o fato, e se fosse acreditar em boatos do corpo docente, AL havia também embarcado em canoa furada.

Papai se acidentou?

Talvez o destino, nada de mais concreto. Lera o jornal do dia e o do dia seguinte com mais atenção que de costume, mas não viu nada que tivesse ligação com Jack. Que Deus a perdoasse, mas procurava por um acidente tipo "atropelou-fugiu" ou uma briga de bar que tivesse resultado em ferimentos graves ou... quem sabe? Quem queria saber? Mas não aparecera nenhum policial para investigações ou com ordens para inspecionar o pára-choque do VW. Nada.

Apenas a mudança de 180 graus do marido e a pergunta do filho ao acordar:

Papai se acidentou. Sonhei...

Agüentava Jack mais por causa de Danny, do que seu consciente admitia, mas agora, ligeiramente adormecida, podia admitir. Danny era a "menina dos olhos" de Jack desde o início. Assim como ela tinha sido a "menina dos olhos" do pai desde o início. Não se lembrava de Danny ter algum dia vomitado a mamadeira sobre a camisa de Jack. Jack conseguia fazê-lo comer depois que ela já tivesse desistido das tentativas, até mesmo quando os dentes de Danny começaram a aparecer, causando-lhe dores visíveis. Quando Danny tinha cólicas, ela precisava niná-lo durante uma hora, até que ele ficasse quieto; mas bastava Jack tomá-lo nos braços, dar duas voltas pelo quarto, e Danny adormecia com o dedo na boca.

Ele não se importava em trocar fraldas, até mesmo aquelas que chamava de encomendas especiais. Sentava-se com Danny em seu Colo durante horas, balançando-o, mexendo os dedos das mãos, fazendo caretas enquanto Danny bisbilhotava seu nariz e morria de rir. Ele fazia as mamadeiras e dava na hora certa e só se levantava depois do último arroto. Levara Danny consigo no carro para comprar jornais, leite, ou pregos na loja de ferragens, mesmo quando 0 filho ainda era bebê. Os dois foram juntos a um jogo de futebol, quando Danny tinha apenas seis meses, e ficou quieto, imóvel, sentado no colo do pai durante todo o jogo, enrolado num cobertor, e uma pequena flâmula do time de Stovington presa no pulso gordinho.

Gostava da mãe, mas o pai era seu Bengo.

E não sentia ela, por vezes, a oposição silenciosa do filho pela idéia do divórcio? Se estivesse pensando no assunto ao cortar as batatas para o jantar, ao voltar o rosto o via sentado na cadeira da cozinha, de pernas cruzadas, olhando-a amedrontado e acusador. Passeando pelo parque, ele de repente agarrava suas mãos e perguntava... quase peremptório: "Você me ama? Você ama Papai?" E ela, confusa, balançava a cabeça ou dizia: "Claro que sim, meu bem:"

Ele corria, então, para o lago dos patos, que fugiam em pânico para o outro lado, batendo as asas, diante de tanta ferocidade, deixando-a preocupada.

Havia ocasiões em que sua determinação em, pelo menos, discutir o assunto com Jack se desfazia, não por fraqueza, mas devido à vontade do filho.

Não acredito em tais coisas.

Mas em sonhos acreditava, e em sonhos, com o sêmen do marido ainda secando em suas coxas, sentia que os três formavam um só corpo... e se a trindade fosse desfeita, não o seria por nenhum deles, mas por algo exterior.

A maior parte de suas crenças girava em torno de seu amor por Jack. Nunca deixara de amá-lo, a não ser talvez durante aquela fase negra que se seguiu ao "acidente". Amava o filho. E, acima de tudo, amava-os juntos no dia-a-dia, a cabeça grande de Jack e a

pequenina de Danny enquanto liam .uma revistinha, dividindo uma garrafa de Coca-Cola. Adorava tê-los com ela, e pedia a Deus que este emprego de zelador do hotel, que Al arranjou para Jack, fosse o reinicio dos bons tempos.

E o vento vai soprar

E levar embora minhas tristezas...

Suave, doce e melodiosa a música veio-lhe, fazendo-a dormir profundamente, onde os pensamentos cessavam e onde os rostos que

apareciam em sonhos tornavam-se esquecidos.

7

EM OUTRO QUARTO

Danny acordou com o estrondo ainda em seus ouvidos, e a voz bêbada, selvagem, rabugenta, gritando rouca: Saia e venha tomar seu remédio! Vou encontrá-lo! Vou encontrá-lo!

O estrondo agora era apenas do seu coração disparado, e a única voz no meio da noite era o som de uma sirene da polícia ao longe.

Estava imóvel; deitado na cama, olhando para as sombras das folhas, agitadas pelo vento e refletidas no teto do quarto. Entrelaçavam-se sinuosamente, formando desenhos de trepadeiras numa selva, como se fossem tecidas no pêlo de um tapete grosso. Entre o pijama e a pele vestia uma camiseta.

- Tony? - sussurrou. - Você está aí?

Silêncio.

Escorregou da cama, arrastou-se até a janela e olhou a Rua Arapahoe, agora calma e silenciosa. Eram duas da madrugada. Não havia nada lá fora, a não ser calçadas vazias com montes de folhas secas, carros estacionados e um sinal luminoso na esquina do posto de gasolina Cliff Brice. Com o topo coberto e a base estática, o poste parecia um monstro numa exibição espacial.

Olhou para ambos os lados da rua, esticando os olhos à procura da figura pequena de Tony acenando, mas não havia ninguém.

O vento suspirava por entre as árvores, e as folhas caídas chocalhavam sobre a calçada e em volta das calotas dos carros estacionados. O ruído era fraco e triste, e o menino

pensou que talvez fosse o único habitante de Boulder acordado àquela hora e capaz de ouvir o ruído. Pelo menos, o único ser humano. Não havia outro meio de saber o que mais poderia estar solto no meio da noite, andando faminto, às escondidas, por entre as sombras, sentindo o perfume da brisa.

Vou encontrá-lo! Vou encontrá-lo!

- Tony? - murmurou novamente, mas sem muita esperança. Só o vento respondeu, desta vez mais forte, espalhando folhas no telhado em cima de sua janela. Algumas escorregavam para a calha e ali ficavam como bailarinas cansadas.

Danny... Dannii...

Pôs-se em direção ao som daquela voz familiar e debruçou-se na janela, as mãozinhas no peitoril. A voz de Tony parecia dar vida à noite, sussurrando até quando o vento cessava e as folhas se aquietavam e as sombras se imobilizavam. Pensou que tivesse visto uma sombra mais escura no ponto do ônibus no outro quarteirão, mas era difícil dizer se era algo real ou uma ilusão de óptica.

Não vá, Danny...

O vento, então, soprou forte mais uma vez, fazendo-o piscar, e a sombra do ponto do ônibus desapareceu... Se é que estivera ali. Ficou junto à janela durante

(um minuto? uma hora?)

algum tempo; mas não houve mais nada. Finalmente, voltou para a cama, cobriu-se e observou as sombras, lançadas pela luz do poste da rua, transformarem-se numa selva sinuosa cheia de plantas carnívoras que queriam apenas mover-se em torno dele, sugar-lhe a vida, arrastando-o para a escuridão onde uma palavra desastrosa flamejava:

REDRUM.

SEGUNDA PARTE

Ultimo Dia

8

UMA VISÃO DO OVERLOOK

Mamãe estava preocupada.

Temia que o fusca não agüentasse as subidas e descidas das montanhas e que ficassem encalhados na estrada até que alguém, vindo em sentido contrário, se chocasse contra eles. Danny estava mais otimista; se Papai pensava que o fusca agüentaria esta última viagem, isto então provavelmente aconteceria.

- Estamos quase chegando - disse Jack.

Wendy escovou os cabelos para trás.

- Graças a Deus.

Estava sentada, no banco da direita, com um livro aberto no colo. Usava o vestido azul, aquele que Danny achava o mais bonito. Tinha gola de marinheiro e lhe fazia parecer muito jovem, como uma menina pronta para a formatura de ginásio. Papai punha-se a alisar-lhe as coxas, e ela, rindo, o afastava dizendo:

- Dê o fora, mosca.

Danny estava impressionado com as montanhas. Certo dia Papai os levara às que ficavam perto de Boulder, mas estas aqui eram muito maiores, e na mais alta delas podiam-se ver vestígios de neve, o que Papai dizia serem permanentes.

Estavam praticamente dentro das montanhas, sem brincadeira. Montanhas íngremes envolvendo-os, tão altas que dificilmente enxergavam-se os cumes, mesmo se se esticasse o pescoço para fora da janela. Quando saíram de Boulder, a temperatura estava em torno de 20 graus. Agora, pouco depois de meio-dia, o ar aqui em cima era fresco e frio como em Vermont em novembro, e Papai ligara o

aquecedor... apesar de não funcionar bem. Passaram diante de várias placas que diziam ÁREA DE DESLIZAMENTO DE PEDRAS (Mamãe lia cada uma para ele), e, apesar de Danny ter ansiado pelo deslizamento de alguma pedra, nada acontecera. Pelo menos por enquanto.

Uma hora atrás cruzaram uma outra placa que Papai dizia ser muito importante. A placa dizia LIMITE DE SIDEWINDER, e Papai disse ser o ponto máximo que as máquinas de limpar neve alcançavam, no inverno. Dali em diante a estrada tornava-se muito

íngreme. No inverno, ficava bloqueada a partir da cidadezinha de Sidewinder, na qual haviam entrado pouco antes da placa, até Buckland no Estado de Utah.

Passavam agora diante de uma outra placa.

- O que diz aquela, Mamãe?

- VEÍCULOS EM BAIXA VELOCIDADE USEM PISTA DA DIREITA. Isto é, nós.

- O fusca vai agüentar - disse Danny.

- Por favor, meu Deus - disse Mamãe, cruzando os dedos.

Danny olhou para os pés dela e viu que nas sandálias abertas seus dedos também estavam cruzados. Deu uma risadinha. Ela lhe retribuiu o sorriso, mas ele sabia que a mãe ainda estava preocupada.

A estrada era sinuosa com uma série de curvas em S, e Jack reduziu a marcha de quarta para terceira e, em seguida, para segunda. O fusca reclamou e protestou, e Wendy com os olhos fixos no velocímetro, que caía de 40 para 30, 20, ficando aí indeciso.

- A bomba de gasolina... - disse ela, timidamente.

- A bomba de gasolina ainda vai agüentar mais cinco quilômetros - retrucou Jack, taxativo.

A encosta da montanha desapareceu, dando lugar a um vale, que parecia não ter fim, delineado de verde-escuro por pinheiros e abetos. Os pinheiros davam lugar a penhascos que caíam a grandes profundidades antes de se tornarem planos. Ela viu a queda-d'água sobre o rochedo, o sol da tarde faiscando na água como um peixe dourado preso em uma rede azul. Eram montanhas belíssimas, mas duras. Não achava que pudessem perdoar muitos erros. Um pressentimento triste brotou em sua garganta. Adiante, a oeste, em Serra Nevada, os pioneiros, no episódio de Donner Party, viram-se cercados de neve e recorreram ao canibalismo como meio de sobrevivência. As montanhas não perdoavam muitos erros.

Com uma pisadela na embreagem e um solavanco, Jack passou a primeira, e começaram a subir, o motor do fusca batendo resolutamente.

- Você sabe - disse ela. - Não creio que tenha visto mais de cinco carros desde que ultrapassamos Sidewinder. E um deles era a limusine do hotel.

Jack assentiu.

- Vai direto ao Aeroporto de Stapleton, em Denver. Já há alguns sinais de neve para além do hotel, segundo Watson, e prevêem mais neve para amanhã. Qualquer um que

viaje pelas montanhas agora quer trafegar pela estrada principal, como garantia. Aquele desgraçado do Ullman... acho bom que ainda esteja lá em cima. Creio que estará.

- Tem certeza de que a despensa está cheia? - perguntou ela, ainda pensando nos pioneiros.

- Diz ele que sim. Gostaria de que Hallorann a examinasse com você. Hallorann é o cozinheiro.

- Oh - disse desanimada, olhando para o velocímetro. Caíra de 25 para 15 quilômetros por hora.

- Lá está o topo - disse Jack apontando. - Existe ali um mirante, de onde se pode ver o Overlook. Vou encostar e dar um descanso ao fusca. - Esticou o pescoço sobre seu ombro olhando para Danny, que estava sentado numa pilha de cobertores. - O que acha, doutor? Talvez vejamos algum cervo. Ou caribu.

- Claro, Papai.

O VW subiu, subiu. O velocímetro caía a pouco mais de oito quilômetros por hora e começava a engasgar, quando Jack encostou e puxou o freio de mão.

("O que diz aquela placa, Mamãe?" "MIRANTE" leu ela obediente.)

- Vamos - disse ele, saindo.

Caminharam juntos para a cerca de segurança.

- Eis aí - disse Jack, apontando para a paisagem.

Para Wendy, era como se estivesse descobrindo a verdade em clichê: faltou-lhe o ar. Estavam parados próximos ao topo de um pico. Do outro lado - ninguém sabe a que distância - uma montanha , ainda mais alta empinava-se no céu, com o cume recortado, apenas uma silhueta aureolada pelo sol que começava a se pôr. O vale estendia-se a seus pés, os aclives que haviam subido no fusca valente dissolviam-se com tal rapidez que ela sabia que, se olhasse para baixo por muito tempo, sentiria náuseas e vomitaria. A imaginação parecia criar vida para além do reino da razão, e olhar era ver inutilmente o âmago de cada um submergindo gradativamente, céu e encostas invertendo suas posições em lentas cambalhotas, o grito desgarrando-se da boca como um balão preguiçoso, enquanto o cabelo e o vestido revolviam-se...

Sua atenção foi desviada quase à força e acompanhou o dedo de Jack. Podia ver a estrada agarrada na encosta desta torre de catedral em caracol, mas sempre rumando a noroeste, ainda subindo, porém menos íngreme. Mais adiante, muito bem posto na encosta, viu os pinheiros rigidamente fixados darem lugar a um gramado muito verde tendo ao centro, contemplando tudo, o hotel. O Overlook. Ao vê-lo, tomou fôlego e

recuperou a voz.

- Oh, Jack, é esplêndido!

- É sim. Ullman diz que esse é o lugar mais lindo da América. Não lhe dou muito importância, mas creio que esteja... Danny! Danny, você está bem?

Wendy procurou por ela - a sua volta e, por incrível que fosse, a preocupação empanou tudo o mais. Correu rapidamente em sua direção. Danny segurava com força a cerca de segurança, admirando o hotel. O rosto pálido. Os olhos tinham o vazio de alguém à beira de um desmaio.

Ela ajoelhou-se a seu lado e calmamente pousou as mãos sobre seus ombros.

- Danny, o que...

Jack ao lado dela.

- Você está bem, doutor? - deu-lhe uma sacudidela e seus olhos se iluminaram.

- Estou bem. Papai. Estou bem.

- O que foi, Danny? - perguntou a mãe. - Ficou tonto, meu bem?

- Não, estava apenas... pensando. Desculpe. Não quis preocupar ninguém. - Olhou para os pais ajoelhados diante dele e sorriu um sorriso embaraçado. - Talvez tenha sido o sol. O sol nos meus olhos.

- Vamos levá-lo para o hotel e você vai beber um pouco d'água - disse o pai.

- Está bem.

E no fusca, que subia com mais segurança os aclives menos íngremes, Danny, no meio dos dois, olhava para fora; a estrada desenrolava-se, possibilitando vistas ocasionais do Overlook Hotel, o bloco maciço de janelas voltadas para oeste, refletindo o sol. Era o lugar que vira no meio da tempestade de neve, o lugar escuro do estrondo, onde uma criatura incrivelmente familiar procurava-o pelos corredores cobertos de mato. O lugar contra o qual Tony o havia alertado. Era aqui. Fosse o que fosse, REDRUM seria aqui.

9

DEIXANDO O HOTEL

Ullman esperava por eles por trás daquelas portas largas e antigas. Apertou a mão de

Jack e cumprimentou Wendy com um frio aceno de cabeça, talvez porque percebesse como os olhares a acompanhavam quando ela entrou no saguão; os cabelos louros caídos sobre os ombros do vestido simples tipo marinheiro. A bainha ia até alguns poucos centímetros acima do joelho, mas não era preciso ver-se mais para saber que se tratava de belas pernas.

Ullman foi caloroso apenas com Danny, mas Wendy já estava acostumada com aquele tipo de coisa. 'Danny era o tipo de criança de quem os adultos gostavam. Curvou-se e estendeu a mão para Danny. O menino apertou-a formalmente, e sem sorrir.

- Meu filho, Danny - disse Jack. - E minha mulher, Winnifred.

- Muito prazer em conhecê-los. Quantos anos você tem, Danny?

- Cinco, senhor.

- Senhor, ainda. - Ullman sorriu e lançou o olhar para Jack. - B muito bem-educado.

- Claro que é - disse Jack.

- E a Sra. Torrance. - Curvou-se diante dela também, e por um instante Wendy pensou que ele fosse beijar sua mão. Estendeu-a, e ele a tomou, mas, muito rapidamente, sua mão pousou entre as mãos dele. Mãos pequenas, secas, macias que a fizeram pensar que estivessem cheias de talco.

O saguão estava um alvoroço. Quase todas as cadeiras antigas de espaldar alto estavam tomadas. Carregadores, corriam de cá para lá com opalas e, na recepção, havia uma fila comandada por uma enorme caixa registradora. Os decalques de cartões de crédito nela colocados pareciam dissonantemente anacrônicos.

A sua direita, em direção a duas portas duplas abertas e isoladas por cordas, havia uma lareira antiga com o fogo ardendo. Três freiras estavam sentadas no sofá colocado praticamente dentro da lareira. Conversavam, e sorriam, tendo as malas amontoadas de cada lado, à espera de que a fila de pessoas que encerravam a conta diminuísse um pouco. Enquanto Wendy as observava, explodiram num coro de risadinhas, como se fossem adolescentes. Sentiu um sorriso aflorar em seus próprios lábios; nenhuma delas poderia ter menos de 60 anos.

Ao fundo, havia o constante zumbido da conversa, o tilintar em surdina da campainha prateada ao lado da caixa registradora, quando um dos dois funcionários de serviço a tocava, e os pedidos ligeiramente impaciente de "A frente, por favor." Vieram-lhe lembranças doces e profundas de sua lua-de-mel com Jack em Nova York, no Beekman Tower. Pela primeira vez, permitiu-se acreditar que aquilo era exatamente o que os três precisavam: uma temporada juntos, longe do mundo, uma espécie de lua-de-mel em família. Sorriu afetuosamente para Danny, que arregalava os olhos para tudo. Uma outra limusine, cinza como o colete de um banqueiro, encostara à entrada.

- O último dia da temporada - dizia Ullman. - Dia de encerramento. Sempre excitante. Esperava-os por volta das três, Sr. Torrance.

- Quis dar uma folga ao Volks, caso resolvesse ter um colapso nervoso - disse Jack. - Não teve.

- Que sorte - disse Ullman. - Gostaria de levar os três para um passeio por aí um pouco mais tarde, e é lógico que Dick Hallorann quer mostrar à Sra. Torrance a cozinha do Overlook. Mas receio que...

Um dos funcionários aproximou-se, afobado.

- Com licença, Sr. Ullman...

- Sim. O que é?

- E a Sra. Brant - disse o funcionário, constrangido. - Ela se recusa a pagar a conta com qualquer coisa que não seja o cartão de crédito do American Express. Disse-lhe que desde a última temporada não estamos mais aceitando o American Express, mas ela não... - Seus olhos fixaram-se na família Torrance e, em seguida, em Ullman. Encolheu os ombros.

- Deixe que cuido do assunto.

- Obrigado, Sr. Ullman.

O funcionário voltou à recepção, onde a intrépida mulher, empacotada num casaco longo de pele e num boá de penas negras, protestava em voz alta.

- Desde 1955 venho ao Overlook - dizia ela ao funcionário risonho e de ombros encolhidos. - Continuei a vir, até mesmo depois da morte de meu segundo marido, vítima de um infarto naquela quadra enfadonha de rogue... eu lhe disse que o sol estava muito quente naquele dia... e nunca... repito: nunca... paguei com coisa alguma que não fosse meu cartão de crédito do American Express. Se quiser, pode chamar a polícia! Eles que me arrastem! E ainda assim me recusarei a pagar com algo diferente do meu cartão de crédito do American Express. Repito...

- Com licença - disse Ullman.

Observaram-no cruzar o saguão, segurar com deferência o braço da Sra. Brant, estender as mãos e curvar a cabeça, quando ela se voltou para ele com o longo discurso de crítica. Ullman ouviu-a complacentemente, inclinou a cabeça mais uma vez, e retrucou alguma coisa. A Sra. Brant sorriu triunfante, voltou-se para o infeliz funcionário e disse em voz alta:

- Graças a Deus, existe um empregado neste hotel que ainda não se transformou completamente num filisteu.

Consentiu que Ullman, que dificilmente chegava à altura do volumoso ombro do casaco de pele, lhe tomasse o braço e a levasse a outro lugar, provavelmente seu escritório.

- Ora vejam! - disse Wendy, sorrindo. - Lá está o janota que sabe ganhar dinheiro.

- Mas ele não gostou daquela senhora - disse Danny, imediatamente. - Estava fingindo que gostava dela.

Jack sorriu-lhe malicioso.

- Estou certo de que sim, doutor. Mas a lisonja é a mola mestra do mundo.

- O que é lisonja?

- Lisonja - disse-lhe Wendy - é quando seu pai diz que gosta de minhas novas calças amarelas, mesmo não gostando, ou então quando diz que não preciso perder uns quilinhos.

- Já sei. Uma mentirinha de brincadeira?

- Qualquer coisa desse tipo.

Olhou-a mais de perto e disse:

- Você é bonita, Mamãe. - E franziu as sobrancelhas confuso, quando os pais se entreolharam e explodiram numa gargalhada.

- Ullman não desperdiçou muita lisonja comigo - disse Jack. - Venham até a janela. Sinto-me desconcertado parado aqui assim, com este paletó. Francamente não pensei que houvesse muita gente por aqui em dia de encerramento de temporada. Acho que errei.

- Você está bonito - disse ela, e riram novamente; Wendy pondo a mão na boca. Danny ainda não entendia, mas paciência. Estavam-se amando. Danny pensou que este lugar lembrava à mãe um outro

(o Beekman Tower)

onde ela fora feliz. Seria bom que gostasse tanto dali quanto, ela gostava, mas dizia a si próprio, repetidamente, que nem sempre ò que Tony dizia se realizava. Tomaria cuidado. Prestaria atenção a alguma coisa chamada REDRUM. Mas não diria absolutamente nada, a menos que fosse forçado. Por estarem felizes, riam, e não tinham maus pensamentos.

- Olhem só a paisagem - disse Jack.

- Oh, é deslumbrante! Veja, Danny.

Mas Danny particularmente não achava tão deslumbrante. Não gostava de alturas; ficava tonto. Adiante da ampla varanda da frente que abrangia toda a extensão do hotel, um belo gramado, bem tratado (havia um arbusto à direita), acompanhava a rampa que levava a uma grande piscina retangular. Um aviso de FECHADO estava sobre um tripé numa das extremidades da piscina; Fechado era um aviso que conseguia ler, assim como Pare, Saída, Pizza, e alguns outros.

Adiante da piscina um caminho de cascalho serpenteava por entre pinheirinhos, abetos e álamos. Havia aqui uma placa que não conhecia: ROQUE. Havia uma seta embaixo.

- O que é R-O-Q-U-E, Papai?

Piscou-lhes o olho, como se estivesse voltando de muito longe. - Elas crescem, Danny, e perdem sua forma. Preciso então aparar-lhes uma ou duas vezes por semana, até que com o frio param de crescer o resto do ano.

- E há um playground, também - disse Wendy. - Meu menino felizardo.

O playground ficava depois da topiaria. Dois escorregas, um conjunto de seis balanços de diferentes alturas, gangorras, um túnel de manilhas, uma caixa de areia e uma casa de bonecas que era uma réplica do próprio Overlook.

- Está gostando, Danny? - perguntou Wendy.

- Claro que sim - disse ele na esperança de parecer mais entusiasmado do que estava na realidade. - É bacana.

Adiante do playground havia uma imperceptível cerca de arame, depois dali, a estrada larga, pavimentada que levava ao hotel, e, mais além, o vale estendendo-se sob a neblina azul da tarde. Danny não conhecia a palavra isolamento, mas se alguém a tivesse explicado aceitaria. Lá embaixo, deitada ao sol como uma longa cobra negra, que decidira tirar uma soneca por algum tempo, estava a estrada de volta a Boulder, que, conseqüentemente, passava pelo Desfiladeiro de Sidewinder. A estrada que ficaria fechada por todo o inverno. Sentiu-se um pouco sufocado com o pensamento, e quase saltou, quando o pai colocou as mãos sobre seus ombros.

- Vou comprar o refrigerante assim que puder, doutor. Estão um pouco ocupados agora.

- Claro, Papai.

A Sra. Brant saiu do escritório com um ar de triunfo. Minutos depois, dois carregadores

debatendo-se em meio a oito malas seguiam-na da melhor maneira possível, enquanto ela transpunha a porta triunfalmente. Danny olhava pela janela um homem de uniforme cinza e boné como um capitão do Exército, que havia trazido o grande carro prateado até a porta e saltara. O homem tirou o chapéu para a mulher- e correu para abrir o porta-malas.

E num desses lampejos que às vezes vinham, visualizou-a por completo, um pensamento vagava em meio ao burburinho de emoções e cores que, em geral, se apossavam dele em lugares movimentados.

(gostaria de entrar-lhe calça adentro)

Danny franziu as sobrancelhas, enquanto os carregadores colocavam a bagagem no porta-malas. Ela olhava fixamente para o homem de uniforme cinza, que supervisionava o carregamento. Por que queria a calça daquele homem? Estaria com frio, mesmo metida naquele longo casaco de pele? E se estava com tanto frio, por que não colocara sua própria calça? Mamãe usava calça praticamente todo o inverno.

O homem de uniforme cinza fechou o porta-malas e voltou para ajudá-la a entrar no carro. Danny observou mais de perto para ver se a mulher diria alguma coisa sobre a calça dele mas ela apenas sorriu e lhe deu uma nota de um dólar - uma gorjeta. Minutos depois, guiava o grande carro prateado estrada abaixo.

Pensou em perguntar à mãe por que razão poderia a Sra. Brant querer a calça do homem do carro, mas resolveu não dizer nada. Perguntas, às vezes, metiam-no em confusão. Já acontecera antes.

Ao invés disso, espremeu-se entre os dois no pequeno sofá, olhando para as pessoas que iam embora. Estava contente por Mamãe e Papai estarem felizes e se amando, mas não podia ignorar sua preocupação. Não podia.

10

HALLORANN

O cozinheiro não correspondia em nada à imagem que Wendy tinha do personagem da cozinha de um balneário. Para começar, tal personagem era chamado chef, nada tão pejorativo como cozinheiro - cozinhar era o que ela fazia na cozinha do apartamento, quando jogava as sobras num pirex untado e acrescentava macarrão. Além disso, o especialista em culinária de um lugar como o Overlook, que anunciava na seção de balneários do New York Times de domingo, deveria ser baixo, gordo e pálido (como um pedaço de massa); deveria ter um bigode fino como os astros de comédias da década de quarenta, olhos escuros, sotaque francês e uma personalidade detestável.

Disso tudo Hallorann só tinha os olhos negros. Era um homem negro, alto, com um discreto penteado afro, que começava a esbranquiçar. Tinha um leve sotaque de sulista e ria muito exibindo dentes muito brancos e uniformes que só poderiam ser urna dentadura da Sears, safra de 1950. O pai de Wendy tivera um par, que chamava de Roebuckers, e por vezes, olhando para ela, pressionava-a para fora comicamente, à mesa do jantar... sempre, lembrava-se Wendy agora, quando a mãe estava na cozinha apanhando alguma coisa ou falando ao telefone.

Danny arregalou os olhos diante do gigante negro vestido de azul, e sorriu quando Hallorann carregou-o com facilidade, e colocou-o nos braços, dizendo:

- Você não vai ficar bobeando por aqui o inverno todo, não é?

- Vou sim - disse Danny, com um sorriso tímido.

- Não, você vai comigo para St. Pete e vai aprender a cozinhar, vai à praia toda noite procurar caranguejos. Certo?

Danny deu uma risada encantado e balançou a cabeça como se dissesse não. Hallorann colocou-o no chão.

- Se vai mudar de idéia - disse Hallorann, inclinando-se sobre ele muito sério - é melhor se apressar. Em 30 minutos catou em meu carro. Duas horas e meia depois estou sentado na sala de espera do Portão 32 do Aeroporto Internacional de Stapleton, pelas bandas de Denver, Colorado. Três horas depois disso, estou alugando um carro no Aeroporto de Miami a caminho da ensolarada St. Pete, esperando meter-me em meu calção e dando uma banana para todo mundo preso na neve. Entendeu, meu rapaz?

- Sim, senhor - disse Danny, sorrindo.

Hallorann voltou-se para Jack e Wendy.

- Parece um bom menino.

- Achamos que ele vai topar - disse Jack, estendendo a mão. Hallorann apertou-a. - Sou Jack Torrance. Minha mulher Winnifred. Danny você já conhece.

- E foi um prazer. Como é moça, você é Winnie ou Freddie?

- Sou Wendy - disse ela, sorrindo.

- Muito bem. Antes isso. Por aqui. O Sr. Ullman quer que façam uma excursão, e é exatamente o que vamos fazer. - Sacudiu a cabeça e murmurou entre dentes. - Perguntem se estou feliz em vê-lo pela última vez.

Hallorann começou o passeio pela maior cozinha que Wendy já vira em toda sua vida.

Recendia a limpeza. Todas as superfícies polidas. Era algo mais além de grande; era intimidante. Caminhava ao lado de Hallorann, enquanto Jack, totalmente desambientado, retraía-se um pouco com Danny. Um suporte comprido de madeira com instrumentos cortantes que iam de facas a talhadores de dois dentes, junto a quatro pias. A tábua de pão era tão grande quanto a mesa de cozinha do apartamento de Boulder. Um impressionante desfile de potes e panelas de aço inoxidável pendurados do chão ao teto, cobrindo toda uma parede.

- Acho que vou ter que deixar um rastro de migalhas de pão toda vez que vier aqui - disse ela.

- Não se deixe impressionar - disse Hallorann. É grande mas, ainda assim, é só uma cozinha. A maioria das coisas você não irá sequer tocar. Mantenha-a limpa, é tudo o que peço. Aqui está o fogão que eu usaria, se fosse você. Há, ao todo, três, mas este é o menor.

Menor, pensou ela distante, olhando para o fogão. Tinha doze bocas, dois fornos comuns e um holandês, uma chapa para cozinhar molhos ou feijão, uma grelha e um aquecedor... mais um milhão de mostradores e medidores.

- Tudo a gás - falou Hallorann. - Já cozinhou com gás, Wendy?

- Já...

- Adoro gás - disse ele abrindo uma das bocas. Uma chama azul explodiu e ele ajustou-a para vermelho com um leve toque. Gosto de ver a chama com que se cozinha. Está vendo onde os acendedores estão?

- Sim.

- E os mostradores do forno estão marcados. Eu, por mim, prefiro o do meio porque assa mais por igual, mas você usa o que achar melhor... ou os três, se quiser.

- Um pacote de comida congelada em cada um - disse Wendy, sorrindo.

Hallorann deu uma gargalhada.

- Se gostar, tudo bem. Deixei perto da pia uma lista do que há para comer. Está vendo?

- Aqui, Mamãe! - Danny trouxe duas folhas de papel, escritas dos dois lados.

- Bom menino - disse Hallorann pegando os papéis e passando a mão na cabeça da criança. - Tem certeza de que não quer ir para a Flórida comigo rapaz? Aprender a cozinhar o camarão mais delicioso deste lado do paraíso?

Danny colocou as mãos na boca dando uma risadinha, e se retirando para o lado do pai.

- Vocês três têm comida para um ano, acho eu - disse Hallorann. - Temos uma despensa, um congelador, um depósito de legumes e duas geladeiras. Venham, vou mostrar-lhes.

Durante os dez minutos seguintes, Hallorann abriu depósitos e portas, exibindo quantidades de comida que Wendy nunca vira. O estoque de comida impressionou-a, mas não a tranqüilizou tanto quanto imaginara: a história dos pioneiros canibais voltava-lhe à mente, não como idéia fixa de canibalismo (com toda essa comida certamente levaria tempo até que chegassem a comer um ao outro), mas imaginando que isto era realmente um negócio muito sério: quando a neve caísse, sair daqui não seria questão de uma viagem de uma hora a Sidewinder, mas uma operação bem mais complicada. Sentar-se-iam neste grande hotel deserto, comendo a comida que tinha sido deixada, como personagens de uma fábula, ouvindo 0 vento amargo no telhado cercado de neve. Em .Vermont, quando Danny quebrara o braço

(quando Jack quebrara o braço de Danny)

chamara o serviço médico de urgência, discando o número que havia num cartão colado ao telefone. Dez minutos depois, estavam em sua casa. Havia outros números escritos naquele cartãozinho. Em cinco minutos, lá estaria o carro de polícia, e o caminhão de bombeiros em menos tempo ainda, pois o Corpo de Bombeiros ficava a três quarteirões de sua casa. Havia alguém a quem chamar no caso de falta de luz, ou no caso de o chuveiro enguiçar, ou de a televisão pifar. Mas, como seria aqui se Danny tivesse um de seus desmaios e enrolasse a língua?

(oh Deus que pensamento!)

E se o lugar pegasse fogo? E se Jack caísse no poço do elevador e fraturasse o crânio? E se...?

(e se tivessem uma temporada maravilhosa? Agora pare com isso, Winnifred!)

Hallorann mostrou-lhes o congelador em primeiro lugar, onde encheram os pulmões como balões de histórias em quadrinhos. No congelador era como se o inverno já tivesse chegado.

Hambúrgueres em grandes sacos plásticos, cinco quilos em cada saco, doze sacos ao todo. Quarenta galinhas penduradas por ganchos enfileirados nas paredes revestidas de madeira. Presuntos enlatados empilhados como fichas de pôquer, uma dúzia deles. Abaixo das galinhas, dez mantas de carne assada, dez de porco assado e um imenso quarto de carneiro.

- Gosta de carneiro, doutor? - perguntou Hallorann, sorrindo malicioso.

- Adoro - respondeu Danny, imediatamente. Nunca comera.

- Eu sabia que você gostava. Não há nada como duas boas fatias de carneiro com geléia de menta numa noite fria. Aqui também tem geléia de menta. Carneiro faz bem ao estômago. Não é um tipo de carne muito procurada.

Por trás deles, Jack disse curioso:

- Como sabia que o chamávamos doutor?

Hallorann voltou-se.

- Sim?

- Danny. Às vezes o chamamos doutor. Como nos quadrinhos.

- Ele parece um doutor, não parece? - Franziu o nariz para Danny, estalou os lábios e disse: - Ehhh, o que há de novo, doutor?

Danny deu uma risadinha, e então Hallorann disse alguma coisa

(Tem certeza de que não quer ir para a Flórida, doutor?)

para ele, muito claramente. Ouviu cada palavra. Olhou para Hallorann, chocado e um pouco apavorado. Hallorann piscou misterioso e voltou-se para a comida.

Por trás das costas largas do cozinheiro, Wendy olhou o filho. Tinha a estranha sensação de que alguma coisa se passara entre eles, alguma coisa que não conseguira captar.

- Há doze pacotes de lingüiça, doze de bacon. De porco é só. Nesta gaveta, dez quilos de manteiga.

- Manteiga mesmo? - perguntou Jack.

- De primeiríssima qualidade.

- Acho que não como manteiga de verdade desde minha infância em Berlim, Nova Hampshire.

- Bem, aqui você vai comer até se fartar - disse Hallorann, rindo. - Aqui neste depósito vocês têm o pão... 30 fôrmas brancas, 20 de pão preto. Tentamos manter o equilíbrio racial, sabe? Reconheço que 50 fôrmas não são muito, mas há ingredientes suficientes, e pão fresco é melhor do que o congelado em qualquer dia da semana.

- Aqui vocês têm o peixe. Comida para o cérebro, certo, doutor?

- E, Mamãe?

- Se o Sr. Hallorann está dizendo, meu bem. - Ela sorriu. Danny franziu o nariz.

- Não gosto de peixe.

- Está profundamente enganado - disse Hallorann. - Nunca comeu nenhum peixe que gostasse de você. Estes peixes aqui vão gostar à beça de você. Dois quilos e meio de truta furta-cor, cinco quilos de rodovalho, quinze latas de atum...

- Ah sim, gosto de atum.

-... e dois quilos e meio da solha mais deliciosa que já nadou no mar. Meu filho, quando a primavera chegar, você vai agradecer ao velho... - Estalou os dedos como se tivesse esquecido alguma coisa. - E agora? Qual é mesmo o meu nome? Acho que escapuliu de minha cabeça.

- Sr. Hallorann - disse Danny com uma risadinha. - Dick, para os íntimos.

- Isso mesmo! E sendo amigo, você pode chamar-me de Dick.

Enquanto eram levados para o outro lado, Jack e Wendy trocaram um olhar confuso, ambos tentando lembrar se Hallorann havia dito seu primeiro nome.

- E este aqui eu coloco em lugar especial - disse Hallorann. - Espero que gostem.

- Oh! Na realidade, não deveria - disse Wendy comovida. - Era um peru de dez quilos enrolado numa tira larga vermelha com um laço em cima.

- Têm que ter peru para o Dia de Ação de Graças, Wendy - disse Hallorann muito sério. - Acho que há algum capão por aí para o Natal. Com certeza, vocês vão topar com ele. Vamos sair daqui antes que a gente apanhe uma pneumonia. Certo, doutor?

- Certo!

Havia mais maravilhas na despensa fria. Uma centena de caixas de leite em pó (Hallorann advertiu Wendy que comprasse leite fresco para a criança em Sidewinder até quando fosse possível), tinha quilos de açúcar, um garrafão de melado, cereais, arroz, macarrão, espaguete; filas de latas de compotas de frutas e salada de frutas; uma caixa de maçãs frescas que faziam o lugar recender a outono; passas, ameixas e damascos ("Você tem que ser controlada, se quiser ser feliz", disse Hallorann, dando uma gargalhada para o teto da despensa fria, onde uma lâmpada antiga estava pendurada por uma corrente); um caixote fundo cheio de batatas; e um esconderijo pequeno de tomates, cebolas, nabos, abobrinhas e repolhos.

- Minha opinião - disse Wendy, enquanto saíam. Mas ao ver toda aquela quantidade de comida fresca, comparada a seu orçamento para mercearia, ficou tão atordoada que nem

pôde dizer qual era sua opinião.

- Estou um pouco atrasado - disse Hallorann olhando o relógio. - Deixarei vocês então darem uma passada pelos armários e geladeiras depois de acomodados. Temos queijos, leite condensado, fermento, bicarbonato, tortas, alguns cachos de bananas que não estão sequer perto de ficarem maduras...

- Chega - disse ela, levantando a mão e rindo. - Não vou conseguir nunca me lembrar de tudo. É formidável. E prometo deixar tudo limpo.

- É tudo o que peço. - Voltou-se para Jack. - O Sr. Ullman desfiou-lhe o rosário sobre os ratos da torre?

Jack deu uma risadinha.

- Disse ele que possivelmente existem alguns no sótão, e o Sr. Watson falou que pode ser que haja outros no porão. Deve haver umas duas toneladas de papel por lá, mas não vi nada roído para ninhos.

- Aquele Watson - disse Hallorann, sacudindo a cabeça fingindo tristeza. - Ele não é o cara mais idiota que já se viu?

- Ele é uma figura - concordou Jack. - O próprio pai era um grande idiota:

- É uma pena - disse Hallorann, levando-os em direção às portas giratórias que davam para a sala de jantar do Overlook. A família tinha dinheiro, há muito tempo. O avô ou bisavô de Watson... não me lembro..., construiu este lugar.

- Foi o que eu soube - disse Jack.

- O que aconteceu? - perguntou Wendy.

- Bem, não souberam fazer a coisa andar - falou Hallorann. - Watson vai contar-lhe a história toda... duas vezes ao dia, se você deixar. O velho ficou doido neste lugar. Deixou-se abater, eu acho. Tinha dois filhos, e um morreu num acidente quando montava na propriedade à época em que o hotel ainda era apenas um prédio. Isto talvez tenha sido em 1908 ou 9. A mulher morreu de uma gripe, e então restaram só o velho e o filho mais novo. Terminaram como zeladores do hotel que o velho construíra.

- É uma pena - disse Wendy.

- O que aconteceu com ele? O velho? - perguntou Jack.

- Enfiou o dedo numa tomada, por descuido, e esse foi seu fim - respondeu Hallorann. - Por volta do início da década de trinta, antes que a Depressão fechasse o hotel por dez anos. De qualquer forma, Jack, gostaria que você e sua mulher ficassem atentos para os

ratos na cozinha, também. Caso vejam... ratoeiras. Veneno não.

Jack piscou.

- Claro. Quem é que colocaria veneno para ratos na cozinha.

Hallorann riu zombeteiramente.

- Sabe quem? O Sr. Ullman. Foi sua brilhante idéia no outono passado. Ponderei com ele: "O que me diz se, no próximo mês de maio, chegarmos aqui, e eu servir o tradicional jantar de abertura"... que sempre coincide ser salmão com um molho muito bonito... "e todo mundo ficar doente, e o médico chegar aqui e disser: `Ullmann, o que é que você tem feito por aqui? Temos oitenta dos caras mais ricos da América envenenados com remédio para ratos.' "

Jack jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada alta:

- O que é que Ullman disse?

Hallorann enrolou a língua como que sentindo um pouco de comida no canto da boca.

- Ele disse: "Apanhe umas ratoeiras, Hallorann."

Neste momento, todos riram, até Danny, apesar de não ter entendido muito bem a piada, exceto o fato de ter alguma coisa a ver com o Sr. Ullman, que, afinal de contas, não era o dono da verdade.

Os quatro passaram à sala de jantar, agora vazia e silenciosa, com sua maravilhosa vista para os picos polvilhados de neve. Cada toalha branca de linho fora coberta com um pedaço de um resistente plástico transparente. O tapete, agora enrolado, em pé, no canto, como uma sentinela.

Do outro lado da sala larga, uma porta vaivém dupla, e em cima delas uma placa antiga escrita em letras douradas: Salão Colorado.

Com o olhar fixo, Hallorann disse:

- Se gosta de beber, espero que tenha trazido suprimento próprio. Esse lugar está limpo, não há absolutamente nada. Festa dos empregados ontem à noite, sabe? Tudo quanto é camareira e carregador está por aí hoje com dor de cabeça, inclusive eu.

- Não bebo - disse Jack objetivo. Voltaram ao saguão.

Esvaziara bastante durante a meia hora que passaram na cozinha. A grande sala principal começava a ficar em silêncio, com ar de deserta, e Jack supôs que fosse logo se habituar com isso. As cadeiras de espaldar alto estavam vazias. As freiras que tinham

estado sentadas perto da lareira tinham ido embora, e o próprio fogo caíra numa confortável cama de carvão incandescente. Wendy olhou para o estacionamento, e viu que todos os carros, excluindo cerca de uma dúzia, haviam desaparecido. Surpreendeu-se desejando tomar o VW e voltar para Boulder... ou qualquer outro lugar.

Jack procurava por Ullman, mas ele não estava no saguão.

Uma empregada jovem, com o cabelo louro-acinzentado preso, aproximou-se.

- Sua bagagem está no portão, Dick.

- Obrigado, Sally. - Deu-lhe um beijo ligeiro na testa. Aproveite o inverno. Vai-se casar, ouvi dizer por aí.

Voltou-se para os Torrances, enquanto ela andava, rebolando atrevida.

- Tenho que ir chegando, se quiser apanhar o avião. Desejo-lhes boa sorte. Tenho certeza de que terão.

- Obrigado - disse Jack. - Você foi muito gentil.

- Vou tomar conta de sua cozinha - prometeu Wendy mais uma vez. - Divirta-se na Flórida.

- Divirto-me sempre - disse Hallorann. Colocou as mãos nos joelhos e curvou-se para Danny. - Última chance, rapaz. Quer ir para a Flórida?

- Acho que não - respondeu Danny, sorrindo.

- OK. Quer dar-me uma ajuda levando as malas para o carro?

- Se Mamãe deixar.

- Pode ir - falou Wendy. - Mas tem que abotoar- o casaco. - Curvou-se para fazê-lo, mas Hallorann tomou-lhe a frente, os dedos grandes movimentando-se com suave destreza.

- Daqui a pouco o devolvo - disse Hallorann.

- Muito bem - concordou Wendy, seguindo-os até a porta. Jack ainda procurava por Ullman. Os últimos hóspedes do Overlook fechavam a conta na recepção.

11

A LUZ

Havia uma pilha de quatro malas bem à porta. Três eram enormes, malas velhas e gastas cobertas com uma imitação de couro escuro de jacaré. A última era uma imensa sacola xadrez, desbotada, fechada por zíper.

- Você agüenta aquela, não agüenta? - Hallorann perguntou. Pegou duas das malas grandes e segurou a outra debaixo do braço.

- Claro - disse Danny. Agarrou-a com as duas mãos e seguiu o cozinheiro pelos degraus da varanda, tentando corajosamente não gemer, e disfarçar o peso que carregava.

Um vento frio e cortante de outono batia desde que chegaram; assobiava no estacionamento, fazendo Danny apertar os olhos, enquanto carregava a mala de zíper a sua frente, batendo-a contra os joelhos. Umas poucas folhas soltas de álamo chocalhavam e reviravam no asfalto então deserto, fazendo Danny pensar momentaneamente naquela noite da semana passada, quando acordara no meio do pesadelo e ouvira - ou pelo menos imaginara ouvir - Tony lhe dizendo para não ir.

Hallorann colocou as malas junto ao porta-malas de um Plymouth bege.

- Este é alugado. O meu Bessie está do outro lado. Aquilo sim é um carro. Um Cadillac 50, e como roda! Pode ter certeza. Está guardado na Flórida porque é muito velho para estas subidas todas. Quer uma ajuda?

- Não senhor - disse Danny. Conseguiu carregá-la os últimos 10 ou 12 passos sem gemer e colocá-la no chão com um grande suspiro de alívio.

- Muito bem - falou Hallorann. Mexeu com as chaves dentro do bolso da jaqueta azul e abriu o porta-malas. Levantando as malas disse: - Você é iluminado, garoto. Mais do que qualquer outro que já conheci em minha vida. E veja que vou completar sessenta anos em janeiro próximo.

- Hum?

- Você é especial - disse Hallorann, voltando-se para ele. - Sempre chamei isto de luz interior. Era como minha avó chamava, também. Ela tinha. Costumávamos sentar na cozinha quando eu era um menino da sua idade, e tínhamos longas conversas sem sequer abrir a boca.

- É mesmo?

Hallorann sorriu ao ver Danny boquiaberto, com uma expressão quase faminta e disse:

- Venha e entre no carro comigo um pouco. Quero conversar com você.

Bateu a tampa do porta-malas.

No saguão do Overlook, Wendy Torrance viu o filho entrar no carro de Hallorann e sentar-se no banco ao lado do motorista. Uma pontada aguda de medo atingiu-a, e abriu a boca para dizer a Jack que Hallorann não mentira quanto ao fato de levar seu filho para a Flórida... havia um seqüestro em ação. Mas os dois ficaram apenas sentados lá. Dificilmente enxergava o contorno da cabeça do filho, voltada atentamente para a cabeça grande de Hallorann. Mesmo a distância, ela reconhecia o jeito daquela cabecinha ... era assim que o filho ficava quando assistia na televisão a alguma coisa que o fascinava, ou quando ele e o pai jogavam cartas. Jack, que estava ainda procurando Ullman, não percebera. Wendy ficou calada, observando, nervosa, o carro de Hallorann, imaginando sobre o que poderiam estar falando, o que seria capaz de fazer Danny levantar a cabeça daquela maneira.

No carro, Hallorann dizia:

- Não se sente sozinho, pensando que é o único?

Danny, que estivera amedrontado e por vezes se sentira só, aquiesceu.

- Sou o único que o senhor já viu? - perguntou.

Hallorann riu e sacudiu a cabeça.

- Não, criança, não. Mas você é c mais iluminado.

- Há muitos, então?

- Não - disse Hallorann -, mas você realmente os ultrapassa. Uma porção de gente tem um pouquinho dessa luz interior. Não sabem, mas sempre aparecem com flores quando as esposas estão angustiadas com suas menstruações, fazem boas provas na escola sem terem sequer estudado, sentem as pessoas logo que chegam. Já topei com uns cinqüenta ou sessenta indivíduos assim. Mas talvez só uma dúzia, contando minha avó, sabia que era iluminado.

- Puxa - disse Danny, e pensou sobre o assunto. E depois: - O senhor conhece a Sra. Brant?

- Ela? - Hallorann perguntou com desprezo. - Ela não é iluminada. Simplesmente devolve o jantar duas ou três vezes toda noite.

- Sei que não - disse Danny, seriamente. - Mas você conhece o homem de uniforme cinza que apanha os carros?

- Mike? Claro que conheço Mike. Por quê?

- Sr. Hallorann, por que poderia ela querer a calça dele?

- De que você está falando, menino?

- Bem, quando olhava para ele, ela pensava que gostaria mesmo de entrar-lhe calça adentro, e fico pensando por que...

Mas não foi adiante. Hallorann jogou a cabeça para trás, e uma gargalhada cheia saiu de seu peito, ressoando no carro como um canhão. O banco balançou com a força. Danny sorriu, confuso, e finalmente a tempestade cessou aos poucos. Hallorann puxou um lenço grande de seda do bolso da camisa, como uma bandeira de paz, e enxugou os olhos.

- Menino - disse ele ainda bufando - você vai saber tudo sobre a condição humana antes de completar 10 anos. Não sei se devo invejá-lo.

- Mas a Sra. Brant...

- Não se incomode com ela - disse o cozinheiro. - E também não vá começar a fazer perguntas a sua mãe. Você só a deixaria triste.

- Sim, senhor - disse Danny. Entendera, muito bem. Já entristecera sua mãe antes.

- Aquela tal de Sra. Brant é apenas uma sem-vergonha ardendo em desejo, é tudo o que precisa saber. - Olhou, pensativo, para Danny. - Até onde consegue ir, rapaz?

- Hum?

- Mande-me uma carga. Pense em mim. Quero ver se você tem tanto quanto imagino.

- Pensar em quê?

- Em qualquer coisa. Pense com força.

- OK - disse Danny. Refletiu por um momento, e então concentrou-se e dirigiu sua concentração para Hallorann. Nunca fizera nada semelhante e, no último instante, uma parte instintiva de si veio à tona e abrandou a força bruta do pensamento... não queria magoar o Sr. Hallorann. Ainda assim, o pensamento disparou para fora de si com uma força que nunca teria acreditado. Foi como um arremesso de Nolan Ryan," um pouco mais forte.

* Nolan Ryan - jogador americano de beisebol.

(Deus, espero não machucá-lo)

E o pensamento foi:

(! ! ! OI, DICK ! ! !)

Hallorann tremeu e sacudiu-se no banco. Os dentes trincaram com um estalido forte, arrancando algumas poucas gotas de sangue do lábio inferior. Por um momento, suas pálpebras tremeram involuntariamente, e Danny sentiu medo.

- Sr. Hallorann? Dick? O senhor está bem?

- Não sei - falou Hallorann, dando uma risada fraca. Honestamente não sei. Meu Deus, menino, você é como um raio.

- Sinto muito - disse Danny, alarmado. - Quer que eu chame Papai? Vou correndo buscá-lo.

- Não, aqui estou eu. Estou bem, Danny. Fique sentadinho aí. Estou-me sentindo um pouco tonto, é só.

- Não fiz com tanta força - confessou Danny. - Fiquei com medo, no último instante.

- Sorte minha você não... do contrário, meus miolos sairiam pelos ouvidos. - Viu o rosto alarmado de Danny e sorriu. - Não foi nada. Como se sentiu?

- Como se fosse Nolan Ryan arremessando uma bola com força - respondeu.

- Você gosta de beisebol, não gosta`. - Hallorann esfregava a testa cautelosamente.

- Papai e eu torcemos pelo Angels. O Red Sox no Campeonato Americano do Leste, e os Angels, no Oeste. Assistimos ao jogo do Red Sox contra o Cincinnati no Campeonato Mundial. Eu era muito menor. E Papai estava...

O rosto de Danny ficou sombrio e agitado.

- Estava o que, Dan?

- Eu esqueço - disse Danny. Colocou o dedo na boca e começou a chupá-lo, mas esta era uma artimanha de criança. Colocou as mãos sobre as pernas novamente.

- Consegue dizer em que sua mãe e seu pai estão pensando Danny? - Hallorann o observava de perto.

- Na maioria das vezes, se eu quiser. Mas geralmente eu não tento.

- Por que não?

- Bem... - fez um minuto de pausa, agitado. - Seria como espreitar pelo quarto enquanto eles estão fazendo aquela coisa que faz bebês. Conhece aquela coisa?

- Já ouvi falar - respondeu Hallorann, muito sério.

- Não gostariam. E não gostariam de me ver espreitando seus pensamentos. Seria sujeira.

- Entendo.

- Mas sei como se sentem - falou Danny. - Não posso fazer nada. Sei também como você se sente. Machuquei-o. Desculpe-me.

- É só uma dor de cabeça. Já tive ressacas piores. Consegue ler o pensamento de outras pessoas, Danny?

- Não sei ler ainda, a não ser algumas palavras. Mas, neste inverno, Papai vai ensinar-me. Papai ensinava composição e leitura numa escola grande. Mais escrita, mas ele entende de leitura também.

- Eu pergunto, se você consegue dizer o que alguém está pensando.

Danny pensou.

- Consigo se for alto - disse o garoto, finalmente. - Como no caso da Sra. Brant e a calça. Ou como uma vez, quando Mamãe e eu estávamos numa loja grande para comprar sapatos para mim, e havia um menino grande olhando para os rádios e ele pensava em levar um, sem comprar. Depois o menino pensava no que ia acontecer, se fosse apanhado. Depois, ele pensava que realmente queria o rádio. Depois, pensava novamente em ser apanhado. Ele estava ficando doente e me fazendo doente. Mamãe estava conversando com o homem que vende os sapatos, e então fui até lá e disse: "Garoto, não leve esse radio. Vá embora!" E ele ficou com medo mesmo. Foi embora depressa.

Hallorann abriu-se num largo sorriso.

- Aposto como foi mesmo. Consegue fazer mais alguma coisa, Danny? São só pensamentos e sensações, ou há mais alguma coisa?

Com cautela:

- Acontecem outras coisas com o senhor?

- Às vezes - disse Hallorann. - Nem sempre. .4s vezes... às vezes há sonhos. Você sonha, Danny?

- Às vezes, sonho quando estou acordado. Depois que Tony aparece. - O dedo queria entrar pela boca mais uma vez. Nunca comentara com ninguém a respeito de Tony, a

não ser com a mãe e o pai. Fez a mão voltar para o colo.

- Quem é Tony?

E de repente, Danny teve um daqueles lampejos de compreensão que mai. o apavoravam; era como a aparição rápida e repentina de uma máquina estranha que podia salvar ou podia ser mortal. Era muito jovem para saber qual. Era muito jovem para entender.

- Há alguma coisa errada? - gritou. - Está-me perguntando tudo isso, porque está preocupado, não está? Por que se preocupa comigo? Por que se preocupa conosco?

Hallorann pôs suas mãos grandes e negras sobre os ombros do menino.

- Pare - disse o cozinheiro. - Talvez não seja nada. Mas se é alguma coisa... bem, você tem uma coisa muito grande em sua cabeça, Danny. Você ainda tem que crescer muito para poder compreender, eu acho. Tem que ser corajoso.

- Mas eu não entendo as coisas! - explodiu Danny. - Entendo, mas não entendo. As pessoas... sentem coisas, e eu sinto, mas não sei o que sinto! - Olhou, triste, para o colo. - Quem dera eu soubesse ler. Às vezes, Tony me mostra placas e dificilmente consigo ler qualquer uma delas.

- Quem é Tony? - perguntou Hallorann novamente.

- Mamãe e Papai dizem que ele é meu "amigo invisível" respondeu Danny, recitando as palavras com cuidado. - Mas ele é verdadeiro mesmo. Pelo menos, eu acho que é. Às vezes, quando me esforço para entender as coisas, ele vem. E diz: "Danny, quero mostrar-lhe uma coisa." E é como se eu desmaiasse. Só que... tenho sonhos, como você disse. - Olhou para Hallorann e engoliu. - Costumavam ser bons. Mas agora... não me lembro da palavra que se usa para os sonhos que apavoram e fazem a gente chorar.

- Pesadelos? - perguntou Hallorann.

- Sim. Isso mesmo. Pesadelos.

- Com este lugar? Com o Overlook?

Danny olhou para o dedo novamente.

- Sim - sussurrou. Depois, começou a filar com voz estridente, olhando para o rosto de Hallorann: - Mas não posso contar para meu pai, e você também não pode! Ele precisa do emprego, pois foi o único que Tio AI conseguiu para ele, e precisa terminar a peça, ou então pode começar a fazer a Coisa Feia de novo, e eu sei o que é isto, é ficar embriagado, é exatamente isso, é quando ele costumava embriagar-se, e isto era uma Coisa Feia. - Parou, quase chorando.

- Psiu - disse Hallorann, e puxou o rosto de Danny para junto do tecido grosso de sua jaqueta que cheirava a naftalina. Tudo bem, filho. E se aquele dedo gosta de sua boca, deixe-o ir onde quiser. - Mas seu rosto estava agitado. E continuou: - O que você tem, filho, eu chamo de luz interior, a Bíblia chama de visões, e há cientistas que chamam de premonição. Já li sobre isso, filha. Já estudei. Tudo isso significa ver n futuro. Entende?

Danny meneou a cabeça contra o casaco de Hallorann.

- Lembro-me da visão mais forte que já tive... não sou dado a esquecimento. Foi em 1955. Eu ainda estava no Exército, servindo na Alemanha Ocidental. Faltava uma hora para o jantar, e eu estava parado perto da pia, brigando com um dos ajudantes da cozinha, porque desperdiçava a batata ao descascá-la. Dizia eu: "Olhe aqui, deixe-me mostrar como se faz isto." Ele segurou a batata e o descascador e então a cozinha inteira desapareceu. Simplesmente desapareceu. Você diz que vê este cara, Tony, antes... de sonhar?

Danny concordou.

Hallorann pôs um braço em volta do garoto.

- Comigo é o cheiro de laranjas. Aquela tarde inteira eu passei sentindo o cheiro delas sem pensar, pois fazia parte do menu da noite... tínhamos 30 caixotes. Todo o mundo naquela cozinha desgraçada cheirava a laranja naquela noite.

"Por um minuto, era como se eu tivesse desmaiado. E então ouvi uma explosão e vi chamas. Havia gente gritando. Sirenes. E ouvi um chiado que só podia ser vapor. E depois parecia que eu me havia aproximado da coisa, qualquer que fosse ela, e vi um vagão de trem descarrilhado e tombado com a inscrição "ESTRADA DE GEÓRGIA E CAROLINA DO SUL", e sabia, como num lampejo, que meu irmão Carl estava naquele trem que virara e Carl estava morto. Assim. A imagem desapareceu e eis que vejo o ajudante da cozinha medroso e idiota, diante de mim, ainda segurando a batata e o descascador. Disse ele: "O senhor está bem, Sargento?" E eu: "Não. Meu irmão acaba de morrer na Geórgia!" E quando, finalmente, consegui uma ligação internacional com minha mãe, ela me contou como foi.

"Mas veja, garoto, eu já sabia como fora. - Sacudiu a cabeça devagar, como se livrando da lembrança, e olhou para os olhos arregalados do menino. - Mas o que você precisa lembrar, meu garoto, é isto: Essas coisas nem sempre acontecem. Lembro-me quando, há quatro anos, trabalhava como cozinheiro numa colônia de férias de meninos, em Long Lake, Maine. Estava eu sentado junto ao portão de embarque no Aeroporto de Boston, esperando meu vôo, e comecei a sentir cheiro de laranja. Pela primeira vez em cinco anos talvez. Pensei cá comigo: "Meu Deus, o que vai acontecer agora neste shaw maluco?", e corri para o banheiro, sentando-me na privada para ficar sozinho. Não cheguei a desmaiar, mas comecei a ter a sensação, cada vez riais forte, de que meu avião ia cair. A sensação desapareceu junto com o cheiro de laranjas, e eu sabia que

estava terminado. Fui ao balcão da companhia aérea e mudei meu vôo para três horas depois. E sabe o que aconteceu?

- O quê? - sussurrou Danny.

- Nada! - disse Hallorann, rindo, sentindo-se aliviado ao ver o menino rir também. - Absolutamente nada! Aquele velho avião aterrou no horário e sem nenhum solavanco ou batida. Você pode ver então... às vezes estas sensações não dão em nada.

- Oh! - exclamou Danny.

- Veja, por exemplo, quando vou ao hipódromo. Vou lá com freqüência e, geralmente, me dou muito bem. Fico parado junto à grade quando vão largar, e às vezes me vem uma intuição sobre esse ou aquele cavalo. Geralmente, essas sensações ajudam a me sentir muito bem. Digo sempre a mim mesmo, que qualquer dia despes vou apostar num azarão e ganhar o suficiente para logo me aposentar. Isso ainda não aconteceu. Mas houve ocasiões em que voltava do hipódromo para casa, a pé, ao invés de tomar um táxi, com a carteira recheada. Ninguém acerta o tempo todo, com exceção talvez de Deus, lá no céu.

- Sim, senhor - disse Danny, pensando quando, no ano passado, Tony lhe mostrara um bebê deitado num berço em sua casa em Stovington. Ficara feliz com aquilo, esperara mesmo, sabendo que levaria tempo, mas não viera bebê algum.

- Agora, ouça - falou Hallorann, segurando as duas mãos de Danny. - Já tive sonhos maus aqui, e já tive sensações desagradáveis. Já trabalhei aqui durante duas temporadas, e talvez por uma dúzia de vezes já tive... bem, pesadelos. E talvez, por meia dúzia de vezes pensei ter visto coisas. Não, não direi o quê. Não são para meninos como você. Coisas sórdidas, apenas. Uma vez, foi alguma coisa relacionada com a droga daqueles arbustos, tosquiados para parecerem animais. Outra vez, foi uma empregada, Delores Vickery era seu nome, e ela era um pouco iluminada, mas não creio que soubesse. O Sr. Ullman demitiu-a... você sabe o que é isso, rapaz?

- Sim, senhor - respondeu Danny, candidamente. - Meu pai foi demitido da escola, e eu acho que é por isso que estamos no Colorado.

- Bem, o Sr. Ullman demitiu-a porque ela afirmou ter visto alguma coisa em um dos quartos onde... bem, onde aconteceu uma coisa ruim. Era o quarto 217, e quero que me prometa que não vai lá, Danny. O inverno inteiro. Mantenha-se afastado.

- Está bem - disse Danny. - A senhora, á camareira, ela lhe pediu para ir ver?

- Pediu. E havia uma coisa ruim lá. Mas... não acho que era uma coisa ruim que pudesse ferir qualquer um, Danny, é o que estou tentando dizer. Os iluminados às vezes podem ver coisas que vão acontecer, e acho que, às vezes, podem ver coisas que aconteceram. Como se fossem desenhos num livro. Já viu algum desenho num livro, que o tenha

apavorado, Danny?

- Já - respondeu o menino, pensando na história do Barba Azul, e o desenho era da mulher do Barba Azul abrindo a porta e vendo as cabeças.

- Mas sabia que não o feriam, não sabia?

- Si... im - disse Danny, um pouco incerto.

- Bem, assim é neste hotel. Não sei por que, mas parece que todas as coisas ruins que já aconteceram aqui ainda têm pedacinhos espalhados, como pedacinhos de unha cortada ou melecas que alguém muito porco limpou debaixo de uma cadeira. Não sei por que só aqui, coisas ruins acontecem em todo hotel do mundo, acho eu, e já trabalhei numa porção deles e nunca tive problemas. Só aqui. Mas, Danny, não acho que essas coisas possam atingir qualquer pessoa. - Enfatizou cada palavra da frase sacudindo de leve os ombros do menino. - Portanto, se enxergar alguma coisa, num corredor, quarto ou lá fora perto dos arbustos... olhe para o outro lado e, quando se voltar, já terá desaparecido. Está bem?

- Sim - concordou Danny Sentiu-se muito melhor, mais calmo. Ajoelhou-se no banco, beijou o rosto de Hallorann e deu-lhe um abraço apertado. Hallorann abraçou-o também.

Quando soltou o menino, perguntou:

- O pessoal de sua família não é iluminado, é?

- Não. Acho que não.

- Testei-os como fiz com você - disse Hallorann. - Sua mãe é um pouquinho iluminada. Acho que todas as mães têm um pouco de luz, sabe? Pelo menos até os filhos já estarem crescidos e responsáveis. Seu pai...

Hallorann fez uma pausa momentânea. Sondara o pai do menino e simplesmente não sabia. Não era como conhecer alguém que tivesse luz, ou alguém que definitivamente não tivesse. Bisbilhotar o pai de Danny era... estranho, como se Jack Torrance tivesse alguma tão profundamente dentro de si, que era impossível alcançar.

- Não acho que seja de forma alguma iluminado - concluiu Hallorann. - Portanto, não se preocupe com eles. Cuide-se. Não creio que haja alguma coisa aqui que o possa ferir. Apenas, controle-se, OK?

- OK?

- Danny! Ei, doutor.

Danny olhou a seu redor.

- E mamãe. Está-me chamando. Tenho que ir.

- Eu sei - disse Hallorann. - Divirta-se por aqui, Danny. Da melhor maneira possível.

- Vou-me divertir. Obrigado, Sr. Hallorann. Sinto-me bem melhor.

O pensamento feliz veio a sua mente:

(Dick, para os amigos.)

(Sim, Dick, está bem.)

Entreolharam-se, e Dick Hallorann piscou.

Danny arrastou-se no banco do carro e abriu a porta. Quando saía, Hallorann falou:

- Danny?

- O quê?

- Se houver problemas... dê um sinal. Um chamado forte como o que você deu minutos atrás. Pode ser que eu o escute até mesmo lá da Flórida. E se isso acontecer, virei correndo.

- OK - disse Danny, com um sorriso.

- Juízo, meu garoto.

- Fique tranqüilo.

Danny bateu a porta e correu atravessando o estacionamento em direção à varanda, onde Wendy estava parada segurando os cotovelos por causa do vento frio. Hallorann observava com seu largo sorriso aos poucos murchando.

Não creio que haja alguma coisa aqui que o possa ferir.

Não creio.

Mas, e se ele estivesse errado? Sabia que esta fora sua última temporada no Overlook, desde que vira aquela coisa na banheira do quarto 217. Fora pior do que qualquer desenho em qualquer livro, e, olhando daqui, o menino correndo parecia tão pequeno...

Não creio...

Seus olhos voltaram-se para os arbustos em forma de animais. Ligou o carro bruscamente, engrenou-o e saiu, tentando não olhar para trás. E é claro que o fez, e naturalmente a porta estava fechada. Tinham entrado. Era como se o Overlook os tivesse engolido.

12

O MARAVILHOSO PASSEIO

- O que vocês conversaram, meu bem? - perguntou Wendy quando entraram.

- Nada de importante.

- Para uma coisa sem importância até que rendeu muito.

O filho encolheu os ombros, e Wendy sentiu no gesto o ar paternal de Danny; Jack dificilmente o faria melhor. Não arrancaria mais nada de Danny. Sentiu uma forte irritação misturada com um amor ainda maior: o amor não a ajudava em nada, a irritação veio da sensação de estar deliberadamente excluída. Com os dois, às vezes sentia-se como uma intrusa, um pouco como uma atriz que por acaso voltava ao palco, enquanto a cena mais importante estava sendo encerrada. Bem, seus dois homens irritantes não poderiam excluí-la neste inverno; estariam muito próximos para isso. De repente caiu em si, e notou que estava sentindo ciúme do apego entre o marido e o filho. Sentiu-se envergonhada. Isso se parecia muito com o que sua mãe deveria ter sentido... parecido demais para servir de consolo.

O saguão agora estava vazio restando apenas Ullman e o chefe da recepção (estavam na caixa registradora, contando o dinheiro), algumas empregadas em calças de lã e suéteres, paradas junto à porta da frente, olhando para fora com a bagagem em volta, e Watson, o gerente de suprimentos. Surpreendeu-a olhando para ele e piscou 0 olho... decididamente uma piscadela maliciosa. Wendy voltou os olhos para o outro lado. Jack estava na janela, bem junto do restaurante, estudando a paisagem. Parecia absorto e sonhador.

A caixa registradora aparentemente batera, pois agora Ullman a fechava com um tapa autoritário. Rubricou a fita e guardou-a numa pasta de zíper. Wendy, em silêncio, aplaudia o chefe da recepção, que parecia aliviado. Ullman era o tipo de homem capaz de arrancar a pele do empregado... sem derramar uma gota de sangue. Wendy não dava muita importância a Ullman ou a sua maneira alvoroçada. Era como todos os patrões que conhecia, homens ou mulheres. Para os hóspedes, doce como sacarina, e um tirano nos bastidores com o pessoal de apoio. Mas os deveres terminaram e o prazer do chefe da recepção estava escrito no rosto. Terminaram para todos, exceto para Jack, Danny e ela.

- Sr. Torrance - gritou Ullman, peremptório. - Quer vir até aqui, por favor?

Jack caminhou, fazendo um sinal com a cabeça para que Wendy e Danny fossem também.

Ullman não achou graça. Abriu a grade interna com muito barulho.

- O Titanic só fez uma viagem, Sr. Torrance. Este elevador já fez milhares, desde que foi instalado em 1926.

- Isso é reconfortante - disse Jack, agitando o cabelo de Danny. - O avião não vai cair, doutor.

Ullman levantou a alavanca e, por um momento, não houve nada a não ser um estremecimento sob seus pés e o choro torturante do motor debaixo deles. Wendy teve uma visão dos quatro ficando presos entre os andares como moscas numa garrafa e sendo encontrados na primavera... faltando-lhes pedaços... como os pioneiros canibais...

(Pare!)

O elevador começou, no início, a subir, com vibrações, batidas e pancadas. Depois, a subida ficou mais suave. No terceiro andar, Ullman parou o elevador com um impacto, empurrou a grade e abriu a porta. O elevador ainda estava a alguns centímetros abaixo do nível do piso. Danny olhou atento para a diferença de altura entre o piso do terceiro andar e o do elevador, como se tivesse percebido que o universo não era tão racional como lhe fora dito. Ullman limpou a garganta e subiu o carro um pouco mais, parou-o com um solavanco (ainda cinco centímetros abaixo) e eles subiram o degrau de saída. Sem o peso, o elevador deu um solavanco e desceu quase até o andar térreo, coisa que Wendy não achou nada agradável. Seguro como uma casa ou não, decidiu usar a escada para subir ou descer neste lugar. E, em hipótese alguma, permitiria que os três entrassem juntos naquela geringonça.

- O que está olhando, doutor - indagou Jack, irônico. Está vendo manchas?

- Claro que não - disse Ullman, irritado. - Todos os tapetes foram lavados com xampu, há dois dias.

Wendy olhou o tapete. Bonito, mas definitivamente não era o que escolheria para sua casa, se é que algum dia teria uma. Um tapete grosso, azul, estampado com o que parecia ser uma cena de uma selva surrealista, cheia de cipós, trepadeiras e árvores cheias de pássaros exóticos. Era difícil determinar o tipo de pássaros, porque todo o desenho fora feito em preto, sem sombreado, mostrando apenas os contornos.

- Gosta do tapete? - perguntou Wendy a Danny.

- Gosto, Mamãe - disse ele sem vida.

Caminharam pelo corredor, que era confortavelmente amplo. O papel de parede era de seda, de um azul mais claro para fazer contraste com o tapete. Tocheiras elétricas estavam dispostas em intervalos de três metros; numa altura de dois metros. Adaptadas para parecerem com os lampiões de Londres, as lâmpadas ficavam disfarçadas por trás dos vidros foscos cercados com tirai de aço.

- Muito bonitas - disse Wendy.

Ullman concordou satisfeito.

- O Sr. Derwent instalou-se no hotel depois da guerra... da Segunda Guerra, quero dizer. Aliás, a maior parte... não toda... da decoração do terceiro andar foi planejada por ele. Aqui está o número 330, a Suíte Presidencial.

Girou a chave na fechadura das largas portas de mogno e as abriu. A vista da sala de estar os deixou assombrados, o que era provavelmente, a intenção de Ullman. Sorriu.

- Bela paisagem, não é?

- É mesmo - disse Jack.

A janela corria de ponta a ponta, e adiante dela o sol equilibrava-se entre os dois picos, espalhando luz pelas encostas e pela neve nos cumes. As nuvens, que cercavam este cartão-postal, eram também matizadas de dourado, e um raio de sol cintilava, leve, por entre os troncos dos pinheiros.

Jack e Wendy estavam tão distraídos com a vista que não perceberam que Danny fitava com olhos fixos, não a paisagem, mas o papel de parede de seda, listrado de vermelho e branco, onde uma porta à esquerda dava para um quarto. E seu espanto, que se misturara ao deles, não teve nada a ver com a beleza.

Placas grandes de sangue seco, salpicadas de pedacinhos de tecido acinzentado, estavam grudadas no papel de parede. Danny sentiu nojo. Era como um desenho louco feito em sangue, uma gravura surrealista do rosto de um homem possuído pelo terror e dor, a boca aberta e metade da cabeça triturada...

(Portanto, se enxergar alguma coisa, olhe para o outro lado e, guando se voltar, já terá desaparecido. Está bem?)

Deliberadamente, olhou para a janela tendo o cuidado de não demonstrar nada na expressão, e quando a mão de sua mãe se aproximou da sua, ele segurou-a, cuidando para não apertá-la, ou dar qualquer espécie de sinal.

O gerente dizia alguma coisa ao pai sobre a necessidade de manter o janelão bem fechado para que o vento forte não entrasse ali. Jack balançava a cabeça, concordando.

Danny, com cuidado, olhou de volta para a parede. A mancha grande de sangue desaparecera. Aqueles pedacinhos de tecido acinzentado espalhados também haviam desaparecido.

Em seguida, Ullman os levou para outro lugar. Mamãe perguntou se achava as montanhas bonitas. Danny disse que sim, apesar de, de uma forma ou de outra, não ter dado muita importância às montanhas. Enquanto Ullman fechava a porta, Danny olhou de volta sobre os ombros. A mancha de sangue voltara, só que agora era fresca. O sangue corria. Ullman, olhando diretamente para o lugar, prosseguia com o comentário sobre os homens famosos que já se haviam hospedado ali. Danny descobriu que mordera o lábio com força o suficiente para sangrá-lo, e nem sequer sentiu. Andando pelo corredor, ficou um pouco para trás, limpou o sangue com a mão, e pensou sobre

(sangue)

(O Sr. Hallorann vira sangue, ou coisa pior?)

(Não creio que essas coisas possam feri-lo)

Havia um grito estridente por trás de seus lábios, não o deixaria escapar. Seus pais não podiam ver tais coisas; nunca conseguiram. Ficaria calado. Papai e Mamãe estavam-se amando, e aquilo era uma coisa real. O resto era como desenhos de um livro. Alguns eram assustadores, mas não lhe podiam fazer mal. Eles... não lhe podiam... fazer mal.

O Sr. Ullman mostrou mais alguns quartos no terceiro andar, levando-os por corredores que se emaranhavam e davam voltas. Como um labirinto. Tudo é uma delícia, aqui em cima, disse o Sr. Ullman, apesar de Danny não ver nenhum confeito. Mostrou-lhes alguns quartos onde uma senhora chamada Marilyn Monroe ficara uma vez quando era casada com um homem de nome Arthur Miller (Danny entendeu vagamente que Marilyn e Arthur se divorciaram não muito tempo depois de passarem pelo Hotel Overlook.)

- Mamãe?

- Que é, meu bem?

- Se eram casados, por que tinham nomes diferentes? Você e Papai têm os mesmos nomes.

- Sim, mas nós não somos famosos, Danny - disse Jack. As mulheres famosas conservam os mesmos nomes mesmo depois de casadas, pois seus nomes são seu ganha-pão.

- Ganha-pão - repetiu Danny, completamente iludido.

- O que Papai quer dizer é que o povo gostava de ir ao cinema e ver Marilyn Monroe -

disse Wendy - mas podia ser que não gostassem de ver Marilyn Miller.

- Por que não? Ela seria ainda a mesma mulher. Ninguém saberia disso?

- Sim, mas... - Olhou para Jack sem saber o que dizer.

- Truman Capote ficou uma vez neste quarto - interrompeu Ullman, impaciente. Abriu a porta. - Foi na minha época. Um homem tremendamente simpático. Fino.

Não havia nada de extraordinário em nenhum desses quartos (exceto a falta de doces, a que o Sr. Ullman ficava-se referindo), nada que Danny pudesse temer. Aliás, havia apenas uma coisa ou outra no terceiro andar, que o aborrecia, e não sabia dizer por quê. Era o extintor de incêndio que vira na parede exatamente antes de voltarem para o elevador que lá estava parado esperando, como se fosse uma boca cheia de dentes de ouro.

Era um extintor antigo, a mangueira achatada e dobrada umas 12 vezes sobre si própria, uma extremidade presa a uma grande válvula vermelha, a outra terminando num bocal de metal. As dobras da mangueira eram presas a uma dobradiça por uma tira vermelha de aço. Em caso de incêndio, removia-se a tira de aço com um empurrão forte, e a mangueira estaria pronta. Danny olhava aquilo tudo; gostava de observar o funcionamento das coisas. Quando tinha dois anos e meio conseguia abrir a grade protetora que o pai instalara no topo da escada, na casa de Stovington. Vira como funcionava o cadeado. O pai dizia que era uma questão de JEITO. Algumas pessoas tinham JEITO, outras não.

Este extintor era um pouco mais antigo do que outros que já vira - o do jardim de infância, por exemplo - mas não era tão fora do comum. No entanto, sentia-se incomodado em ver a mangueira enrolada junto ao papel de parede azul-claro, como uma cobra adormecida. E ficou feliz quando não a viu mais.

- É claro que todas as janelas têm que ficar fechadas - disse o Sr. Ullman enquanto entravam no elevador. Mais uma vez o carro desceu. - Mas me preocupo principalmente com a janela da Suíte Presidencial. A primeira conta de conserto daquela janela foi de quatrocentos e vinte dólares, e isso há trinta anos. Hoje, sua recolocação custaria oito vezes mais.

- Vou mantê-la fechada - disse Jack.

Desceram ao segundo andar, onde havia mais quartos, mais emaranhados e voltas dos corredores. A luz das janelas começava a morrer, agora que o sol estava indo para trás das montanhas. O Sr. Ullman mostrou um ou dois quartos, e foi só. Passaram em frente ao 217, aquele contra o qual Dick Hallorann o prevenira, com grande ênfase. Danny olhou para a plaqueta da porta com inquietante fascinação.

De volta ao primeiro andar. Ali o Sr. Ullman não mostrou nenhum quarto até chegarem

à escada finamente atapetada, que levava de volta ao saguão.

- Aqui estão seus aposentos - disse ele. - Creio que ficarão satisfeitos.

Entraram. Danny estava preparado para qualquer coisa que estivesse aqui. Não havia nada.

Wendy Torrance sentiu uma sensação forte de alívio. A Suíte Presidencial, com sua elegância austera fez com que ela se sentisse estranha e desajeitada - uma coisa era visitar um edifício histórico restaurado, com uma placa ornamental indicando que Abraham Lincoln ou Franklin D. Roosevelt haviam dormido ali, mas outra coisa inteiramente diferente era imaginar-se deitada com o marido, debaixo de lençóis de linho, e talvez fazendo amor, onde os homens mais famosos do mundo deitaram-se uma vez (os mais poderosos, enfim, corrigiu ela). Mas este apartamento era mais simples, mais aconchegante, quase convidativo. Pensou que poderia tolerar o lugar durante a temporada sem grande dificuldade.

- É muito agradável - disse ela a Ullman, e sentiu gratidão na própria voz.

Ullman meneou a cabeça, concordando.

- Simples, mas confortável. Durante a temporada, aqui ficam o cozinheiro e sua mulher, ou o cozinheiro e seu auxiliar.

- O Sr. Hallorann morou aqui? - interrompeu Danny.

O Sr. Ullman inclinou, condescendente, a cabeça para Danny.

- Digamos que sim. Ele e o Sr. Nevers. - Voltou-se para Jack e Wendy. - Esta é a sala de estar.

Havia várias cadeiras que pareciam confortáveis sem serem caras, uma mesinha de canto que já fora elegante, mas que tinha agora uma grande lasca do lado, duas estantes (cheias de condensações de livros publicados pelo Reader's Digest, e trilogias de Histórias de Detetives da década de 40, que Wendy viu com satisfação), e um televisor comum, menos elegante do que os consoles de madeira amarela dos quartos.

- Não há cozinha, naturalmente - disse Ullman - mas há um elevador para comida. Este apartamento está exatamente em cima da cozinha.

Foi para junto de um painel e dali tirou uma bandeja quadrada, larga. Empurrou-a e ela desapareceu, arrastando a corda atrás de si.

- É uma passagem secreta! - disse Danny, excitado, para a mãe, esquecendo momentaneamente todos os medos cem relação àquele cabo atrás da parede. - Exatamente como Abbot e Costcllo Encontram os Monstros!

O Sr. Ullman franziu a testa, mas Wendy sorriu indulgente. Danny correu até o elevador e observou o cabo com atenção.

- Por aqui, por favor.

Ullman abriu a porta no fundo da sala de estar. Dava para um quarto espaçoso e arejado. Havia duas camas. Wendy olhou para o marido sorrindo, encolhendo os ombros.

- Não há problema - disse Jack. - Juntaremos as camas.

O Sr. Ullman olhou de soslaio, realmente confuso.

- Como?

- As camas - falou Jack, satisfeito. - Podemos juntá-las.

- Ah, sim - disse Ullman, ainda confuso. Em seguida, sua fisionomia clareou e ele ficou vermelho. - Como quiserem.

Levou-os de volta à sala de estar, onde uma outra porta dava para um segundo quarto, este equipado com um beliche. Um aquecedor zunia num canto, e o tapete no assoalho era de um estampado horrível de selva e cactos... Danny já estava apaixonado por ele, Wendy percebeu. As paredes deste quarto menor eram revestidas com lambri de pinho.

- Acha que dá para agüentar isto aqui, doutor? - perguntou Jack.

- Claro que sim. Vou dormir na cama de cima. OK?

- Se é o que quer.

- Gosto do tapete, também. Sr. Ullman, por que não coloca todos os tapetes iguais?

O gerente parecia ter enterrado os dentes num limão. Em seguida, sorriu e deu uma batidinha na cabeça de Danny.

São seus aposentos - disse ele - exceto o banheiro, que dá para o quarto principal. Não é um apartamento enorme, mas naturalmente terão o resto do hotel para se espalharem. A lareira do saguão está funcionando bem, assim me disse Watson, e sintam-se à vontade se quiserem comer no restaurante.

Falava como se estivesse concedendo um grande favor.

- Muito bem - disse Jack.

- Vamos descer? - perguntou Ullman.

- Vamos - respondeu Wendy.

Desceram pelo elevador, e o saguão estava agora completamente deserto, restando somente Watson, que estava recostado à porta principal, vestindo uma jaqueta de couro cru, com um palito entre os dentes.

- Pensei que já estivesse a quilômetros daqui - disse Ullman, com a voz um pouco fria.

- Estou por aqui só para lembrar ao Sr. Torrance sobre a caldeira - falou Watson se ajeitando. - Fique de olho nela, cara, e tudo vai correr bem. Baixe a pressão algumas vezes durante o dia. Ela costuma aumentar.

Ela aumenta, pensou Danny, e as palavras ecoaram pelo corredor comprido e silencioso de sua mente, um corredor cheio de espelhos para onde as pessoas raramente olhavam.

- Fique tranqüilo - disse o pai.

- Tudo de bom - desejou Watson, estendendo a mão. Jack apertou-a. Watson voltou-se para Wendy e inclinou a cabeça. Madame - disse ele.

- Muito prazer - respondeu Wendy, e pensou que o que dissera tinha sido um absurdo. Não. Viera da Nova Inglaterra, onde passara a vida, e parecia-lhe que em poucas palavras este homem, Watson, de cabelos encaracolados, resumira o que era o Oeste. E não se incomodou com a piscadela safada de horas antes.

- Jovem mestre Torrance - disse Watson sério, estendendo a mão. Danny, que há um ano aprendera a cumprimentar, estendeu a mão com energia, e sentiu-a engolida. - Cuide bem deles, Dan.

- Sim, senhor.

Watson largou a mão de Danny e ajeitou-se. Olhou para Ullman.

- Até o ano que vem, penso eu - falou, estendendo a mão.

Ullman tocou-a com frieza. Seu anel rosado brilhava terrivelmente sob as luzes do saguão.

- Doze de maio, Watson. Nem antes, nem depois.

- Sim, senhor - disse Watson, e Jack quase que podia ler pensamento de Watson: ... Seu velho, filho da puta.

- Felicidades, Sr. Ullman.

- Oh, duvido muito - retrucou Ullman, sem dar importância.

Watson abriu uma das duas grandes portas principais; o vento assobiou mais alto e sacudiu a gola de sua jaqueta.

- Juízo, pessoal.

- Sim, senhor, teremos - respondeu Danny.

Watson, cujo parente não muito distante, fora proprietário do lugar, escorregou peta porta. Ela se fechou atrás dele, amortecendo o vento. Junto, observaram-no descer os largos degraus de entrada com as botas velhas de vaqueiro. Folhas frágeis, amarelas, de álamo rolavam em volta de seus calcanhares, enquanto atravessava o pátio para tomar a camioneta. Uma fumaça azul saiu do carro enferrujado e cansado, quando o mesmo foi ligado. A força mágica do silêncio envolveu-os, enquanto Watson dava a ré e deixava o estacionamento. A camioneta desapareceu no alto da colina e reapareceu em seguida, menor, na estrada principal, rumo oeste.

Por um momento, Danny sentiu-se mais solitário do que nunca.

13

A ENTRADA

A família Torrance estava parada na grande varanda de entrada do Hotel Overlook como se estivesse posando para uma fotografia, Danny no meio, com a jaqueta do outono passado fechada até o pescoço, e que já estava muito pequena e começando a esgarçar no cotovelo; Wendy atrás dele com a mão sobre seu ombro, e Jack à esquerda, com a mão; levemente pousada sobre a cabeça do filho).

O Sr. Ullman estava uni degrau abaixo deles, enfiado num casaco de pêlo de cabra angorá, marrom r de aparência cara. O sol estava agora completamente por trás das montanhas, infiltrando-se com fogo dourado, fazendo as sombras em redor ficarem compridas e de cor violeta. Os únicos três carros que estavam no estacionamento eram o caminhão do hotel, o Lincoln Continental de Ullman e o VW arrebentado de Torrance.

- Está com as chaves, então - Ullman disse a Jack - e tudo entendido sobre a fornalha e a caldeira?

Jack balançou a cabeça afirmativamente, sentindo verdadeira pena de Ullman. Tudo pronto, e a bola de barbante estava cuidadosamente enrolada até 21 de maio próximo - nem um dia antes, nem depois - e Ullman, o responsável por tudo que se referia ao hotel com inconfundível paixão. não podia disfarçar a preocupação.

- Acho que está tudo sob controle - disse Jack.

- Bom. Vou comunicar-me com você. - Mas Ullman ainda hesitava, como se esperasse que o vento o tomasse pela mão e talvez o levasse até o carro. Suspirou. - Muito bem. Desejo-lhes felicidade, Sr. Torrance, Sra. Torrance. Para você também, Danny.

- Muito obrigado, senhor - disse Danny. - Desejo-lhe o mesmo.

- Duvido muito - repetiu Ullman, triste. - O lugar para onde vou na Flórida é uma porcaria, para dizer a verdade. É emprego, não é trabalho. O Overlook é o meu verdadeiro trabalho. Cuide dele por mim, Sr. Torrance.

- Acho que ele ainda vai estar no mesmo lugar, quando 0 senhor voltar, na primavera - disse Jack, e um pensamento lampejou na mente de Danny

(e nós, estaremos?)

e desapareceu.

- Claro. Claro que estará.

Ullman olhou para o parque onde os arbustos em formato de animais farfalhavam ao vento. Baixou a cabeça, mais uma vez, de modo muito profissional.

- Então, até a próxima.

Caminhou apressado e afetado para o carro - aliás, um carro grande, ridículo para um homem tão pequeno - e se enfiou nele. O motor do Lincoln roncou e as lanternas traseiras acenderam-se enquanto saia da vaga. Quando o carro partiu, Jack conseguiu ler a plaquinha que dizia: RESERVADO PARA O SR. ULLMAN, GERENTE.

- Certo - disse Jack, calmamente.

Ficaram olhando o carro até o perderem de vista, no declive. Quando desapareceu, os três se entreolharam em silêncio, e quase apavorados. Estavam sozinhos. Folhas de álamo rodopiavam e deslizavam sem rumo, pela grama muito bem cortada e longe dos olhos de qualquer hóspede. Não havia ninguém para ver as folhas de outono correndo furtivas pela grama, só os três. Jack teve uma curiosa sensação de voltar atrás, como se sua vida se tivesse reduzido a uma simples faísca, enquanto o hotel e o solo de repente duplicavam seu tamanho e tornavam-se sinistros, sufocando-os como que dotados de poder inanimado.

Wendy disse então:

- Veja só, doutor. Seu nariz está escorrendo como mangueira de um extintor de incêndio. Vamos entrar.

E entraram, fechando a porta com força contra o incessante assobio do vento.

TERCEIRA PARTE

O Ninho de Vespas

14

NO TELHADO

Oh, sua desgraçada filha da puta!

Jack Torrance gritou estas palavras tanto de surpresa quanto de aflição, dando um tapa com a mão direita, na camisa de cambraia azul, afugentando a vespa lenta e grande que o ferroara. Começou a escalar então o teto, o mais rápido que podia, olhando para trás para ver se os irmãos e irmãs da vespa levantavam-se do ninho que descobrira, para lhe declarar guerra. Se o fizessem, não seria nada bom; o ninho ficava entre ele e a escada, e o alçapão que dava para o sótão estava trancado por dentro. O teto ficava a 20 metros do chão cimentado do pátio, entre o hotel e a grama.

O ar sobre o ninho estava parado e tranqüilo.

Jack assobiou, aborrecido, por entre os dentes, sentou-se com as pernas abertas, no topo do telhado, e examinou o dedo indicador direito. Já estava inchando, e supôs que teria que procurar rastejar até a escada, passando pelo ninho, para poder descer e colocar gelo no dedo.

Era 20 de outubro. Wendy e Danny tinham ido a Sidewinder no caminhão do hotel (um Dodge velho e barulhento que ainda assim era mais digno de confiança do que o Volkswagen que agora estava cansado, e chegara ao fim) para comprar leite e fazer compras de Natal. Era cedo para tais compras, mas não se podia dizer quando a neve viria para ficar. Já tinham tido uma neve fraquinha, e em alguns lugares a estrada abaixo do Overlook estava escorregadia.

Até agora, o outono tinha sido de uma beleza quase sobrenatural. As três semanas que já haviam passado aqui tinham sido de dias dourados. Manhãs frias de um grau abaixo de zero davam lugar às tardes de temperatura por volta dos 15°, que eram perfeitas para se subir no telhado da ala oeste do Overlook e trabalhar nas telhas de madeira. Jack admitira francamente para Wendy que poderia ter terminado o trabalho quatro dias antes, mas não viu nenhuma necessidade real de se apressar. Á vista daqui de cima era espetacular, mesmo comparada à da Suíte Presidencial. Mais importante do que o próprio trabalho, era a calma. No telhado, sentia-se curado das feridas sofridas nos últimos três anos. No telhado, sentia-se em paz. Aqueles três anos começavam a parecer pesadelos turbulentos.

As telhas de madeira estavam podres, algumas totalmente quebradas pelas tempestades do inverno anterior. Ele as removera todas gritando "Fora, porcarias" jogando-as para o lado, pois não queria que Danny fosse atingido, caso estivesse andando por ali. Estava

arrancando um caibro podre quando a vespa o atingiu.

A parte irônica da história é que ele se acautelara toda vez que subira no telhado, ficando de olho nas vespas; levara a bomba de inseticida só para constar. Mas esta manhã, a calma e a paz tinham sido tão completas que seu poder de observação falhara. Voltara ao mundo da peça que estava criando aos poucos, rascunhando na cabeça uma cena qualquer em que trabalharia naquela noite. A peça ia bem e, apesar de Wendy não ter feito muitos comentários, sabia que ela estava gostando. Tivera um bloqueio na cena crucial, durante os últimos infelizes seis meses em Stovington, meses esses em que a ânsia de beber era tanta que só com muita dificuldade podia concentrar-se nas atividades da sala de aulas, afastando suas ambições literárias extracurriculares.

Mas nas últimas 12 noites, sentado diante da escrivaninha que tomara emprestado do escritório do andar de baixo, o bloqueio praticamente desaparecera, tão magicamente quanto algodão-doce se dissolvendo na boca. Tivera, quase sem esforço, a visão que sempre lhe faltara, do caráter de Denker, o diretor sádico, e reescrevera a maior parte do segundo ato, adequadamente, fazendo-o girar em torno da nova cena. E o terceiro ato, cada vez mais claro, já revolvia sua mente, quando a vespa interrompeu sua imaginação. Pensou que pudesse rascunhá-lo em duas semanas, e ter o original definitivo da maldita peça, no Ano Novo.

Ele tinha uma representante em Nova York, uma mulher valente chamada Phyllis Sandler que fumava cigarros Herbert Tareytons, bebia John Beam em copo de papel e achava que a literatura começara e terminava com Sean O'Cosey. Ela escolhera três contos de Jack, incluindo o da Esquire. Ele lhe escrevera sobre a peça que se chamava A Pequena Escola e que descrevia o conflito básico entre Denker, um estudante privilegiado que fracassara ao se tornar o diretor estúpido de uma escola preparatória, entre um século e outro, na Nova Inglaterra, e Gary Benson, o aluno que ele vê como a versão de si mesmo. Phyllis respondera demonstrando interesse e o advertindo para que lesse O'Casey antes de escrever a peça. Ela escrevera novamente naquele ano perguntando onde, afinal, estaria a peça? Jack respondera com evasivas que A Pequena Escola estava indefinidamente - e talvez definitivamente - parada entre a pena e a página "naquele interessante deserta de Góbi intelectual, conhecido como bloqueio mental do autor". Agora, sentia que ela receberia a peça. Se era boa ou não, ou se na realidade seria produzida, era outro negócio. E ele não parecia dar muita importância a esse tipo de coisa. Sentia-se como se a peça em si, a coisa toda, fosse uma síntese, um símbolo colossal dos anos tristes na escola preparatória de Stovington, do casamento que quase fracassara como se fosse um rapaz maluco dirigindo um calhambeque, o monstruoso ataque ao filho, o incidente com George Hatfield no estacionamento, que hoje não via mais como uma simples explosão de seu temperamento. Achava agora que parte do seu problema com bebida resultara de um desejo inconsciente de se ver livre de Stovington, e a segurança por ela representada, a qual sufocava qualquer estímulo criativo que tivesse. Parara de beber, mas a necessidade de se libertar era igualmente grande. Daí, George Hatfield. Agora, tudo que restava daqueles dias era uma peça sobre a escrivaninha no quarto que dividia com Wendy, e que depois de pronta e enviada à caixa-postal de Phyllis, em Nova York, permitiria que ele se voltasse para outras coisas.

Não um romance, não estava preparado para agüentar outro emprego de zelador por mais três anos, mas, com certeza, mais contos. Talvez um volume deles.

Movimentando-se com cuidado, engatinhou pelo telhado abaixo, passando pela linha de demarcação. Chegou ao canto esquerdo do ninho das vespas que descobrira e moveu-se cauteloso em sua direção, pronto para sair de perto e correr escada abaixo, se as coisas ficassem pretas.

Inclinou-se sobre o buraco e o examinou.

O ninho ali estava, encolhido no espaço entre o caibro velho e o forro do telhado. Era um ninho enorme. A bola de papel acinzentada parecia a Jack ter quase 60 centímetros de diâmetro. A forma não era perfeita, pois o espaço entre o caibro e o forro era muito estreito, mas ainda assim achava que os pequenos inseto haviam executado um trabalho razoavelmente respeitável. A superfície do ninho estava cheia de insetos lentos e pesados. Eram perigosos. Tinham-se rendido estupidamente devido à queda de temperatura no outono, mas Jack, que entendia de vespas desde a infância, deu-se por feliz por ter sido picado só uma vez. E, pensou, se Ullman quisesse o trabalho feito em pleno verão, o cara que arrancasse aquele pedaço de caibro teria uma enorme surpresa. De verdade. Quando uma dúzia de vespas perigosas ataca você de uma só vez e começa a picar-lhe o rosto, as mãos e braços e, ainda, as pernas por cima das calças, é inteiramente possível esquecer-se que se está a uma distância de 20 metros do solo. Podia-se despencar telhado abaixo, enquanto se tentava fugir delas. Tudo por causa dessas coisinhas, a maior delas, com apenas a metade do comprimento de um toco de lápis.

Lera em algum lugar - um pedaço de um suplemento de domingo ou algum artigo de revista - que 7% de todas as fatalidades automobilísticas são inexplicáveis. Nenhuma falha mecânica, nem excesso de velocidade, bebida alcoólica, ou mau tempo. Simplesmente, um carro se acidenta em áreas desertas das estradas (um único morto, o motorista, sem poder explicar o que aconteceu). O artigo incluía uma entrevista com um policial que teorizava que muitos desses tais "acidentes inexplicáveis" resultavam de insetos no carro. Vespa, abelha, possivelmente até aranha ou mariposa. O motorista entra em pânico, tenta dar um golpe violento no inseto ou abrir a janela para deixá-lo sair. Provavelmente o inseto o pica. Talvez o motorista perca o controle. De qualquer forma, é pancada... para tudo quanto é lado. E o inseto, geralmente ileso, zumbindo feliz, deixa os destroços em chamas à procura de pastos melhores. O policial era a favor de que os patologistas procurassem pelo veneno do inseto ao fazerem a autópsia em tais vítimas, lembrava-se Jack.

Agora, observando o ninho, parecia-lhe que servia tanto como uma imagem aperfeiçoada do que vivera quanto como presságio de dias melhores. De que outra forma se poderia explicar o que lhe acontecera? Pois ainda sentia que as experiências negativas que tivera em Stovinton tinham que ser olhadas com Jack Torrance como agente passivo. Não fizera coisas; coisas haviam sido feitas com ele. Conhecera muitas pessoas do corpo docente de Stovington, duas delas exatamente no Departamento de

Inglês, que eram beberronas. Zack Tunney tinha o hábito de pegar um barril cheio de cerveja, nas tardes de sábado, colocá-lo no quintal, no meio da neve, e acabar com ele no dia seguinte, assistindo ao futebol e aos filmes velhos. Ainda assim, a semana inteira, Zack era sóbrio como um juiz: um pequeno coquetel no almoço era uma festa.

AL Shockley e ele eram alcoólatras. Procuravam-se um ao outro como dois rejeitados, que ainda eram sociáveis o bastante para preferirem afogar-se juntos, ao invés de fazerem-no sozinhos. O mar tinha cevada, ao invés de sal.

Olhando para as vespas, enquanto elas, devagar, executavam seu trabalho instintivo antes que o inverno chegasse para matá-las todas, deixando apenas a rainha hibernada, ele ia mais longe. Ainda era um alcoólatra, sempre seria, talvez o fosse desde o primeiro ano do Curso Científico noturno, quando bebera seu primeiro drinque. Não tinha nada a ver com força de vontade, moralidade, fraqueza ou força de caráter. Havia um parafuso solto em algum lugar lá dentro, ou um interruptor qualquer que não funcionava, e ele tinha sido impelido pela correnteza, a princípio devagar, depois acelerando, à medida que Stovington o pressionava. Ou como se estivesse num escorrega gigante, onde, no final, havia uma bicicleta despedaçada e sem dono, e um filho com um braço quebrado. Da mesma forma, Jack Torrance como agente passivo, com seu temperamento difícil. A vida inteira tentando controlá-lo. Recordava-se quando tinha sete anos, sendo espancado por uma vizinha, porque brincava com fósforos. Saíra e atirara uma pedra num carro que passava. O pai tendo visto, agrediu o pequeno Jacky, aos berros. Deixou seu traseiro vermelho... e o olho roxo. E quando o pai entrou em casa, resmungando, para assistir à televisão, Jack viu um cachorro vira-lata e chutou-o para a sarjeta. Tivera duas dúzias de brigas no primário, mais outras ainda no ginásio, que lhe garantiram duas suspensões e incontáveis castigos, apesar das boas notas. O futebol funcionava como uma válvula parcial de escape, apesar de se lembrar perfeitamente de que passava os jogos inteiros puto da vida, bloqueando e derrubando os jogadores como se fossem seus inimigos pessoais. Era um bom jogador, participara dos campeonatos intercolegiais do ginásio c científico e sabia muito bem que lhe era difícil agradecer... ou culpar. Não gostava de futebol. Toda partida era um horror.

E ainda assim, apesar de tudo, não se sentia um filho da puta. Não se considerava sórdido. Julgava-se um sujeito bacana que só tinha que aprender a lutar contra seu mau gênio, antes que se metesse em confusão. Assim como tinha que aprender a lutar contra a bebida. Mas era um alcoólatra emocional tanto quanto físico, 1mbos, sem dúvida, ligados em algum ponto, em seu interior, onde não se podia ver. Mas não lhe importava muito se as causas primária eram relacionadas com independentes, sociais, psicológicas ou fisiológicas. Tinha que arcar com as conseqüências: espancamentos, tapas de seu velho, suspensões, tentativas de explicar o uniforme de escola rasgado nas brigas no parque, e, mais tarde, as ressacas, a lenta dissolução de seu casamento, aquela única roda de bicicleta com os raios tortos apontados para o céu, o braço quebrado de Danny. E George Hatfield, naturalmente.

Sentiu que tinha inconscientemente enfiado a mão no Maior Ninho de Vespas do Mundo. Como imagem era péssima. Como perfil da realidade, considerava-o útil.

Enfiara a mão num caibro podre em pleno verão, e aquela mão e o braço inteiro consumiramse em fogo sagrado, destruindo todo pensamento consciente, tornando esquecido o conceito de comportamento civilizado. Pode esperar-se que alguém aja como um ser humano racional, quando a sua mão está sendo espetada por malditas agulhas incandescentes? Pode esperar-se que se ame o próximo, quando a nuvem escura e furiosa se ergue de um buraco num caibro (caibro esse que você julgava tão inocente) e se lança como flecha em sua direção? Pode alguém considerar-se responsável por suas próprias ações, quando enlouquece em cima de um telhado a 20 metros do solo, sem saber para onde correr, em pânico, quando um passo em falso poderá levá-lo acidental e desastradamente para a morte, no concreto, 20 metros abaixo? Jack não achava que isso fosse possível. Quando, inadvertidamente, alguém enfia a mão em um ninho de vespas, é como se fizesse um pacto com o diabo, jogando para o alio seu eu civilizado com os conceitos de amor, respeito e honra. A coisa simplesmente acontece. Passivamente, sem nenhum aviso, você deixa de ser uma criatura racional, para tornar-se um ser irracional; de homem civilizado a deplorável macaco, em apenas cinco segundos.

Pensou em George Hatfield.

Alto e louro, George era um rapaz de uma beleza quase agressiva. Nos jeans apertados e desbotados e a camiseta de Stovington com as mangas cuidadosamente dobradas até os cotovelos, exibindo os braços bronzeados, lembrava a Jack um Robert Redford jovem, e duvidava de que George tivesse muita dificuldade em marcar tentos - não mais do que aquele jovem demônio do futebol que Jack Torrance fora há dez anos. Podia dizer, honestamente, que não tinha inveja de George, ou de sua aparência; aliás, começara quase que inconscientemente a visualizar George como a encarnação do herói de sua peça, Gary Benson - o oposto do negro Denker, fracassado e envelhecido, que veio a odiar Gary com intensidade. Mas ele, Jack Torrance, nunca se sentira assim, em relação a George. Se algum dia sentiu, não se deu conta. Estava certo disso.

George boiava em suas aulas em Stovington. Astro do futebol e do beisebol, seu currículo deixava muito a desejar, mas ele se contentava com notas quatro e esporádicos sete em História e Botânica. No campo, era um competidor feroz, mas na sala de aula era um aluno indiferente e distraído. Jack estava- habituado com o tipo, mais pela vivência de seu tempo de estudante secundário e universitário, do que por suas observações como professor experimentado. George Hatfield era um atleta. Podia ser uma figura calma e insignificante na sala de aula, mas, quando lhe eram aplicados os estímulos competitivos certos (como eletrodos nas têmporas do monstro de Frankenstein, pensou Jack), podia transformar-se em um ídolo.

Em janeiro, George se candidatara, com mais 12 alunos, à equipe de debates. Fora muito franco com Jack. O pai era advogado de empresa, e queria que o filho seguisse sua carreira. George, que não tinha vocação para mais nada, concordara. Suas notas não eram das melhores, mas, afinal de contas, esta era apenas uma escola preparatória, e ainda havia tempo. Se as suposições se concretizassem, o pai poderia mexer os pauzinhos. A própria habilidade atlética de George abriria ainda outras portas. Mas Brian Hatfield achava que o filho devia fazer parte da equipe de debates. Seria bom

como experiência, e era algo a que os conselhos de admissão das escolas de Direito sempre davam valor. Então, George entrou para a equipe de debates, e, em fins de março, Jack excluiu-o da equipe.

Os últimos debates do inverno entre as diversas equipes irritaram o espírito competitivo de George Hatfield. Ele tornou-se um péssimo argumentador, com seus prós e contras ferozmente preparados. Não importava que o assunto fosse legalização da maconha, restabelecimento da pena de morte, ou subsídios à exploração do petróleo. George tornou-se conhecido, e era chauvinista o bastante para sinceramente. valorizar sua posição, uma qualidade rara e valiosa até em argumentadores de alto nível, sabia Jack. As personalidades de um aventureiro político e de um argumentador não estavam muito longe uma da outra; ambas apaixonadamente ficavam à espreita da melhor oportunidade. Até aqui tudo bem.

Mas George Hatfield era gago.

Isto não era um obstáculo que aparecesse na sala de aula, onde George se mantinha sempre impassível e indiferente (tivesse ou não feito os deveres de casa) e, especialmente, nas quadras de esportes de Stovington, onde conversar não era uma virtude e, às vezes, até expulsavam jogadores por excesso de discussão.

Quando George se envolvia totalmente em um debate, a gagueira aparecia. Quanto mais impaciente ficava, pior se tornava. E quando marcava um opositor, uma espécie de febre intelectual parecia implantar-se entre o centro da fala e sua boca, e ficava mais forte à medida que o tempo passava. Era doloroso de ver-se.

- En-t-t-tão, eu ach-ch-cho que p-p-podemos dizer que os f-f-f-fatos no c-caso de as cidades do Sr. D-D-D-Dorsky serem dadas como ob-b-b-bsoletas por c-causas da última d-d-decisão tomada...

A campainha tocava, e George, confuso, olhava furioso para Jack, sentado ao lado. O rosto de George naqueles momentos ruborizava-se, ao mesmo tempo em que ele amassava nervosamente seus apontamentos.

Na esperança que desse um bom resultado, Jack insistira com George muito tempo, antes de o rapaz ter deliberadamente cortado os pneus de seu carro. Lembrava-se de um fim de tarde, cerca de uma semana antes de ter, com relutância, entregado os pontos. George ficara na escola, depois de os outros terem saído, e então defrontou-se com Jack, com raiva.

- Você adiantou o cr-cr-cronômetro.

Jack levantou os olhos dos papéis que colocava de volta na pasta.

- George, de que você está falando?

- Você não me deu os cinco m-m-minutos completos. Adiantou o cr-cr-cronômetro. Eu estava olhando o re-rerelógio.

- O relógio e o cronômetro podem ter uma pequena diferença, George; mas nunca procurei adiantar porcaria nenhuma. Eu lhe asseguro.

- V-V-Você fez isso sim!

O modo violento e incisivo com que George olhava acendeu o mau gênio de Jack. Fazia dois meses que não bebia, muito tempo, e ele estava arrasado. Tentou conter-se pela última vez.

- Posso garantir-lhe que não, George. É a sua gagueira. Tem alguma idéia da causa? Você não gagueja em aula.

- Eu n-n-não s-s-sou g-g-gag-gago!

- Fale baixo.

- V-V-Você q-quer p-pegar-me! Você n-não me q-quer na sua m-m-maldita t-turma!

- Fale baixo, já disse. Sejamos racionais.

- Uma p-p-porra!

- George, se controlar sua gagueira, ficarei contente em tê-lo na equipe. Você está bem preparado e tem boa cultura, o que significa que raramente é apanhado de surpresa. Mas tudo isso não significa muito, se não puder controlar essa...

- N-n-nunca gaguejei! - gritou a rapaz. - P v-você! Se outra p-p-pessoa ficasse enc-encarregada de e-q-q-quipe de d-d-ddebates, eu poderia...

Jack não conseguiu conter seu mau gênio.

- George, você nunca será um bom advogado nem de empresa, nem de qualquer outra especialidade, se não conseguir controlar-se. Direito não é futebol. Duas horas de treino toda noite não vão acabar com isso. O que você vai fazer, pôr-se de pé diante do conselho diretor e dizer: "Ag-ggg-gora, s-senhores, sobre este pproblema"?

De repente, Jack ruborizou-se, não de raiva, mas de vergonha por sua crueldade. Na sua frente não havia um homem, mas sim um rapaz de 17 anos, que enfrentava a_ primeira grande derrota de sua vida, e talvez usasse da única maneira que dispunha, para fazer Jack ajudá-lo a vencer.

George lançou-lhe um olhar final e furioso, contorcendo os lábios, lutando contra as palavras que se engarrafavam por trás e faziam esforço para sair.

- V-V-Você m-mesmo ad-d-admite! Você m-me d-d-detesta p-porque s-s-s-sabe... você sabe... s-s-s-...

Com um grito inarticulado correu para fora da sala de aula, batendo a porta com força suficiente para fazer estalar o vidro reforçado por arame. Jack ficara ali parado, sentindo, ao invés de ouvir, o eco do seu pisar no corredor vazio. Ainda sob o domínio do temperamento e da vergonha por ter zombado da gagueira de George, o seu primeiro pensamento fora uma espécie de alegria doentia: pela primeira vez na vida, George Hatfield quisera algo que não poderia ter. Pela primeira vez havia alguma coisa errada que nem todo o dinheiro do pai poderia comprar. Não se pode subornar o centro da fala. Não se pode oferecer 50 dólares por semana e mais uma bonificação de Natal à língua, para que ela concorde em parar de vibrar como uma agulha de vitrola numa ranhadura. Em seguida, a alegria foi simplesmente sufocada pela vergonha, exatamente o que sentira depois que quebrara o braço de Danny.

Deus do Céu, eu não sou um filho da puta. Por favor.

Aquela alegria doentia pela saída abrupta de George era mais típica de Denker na peça, do que de Jack Torrance, o autor da peça.

Você me detesta porque sabe...

Porque sabia o quê?

O que poderia por acaso saber sobre George Hatfield, que o faria detestá-lo? Que o futuro se abria diante dele? Que se parecia um pouco com Robert Redford e que as meninas paravam de falar quando ele se exibia na piscina? Que jogava futebol e beisebol com uma graça inata?

Ridículo. Totalmente absurdo. Não invejava George Hatfield em nada. Se a verdade podia ser dita, sentia-se pior por causa de sua gagueira infeliz, do que o próprio George, pois realmente poderia tornar-se um grande orador. E se Jack tivesse adiantado 0 cronômetro - e é claro que não a fizera - seria porque tanto ele quanto os demais membros da equipe sentiam constrangimento pelo esforço de George e se angustiavam como quando o orador do turno da noite esquecia alguns trechos. Se tivesse adiantado o cronômetro, seria apenas para... poupar George de sua desgraça.

Mas não adiantara o cronômetro. Tinha certeza.

E uma semana mais tarde, ele o excluiu, e, durante esse tempo, manteve-se calmo. Os gritos e ameaças partiram de George. Uma semana depois, fora, no meio da aula, até o estacionamento para apanhar uma pilha de livros de consulta que deixara no porta-malas do VW, e lá estava George, ajoelhado, com os cabelos compridos caídos no rosto, uma faca de caçador na mão. Estava cortando o pneu dianteiro direito. Os pneus traseiros já estavam rasgados, e o fusca acachapado com os pneus furados como um cachorro

cansado.

Jack não vira mais nada, e lembrava-se muito pouco da luta que se seguira. Lembrava-se de um resmungo grosso que parecia escapar de sua garganta:

- Muito bem, George. Se é assim que quer, venha aqui tomar seu remedinho.

Lembrava-se de George erguendo os olhos, alarmado e amedrontado. Dissera:

- Sr. Torrance... - Como se explicando que tudo aquilo era apenas um engano, os pneus já estavam vazios quando chegou, e ele só estava limpando a sujeirinha das bandas de rodagem dianteiras com a ponta da faca que casualmente estava com ele, e...

Jack investira de punhos cerrados para ele, e parece que houve um sorrisinho. Mas não estava certo.

A última lembrança que tinha era de George levantando a faca e dizendo

- Ir melhor não chegar mais perto...

E depois, só se lembrava da Srta. Strong, a professora de Francês, segurando seu braço, gritando, berrando:

- Pare com isso, Jack! Pare! Você vai matá-lo!

Ali estava ele com cara de idiota. Adiante, a faca reluzia inofensiva no asfalto do estacionamento, a três metros de distância. E seu Volkswagen, seu pobre fusca velho e estragado, veterano de muitas bebedeiras, se apoiava sobre três sapatos furados. Lá estava uma nova saliência no pára-lama dianteiro direito, notou ele, e havia algo no meio da saliência que seria tinta vermelha, ou sangue. Por um momento, seus pensamentos ficaram confusos

(deus do céu afinal de contas o atropelamos)

sobre aquela outra noite. Em seguida, seus olhos voltaram-se para George, George esticado, tonto, no asfalto. A equipe de debates saíra e todos se acotovelavam à porta, olhando para George. Havia sangue em seu rosto, provocado por um machucado do crânio que parecia pequeno, mas havia sangue também saindo de um dos ouvidos, e isso provavelmente significava uma concussão. Quando George quis levantar-se, Jack desvencilhou-se da Srta. Strong e foi até ele. George encolheu-se de medo.

Jack colocou as mãos sobre o peito de George e deitou-o.

- Fique quieto aí - disse ele. - Não se mexa. - Voltou-se para a Srta. Strong, que olhava para os dois, horrorizada. - Por favor, chame o médico da escola, Srta. Strong.

A professora voou para a secretaria. Jack olhou, então, para a equipe de debates incisivamente, pois novamente ele era o professor, ele mesmo, e quando podia ser inteiramente ele, não havia cara mais bacana no Estado de Vermont. Certamente sabia disso.

- Podem ir para casa - disse-lhes com calma. - Nós nos veremos amanhã novamente.

Mas no fim daquela semana, seis dos seus alunos afastaram-se, dois deles da turma de teatro, mas naturalmente isso não importava muito, pois, na mesma ocasião, foi informado de que deveria demitir-se.

Ainda assim, de alguma forma, conseguiu ficar sem beber, e supôs que significasse alguma coisa.

E não odiara George Hatfield. Tinha certeza disso. Não agira, fora coagido a isso.

Você me detesta parque sabe...

Mas não sabia nada. Nada. Juraria diante do Trono do Todo Poderoso, exatamente como juraria que adiantara o cronômetro não mais do que um minuto. E não por ódio, mas por pena.

Duas vespas rastejavam, preguiçosas, pelo telhado, ao lado do buraco no caibro.

Observou-as até que abriram suas asas aerodinâmicas, silenciosas, porém estranhamente eficientes, e lançaram-se ao sol de outubro, talvez para picar outra pessoa. Deus achara conveniente dar-lhes ferrões e Jack supunha que tinham que usá-los em alguém.

Há quanto tempo estaria sentado aqui, olhando o buraco com suas surpresas-desagradáveis, digerindo lembranças. Olhou o relógio. Quase meia hora.

Deixou-se escorregar para o centro do telhado, baixou uma perna, e tateou com o pé até encontrar o degrau da escada. Iria ao depósito de equipamentos, onde havia guardado a bomba de inseticida, numa prateleira alta e, então, as vespas é que teriam uma surpresa. Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Acreditava nisso sinceramente. Daqui a duas horas o ninho não seria mais do que papel picado, e Danny poderia tê-lo em seu quarto, se quisesse - Jack tivera um, em seu quarto, quando menino. Tinha um cheiro leve de madeira queimada e gasolina. Poderia guardá-lo junto à cabeceira da cama. Não o machucaria.

- Estou melhorando.

O som de sua própria voz, confiante, no silêncio da tarde, tranqüilizou-o, apesar de não ter desejado falar alto. Estava melhorando. Era possível passar de passivo a ativo, considerar a coisa que quase o levara à loucura, como um prêmio sem importância que não passava de um interesse ocasional. E se havia um lugar onde a coisa pudesse ser

feita, com certeza seria este.

Desceu a escada para pegar a bomba de inseticida. Pagariam. Pagariam por tê-lo picado.

15

NO JARDIM

Jack encontrara, há duas semanas, uma imensa cadeira de vime, pintada de branco nos fundos do depósito de equipamentos, e a arrastara para a varanda, sob os protestos de Wendy que dizia ser realmente a coisa mais feia que já vira na vida. Estava sentado nela agora, distraindo-se com uma edição de E. L. Doctorow, Bem-vindo aos Dias Difíceis * , quando a mulher e o filho irromperam pela entrada de carros no caminhão do hotel.

* Título original: Welcome to Hard Times. (N. da T.)

Wendy estacionou, acelerou e desligou o motor. A única lanterna traseira apagou-se. O motor continuou a bater e finalmente parou. Jack levantou-se da cadeira e, devagar, desceu para encontrá-los.

- Oi, Pai - gritou Danny, correndo para Jack. Tinha uma caixa em uma das mãos. - Veja o que Mamãe comprou para mim.

Jack tomou o filho nos braços, balançou-o duas vezes, e beijou-o carinhosamente na boca.

- Jack Torrance, o Eugene O'Neil de sua geração, o Shakespeare Americano! - disse Wendy, sorrindo. - Tão agradável encontrá-lo aqui, tão longe nas montanhas.

- A plebe cansou-me, cara senhora - disse ele, escorregando os braços em volta dela. Beijaram-se. - Como foi de viagem?

- Muito bem. Danny reclamou que fico dando solavancos com o veículo, mas não o deixei morrer uma só vez e... oh, Jack, pare com isso!

Ela olhava o telhado, e Danny a observava com atenção. Um leve desagrado tomou conta do rosto do menino, quando viu a grande extensão de telhas novas no topo da ala oeste do Overlook, um verde mais claro do que o resto do telhado. Olhou então para a caixa em sua mão e o rosto iluminou-se novamente. A noite, os quadros que Tony mostrara voltavam a assombrá-lo com sua limpidez natural, mas, à luz do dia, eram mais fáceis de esquecer.

- Veja, Papai, veja.

Jack tomou a caixa do filho. Era um carro, uma das miniaturas que Danny admirara no passado. Este era o Violento Volkswagen Violeta, e o desenho na caixa mostrava um imenso fusca roxo, com lanternas grandes de um Cadillac Coupé de Ville 59, brilhando sobre uma estrada de poeira. Por uma abertura na capota saía um monstro gigante cheio de verrugas, com olhos vermelhos esbugalhado, um riso de tarado, um capacete gigante de corrida caído nas costas, mãos agarradas ao volante.

Wendy sorria para ele, e Jack piscou-lhe o olho.

- O que admiro em você, doutor - disse Jack, devolvendo a caixa - é o seu gosto pelo discreto, pelo sóbrio, pelo introspectivo. Tal pai, tal filho.

- Mamãe me disse que você vai ajudar-me a montá-lo, assim que eu terminar a primeira cartilha.

- Isso tem que ser até o fim-de-semana - falou Jack. O que mais você trouxe aí nesse caminhão elegante, madame?

- Uh-uh. - Wendy agarrou-lhe o braço e puxou-o. - Deixe de brincadeira. Alguns daqueles troços são para você. Danny e eu vamos levá-los para dentro. Apanhe o leite. Está na carroçaria.

- Só sirvo para isso - gritou Jack, batendo com a mão na testa. - Apenas um burro de carga, um jumento do mato. Carrega isso, carrega aquilo, o tempo todo.

- Então carregue aquele leite direto para a cozinha, senhor.

- Assim também é demais! - gritou ele atirando-se ao chão, enquanto Danny, trepado sobre ele, dava risadas.

- Levante-se seu burro - falou Wendy, cutucando-o com a ponta do tênis.

- Está vendo? - disse ele para Danny. - Ela me chamou de burro. Você é testemunha.

- Testemunha, testemunha! - concordou Danny alegre, e deu um salto de cima do pai caído.

Jack sentou-se.

- Isto me faz lembrar, amigo. Tenho uma coisa para você, também. Na varanda, ao lado do cinzeiro.

- O que é?

- Esqueci. Vá lá e veja.

Jack levantou-se e os dois ficaram juntos de pé, olhando Danny correr pela grama e subir os degraus da varanda de dois em dois. Passou a mão em volta da cintura de Wendy.

- Está feliz,, amor?

Ela olhou-o com seriedade.

- Nunca estive tão feliz, desde que nos casamos.

- Verdade?

- Juro.

Ele apertou-a com força.

- Eu a amo.

Wendy apertou-o emocionada. Estas palavras não eram uma coisa sem importância na boca de John Torrance; podia contar nos dedos o número de vezes que as ouvira, tanto antes, quanto depois do casamento.

- Eu também o amo.

- Mamãe! Mamãe! - Danny estava na varanda, gritando feliz. - Venha ver! Puxa! Que bacana!

- O que é? - perguntou Wendy enquanto saíam do estacionamento, de mãos dadas.

- Esqueci - respondeu Jack.

- Ah, você vai ver - disse ela, cutucando-o. - Vai ver só.

- Quero! Agora mesmo!

Deu as costas e saiu correndo, entrando pelas portas grandes Os pais podiam ouvir o ruído surdo de seus pés na escada principal.

- Havia vespas lá - disse ela. - Você foi picado?

- Onde está minha condecoração? - perguntou ele, exigindo o dedo. Estava menos inchado, mas ela se espantou, para sua satisfação, e beijou-o com cuidado.

- Arrancou o ferrão?

- Vespas não deixam ferrão. As abelhas é que deixam. Têm ferrões ásperos. Os ferrões

das vespas são mais lisos. Isso é o que as torna tão perigosas. Podem picar muitas vezes.

- Jack, tem certeza de que não há perigo em Danny guardá-lo?

- Segui as instruções da bomba. É morte certa para todo e qualquer inseto em duas horas, e então se dissipa, sem deixar resíduo.

- Odeio-as - disse ela.

- O que... as vespas?

- Qualquer coisa que pica - disse ela. As mãos agarravam os cotovelos, os braços cruzados sobre os seios.

- Eu também - concordou Jack, abraçando-a.

16

DANNY

No quarto, Wendy podia ouvir a máquina de escrever, que Jack trouxera lá de baixo, batucando durante trinta segundos, cair em silêncio por um minuto ou dois, e então chocalhar novamente por pouco tempo. Era como ouvir o disparo de uma metralhadora dentro de um abrigo isolado de cimento armado. O ruído era música para seus ouvidos, Jack não escrevia tão regularmente desde o segundo ano de seu casamento, quando escreveu a história que a Esquive comprara. Ele achava que até o final do ano estaria tudo pronto, de qualquer forma, e então começaria uma coisa nova. Dizia que não se importaria se A Pequena Escola não suscitasse entusiasmo quando Phyllis a mostrasse aos produtores teatrais, não se importava se desaparecesse sem deixar rastros, e Wendy tinha a mesma opinião. O próprio fato de ele estar escrevendo a enchia de esperança, não porque esperasse por um grande sucesso, mas porque o marido parecia estar lentamente fechando uma enorme porta de um cômodo cheio de monstros. Virara as costas para a porta já havia muito tempo, mas finalmente ela agora estava fechada.

Cada tecla batida fechava a porta um pouco mais.

- Veja, Dick, veja.

Danny estava debruçado sobre a primeira das cinco cartilhas velhas, fruto de uma seleção impiedosa por um punhado de lojas de livros de segunda mão em Boulder. Levariam Danny exatamente para o nível de leitura de segundo ano, um programa que ela já dissera a Jack achar demasiado ambicioso. O filho era inteligente, sabiam disso, mas seria um erro pressioná-lo demais e depressa. Jack concordara. Não haveria pressões. Mas, se o menino aprendesse rápido, estariam preparados. E agora imaginava

se Jack não estaria certo quanto a isso, também.

Danny, preparado por quatro anos de Vila Sésamo e três anos de Professor Eletrônico, parecia estar pegando as coisas com uma velocidade espantosa. Isso a incomodava. Ele ficava debruçado sobre os livrinhos inocentes, o radinho de pilha e o planador na prateleira em cima dele, como se sua vida dependesse da alfabetização. Seu rostinho estava mais tenso e pálido do que ela gostaria, sob o brilho aconchegante e próximo da lâmpada do abajur, que colocaram no quarto. Ele levava isso muito a sério, tanto a leitura quanto a série de exercícios que o pai preparava para ele todas as tardes. Desenho de uma maçã e um pêssego. A palavra maçã escrita abaixo com a caligrafia muito clara e limpa de Jack. Faça um círculo em torno do desenho certo, aquele que combina com a palavra. E o filho olhava, atentamente, da palavra para os desenhos, os lábios se movendo, falando, com dificuldade. Com o lápis vermelho, tamanho gigante, torcendo com o esforço seu pulso direito gordinho, podia agora escrever cerca de três dúzias de palavras sozinho.

O dedo acompanhava lentamente as palavras na leitura. Sobre elas estava um desenho que Wendy ainda recordava do seu tempo de alfabetização, há dezenove anos. Um garoto risonho com cabelos castanhos encaracolados. Uma menina de vestido, cabelos com cachos dourados, uma corda de pular em uma das mãos. Um cachorro saltitante correndo atrás de uma grande bola de borracha vermelha. O trio do primeiro ano: Dick, Jane e Jip.

- Jip vê a bola - Danny, lia devagar. - Veja, Jip, veja. Veja, veja, veja. - Parava, acompanhava a frase com o dedo. Veja a... - Curvava-se para mais perto, o nariz quase encostando na página. - Veja a...

- Não chegue tão perto, doutor - disse Wendy, com calma. - Não faz bem aos olhos. É...

- Não diga! - disse ele, sentando-se aos arrancos. A voz alarmada. - Não diga, Mamãe, eu sei!

- OK, meu bem. Mas não é uma coisa tão importante. Não é, mesmo.

Sem prestar atenção, Danny curvou-se de novo sobre o livro. No seu rosto havia a expressão que seria mais adequada para um universitário durante os exames em alguma faculdade. Ela sentia cada vez menos satisfação.

- Veja a... B-O . BO L-A. LA. Veja a loba? Veja a olba. Bola! - Triunfalmente. Feroz. A ferocidade em sua voz a amedrontava. - Veja a bola!

- Isso mesmo - disse ela. - Meu bem, acho que por hoje chega.

- Mais algumas páginas, Mamãe? Por favor?

- Não, doutor. - Fechou, firme, o livro de capa vermelha. - Para a cama.

- Por favor?

- Não me aborreça com isso, Danny. Mamãe está cansada.

- OK. - Mas olhou ansioso para a cartilha.

- Vá dar um beijo em seu pai e lavar o rosto. Não esqueça de escovar os dentes.

- Está bem.

Saiu desanimado, um menininho de pijama de flanela com o desenho de uma bola no paletó e a inscrição PATRIOTAS DA NOVA INGLATERRA nas costas.

A máquina de Jack silenciou, e ela ouviu o beijo de Danny.

- Boa-noite, Papai.

- Boa-noite, doutor. Como está?

- Bem, eu acho. Mamãe me fez parar.

- Mamãe está certa. Já passam de oito e meia. Está indo ao banheiro?

- Estou.

- Bom. Estão brotando batatas de seus ouvidos. E cebolas, e cenouras, e cheiro-verde, e...

A risada de Danny, sumindo, e em seguida desaparecendo ao trancar a porta do banheiro. Gostava de privacidade no banheiro, enquanto ela e Jack eram um pouco promíscuos. Mais um sinal e eles se multiplicavam a toda hora - de que havia um outro ser humano ali, não apenas uma cópia de um deles, ou uma combinação dos dois. Ficou triste. Algum dia seu filho seria um estranho para ela, e ela seria uma estranha para ele... mas não tão estranha quanto sua própria mãe se havia tornado para ela. Por favor, não deixe que isso aconteça, Deus. Deixe-o crescer e ainda amar sua mãe.

A máquina de Jack reiniciou sua marcha.

Ainda sentada na cadeira, ao lado da mesa de leitura de Danny, deixou seus olhos passearem pelo quarto do filho. A asa do planador caprichosamente consertada. A mesa, cheia de livros com gravuras, livros de colorir, revistinhas velhas do Homem Aranha, com metade das capas arrancadas, lápis de cor, e uma pilha desarrumada de tocos de madeira. A miniatura do Volkswagen estava cuidadosamente colocada sobre essas coisas menores, o envoltório de plástico ainda intocável. Ele e o pai estariam montando amanhã à noite, ou depois de amanhã, se Danny mantivesse a média, e adeus fim-de-

semana. As fotos de Pooh, Eyore e Christopher Robin estavam presas na parede, para, em breve, serem substituídas por posters de pin-up-girls e fotos de cantores de rock drogados, supunha ela. Da inocência à experiência. Natureza humana, amor. Agarre-a, com unhas e dentes. Ainda se sentia triste. Ano que vem estaria na escola, e ela perderia, pelo menos, metade dele, talvez mais, para seus amigos. Jack e Wendy tentaram ter outro filho quando as coisas pareciam correr bem em Stovington, mas ela voltara a tomar pílulas. As coisas mostravam-se muito incertas. Só Deus sabia onde estariam daqui a nove meses.

Seus olhos bateram no ninho de vespas.

Ocupava o lugar de destaque no quarto de Danny, descansando sobre um prato plástico na mesa de cabeceira. Não gostava dele, mesmo vazio. Imaginava vagamente se teria germes, pensou em perguntar a Jack, depois achou que ele iria rir dela. Mas perguntaria ao médico amanhã, se tivesse uma chance de falar com ele longe de Jack. Não gostava da idéia daquela coisa, construída de picadas e saliva de tantas criaturas hostis, ali a poucos centímetros da cabeça de seu filho.

A água ainda corria no banheiro, e ela levantou-se e foi até o quarto grande para se certificar de que tudo estava bem. Jack não levantou os olhos; estava perdido no mundo que criava, olhando fixamente para a máquina de escrever, um cigarro apertado entre os dentes.

Bateu de leve na porta do banheiro.

- Tudo bem, doutor? Está acordado?

Nenhuma resposta.

- Danny?

Nenhuma resposta. Tentou abrir a porta. Estava trancada.

- Danny? - Estava agora preocupada. A ausência de qualquer outro ruído a não ser a água correndo, regular, deixou-a inquieta. - Danny, abra a porta, meu bem.

Nenhuma resposta.

- Deus do céu, Wendy, não vou conseguir pensar, se você ficar esmurrando essa porta, a noite inteira.

- Danny trancou-se no banheiro e não responde.

Jack deu a volta na mesa, sem graça. Esmurrou a porta com força.

- Abra, Danny. Não estou brincando.

Nenhuma resposta.

Jack bateu com mais força.

- Deixe de brincadeira, doutor. Hora de ir dormir, é hora de ir dormir. Se você não abrir, vai apanhar.

Está perdendo a calma, pensou ela, e sentiu mais medo. Jack não tocara em Danny com raiva, desde aquela noite, há dois anos, mas agora parecia estar com raiva suficiente para fazê-lo.

- Danny, meu bem... - começou ela.

Nenhuma resposta. Apenas a água correndo.

- Danny, se me fizer quebrar a fechadura passo garantir-lhe de que vai passar o resto da noite dormindo de bruços - advertiu Jack.

Nada.

- Arrombe - disse ela, e de repente teve dificuldade em falar. - Rápido.

Ele levantou um pé e arremessou-o contra a porta à direita da maçaneta. A fechadura era fraca; cedeu imediatamente e a porta, estremecendo, abriu, batendo no azulejo do banheiro, voltou e ficou entreaberta.

- Danny - berrou ela.

A água corria com toda a força no lavatório. Ao lado, um tubo de pasta de dentes, sem tampa. Danny estava sentado na beirada da banheira, do outro lado, segurando a escova de dentes, limpa, na mão esquerda, e com a espuma fina da pasta de dentes em volta da boca. Os olhos arregalados, como que em êxtase, para o espelho do armário sobre a pia. Sua fisionomia era de horror entorpecido, e seu primeiro pensamento foi que ele estivesse tendo um ataque epiléptico, e que tivesse engolido a língua.

- Danny!

Danny não respondeu. Sons guturais saíam de sua garganta.

Foi então empurrada para o lado com tanta força, que bateu no porta-toalha, e Jack estava ajoelhado em frente ao menino.

- Danny - disse ele. - Danny, Danny! - Estalou os dedos diante dos olhos vazios de Danny.

- Ah, claro - disse Danny. - Torneio. Ponto...

- Danny...

- Roque! - falou Danny, com a voz subitamente grossa, quase como um homem. - Roque. Ponto. O taco de roque... tem duas extremidades...

- Oh, Jack, meu Deus, o que está acontecendo?

Jack agarrou os cotovelos do menino, e sacudiu-o com força. A cabeça de Danny balançou para trás, e então caiu para frente como um balão pendurado num pau.

- Roque. Ponto. Redrum.

Jack sacudiu-o mais uma vez, e os olhos de Danny de repente se iluminaram. A escova caiu de sua mão com um barulhindo sobre o ladrilho.

- O quê? - perguntou, olhando em redor. Viu o pai ajoelhado diante de si, Wendy encostada na parede. - O quê? - perguntou Danny de novo, em crescente alarme. - O q-q-q-que e-s-s-t...

- Não gagueje! - berrou Jack de repente. Danny gritou com o choque, o corpo tenso, tentando livrar-se do pai, e em seguida explodindo em lágrimas. Arrependido, Jack puxou-o para junto de si. - Oh, meu bem, desculpe-me. Desculpe-me, doutor. Por favor. Não chore. Desculpe-me. Está tudo bem.

A água jorrava sem parar na pia, e Wendy sentiu que, de repente, penetrara em um pesadelo terrível onde o tempo voltava atrás, à época em que o marido, bêbado, quebrara o braço do filho, e em seguida choramingara sobre ele quase que com as mesmas palavras.

(Oh, meu bem. Desculpe-me. Desculpe-me, doutor. Por favor. Desculpe-me.)

Correu para eles, de alguma forma arrancou Danny dos braços de Jack (viu a raiva brotar, de novo, no rosto do marido, mas se desfazer para posteriores considerações), e levantou-o. Levou-o para o quarto pequeno, Danny abraçado a ela, e Jack os seguindo.

Sentou-se na cama de Danny e balançou-o em seus braços, acalmando-o com palavras soltas repetidas. Olhou para Jack, e só havia agora preocupação em seu olhar. Ele levantou as sobrancelhas como se perguntasse alguma coisa. Wendy meneou levemente a cabeça.

- Danny - disse ela. - Danny, Danny, Danny. Está bem, doutor. Tudo bem.

Finalmente, Danny acalmou-se, com leves tremores em seus braços. Ainda assim, foi com Jack que primeiro falou, Jack que estava agora sentado na cama, ao lado deles, e

ela sentiu um impulso

(Ele é, e sempre será o primeiro)

de ciúme. Jack gritara com ele, ela o confortara, ainda assim foi com o pai que Danny falou,

- Desculpe-me, se fui mau.

- Não há nada que desculpar, doutor. - Jack afagou-lhe os cabelos. - Que diabo aconteceu lá dentro?

Danny sacudiu a cabeça devagar, meio tonto.

- Não... não sei. Por que me disse para parar de gaguejar, Papai? Não sou gago.

- Claro que não - disse Jack, afetuoso, mas Wendy sentiu um aperto no coração. Jack de regente ficou apavorado, como se tivesse visto alguma coisa, um fantasma.

- Alguma coisa sobre o cronômetro... - resmungou Danny.

- O quê? - Jack curvou-se, e Danny retraiu-se nos braços da mãe.

- Jack, você o está amedrontando! - disse ela, com a voz alta e acusatória. De repente, ocorreu-lhe que estavam todos apavorados. Mas com o quê?

- Não sei; não sei - dizia Danny ao pai. - O que... o que eu disse, Papai?

- Nada - resmungou Jack. Tirou o lenço do bolso e enxugou a boca. Wendy teve, por um momento, aquela sensação nauseante de voltar no tempo. Era um gesto que lembrava bem os dias de embriaguez do marido.

- Por que trancou a porta, Danny? - perguntou ela, gentil. - Por que fez isso?

- Tony - disse ele. - Tony mandou.

Trocaram um olhar por sobre a cabeça do filho.

- Tony disse por que, filho? - perguntou Jack, com calma.

- Eu estava escovando os dentes e pensando em minha leitura - disse Danny. - Pensando mesmo. E... e vi Tony lá no fundo do espelho. Disse que tinha que me mostrar de novo.

- Quer dizer que ele estava atrás de você? - perguntou Wendy.

- Não, ele estava no espelho. - Danny foi enfático neste ponto. - Lá no fundo. E então eu

entrei pelo espelho.. Depois, só me lembro quando Papai me sacudiu e pensei que estivesse sendo mau de novo.

Jack estremeceu como se atingido.

- Não, doutor - disse ele, calmo.

- Tony lhe disse para trancar a porta? - perguntou Wendy, alisando-lhe o cabelo.

- Disse.

- E o que ele queria mostrar?

Danny ficou tenso em seus braços; era como se os músculos do corpo do garoto estivessem esticados como uma corda de piano.

- Não me lembro - disse ele, perturbado. - Não me lembro. Não me pergunte. Eu... eu não me lembro de nada!

- Sh - fez Wendy, alarmada. E começou a balançá-lo de novo. - Se você não se lembra, está bem, amor. Claro que está.

Finalmente, Danny voltou a relaxar-se.

- Quer que eu fique aqui um pouquinho? Leia uma história?

- Não. Só a luz do abajur. - Olhou timidamente para o pai. - Você fica, Papai? Só um pouquinho?

- Claro, doutor.

Wendy suspirou.

- Vou para a sala, Jack.

- OK.

Ela se levantou e olhou Danny, que se enfiava debaixo das cobertas. Parecia muito pequeno.

- Tem certeza de que está bem, Danny?

- Estou bem. Só acenda o abajur, Mamãe.

- Claro.

Acendeu-o, e fez aparecer Snoopy dormindo no telhado de sua casinha de cachorro. Até mudarem para o Overlook, ele nunca fizera questão de abajur, e então pediu um, em especial. Apagou a luz e a lâmpada de cabeceira, e olhou mais uma vez para eles, o pequeno círculo branco do rosto de Danny e Jack acima. Hesitou

(e então eu entrei pelo espelho)

e deixou-os rapidamente.

- Está com sono? - perguntou Jack, tirando o cabelo de Danny da testa.

- Estou.

- Quer um copo d'água?

- Não...

Houve cinco minutos de silêncio. Suas mãos ainda estavam na cabeça de Danny. Pensando que o menino adormecera, estava praticamente se levantando e saindo, quando Danny falou quase dormindo:

- Roque.

Jack voltou-se, sem nada entender.

- Danny...?

- Você não seria capaz de machucar Mamãe, seria, Papai?

- Não.

- Nem a mim?

- Não.

Silêncio novamente, prolongado.

- Papai?

- O quê?

- Tony veio e me falou sobre roque.

- Foi, doutor? O que foi que disse?

- Não me lembro bem. Somente Tony dizendo que os tempos são contados como em

beisebol. Não é engraçado?

- É. - O coração de Jack batia forte. Como era possível o menino saber uma coisa dessas? Roque era jogado por tempos, não como no beisebol, mas como no críquete.

- Papai... ? - Estava quase dormindo.

- O quê?

- O que é redrum?

- Red drum? Soa-me como alguma coisa que os índios levam para a guerra.

Silêncio.

- Ei, doutor.

Mas Danny dormia, ressonando, coração batendo lento. Jack sentou-se olhando o filho por um momento, e ondas de amor sufocaram-no. Por que gritara com o menino? Era perfeitamente normal gaguejar um pouco. Saíra de um estado de torpor, ou alguma espécie estranha de transe, e a gagueira era perfeitamente normal naquelas circunstâncias. Perfeitamente. E não dissera cronômetro de forma alguma. Fora outra coisa, bobagem, linguagem inarticulada.

Como sabia que roque era jogado em tempos. Alguém lhe dissera? Ullman? Hallorann?

Olhou suas mãos. Os punhos cerrados e apertados pela tensão

(deus preciso de um gole)

e as unhas enterradas nas palmas como pequenos estigmas. Aos poucos, foi forçando para que abrissem.

- Eu o amo, Danny - sussurrou. - Só Deus sabe quanto.

Saiu do quarto. Mais uma vez perdera a calma, só um pouco, mas o bastante para se sentir mal e com medo. Um gole abrandaria essa sensação, oh sim. Abrandaria isso

(Alguma coisa a ver com o cronômetro)

e tudo o mais. Não havia a menor dúvida quanto àquelas palavras. Nenhuma. Cada uma fora tão clara quanto o repicar de um sino. Parou no corredor, olhou para trás e, automaticamente, enxugou os lábios com o lenço.

Suas silhuetas eram apenas formas negras no brilho da luz da noite. Wendy, de calcinhas, foi até a cama de Danny e o cobriu novamente; ele se havia descoberto. Jack

parou na porta, observando-a colocara mão na testa do filho.

- Está febril?

- Não. - Beijou seu rosto.

- Graças a Deus você marcou consulta - disse ele, quando a mulher voltou para o quarto. - Acha que o cara entende da coisa?

- O caixa disse que ele é muito bom. É só o que sei.

- Se houver algo de errado, vou mandar vocês dois para a casa de sua mãe, Wendy.

- Não.

- Eu sei como se sente - falou Jack, abraçando-a.

- Você não tem idéia de como me sinto em relação a ela.

- Wendy, não há outro lugar para onde posse mande-los. Você sabe disso.

- Se você viesse...

- Sem este emprego, estamos liquidados - disse ele, objetivo. - Você sabe disso.

Sua silhueta concordou, vagarosa. Ela sabia.

- Quando tive a entrevista com Ullman, achei que fosse balela. Agora, não estou tão certo disso. Talvez não devesse ter-me submetido a isso, junto com vocês. A sessenta quilômetros da civilização.

- Eu o amo. E Danny o ama ainda mais. Se é que é possível. Ele ficaria com o coração partido, Jack. Ficará, se você nos mandar embora.

- Não pinte a coisa assim.

- Se o médico disser que há alguma coisa errada, vou procurar emprego em Sidewinder - disse ela. - Se não o conseguir, Danny e eu iremos para Boulder. Não posso ir para a casa de minha mãe, Jack. Não nessa situação. Não me peça. Simplesmente... não posso.

- Acho que entendo. Sorria. Talvez não seja nada.

- Talvez.

- O médico é às duas?

- Sim.

- Vamos deixar a porta do quarto aberta, Wendy.

- Está bem. Mas acho que ele vai dormir a noite inteira.

Mas não dormiu.

Bum... bum... bumbum BUMBUM

Fugia dos sons pesados, estilhaçantes e dos ecos pelo labirinto de corredores, de pés descalços que deslizavam sobre uma selva espessa de azul e negro. Cada vez que ouvia o taco de roque atirar-se contra a parede em algum ponto atrás de si, sentia vontade de gritar bem alto. Mas não devia. Não devia. Gritando, se trairia e então

(então REDRUM)

(Venha cá tomar seu remédio, seu chorão miserável.)

Ele podia ouvir o dono daquela voz vindo, vindo em sua direção, correndo pelo corredor como um tigre numa selva hostil azul e negra. Um canibal.

(Venha cá, seu pequeno filho da puta!)

Se conseguisse descer as escadas, se conseguisse sair deste terceiro andar, poderia ficar bem. Até o elevador. Se pudesse lembrar o que tinha sido esquecido. Mas estava escuro e, aterrorizado, perdera o rumo. Dobrava um corredor, e outro, o coração na boca como fogo e gelo, temendo que cada curva o levasse face a face com o tigre humano nos corredores.

O estrondo estava agora bem atrás dele, o terrível grito rouco. A cabeça do taco assobiava cortando o ar (roque... ponto... roque... ponto... REDRUM)

antes de se arremessar sobre a parede. O deslizar macio dos pés no tapete de selva. Na boca, o gosto amargo de pânico.

(Vai lembrar-se do que foi esquecido... mas lembraria? O que era?)

Fugiu por um outro corredor e notou desesperado, que estava num beco sem saída. Pelos três lados, as portas olhavam-no com censura. A ala oeste. Estava na ala oeste e podia ouvir a tempestade que gritava lá fora, parecendo sufocar sua garganta negra cheia de neve.

Encostou-se na parede, chorando de medo, o coração agora batendo como o de um coelho apanhado numa armadilha. Quando suas costas estavam apoiadas no papel de parede azul-claro, perdeu o controle das pernas e desmaiou, ofegante, sobre o tapete, as

mãos abertas sobre a selva de trepadeiras e plantas trançadas.

Mais alto. Mais alto.

Havia um tigre no corredor, e agora estava já no outro corredor ainda berrando naquela ira aguda, dominadora e alucinada, o taco de roque batendo, pois o tigre andava sobre duas patas e era...

Acordou sufocado, de repente; sentou-se na cama, de olhos arregalados e fixos no escuro, as mãos cruzadas sobre o rosto.

Alguma coisa na mão. Rastejando.

Vespas. Três.

Picaram-no como se fossem agulhas, e foi quando todas as imagens se diluíram, e caíram e caíram sobre ele como uma avalanche negra e começou a gritar no escuro, as vespas agarradas a sua mão esquerda, picando uma vez após outra.

As luzes se acenderam, e Papai parado ali de calção, olhos penetrantes. Mamãe, atrás dele, com sono e apavorada.

- Tire todas elas daqui! - gritava Danny.

- Ó meu Deus - disse Jack. E viu.

- Jack, o que está acontecendo com ele? O quê?

O marido não respondeu. Correu para a cama, pegou o travesseiro de Danny, e bateu com ele sobre a mão esquerda do filho. De novo. Wendy viu insetos grandes levantarem-se no ar, zumbindo.

- Pegue uma revista! - gritou ele. - Mate-as!

- Vespas? - disse ela, e por um momento viu-se dentro Ge si própria, praticamente sem iniciativa. A raiva crescendo, e o raciocínio ligado à emoção. - Vespas, Santo Deus, Jack, você disse...

- Cale a boca e acabe com elas. - gritou ele. - Faça o que estou mandando!

Uma delas pousara sobre a escrivaninha de Danny. Ela apanhou um livro de colorir e bateu com ele sobre a vespa. Ficou a mancha escura e viscosa.

- Há uma outra na cortina - disse ele, passando por ela com Danny nos braços.

Levou o menino para seu quarto e colocou-o na cama, no lado que pertencia a Wendy.

- Deite-se aí, Danny. Não volte até que eu avise. Entendeu? Com o rosto cheio de lágrimas, Danny concordou.

- Meu menino valente.

Jack correu até as escadas. Atrás, ouviu os dois ruídos do livro de colorir e, em seguida, a mulher gritando de dor. Não parou, e correu escada abaixo, descendo os degraus de dois em dois, até o saguão escuro. Passou pelo escritório de Ullman a caminho da cozinha, batendo a coxa contra a ponta da mesa de madeira do gerente, quase sem sentir. Bateu nos objetos pendurados na parede da cozinha e foi até a pia. Os pratos lavados do jantar ainda estavam empilhados no escorredor, onde Wendy os arrumara. Apanhou o pyrex grande de cima. Um prato caiu no chão e quebrou. Ignorando-o, Jack voltou pelo escritório e subiu as escadas.

Wendy parada na porta do quarto de Danny, sem fôlego. O rosto da cor de uma toalha de mesa. Os olhos brilhando e sem vida; o cabelo desalinhado caindo sobre o pescoço.

- Peguei todas - disse ela, estupidamente - mas uma me picou. Jack, você disse que estavam todas mortas. - Começou a chorar.

Passou por ela sem dizer nada e levou o pyrex para cima do ninho ao lado da cama de Danny. O ninho estava parado. Não havia nada ali. Pelo menos, no lado de fora. Abafou-o com a travessa.

- Isso - disse ele. - Vamos.

Voltaram ao quarto.

- Onde a picaram? - perguntou Jack.

- Meu... meu pulso.

- Vamos ver.

Ela mostrou-lhe. Exatamente em cima das linhas que separam a palma da mão do pulso, havia um pequeno círculo. A pele ao redor estava inchada. ,

- Você tem alergia a picadas de insetos? - perguntou. Pense bem! Se você for alérgica, Danny pode ser também. Os desgraçados picaram-no umas cinco ou seis vezes.

- Não - respondeu ela, mais calma. - Eu... só as detesto, é só. Detesto.

Danny estava sentado aos pés da cama, segurando a mão esquerda e olhando as picadas. Os olhos enuviados olhavam para Jack reprovadoramente.

- Papai, você disse que matou todas. Minha mão... está doendo muito.

- Vamos ver, doutor... não, não vou tocar. Isso faria doer ainda mais. Só me mostre.

Mostrou e Wendy gemeu.

- Oh, Dann... oh, sua mãozinha!

Depois, o médico contaria 11 picadas distintas. Agora, tudo o que viam era uma mancha com pequenos buracos, como se a palma da mão e os dedos tivessem sido salpicados com pedacinhos de papel vermelho. Eslava muito inchada. A mão começava a parecer com aquela de desenhos animados, quando o Frajola ou o Piu-Piu machucam-se com um martelo.

- Wendy, vá buscar aquele spray no banheiro - disse ele.

Ela foi, e Jack sentou-se junto de Danny, escorregando um braço sobre seus ombros.

- Depois que aplicar o spray em sua mão, quero tirar umas fotografias com a máquina Polaroid, doutor. Depois, você vai dormir o resto da noite conosco, OK?

- Está certo - respondeu Danny. - Mas por que vai tirar fotografias?

- Talvez possamos, assim, processar alguns canalhas.

Wendy voltou com o tubo de spray em formato de extintor de incêndio.

- Não vai doer, doutor - disse ela, destampando o objeto.

Danny mostrou a mão e ela colocou o spray dos dois lados até melhorar. Ele deu um suspiro profundo.

- Dói muito? - perguntou Wendy.

- Não. Melhorou.

- Agora tome isto. Mastigue. - Deu-lhe cinco aspirinas infantis, sabor laranja.

Danny segurou-as e triturou-as na boca, uma por uma.

- Não é aspirina demais? - perguntou Jack.

- As picadas são muitas - retrucou ela, rispidamente. Vá, e livre-se daquele ninho, Jack Torrance. Agora mesmo.

- Um minuto só.

Foi ao armário e apanhou a Polaroid na gaveta de cima. Procurou no fundo e encontrou alguns cubos de flash.

- Jack, o que está fazendo? - perguntou, um pouco histérica.

- Ele vai tirar umas fotografias de minha mão - disse Danny muito sério - e então vamos processar alguns canalhas. Certo, Papai?

- Certo - respondeu Jack, sorrindo. Colocou um flash na máquina. - Segure firme, filho. Calculo uns cinco mil dólares por picada.

- De que está falando? - Wendy quase gritou.

- Vou dizer-lhe. Segui as instruções daquela porra de bomba. Vamos processá-los. A porcaria está defeituosa. Tem que estar. De que outra forma se pode explicar isso?

- Oh - disse ela baixinho.

Jack tirou quatro fotografias, puxando cada filme para que Wendy marcasse o tempo no relógio pequeno que trazia pendurado no pescoço, como um medalhão. Danny, fascinado com a idéia de que suas picadas poderiam valer milhares e milhares de dólares, começou a perder o medo e tomar interesse ativo. A mão latejava forte, e ele sentia dor de cabeça.

Quando Jack guardou a máquina e espalhou as fotos sobre o armário, para secar, Wendy disse:

- Acha que deveríamos levá-lo ao médico hoje à noite?

- Não, a não ser que venha doendo muito - falou Jack. Se uma pessoa tem forte alergia ao veneno de vespas, é atingida em trinta segundos.

- Atingida? O que você...

- Coma. Ou convulsões.

- Oh! Õ meu Deus. - Cruzou os braços e abraçou-se, pálida e abatida. - Como se sente, filho? Acha que consegue dormir?

Danny piscou. O pesadelo transformara-se num cenário inexpressivo e estúpido em- sua mente, mas ele ainda estava com medo.

- Se puder dormir com vocês.

- Claro - disse Wendy. - Oh, meu bem, desculpe-me.

- Está tudo bem, Mamãe.

Ela voltou a chorar, e Jack colocou as mãos sobre seus ombros.

- Wendy, juro que segui as instruções.

- Vai livrar-se dele amanhã de manhã? Por favor?

- Claro que vou.

Os três foram para a cama juntos, e Jack já estava quase dormindo, quando resolveu levantar-se de novo. - Quero uma foto do ninho, também.

- Volte para a cama.

- Daqui a pouco.

Foi ao armário, apanhou a máquina e o último flash, e levantou o polegar para Danny. O garoto sorriu e fez-lhe o mesmo sinal com a mão sadia.

Um garotão, pensou, enquanto ia para o quarto de Danny. Como se já não bastasse o que acontece.

O capacete ainda estava lá. Jack cruzou o beliche e, quando olhou para a mesa ao lado, arrepiou-se. Os cabelos do pescoço ficaram em pé.

Só com dificuldade podia ver o ninho através do vidro transparente da travessa. O interior do pyrex estava cheio de vespas. Era difícil dizer quantas. Pelo menos 50. Talvez 100.

Com o coração batendo forte e devagar no peito, tirou as fotografias e descansou a máquina à espera da revelação. Enxugou os lábios com a palma a mão. Um pensamento repetia-se em sua mente, ecoando com

(Perdeu a calma. Perdeu a calma. Perdeu a calma.)

um temor quase supersticioso. Voltaram. Ele as havia matado, mas as vespas voltaram.

Em sua mente, ouvia sua própria voz gritando no rosto do filho apavorado e chorando: Não gagueje.

Enxugou os lábios novamente.

Foi até à escrivaninha de Danny, deu uma busca nas gavetas e encontrou a caixa de um quebra-cabeça. Levou-a para a mesa de cabeceira e com cuidado escorregou o pyrex e o

ninho sobre ela. As vespas zumbiram raivosas dentro de sua prisão. Em seguida, colocando a mão sobre o pyrex, para que não escorregasse, foi ao corredor.

- Você vem para a cama, Jack? - perguntou Wendy.

- Vem para a cama, Papai?

- Tenho que ir lá embaixo um instante - disse ele, fazendo voz suave.

Como acontecera? Como, pelo amor de Deus?

A bomba sem dúvida foi um fracasso. Ele vira a fumaça espessa e branca saindo, quando empurrara o anel. E quando voltou duas horas depois, sacudira um mar de corpúsculos mortos do buraco.

Então como? Geração espontânea?

Loucura. Besteira do século XVII. Insetos não passavam por geração espontânea. E mesmo que ovos de vespas amadurecessem tornando-se insetos adultos em 12 horas, esta não era época de a rainha botar ovos. Acontecia em abril ou maio. O outono era época de sua extinção.

Uma contradição biológica, as vespas zumbiam furiosas debaixo do pyrex.

Desceu com elas e passou pela cozinha. No fundo, havia uma porta que dava para fora. O vento frio da noite soprava contra seu corpo semi-despido, e seus pés paralisaram-se, quase que instantaneamente, no piso de concreto frio da plataforma, onde as entregas de leite se processavam na época de temporada do hotel. Colocou a caixa e o pyrex no chão, com cuidado e, quando se levantou, olhou o termômetro pendurado do lado de fora da porta.

O termômetro marcava quatro graus abaixo de zero. O frio mataria todas as vespas pela manhã. Entrou e fechou a porta com firmeza. Depois de um minutos de reflexão, resolveu trancá-la também.

Atravessou a cozinha novamente, apagou as luzes. Ficou parado por um instante na escuridão, pensando, desejando um gole. De repente, o hotel parecia estar cheio de milhares de sussurros: estalos e gemidos, e o assobio furtivo do vento sob as telhas, onde talvez mais ninhos de vespas estivessem pendurados como frutos venenosos.

Elas haviam voltado.

E num relance descobriu que não gostava do Overlook tanto quanto antes, como se não fossem vespas que picaram o filho, vespas que miraculosamente sobreviveram à bomba contra insetos, mas o próprio hotel.

O último pensamento antes de subir ao encontro da mulher e do filho

(daqui para a frente você vai conter seu gênio. Não importa como.)

foi firme, decidido e definitivo.

Enquanto atravessava o saguão, limpou os lábios com a mão.

17

NO CONSULTÓRIO

Só de cueca, deitado na mesa de exame, Danny Torrance parecia muito pequeno. Olhava para o Dr. ("Simplesmente me chamam de Bill") Edmonds, que deslizava uma grande máquina negra para o seu lado. Danny o acompanhava com os olhos.

- Não se deixe impressionar, cara - disse Bill Edmonds. É um eletroencefalograma, e não machuca.

- Eletro...

- O apelido é EEG. Vou pregar uma porção de fios em sua cabeça... não, não vou colar, vou só prender com uma fita adesiva... e as canetinhas deste dispositivo vão detectar suas ondas cerebrais.

- Como no Homem de Seis Milhões de Dólares?

- Mais ou menos a mesma coisa. Você gostaria de ser como o Steve Austin quando crescer?

- De jeito nenhum - disse Danny, enquanto a enfermeira começava a pregar os fios em pequenos pontos rapados de seu crânio. - Meu pai diz que; qualquer dia desses, ele vai dar um curto-circuito e vai... vai embarcar em canoa furada.

- Sei bem o que são essas canoas - disse o Dr. Edmonds muito cordialmente. - Já passei por isso algumas vezes, e sem remo. Um EEG nos pode dizer uma porção de coisas, Danny.

- Como o quê?

- Como, por exemplo, se você tem epilepsia. Esse é um probleminha que...

- Sim. Eu sei o que é epilepsia.

- Sabe mesmo?

- Claro. Havia um menino no maternal em Vermont... fui para o maternal quando era pequeno... e ele tinha epilepsia. Ele não podia usar o quadro luminoso.

- O que era isso, Dan? - O médico se voltou para a máquina. Traços finos começaram a riscar seu caminho pelo papel.

- Tinha luzes de todas as cores. E quando você ligava, algumas luzes coloridas se acendiam, mas não todas. E você tinha que contar as cores e, se empurrasse o botão certo, podia desligar. Brent não podia fazer isso.

- Isso porque luzes brilhantes, às vezes, causam um ataque epiléptico.

- O senhor quer dizer que, usando o quadro luminoso, ele poderia desmaiar?

Edmonds e a enfermeira trocaram um olhar rápido e divertido.

- Pouco delicado, mas colocado acuradamente, Danny.

- O quê?

- Falei que você está certo, porém deve dizer "ataque" ao invés de "desmaiar".

- Isso não é muito cordial... OK, deite-se imóvel como um rato.

- OK.

- Danny, quando você tem esses... seja lá o que for, lembra-se de ver luzes brilhantes antes?

- Não.

- Ruídos engraçados? Campainhas? Sinos?

- Hum, hum.

- E o que me diz de um cheiro estranho, talvez laranjas ou serragem? Ou um cheiro de alguma coisa podre?

- Não, senhor.

- As vezes, tem vontade de chorar antes de perder os sentidos, mesmo não se sentindo triste?

- De jeito nenhum.

- Muito bem, então.

- Tenho epilepsia, Dr. Bill?

- Não acho que tenha, Danny. Fique quietinho aí. Está quase pronto.

A máquina zuniu e rabiscou por mais uns cinco minutos e, então, o Dr. Edmonds desligou-a.

- Tudo pronto, cara. - disse Edmonds, alegre. - Deixe Sally tirar esses eletrodos e depois venha para a sala ao lado. Quero conversar um pouco com você. OK?

- Está bem.

- Sally, continue e aplique o teste de agulha antes de ele vir.

- Sim.

Edmonds rasgou o longo rolo de papel que a máquina expelira e foi para a outra sala, examinando-o.

- Vai ser só uma picadinha - disse a enfermeira, depois que Danny vestiu as calças. - É para certificar que você não tem tuberculose.

- Aplicaram isso em minha escola, no ano passado - falou Danny, sem interesse.

- Mas isso foi há muito tempo, e você agora já está crescido, certo?

- Acho que sim. - Danny suspirou, oferecendo o braço para o sacrifício.

Quando já estava vestido e calçado, passou pela porta e entrou na sala do Dr. Edmonds. Ele estava sentado no canto da mesa, balançando as pernas, pensativamente.

- Oi, Danny.

- Oi.

- Como está a mão agora? - Apontou para a mão esquerda de Danny, que estava levemente enfaixada.

- Quase boa.

- ótimo. Verifiquei seu EEG e parece bom. Mas vou enviá-lo a um amigo meu de Denver que ganha a vida lendo essas coisas. Só quero ter certeza.

- Sim, senhor.

- Conte-me sobre Tony, Dan.

Danny arrastou os pés.

- Ele é apenas um amigo invisível - disse o garoto. - Inventei-o. Para me fazer companhia.

Edmonds riu e colocou as mãos sobre os ombros de Danny.

- Isso é o que seu pai e sua mãe dizem. Mas só entre nós, cara. Sou seu médico. Conte a verdade e prometo que não vou dizer nada a ninguém, a menos que você me autorize.

Danny pensou a respeito. Olhou para Edmonds e então, com um pequeno esforço de concentração, tentou captar os pensamentos de Edmonds ou pelo menos a cor do seu espírito. E de repente obteve uma imagem estranhamente reconfortante em sua cabeça: arquivos, gavetas escorregando uma após outra, trancando-se com um clique. Escrito nas pequenas plaquinhas no centro de cada gaveta estava: A-C, SECRETO; D-G, SECRETO; e assim por diante. Isso fez Danny ficar mais tranqüilo.

Com cuidado, o garoto disse:

- Não sei quem é Tony.

- Ele tem sua idade?

- Não. Ele tem pelo menos onze anos. Acho que pode ser até mais velho. Nunca o vi de perto. Ele pode ter idade suficiente para dirigir um carro.

- Você só o vê a distância, hem?

- Sim, senhor.

- E ele sempre aparece justamente antes de você perder os sentidos?

- Bem, eu não perco os sentidos. B como se eu fosse com ele. E ele me mostra coisas.

- Que tipo de coisas?

- Bem... - Danny relutou por um momento e então falou a Edmonds sobre o baú do pai com todos os seus escritos dentro, e como os carregadores, afinal de contas, não o haviam perdido no caminho entre Vermont e o Colorado. Estivera debaixo da escada o tempo todo.

- E seu pai encontrou-o onde Tony disse que ele encontraria?

- Oh, sim senhor. Só que Tony não me disse. Ele me mostrou.

- Entendo. Danny, o que Tony lhe mostrou ontem à noite? Quando você se trancou no banheiro.

- Não me lembro - disse Danny, rapidamente.

- Tem certeza?

- Sim, senhor.

- Há poucos momentos eu disse que você trancou a porta do banheiro. Mas não estava certo, estava? Tony trancou a porta.

- Não, senhor. Tony não poderia trancar a porta porque ele não é real. Ele quis que eu o fizesse, e eu obedeci. Tranquei-a.

- Tony sempre lhe mostra onde estão as coisas perdidas?

- Não, senhor. Às vezes, ele me mostra coisas que ainda vão acontecer.

- É mesmo?

- É. Como uma vez quando Tony me mostrou os divertimentos e o parque de animais selvagens de Great Barnngton. Tony me disse que Papai iria levar-me até lá no meu aniversário. E ele levou.

- O que mais ele lhe mostra?

Danny franziu a testa.

- Cartazes. Está sempre me mostrando cartazes idiotas. E dificilmente consigo lê-los.

- Por que você acha que Tony faria isso, Danny?

- Não sei. - Os olhos de Danny brilharam. - Mas meu pai e minha mãe estão-me ensinando a ler, e tenho-me esforçado.

- Assim você conseguirá ler os cartazes de Tony.

- Bem, eu realmente quero aprender. Mas isso também.

- Você gosta de Tony. Danny?

O garoto olhou para o chão ladrilhado e não disse nada.

- Danny?

- É difícil dizer - falou Danny. - Gostava. Costumava esperar que ele viesse todo dia, porque sempre me mostrava coisas boas, especialmente desde que Mamãe e Papai não pensam mais em DIVÓRCIO. - Os olhos do Dr. Edmonds se aguçaram, mas Danny não percebeu. Estava olhando fixamente para o chão, concentrando em se expressar bem. - Mas agora, não importa, quando vem mostra-me coisas ruins. Coisas horríveis. Como no banheiro ontem à noite. As coisas que ele mostra ferroam-me como as vespas me ferroaram. Só que as coisas de Tony me ferroam aqui em cima. Bateu, muito sério, com o dedo na testa, uma criança inconscientemente parodiando o suicídio.

- Que coisas, Danny?

- Não me lembro! - gritou Danny, agoniado. - Se soubesse, diria! Acho que não me lembro porque é tão ruim que não quero me lembrar. Tudo que me lembro quando acordo é REDRUM.

- Red drum ou red rum? *

* Red Drum - Tambor Vermelho; Red Rum = Rum Vermelho. (N. da T.)

- Rum.

- O que é isso, Danny?

- Não sei.

- Danny?

- Senhor?

- Você conseguiria fazer Tony aparecer agora?

- Não sei. Ele nem sempre aparece. Eu nem sei se quero que ele apareça mais.

- Experimente, Danny. Vou ficar aqui.

Danny olhou para Edmonds em dúvida. O médico balançou a cabeça encorajando-o.

Danny emitiu um longo suspiro e concordou,

- Mas não sei se vai funcionar. Nunca fiz diante de outra pessoa. E de qualquer forma não é sempre que Tony aparece.

- Se não aparecer, não apareceu - disse Edmonds. - Só quero que você experimente.

- Está bem.

O garoto olhou para baixo em direção aos mocassins de Edmonds que balançavam devagar e dirigiu sua mente para o pai e a mãe. Estavam aqui em algum lugar... exatamente por trás daquela parede com o quadro pendurado. Na sala de espera por onde entraram. Sentados lado a lado, mas em silêncio. Folheando revistas. Preocupados. Com ele.

Concentrou-se mais profundamente, as sobrancelhas franzidas, tentando captar o pensamento da mãe. Era sempre mais difícil quando não estavam com ele. Começou então a captar. Mamãe pensava na irmã. Irmã dela. A irmã estava morta. Wendy pensava que aquilo fora a coisa mais importante que transformara sua mãe numa

(miserável?)

galinha velha. Porque sua irmã morrera. Quando menina, ela era

(atropelada oh deus não poderia nunca agüentar alguma coisa assim novamente como aileen mas e se ele estivesse doente realmente doente com câncer meningite leucemia tumor cerebral como o filho de john gunther ou distrofia muscular oh minha nossa crianças nessa idade têm leucemia tratamento de rádio o tempo todo quimioterapia não temos condições para pagar coisas desse tipo mas naturalmente não podem em absoluto matá-lo no meio da rua e de qualquer forma ele está bem bem bem você não devia ficar pensando)

(Danny...)

(sobre aileen e)

(Danny...)

(aquele carro)

(Danny...)

Mas Tony não estava ali. Somente sua voz. E enquanto se afastava, Danny a seguia pela escuridão, caindo e rolando por algum buraco mágico entre os mocassins do Dr. Bill que balançavam passando por ruídos altos de pancadas, mais adiante, uma banheira atravessada silenciosamente na escuridão com alguma coisa horrível refestelada no interior, passando pelo doce dobrar dos sinos da igreja, e, ainda, por um relógio dentro de uma redoma de vidro.

A escuridão foi então atravessada por uma única lâmpada fraca, cercada de teia de aranha. O brilho frágil exibia um chão de pedra que parecia úmido e desagradável. Em algum lugar não muito distante havia um ruído mecânico constante; em surdina, porém

sem aterrorizar. Soporífero. O tipo da coisa que podia ser esquecida, pensou Danny, cheio de sonhos.

Quando seus olhos se adaptaram ao brilho, pôde ver Tony a sua frente, uma silhueta. Tony olhava alguma coisa e Danny esticou os olhos para ver o que era.

(Seu pai. Está vindo ,seu pai?)

Claro que via. Como poderia deixar de vê-lo, mesmo sob a lâmpada fraca do porão? Papai estava ajoelhado no chão, dirigindo a lanterna para caixas de papelão velhas e caixotes de madeira. As caixas de papelão eram velhas e apodrecidas; algumas abriam-se e entornavam os papéis no chão. Jornais, livros, pedaços de papel impresso que pareciam notas de despesas. Papai examinava tudo com grande interesse. Em seguida, Papai olhou para cima e voltou a lanterna para outra direção. O feiro de luz iluminou um outro livro, um livro grande, branco, amarrado com um cordão dourado. A capa parecia de couro branco. Era um álbum de recortes. Danny, de repente, precisou chamar o pai, para avisá-lo de que deixasse o álbum ali, que alguns livros não deviam ser abertos. Mas o pai subia para apanhá-lo.

O som mecânico que agora reconhecia como vindo da caldeira do Overlook, que Papai controlava três ou quatro vezes ao dia, desenvolvera um ritmado ruído profético. Começava a soar como...

como pancada. E o cheiro de mofo, umidade e papel podre transformava-se em outra coisa... em cheiro forte de Coisa Ruim. Flutuava sobre o pai como vapor enquanto ele subia para apanhar o livro... e agarrá-lo.

Tony estava em algum lugar na escuridão

(Este lugar desumano cria monstros humanos. Este lugar desumano)

repetindo vezes sem conta a mesma coisa sem nexo.

(cria monstros humanos.)

Mergulhou novamente na escuridão, acompanhado pelo forte trovão de pancadas que já não era mais a caldeira, mas um som de um taco assobiador batendo contra as paredes de papel de seda, lançando baforadas de gesso calcinado. E rastejando inutilmente sobre o tapete de selva azul e negra.

(Saia)

(Este lugar desumano)

(e tome seu remédio!)

(cria monstros humanos.)

Com um suspiro que ecoou em sua própria cabeça, ele se retirou da escuridão. Havia mãos sobre ele e, a princípio, assustou-se, pensando que aquela coisa negra no Overlook, do mundo de Tony, o tivesse, de alguma forma, seguido ao mundo das coisas reais... e em seguida o Dr. Edmonds dizia:

- Você está bem, Danny. Está bem. Está tudo bem.

Danny reconheceu o médico e os contornos do consultório. Começou a tremer sem parar. Edmonds segurou-o.

Quando a reação começou a diminuir, Edmonds perguntou:

- Você disse alguma coisa sobre monstros, Danny... o que era?

- Este lugar desumano - disse o garoto, naturalmente. Tony me disse... este lugar desumano... cria... cria... - Sacudiu a cabeça. - Não consigo lembrar-me.

- Tente!

- Não consigo.

- Tony apareceu?

- Sim.

- O que foi que ele lhe mostrou?

- Escuro. Pancadas. Não me lembro.

- Onde estava?

- Deixe-me em paz! Não me lembro! Deixe-me em paz! Começou a soluçar sem parar de medo e frustração. Estava tudo acabado, dissolvido na desordem como um pacote de papel molhado, a memória falha.

Edmonds foi ao bebedouro e lhe trouxe um copo d'água. Danny bebeu, e Edmonds trouxe outro.

- Melhor?

- Sim.

- Danny, não quero cansá-lo... chateá-lo com isso, realmente não quero. Mas consegue lembrar-se da alguma coisa antes de Tony aparecer?

- Minha mãe - disse Danny, devagar. - Está preocupada comigo.

- As mães sempre se preocupam, cara.

- Não... Mamãe tinha uma irmã que morreu quando era menina. Aileen. Ela estava pensando em como Aileen foi atropelada por um carro, e por isso ela está preocupada comigo. Não me lembro de mais nada.

Edmonds o olhava fixamente.

- Ela estava pensando nisso agora mesmo? Na sala de espera?

- Sim, senhor.

- Danny, como sabe?

- Não sei - disse Danny, pálido. - Acho que é a luz.

- O quê?

Danny meneou a cabeça devagar.

- Estou muito cansado. Posso ver minha mãe e meu pai? Não quero mais responder a perguntas. Estou cansado. E meu estômago está doendo.

- Vai vomitar?

- Não, senhor. Só quero ver minha mãe e meu pai.

- OK, Dan. - Edmonds levantou-se. - Vá, fique com eles por um minuto e depois mande-os entrar para que eu possa conversar com eles. OK?

- Sim, senhor.

- Há livros lá fora para você olhar. Você gosta de livros, não gosta?

- Sim, senhor - falou Danny, obediente.

- Você é um bom menino, Danny.

O menino deu-lhe um vago sorriso.

- Não encontrei nada de errado nele - disse o Dr. Edmonds aos Torrances. - Fisicamente, nada. Mentalmente, ele é inteligente e muito criativo. Acontece. As crianças precisam de estímulos para extravasar sua imaginação. A de Danny ainda é muito grande. Seu QI

já foi testado alguma vez?

- Não acredito nesses testes - disse Jack. - Eles reprimem as aspirações tanto dos pais quanto dos professores.

O Dr. Edmonds concordou.

- Pode ser. Mas se o testarem, apurariam que ele não está na escala de seu grupo etário. Sua habilidade verbal, para um menino de cinco, quase seis anos, é estupenda.

- Nós não o reprimimos - falou Jack, com traços de orgulho.

- Duvido que precisassem para se fazerem entender. - Edmonds fez uma pausa, batendo com a caneta. - Ele entrou em transe enquanto esteve comigo. A meu pedido. Exatamente como vocês o descreveram no banheiro ontem à noite. Os músculos frouxos, o corpo caído, os olhos girando. Auto-hipnose. Fiquei assombrado. Ainda estou.

Os Torrances sentaram-se mais para a frente.

- O que aconteceu? - perguntou Wendy, tensa. E Edmonds, com cuidado, relatou o transe de Danny, a frase murmurada, da qual Edmonds só conseguira arrancar as palavras "monstros", "escuro", "pancada". As lágrimas, a quase histeria, e a dor de estômago nervosa, como conseqüência.

- Tony outra vez - falou Jack.

- O que isso tudo significa? - perguntou Wendy. - O senhor tem idéia?

- Poucas. Podem não gostar delas.

- De qualquer forma, continue - disse Jack.

- Pelo que Danny me disse, seu "amigo invisível" era realmente um amigo até que vocês se mudaram da Nova Inglaterra para cá. Tony só se tornou uma figura apavorante depois da mudança. Os agradáveis interlúdios tornaram-se pesadelos, até mais apavorantes para seu filho, pois ele não consegue lembrar-se exatamente sobre o que são os pesadelos. Isso é bastante comum. Todos nós nos lembramos de nossos sonhos agradáveis com mais clareza do que daqueles que nos amedrontam. Parece haver um cara em algum lugar entre o consciente e o subconsciente, e uma porção de puritanos mora ali. Este censor só permite a entrada de algumas poucas coisas, e freqüentemente o que entra é apenas simbólico. É simplificar demais Freud, mas descreve razoavelmente o que sabemos sobre a interação da mente com ela própria.

- O senhor acha que a mudança entristeceu Danny tanto assim? - perguntou Wendy.

- Pode ser, se aconteceu sob circunstâncias traumatizantes respondeu Edmonds. - Aconteceu?

Wendy e Jack trocaram olhares.

- Eu ensinava numa escola preparatória - disse Jack, devagar. - Perdi o emprego.

- Entendo - falou Edmonds. Colocou a caneta com que brincava firmemente no porta-caneta. - Temo haver mais alguma coisa. Pode ser penoso para vocês. Seu filho parece acreditar que vocês dois tenham seriamente estudado a possibilidade de um divórcio. Falou disso, muito por alto, mas apenas porque acredita que não estejam mais considerando o fato.

Jack ficou boquiaberto, e Wendy recuou como se tivesse levado um tapa. O sangue fugiu de seu rosto.

- Nós nunca sequer discutimos sobre isso! - disse ela. Nem diante dele, nem diante de nós mesmos! Nós.. .

- Acho que seria melhor, se o senhor entendesse tudo, doutor - interrompeu Jack. - Pouco tempo depois que Danny nasceu, tornei-me um alcoólatra. Tive problemas com bebida durante toda a faculdade, que diminuiu um pouco depois que Wendy e eu nos conhecemos, aumentou mais ainda depois que Danny nasceu, e quando minha capacidade de escrever, o que considero meu verdadeiro trabalho, decresceu. Na época em que Danny tinha três anos e meio, derramou cerveja numa porção de papéis em que eu estava trabalhando... papéis que, de qualquer forma, eram só um embuste... e eu... bem... que merda. - Sua voz falhou, mas os olhos continuaram secos e firmes. - Parece tão desgraçadamente idiota dito em voz alta. Quebrei-lhe o braço segurando-o para espancá-lo. Três meses depois, larguei a bebida. E desde então não toquei mais nela.

- Entendo - disse Edmonds, impassível. - Sabia que o braço havia sido quebrado, claro. Foi bem engessado. - Afastou-se um pouco da mesa e cruzou as pernas. - Se posso ser franco, é óbvio que não houve nada que o tenha prejudicado desde então. A não ser pelas picadas, não há nada com ele, apenas machucados e cicatrizes normais que qualquer criança tem em abundância.

- Claro que não - disse Wendy, com violência... - Jack não quis.. .

- Não, Wendy - interrompeu Jack. - Quis sim. Acho que lá no fundo de mim fiz com ele realmente o que queria. Ou alguma coisa ainda pior. - Olhou de volta para Edmonds. - Sabe de uma coisa, doutor? Esta é a primeira vez que a palavra divórcio foi mencionada entre nós. E alcoolismo. E surra em criança. Três primeiras vezes em cinco minutos.

- Isso pode ser a raiz do problema - falou Edmonds. - Não sou um psiquiatra. Se quiserem que Danny seja consultado por um psiquiatra infantil, posso recomendar um médico muito bom que trabalha no Centro Médico de Boulder. Mas estou seguro do

meu diagnóstico. Danny é um menino inteligente, com muita imaginação e percepção. Não creio que esteja tão triste com seus problemas conjugais quanto vocês acham. Crianças são muito suscetíveis. Não entendem a vergonha, ou a necessidade de esconder coisas.

Jack estudava as mãos. Wendy segurou uma delas e apertou-a.

- Contudo, percebeu as coisas que estavam erradas - continuou o médico. - A principal delas, do seu ponto de vista, não era o braço quebrado, mas a quebra do laço entre vocês dois. Mencionou divórcio para mim, mas não o braço quebrado. Quando a enfermeira disse que estava tudo bem, ele simplesmente esqueceu. Não era nada que o pressionasse. "Aconteceu há muito tempo", é o que acho que ele disse.

- Aquele menino - resmungou Jack. Os maxilares apertados, os músculos da face salientes. - Nós não o merecemos.

- Mas o têm, apesar de tudo - disse Edmonds, secamente. - De qualquer forma, ele se isola, por vezes, no mundo da fantasia. Nada de incomum nisso; muitas crianças o fazem. Até onde me lembro, eu mesmo tive meu amigo invisível quando tinha a idade de Danny, um galo falante chamado Chug-Chug. Naturalmente ninguém via Chug-Chug a não ser eu. Tinha dois irmãos mais velhos que sempre me deixavam para trás, e nessas horas Chug-Chug vinha para me dar força. E naturalmente vocês dois devem entender por que o amigo invisível de Danny se chama Tony, ao invés de Mike, Hal ou Dutch.

- Sim - disse Wendy.

- Alguma vez já mostraram isso a ele?

- Não - respondeu Jack. - Deveríamos?

- Por que se preocupar? Deixem-no cair em si na hora certa, por sua própria lógica. Vejam bem, as fantasias de Danny eram consideravelmente mais profundas do que as, que crescem em torno da síndrome de amigo invisível em geral, mas sentia que precisava de Tony nessa proporção. Tony aparecia e mostrava coisas agradáveis. As vezes, coisas surpreendentes. Sempre coisas boas. Uma vez Tony mostrou onde estava o baú do pai que estava perdido... debaixo da escada. De outra vez, Tony mostrou que Papai e Mamãe o levariam a um parque de diversões no aniversário...

- Em Great Barrington! - exclamou Wendy. - Mas como poderia saber essas coisas? As coisas com ele, às vezes, são misteriosas. Quase como se...

- Fosse vidente? - perguntou Edmonds, sorrindo.

- Ele nasceu com a cabeça envolta na placenta - disse Wendy, fracamente.

O sorriso de Edmonds transformou-se numa gargalhada. Jack e Wendy trocaram olhares

e, em seguida, também sorriram, ambos espantados com a simplicidade da coisa. As "felizes suposições" ocasionais de Danny sobre os fatos eram alguma outra coisa sobre a qual não haviam discutido muito.

- Daqui a pouco vocês vão dizer-me que ele levita - disse Edmonds, ainda sorrindo. - Não, não, não, temo que não. Não há nada de extra-sensorial, mas apenas a velha percepção humana, que no caso de Danny é extraordinariamente aguda. Sr. Torrance, ele disse que seu baú estava debaixo das escadas, pois o senhor havia procurado por todos os outros lugares. Processo de eliminação. É tão simples que Ellery Queen riria disso. Mais cedo ou mais tarde vocês mesmos concluiriam. Por exemplo, o parque de diversões de Great Barrington, de quem foi a idéia original? De vocês ou dele?

- Dele, claro - respondeu Wendy. - Anunciavam em todos os programas infantis matinais. Ele estava louco para ir. Mas o negócio, doutor, é que não tínhamos condições de levá-lo. E havíamos dito a ele.

- Então, uma revista para homens, à qual eu vendera um conto em 1971 enviou-me um cheque de cinqüenta dólares - disse Jack. - Estavam reeditando o conto na publicação anual, ou coisa do gênero. Então, decidimos gastá-los com Danny.

Edmonds encolheu os ombros.

- Desejo de satisfação, mais uma feliz coincidência.

- Diabos. Aposto como está certo - falou Jack.

Edmonds sorriu um pouco.

- E o próprio Danny me disse que freqüentemente Tony mostrava coisas que nunca aconteciam. Visões baseadas em falsa percepção, é só. Danny está fazendo sub-conscientemente o que os chamados místicos e leitores da mente fazem muito consciente e cinicamente. Admiro-o por isso. Se a vida não se encarregar de inibir suas antenas, acho que será um grande homem.

Wendy concordou - claro que pensava que Danny seria um grande homem - mas a explicação do médico era uma lengalenga. Tinha mais gosto de margarina, do que de manteiga. Edmonds não morava com eles. Não estava lá quando Danny encontrou botões perdidos, disse-lhe que o Guia de TV estava debaixo da cama, que achava melhor usar galochas para ir ao maternal, mesmo fazendo sol lá fora... e depois naquele dia tiveram que voltar para casa debaixo do guarda-chuva. Edmonds não podia saber do modo curioso como Danny previa coisas. Ela decidia, de repente, tomar uma xícara de chá; ia à cozinha e encontrava a xícara com o saco de chá dentro. Lembrava-se de que precisava devolver os livros para a biblioteca, e os encontrava arrumados e empilhados na mesa da sala, com o cartão da biblioteca em cima. Ou Jack resolvia encerar o Volkswagen e encontrava Danny já lá fora, escutando seu rádio de pilha, sentado na calçada, para observar o pai.

Ela disse alto:

- Então, por que os pesadelos? Por que Tony mandou que ele trancasse a porta do banheiro?

- Creio que seja porque Tony suplantou sua utilidade - disse Edmonds. - Ele nasceu... Tony, não Danny... uma época em que a senhora e seu marido se esforçavam por manter seu casamento de pé. Seu marido bebia demais. Houve o incidente do braço quebrado. O silêncio agourento entre vocês.

Silêncio agourento, sim, aquela expressão era verdadeira de qualquer forma. As refeições densas e tensas onde a única conversa fora, por favor, passe a manteiga, ou Danny, coma o resto das cenouras, ou com licença, par favor. As noites em que Jack saía e ela se deitava, olhos secos, no sofá, enquanto Danny assistia à televisão. As manhãs em que Jack e ela se aproximavam silenciosamente, um do outro, como dois gatos enfurecidos com um rato tremendo de medo entre eles... Era tudo verdade;

(santo Deus, cicatrizes velhas algum dia param de doer?)

verdade nua e crua.

Edmonds prosseguiu.

- Mas as coisas mudaram. Vocês sabem, o comportamento esquizóide é algo perfeitamente comum em crianças. É aceitável, pois nós adultos todos temos uma opinião inexprimível de que as crianças são lunáticas. Têm amigos invisíveis. Podem sentar-se no armário quando deprimidas, esquivando-se do mundo. Dão uma importância talismânica a um cobertor em especial, ou a um ursinho, ou a um tigre de pelúcia. Chupam o dedo. Quando um adulto vê coisas, o consideramos pronto para o asilo de loucos. Quando uma criança diz ver alguma coisa em seu quarto ou um vampiro na janela, limitamo-nos a rir indulgentes. Temos a explicação em uma sentença, que explica toda a extensão de tais fenômenos em crianças...

- Isso passa - disse Jack.

Edmonds piscou.

- Ir exatamente o que penso - falou o médico. - Sim. Agora, diria que Danny esteve numa ótima situação para desenvolver uma psicose total. Vida familiar infeliz, forte imaginação, o amigo secreto, que era tão real para ele, tornou-se real para vocês. Ao invés de ultrapassar a esquizofrenia infantil, pode ter muito bem mergulhado nela.

- Tornando-se um autista? - perguntou Wendy. Lera sobre autismo. A própria palavra a aterrorizava; soava como medo e alienação.

- Possível, mas não necessariamente. Pode ser que ele tenha simplesmente entrado no mundo de Tony algum dia e nunca ter voltado ao que ele chama "coisas reais".

- Deus - disse Jack.

- Mas, agora, a situação básica mudou drasticamente. O Sr. Torrance não bebe mais. Vocês estão num lugar novo onde as condições obrigaram os três a uma unidade familiar mais estreita do que nunca... com certeza mais estreita do que a minha própria, onde minha mulher e filhos podem ver-me duas ou três horas por dia. Na minha opinião, ele está em condição perfeitamente saudável. E acho que o próprio fato de ser capaz de diferenciar, com tanta nitidez, o mundo de Tony das "coisas reais" significa muito sobre seu estado mental, fundamentalmente, sadio. Ele diz que vocês dois não estão mais pensando em divórcio. Ele está certo?

- Está - disse Wendy, e Jack apertou sua mão com força, quase machucando-a. Ela também apertou.

Edmonds balançou a cabeça.

- Realmente, Danny não precisa mais de Tony. Ele o está expulsando de seu sistema. Tony não mais traz visões agradáveis, mas pesadelos hostis que lhe são aterrorizantes, para serem lembrados, a não ser fragmentadamente. Ele interiorizou Tony durante uma difícil... desesperada... situação de vida, e Tony não vai embora facilmente. Mas vai. Seu filho é um pouco coma um alcoólatra abandonando o vício.

Levantou-se, os Torrances também.

- Como disse, não sou psiquiatra. Se os pesadelos continuarem, quando concluir seu trabalho no Overlook, na primavera, Sr. Torrance, recomendo-lhe seriamente levá-lo a este homem em Boulder.

- Levarei.

- Bem, vamos lá fora dizer que ele pode ir para casa - falou Edmonds.

- Quero agradecer-lhe - disse Jack, com dificuldade. - Há muito tempo não me sentia tão bem.

- Eu também - falou Wendy.

À porta, Edmonds parou e olhou para Wendy.

- A senhora tem ou teve uma irmã, Sra. Torrance? Chamada

Aileen?

Wendy olhou-o com espanto.

- Tive, sim. Ela morreu fora de nossa casa em Somerworth, Nova Hampshire, quando tinha seis e eu dez anos. Corria atrás de uma bola no meio da rua e foi atropelada por um furgão.

- Danny sabe disso?

- Não sei, não creio que saiba...

- Diz ele que a senhora estava pensando nela na sala de espera.

- Estava - disse Wendy, devagar. - Pela primeira vez em... oh, não sei há quanto tempo.

- Apalavra REDRUM significa qualquer coisa para algum de vocês?

Wendy sacudiu a cabeça, mas Jack disse:

- Ele mencionou esta palavra ontem à noite, antes de dormir. Red drum.

- Não, rum - corrigiu Edmonds. - Ele enfatizou muito isso. Rum. Como a bebida. A bebida alcoólica.

- Oh! - exclamou Jack. - Combina, não?

Tirou o lenço do bolso e enxugou os lábios.

- A expressão "iluminado" significa algo para vocês?

Desta vez, ambos sacudiram a cabeça.

- Acho que não importa - disse Edmonds. Abriu a porta que dava para a sala de espera. - Há alguém aqui chamado Danny Torrance, que gostaria de ir para casa?

- Oi Papai! Oi Mamãe! - Levantou-se da mesinha onde estivera folheando devagar um exemplar de Fauna e Flora, e murmurando as palavras que conhecia.

Correu para Jack, que o segurou nos braços. Wendy afagou-lhe os cabelos.

Edmonds consultou-o.

- Se não gostar de seu pai e de sua mãe, pode ficar aqui com o amigo Bill.

- Não, senhor! - disse Danny, enfático. Jogou um braço em torno do pescoço de Jack, e o outro em torno de Wendy, e parecia radiante.

- Muito bem - falou Edmonds, sorrindo. Olhou para Wendy. - Telefone, se tiver algum problema.

- Está bem.

- Não creio que terá - concluiu Edmonds, ainda sorrindo.

18

O ÁLBUM DE RECORTES

Jack encontrou o álbum de recortes no dia primeiro de novembro, enquanto a mulher e o filho limpavam a estrada velha que ia dos fundos da quadra de rogue a uma serraria abandonada, a três quilômetros dali. O tempo ainda estava bom, e os três estavam com um leve bronzeado de outono.

Fora ao porão, regular a pressão da caldeira e depois, num impulso, tirara a lanterna da prateleira onde estavam os diagramas do sistema hidráulico, e resolveu olhar alguns papéis velhos. Procurava também lugares próprios, onde pudesse montar as ratoeiras, apesar de não pretender executar a tarefa até o mês seguinte quero-os todos em casa depois das férias, dissera a Wendy.

Acendendo a lanterna, passou pelo cabo do elevador (diante da insistência de Wendy não haviam usado o elevador, desde que se mudaram) e pelo pequeno arco de pedra. Franzia o nariz por causa do cheiro de papel mofado. Atrás, a caldeira engasgava, num estrondo, assustando-o.

Dirigiu a luz em derredor, assobiando entre os dentes. Havia aqui uma miniatura dos Andes, dúzias de caixas e caixotes cheios de papel, a maior parte deles branca e sem forma, devido ao tempo e à umidade. Outras haviam-se aberto, derramando folhas amareladas de papel no chão de pedra. Havia fardos de jornal amarrados por uma corda. Algumas caixas continham o que pareciam livros razões, e outras, notas atadas por elástico. Arrastou uma e dirigiu-lhe a lanterna.

EXPRESSO MONTANHA ROCHOSA LTDA.
Para: OVERLOOK HOTEL
De: ARMAZÉM SIDEY - Rua 16, 1210 - Denver, COLORADO
Via: ESTRADA DE FERRO CANADIAN PACIFIC
Conteúdo: 400 CAIXAS DE PAPEL HIGIÉNICO DELSEY 1 GROSA/CAIXA

Assinado D E F
Data: 24 de agosto de 1954

Sorrindo, Jack deixou o papel cair de volta na caixa.

Dirigiu a luz para cima e viu uma lâmpada pendurada, quase perdida entre as teias de aranha. Não havia corrente.

Apoiou-se na ponta dos pés e tentou torcer a lâmpada. Esta acendeu, uma luz muito fraca. Apanhou a nota fiscal do papel higiênico mais uma vez, e a usou para limpar algumas teias de aranha. O brilho não foi muito maior.

Ainda com a lanterna, caminhou por entre as caixas e caixotes de papel, procurando sinais de ratos. Passaram por aqui, mas há muito tempo... talvez anos. Encontrou restos de excrementos esbranquiçados pelo tempo, vários ninhos muito bem arrumados, feitos de papel picado velho e fora de uso.

Jack puxou um jornal de um dos fardos e olhou a manchete.

JOHNSON PROMETE TRANSIÇÃO PACIFICA

Diz que o Trabalho Iniciado por JFK Continuará no Próximo Ano.

O jornal era o Rocky Mountain News, de 19 de dezembro de 1963. Jogou-o de volta à pilha.

Fascinou-se com o sentido de lugar-comum da história, que qualquer pessoa pode ter ao olhar as notícias de primeira mão de 10 ou 20 anos passados. Encontrou defasagens nas pilhas de jornal e netas, nada de 1937 a 1945, de 1957 a 1960, de 1962 a 1963. Períodos em que o hotel estivera fechado, pensou. Quando pertencera a aventureiros, tentando a sorte.

As explanações de Ullman a respeito da carreira diversificada do Overlook ainda não lhe soavam como verdadeiras. Parecia que a localização espetacular do Overlook seria o bastante para garantir a continuidade de seu sucesso. Sempre houve um americano do jet-set, mesmo antes da invenção do jato, e a Jack parecia que o Overlook deveria ser uma escala em suas migrações. Faz algum sentido. O Waldorf em maio, o Bar Harbor House em junho, o Overlook em agosto e princípio de setembro, antes da mudança para as Bermudas, Havana e Rio, ou o lugar que fosse. Encontrou uma pilha de registros velhos de portaria que o ajudaram. Nelson Rockefeller em 1950. Henry Ford e família em 1927. Jean Harlow em 1930. Clark Gable e Carolo Lombard. Em 1956, todo o andar superior fora reservado durante uma semana por Darryl F. Zanuck e família! O dinheiro deve ter ralado pelos corredores e entrado pela máquina registradora como uma mina de ouro do século vinte.

Havia história aqui, muito bem, e não só nas manchetes dos jornais. Estava enterrada nestes livros razões, livros de contas e notas de pequenas despesas onde não se podia vê-la muito bem. Em 1922, Warren G. Harding pedira um salmão inteiro às 10 horas da noite, e uma caixa de cerveja Coors. Mas com quem estaria ele comendo e bebendo? Teria sido um jogo de pôquer? Uma aula de estratégia? O quê?

Jack olhou o relógio e ficou surpreso, pois 45 minutos voaram, desde que descera até o porão. Seus braços e mãos estavam sujos, e provavelmente cheiravam mal. Resolveu subir e tomar um banho, antes que Wendy e Danny voltassem.

Caminhou devagar por entre as montanhas de papel, a mente viva e remoendo possibilidades numa velocidade tal que o divertia. Há anos não se sentia assim. De repente, parecia que o livro que se prometera, quase de brincadeira, realmente poderia acontecer. Poderia, inclusive, estar aqui, perdido, nestes amontoados. Poderia ser um trabalho de ficção, história, ou ambos: um livro longo explodindo deste lugar central, em centenas de direções.

Parou ao lado da lâmpada com as teias, puxou o lenço do bolso traseiro sem pensar, e com ele esfregou os lábios. Foi quando viu o álbum de recortes.

Uma pilha de cinco caixas dispunha-se a sua direita como uma espécie de Pisa. A caixa de cima estava recheada de mais notas e livros razões. Equilibrado em cima, mantendo seu ângulo de repouso, Deus sabe há quanto tempo, estava um grosso álbum de recortes com capa de couro, as páginas atadas com duas tiras de cordão de ouro, que formavam laços enfeitando a capa.

Curioso, foi até lá e pegou-o. A capa da frente estava grossa de poeira. Segurou-o diante do rosto, ao nível da boca, soprou a poeira transformada em nuvem, e abriu-o. Assim fazendo, um cartão voou e ele agarrou-o no ar, antes que caísse no chão de pedra. Era de bom gosto e cor creme, com um alto-relevo do Overlook com todas as luzes acesas. U jardim e o playground eram decorados com lanternas japonesas acesas. Parecia quase coma se pudesse entrar por ele, um Hotel Overlook que existiu há trinta anos.

Horace M. Derwent tem o
Prazer de Convidar V. Exa.
para o Baile de Máscaras que
fará Celebrar na Grande Abertura do

HOTEL OVERLOOK

A Ceia será Servida às 20:00 horas
Retirada das Máscaras e Baile à Meia-Noite
29 de agosto de 1945 RSVP

Ceia às oito da noite! Retirada das máscaras à meia-noite!

Quase podia vê-los na sala de jantar, os homens mais ricos da América e suas mulheres. Smokings e camisas engomadas; vestidos longas; a orquestra tocando; saltos altos cintilantes. Os brindes, a alegre esporar das rolhas de champanha. A guerra terminara, ou quase. O futuro se abria adiante, limpo e claro. A América era o colossa do mundo e, finalmente, descobria e aceitava o fato.

E mais tarde, à meia-noite, o próprio Derwent gritando: Retirem as máscaras! Retirem as máscaras! As máscaras sendo retiradas e...

(A Máscara da Morte Rubra dominava tudo!)

Franziu a testa. De onde viera isso? Era Poe, o Grande Fiasco da Literatura Americana. E é claro que o Overlook - este Overlook iluminado, cintilante no convite que segurava em suas mãos - era o grito mais distante e imaginável de E. A. Poe.

Guardou o convite e virou a página. Um recorte colado de um dos jornais de Denver, com a data escrita embaixo: 15 de maio de 1947.

ESTÂNCIA ELEGANTE DE SERRA REABRE COM
HÓSPEDES DE PRIMEIRA CATEGORIA

Derwent diz que o Overlook será "O Lugar da Moda do Mundo"

Por David Felton, Editor de Quadrinhos

O Hotel Overlook foi aberto e várias vezes reabriu ao longo dos 36 anos de sua história, mas nunca com tanta pompa e esplendor, conforme prometido por Horace Derwent, o misterioso milionário da Califórnia, atual proprietário do hotel.

Derwent que não faz segredo do fato de ter empregado mais de um milhão de dólares em sua mais recente aventura - e alguns dizem que a cifra está próxima dos três milhões diz que "O novo Overlook será um dos lugares da moda, o tipo de hotel do qual você se lembrará durante trinta anos."

Quando Derwent, sobre quem corre o boato de deter substancial quantidade de ações em Las Vegas, foi indagado se a compra e reforma do Overlook assinalava o marco na batalha para legalização dos cassinos no Colorado, o magnata de aviões, cinemas, munições e navios negou... com um sorriso. "O Overlook se baratearia com o jogo", disse ele, "e não creio que esteja criticando Las Vegas! Há dinheiro meu suficiente por lá para eu me permitir fazer isso! Não tenho interesse algum em tentar obter a aprovação de um projeto para a legalização do jogo no Colorado. Seria malhar em ferro frio."

Quando o Overlook abrir oficialmente (houve uma enorme e bem-sucedida festa lá, há alguns anos, quando o trabalho atual foi concluído), os apartamentos recentemente pintados, forrados e decorados serão ocupados por uma lista de astros e estrelas, que vão desde o Chie desenhista Corbat Stani até...

Sorrindo confuso, Jack passou a página. Olhava agora para um anúncio de página inteira do New York Times de domingo, Caderno de Turismo. Na página seguinte, uma história sobre o próprio Derwent, um homem careca, com olhar penetrante em uma foto

de jornal. Usava óculos sem aro, e mesmo com o bigodinho fino, dos anos 40, não conseguia parecer-se com Errol Flynn. Sua fisionomia era a de um contador. Eram seus olhos que o denunciavam.

Jack leu o artigo às pressas. A maior parte da informação ele tivera de uma história sobre Derwent publicada no Newsweek do ano anterior. Nascido pobre em St. Paul, nunca concluiu o curso secundário, alistou-se, ao invés disso, na Marinha. Subiu rapidamente, apesar de amargar a derrota ao tentar patentear um novo tipo de navio acionado por hélice, que ele desenhara. Na guerra entre a Marinha e um jovem desconhecido, chamado Horace Derwent, Tio Sam sagrou-se o previsto vencedor. Mas Tio Sam nunca obteria outra patente, e houve uma porção delas.

No fim da década de vinte e início da de trinta, Derwent voltou-se para a aviação. Comprou uma companhia falida de pulverizadores de plantação, transformou-a em serviço de correio, e prosperou. Mais patentes se seguiram: um novo desenho da asa de um monoplano, um carregador de bomba usado nas fortalezas voadoras que fizeram chover fogo sobre Hamburgo, Dresden e Berlim, uma metralhadora refrigerada a álcool, um protótipo de assento ejetável, usado mais tarde nos jatos americanos.

E, ao longo do tempo, o contador, que vivia na mesma pele do inventor, acumulava investimentos. Uma insignificante cadeia de fábricas de munição em Nova York e Nova Jersey. Cinco indústrias têxteis na Nova Inglaterra. Indústrias químicas falidas e sem expressão no Sul. No fim da Depressão, sua fortuna se constituía em uma porção de ações compradas a preços baixíssimos e vendidas a preços ainda mais baixos. A certa altura, Derwent se gabava de poder vender tudo e conseguir apenas o suficiente para comprar um Chevrolet velho.

Houve rumores, Jack se lembrava, de que alguns dos meios que Derwent empregou para tirar a corda do pescoço eram ilícitos. Envolvimento com contrabando de bebida alcoólica. Prostituição no Centro-Oeste. Contrabando na Costa Sul, onde ficavam suas fábricas. Finalmente, uma associação com os crescentes lucros de jogo no Oeste.

É provável que o investimento mais famoso de Derwent tenha sido a compra do estúdio Top Mark, falido, que não tivera um ídolo desde sua estrela infantil, a Pequena Margery Morris, que morrera de uma dose; excessiva de heroína em 1934, aos 14 anos. A Pequena Margery, que se especializara em doces canções que salvavam casamentos e vidas de cachorros injustamente acusados de matar galinhas, teve o maior funeral da história de Hollywood patrocinado pelo Top Mark - a versão oficial foi de que a Pequena Margery contraíra uma tuberculose enquanto cantava para um orfanato de Nova York - e alguns cínicos sugeriram que o estúdio exibira toda aquela cena, pois sabia que estava enterrando a si próprio.

Derwent empregou um esperto homem de negócios e tarado sexual, de nome Henry Finkel para dirigir o Top Mark, e nos dois anos antes de Pearl Harbor o estúdio produziu 60 filmes, 55 dos quais geraram conflitos com a censura, conflitos esses que não deram em nada. Os outros cinco foram filmes de propaganda do Governo. Os filmes

de longa-metragem foram de enorme sucesso. Durante um deles um determinado desenhista de moda fez um sutiã sem alças especialmente para a estrela do filme aparecer na cena do Grande Baile, onde revelava tudo, escondendo apenas uma possível mancha de nascença abaixo do traseiro. Derwent também recebeu crédito pela invenção, e sua reputação - ou notoriedade - cresceu.

A guerra fizera-o rico e ainda estava rico. Morando em Chicago, raramente visto, a não ser nas reuniões de conselho das empresas Derwent (que dirigia com mão de ferro), comentava-se que era o dono das Aerolineas United, de Las Vegas (onde era sabido que tinha ações majoritárias de quatro hotéis-cassinos e algum envolvimento em pelo menos, outros seis), de Los Angeles e dos próprios Estados Unidos. Conhecido como amigo da realeza, presidentes e representantes do submundo, muitos supunham que era o homem mais rico do mundo.

Mas não conseguira tocar o Overlook para a frente, pensou Jack. Colocou o álbum de lado por um momento e pegou a caderneta e a lapiseira que sempre levava no bolso da camisa. Rabiscou "Verificar H. Derwent, Biblioteca de Sidewinder." guardou a caderneta e apanhou o álbum. O rosto estava preocupado, os olhos distantes. Limpava a boca com as mãos, repetidas vezes, enquanto dobrava as páginas. Passou os olhos no material que se seguia, fazendo anotações mentais para lê-lo mais atentamente depois. Recortes colocados em muitas das páginas. Fulano de tal é esperado no Overlook na próxima semana, beltrano dará um show no salão (no tempo de Derwent era o salão Olho-Vermelho). Muitos dos artistas eram nomes de Las Vegas, e muitos dos convidados, executivos e astros do Top Mark.

Depois, num recorte marcado de 1° de fevereiro de 1952:

EXECUTIVO MILIONÁRIO VENDE INVESTIMENTOS NO COLORADO

Acordo Feito com Investidores no Overlook,
Outros Investimentos, Revelações de Derwent
Por Rodney Conklin, Editor Financeiro

Em comunicado breve, ontem, de Chicago, nos escritórios das monolíticas empresas Derwent, foi revelado que o milionário (talvez bilionário) Horace Derwent vendeu tudo no Colorado, em um surpreendente jogo financeiro que estará concluído por volta de 1° de outubro de 1954. Os investimentos de Derwent incluem gás natural, carvão, usina hidrelétrica e uma companhia de desenvolvimento agrário chamada Colorado Sunshine, Inc., que possui ou detém ações preferenciais de mais de 500.000 acres no território do Colorado.

A mais famosa propriedade rural de Derwent no Colorado, o Hotel Overlook, já foi vendida, revelou Derwent numa rara entrevista ontem. O comprador foi um grupo de investidores da Califórnia encabeçado por Charles Grondin, ex-Diretor da Empresa de Desenvolvimento Agrário da Califórnia. Enquanto Derwent recusava-se a divulgar cifras, informaram as fontes...

Liquidara tudo, móveis e utensílios, não fora só o Overlook. Mas de algum modo... de algum modo...

Jack enxugou os lábios com a mão e desejou um gole. Seria melhor com um gole. Virou mais páginas.

O grupo da Califórnia abrira o hotel durante duas temporadas e, em seguida, vendeu-o a um grupo do Colorado chamado Estâncias Montanhosas. O grupo faliu em 1957, em meio a acusações de corrupção, desfalque e ludíbrio aos acionistas. O presidente da companhia suicidou-se, dois dias depois de ser intimado a comparecer diante do tribunal.

O hotel estivera fechado durante o resto da década. Havia uma única história a respeito, uma manchete de domingo ANTIGO GRANDE HOTEL EM DECADÊNCIA. As fotos que se seguiam partiram o coração de Jack: a pintura da entrada principal descascando, a grama, uma desordem, sem plantas, áspero, janelas quebradas por tempestades e pedras. Esta seria uma parte do livro, se é que na realidade escreveria - a fênix queimada para renascer das cinzas. Prometeu a si próprio que tomaria conta do lugar, com muito cuidado. Parecia que até ontem não tinha entendido realmente a extensão de sua responsabilidade para com o Overlook. Era quase como se tivesse responsabilidade para com a história.

Em 1961, quatro escritores, dois deles ganhadores do Prêmio Pulitzer, alugaram o Overlook e o reabriram como uma escola de escritores. Isso durou um ano. Um dos alunos embriagara-se no apartamento do terceiro andar, atirou-se pela janela e caiu morto no terraço de cimento. O jornal sugeria suicídio.

Todo grande hotel tem seus escândalos, dissera Watson, assim como todo grande hotel terra um fantasma. Por quê? Diabos, as pessoas vêm e vão...

De repente, parecia que podia quase sentir o peso do Overlook sobre si, 110 apartamentos, as despensas, cozinha, copa, congeladores, salão, saguão, restaurante...

(No apartamento as mulheres vêm e vão)

(... e a Máscara da Morte Rubra dominava tudo.)

Esfregou os lábios e virou as páginas do álbum. Estava agora no último terço, e pela primeira vez imaginou conscientemente de quem poderia ser o livro, deixado por cima da pilha mais alta de registros no porão.

Uma nova manchete, esta datada de 10 de abril de 1963.

GRUPO DE LAS VEGAS COMPRA RENOMADO
HOTEL NO COLORADO

Pitoresco Overlook Torna-se Clube Privado Robert T. Leffing, representante de um grupo de investidores sob o nome de High Country Investments, anunciou hoje em Las Vegas que o High Country negociou um acordo para o famoso Hotel Overlook, uma estância localizada no topo das Rochosas. Leffing não mencionou os nomes dos investidores, mas disse que o hotel se transformaria em um clube privado. Disse que o grupo que representa espera vender títulos a grandes executivos de empresas americanas e estrangeiras.

O grupo High Country possui também hotéis em Montana, Wyoming e Utah.

O Overlook tornou-se conhecido mundialmente nos anos de 1946 a 1952, quando era de propriedade do ardiloso multimilionário Horace Derwent, que...

O tema da próxima página era uma mera sátira, datada de quatro meses mais tarde. O Overlook se abrira sob a nova direção. Aparentemente, o jornal não descobrira, ou não estava interessado em quem eram os investidores, pois nenhum nome foi mencionado, a não ser o de High Country Investments - o nome de empresa mais anônimo que Jack já ouvira, perdendo apenas para uma cadeia de lojas de bicicletas e peças a oeste da Nova Inglaterra, sob o nome de Business, Inc.

Virou a página e deu uma olhadela no recorte colado ali.

MILIONÁRIO DERWENT DE VOLTA AO COLORADO
PELA PORTA DOS FUNDOS?

Alto Executivo Identificado como Charles Grondin

Por Rodney Coklin, Editor Financeiro

O Hotel Overlook, um deslumbrante palácio de prazer nas montanhas do Colorado e uma vez o brinquedo pessoal do milionário Horace Derwent, está no centro de um embaraço financeiro, que só agora começa a ser esclarecido.

No dia 10 de abril do ano passado, o hotel foi comprado por uma firma de Las Vegas, High Country Investments, para se tornar um clube privado para executivos ricos de origem estrangeira ou local. Agora, dizem as fontes de informação que o High Country é presidido por Charles Grondin, 53 anos, presidente do Grupo de Desenvolvimento Agrário da Califórnia até 1959, quando demitiu-se para assumir o cargo de um vice-presidente qualquer, no escritório central das Empresas Derwent.

O fato levou a especulações de que o High Country Investments pode ser controlado por Derwent, que pode ter adquirido o Overlook pela segunda vez e, decididamente, sob circunstâncias estranhas.

Grondin, que foi acusado e absolvido por sonegação de imposto de renda em 1960, não

pôde ser localizado para comentários, e Horace Derwent, que zela suspeitosamente por sua privacidade, não fez comentários quando consultado por telefone. O Deputado Dick Bows, de Golden, solicitou completa investigação do...

Aquele recorte era datado de 27 de julho de 1964. O próximo era uma coluna de um jornal de domingo de setembro do mesmo ano. Era de autoria de Josh Brannigar, um investigador para casos de corrupção da turma de Jack Anderson. Torrance lembrava-se vagamente de que Brannigar morrera em 68 ou 69.

ZONA FRANCA DA MÁFIA NO COLORADO?

Por Josh Brannigar

Parece agora possível que o local mais recente de cura e repouso dos chefes supremos da Organização nos Estados Unidos está localizado num hotel afastado e aninhado no centro das Rochosas. O Hotel Overlook, um elefante branco que foi, sem sorte, dirigido por quase uma dúzia de diferentes grupos e indivíduos desde sua inauguração em 1910, está agora sendo operado como um clube privado muitíssimo fechado, aparentemente por desprendidos homens de negócios. A pergunta é, realmente, em que negócio estão os proprietários do Overlook metidos?

Os sócios presentes à reunião da semana de 16 a 23 de agosto podem nos dar uma idéia. A lista abaixo foi obtida por um ex-empregado do High Country Investments, uma companhia a princípio tida como simulacro de empresa de propriedade do Grupo Derwent. Parece, ao que tudo indica, que o interesse de Derwent no High Country (se é que há algum) só é ultrapassado pelos interesses dos diversos barões do jogo de Las Vegas. E estes mesmos gangsters estiveram, no passado, ligados a suspeitos e convictos chefes do submundo.

Presentes do Overlook durante a ensolarada semana de agosto, estavam:

Charles Grondin, Presidente do High Country Investments. Quando tornou-se público em julho deste ano que estava dirigindo o barco High Country, foi anunciado - consideravelmente depois do fato - que ele havia anteriormente se demitido de seu cargo no Grupo Derwent. Grondin, o cabeleira de prata, que se recusou a conversar comigo para esta coluna, foi uma vez julgado e acusado de sonegação de impostos (1960) .

Charles "Baby Charlie" Battaglia, um empresário de Las Vegas, de 60 anos (acionista do Greenback e do Lucky Bones, na área de Strip). Battaglia é amigo íntimo de Grondin. Seus antecedentes criminais remontam a 1932, quando foi julgado e acusado como assassino da quadrilha de Jacy "Holandesinho" Morgan. As autoridades federais suspeitam de envolvimento com tráfico de drogas, prostituição e mandante de crimes, mas "Baby Charlie" foi apenas uma vez para trás das grades, por sonegação de imposto em 1955-56.

Richard Scarne, o principal acionista da indústria de Caça-Níqueis Fun Time. Esta fábrica caça-níqueis para o pessoal de Nevada, jogos mecânicos e máquinas de música (Moeda Melódica) para o resto do país. Cumpriu pena por assalto a mão armada (1940), porte oculto de arma (1948) e por fraude de imposto (1961) .

Peter Zeiss, importador baseado em Miami, com aproximadamente 70 anos. Durante os últimos cinco anos tem lutado contra deportação como persona non grata. Foi condenado por acusações de receber e ocultar propriedades roubadas (1958), e por fraude de imposto (1954). Atraente, distinto e elegante, Pete Zeiss é chamado "Poppa" pelos íntimos, e foi acusado de assassinato e cumplicidade. Grande acionista da Scarne's Fun Time, tem também participação nos lucros de quatro cassinos de Las Vegas.

Vittorio Gienelli, também conhecido como "Vito, o Açougueiro", julgado duas vezes por massacres, um deles, o crime do machado de Boston, do vice-chefe supremo, Frank Scott. Gienelli foi acusado 23 vezes, julgado 14, e condenado apenas uma vez por assalto a lojas em 1940. Foi dito que nos últimos anos Gienelli tornou-se poderoso na operação oeste da Organização, que é centralizada em Las Vegas.

Carl "limmy-Ricks" Prashkin, um investidor de São Francisco, famoso por ser o provável herdeiro do poder exercido agora por Gienelli. Prashkin detém grande número de ações do Grupo Derwent, High Country Investments, Máquinas Automáticas Fun Time e de três cassinos de Las Vegas. Prashkin é limpo na América, mas acusado no México de fraude, suspeita que foi rapidamente afastada três semanas depois de levantada. Comenta-se que Prashkin pode ser acusado de estelionato nas operações do cassino de Las Vegas, e de dirigir as grandes importâncias de volta às legítimas operações oeste da Organização. E, agora, tais operações podem incluir o Hotel Overlook, no Colorado.

Outros visitantes durante a estação incluem...

Havia mais, porém Jack passou por cima, sempre enxugando os lábios com a mão. Um banqueiro com ligações em Las Vegas. Homens de Nova York que aparentemente faziam outras coisas no Distrito de Garment, além de roupas. Homens citados por envolvimento com drogas, vícios, roubos, assassinatos.

Deus, que história! E estiveram todos aqui, exatamente aqui em cima, naqueles apartamentos vazios. Talvez trepando com putas de luxo no terceiro andar. Bebendo litros de champanha. Fazendo negócios que se transformariam em milhões de dólares, talvez na mesma suíte onde Presidentes tinham estado. Havia uma história, muito bem. Uma tremenda história. Um pouco frenético, tirou a caderneta do bolso e rabiscou outro lembrete para verificar toda essa gente na biblioteca em Denver, quando o trabalho de zeladoria estivesse concluído. Todo hotel tem seus fantasmas? O Overlook tinha uma assembléia inteira deles. Primeiro suicídio, depois a Máfia, a que em seguida?

O recorte seguinte era uma rejeição furiosa de Charles Grondin contra as acusações de Brannigar. Jack sorriu maliciosamente.

O recorte da outra página era tão grande que estava dobrado. Jack abriu-o, e suspirou fundo. A foto ali parecia projetar-se: o papel de parede fora mudado desde junho de 1966, mas conhecia aquela janela e a vista muito bem. Era a paisagem a oeste da Suíte Presidencial. O assassinato vinha a seguir. A parede da saleta junto à porta, que levava ao quarto, estava salpicada de sangue e do que poderia ser partículas de cérebro. Um guarda, com o rosto sem expressão, de pé, junto a um cadáver escondido por um cobertor. Jack olhou fascinado e os olhos correram então para a manchete.

MASSACRE EM HOTEL DO COLORADO

Famoso Chefe de Crimes Assassinado em Clube Privativo Mais dois Mortos

Sidewinder, Colorado (UPI) - A 60 quilômetros desta pacata cidade do Colorado, um crime ocorreu no coração das Montanhas Rochosas. O Hotel Overlook, comprado há três anos para ser um clube privado por uma firma de Las Vegas, foi palco de um assassinato triplo. Dois dos homens eram ou companheiros ou guarda-costas de Vittorio Gienelli, também conhecido como "O Açougueiro" por seu envolvimento em um assassinato em Boston há 20 anus.

A polícia foi chamada por Robert Norman, gerente do Overlook, que disse ter ouvido tiros, e que alguns dos hóspedes informaram que dois homens, com o rosto escondido por meias e empunhando armas, fugiram pela escada contra incêndio, e saíram num antigo conversível marrom.

O policial Benjamin Moorer descobriu dois homens mortos, mais tarde identificados como Victor Boorman e Roger Macassi, ambos de Lãs Vegas, do lado de fora da Suíte Presidencial, onde já se hospedaram dois Presidentes americanos. No interior, Moorer encontrou o corpo de Gienelli esticado no chão. Gienelli estava aparentemente fugindo dos criminosos, quando foi morto. Moorer disse que Gienelli foi morto por uma metralhadora, a curta distância.

Charles Grondin, o representante da companhia que agora é proprietário do Overlook, não pôde ser encontrado para...

Abaixo do recorte, em rabiscos fortes de esferográfica, alguém escrevera: "Levaram-lhe os ovos." Jack olhou fixo para aquilo durante muito tempo, sentindo frio. De quem era esse álbum?

Finalmente, virou a página, engolindo em seco. Outra coluna de Josh Brannigar, esta datada de 1967. Leu apenas a manchete: HOTEL FAMOSO VENDIDO DEPOIS DE ASSASSINATO DE PERSONALIDADE DO SUBMUNDO.

As folhas que se seguiam estavam vazias.

(Levaram-lhe os ovos.)

Folheou de volta para o começo, procurando um nome ou endereço. Mesmo um número de apartamento, pois tinha certeza de que, fosse quem fosse, a pessoa que fizera o álbum de recortes ficara no hotel. Mas não havia nada.

Aprontava-se para repassar os recortes mais atentamente desta vez, quando uma voz chamou-o das escadas.

- Jack? Amor?

Wendy.

Sobressaltou-se, quase com cumplicidade, como se estivesse bebendo às escondidas, e ela pudesse sentir o cheiro do álcool. Ridículo. Esfregou os lábios com a mão e respondeu:

- Sim, bem. Procurando ratos.

Ela estava descendo. Escutou-a nas escadas, e em seguida atravessando a sala da caldeira. Rapidamente, sem pensar por que, escondeu o álbum sob uma pilha de notas e faturas. Levantou-se enquanto ela atravessava o arco.

- Que, diabos, está fazendo aqui embaixo? São quase três horas.

Ele sorriu:

- Já é tão tarde? Estava aqui mexendo nestas coisas. Tentando descobrir onde os corpos estão enterrados, acho.

As palavras ressoaram viciosamente dentro de sua cabeça.

Ela se aproximou, olhando-o, e inconscientemente ele se afastou, sem poder conter-se. Sabia o que ela estava fazendo. Tentava sentir o cheiro de bebida. Talvez nem mesmo ela soubesse, mas ela estava, e isso o fez sentir culpado e furioso.

- Sua boca está sangrando - disse ela com curiosa monotonia.

- Hum? - Levou a mão aos lábios e se assustou com a ferida. O dedo indicador ficou sujo de sangue. Seu sentimento de culpa aumentou.

- Ficou esfregando a boca de novo, não é?

Ele baixou os olhos e encolheu os ombros.

- É, acho que sim.

- Tem sido um inferno para você, não tem?

- Não, nem tanto.

- Já se tornou mais fácil?

Levantou os olhos para ela e começou a caminhar. Uma vez andando, ficava mais fácil. Colocou-se ao lado da mulher, e passou um braço em volta de sua cintura. Afastou uma mecha de seu cabelo louro e beijou-lhe o pescoço.

- Sim - disse ele. - Onde está Danny?

- Por aí. Começou a ficar nublado lá fora. Com fome?

Escorregou a mão sobre o ventre da mulher, coberto pelos jeans apertados, com simulada sensualidade.

- Como um urso, madame.

- Olhe aí, seu preguiçoso. Não comece o que não pode terminar.

- Uma trepadinha, madame? - perguntou ele, ainda a acariciando. - Filmes pornô? Posições diferentes?

Enquanto atravessavam o arco, Jack lançou o olhar para a caixa onde o álbum

(de quem?)

estava escondido. Com a luz apagada era apenas uma sombra. Aliviou-se por ter conseguido afastar Wendy. O apetite sexual tornou-se menos simulado, mais natural ao se aproximarem da escada.

- Talvez - disse ela. - Depois que comermos um sanduíche... ai! - Fugiu dele, rindo. - Faz cócegas!

- Isso não é nada comparado com o que Jack Torrance gostaria de fazer, madame.

- Caia fora, Jack. O que me diz de um misto quente... antes de tudo?

Subiram as escadas juntos, e Jack não olhou para trás de novo. Mas pensou nas palavras de Watson:

Todo grande hotel tem um fantasma. Por quê? Diabos, as pessoas vêm e vão...

Wendy então fechou a porta do porão, que ficou atrás deles na escuridão.

19

EM FRENTE AO 217

Danny lembrava-se das palavras de outra pessoa que trabalhara no Overlook durante a estação:

Ela dizendo que vira algo em um dos quartos onde... uma coisa ruim acontecera. Isso foi no apartamento 217 e quero que me prometa que não vai entrar lá, Danny... mantenha-se afastado...

Era uma porta comum, em nada diferente das demais portas dos primeiros andares do hotel. Era cinza escuro, na metade do corredor, em ângulo reto com o corredor principal do segundo andar. Os números na porta não pareciam diferentes dos números dos apartamentos no edifício de Boulder, onde moraram. Um 2, um 1 e um 7. Grande coisa. Exatamente abaixo deles um pequenino círculo de vidro, um olho mágico. Danny já tinha experimentado vários deles. De dentro, tinha-se uma visão maior do corredor. De fora, podia-se enterrar os olhos de todas as formas imagináveis e ainda assim não ver nada. Um blefe.

(Por que está aqui?)

Depois do passeio por trás do Overlook, ele e a mãe voltaram e ela lhe preparara seu almoço favorito, um sanduíche de queijo e mortadela, e mais sopa de feijão. Comeram na cozinha de Dick e conversaram. O rádio de pilha estava ligado, tocando baixinho, e estalando, músicas da estação Park Estes. A cozinha era seu lugar favorito no hotel, e achava que Mamãe e Papai deviam sentir a mesma coisa, pois, após experimentarem tomar as refeições no restaurante por dois ou três dias, começaram a comer na cozinha, em comum acordo, colocando cadeiras em torno da tábua de carne de Dick Hallorann, que era quase tão grande quanto a mesa de jantar em Stovington. O restaurante era muito deprimente, mesmo com as luzes acesas e a música do sistema de toca-fitas do escritório. Você era, apenas. uma das três pessoas sentadas a uma mesa, cercada por dúzias de outras, todas vazias e cobertas com estes forros de plástico transparente. Mamãe disse que era como jantar no meio de um conto de Horace Walpole, e Papai, rindo, concordou. Papai não tinha idéia de quem era Horace Walpole, mas sabia que a comida de Mamãe começara a ficar mais gostosa, logo que passara a comer na cozinha. Danny ficava descobrindo pequenos traços da personalidade de Dick Hallorann por ali, e esses traços tranqüilizavam-no, como um carinho.

Mamãe comera meio sanduíche, sem sopa. Disse que Papai devia ter ido dar um passeio a pé, uma vez que tanto o Volkswagen quanto o caminhão do hotel estavam no estacionamento. Disse que estava cansada e que iria deitar-se durante mais ou menos uma hora, e perguntou se Danny achava que podia distrair-se sozinho, sem se meter em confusão. Danny respondeu com a boca cheia de queijo e mortadela que achava que

podia.

- Por que não vai ao playground? Pensei que você adoraria aquele lugar, com um monte de areia para seus caminhões e tudo o mais.

Engoliu e a comida desceu por sua garganta como um amontoado seco e duro.

- Talvez eu vá - disse o garoto, voltando-se para o rádio e. prestando atenção nele.

- E aqueles animais bacanas feitos de plantas - disse ela, retirando o prato sujo. - Seu pai vai ter que apará-los logo, lago.

- É...

(Só coisas ruins... uma vez que rinha a ver com aqueles arbustos desgraçados, aparados para parecerem animais...)

- Se encontrar seu pai antes de mim, diga que estou deitada.

- Está bem, Mamãe.

Ela colocou os pratos sujos na pia e voltou-se para ele.

- Está feliz aqui, Danny?

Ele a olhou com sinceridade, um bigode de leite sobre o lábio.

- Hum. Hum.

- Nenhum pesadelo?

- Não. - Tony aparecera uma vez, uma noite quando estava deitado na cama, chamando seu nome de muito longe. Danny fechara os olhos bem apertados até que Tony desapareceu.

- Tem certeza?

- Tenho, Mamãe.

Ela parecia satisfeita.

- Como está a mão'!

Ele a estendeu

- Tudo bem.

Wendy meneou a cabeça. Jack levara o ninho e o pyrex, cheio de vespas congeladas, para o incinerador, atrás do galpão de equipamentos e o queimara. Desde então, nunca mais viram vespas. Ele escrevera para um advogado em Boulder, anexando as fotos da mão de Danny, e o advogado devolvera, havia dois dias - isso deixara Jack de mau humor a tarde inteira. O advogado duvidava de que a companhia que fabricara a bomba de inseticidas pudesse ser processada com sucesso, pois havia apenas Jack para testemunhar que seguira as instruções impressas na caixa. Jack perguntara ao advogado se não poderiam comprar algumas outras e testá-las da mesma forma. Sim, disse o advogado, mas os resultados seriam altamente duvidosos, mesmo que todas as bombas de teste não funcionassem bem. E contou a Jack um caso que envolvia uma companhia que fabricava escadas e um homem que quebrara a espinha. Wendy sentira pena de Jack, mas, no fundo, sentia-se feliz por Danny ter-se saído sem maiores problemas. Era melhor deixar ações judiciais para quem entendesse delas, e aí não se incluíam os Torrances. E desde então nunca mais viram vespas.

- Vá brincar, doutor. Divirta-se.

Mas não se divertira. Caminhou sem rumo pelo hotel, remexeu os armários das empregadas e os quartos dos zeladores, procurando alguma coisa interessante, sem encontrar, um menino se arrastando ao longo de um tapete azul-escuro trançado com linhas negras sinuosas. Tentava abrir, de vez em quando, porta por porta, mas, naturalmente, estavam todas trancadas. As chaves estavam penduradas no escritório, sabia onde, mas Papai dissera que ele não deveria tocá-las. E ele não queria. Queria?

(Por que está aqui'?)

Não havia nada sem propósito naquilo tudo. Fora levado ao apartamento 217 por uma curiosidade mórbida. Lembrava-se de uma história que Papai contara uma vez, quando estava bêbado. Isso, há muito tempo, mas a história estava tão vívida agora, como quando Papai a contara. Mamãe ralhara com Papai e perguntara o que ele estava fazendo, lendo para uma criança de três anos algo tão horrível. O nome da história era Bluebeard. * Aquilo estava claro em sua mente, também, pois a princípio pensou que Papai estivesse dizendo Bluebird, ** e não havia pássaros azuis na história, ou pássaros de qualquer espécie. Na realidade, a história era sobre a mulher de Barba Azul, uma mulher bonita, de cabelos louros como os de Mamãe. Depois que Barba Azul se casou com ela, foram morar em um castelo grande e bonito, que não era como o Overlook. Todos os dias Barba Azul saía para trabalhar, e todos os dias dizia a sua bela mulher que não abrisse a porta de um determinado quarto, apesar de a chave dele estar pendurada em um gancho, exatamente como a chave mestra estava pendurada na parede do escritório. A mulher de Barba Azul foi ficando cada vez mais curiosa. Tentou espiar pelo buraco da fechadura, da mesma forma que Danny tentara olhar pelo olho mágico do apartamento 217, também não conseguindo. Havia até um desenho da mulher se ajoelhando e tentando olhar por baixo da porta, mas a fresta era muito estreita. A porta abriu-se e...

* Bluebeard - - Barba Azul. (N. da T.)
** Bluebird = Pássaro Azul. (N. da T.)

O velho livro de histórias retratara sua descoberta em detalhes horrorosos. A imagem se iluminava na mente de Danny. As cabeças degoladas das sete mulheres do Barba Azul estavam no quarto, cada uma em seu pedestal, os olhos virados, as bocas tortas e abertas em gritos silenciosos. De alguma forma, elas se equilibravam sobre pescoços irregulares decepados pela espada de folha larga e havia sangue escorrendo pelos pedestais.

Apavorada, tentou fugir do quarto e do castelo, encontrou Barba Azul no corredor, os olhos terríveis, acesos. "Disse-lhe que não entrasse no quarto", falou Barba Azul, desembainhando a espada. "Meus Deus, você é tão curiosa quanto as outras sete, e eu que pensei amá-la mais... seu fim será como o delas. Prepare-se para morrer, mulher ordinária!"

Parecia-lhe vago que a história tivesse tido um final feliz, mas isso fora ofuscado diante das duas imagens dominantes: a porta trancada, firme, louca, que guardava um grande segredo, e o próprio segredo terrível, repetido mais de dúzia e meia de vezes. A porta trancada e atrás dela as cabeças, as cabeças degoladas.

Sua mão ergueu-se e tocou a maçaneta da porta, furtivamente. Perdera a noção do tempo que estivera ali, parado, hipnotizado diante da porta cinza, tranqüilamente fechada.

(E talvez por três vezes imaginei ter visto coisas... coisas ruins...)

Mas o Sr. Hallorann - Dick - também disse que não achava que essas coisas pudessem atingi-lo. Eram como desenhos assustadores em um livro, só isso. E talvez ele não visse nada. Por outro lado...

Enfiou a mão esquerda no bolso e segurou a chave mestra. Estivera ali o tempo todo, claro.

Segurava-a pela placa quadrada de metal que havia na extremidade, com a palavra ESCRITÓRIO gravada. Girava a chave na corrente, observando-a rodar e rodar. Depois de alguns minutos, parou e meteu a chave mestra na fechadura. Ela entrou facilmente, sem embaraços, como se quisesse ter estado ali todo o tempo.

(Imaginei ler visto coisas... coisas ruins... prometa que não vai entrar lá.)

(Prometo.)

E é claro que uma promessa era muito importante. Ainda assim, sua curiosidade coçava tão alucinadamente, quanto hera venenosa, num lugar que não deve ser coçado. Mas era uma espécie terrível de curiosidade, o tipo que faz a pessoa roer as unhas, nas partes mais assustadoras de um filme de terror. O que estava por trás da porta não seria

nenhum filme.

(Não acho que essas coisas possam atingi-lo... como desenhos assustadores em um livro...)

De repente, ergueu a mão esquerda, sem ter certeza do que ia fazer, até retirar a chave mestra e enfiá-la de volta no bolso. Olhou fixo para a porta por mais tempo, olhos azul-acinzentados arregalados, em seguida deu as costas rapidamente e caminhou pelo corredor, em direção ao corredor principal, que formava um ângulo reto com o que se encontrava.

Alguma coisa o fez parar ali e, por um momento, não tinha certeza do que era. Depois lembrou-se que adiante, a caminho das escadas, havia um desses antigos extintores de incêndio enrolado na parede. Enrolado como uma cobra modorrando.

Não eram extintores químicos, disse Papai, apesar de haver vários deles na cozinha. Estes eram os precursores dos modernos sprinklers. As mangueiras de lona estão ligadas diretamente ao sistema hidráulico do Overlook, e ligando-se uma única válvula você sozinho podia tornar-se um Corpo de Bombeiros: Papai disse que os extintores químicos, que pulverizam espuma de CO2, eram muito melhores. Os químicos extinguiam incêndios, retiravam o oxigênio que necessitavam para queimar, enquanto um pulverizador de alta pressão pode apenas alastrar as chamas. Papai disse que o Sr. Ullman deveria substituir as mangueiras antigas, como também as grelhas antigas, mas o Sr. Ullman talvez não fizesse nenhuma das duas coisas, pois era um CRETINO. Danny sabia que este era um dos piores epítetos que o pai usava. Era aplicado a certos médicos, dentistas e mecânicos, e também ao Chefe do Departamento de Inglês de Stovington, que rejeitara alguns dos pedidos de livros de Papai, pois dizia, que iam além do orçamento. "Além do orçamento, merda", ouvira Danny do quarto, onde deveria estar dormindo. "Está apenas guardando os últimos quinhentos dólares para si, o CRETINO

Danny espreitou.

O extintor lá estava, uma mangueira achatada, dobrada dezenas de vezes sobre si mesmo, o tanque vermelho preso na parede. Sobre ele um machado numa caixa de vidro como um museu, com palavras brancas em fundo vermelho: EM CASO DE EMERGÊNCIA, QUEBRE O VIDRO. Danny conseguia ler a palavra emergência, que era também o nome de um de seus programas favoritos na televisão, mas não tinha certeza do resto. Mas não gostava da forma como a palavra era usada em conexão com aquela mangueira longa e achatada. EMERGÊNCIA era fogo, explosões, acidentes de carro, hospitais, às vezes morte. E não gostava da forma como a mangueira se pendurava ali tão suavemente na parede. Quando estava só, sempre apressava o andar ao passar pelos extintores. Nenhuma razão especial. Sentia-se melhor indo depressa. Era mais seguro.

Agora, o coração batendo forte no peito, fez a curva e olhou no corredor, depois do

extintor, a escada! Mamãe estava lá embaixo, dormindo. E se Papai estivesse de volta de seu passeio, provavelmente estaria sentado na cozinha, comendo um sanduíche e lendo um livro. Passaria pelo extintor velho e desceria as escadas.

Começou a caminhar, aproximando-se da parede até seu braço esquerdo encostar no caro papel de seda. Seis metros. Cinco. Quatro.

Quando faltavam três metros, o bocal de aço de repente se desenrolou de onde estivera pousado,

(dormindo?)

e caiu sobre o tapete do corredor com um barulho surdo. Ali estava, o buraco escuro de seu focinho apontando para Danny. O garoto parou imediatamente, estremecendo de pavor. O sangue latejando forte em seus ouvidos e têmporas. A boca seca e amarga, as mãos apertadas. No entanto, o focinho da mangueira continuava apenas ali, com o envoltório de aço brilhando suave, a lona dando uma volta e subindo em direção ao suporte pintado de vermelho aparafusado na parede.

Caíra, e daí? Era apenas um extintor de incêndio, nada mais. Era idiotice pensar que parecia uma cobra venenosa do Mundo dos Animais, que o ouvira e acordara. Simplesmente passaria por cima e andaria em direção à escada, indo um pouco mais rápido, talvez para ter certeza de que ele não sairia correndo atrás dele e não se enrolaria em seu pé.

Enxugou os lábios com a mão esquerda, uma imitação inconsciente do pai, e deu um passo à frente. Nenhum movimento da mangueira. Outro passo. Nada. Está vendo o quão idiota você é? Elaborou tudo, pensando naquele apartamento idiota e naquela história idiota de Barba Azul, e talvez essa mangueira estivesse pronta para desabar há anos. Só isso.

Danny olhou fixo para a mangueira no chão, e pensou nas vespas.

Faltavam dois metros, o focinho vislumbrava-o calmamente como se dissesse: Não tenha medo. Sou só uma mangueira, só isso. E mesmo que não fosse só isso, o que eu faria a você não seria pior do que a ferroada de uma abelha. Ou a ferroada de uma vespa. O que eu poderia fazer com um menininho bonzinho como você... senão morder... morder... e morder?

Danny deu mais um passo, e outro. A respiração seca e áspera na garganta. O pânico agora estava próximo. Começou a desejar que a mangueira se movesse, e então finalmente saberia, teria certeza. Deu mais um passo e estava agora surpreendentemente próximo. Mas ela não lhe vai bater, pensou histérico. Como lhe pode bater, morder, sendo somente uma mangueira?

Talvez esteja cheia de vespas.

Sua temperatura caiu para 25° abaixo de zero. Olhou fixamente para o buraco negro no meio do focinho, quase hipnotizado. Talvez estivesse cheio de vespas, vespas secretas, marrons e intumescidas de veneno, tão cheias de veneno do outono, que escorria de seus ferrões em gotas claras de fluido.

De repente, descobriu que estava quase congelado de terror; se não fizesse com que seus pés andassem agora, eles ficariam presos ao tapete e ele permaneceria ali, olhando para o buraco negro no meio do focinho de aço, como um passarinho olhando uma cobra, ficaria ali até que o pai o encontrasse, e então, o que aconteceria?

Com um gemido alto, pôs-se a andar. Ao chegar à mangueira, uma ilusão de ótica fez o focinho parecer movimentar-se, remexer como se fosse atingi-lo, saltando sobre ele: em seu estado de pânico parecia que as pernas o empurravam para o teto, que podia sentir o tapete tocando o teto de gesso do corredor, apesar de mais tarde ter percebido que tal não acontecera.

Passou pelo outro lado da mangueira e correu, e de repente ouviu-a seguindo-o, a escada parecia muito distante; parecia retroceder um passo, para cada passo dado em sua direção.

Papai! Tentou gritar, mas a garganta fechada não deixava passar o som. Estava só. Atrás dele o ruído aumentava, o som seco da cobra deslizando rapidamente sobre as fibras secas do tapete. Agora, próxima aos calcanhares, talvez se levantando com a baba clara de veneno saindo do focinho de aço.

Danny chegou à escada e teve que agitar os braços como louco, para se equilibrar. Por um momento, pensou que teria que dar cambalhotas até o pé da escada.

Olhou para trás.

A mangueira não tinha se movido. Estava ali estática, uma parte fora do suporte, o focinho de aço no chão apontando desinteressadamente para longe dele. Está vendo, idiota!, censurou-se. Você criou tudo, seu gatinho assustado. Foi tudo sua imaginação, gatinho assustado, gatinho assustado. Agarrou-se ao corrimão, as pernas trêmulas.

(Ela não o seguiu)

disse-lhe sua mente, e prosseguiu com este pensamento, brincando com ele.

(Não o seguiu, não o seguiu, não, não)

Não havia nada a temer. Assim, poderia voltar e colocar a mangueira no suporte, se quisesse. Poderia, mas não achava que iria. Mas, e se ela tivesse resolvido segui-lo, e desistido quando viu que não podia... na verdade... apanhá-lo?

A mangueira repousava sobre o tapete, parecendo perguntar-lhe se gostaria de voltar e tentar novamente.

Ofegante, Danny desceu as escadas.

20

CONVERSANDO COM O SR. ULLMAN

A Biblioteca Pública de Sidewinder era um edifício pequeno e afastado, a um quarteirão do comércio da cidade. Era um prédio modesto, coberto de trepadeiras, e a calçada larga de concreto que ia até a porta, forrada de restos de flores do último verão. No jardim, uma estátua de bronze de um general da Guerra Civil, de que Jack nunca ouvira falar, apesar de ter sido, na adolescência, um estudioso da História Americana.

Os arquivos de jornais eram guardadas no subsolo. Consistiam pia Gazeta, de Sidewinder, que falira em ' 963, o Diário, de Estes Park, e o Boulder Camera. Nenhum jornal de Denver.

Suspirando, Jack dirigiu-se para o Camera.

Quando os arquivos chegaram a 1965, os jornais atuais eram substituídos por carretéis de microfilmes ("Uma concessão federal", dissera a bibliotecária alegremente. "Esperamos poder microfilmar de 1958 a 64, quando o próximo cheque chegar, mas são tão vagarosos, não são? Vai ter cuidado, não vai? Sei perfeitamente que terá. Chame, se precisar de mim.") A única máquina para leitura tinha uma lente que de alguma forma empenara, e quando Wendy pôs a mão sobre seu ombro, cerca de 45 minutos depois de ter largado os jornais e passado a utilizar a máquina, Jack estava com uma enxaqueca tremenda.

- Danny está no parque - disse ela - mas não quero que fique lá fora muito tempo. Quantos minutos acha que vai levar ainda?

- Dez minutos - respondeu Jack. Na realidade, descobrira o último tópico da fascinante história do Overlook: os anos entre o massacre e a posse de Stuart Ullman e Cia. Mas sentiu-se da mesma forma reticente para com Wendy.

- Por falar nisso, o que você anda fazendo? - perguntou Wendy. Assanhou-lhe o cabelo enquanto falava, mas havia uma ponta de ironia na voz dela.

- Buscando a história antiga do Overlook - respondeu ele.

- Alguma razão especial?

- Não,

(e por que, diabos, está tão interessada?)

só curiosidade.

- Encontrou alguma coisa interessante?

- Nada de mais - disse ele, esforçando-se por manter um tom de voz agradável. Bisbilhotava, da mesma forma que sempre bisbilhotara a vida dele, quando estavam em Stovington e Danny ainda era um bebê. Onde vai Jack? A que horas volta? Está levando dinheiro? Quanto? Vai de carro? Al vai com você? Algum dos dois vai conseguir manter-se sóbrio? E assim por diante. Ela, perdoem a expressão, levara-o à bebida. Talvez essa não fosse a única razão, mas, por Nosso Senhor Jesus Cristo, digamos a verdade aqui, e admitamos que foi uma delas. Reclamando, reclamando, reclamando até você sentir vontade de esmurrá-la para fazê-la calar a boca e acabar com

(Onde? Quando? Como? Está? Vai?)

a avalanche de perguntas. Davam realmente

(dor de cabeça? ressaca?)

dor de cabeça. A lente. A desgraçada lente que distorcia a impressão. Era por isso que estava com uma dor de cabeça tão filha da puta.

- Jack, você está bem? Está pálido...

Afastou a cabeça dos dedos da mulher.

- Estou bem.

Ela rechaçou os olhos raivosos do marido com um sorriso, sem graça.

- Bem... se está... vou esperar no parque com Danny... - E, ao se afastar, o sorriso transformou-se em uma confusa expressão de dor.

- Wendy? - chamou Jack.

Ela voltou o olhar e, do pé da escada, respondeu.

- Que é Jack?

Levantou-se e caminhou para ela.

- Desculpe, amor. Acho que não estou bem. Aquela máquina... a lente está empenada.

Estou com uma dor de cabeça tremenda. Tem aspirina aí?

- Claro. - Tateou a bolsa e tirou uma caixinha de Anacin. - Fique com ela.

Ele pegou a caixinha.

- Não tem Excedrin? - Percebeu a pequena retração no rosto da esposa e entendeu. Havia uma espécie amarga de piada entre os dois, antes de a bebida ter-se tornado muito sério para brincadeiras. Ele alegava que Excedrin era a única droga vendida, sem prescrição médica, capaz de curar uma ressaca. Simplesmente, a única. Começou a classificar as dores de cabeça causadas por ressacas como Dores de Cabeça Excedrin N° Vat 69.

- Excedrin, não tenho - respondeu Wendy. - Desculpe.

- Não há problema - disse ele. - Estes servem. - Mas é claro que não serviriam, e ela deveria saber. As vezes, ela conseguia ser de uma idiotice atroz.

- Quer um copo d'água - perguntou Wendy, alegre.

(Não, só quero que você VÁ PARA O INFERNO!)

- Vou ao bebedouro quando subir. Obrigado.

- OK. - Começou a subir as escadas, pernas bonitas, movendo-se com graciosidade debaixo de uma saia curta de lã marrom. - Estaremos no parque.

- Certo. - Escorregou a caixinha de Anacin para o bolso, voltou para a lente, e desligou-a. Quando se certificou de que a mulher tinha ido embora, ele mesmo subiu. Deus, era uma dor de cabeça terrível. Se era preciso agüentar uma pressão como esta, teria que lhe ser permitido o prazer de alguns goles, como compensação.

Tentou afastar o pensamento, mais nervoso do que nunca. Foi ao balcão principal, segurando uma caixa de fósforo com um número de telefone escrito.

- Madame, a senhora tem telefone público?

- Não, senhor, mas pode usar o meu, se a ligação for local.

- É interurbano, desculpe.

- Bem, então acho que a drogaria seria o melhor lugar. Têm uma cabine.

- Obrigado.

Saiu, passou pelo general anônimo da Guerra Civil. Começou a andar em direção ao

comércio, mãos enfiadas nos bolsos, a cabeça batendo como um sino de chumbo. O céu também estava como chumbo, era 7 de novembro, e com o novo mês o tempo tornava-se assustador. Caíram alguns flocos de neve. Houve neve em outubro também, mas essa derretera. Os flocos recentes haviam permanecido, uma cobertura leve sobre tudo, brilhando ao sol como puro cristal. O sol não brilhara hoje e, quando chegou à drogaria, houve até uma leve pancada de neve.

A cabine telefônica ficava nos fundos do prédio, e estava no meio da ala de remédios controlados, e ele sacudiu as moedas dentro do bolso, quando seus olhos bateram nas caixas brancas com letras verdes. Levou uma ao caixa, pagou e voltou à cabine telefônica. Fechou a porta, colocou as moedas e a caixa de fósforo na prateleira, e discou 0.

- Sua chamada, por favor?

- Fort Lauderdale, Flórida, telefonista. - Deu-lhe o número de lá e o número da cabine. Quando foi informado de que custaria um dólar e 90 cents pelos primeiros três minutos, depositou oito moedas de 25 cents, estremecendo cada vez que o sinal batia em seu ouvido.

Em seguida, atento aos sinais distantes da ligação sendo feita, tirou o vidro verde de Excedrin do bolso, examinou a tampa branca e jogou o chumaço de algodão no chão da cabine. Segurando o~ telefone com o ombro, sacudiu três dos comprimidos brancos e os alinhou sobre a prateleira ao lado das moedas restantes. Tampou o vidro e colocou-o no bolso.

Do outro lado, o telefone foi atendido ao primeiro sinal.

- Estância Surf-Sand, em que podemos ser úteis? - perguntou uma voz feminina muito viva.

- Gostaria de falar com o gerente, por favor.

- O senhor quer dizer o Sr. Trem ou...

- Quero dizer o Sr. Ullman.

- Creio que o Sr. Ullman está ocupado, mas se quiser posso verificar...

- Gostaria. Diga-lhe que é Jack Torrance, ligando do Colorado.

- Um momento, por favor.

A antipatia de Jack por aquele cretino e pretensioso do Ullman voltou. Apanhou um dos Excedrins da prateleira, examinou-o por instantes, colocou-o na boca e começou a mordê-lo, devagar e com gosto. O sabor aflorou-lhe na memória, fazendo a saliva fluir

numa mistura de prazer e tristeza. Um sabor seco, amargo, mas constrangedor. Engoliu com uma careta. Mastigar aspirina tinha sido um hábito para ele nos tempos de alcoólatra; desde então, nunca mais mastigara nenhuma. Mas quando a dor de cabeça era suficientemente forte, uma dor de cabeça de ressaca ou coisa do gênero, mastigá-las parecia tornar o efeito mais rápido. Lera em algum lugar que mastigar aspirina podia tornar-se um vício. Onde lera isso? Franzindo a testa, tentou pensar. E então Ullman veio ao telefone.

- Torrance? O que houve?

- Não houve nada. A caldeira está em ordem e nem cheguei ainda a matar minha mulher. Estou esperando para depois das festas, quando as coisas ficarem monótonas.

- Engraçado. Por que está telefonando? Estou ocupado...

- Homem ocupado, sim, entendo. Estou telefonando a respeito de algumas coisas que você não me contou na sua história do passado grandioso e nobre do Overlook. Como, por exemplo, o fato de Horace Derwent tê-lo vendido a um bando de vigaristas de Las Vegas, que o negociavam através de tantas empresas, que nem a Receita Federal sabia quem, realmente, era o proprietário. Como esperaram até o momento certo e então o transformaram num playground para os manda-chuvas da Máfia, e como teve que ser fechado em 1966, quando um deles morreu. Junto com seus guarda-costas, que estavam à porta da Suíte Presidencial. Grande lugar, a Suíte Presidencial do Overlook. Wilson, Harding, Roosevelt, Nixon e Vito, o Açougueiro, certo?

Houve um momento de silêncio surpreso no outro lado da linha, e então Ullman disse, calmamente:

- Não vejo como isso pode afetar seu emprego, Sr. Torrance. L...

- A melhor parte aconteceu depois que Gienelli foi assassinado, não acha? Mais dois passes de mágica, e então o Overlook é repentinamente comprado por um indivíduo, uma mulher chamada Sílvia Hunter... que vinha a ser Sylvia Hunter Derwent de 1942 a 1948.

- Seus três minutos já se passaram - disse a telefonista. Avise quando terminar.

- Meu caro Sr. Torrance, tudo isso é de conhecimento público... e história antiga.

- Não era de meu conhecimento - disse Jack. - E duvido que muita gente saiba. Absolutamente nada. Lembra-se do assassinato de Gienelli talvez, mas duvido que alguém tenha montado 0 magnífico e estranho quebra-cabeça, em que o Overlook esteve, desde 1945. E sempre parece que Derwent ou um sócio de Derwent surge como o premiado. O que Sylvia Hunter fazia por lá em 67 e 68, Sr. Ullman? Era um rendez-vous, não era?

- Torrance. - O choque surtia efeito a 3.OOOkm de cabo telefônico sem perder a força.

Sorrindo, Jack jogou um outro Excedrin na boca e mastigou-o.

- Ela vendeu tudo depois que um senador americano, muito conhecido, morreu de um ataque cardíaco lá por cima. Comentou-se que ele foi encontrado nu, de meias de nylon pretas, ligas e um par de sapatos de sapinho. De couro legítimo, diga-se de passagem

- Isso é uma calúnia! - gritou Ullman.

- É mesmo? - perguntou Jack. Começava a se sentir melhor. A dor de cabeça estava indo embora. Tomou o último Excedrin e mastigou-o, apreciando o gosto amargo do comprimido despedaçado na boca.

- Foi um acontecimento desagradável - disse Ullman. Onde quer chegar? Se está pretendendo escrever algum artigo malicioso... se isto é alguma idéia perniciosa, chantagem idiota...

- Nada disso - falou Jack. - Telefonei porque achei que você não jogou limpo comigo. E porque...

- Não joguei limpo? - gritou Ullman. - Meu Deus, você achava que eu lavaria a roupa suja diante do zelador do hotel? Quem, diabos, você pensa que é? E em que essas histórias velhas o afetam? Ou você acha que há fantasmas rondando pelos corredores da ala oeste cobertos por lençóis e gritando "Uh... uh... uh... !"?

- Não, não acho que haja fantasmas. Mas você revolveu um bocado de minha vida privada, antes de me admitir no emprego. Humilhou-me, inquirindo sobre minha capacidade de tomar conta de seu hotel, como uma criança diante do professor, sendo repreendida por ter feito xixi no armário de roupas. Você me deixou sem graça.

- Simplesmente, não acredito em você - disse Ullman. Parecia sufocado. - Gostaria de demiti-lo. E talvez o faça.

- Acho que Al Shockley deverá objetar. Energicamente.

- E eu acho que deve estar superestimando o compromisso do Sr. Shockley para com o senhor, Sr. Torrance.

A dor de cabeça de Jack voltou, em toda a sua glória, e ele fechou os olhos de dor. Como se a distância, ouviu-se dizendo:

- Quem é o dono do Overlook agora? Ainda é o Grupo Derwent? Ou você é muito insignificante para saber?

- Acho o seguinte, Sr. Torrance. O senhor é um empregado do hotel, em nada diferente

da um carregador, ou um lavador de chão da cozinha. Não tenho intenção nenhuma de...

- Muito bem, vou escrever para Al - disse Jack. - Ele saberá; além do mais, ele é Membro do Conselho. E pode ser que eu acrescente um pequeno P.S. ao fato de que...

- Derwent não é o dono.

- O quê? Não entendi bem.

- Disse que Derwent não é o dono. Os acionistas são todos do Leste. Seu amigo Shockley detém o maior número de ações, mais de 35 % . Você saberia mais do que eu, se ele tem qualquer tipo de ligação com Derwent.

- Quem mais?

- Não tenho intenção de lhe divulgar os nomes dos demais acionistas, Sr. Torrance. Pretendo levar o assunto ao conhecimento de...

- Uma outra pergunta.

- Não tenho nenhuma obrigação para com o senhor.

- A maior parte da história do Overlook, agradável ou não, encontrei em um álbum de recortes, que estava no porão. Uma coisa grande com capa de couro branco. Um laço de fita dourada. Tem idéia de quem poderia ser?

- Nenhuma.

- É possível que fosse de Grady? O zelador que se matou?

- Sr. Torrance - disse Ullman, com profunda indiferença. - Não tenho a menor idéia se o Sr. Grady sabia ler, e nem se tinha interesse em descobrir os podres com os quais o senhor está-me fazendo perder tempo.

- Estou pretendendo escrever um livro sobre o Hotel Overlook. Pensei que, chegando a escrevê-lo, o dono do álbum gostaria de ter uma nota de agradecimento na primeira página.

- Acho que escrever um livro sobre o Overlook seria imprudência - falou Ullman. - Especialmente um livro feito sob o seu... ponto de vista.

- Sua opinião não me surpreende. - A dor de cabeça desaparecera. Havia apenas o vestígio da dor, só isso. Sua mente estava aguçada e acurada, aos mínimos detalhes. Era como geralmente sentia, quando o que escrevia fluía com facilidade, ou depois que bebia uns três drinques. Isso era uma outra coisa que esquecera sobre o Excedrin; não sabia se dava bons resultados para os outros, mas, para ele, mastigar três comprimidos

era tiro e queda. Em seguida, disse: - O que o senhor gostaria, é uma espécie de catálogo, que pudesse ser entregue gratuitamente aos hóspedes, quando se registrassem no hotel. Algo com uma porção de fotos brilhantes das montanhas ao nascer e ao pôr-do-sol, e um texto água com açúcar para acompanhar. Teria uma parte para as pessoas famosas que estiveram aqui, excluindo, logicamente, os realmente famosos como Gienelli e seus amigos.

- Se eu tivesse certeza de que poderia demiti-lo e ficar cem por cento certo de meu próprio emprego ao invés de noventa e cinco - disse Ullman, num tom abafado - eu o demitiria agora mesmo, pelo telefone. Mas uma vez sentindo esses cinco por cento de incerteza, pretendo telefonar para o Sr. Shockley assim que o senhor desligar... o que será em breve, ou por outra, o que espero ardentemente.

- Não. Não vai haver nada que não seja verdade no livro, sabe? Não vejo por que florear.

(Por que o molesta? Está querendo ser despedido?)

- Não me estou importando se o Capítulo 5 é sobre o Papa trepando com a Virgem Maria - disse Ullman aos gritos. - Quero que você dê o fora do meu hotel.

- Não é o seca hotel! - gritou Jack, e bateu o telefone.

Sentou-se no banquinho duro, um pouco apavorado,

(um pouco? muito)

imaginando, em primeiro lugar, por que, em nome de Deus, telefonara para Ullman.

(Perdeu o controle mais urna vez, Jack).

Sim, sim, perdeu. Não havia razão para negar. E o pior de tudo era que não fazia idéia da influência que aquele cretino tinha sobre Al, como também não sabia quanta merda AL tiraria dele, em nome do que já se passou. Se Ullman era tão bom quanto se achava, e se desse a AL um ultimato, tipo "ou ele ou eu", não seria AL obrigado a aceitar? Fechou os olhos e tentou imaginar-se dizendo a Wendy. Adivinhe, amor? Perdi outro emprego. Dessa vez tive que usar 3.OOOkm de cabo telefônico para encontrar alguém para agredir, mas dei um jeito.

Abriu os olhos e enxugou a boca com o lenço. Queria beber. Merda, precisava. Havia um bar exatamente naquela rua, e logicamente teria tempo para uma cervejinha a caminho do parque, só para afogar as mágoas...

Apertou as mãos inutilmente.

A pergunta persistia: Em primeiro lugar, por que telefonara para Ullman? O número do

Surf-Sand em Lauderdale estava escrito em uma caderneta ao lado do telefone e do radio-transmissor no escritório .. . telefones de bombeiros, carpinteiros, vidraceiros, eletricistas e outros. Jack copiara o número na caixa de fósforos, pouco depois de se levantar da cama naquele dia, a idéia de telefonar para Ullman completamente amadurecida e clara em sua mente. Mas, com que propósito? Certa vez, durante a fase de bebedeira, Wendy acusara-o de desejar sua autodestruição, sem possuir a fibra necessária para amadurecer um desejo de morte. Então, ele criara meios pelos quais outras pessoas pudessem fazê-lo, arrancando aos poucos pedaços de si mesmo e de sua família. Seria verdade? Temia, em seu íntimo, que o Overlook pudesse ser, exatamente, o que ele precisava para terminar o espetáculo. Estava-se entregando? Por favor, meu Deus, não, não permita que seja assim. Por favor.

Fechou os olhos, e uma imagem imediatamente surgiu na tela escura de suas pálpebras: enfiando a mão pelo buraco nas telhas, a repentina espetadela, seu próprio grito de dor e pavor no ar parado e pesado: Oh, sua filha da puta miserável...

Substituída por uma imagem de dois anos passados, ele mesmo cambaleando pela casa adentro, às três da manhã, bêbado, caindo por cima da mesa, e tombando esticado no chão, xingando, acordando Wendy que dormia no sofá. Wendy acendendo a luz, vendo suas roupas rasgadas e sujas por causa de alguma briga de rua, ocorrida em um bordel qualquer, na fronteira de Nova Hampshire, horas antes, sangue seco no nariz, olhando agora para sua mulher, piscando os olhos estupidamente sob a luz, e Wendy dizendo sem vida, seu filho da puta, acordou Danny. Se não se dá o respeito, não pode dar, pelo menos, um pouco, a nós? Oh, por que perco tempo com você?

O telefone tocou, assustando-o. Tirou-o do gancho, desconfiando de que pudesse ser Ullman ou Al Shockley.

- O quê? - gritou ele.

- Seu tempo extra, senhor. Três dólares e meio.

- Tenho que trocar umas moedas - disse ele. - Espere um pouco.

Colocou o telefone na prateleira, depositou as suas seis últimas moedas de 25 cents, foi então ao caixa para apanhar mais. Fez a transação de modo automático, a mente rodando em um mesmo círculo, como um cachorro atrás do rabo.

Por que ligara para Ullman?

Porque Ullman o humilhara? Já tinha sido humilhado antes, por verdadeiros mestres - o Grande Mestre, claro, sendo ele próprio. Simplesmente para tripudiar sobre ele, desmascarando sua hipocrisia? Jack não se achava tão pequeno. Sua cabeça tentava buscar no álbum de recortes uma razão válida, mas isso não impediria o desenrolar dos fatos. As possibilidades de Ullman saber quem era o dono, eram duas em mil. Na entrevista, referira-se ao porão como se fosse um outro país... pelo visto um país

tremendamente subdesenvolvido. Se quisesse realmente saber, teria ligado para Watson, cujo número de telefone estava também na caderneta do escritório. Mesmo Watson não teria sido uma coisa certa, porém mais certa do que Ullman.

E falar-lhe da idéia do livro fora outra idiotice. Idiotice rematada. Além de arriscar seu emprego, poderia estar fechando amplas fontes de informação, uma vez que Ullman poderia dizer às pessoas que tomassem cuidado com essa gente da Nova Inglaterra fazendo perguntas sobre o Hotel Overlook. Podia ter feito suas pesquisas calmamente, expedindo cartas atenciosas, talvez até marcando entrevistas na primavera... e então riria a bandeiras despregadas da raiva de Ullman, quando o livro fosse publicado e ele estivesse muito longe dali... O Autor Mascarado Ataca Novamente. Ao invés disso fizera aquele telefonema insensato, perdera o controle, indispusera-se com Ullman e revelara as tendências de Pequeno César do gerente do hotel. Por quê? Se não era um esforço para se ver despedido do bom emprego que Al lhe arranjara, então o que era?

Depositou o resto do dinheiro no telefone, e desligou-o. Fora realmente a coisa mais insensata que poderia ter feito, se estivesse bêbado. Mas estava sóbrio; profundamente sóbrio.

Ao sair da drogaria, mastigou um outro Excedrin, fazendo careta, mas ainda sentindo o prazer do gosto amargo.

Na calçada, encontrou Wendy e Danny.

- Oi, estamos procurando você - disse Wendy. - Está nevando, não sabia?

Jack olhou para cima.

- É mesmo. - Nevava muito. A rua principal de Sidewinder já estava toda branca, as faixas já escondidas. Danny tinha a cabeça virada para o céu branco, a boca aberta e a língua de fora para apanhar alguns flocos que caíam.

- Acha que chegou? - perguntou Wendy.

Jack sacudiu os ombros.

- Não sei. Esperava por mais uma ou duas semanas de benevolência do tempo. Pode ser que tenhamos.

Benevolência, isso mesmo.

(Desculpe-me, Al. Benevolência. Tenha piedade. Mais urna oportunidade. Estou sinceramente arrependido...)

Quantas vezes, em quantos anos, tinha ele - um homem feito - implorado piedade, por uma outra oportunidade? De repente, estava tão cansado de si, tão revoltado, que

poderia ter suspirado alto.

- E a dor de cabeça? - perguntou ela, estudando-o mais de perto.

Pôs os braços em volta dela e abraçou-a apertado.

- Melhor. Venham, vamos para casa, enquanto podemos.

Caminharam até o caminhão estacionado no declive, encostado ao meio-fio, Jack no centro, com o braço esquerdo em volta dos ombros de Wendy e a mão direita segurando Danny. Chamara o hotel sua casa, pela primeira vez.

Quando sentou-se ao volante do caminhão, ocorreu-lhe que, apesar de estar fascinado pelo Overlook, na realidade não gostava muito dele. Não estava certo de que fosse bom para a mulher, o filho, ou para si próprio. Talvez tenha sido por isso que telefonara para Ullman.

Para ser despedido enquanto havia tempo.

Deu ré no carro, levou-o em direção à saída da cidade e subiu as montanhas.

21

CONVERSANDO COM O TRAVESSEIRO

Eram 10 horas da noite. Nos quartos, todos fingiam dormir.

Jack deitado de lado, virado para a parede, olhos abertos, escutando a respiração baixa e ritmada de Wendy. O gosto de aspirina dissolvida ainda estava em sua língua deixando-a áspera e levemente dormente. Al Shockley telefonara às 5:45, 7:45 Hora do Leste. Wendy estava com Danny, sentada em frente à lareira no saguão, lendo.

- Pessoa a pessoa - disse a telefonista. - Para o Sr. Jack Torrance.

- É ele. - Passara o fone para a mão direita, arrancara o lenço do bolso traseiro com a mão esquerda, enxugara os lábios macios. Em seguida, acendeu um cigarro.

A voz de Al então, forte em seu ouvido:

- Jack, o que está pretendendo, em nome de Deus.

- Oi, Al. - Tragou o cigarro e tateou à procura do vidro de Excedrin.

- O que está acontecendo, Jack? Recebi um telefonema esquisito de Stuart Ullman hoje

à tarde. E quando Stuart Ullman paga uma ligação interurbana, prepare-se, pois lá vem merda.

- Ullman não tem nada com que se preocupar, AI. Nem você.

- O que você quer dizer exatamente com não tem nada com que se preocupar? Stuart pintou um quadro, mistura de chantagem com manchete de jornal sensacionalista sobre o Overlook. Conte-me, rapaz.

- Eu quis bisbilhotar um pouco - disse Jack. - Quando vim até aqui para ser entrevistado, ele quis arrancar toda a minha

roupa suja. Problema de bebida. Perdeu o último emprego por ter arrebentado um aluno. Fico pensando se você é o homem certo para isto, etc. O que me chateou é que ele levantava tudo isso porque adorava o desgraçado do hotel. O maravilhoso Overlook. O tradicional Overlook. O sagrado Overlook. Bem, encontrei um álbum de recortes no porão. Alguém juntou todos os aspectos menos agradáveis da Catedral de Ullman, e me pareceu uma longa cerimônia de missa negra.

- Espero que isso seja uma metáfora, Jack. - A voz de Al era extremamente fria.

- É. Mas realmente encontrei...

- Conheço a história do hotel.

Jack passou a mão pelo cabelo.

- Telefonei, então, para bisbilhotar. Reconheço que não foi muito brilhante de minha parte, e não faria de novo. Fim de papo.

- Stu diz que você está pretendendo lavar a roupa suja em público.

- Stu é um imbecil! - gritou ao telefone. - Disse-lhe que tinha idéia de escrever sobre o Overlook, sim. Tenho. Acho que este lugar constitui uma lista em ordem alfabética de todos os personagens americanos , do pós-guerra. Dito assim, parece uma reivindicação pesada... sei disso... mas está tudo aqui, Al! Meu Deus, seria um grande livro. Mas a longo prazo, posso assegurar-lhe, tenho mais que o necessário, e...

- Jack, isso não basta.

Viu-se boquiaberto ao telefone, sem poder acreditar no que ouvira.

- O quê? Al, você disse?

- Isso mesmo. Qual é o longo prazo, Jack? Para você pode ser dois anos, talvez cinco. Para mim, trinta ou quarenta, pois espero estar ligado ao Overlook por muito tempo. O

pensamento de vê-lo fazendo um trabalho sujo sobre o meu hotel e o publicando como uma grande obra da literatura americana enjoa-me.

Jack ficou mudo.

- Tentei ajudá-lo, rapaz. Passamos juntos pela guerra, e achei que lhe devia ajuda. Lembra-se da guerra?

- Lembro - resmungou, mas os carvões do ressentimento começavam a incandescer em seu coração. Primeiro Ullman, depois Wendy, agora Al. O que era isso? Semana Nacional do Vamos Ver Quem Pega Jack Torrance Primeiro? Apertou os lábios, apanhou os cigarros, e atirou-os ao chão. Alguma vez já apreciara este cretino, conversando com ele em seu gabinete revestido de mogno em Vermont. Apreciara?

- Antes de você ter agredido aquele menino, Hatfield - dizia Al - tentei convencer o Conselho a não o mandar embora, e até mesmo modificar as coisas em termos de normas. Você mesmo estragou tudo. Arranjei-lhe esse negócio do hotel, um lugar calmo e bonito para você se ajustar, terminar sua peça, e esperar até que I1arry Effinger e eu pudéssemos convencer o resto dos caras do grande erro que cometeram. Agora, parece que você quer sair lucrando nas minhas costas. É assim que agradece um amigo, Jack?

- Não - sussurrou.

Não se atrevia a dizer mais nada. A cabeça latejava com as palavras quentes que queriam sair. Tentou desesperadamente pensar em Wendy e Danny, na sua dependência, Danny e Wendy sentados calmamente lá embaixo diante do fogo e trabalhando na cartilha do segundo ano, pensando que estivesse tudo maravilhoso. E se perdesse o emprego? Rumo à Califórnia, naquele Volkswagen velho e cansado com a bomba de gasolina caindo aos pedaços, como uma família de foragidos de Oklahoma'? Convenceu-se de que se ajoelharia e imploraria a Al antes que isso acontecesse, mas, ainda assim, as palavras relutavam em sair, e ele não conseguia conter sua raiva.

- O quê? - disse Al, com voz aguda.

- Não - falou Jack. - Não é assim que trato meus amigos.

E você sabe disso.

- Como sei? Na pior das hipóteses, está pretendendo sujar a reputação do meu hotel, exumando corpos que foram decentemente enterrados, há anos. Na melhor das hipóteses, você telefonou para meu gerente temperamental, mas extremamente competente, e o imbuiu de um frenesi, como carie de um... jogo idiota de crianças.

- Foi mais do que um jogo, AI. É mais fácil para você. Não precisa aceitar a caridade de um amigo rico. Não precisa de um amigo no tribunal, pois é o próprio tribunal. O fato de que esteve a um passo de se tornar alcoólatra fica razoavelmente escondido, não

fica?

- Suponho que sim - falou Al. A voz baixara, e ele parecia cansado de tudo. - Mas Jack, Jack... não posso fazer nada. Não posso modificar isso.

- Sei - disse Jack, inutilmente. - Estou despedido? Acho melhor você me dizer se estou.

- Não, se fizer duas coisas para mim.

- Muito bem.

- Não seria melhor ouvir as condições antes de aceitá-las?

- Não. Dê as cartas e as apanharei. Tenho que pensar em Wendy e Danny. Se quiser meus ovos, mandarei por via aérea.

- Tem certeza de que pode se dar ao luxo de autopiedade, Jack?

Fechou os olhos e escorregou um Excedrin por entre os lábios secos.

- A esta altura, sinto que é o único luxo a que me posso dar. Sem brincadeira.

Al ficou calado por um momento. Disse, então:

- Primeiro, nada de telefonemas para Ullman. Nem se o lugar pegar fogo. Se isso acontecer, telefone para o chefe de manutenção, aquele cara que xinga o tempo todo, sabe a quem me refiro...

- Watson.

- Sim.

- Muito bem.

- Em segundo lugar, prometa, sob palavra de honra. Nenhum livro sobre o famoso hotel da montanha do Colorado.

Por um momento, sua raiva era tanta que literalmente não pôde falar. O sangue fervia-lhe nas veias. Era como receber um telefonema de um príncipe Médice do século vinte... nenhum retrato de minha família com as verrugas aparecendo, por favor, ou você cai em desgraça. Não patrocino pintura que não seja bonita. Quando pintar a filha de meu bom amigo e sócio, por favor, omita a mancha de nascença, ou você cai em desgraça. Claro que somos amigos... somos, ambos, homens civilizados, não somos? Já moramos juntos, comemos juntos, bebemos juntos. Seremos sempre amigos, a coleira com que o tenho preso será sempre ignorada por consentimento mútuo, e serei bom e benevolente para com você. Tudo que peço em troca é sua alma. Coisa pequena. Podemos até

ignorar o fato de tê-la entregue a mim, da mesma forma que ignoramos a coleira. Lembre-se, meu talentoso amigo, há Michelangelos mendigando por todos os lugares de Roma...

- Jack, está ouvindo?

Fez um ruído sufocado, que significava sim.

A voz de Al era firme e segura.

- Realmente, não acho que esteja pedindo muito, Jack. E haverá outros livros. Apenas não pode esperar que eu vá ajudá-lo, enquanto...

- Muito bem, concordo.

- Não quero que pense que estou tentando controlar sua vida artística, Jack. Você me conhece bem. É só...

- Al?

- Sim?

- Derwent ainda está envolvido no Overlook? De algum modo?

- Não vejo por que isso tenha alguma coisa a ver com você, Jack.

- Não - disse ele, distante. - Suponho que não. Ouça, Al, acho que estou ouvindo Wendy me chamar. Telefono depois.

- Claro, rapaz. Bateremos um bom papo. Como vão as coisas? Sóbrias?

(JÁ APANHOU SUA PARTE DE CARNE, SANGUE E, TUDO. AGORA, QUER DEIXAR-ME EM PAZ?)

- De corpo e alma.

- Por aqui também. Na verdade, estou começando a gostar de ficar sóbrio. Se...

- Voltarei, Al. Wendy...

- Claro, OK.

E assim que desligou, as cólicas vieram, atingindo-o como relâmpagos, fazendo-o curvar-se diante do telefone como um penitente, as mãos segurando a barriga, a cabeça latejando como um balão gigante.

A vespa, depois de ferroar, prossegue...

Melhorara um pouco, quando Wendy subiu e perguntou quem estivera ao telefone.

- Al - respondeu. - Telefonou para perguntar como estavam as coisas. Disse-lhe que estava tudo bem.

- Jack, você está horrível. Está doente?

- A dor de cabeça voltou. Vou para a cama cedo. Não faz sentido tentar escrever.

- Posso trazer-lhe um copo de leite quente?

Ele sorriu, pálido.

- Seria bom.

Deitava-se agora ao lado dela, sentindo-lhe a coxa quente e adormecida encostada a sua. Pensar na conversa com Al, em como se tinha rebaixado, ainda lhe provocava ondas de frio e calor. Algum dia haveria o ajuste de contas. Algum dia haveria um livro, não uma coisa leve e refletida como considerara a princípio, mas um trabalho duro de pesquisa, fotografias e tudo, e mostraria a história completa do Overlook, sórdidas negociações de compra ilícitas, e o resto. Exporia tudo ao leitor como um peixe dissecado. E se Al Shockley tivesse ligações com o império de Derwent, então Deus que o ajudasse.

Esticado como uma corda de piano, deitado, olhando a escuridão, sabia que passariam horas até que conseguisse dormir.

Wendy Torrance deitada, olhos fechados, ouvindo o ressonar do marido: a longa inspiração, a pausa breve, a expiração levemente gutural. Onde ia quando dormia, pensava ela. Para algum parque de diversões, um Great Barrington de sonhos onde os brinquedos eram grátis, e não havia esposas para dizer que já tinha comido bastante cachorros-quentes, ou que já era hora de ir embora, se quisessem chegar em casa antes do escurecer? Ou seria um bar, onde a bebida nunca acabava e as portas estavam sempre abertas e todos os velhos companheiros reunidos em torno de um jogo eletrônico de hóquei, copos nas mãos, Al Shockley se sobressaindo entre eles com a gravata afrouxada e o colarinho desabotoado? Um lugar de onde ela e Danny eram excluídos, e o baile continuava infindável?

Wendy estava preocupada com ele, a velha e inútil preocupação que esperava já estar para sempre atrás de si em Vermont, como se a preocupação de algum modo não pudesse cruzar as fronteiras dos Estados. Não gostava do que o Overlook parecia estar fazendo a Jack e a Danny.

A pior coisa, não mencionada, talvez não mencionável, era que todos os sintomas de alcoolismo de Jack estavam de volta, um por um... todos, menos a própria bebida. O

constante movimento das mãos ou do lenço nos lábios, como que os livrando do excesso de umidade. Longos intervalos da máquina de escrever, mais bolas de papel na cesta de lixo. Havia um vidro de Excedrin na mesa de telefone hoje à noite, depois do telefonema de Al, mas nenhum copo d'água. Estava mastigando os comprimidos de novo. Irritava-se com pequenas coisas. Inconscientemente, estalava os dedos num ritmo nervoso, quando as coisas ficavam muito calmas. Excessivamente irreverente. Wendy começava a se preocupar com o temperamento dele também. Seria até um alívio se ele perdesse a calma, como uma válvula de escape, da mesma forma como descia ao porão à primeira hora da manhã e à noite, para regular a pressão da caldeira. Seria quase bom vê-lo xingando e chutando a cadeira pelo quarto ou batendo uma porta. Mas essas coisas, sempre parte integral de seu temperamento, haviam praticamente cessado. Ainda assim, sentia que Jack ficava cada vez mais zangado com ela ou Danny, mas recusava-se a extravasar. A caldeira tinha um manômetro velho, quebrado, cheio de óleo, mas ainda funcionando. Jack não tinha nenhum. Nunca pudera entendê-lo muito bem. Danny podia, mas o filho não falava.

E o telefonema de Al. Quase ao mesmo tempo, Danny perdera todo interesse pela história que estavam lendo. Deixou-a sentada junto à lareira e foi para o balcão de recepção onde Jack construíra uma estrada para seus carrinhos e caminhões. O Violento Volkswagen Violeta estava ali, e Danny começou a empurrá-lo rapidamente para frente e para trás. Fingindo ler, mas na realidade observando Danny por cima do livro, ela viu nele um estranho amálgama dos modos com que ela e Jack expressavam ansiedade. O esfregar dos lábios. Passando nervoso as mãos pelo cabelo, como ela fazia, enquanto esperava Jack voltar para casa da ronda pelos bares. Não acreditava que AL tivesse telefonado apenas para "perguntar como iam as coisas". Você pode telefonar para Al para falar besteiras. Quando Al telefona, aí então são negócios.

Mais tarde, quando descera de volta, Wendy viu Danny agachado junto ao fogo, lendo com muita atenção a cartilha do segundo ano das aventuras de Joe e Rachel no circo com o pai. A agitação desaparecera por completo. Observando-o, foi mais uma vez tomada pela certeza esquisita de que Danny sabia e entendia mais do que a vã filosofia do Dr. ("chamem-me de Bill") Edmonds podia alcançar.

- Ei, hora de ir dormir, doutor - disse ela.

- Está bem. - O garoto marcou o livro e levantou-se.

- Lave o rosto e escove os dentes.

- OK.

- Não esqueça de usar o fio dental.

- Não vou esquecer.

Ficaram lado a lado por um momento, olhando o fogo aumentar e diminuir. Quase todo

o saguão estava frio e arejado, mas este círculo em torno da lareira encontrava-se magicamente aquecido, e difícil de se abandonar.

- Era Tio Al ao telefone - disse ela casualmente.

- Era? - falou Danny, sem, surpresa. alguma.

- Fico pensando se Tio AI está zangado com Papai - continuou Wendy, ainda casualmente.

- Ah, sim, ele está mesmo - falou Danny, observando 0 fogo. - Ele não quer que Papai escreva o livro.

- Que livro, Danny?

- Sobre o hotel.

A pergunta congelada em seus lábios era a que ela e Jack perguntavam a Danny mil vezes: Como sabe? não foi formulada. Não queria aborrecê-lo antes de ele ir dormir, fazendo-o saber que, ocasionalmente, discutiam o conhecimento que o filho possuía de coisas que não tinha a menor possibilidade de saber. E ele sabia, estava convencida disso. A conversa-fiada do Dr. Edmonds sobre raciocínio indutivo e lógica do subconsciente era apenas isso: conversa fiada. Sua irmã... como Danny sabia que ela estava pensando em Aileen, na sala de espera naquele dia? E

(Sonhei que Papai sofreu um acidente.)

sacudiu a cabeça, como que afastando o pensamento.

- Vá lavar o rosto, doutor.

- OK. - Subiu as escadas correndo para o quarto. Franzindo a testa, a mãe foi à cozinha esquentar o leite de Jack numa panela.

E agora, deitada acordada na cama, ouvindo o ressonar do marido e o vento lá fora (miraculosamente, tiveram apenas um pouco de neve à tarde; ainda nenhuma tempestade), dirigiu o pensamento para o filho querido que a preocupava, nascido com a placenta sobre a cabeça, uma simples membrana que os médicos viam talvez uma vez em cada 700 nascimentos, uma membrana que a crendice popular dizia indicar o sexto sentido.

Resolveu que era hora de conversar com o filho sobre o Overlook... e, na ocasião, ela tentaria fazer Danny falar com ela. Amanhã. Com certeza. Os dois iriam à Biblioteca Pública de Sidewinder para ver se conseguiam livros ao nível do segundo ano para todo o inverno, e ela conversaria com o garoto. E francamente. Com esse pensamento sentiu-se melhor e, finalmente, começou a adormecer.

Danny estava deitado acordado no quarto, olhos abertos, braço esquerdo em volta do travesseirinho velho e levemente gasto, ouvindo o ressonar dos pais. Sentiu-se como se os estivesse guardando sem vontade. As noites eram o pior de tudo. Odiava as noites e o constante uivar do vento no lado oeste do hotel.

O planador flutuava seguro por um cordão. Sobre a escrivaninha a miniatura do VW, trazida da pista montada no saguão, emitia um vago e fluorescente brilho violeta. Os livros estavam na estante, os cadernos de colorir sobre a escrivaninha. Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar, dizia Mamãe. Assim você sabe onde está, quando precisar. Mas agora as coisas estavam colocadas fora de lugar. As coisas estavam perdidas. Pior ainda, haviam-se acrescentado coisas, coisas que não se podiam ver bem, como um daqueles quadrinhos que diziam ESTÁ VENDO OS ÍNDIOS? Se você se esticasse e forçasse a visão, poderia ver alguns deles - o que imaginava ser um cactos, à primeira vista, era, na realidade, um bravo com uma faca segura nos dentes, e havia outros escondidos nas pedras, e se podiam ver até suas faces impiedosas e cheias de maldade emergindo dos raios de uma roda coberta do vagão. Mas nunca se podiam ver todos eles, e era isso que incomodava. Pois os que não se viam, eram os que chegavam por trás, um machado, em uma das mãos e uma faca em outra...

Mexeu-se, inquieto, na cama, os olhos buscando o reconfortante tremeluzir da noite. As coisas eram piores aqui. Estava certo daquilo. A princípio, não foram tão ruins, mas aos poucos... o pai pensava em beber mais. Ás vezes, ele se aborrecia com Mamãe e não sabia por quê. Andava pelos cantos esfregando os lábios com o lenço e os olhos distantes e nebulosos. Mamãe se preocupava com ele, e Danny, também. Não precisava entrar no pensamento dela para saber; fora de modo ansioso que ela o questionara no dia que a mangueira do extintor de incêndio parecera transformar-se em cobra. O Sr. Halloran dissera que achava que todas as mães eram um pouco iluminadas, e ela sabia que naquele dia alguma coisa acontecera. Sem saber o quê?

Quase lhe disse, mas algo o impediu. Ela sabia que o médico em Sidewinder rejeitara Tony e as coisas que Tony lhe mostrara como sendo perfeitamente

(bem, quase)

normais. Sua mãe poderia não acreditar, se ele lhe contasse sobre a mangueira. Pior, poderia entendê-lo de forma errada, poderia pensar que estava com os PARAFUSOS FROUXOS. Entendia um pouco sobre PARAFUSOS FROUXOS, não tanto quanto sobre TER UM FILHO, o que a mãe explicara com alguns detalhes no ano anterior, mas o suficiente.

Certa vez, na escola maternal, seu amigo Scott mostrara um menino chamado Robin Stenger, embasbacado junto aos balanços com a cara tão comprida que quase nela pisava. O pai de Robin ensinava Aritmética na escola de Papai, e o pai de Scott ensinava História. A maioria das crianças do maternal estava ligada ou com a Academia de Stovington ou com uma pequena fábrica da IBM, fora da cidade. Os meninos da

Academia formavam um grupo, os meninos da IBM, outro. Havia amigos de diferentes grupos, é claro, mas era bastante natural para os meninos, cujos pais se conheciam, unirem-se. Quando havia um escândalo no grupo dos adultos, quase sempre infiltrava-se nas crianças de forma desenfreada e raramente passava de um grupo para outro.

Ele e Scotty estavam sentados na nave espacial de brinquedo, quando Scotty apontou o polegar para Robin e disse:

- Conhece aquele menino?

- Conheço - respondeu Danny.

Scott debruçou-se.

- O pai dele ficou com os PARAFUSOS FROUXOS, ontem à noite. Levaram-no embora.

- É? Só por afrouxar uns parafusos?

O amiguinho pareceu aborrecido.

- Ficou doido. Sabe? - Scott ficou estrábico, pôs a língua de fora e girou o dedo indicador em grandes elipses em volta das orelhas. - Levaram-no para o hospício.

- Nossa - disse Danny. - Quando vão deixá-lo sair?

- Nunca-nunca-nunca - falou Scotty, sombriamente.

Durante aquele dia e o seguinte, Danny ouviu que:

a) O Sr. Stenger tentara matar toda a família, inclusive Robin, com a pistola da Segunda Guerra Mundial, que guardava como lembrança;

b) O Sr. Stenger quebrou a casa em pedacinhos enquanto estava BÊBADO;

c) O Sr. Stenger fora apanhado comendo uma tigela de insetos mortos e grama, como se fossem leite com cereais, e gritando enquanto o fazia;

d) O Sr. Stenger tentara estrangular a mulher com uma meia, quando os Red Sox perderam um jogo importante.

Finalmente, muito confuso para guardar para si mesmo, perguntou ao pai sobre o Sr. Stenger. O pai sentara-o no colo, explicando que o Sr. Stenger estava debaixo de muita tensão, coisas relacionadas com a família e com o trabalho, e que ninguém, s6 os médicos, podia entender. Tinha crises de choro e, há três noites, começou a chorar sem parar e quebrou uma porção de coisas em sua casa. Não estava com PARAFUSOS

FROUXOS, disse o pai, ele estava tendo uma CRISE NERVOSA, e não estava num HOSPÍCIO mas num SANATÓRIO. Contudo, apesar das cuidadosas explicações, Danny tinha medo. Não parecia haver diferença nenhuma entre PARAFUSOS FROUXOS e CRISE NERVOSA, e se se falava HOSPÍCIO ou SANATÓRIO, continuava havendo grades nas janelas e não lhe deixavam sair se quisesse. E seu pai, muito inocentemente, confirmara outra das expressões de Scotty, sem modificação, uma que enchia Danny de um temor vago e disforme. No lugar onde o Sr. Stenger morava agora, havia OS HOMENS DE CAMISAS BRANCAS. Vieram apanhá-lo em um furgão sem janelas, um furgão cinza. Parara em cima da calçada de sua casa e OS HOMENS DE CAMISAS BRANCAS saíram e o levaram para longe da família e o fizeram viver num quarto com paredes macias. E se quisesse escrever para casa, tinha que fazê-lo com lápis de cera.

- Quando vão deixá-lo voltar? - perguntou Danny ao pai.

- Assim que estiver melhor, doutor.

- Mas quando? - persistiu Danny.

- Dan - disse Jack - NINGUÉM SABE.

E o pior era isso. Era uma outra forma de dizer nunca-nunca-nunca. Um mês depois, a mãe de Robin tirou-o do maternal e eles se mudaram de Stovington sem o Sr. Stenger.

Isso fazia um ano, depois que o pai parara de tomar a Coisa Feia, mas antes de ter perdido o emprego. Danny ainda pensava sobre isso com freqüência. Às vezes, quando caía, ou machucava a cabeça, ou tinha uma dor de barriga, começava a chorar e a lembrança tomava conta dele, acompanhada do medo de não poder parar de chorar, de que continuasse, chorando e gemendo, até que o pai fosse ao telefone, discasse e dissesse: "Alô? Aqui é Jack Torrance na Estrada Mapleline n° 149. Meu filho não consegue parar de chorar. Por favor, mandem OS HOMENS DE CAMISAS BRANCAS para levá-lo para o SANATÓRI0. Isso mesmo, ele está com os PARAFUSOS FROUXOS. Obrigado." E o furgão cinza sem janelas estacionaria a sua porta, o carregariam para dentro, ainda chorando histérico, e o levariam. Quando veria o pai e a mãe de novo? NINGUÉM SABE.

Era este medo que o fazia calar. Um ano mais velho agora, tinha certeza de que o pai e a mãe não o deixariam ser levado por pensar que uma mangueira de extintor de incêndio fosse uma cobra, seu raciocínio estava certo disso, mas, ainda assim, quando pensava em contar aos pais, essa lembrança antiga surgia como uma pedra enchendo-lhe a boca e bloqueando as palavras. Não era como Tony; Tony sempre parecera perfeitamente natural (até os pesadelos, claro), e seus pais sempre pareceram aceitar Tony como um fenômeno mais ou menos natural. Coisas como Tony aconteciam por ser INTELIGENTE, o que os dois assumiam que fosse (da mesma forma que assumiam que fossem INTELIGENTES), mas uma mangueira de extintor que se transformava em cobra, ou a visão de sangue e massa encefálica na parede da Suíte Presidencial, quando

ninguém mais via, coisas desse gênero não seriam naturais. Já o tinham levado a um médico. Não seria razoável admitir que os HOMENS DE CAMISAS BRANCAS viriam em seguida?

Ainda assim, se tivesse certeza, contaria a eles, mais cedo ou mais tarde, e eles o levariam embora do hotel. E ele queria desesperadamente se ver livre do Overlook. Mas também sabia que esta seria a última oportunidade do pai, que estava aqui no Overlook para fazer alguma coisa além de tomar conta do lugar. Estava aqui para trabalhar nos papéis. Para se conformar com a perda de emprego. Para amar Mamãe/Wendy. E até muito recentemente, parecera que todas essas coisas estavam acontecendo. Só ultimamente o pai começava a ter problemas. Desde que encontrou aqueles papéis.

(Este lugar desumano cria monstros humanos.)

O que significava isso? Pedia a Deus, mas Deus não dizia. E o que faria o pai, se deixasse de trabalhai aqui? Tentara descobrir na mente do pai, e ficava cada vez mais convencido de que o pai não sabia. A prova mais forte viera hoje à tardinha, quando Tio Al telefonara lhe dizendo coisas humilhantes, e o pai não se atrevera a retrucar, pois Tio Al poderia despedi-lo como o Sr. Crommert, o diretor de Stovington, e o Conselho Diretor despediram-no do cargo de professor. E o pai morria de medo disso, por Danny, Mamãe, assim como por si próprio.

Não se atrevera, então, a dizer nada. Só conseguia observar inutilmente e esperar que na realidade não houvesse índios de jeito algum, ou, se houvesse, que se contentassem em esperar por um jogo mais importante, e deixassem o pequeno trem de três vagões passar ileso.

Mas não conseguiu acreditar, não importava quanto tentasse.

As coisas estavam piores agora no Overlook.

A neve estava chegando e, quando viesse, quaisquer simples opções que tivesse seriam liquidadas. E depois da neve? E então, quando permanecessem trancados e à mercê do que quer que se estivesse divertindo à custa deles?

(Saia e tome o remédio!)

E daí? REDRUM.

Arrepiou-se na cama, e se virou mais uma vez para o outro lado. Agora, conseguia entender mais. Amanhã, talvez pudesse chamar Tony, tentaria fazer com que Tony mostrasse exatamente o que era REDRUM, e se havia algum modo de impedi-lo. Arriscaria os pesadelos. Precisava saber.

Danny ainda estava acordado muito depois do falso adormecimento dos pais ter-se tornado real. Rolava na cama, torcendo os lençóis, lutando contra um problema muito

maior do que ele, acordado na noite como uma única sentinela na guarita. E depois de meia-noite dormiu também e, então, só o vento ficou acordado, espreitando o hotel e uivando em suas empenas sob o brilho das estrelas.

22

NO CAMINHÃO

Vejo o sinal de mau tempo,
Vejo o sinal de confusão.
Vejo terremotos e relâmpagos.
Vejo momentos difíceis para hoje.
Não saia hoje à noite,
Você pode perder sua vida,
Vejo o sinal de mau tempo.*

* Tradução de trecho da canção Bad Moon Rising, de J. C. Fogerty, © 1969 Jondora Music, Berkeley, Califórnia. Usado com autorização. Todos os direitos reservados. (N. da T.)

Alguém instalara um rádio de um Buick velho, debaixo do painel do caminhão do hotel, e, agora, o som claro do conjunto Creedence Clearwater Revival de John Forgety saía pelo alto-falante, indistinto e entrecortado pela estática. Wendy e Danny estavam a caminho de Sidewinder. O dia era claro. Danny brincava com o cartão cor de laranja da Biblioteca, e parecia alegre, mas Wendy o achava abatido e cansado, como se não tivesse dormido o suficiente e se mantivesse apenas com a energia dos nervos.

A música terminou e o disc-jockey falou:

"Creedence. E por falar em mau tempo, parece que muito breve vamos ter tempo ruim na região onde chegam as ondas da nossa KMTX, difícil de acreditar com o tempo bom, típico de primavera que temos tido nos últimos três dias. O infalível Serviço de Meteorologia da KMTX informa que a alta densidade do ar dará lugar, por volta de uma hora da tarde, a uma onda de baixa densidade, que vai continuar até parar na região da KMTX, onde o ar é rarefeito. A temperatura vai cair rapidamente, e precipitações deverão começar ao anoitecer. Elevações abaixo de dois mil metros, incluindo a região de Denver, poderão apresentar uma combinação de granizo e neve, talvez congelamento em algumas estradas, e por aqui nada a não ser neve, amigos. Esperamos de dois e meio a sete centímetros abaixo de dois mil metros e, possivelmente, acúmulos de quinze a vinte centímetros na região central do Colorado e nas montanhas. A Polícia Rodoviária avisa que, se você está pretendendo passear de carro pelas montanhas hoje à tarde, ou à noite, deve lembrar-se de que a lei das correntes está em vigor. Não vá a lugar nenhum a menos que precise. Lembre-se", dizia o locutor jocoso, "foi assim que os pioneiros se complicaram. Não estavam tão perto da lanchonete mais próxima quanto pensavam."

Um anúncio da Clairol, e Wendy abaixou-se e desligou o rádio.

- Você se importa?

- Não, não tem nada. - Danny olhou para o céu azul-claro. - Acho que Papai escolheu o dia certo para cortar os arbustos dos animais, não é?

- Acho que sim - disse Wendy.

- Mas não parece mesmo que vai nevar - acrescentou Danny, esperançoso.

- Está com os pés frios? - perguntou Wendy. Ainda estava pensando sobre a piada do disc-jockey sobre os pioneiros.

- Não, acho que não.

Bem, chegou a hora. Se vai tocar no assunto, faço-o agora, ou se cale para sempre.

- Danny - disse a mãe, fazendo a voz o mais casual possível - você ficaria mais feliz se fôssemos embora do Overlook? Se não passássemos o inverno lá?

Danny baixou os olhos.

- Acho que sim. Mas é o emprego de Papai.

- As vezes - disse ela, com cuidado - fico pensando que Papai poderia ser mais feliz longe do Overlook, também. - Passaram por uma placa que dizia SIDEWINDER - 30km, e então Wendy fez uma curva muita fechada e engatou a segunda. Não se arriscava nos declives, tinha um medo tolo.

- Você acha mesmo? - perguntou Danny. Olhou-a com interesse por um momento, e sacudiu a cabeça. - Não, eu não acho.

- Por que não?

- Porque ele está preocupado com a gente - disse Danny, escolhendo as palavras com cuidado. Era difícil explicar, ele próprio entendia tão pouco sobre o assunto. Viu-se voltando a um incidente que contara ao Sr. Hallorann, o rapaz olhando para as televisões da loja de eletrodomésticos e desejando roubar uma. Aquilo fora penoso, mas, pelo menos, ficara claro o que se passava, até para Danny, então ainda um pouco maior do que um bebê. Mas os adultos estavam sempre metidos em conflitos, todas as possíveis ações turvadas pelas conseqüências, pela dúvida, pela própria imagem, por sentimentos de amor e responsabilidade. Toda e qualquer escolha parecia ter um empecilho, e, às vezes, ele não entendia por que os empecilhos eram empecilhos. Era difícil.

- Ele acha... - começou Danny de novo, e olhou para a mãe rapidamente. Ela observava a estrada, sem olhá-lo, e ele sentiu que podia prosseguir. - Ele acha que talvez nós vamos ficar sozinhos. Depois, ele acha que gosta daqui e que é um bom lugar para nós. Ele adora a gente e não quer que a gente fique sozinho... ou triste... mas ele acha que mesmo que a gente fique, pode ser bom a LONGO PRAZO. Você sabe o que é LONGO PRAZO?

Ela assentiu.

- Sim, meu bem. Sei.

- Ele está preocupado em sair daqui e não conseguir outro emprego. A gente teria que mendigar, ou coisa parecida.

- Só isso?

- Não, mas o resto está confuso. Pois agora ele está diferente.

- Sim - disse ela quase suspirando. O declive ficou mais suave e, com cuidado, ela engatou de volta a . terceira.

- Não estou inventando, Mamãe. Juro.

- Sei disso - falou Wendy, sorrindo. - Tony contou?

- Não. Simplesmente eu sei. Aquele médico não acreditou em Tony, acreditou?

- Não se importe com aquele médico. Eu acredito em Tony. Não sei o que ele é ou quem é, se é uma parte de você em especial, ou se vem de... outro lugar, mas acredito nele, Danny. E se você... ele... achar que devemos ir, nós iremos. Nós dois cremos, e estaremos com Papai novamente na primavera.

Ele a olhou com uma esperança aguda.

- Onde? Um motel?

- Não poderíamos pagar um motel, meu bem. Teria que ser na casa de minha mãe.

A esperança morreu no rosto de Danny.

- Sei... - disse ele, e parou.

- Que é?

- Nada - murmurou o garoto.

Wendy engatou mais uma vez a segunda quando o declive ficou íngreme novamente.

- Não, doutor por favor não diga isso. Esta conversa é algo que deveríamos ter tido há semanas, acho. Então, por favor. Você sabe o que é. Não vou ficar aborrecida. Não posso ficar aborrecida, porque isto é muito importante. Seja franco comigo.

- Sei como se sente com relação a ela - disse Danny, e suspirou.

- Como me sinto?

- Mal. Triste. Aborrecida. Ir como se ela não fosse sua mãe Como se ela a quisesse engolir. - Ele a olhava com medo. - E eu não gosto de lá. Ela está sempre pensando em como ser melhor para mim do que você. E em como afastar-me de você. Mamãe, não quero ir para lá. Prefiro ficar no Overlook.

Wendy estava abalada. A situação entre ela e a mãe seria tão ruim assim? Deus, e se fosse, que desgraça para o menino, e ele realmente lia os pensamentos de cada um. De repente, sentiu-se completamente despida, como se tivesse sido apanhada num aio obsceno.

- Muito bem - falou. - Muito bem, Danny.

- Você está aborrecida comigo - disse o filho, baixinho, quase chorando.

- Não, não estou. Não estou mesmo. Só estou um pouco abalada. - Passavam pela placa SIDEWINDER-25km, e Wendy ficou mais tranqüila. Daqui para a frente a estrada era melhor.

- Quero fazer mais uma pergunta, Danny. Quero que responda com a maior sinceridade. Está bem!

- Está bem, Mamãe - disse ele, quase sussurrando.

- Seu pai tem bebido novamente?

- Não - disse ele, sufocando as duas palavras que brotaram dentro da boca, depois da simples negativa: Ainda não.

Wendy tranqüilizou-se um pouco mais. Pousou a mão sobre a perna de Danny coberta pelos jeans, e apertou-o.

- Seu pai tem-se esforçado - falou, suavemente. - Porque nos ama. E nós o amamos, não é?

Ele assentiu muito sério.

Quase falando consigo mesma, Wendy prosseguiu:

- Ele não é um homem perfeito, mas tem-se esforçado... Danny, tem-se esforçado muito! Quando ele... parou... passou por uma espécie de inferno. Ainda está passando. Acho que, se não fosse por nós, ele simplesmente não agüentaria. Quero fazer o que for certo. E não sei. Devemos ir? Ficar? É como uma escolha entre a cruz e a caldeirinha.

- Eu sei.

- Pode fazer-me um favor, doutor?

- O quê?

- Tente fazer Tony aparecer. Agora mesmo. Pergunte a ele se estamos seguros no Overlook.

- Já tentei - disse Danny, com calma. - Hoje de manhã.

- O que aconteceu? - perguntou Wendy. - O que ele disse?

- Ele não apareceu. Tony não apareceu. - E de repente Danny começou a chorar.

- Danny - disse ela, alarmada. - Meu bem, não chore. Por favor... - O caminhão deslizou para a outra pista, e ela controlou-o, amedrontada.

- Não me leve para a casa de Vovó - falou Danny, em meio às lágrimas. - Por favor, Mamãe, não quero ir para lá, quero ficar com Papai.

- Muito bem - disse ela com calma. - Muito bem, isto é o que vamos fazer. - Tirou um lenço de papel do bolso da blusa e o entregou ao filho. - Vamos ficar. E tudo vai acabar bem. Muito bem.

23

NO "PLAYGROUND"

Jack veio até à varanda, fechando o zíper até o pescoço, e estranhou a luminosidade do ar. Na mão esquerda, tinha um aparador de arbusto. Com a mão direita, arrancou do bolso um lenço, passou-o nos lábios e enfiou-o no bolso novamente. Neve, disseram no rádio. Era difícil acreditar, mesmo vendo as nuvens se reunindo longe, no horizonte.

Caminhou para a Copiaria, passando o aparador de uma mão para a outra. Não levaria muito tempo, pensou; bastava uma aparadela. As noites frias certamente impediam seu crescimento. As orelhas do coelho pareciam um pouco felpudas, e duas das pernas do

cachorro estavam brotando verdes, mas os leões e o búfalo estavam bem. Um pequeno corte bastava, e depois era só a neve chegar.

O caminho pavimentado terminou tão abruptamente quanto um trampolim. Desviou-se dele, passando pela piscina vazia, para o caminho de cascalho, cercado pelas esculturas em arbustos, dirigindo-se ao playground. Passando pelo coelho, apertou o botão do cortador. O ruído brotou.

- Oi, seu coelho - disse Jack. - Como está passando hoje?, Vamos tirar um pouco aqui de cima, e outro bocado das orelhas? Muito bem. Diga lá, conhece aquela do caixeiro viajante e da velhinha com o cachorrinho?

Sua voz soava artificial e idiota em seus ouvidos e ele interrompeu. Ocorreu-lhe que não dava muita importância a estes animais. Sempre lhe parecera um pouco de maldade cortar e transformar um velho arbusto em algo que ele não era. Em uma das estradas de Vermont havia um quadro feito de arbusto no alto de uma colina contemplando a estrada, anunciando um determinado sorvete. Fazer a natureza ocupar-se de futilidades era simplesmente errado. Era grotesco.

(Não foi empregado para filosofar, Torrance.)

Ah, isso era verdade. Como era verdade. Aparava as orelhas do coelho, juntando os galhos na grama. O aparador trabalhava com um zumbido surdo e metálico, próprio dos aparelhos à pilha. O sol brilhava, mas sem calor, e agora não era tão difícil acreditar que a neve estivesse chegando.

Trabalhando rapidamente, sabendo que parar para pensar, quando se está trabalhando neste tipo de tarefa, geralmente significa cometer um erro, Jack encostou no focinho do coelho (assim tão próximo não se parecia em nada com um focinho, mas sabia que, à distância de seis metros ou mais, o jogo de luz e sombra sugeria um focinho; isso, e a imaginação do observador) e em seguida, na barriga.

Feito isso, desligou o aparador, caminhou para o playground, e voltou-se abruptamente para tosar todo o coelho. Sim, estava bem. Em seguida, aparara o cachorro.

- Mas se fosse meu hotel - falou - eu deceparia a coisa toda. - Faria mesmo. Simplesmente os deceparia e refaria a grama onde estavam e colocaria em seu lugar meia dúzia de mesas de metal com coloridos guarda-sóis. As pessoas poderiam tomar coquetéis na grama do Overlook sob o sol de verão. Gim, tequila e leite-de-onça, todos esses drinques deliciosos. Um rum tônica, talvez. Jack tirou o lenço do bolso traseiro, e devagar, esfregou-o nos lábios. - Vamos, vamos - disse, calmo. Isso não era coisa para se estar pensando.

Ia recomeçar, quando um impulso fez com que mudasse de idéia, e ele foi para o playground. Era engraçado como nunca se entendiam as crianças, pensou. Wendy e ele pensavam que Danny fosse adorar o playground; tinha tudo que um garoto quisesse.

Mas Jack não achava que o menino tivesse estado por aqui, mais de seis vezes, se muito. Pensava que, se houvesse uma outra criança com quem brincar, seria diferente.

O portão rangeu enquanto entrava, e o cascalho estalava sob seus pés. Foi primeiro à casa de brinquedo, a miniatura perfeita do Overlook. Batia-lhe na altura da coxa, exatamente da altura de Danny. Jack acocorou-se e olhou pelas janelas do terceiro andar.

- O gigante veio comer vocês todos em suas camas - falou com uma voz cavernosa. - Adeus, segurança. - Mas, isso também não era engraçado. Podia-se abrir a casa simplesmente levantando-a... abria-se através de uma dobradiça embutida. O interior era uma decepção. As paredes eram pintadas, mas o lugar estava quase todo vazio. Mas tinha que ser, disse consigo mesmo, do contrário como é que as crianças conseguiriam entrar? A mobília de brinquedo que combinava com o lugar havia desaparecido, provavelmente estaria encaixotada no depósito. Fechou-a e ouviu o pequeno clique do trinco.

Caminhou para o escorrega, colocou o aparador no chão, olhou para a estrada para se certificar de que Wendy e Danny não tinham voltado, subiu e sentou-se. Era um escorrega grande para crianças, mas desconfortavelmente apertado para sua bunda grande de adulto. Quanto tempo fazia que não se sentava num escorrega? Vinte anos? Não era possível que fizesse tanto tempo, não parecia tanto tempo, mas tinha que ser isso ou mais. Lembrava-se de seu pai levando-o ao parque em Berlim, quando tinha a idade de Danny, e andara em todos os brinquedos: escorrega, balanços, gangorras, tudo. Ele e o velho comiam um cachorro-quente e amendoim, que compravam do homem da carrocinha. Sentavam-se num banco para comer, e uma nuvem escura de pombos pousava em volta de seus pés.

- Seus urubus desgraçados - dizia o pai. - Não lhes dê nada, Jacky. - Mas os dois acabavam dando comida aos pombos, e rindo do jeito como corriam atrás dos amendoins, da ganância com que corriam atrás dos amendoins. Jack não achava que o velho tivesse algum dia levado seus irmãos ao parque. Jack era o predileto e, mesmo assim, apanhava quando o velho ficava bêbado, o que acontecia freqüentemente. Mas Jack o amara até onde fora possível, mesmo quando o resto da família só 0 odiava e temia.

Escorregou, mas a descida não foi satisfatória. O escorrega, fora de uso, estava áspero e, na realidade, não se podia pegar velocidade. E sua bunda era simplesmente muito grande. Seus pés de adulto bateram na pequena depressão onde milhares de pés de crianças haviam pisado antes dele. Levantou-se, limpou a calça e olhou para o aparador. Mas, ao invés de apanhá-lo, foi para os balanços, que eram também uma decepção. As correntes tinham criado ferrugem, desde o encerramento da temporada, e rangiam como se sentissem dor. Jack comprometeu-se a lubrificá-las na primavera.

É melhor parar por aqui, advertiu-se. Você não é mais uma criança. Não precisa deste lugar para constatai o fato.

Mas prosseguiu para os túneis de cimento - eram muito pequenos para ele e desistiu - e em seguida foi para a cerca que delimitava os terrenos. Enroscou os dedos no arame e, através dele, o sol sombreava desenhos em seu rosto como um homem por trás das grades. Reconheceu a semelhança. e sacudiu a cerca, fez cara de toucou, e sussurrou: '

- Deixe-me cair fora daqui! Deixe-me cair fora daqui! Mas, pela terceira vez, não foi engraçado. Era hora de voltar ao trabalho.

Foi quando ouviu um ruído.

Voltou-se rapidamente, franzindo as sobrancelhas, envergonhado, imaginando se alguém o teria visto brincar ali como uma criancinha. Os olhos dirigiram-se para o escorrega, no ângulo oposto às gangorras e os balanços, onde só o vento sentava. Para além do portão até a cerca baixa que dividia o playground do jardim da tepiaria - os leões juntavam-se, protetores, em volta da alameda, o coelho curvava-se, como que para colher grama, o búfalo, pronto para investir, o cachorro agachado. Adiante deles, o verde e o hotel. Daqui, podia-se ver até a borda alta da quadra de roque no lado oeste do Overlook.

Tudo estava exatamente como antes. Então por que sentira calafrios, e por que se arrepiara?

Olhou de soslaio para o hotel mais uma vez, mas não houve resposta. Ele estava ali, suas janelas escuras, um fiozinho de fumaça saindo da chaminé, vindo da lareira do saguão.

(Cara, é melhor ir andando, ou eles vão voltar e pensar que você não fez nada, esse tempo todo.)

Claro, ir andando. Pois a neve estava chegando e ele tinha que cortar aqueles arbustos desgraçados. Fazia parte do acordo. Além do mais, não se atreveriam...

(Quem não se atreveria? O que não se atreveria? Atreveria a quê?)

Começou a caminhar de volta ao aparador ao pé do escorrega grande, e o ruído do seu pisar no cascalho parecia muito alto. A pele dos testículos arrepiou-se também, e as nádegas endureceram, ficando pesadas como pedra.

(Jesus, o que é isto?)

Parou ao lado do aparador, mas não fez o menor movimento para apanhá-lo. Sim, havia alguma coisa diferente. Na topiaria. E era tão simples, tão fácil de ver, que só ele não entendia. Vamos, ralhou consigo mesmo, apenas aparou o coelho filho da puta, e daí qual é o

(é isso aí)

Ficou asfixiado.

O coelho estava sobre as quatro patas, apanhando grama. O ventre contra o solo. Mas há menos de dez minutos estava apoiado nas patas traseiras, claro que estava, tinha aparado suas orelhas... e sua barriga.

Lançou os olhos para o cachorro. Quando chegara ao pátio ele estava sentado, como que pedindo um doce. Agora, ele estava agachado, a cabeça inclinada, a boca parecendo rosnar silenciosamente. E os leões...

(oh não, oh não, de jeito nenhum)

os leões estavam junto à alameda. Os dois à direita subitamente mudaram de posição, tinham-se juntado. A cauda do leão à esquerda agora quase encostada na alameda. Quando passara por eles e pelo portão, aquele leão estava à direita, e ele tinha certeza de que a cauda estava enrolada.

Não estavam mais guardando a alameda; bloqueavam-na.

Jack, de repente, colocou as mãos nos olhos, e depois tirou. O quadro não mudou. Um suspirou suave, muito calmo para ser um gemido, saiu dele. Na época em que bebia tinha medo de que alguma coisa assim acontecesse. Mas quando era um alcoólatra, chamava isto de delirium tremens... o velho Ray Milland em Farrapo Humano, vendo insetos saindo das paredes.

Que nome se dava a isso, quando se estava sóbrio?

A pergunta tinha o propósito de ser retórica, mas sua mente respondeu

(chama-se loucura)

apesar disso.

Olhando fixamente para os animais, concluiu que alguma coisa havia mudado, enquanto ficou com as mãos nos olhos. O cachorro se aproximara. Não mais agachado, parecia estar em posição de corrida, coxas flexionadas, uma pata dianteira à frente, a outra para trás. A boca aberta, os galhos podados agudos e fortes. E agora ele imaginou que podia ver traços de dentes na folhagem também. Olhando para ele.

Por que têm que ser aparadas?, pensou histérico. Estão perfeitas.

Um outro som suave. Involuntariamente, deu um passo atrás ao olhar para os leões. Um dos dois à direita parecia ter-se movido um pouco adiante do outro. A cabeça estava baixa. Uma pata tinha coberto quase todo o caminho para a cerca baixa. Deus do céu, o

que mais?

(em seguida, ele salta e o devora como algo numa fábula do mal)

Era como aquele jogo que jogavam quando crianças, a luz vermelha. Uma pessoa ficava na berlinda, virava de costas e contava até dez, os outros jogadores avançavam. Quando chegava a dez, dava uma volta rápida e se apanhasse alguém se mexendo, estava fora do jogo. Os outros ficavam imóveis como estátuas até que o chefe virasse de costas, e contasse novamente. Chegavam cada vez mais perto, e finalmente, entre cinco e dez, sentia-se uma mão nas costas...

O cascalho chocalhava na alameda.

Sacudiu a cabeça para ver o cachorro, e o animal estava na metade do caminho para a alameda, agora exatamente atrás dos leões, a boca aberta, bocejando. Antes, era apenas um arbusto aparado no formato de um cachorro, algo que perdia todo o contorno, quando alguém se aproximava. Mas agora Jack podia ver que fora aparada para parecer um pastor alemão, e estes podiam ser ferozes. Podiam ser treinados para matar.

Um ruído baixo.

O leão à esquerda tinha agora avançado para a cerca; o focinho tocava as bordas. Parecia estar sorrindo para ele maliciosamente. Jack deu mais dois passos atrás. A cabeça latejava, e ele sentia a garganta seca. Agora, o búfalo se movera, voltado para a direita, atrás e junto do coelho. A cabeça baixa, os chifres de arbusto verde apontados em sua direção. O negócio é que não se podia observá-los todos. Pelo menos de uma só vez.

Começou a emitir um som lamuriento, sem saber em sua concentração o que estava fazendo. Os olhos passavam de uma criatura arbusto para outra, tentando vê-las se movendo. O vento batia forte, provocando um chocalhar na esteira de galhos. Que espécie de ruído haveria, se o apanhassem? Mas é claro que sabia. Um estalo, uma rachadura. Seria...

(não não NÃO NÃO ACREDITAREI NISSO EM HIPÓTESE ALGUMA!)

Tapou os olhos com as mãos, agarrando os cabelos, a testa, as têmporas que pulsavam. E assim ficou por muito tempo com o pavor crescendo até não agüentar mais, e tirou as mãos com um grito.

Ao lado da grama que o cercava, o cachorro estava sentado, como que pedindo um pedaço de alguma coisa. O búfalo olhando desinteressadamente para a quadra de roque, como estava quando Jack descera com o aparador. Q coelho apoiado nas patas traseiras, orelhas em pé para captar o menor ruído, a barriga aparada exposta. Os leões, enraizados no lugar, ao lado da alameda.

Ficou gelado por muito tempo, a irritante aceleração da respiração finalmente diminuindo. Apanhou os cigarros, deixou cair quatro deles sobre o cascalho. Parou e apanhou-os, tateando, sem tirar os olhos da topiaria com medo de que os animais voltassem a se mover. Apanhou os cigarros, enfiou três deles de volta na carteira, e acendeu o quarto. Depois de duas grandes tragadas, jogou-o fora, e amassou-o com o pé. Foi até o aparador e o apanhou.

- Estou muito cansado - disse, e agora parecia perfeito falar em voz alta. Não parecia maluquice. - Estive sob muito tensão. As vespas... a peça... o telefonema de Al. Mas tudo está bem.

Começou a arrastar-se de volta ao hotel. Parte de sua mente arrastava-o para uma volta em torno dos animais de arbusto, mas caminhou direto pela alameda de cascalho, através deles. Uma brisa fazia-os farfalhar, isso era tudo. Aquilo tinha sido fruto de sua imaginação. Sentira um pânico terrível, mas agora já terminara.

Na cozinha do Overlook parou para tomar dois Excedrins e, em seguida, desceu ao porão. Ficou olhando os papéis, até que ouviu o barulho do caminhão do hotel. Subiu rara encontrá-los. Sentia-se bem. Não viu necessidade alguma de mencionar suas alucinações. Sentira um pânico terrível, mas agora já terminara.

24

A NEVE

Anoitecia.

Estavam na varanda, sob a luz fraca, Jack no meio, o braço esquerdo em volta dos ombros de Danny, e o direito em volta da cintura de Wendy. Juntos, impotentes, só podiam observar, uma vez que a decisão foi tomada sem serem consultados.

O céu ficara encoberto por volta de duas e meia, e uma hora depois começou a nevar, e desta vez não era preciso previsão de tempo para dizer que era neve forte, nada de flocos que se derreteriam ou que iriam - embora quando o vento da noite começasse a assobiar. No início, caíam em perfeita linha reta, formando uma capa de neve. que cobria tudo por igual, mas agora, uma hora depois de ter começado, o vento noroeste começou a soprar, e a neve começou a cair contra a varanda e os lados da entrada de carros do Overlook. Para além daqueles limites, a estrada desaparecera sob o cobertor branco. Os animais de arbusto também desapareceram, mas, quando Wendy e Danny chegaram em casa, ela elogiara o bom trabalho que Jack tinha feito. Você acha?, perguntou ele, e não disse mais nada. Agora, os arbustos estavam enterrados sob o amorfo manto branco.

Curiosamente, todos eles pensavam coisas diferentes, mas sentiam a mesma emoção:

alívio. A ponte fora atravessada.

- Haverá primavera algum dia? - murmurou Wendy.

Jack apertou-a.

- Antes do que imagina. O que me diz de entrarmos e jantar? Está frio aqui fora.

Ela sorriu. Durante toda a tarde, Jack parecera distante e... bem, estranho. Agora, falava como ele mesmo.

- Por mim, tudo bem. E você, Danny?

- Claro.

Entraram juntos, deixando o vento gritar em tom baixo, pelo resto da noite - um som que acabariam por conhecer bem. Flocos de neve dançavam e giravam pela varanda. O Overlook expunha à neve, como sempre o fizera por aproximadamente três quartos de século, as janelas escuras no momento forradas de neve, indiferente ao fato de que agora estava isolada do mundo. Ou possivelmente estava satisfeito com o quadro. Dentro de sua concha, os três viviam a rotina do anoitecer, como micróbios presos no intestino de um monstro.

25

DENTRO DO 217

Uma semana e meia depois, 60 centímetros de neve branca e crespa cobria toda a extensão do Overlook. A coleção de animais estava enterrada até as coxas; o coelho, congelado sobre as patas traseiras, parecia erguer-se de uma piscina branca. Algumas das camadas chegavam a um metro e meio. O vento modificava-as constantemente, esculpindo nelas formatos de dunas sinuosas. Por duas vezes, Jack caminhara desajeitado pela neve até o depósito à procura da pá para limpar a varanda, a terceira vez encolheu os ombros, limpou apenas um amontoado junto à porta, e deixou Danny se divertir escorregando da esquerda para a direita. As camadas verdadeiramente heróicas cobriam a parte oeste do Overlook; algumas se acumulavam a uma altura de seis metros, e adiante delas o terreno estava limpo devido à constante ação do vento. As janelas do primeiro andar estavam cobertas, e a vista do restaurante que Jack tanto admirara no dia de encerramento da temporada não era agora mais excitante do que a vista de uma tela branca de cinema. O telefone ficara mudo nos últimos oito dias, e o radio-transmissor, no escritório de Ullman, era seu único meio de comunicação com o mundo exterior.

Nevava agora diariamente, às vezes apenas poucos flocos que se pulverizavam na

superfície brilhante da neve, às vezes neve pesada, o assobio baixo do vento provocando um barulho agudo afeminado, que fazia o velho hotel sacudir e gemer assustadoramente até os alicerces da neve A temperatura à noite não era nunca superior a 12° abaixo de zero e, apesar do termômetro da entrada de serviço ter subido a 5° abaixo de zero, as constantes agulhadas do vento tornavam desagradável a saída sem a máscara de esqui. Mas eles saíam nos dias em que o sol aparecia, geralmente com muita roupa e luvas. Sair era praticamente obrigatório, o hotel estava circundado pela marca dupla dos pés de Danny. As permutações eram quase infindáveis: Danny dirigindo, os pais puxando; o pai dirigindo sorrindo enquanto Wendy e Danny tentavam puxar (quando a neve congelava era possível puxá-lo, e totalmente impossível quando estava fresca); Danny e a mãe dirigindo; Wendy dirigindo sozinha enquanto os homens puxavam e bufavam fumaça branca como cavalos, fingindo que ela era mais pesada do que na realidade. Riam muito nesses passeios de trenó em volta da casa, mas o assobio e a voz impessoal do vento, tão grandes e fantasmagoricamente sinceros, faziam suas risadas parecerem pequenas e forçadas.

Viram pegadas de caribu na neve, e uma vez os próprios caribus, um grupo de cinco, imóveis embaixo da cerca de segurança. Um de cada vez tomou o binóculo de Jack para vê-los melhor, e olhá-los deu a Wendy uma sensação estranha e irreal; perninhas enterradas na neve que cobria a estrada, e ocorreu-lhe que, no espaço de tempo até o degelo da primavera, a estrada pertencia mais ao caribu do que a eles. Agora, as coisas que os homens criaram, aqui, eram neutralizadas. O caribu entendia isso, acreditava ela. Baixara o binóculo, e dissera alguma coisa sobre começar o almoço, e na cozinha chorara um pouco, tentando livrar-se da terrível sensação de opressão, que, às vezes, caía sobre ela como uma mão grande que apertava seu coração. Pensou nos caribus. Pensou nas vespas que Jack colocara na área de serviço, sob o pyrex, para congelar.

Havia muitos sapatos de neves pendurados em pregos no depósito, e Jack encontrou um par que cabia em cada um deles, apesar do par de Danny ter ficado grande. Jack se deu bem com eles. Apesar de não ter colocado esses sapatos desde a infância em Berlim, Nova Hampshire, reaprendeu rápido. Wendy não dava muita importância a isso - até mesmo minutos de caminhada, metida naqueles capatões, faziam suas pernas e tornozelos doerem muito, mas Danny estava intrigado e se esforçando por adquirir prática. Ainda caía com freqüência, mas Jack estava satisfeito com o progresso. Disse que, por volta de fevereiro, Danny estaria fazendo círculos em volta dos dois.

O dia estava nublado, e ao meio-dia o céu já começara a cuspir neve. O rádio prometia outros dois ou três metros de neve, entoando louvores à Precipitação, a grande deusa dos esquiadores do Colora do. Wendy, sentada no quarto, tricotando um cachecol, pensava consigo mesma que sabia exatamente o que os esquiadores poderiam fazer com toda aquela neve. Sabia exatamente onde poderiam enfiá-la.

Jack estava no porão. Descera. para verificar a fornalha e a caldeira - tais verificações tinham-se tornado um ritual desde que a neve os fechara ali - e depois de se certificar de que tudo estava indo bem, atravessou o arco, acendeu a lâmpada, e sentou-se numa cadeira velha e com teias de aranha, que encontrou. Folheava os registros velhos e

papéis, o tempo todo esfregando a boca com o lenço. O confinamento tirara de sua pele o bronzeado de outono, e, sentado, debruçado sobre as folhas amarelas e secas, o cabelo avermelhado despenteado, caído na testa, assemelhava-se um pouco com uni lunático. Encontrara coisas estranhas enfiadas no meio das faturas, conhecimentos, recibos. Coisas inquietantes. Um pedaço de lençol ensangüentado. Um ursinho de pelúcia desmembrado que parecia ter sido cortado em pedaços. Uma folha violeta de papel de carta de mulher, um resquício de perfume ainda grudado sob o cheiro do tempo, um parágrafo iniciado e deixado sem terminar, com tinta azul apagada: "Querido Tommy, não consigo pensar tão bem por aqui quanto esperava que pudesse, quero dizer sobre nós, claro, quem mais? Ah! Ah! As coisas estão seguindo seu curso. Tive sonhos estranhos sobre coisas sendo golpeadas durante a noite, acredite e" Era só. A nota estava datada de 27 de junho de 1934. Encontrou uma marionete que parecia ser uma bruxa ou um feiticeiro... em todo o caso, alguma coisa com dentes grandes e um chapéu pontudo. Estava enfiado entre um pacote de recibos de gás natural e um de recibos de água mineral. E algo que parecia ser um poema, rabiscado no verso de um cardápio com lápis preto: "Medoc / está aqui? / Estou sofrendo de sonambulismo de novo, meu querido. / As plantas se movem sob o tapete." Nenhuma data no cardápio, nenhum nome no poema, se é que era um poema. Indefinível, mas fascinante. Parecia-lhe que estas coisas eram como pedaços de um quebra-cabeças, coisas que eventualmente se encaixariam, se ele pudesse encontrar os pontos certos de ligação. E assim continuou olhando, assustando-se e esfregando os lábios a cada vez que a fornalha rugia atrás dele.

Danny estava parado diante do 217 novamente.

A chave mestra no bolso. Olhava para a porta com uma espécie de ansiedade embotada, e seu tronco parecia contrair e sacudir sob a camisa de flanela. Resmungava.

Não queria ter vindo, pelo menos depois da mangueira do extintor. Tinha medo de vir. Tinha medo, pois havia apanhado a chave mestra mais uma vez, desobedecendo ao pai.

Queria ter vindo. A Curiosidade (a curiosidade matou o gato) era como um anzol em seu cérebro, uma espécie de sirene importuna, que seria acalmada. E o Sr. Hallorann não disse: "Não creio que haja coisas aqui que possam atingi-lo"?

(Você prometeu.)

(Promessas foram feitas para serem quebradas.)

Passou por cima disso. Era cerro se esse pensamento tivesse vindo de fora, como um inseto zumbindo, de modo velhaco.

(Promessas foram feitas para serem quebradas, meu caro redrum, para serem quebradas, partidas, despedaçadas. malhadas. ADIANTE!)

O resmungo transformou-se em música desafinada: "Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia-volta..."

O Sr. Hallorann não estaria certo? Não seria essa, afinal, a razão por ter-se mantido calado e permitido que a neve os trancasse ali?

Feche os olhos, e desaparecerá.

O que vira na Suíte Presidencial desaparecera. E a cobra tinha sido, apenas, uma mangueira que caíra no tapete. Sim, até o sangue na Suíte Presidencial era inofensivo, coisa velha, algo que desaparecera muito antes de ele ter nascido, ou sequer pensar em nascer, alguma coisa que já acabara. Como um filme que só ele podia ver. Não havia nada, nada mesmo, neste hotel, que pudesse feri-lo, e se tivesse que provar isso a si próprio entrando neste quarto, por que não deveria fazê-lo?

(A curiosidade matou o gato, meu caro redrum, a satisfação trouxe-o de volta são e salvo, dos pés à cabeça; da cabeça aos pés ele estava são e salvo. Sabia que essas coisas)

(são como filmes de terror, não podem feri-lo, mas ó meu deus)

(que dentes grandes você tem vovó, e isso é um lobo fantasiado de BARBA AZUL ou um BARBA AZUL fantasiado de lobo e eu estou tão)

(contente por você ter perguntado, por que a curiosidade matou aquele gato e era a ESPERANÇA de satisfação que o trouxe de volta)

Chegou ao corredor pisando macio no tapete emaranhado de mata azul. Passara diante do extintor de incêndio, colocara a boca de aço de volta no quadro, e então tateou-a repetidas vezes com o dedo, o coração batendo, sussurrando: "Venha ferir-me. Venha ferir-me sua cretina. Não consegue, consegue? Huh? Você não é nada, além de uma simples mangueirazinha. Não consegue fazer nada, só ficar aí. Venha, venha." Sentira-se louco com o desafio. E nada acontecera. Afinal de contas, era só uma mangueira, só lona e aço, poderia parti-la em pedaços e ela não se queixaria, nem se mexeria, nem lançaria ou sangraria ledo verde pelo tapete azul inteiro, pois era apenas uma mangueira, não fedia nem cheirava, não era uma cobra modorrando... e ele se apressara, apressara-se porque era

("tarde, era tarde", disse o coelho branco)

o coelho branco. Sim. Agora havia um coelho branco junto ao playground, já fora verde, mas agora estava branco, como se alguma coisa o tivesse atingido repetidas vezes nas nevascas e ventos noturnos, e o tivessem envelhecido...

Danny tirou a chave mestra do bolso, e enfiou-a na fechadura.

(o coelho branco estava a caminho de uma partida de croqué da Rainha Vermelha, onde as cegonhas serviam de bastões e os ouriços-cacheiros, de bola.)

Tocou a chave, deixou os dedos se moverem sobre ela. A cabeça estava seca e doente. Virou a chave e os ferrolhos sacudiram.

(ARRANQUE-LHE A CABEÇA! ARRANQUE-LHE A CABEÇA! ARRANQUE-LHE A CABEÇA!)

(este jogo não é crogué posto que os bastões são muito curtos este jogo é)

(Uac-bom! Direto no arco.)

(ARRANQUE-LHE A CABEEEEEEÇA...)

Danny abriu a porta. Suave, sem ruído. Viu-se diante de um grande conjugado de quarto-sala de estar, e apesar de a neve não ter chegado a tanto - as elevações maiores ainda estavam a 30 centímetros abaixo das janelas do segundo andar - o quarto estava escuro, pois o pai fechara todas as cortinas do lado oeste há duas semanas.

Parou na entrada, tateou a sua direita, e encontrou o interruptor. Duas lâmpadas num lustre de vidro se acenderam. Danny deu um passo à frente e olhou em redor. O tapete era espesso e macio, rosa claro. Suave. Uma cama de casal com uma colcha branca. Uma mesa

(Por obséquio, diga-me: Por que o corvo se parece com uma mesa)

junto à janela de veneziana. Durante a temporada, o Escritor Permanente

(divertindo-me muito, desejo que esteja com medo)

teria uma bonita vista das montanhas para descrever para o pessoal em casa.

Avançou. Nada aqui, nada. Apenas um quarto vazio, frio, pois o pai estava aquecendo a ala leste hoje. Uma escrivaninha. Um armário de porta aberta exibindo uma porção de cabides do hotel, do tipo que não se podem roubar. Uma Bíblia sobre uma mesa de canto. A esquerda, estava a porta do banheiro, um espelho em toda sua extensão refletindo sua própria imagem pálida. Essa porta estava entreaberta e...

Viu sua imagem assentindo com a cabeça devagar.

Sim, era onde estava, fosse o que fosse. Ali dentro. No banheiro. Sua imagem avançou, como se evadindo do vidro. Estendeu a mão, pressionou-a contra a sua. Em seguida desapareceu num ângulo, ao abrir da porta do banheiro. Olhou o interior.

Um cômodo comprido, antigo, como um vagão de trem. Pequenos ladrilhos hexagonais no chão. No fundo, um vaso com a tampa levantada. A direita, um lavatório e um outro espelho acima, do tipo que esconde um armário de remédios. A esquerda, uma imensa banheira branca com pés, a cortina do chuveiro fechada. Danny entrou no banheiro, e

caminhou em direção à banheira como em sonho, como se estivesse sendo impelido, como se tudo isto fosse um dos sonhos que Tony trouxera, que talvez visse alguma coisa boa ao abrir a cortina do chuveiro, algo que o pia tivesse esquecido, ou a mãe tivesse perdido, algo que faria os dois felizes...

Abriu então a cortina do chuveiro.

A mulher na banheira estava morta há muito tempo. Estava inchada e roxa, a barriga cheia de gases emergindo da água fria, com bordas geladas, como uma ilha de carne. Os olhos dela fixos nos de Danny, vidrados e imensos como bolas de gude. Sorria maliciosa, os lábios roxos arreganhados numa careta. O peito flácido. Os pêlos púbicos boiando. As mãos geladas nas bordas de porcelana da banheira como garras de um caranguejo.

Danny gritou. Mas o som não escapou de seus lábios; introvertendo-se cada vez mais, caiu na escuridão como uma pedra num poço. Deu um único passo desajeitado para trás, ouvindo os calcanhares estalando contra os ladrilhos hexagonais, e ao mesmo tempo a urina se desprendendo, entornando sem poder ser controlada.

A mulher estava sentada.

Ainda sorrindo maliciosa, os imensos olhos vidrados fixos nele, estava sentada. As palmas das mãos mortas faziam ruídos na porcelana. Seus seios pendiam murchos. Houve o som instantâneo da quebra dos pedaços de gelo. Ela não respirava. Era um cadáver, e morto há anos.

Danny voltou-se para trás e correu. Disparando pela porta do banheiro, os olhos saindo das órbitas, o cabelo arrepiado, transformando-se em ouriço diante do perigo numa

(croqué? ou roque?)

bola, a boca aberta e muda. Bateu contra a porta do 217, que agora estava fechada. Começou a esmurrá-la, longe de imaginar que não estava trancada, e que bastava girar o trinco para sair. Na boca ressoavam gritos surdos, que estavam além da audição humana. Só conseguia esmurrar a porta e ouvir a mulher vindo em sua direção, barriga inchada, cabelo seco, mãos estendidas - algo que ficara morto durante anos talvez conservada ali como num passe de mágica.

A porta não abria, não abria, não abria.

E em seguida a voz de Dick Hallorann chegou até ele, não repentina e inesperadamente, mas tão calma, que suas cordas vocais presas se abriram e ele começou a gritar baixinho... não com medo, mas aliviado.

(Não creio que possam atingi-lo... são como desenhos de um livro... feche os olhos e desaparecerão)

Baixou as pálpebras. As mãos se cerraram. Os ombros se curvaram com o esforço de concentração:

(Nada ali nada ali nada ali, de jeito nenhum NADA ALI NÃO HÁ NADA!)

O tempo passou. E ele começava a relaxar, começava a compreender que a porta devia estar aberta, e que podia sair, quando as mãos sem vida há anos, inchadas, cheirando a peixe, fecharam-se suavemente em torno de seu pescoço, e o foram torcendo para que ele olhasse aquele rosto morto e roxo.

QUARTA PARTE

Cercado de Neve

26

TERRA DOS SONHOS

O tricô a deixou com sono. Hoje, até Bartók a teria deixado com sono, e não era Bartók no pequeno fonógrafo, era Bach. Suas mãos ficavam cada vez mais lentas, e durante o tempo em que o filho fazia o reconhecimento da residente permanente do apartamento 217, Wendy dormia com o tricô no colo. A lã e as agulhas subindo e descendo, no ritmo lento de sua respiração. O sono era profundo, e ela não sonhou.

Jack Torrance também adormecera, mas o sono era leve e agitado, cheio de sonhos que pareciam ser muito vívidos para serem meros sonhos - eram certamente mais vívidos do que qualquer sonho que já tivera.

Seus olhos começaram a ficar pesados enquanto remexia pacotes de notas de leite, 100 em cada pacote, parecendo ser dezenas de milhares, ao todo. Ainda assim, passava os olhos sobre cada uma, temendo que, se não o fizesse, poderia perder exatamente a peça overlookiana que precisava para fazer a ligação mística que, tinha certeza, estava ali, em algum lugar. Sentiu-se como um homem segurando um fio em uma das mãos, tateando em um cômodo escuro e estranho à procura de uma tomada. Se encontrasse, seria recompensado com uma visão de maravilhas.

Desentendera-se com Al Shockley, ao telefone, por causa de seu pedido; sua estranha experiência no playground o ajudava a estar assim. Aquilo chegara muito próximo a algum tipo de colapso, estava convencido de que era sua mente revoltada com o pedido altamente safado de Al, que o forçava a desistir do projeto do livro. Talvez fosse um sinal de que seu senso de respeito próprio só pudesse chegar até aí, antes de se desintegrar por completo. Escreveria

O pai pegava-o nos braços, e ele era delirantemente jogado para cima, tão rapidamente que podia sentir a pressão do ar contra seu crânio como um capacete de chumbo, subindo cada vez mais, os dois gritando "Elevador! Elevador!", e havia noites em que o pai, na sua embriaguez, não interrompia o movimento dos braços a tempo, e Jack batia contra sua cabeça como um projétil humano, caindo no chão do corredor, atrás do pai. Mas, em outras noites, o pai, com bafo forte de cerveja, pegava-o nos braços, fazia-lhe cócegas, sacudia-o, levando-o a um delírio de gargalhadas e, finalmente, ele era posto de pé, em soluços.

Os recibos escorregaram de sua mão e dançaram pelo ar, caindo preguiçosos no chão; suas pálpebras, que permaneceram cerradas com a imagem do pai tatuada em seu interior, como imagens estereotipadas, abriram-se um pouco e, em seguida, se fecharam novamente. Contraiu-se um pouco. O consciente, como os recibos, e como as folhas dos

álamos de outono, caía dançando preguiçosamente.

Essa fora a primeira fase de seu relacionamento com o pai e, quando chegara ao fim, soube que Becky e seus irmãos, todos mais velhos, odiavam o pai; e a mãe, uma mulher estranha, que raramente levantava a voz, limitava-se a tolerá-lo, pois sua formação católica a obrigava a isso. Naqueles dias não parecia estranho para Jack que o pai ganhasse todas as discussões com os filhos, usando os punhos, e não lhe parecia estranho que seu amor passasse de mão em mão, com seu medo: medo do jogo do elevador, que poderia terminar num acidente em qualquer noite; medo de que o bom humor oscilante do pai, no seu dia de folga, de repente se transformasse em berros cruéis e em pancada da "boa mão direita"; e às vezes lembrava-se de que tinha medo até que a sombra do pai caísse sobre ele, enquanto brincava. Foi aproximadamente no fim desta fase que começou a observar que Brett nunca trazia suas namoradas a sua casa, nem Mike e Becky, seus amigos íntimos.

O amor começou a esfriar aos nove anos, quando o pai mandou a mãe para o hospital com sua bengala. Começara a carregar a bengala havia um ano, quando um acidente de carro o deixara manco. Depois disso, não ficava nunca sem ela, comprida, negra, grossa, de cabo dourado. Agora, cochilando, o corpo de Jack contraía-se, lembrando o medo do ruído que a bengala fez no ar, um assobio assassino, e seu estalido duro contra a parede... ou contra a carpe. Ele batera na mulher sem razão nenhuma, de repente e sem avisar. Estavam à mesa de jantar. A bengala junto a sua cadeira. Era uma noite de domingo, um fim-de-semana de três dias para o pai, um fim-de-semana que passara bebendo em seu estilo inimitável. Galinha frita. Ervilhas. Purê de batatas. O pai à cabeceira da mesa, o prato cheio, cochilando ou quase cochilando. A mãe passando os pratos. E de repente, o pai despertou, os olhos enfiados nas órbitas gordas, brilhando com uma espécie de petulância idiota e maldosa. Cada membro da família se agitara, e a veia no centro de sua testa eslava saliente, sempre um mau sinal. Uma de suas mãos grandes e sardentas caiu sobre o cabo dourado da bengala, acariciando-a. Disse qualquer coisa sobre o café - neste dia Jack estava certo que era "café" que o pai dissera. A mãe abriu a boca para responder, e em seguida a bengala zumbindo no ar, esmagando-lhe o rosto. O sangue jorrou-lhe do nariz. Becky gritou. os óculos da mãe caíram no prato de comida. A bengala retraiu-se e desceu novamente, desta vez sobre a cabeça, rompendo o couro cabeludo. A mãe tombou ao chão. O pai saíra da cadeira e foi para onde a mãe estava deitada, tonta, sobre o tapete, brandindo a bengala, locomovendo-se com velocidade e agilidade grotescas de um homem gordo, olhos pequenos brilhando, mandíbulas tremendo, enquanto falava com ela, exatamente como sempre falava com os filhos durante tais explosões. "Agora. Agora pelo amor de Deus. Acho que você vai tomar seu remédio agora. Maldito fedelho. Fedelho. Venha tomar seu remédio agora." A bengala subira e descera sobre ela mais sete vezes, antes que Brett e Mike pudessem segurá-lo, arrastá-lo e arrancar a bengala de sua mão. Jack

(o pequeno Jacky agora ele era o pequeno Jacky agora cochilando e resmungando numa cadeira velha enquanto a fornalha rugia atrás dele)

sabia exatamente quantas rajadas foram, pois cada pancada no corpo de sua mãe estava

gravada em sua memória como um golpe irracional de um cinzel na pedra. Sete pancadas. Nem mais, nem menos. Ele e Becky chorando, sem acreditar, olhando os óculos da mãe pousados no purê de batatas, uma lente partida suja de molho. Brett gritando com o pai do corredor dos fundos, dizendo que o mataria, caso ele se movesse. E o pai repetindo vez após outra: "Fedelho maldito. Cria desgraçada. Dê-me a bengala, seu fedelho desgraçado. Dê-me." Brett brandindo a bengala histericamente, dizendo sim, sim, vou dar, basta você se mover um pouquinho, vou dar-lhe tudo, e mais duas. Vou dar-lhe o bastante. A mãe levantando-se devagar, tonta, o rosto já inchado como um pneu velho com muito ar, sangrando em quatro ou cinco lugares diferentes, e ela dissera uma coisa terrível, talvez a única coisa que a mãe dissera, que Jack lembrava palavra por palavra: "Quem está com o jornal? Seu pai quer ler os quadrinhos. Ainda está chovendo?" E então prostou-se de joelhos novamente, o cabelo caído no rosto inchado e ensangüentado. Mike chamando o médico, falando ao telefone. Poderia vir imediatamente? Era sua mãe. Não, não podia dizer o que acontecera, não pelo telefone, não através de uma ligação. Simplesmente venha. O médico veio e levou a mãe para o hospital, onde o pai trabalhara toda sua vida. O pai acalmou-se um pouco (ou talvez com a esperteza estúpida de qualquer animal pressionado), e disse ao médico que ela caíra da escada. Havia sangue na toalha da mesa, porque ele tentara enxugar com ela seu rosto querido. Teriam seus óculos voado, entrado pela sala de jantar, caindo no purê e no molho?, perguntou o médico com um ar de sarcasmo repugnante. Foi isso o que aconteceu, Mark? Já ouvi falar de gente com uma estação de rádio nas obturações de ouro, e já vi um homem levar um tiro no meio da testa e sobreviver para contar a história, mas essa é novidade para mim. O pai limitara-se a sacudir a cabeça, e dizer que não sabia, deviam ter caído de seu rosto, quando a trouxe à sala de jantar. Os quatro filhos ficaram atordoados, em silêncio, pela estupenda tranqüilidade da mentira. Quatro dias depois, Brett largou o emprego no moinho, e alistou-se no exército. Jack sempre sentira que não foi apenas a surra repentina e irracional da mesa de jantar, mas o fato de que, no hospital, a mãe havia corroborado a história do pai, enquanto segurava a mão do padre da paróquia. Revoltado, Brett deixara-os para o que desse e viesse. Foi morto na província de Don Ho em 1965, o ano em que Jack, estudante, aderiu à agitação universitária pelo fim da guerra. Sacudira a camisa ensangüentada do irmão nas reuniões que eram cada vez mais bem assistidas, mas não era a visão de Brett que tinha diante de seus olhos, quando falava... era a visão do rosto da mãe, estupidificado, sem entendimento, dizendo: "Quem está com o jornal?"

Mike abandonou a universidade três anos depois, quando Jack tinha 12 anos - freqüentava a Universidade de Nova Hampshire, como bolsista. Um ano depois disso, o pai morreu de um derrame, que ocorreu enquanto preparava um paciente para cirurgia. Caíra, metido na roupa branca e desalinhada, morto possivelmente antes de chegar ao chão de ladrilhos vermelho e preto do hospital, e três dias mais tarde, o homem que dominara a vida de Jacky, o irracional divino fantasma branco, estava debaixo da terra.

A lousa dizia: Mark Anthony Torrance, Amoroso Pai. Aquilo, Jack acrescentaria uma linha: Sabia Brincar de Elevador.

Foi deixado muito dinheiro de seguro. Há pessoas que colecionam seguros com a

mesma compulsão de quem coleciona moedas e selos, e Mark Torrance fora esse tipo. O dinheiro do seguro entrara ao mesmo temo que as mensalidades das apólices e as notas de bebida terminaram. Durante cinco anos foram ricos. Praticamente ricos...

No sono leve e atormentado, seu rosto apareceu-lhe rosado como se num vidro, seu rosto, mas não seu rosto, apenas os olhos grandes e a boca caída e inocente de um menino sentado no corredor com seus caminhões, esperando o pai, esperando pelo divino fantasma branco, esperando o elevador subir com velocidade vertiginosa e divertida, através da atmosfera de sal e . serragem exalada das tabernas, esperando talvez a queda, expelindo molas velhas de relógio pelos ouvidos, enquanto o pai ria a bandeiras despregadas e

(transformado no rosto de Danny, muito parecido com seu próprio rosto em criança, seus olhos eram azul-claro, enquanto os de Danny eram acinzentados, mas os lábios ainda formavam um arco, a pele era morena, Danny no escritório, de calças plásticas, todos os seus papéis encharcados e o cheiro de cerveja no ar... o ar impregnado de fermento e cevada, o odor das tabernas... estalido de osso... sua própria voz, choramingando embriagada Danny, você está bem, doutor... 6 Deus, seu pobre bracinho... e aquele rosto transformado em)

(o rosto tonto da mãe levantando-se junto à mesa, inchado e ensangüentado, e a mãe dizia)

("... de seu pai. Repito, um aviso muitíssimo importante de seu pai. Por favor, continue sintonizado, ou sintonize imediatamente para a freqüência de Jack Feliz. Repetindo...")

Um lento desvanecimento. Vozes soltas ecoando sobre ele, como num corredor interminável e nebuloso.

(As coisas continuam em seus devidos lugares, caro Tommy...)

(Medos, está aí? Voltei a ser son8mbulo, querido. Temo os monstros desumanos...)

("Desculpe-me, Sr. Ullman, mas este não é o... ")

... o escritório, com seus arquivos, a mesa grande de Ullman, um livro de reservas em branco para o próximo ano, já no lugar nunca perde uma jogada, aquele tal do Ullman - todas as chaves penduradas ordenadamente nos ganchos

(exceto uma, qual, que chave, chave mestra... chave mestra, quem está com a chave mestra? se subíssemos talvez veríamos)

e o radio-transmissor grande na prateleira.

Ligou-o. As transmissões do rádio chegando em pequenos estouros. Mudou de freqüência e ouviu, misturados aos ruídos, música, notícia, um pregador fazendo

discursos fastidiosos, uma previsão do tempo. E uma outra voz, que voltou para ouvir. Era a voz de seu pai.

"... mate-o. Você tem que matá-lo, Jacky, e a ela também. Porque um artista verdadeiro precisa sofrer. Porque cada homem mata aquilo que ama. Porque estarão sempre conspirando contra você, tentando atrapalhá-lo, e arrasá-lo. Neste exato momento, aquele seu garoto está onde não devia. Desobedecendo suas ordens. E o que está fazendo. Ele é um maldito fedelho. Dê-lhe uma bengalada, Jacky, até ele quase morrer. Tome um gole, Jacky, meu filho, e vamos brincar de elevador. Depois vou com você, enquanto dá a ele o remédio. Sei que pode fazê-lo, claro que pode... deve matá-lo. Deve matá-lo, Jacky, e a ela também. Porque um verdadeiro artista precisa sofrer. Porque cada homem.. . "

A voz de seu pai, cada vez mais alta, tornando-se enlouquecedora, sem ser absolutamente humana, algo esganiçada, petulante e atordoaste, a voz do Divino Fantasma, do Deus-Porco, chegando morta até ele pelo rádio e

- Não! - gritou. - Você está morto, está no túmulo, não está absolutamente dentro de mim! - Tinha afastado o pai por completo, e não era certo ele voltar, arrastando-se por este hotel a 3.200km da cidade da Nova Inglaterra, onde o pai vivera e morrera.

Levantou-se, apanhou o rádio e o espatifou no chão, espalhando molas e válvulas, como se fosse o resultado de uma louca brincadeira de elevador, que não deu certo, fazendo a voz do pai desaparecer, deixando apenas sua voz, a voz de Jack, a voz de Jacky, gritando na realidade fria do escritório.

-... morto, você está morto, você está morto!

E o ruído assustador dos pés de Wendy batendo no chão sobre sua cabeça, e a voz assustada e amedrontada de Wendy:

- Jack? Jack!

Ficou olhando o rádio despedaçado. Agora só havia o trenó no depósito para colocá-los em contato com o mundo exterior.

Colocou as mãos nos olhos e apertou as têmporas. Começava a dor de cabeça.

27

CATATONIA

Wendy corria de meia pelo corredor, e desceu a escada de dois em dois degraus até o saguão. Não olhou para o lance atapetado que levava ao segundo andar, mas, se olhasse,

teria visto Danny, quieto e calado, os olhos perdidos no espaço, o polegar na boca, a gola e os ombros da camisa molhados. Havia hematomas no pescoço e debaixo do queixo.

Os gritos de Jack haviam cessado, mas isso não concorrera para minorar seu pavor. Sacudida no meio do sono pela voz do marido, naquele velho tom de valentão de que se recordava tão bem, ainda sentia como se estivesse sonhando - mas uma outra parte dela sabia que estava acordada, e isso a aterrorizava mais. Quase esperava entrar no escritório e encontrá-lo em cima de Danny, bêbado e confuso.

Empurrou a porta e Jack ali estava, esfregando as têmporas com os dedos. O rosto dele estava cadavérico. O radio-transmissor, a seus pés, em meio aos cacos de vidro.

- Wendy? - perguntou, incerto. - Wendy...?

A confusão pareceu crescer no instante em que viu o rosto verdadeiro dele, aquele que comumente escondia tão bem, era um rosto de desesperada infelicidade, o rosto de um animal preso numa armadilha, além de sua habilidade de decifrar e capitular inutilmente. Então, os músculos começaram a trabalhar, começaram a se contorcer debaixo da pele, a boca começou a tremer sem firmeza, o pomo-de-adão começou a subir e a descer.

Sua própria confusão e espanto eram encobertos pelo choque: ele ia chorar. Já o tinha visto chorar antes, mas nunca depois que parara de beber... e nunca naqueles dias a não ser que estivesse muito bêbado e sentindo um remorso patético. Era um homem firme, extremamente duro, e sua perda de controle a apavorava novamente.

Ele veio em sua direção, em lágrimas, a cabeça sacudindo involuntariamente, como que num esforço infrutífero para conter esta tempestade emocional, o peito contraído em um suspiro convulsivo que foi expelido com um imenso soluço angustiante. Os pés, calçados em sapatos esporte, tropeçaram nos destroços do rádio, e ele quase caiu em seus braços, fazendo-a cambalear com seu peso. Sentiu seu hálito, e não havia cheiro de bebida. Claro que não, não havia bebida por aqui.

- O que há de errado? - Controlou-se o mais que pôde. Jack, o que é?

Mas não fazia outra coisa a não ser soluçar, agarrando-a, a cabeça enterrada em seus ombros numa atitude inútil, nervosa, contida. Os soluços eram fortes e violentos. Ele tremia, dos pés à cabeça.

- Jack? O que é? Diga-me o que há de errado!

Finalmente, os soluços começaram a se transformar em palavras, a princípio incoerentes, mas se tornando mais claras à medida que as lágrimas se esgotavam.

- ... sonho, acho que foi um sonho, mas foi tão real, eu... foi minha mãe dizendo que

Papai ia aparecer no rádio e eu... ele estava... ele estava-me dizendo para... não sei, ele gritava comigo... e então quebrei o rádio... para fazê-lo calar. Para fazê-lo calar. Ele está morto. Meu Deus, Wendy, meu Deus. Nunca tive um pesadelo assim. Nunca mais quero ter outro. Cristo! Foi horrível.

- Você simplesmente adormeceu no escritório?

- Não... não aqui. Lá embaixo. - Jack estava um pouco mais consciente agora, não mais se apoiava nela, e o constante movimento de sua cabeça diminuiu e depois parou. - Eu estava olhando uns papéis velhos. Sentado numa cadeira. Notas de leite. Coisa boba. E acho que simplesmente apaguei. Foi quando comecei a sonhar. Devo ter andado dormindo até aqui. - Ensaiou um sorriso tremido. - Mais uma vez.

- Onde está Danny, Jack?

- Não sei. Não está com você?

- Ele não estava... lá embaixo com você?

Jack olhou com o canto dos olhos, e seu rosto se contraiu pelo que viu no rosto dela.

- Nunca vai-me deixar esquecer aquilo, não é Wendy?

- Jack...

- Quando eu estiver no caixão, você vai debruçar-se e dizer: "Hem feito, lembra-se quando quebrou o braço de Danny?"

- Jack!

- Jack, o quê? - disse explosivo, e deu um salto. - Nega que é nisto que está pensando? Que o machuquei? Que uma vez o machuquei, e que poderia machucá-lo, de novo?

- Quero saber onde ele está, só isso!

- Isso mesmo, ponha os bofes para fora, isso vai fazer tudo melhorar, não vai?

Ela voltou-se e caminhou para a porta.

Observou-a caminhando, gelado por um momento, um mata-borrão coberto de cacos de vidro em uma das mãos. Então jogou-o na cesta de lixo, foi atrás dela, alcançando-a no balcão do saguão.

Colocou as mãos sobre seus ombros, e fez com que Wendy se voltasse. A cara dela estava boa.

- Wendy, desculpe. Foi o sonho. Estou triste. Perdoa?

- Claro - disse ela, sem modificar a expressão do rosto. Desviou os ombros tensos de suas mãos. Ela andou até o meio do saguão e chamou. - Ei, doutor. Onde você está?

O silêncio voltou. Foi até as portas duplas do saguão, abriu uma delas .e saiu pelo caminho que Jack limpara. Era mais parecido com uma trincheira; a neve amontoada ia à altura de seus ombros. Chamou-o novamente, o ar saindo em uma fumaça branca. Quando entrou, começava a parecer amedrontada.

Controlando sua irritação com ela, Jack disse, moderadamente:

- Tem certeza de que ele não está dormindo no quarto?

- Já falei que ele estava brincando em algum lugar, enquanto eu estava fazendo tricô. Podia ouvi-lo lá embaixo.

- Você adormeceu?

- O que isto tem a ver? Sim. Danny?

- Você verificou o quarto dele quando desceu agora mesmo?

- Eu... - ela parou.

Jack balançou a cabeça.

- Não creio que tenha.

Começou a subir as escadas sem esperar por ela. Wendy seguiu-o, quase correndo, mas ele subia os degraus dois a dois. Ela quase se chocou com ele, quando ele parou. Ficou ali estático, olhando para cima, os olhos arregalados.

- O quê...? - começou ela, acompanhando o olhar do marido.

Danny lá estava, olhos perdidos, chupando o polegar. As marcas no pescoço eram cruelmente visíveis à luz dos archotes elétricos.

- Danny! - gritou ela.

Isso quebrou a paralisia de Jack, e ambos subiram depressa para onde Danny estava. Wendy caiu de joelhos ao lado dele, e acolheu o menino em seus braços. Danny veio docilmente, mas não retribuiu o abraço. Era como abraçar um cabo de vassoura, e o sabor do horror encheu a boca de Wendy. Ele se limitava a chupar o polegar, fixando 0 olhar distante para a escadaria adiante deles.

- Danny, o que aconteceu? - perguntou Jack. Estendeu a mão para tocar o lado inchado do pescoço de Danny. - Quem fez isso em, v...

- Não encoste a mão nele! - sussurrou Wendy. Apertou o filho nos braços, levantou-o e afastou-se até a metade da escadaria, antes que Jack fizesse outra coisa a não ser ficar ali parado, confuso.

- O quê? Wendy, o que, diabos, você está t...

- Não encoste nele! Mato-o, se puser as mãos nele novamente!

- Wendy...

- Seu imbecil!

Ela voltou-se e desceu correndo o resto da escada para o primeiro andar. A cabeça de Danny sacudindo ligeiramente para cima e para baixo, enquanto ela corria. O polegar continuava na boca. Seus olhos eram janelas ensaboadas. Dobrou à direita no pé da escada, e Jack ouviu seus passos se afastando. A porta do quarto bateu. O trinco fechara. Foi trancada. Breve silêncio. Depois, as palavras suaves e baixas de consolo.

Jack ficou, durante algum tempo, literalmente paralisado com tudo que acontecera, num período tão curto. O sonho ainda estava com ele, pintando tudo com um leve sombreado irreal. Era como se tivesse tomado uma pequena dose de mescalina. Teria machucado Danny como Wendy pensou? Tentara estrangular o filho a pedido do pai morto? Não. Nunca machucaria Danny.

(Caiu da escada, Doutor.)

Nunca machucaria Danny agora.

(Como poderia saber que a bomba de inseticida estava com defeito?)

Nunca na vida fora propositadamente malvado, quando sóbrio.

(Exceto quando quase matou George Hatfield.)

- Não! - gritou ele na escuridão. Dava murros na perna, repetidamente.

Wendy sentou-se na poltrona acolchoada junto à janela com Danny no colo, segurando-o, murmurando velhas palavras sem sentido, aquelas de que você nunca se lembra depois, não importa o que possa acontecer. O filho aconchegava-se em seu colo, sem protestos, nem alegria, como um desenho para ser recortado, e os olhos do garoto nem sequer se moveram para a porta, quando Jack gritou de algum lugar do corredor "Não!"

A confusão desaparecera um pouco na mente de Wendy, mas descobriu agora algo

ainda pior por trás. Pânico.

Jack fizera isto, não tinha dúvidas. Suas negativas não significavam nada para ela. Adiava perfeitamente possível que Jack tivesse tentado estrangular Danny, enquanto dormia, da mesma forma que esmigalhara o rádio enquanto dormia. Estava tendo uma espécie de colapso nervoso. Mas o que ela podia fazer? Não poderia ficar trancada aqui para sempre. Precisavam comer.

Havia, na realidade, uma pergunta, e esta era respondida de modo frio e pragmático em seu subconsciente, a voz de sua maternidade, uma voz fria e indiferente, uma vez que saía do círculo mãe criança e ia até Jack. Era uma voz que falava de auto-preservação, mas somente depois de falar em preservação-filial, e a pergunta era:

(Exatamente o quão perigoso ele é?)

Negara ter feito isso. Ficara horrorizado com o machucado, com a ligeira e implacável perturbação de Danny. Se o tivesse feito, uma parte distinta dele fora responsável. O fato de tê-lo feito enquanto dormia era - de uma forma terrivelmente grosseira - encorajados. Não seria possível que ele pudesse tirá-los dali? Levá-los para longe. E depois...

Mas não podia ver além de Danny e ela chegando salvos ao consultório do Dr. Edmonds, em Sidewinder. Não tinha nenhuma razão especial para ir mais adiante. A crise atual era mais do que suficiente para mantê-la ocupada.

Cantava em voz baixa para Danny, balançando-o no colo. Os dedos sobre o ombro do filho perceberam que a camisa estava úmida, mas não se incomodaram em transmitir a informação a seu cérebro, ao menos superficialmente. Se fosse transmitida, talvez se lembrasse de que as mãos de Jack, quando a abraçou no escritório, soluçando, estavam secas. Teria parado para pensar. Mas sua cabeça estava ainda pensando em outras coisas. A decisão tinha de ser tomada... aproximar-se de Jack, ou não?

Na realidade, não era uma decisão tão importante. Não havia nada que pudesse fazer sozinha, nem mesmo descer com Danny para o escritório, e pedir ajuda pelo radio-transmissor. O garoto havia sofrido um choque muito grande. Precisava ser levado rapidamente, antes que qualquer dano permanente pudesse ser causado. Recusava-se a acreditar que algum dano permanente já tivesse sido causado.

E ainda se sentia angustiada, procurando outra alternativa. Não queria expor Danny a Jack. Sabia que tomara uma decisão errada, quando fora contra seus impulsos (e contra os de Danny) deixando que a neve os prendesse ali dentro... por causa de Jack. Outra decisão errada fora quando pôs de lado a idéia do divórcio. Agora, estava praticamente paralisada com o pensamento de que pudesse estar cometendo um outro erro, de que pudesse arrepender-se a cada minuto de cada dia, pelo resto de sua vida.

Não havia arma no local. Havia facas penduradas na cozinha, mas Jack estava entre ela

e os objetos.

Na tentativa de tomar a decisão correta, de encontrar a alternativa, à ironia amarga de seus pensamentos não ocorreu que: há uma hora, ela estava dormindo, convencida de que as coisas estavam bem, e que em breve melhorariam. Agora, considerava a possibilidade de usar uma faca de açougueiro contra o marido, se ele tentasse interferir entre ela e o filho.

Finalmente, levantou-se com Danny nos braços, com as pernas trêmulas. Não havia outra forma. Teria que admitir que Jack acordado era o Jack são, e que ele a ajudaria a descer com Danny para Sidewinder e o Dr. Edmonds. E se Jack tentasse fazer qualquer coisa que não fosse ajudá-la, Deus que tomasse conta dele.

Foi até à porta e destrancou-a. Levantando Danny até os ombros, abriu a porta e saiu para o corredor.

- Jack? - chamou, nervosa, e não obteve resposta.

Em aflição crescente, caminhou até as escadas, mas Jack não estava lá. E enquanto permaneceu próximo às escadas, pensando no que faria depois, a canção veio lá de baixo rica, aborrecida, amargamente satírica:

"Me role
na grama,
me role, me deite e faça de novo."

Tinha mais medo de sua vos do que de seu silêncio, mas não havia outra alternativa. Desceu as escadas.

28

"FOI ELA!"

Jack ficara parado na escada, ouvindo o cantarolar pela porta trancada, e aos poucos sua confusão deu lugar à raiva. Na realidade, as coisas nunca mudaram. Wendy, pelo menos. Poderia passar 20 anos sem beber, e ainda assim, quando chegava em casa à noite e ela o abraçava à porta, ele via/sentia uma pequena dilatação das narinas da mulher, tentando perceber odores de uísque ou gim. Sempre deduzia o pior; se ele e Danny se acidentassem em um carro dirigido por um motorista cego e bêbado, que tivesse tido um colapso pouco antes da colisão, em silêncio ela o culparia pelos ferimentos de Danny, e daria as costas.

O rosto dela quando apanhou Danny... apareceu diante dele, e de repente quis apagar a raiva que continha, com os punhos cerrados.

Ela não tinha o direito!

Sim, talvez de início. Tinha sido um beberrão, fizera coisas terríveis. O fato de ter quebrado o braço de Danny fora uma coisa terrível. Mas se um homem se regenera, por acaso não merece crédito, mais cedo ou mais tarde? E se não conseguir, não merece ele uma segunda chance? Se um pai acusa sempre sua virtuosa filha de viver trepando com todos os rapazes da escola, não é de se esperar que ela venha a corresponder às acusações do pai? E se uma esposa, secretamente - não tão secretamente - continua a acreditar que seu marido abstêmio é um bêbado...

Levantou-se, desceu devagar o primeiro lance da escada, e ficou ali parado por um momento. Tirou o lenço do bolso traseiro, enxugou os lábios e considerou a hipótese de descer e esmurrar a porta, ordenando que o deixasse entrar para que pudesse ver o filho. Ela não tinha o direito de ser tão desgraçadamente arbitrária.

Bem, mais cedo ou mais tarde ela teria que sair, a não ser que planejasse um tipo radical de dieta para os dois. Um sorriso muito feio brotou-lhe nos lábios com esse pensamento. Deixá-la-ia vir até ele. Ela viria no momento certo.

Desceu ao andar térreo, ficou parado sem se dar conta junto ao balcão de recepção por um momento, e, em seguida, voltou-se para a direita. Foi ao restaurante, e ficou bem junto à porta. As mesas vazias, as toalhas brancas muito limpas, sob as capas de plástico transparente, reluziam. Estava tudo deserto agora mas

(O jantar será servido às 20:00 horas

Retirada das máscaras e Baile d Meia-Noite)

Jack caminhou por entre as mesas, momentaneamente esquecido da mulher e do filho lá em cima, esquecido do sonho, do rádio quebrado, dos ferimentos. Passou os dedos pela capa lustrosa de plástico, tentando imaginar como teria sido aquela noite quente de agosto de 1945, a guerra vencida, o futuro à frente tão novo e com tantos caminhos, como uma terra de sonhos. As lanternas japonesas iluminadas e multicores penduradas em toda a entrada, a luz dourada que saía destas janelas altas que estavam agora cobertas de neve. Homens e mulheres fantasiados, aqui uma princesa, ali um cavaleiro de botas de cano longo, jóias e imaginação faiscando por toda a parte, dança, bebida à vontade, primeiro vinho, em seguida coquetéis, e depois talvez cerveja misturada com uísque, o nível da conversa cada vez mais alto, até que o grito animado saísse do tablado do chefe da orquestra: "Tirem as máscaras! Tirem as máscaras!"

(E a Morte Rubra dominava...)

Viu-se parado num canto do restaurante, junto à porta de vaivém estilizada do Salão Colorado, onde, naquela noite de 1945, a bebida toda era de graça.

(Aproxime-se do bar, cara, a bebida é de graça.)

Abriu a porta de vaivém, e penetrou nas sombras profundas do bar. E uma coisa estranha aconteceu. Já tinha estado ali antes, uma vez para conferir o inventário que Ullman deixara, e sabia que o lugar estava completamente limpo. As prateleiras estavam vazias. Mas agora, na penumbra provocada pela luz filtrada que vinha do restaurante (que por si só já era bastante fraca, por causa da neve que bloqueava as janelas), pensou ver fileiras e mais fileiras de garrafas cintilando obscuramente atrás do bar, e sifões, e até cerveja pingando das três torneiras muito polidas. Sim, sentia até o cheiro de cerveja, aquele cheiro de coisa úmida e fermentada, em nada diferente do cheiro que envolvia o rosto de seu pai, toda noite quando voltava do trabalho.

Olhos arregalados, tateou à procura do interruptor, e a luz fraca e aconchegante do bar acendeu, lâmpadas de 20 watts que estavam no topo dos lustres coloniais.

As prateleiras - estavam todas vazias. Não tinham sequer acumulado poeira. As torneiras de cerveja estavam vazias, bem como os canos cromados, abaixo delas. A sua direita e esquerda, as cabines revestidas de veludo pareciam homens altos de costas, cada uma desenhada para dar o máximo de privacidade ao casal que ali estivesse. Bem em frente, do outro lado do tapete vermelho, estavam 40 bancos em volta do bar em forma de ferradura. Cada banco era forrado de couro e trabalhado com marcas de gado - H circulado, Barra D Barra, Meio Círculo W, B Deitado.

Chegou mais perto, sacudindo um pouco a cabeça de espanto, enquanto o fazia. Foi como aquele dia no playground, quando... mas não fazia sentido pensar nisso. Podia ainda jurar que tinha visto aquelas garrafas, vagamente, era tão verdadeiro quanto ver-se o formato escuro de móveis numa sala com as cortinas fechadas. Reflexos suaves no vidro. A única coisa que restara foi o cheiro de cerveja, e Jack sabia que era um cheiro que impregnava a madeira de todos os bares do mundo, depois de algum tempo, e não saía com nenhum produto de limpeza até agora inventado. O cheiro aqui ainda parecia mais forte... quase fresco.

Sentou-se num banco e enterrou os cotovelos no bar revestido de couro. A sua esquerda, estava um pratinho de amendoim... vazio agora, claro. O primeiro bar onde pisava em 19 meses e a droga estava vazia... sorte sua. Mesmo assim, uma forte e amarga onda de nostalgia caiu sobre ele, e o desejo físico, ardente, de beber pareceu crescer da barriga para a garganta, boca e nariz, enrugando os tecidos por onde passava, fazendo-os implorar por alguma coisa fria, molhada e longa.

Olhou as prateleiras novamente, numa esperança irracional e desesperada de que estivessem tão vazias quanto antes. Sorriu de dor e frustração. As mãos cerradas devagar, fazendo desenhos no forro de couro do bar.

- Oi, Lloyd - disse ele. - Um pouco desanimado hoje, não é?

Lloyd disse que sim. Lloyd perguntou o que vai ser.

- Fico feliz por você ter perguntado - disse Jack. - Feliz mesmo. Pois tenho duas notas de vinte e duas de dez na carteira, e temia que fossem ficar quietinhas onde estão até o próximo abril. Não há um bar por aqui, acredita? E eu que pensei que houvesse botecos até na porra da Lua.

Lloyd condoeu-se.

- Veja bem - disse Jack. - Você me prepara vinte doses iguais de martíni. Vinte iguais, assim mesmo, pronto. Um por cada mês que passei sem beber, e mais um de reforço. Pode fazer isso, não pode? Não está muito ocupado?

Lloyd disse que não estava nada ocupado.

- Bom rapaz! Enfileire esses marcianos aqui em cima do bar, e eu venho apanhá-los, um por um. São os ossos do ofício, Lloyd amigo velho.

Lloyd voltou ao trabalho. Jack enfiou a mão no bolso procurando o prendedor de notas, e ao invés disso encontrou um vidro de Excedrin. Seu prendedor de notas estava na escrivaninha do quarto que sua mulher magrela fizera a gentileza de trancar. Beleza, Wendy. Sua miserável.

- Acho que estou duro - disse Jack. - Como está meu crédito nesta espelunca, por falar nisso?

Lloyd disse que o crédito estava bom.

- ótimo. Gosto de você, Lloyd. Sempre foi o melhor de todos. O melhor barman de norte a sul, de leste a oeste.

Lloyd agradeceu o elogio.

Jack arrancou a tampa do vidro de Excedrin, tirou dois comprimidos, e jogou-os na boca. Sentiu o gosto ácido, familiar.

Teve uma estranha sensação de que as pessoas o observavam, curiosamente e com algum desprezo. As cabines atrás estavam cheias: havia senhores de meia-idade, e jovens maravilhosas, todos eles fantasiados, assistindo friamente a este triste ensaio de artes dramáticas.

Jack rodopiou no banco.

As cabines estavam todas vazias, enfileiradas desde a porta do salão à esquerda, até junto à curva do bar em ferradura, à direita, onde havia um pequeno espaço ocupado pelo bar. Assentos e encostos forrados de couro. Mesas lustrosas de fórmica escura, um cinzeiro sobre cada uma, uma caixa de fósforo em cada cinzeiro, as palavras Salão

Colorado gravadas em dourado na porta de vaivém.

Voltou-se, engolindo com uma careta o resto do Excedrin que se dissolvia.

- Lloyd, você é maravilhoso. Já está tudo pronto. Sua rapidez só é ultrapassada pela beleza de seus olhos napolitanos cheios de alma. Saúde.

Jack contemplou os 20 drinques imaginários, as gotinhas de condensação nos copos de martíni, cada um com o realce de uma azeitona verde. Podia quase sentir o cheiro de gim no ar.

- Abstêmio - disse ele. - Já conheceu algum cavalheiro que tivesse embarcado no trem dos abstêmios?

Lloyd admitiu ter encontrado homens desse tipo, por vezes.

- Já travou relações com este homem depois de ele voltar a beber?

Lloyd honestamente não se recordava.

- Então, é porque você nunca viu - disse Jack. Envolveu o primeiro copo com a mão, levou-o até à boca, que estava aberta. Engoliu, e em seguida, jogou-o fora, por trás dos ombros. As pessoas acabavam de voltar do baile à fantasia, estudando-o, rindo à socapa. Podia senti-las. Se o fundo do bar tivesse espelhos ao invés daquelas prateleiras idiotas, poderia vê-las. Deixe-os olhar. Que se danem. Quem quiser olhar, que olhe. - Não, você nunca viu continuou. - Poucos homens voltam: a beber, mas aqueles que voltam vêm com uma fábula terrível para contar. Quando se embarca nesse trem, parece que se está no vagão mais limpo e claro que já se viu, com rodas de três metros de altura para que a cama se mantenha bem acima da sarjeta, onde os bêbados estão caídos, com seus sacos cheios de vinho vagabundo e bourbon de segunda. Você fica livre dos olhares maldosos das pessoas que lhe dizem para mudar de atitude, ou para se mandar para outra cidade. Olhando da sarjeta, aquele é o trem mais bonito que já se viu, Lloyd, meu filho. Enfeitado de bandeirinhas, banda na frente e três balizas de cada lado, girando seus bastões e mostrando as calcinhas. Cara, você precisa embarcar nesse trem e se afastar dos bêbados que tomam álcool puto e cheiram o próprio vômito para ficarem altos novamente e procuram na sarjeta guimbas de cigarro.

Bebeu mais dois drinques imaginários e jogou os copos para trás. Podia quase ouvi-los se despedaçando no chão. E, macacos me mordam, se não estivesse ficando alto. Era o Excedrin.

- Então, você embarca - disse a Lloyd - e como é bom estar ali. Meu Deus, positivamente. O trem é a coisa melhor e mais bonita de todo o desfile, e todo o mundo está nas ruas, batendo palmas, gritando e acenando para você. A não ser os bêbados arriados na sarjeta. Aqueles caras costumavam ser seus amigos, mas tudo é passado agora.

Levantou a mão vazia até a boca e bebeu o quarto... faltavam dezesseis. Progredia sensivelmente. Agitou-se um pouco no banco. Deixe-os olhar, se é assim que preferem. Tirem uma foto, gente, lembrança para a posteridade.

- Então você começa a ver coisas, Lloyd. Coisas que não via quando estava na sarjeta. O chão do vagão, por exemplo, não era nada, só tábuas de pinho, tão frescas que ainda expeliam seiva e, se você tirasse os sapatos, com certeza absoluta se machucaria com uma farpa. As únicas coisas que existem no vagão são uns bancos compridos, com encostos altos, sem almofadas para você se sentar, na realidade, não são nada, mas simples bancos de igreja' com um livrinho de hinos a cada dois metros. Todas as pessoas sentadas nos bancos do vagão são mulheres sem busto, de vestidos longos, com uma fitinha no pescoço e o cabelo preso em coque tão apertado que quase se pode ouvi-lo estalando. E todos os rostos são achatados, pálidos e cheios de fervor, todos cantando "Vamo-nos encontrar no riio, o lindo, lindo riiiio", e ali em frente eis uma puta fedorenta de cabelos louros, tocando órgão e pedindo para todos cantarem mais alto, cantarem mais alto. E alguém joga um livrinho de hinos na sua mão e diz "Cante, irmão. Se espera continuar no vagão, tem que cantar de manhã, de tarde e de noite. Principalmente de noite." E é quando você cai em si e vê o que é realmente o vagão, Lloyd. É uma igreja com grades nas janelas, uma igreja para as mulheres e uma prisão para você.

Parou. Lloyd tinha ido embora. Pior ainda, ele nunca tinha estado ali. Os drinques nunca tinham estado ali. Só as pessoas nos reservados, as pessoas do baile à fantasia, e ele podia quase ouvir as gargalhadas sufocadas, quando levavam as mãos à boca e apontavam, os olhos brilhando cheios de crueldade.

Rodopiou mais uma vez.

- Deixem-me...

(sozinho?)

Todos os reservados estavam vazios. As gargalhadas morreram como uma folha de outono. Jack olhou para o saguão vazio por um instante, os olhos bem abertos e sem expressão. Uma pulsação perceptível no centro da testa. E em sua alma uma certeza se formava, e essa certeza era de que ele estava ficando louco. Sentiu necessidade de pegar o banco do bar a seu lado, virá-lo de cabeça para baixo, e sair do lugar como um furacão. Ao invés disso, rodopiou e começou a cantar:

"Me role
na grama,
me role, me deite e faça de novo."

O rosto de Danny surgiu a sua frente, não o rosto normal de Danny, alegre e atento, os olhos brilhando e muito abertos, mas o rosto catatônico e doentio de um estranho de

olhos sem vida e opacos, chupando, como um bebê, o polegar. O que estava fazendo ali sentado, falando sozinho, como um adolescente, enquanto o filho estava lá em cima em algum lugar, agindo como um louco, como Wally Hollis disse que Vic Stenger estava, antes de os homens de camisa branca terem vindo buscá-lo?

(Mas nunca encostei as mãos nele!. Merda, não encostei!)

- Jack? - A voz era tímida e hesitante.

Ficou tão assustado que quase caiu do banco. Wendy estava de pé, junto à porta de vaivém, Danny em seus braços como uma cena idiota de um museu de cena de horror. Os três ali formavam uma cena que atingiu Jack intensamente: pouco antes do início do segundo ato de uma peça antiga que tratava de sobriedade, mas com uma montagem tão pobre que o cenógrafo esquecera de encher as prateleiras do Palácio do Pecado.

- Nunca encostei as mãos nele - disse Jack, veemente. Nunca, desde a noite que quebrei seu braço. Nem sequer para surrá-lo.

- Jack, isso agora não importa. O que importa é...

- Isso importa! - gritou. Esmurrou o bar, com força suficiente para fazer o pratinho vazio de amendoim saltar. - Importa sim, merda, importa.

- Jack, temos que levá-lo embora das montanhas. Ele está...

Danny começou a se agitar. A expressão vaga de seu rosto começou a se desfazer como um bloco grosso de gelo. Os lábios se torciam, como se sentissem um gosto estranho. Os olhos arregalados. As mãos se erguiam, como se fossem se unir e caíam.

Enrijeceu-se abruptamente nos braços da mãe. As costas curvaram-se, fazendo Wendy cambalear. E de repente ele começou a gritar, gritos loucos que saíam de sua garganta como flecha após flecha. O som parecia encher o andar vazio e voltar para eles. Deveria haver ali 100 Dannys gritando de uma vez.

- Jack! - gritou ela, aterrorizada. - Ó Deus, Jack, o que há de errado com ele?

Ele desceu do banco, dormente da cintura para baixo, mais apavorado do que nunca em sua vida. Que buraco seu filho andara bisbilhotando? Que ninho escuro? - E o que havia que pudesse picá-lo?

- Danny! - berrou. - Danny!

Danny o viu. Livrou-se dos braços da mãe com uma força repentina e feroz, que não lhe deu chance de segurá-lo. Ela esbarrou em um dos reservados e quase caiu dentro dele.

- Papai! - gritou, correndo para Jack, os olhos imensos e assustados. - Oh Papai, Papai,

foi ela. Ela! Oh Pa paaaiii...

Jogou-se nos braços de Jack como uma flecha cega, fazendo Jack balançar. Danny agarrou-se ao pai com força, a princípio parecendo esmurrá-lo como .um lptador, depois apertando-lhe o cinto e soluçando junto à camisa do pai. Jack sentia o rosto do filho, quente, encostado na barriga.

Papai, foi ela.

Jack olhou para Wendy. Seus olhos eram como pequenas moedas de prata.

- Wendy? - Voz macia, sussurrando. - Wendy, o que foi que você fez com ele?

Wendy olhou-o fixamente sem poder acreditar, o rosto pálido. Sacudiu a cabeça.

- Oh Jack, você precisa saber...

Lá fora, começara a nevar de novo.

29

CONVERSA NA COZINHA

Jack carregou Danny para a cozinha. O menino ainda estava soluçando muito, recusando-se a tirar o rosto do peito de Jack. Na cozinha, devolveu Danny a Wendy, que ainda estava espantada e sem poder acreditar.

- Jack, não sei do que ele está falando. Por favor, você precisa acreditar.

- Acredito - disse ele, apesar de, no fundo, admitir que lhe dava um certo, prazer ver as posições invertidas, com tamanha rapidez. Mas sua raiva por Wendy era superficial. No fundo, sabia que seria mais fácil a esposa se matar do que magoar Danny.

A chaleira grande de chá estava no fogão, borbulhando. Jack jogou um saquinho de chá na xícara grande de cerâmica, e encheu-a pela metade com água quente.

- Tem vinho aí na cozinha, não tem? - perguntou a Wendy.

- O quê? Oh, sim. Duas ou três garrafas.

- Em qual armário?

Ela apontou, e Jack tirou uma das garrafas. Derramou uma boa quantidade na xícara de chá, guardou a garrafa, e encheu o resto com leite. Depois, acrescentou três colheres de

açúcar e mexeu. Trouxe-a para Danny, que soluçava menos. Mas tremia, e seus olhos estavam arregalados e imóveis.

- Beba isto, doutor - disse Jack. - Tem um gosto horrível, mas vai fazê-lo sentir-se melhor. Pode beber, pelo Papai?

Danny meneou a cabeça e segurou a xícara. Bebeu um pouco, fez uma careta, e olhou, indagativo, para Jack. Este balançou a cabeça, e Danny bebeu. Wendy sentiu um pouco de ciúme, sabendo que, se fosse por ela, o menino não beberia.

A propósito, veio-lhe um pensamento incômodo e assustador: Quisera ela culpar Jack? Seria tão ciumenta? Era como sua mãe teria pensado, e isso lhe parecia realmente uma coisa horrível. Lembrava-se de um domingo, quando o pai a levara ao parque e ela caíra do balanço, machucando os joelhos. Quando o pai a trouxe de volta para casa, a mãe gritou para ele: O que você fez? Por que não tomou conta dela? Que espécie de pai você é?

(Ela o desprezou até a morte; quando se divorciaram, já era muito tarde.)

Nunca dera a Jack o benefício da dúvida. Por menor que fosse. Wendy sentiu o rosto queimar, sabia que, se a coisa toda pudesse repetir-se, agiria e pensaria da mesma maneira. Carregava consigo uma parte de sua mãe sempre, fosse bom ou ruim.

- Jack... - começou ela, sem ter certeza se queria desculpar-se, ou se justificar. Qualquer uma das duas coisas, ela sabia, seria inútil.

- Agora não - disse ele.

Danny levou 15 minutos para beber metade da xícara e, a esta altura, já mostrava-se visivelmente mais calmo. Os tremores haviam praticamente cessado.

Jack colocou as mãos solenemente sobre os ombros do filho.

- Danny, acha que pode nos contar exatamente o que aconteceu com você? É muito importante.

Danny passou os olhos de Jack para Wendy, de Wendy para Jack. O silêncio fez com que percebessem o assobio do vento lá fora, trazendo neve fresca de noroeste; o estalar e o gemido do velho hotel à espera de uma outra tempestade. Tal atordoamento veio a Wendy com força inesperada, como, às vezes, acontecia, semelhante a um aperto no coração.

- Quero... dizer tudo a vocês - falou Danny. - Quem me dera eu tivesse contado antes. - Segurou a xícara, como que consolado com o calor.

- Por que não contou, filho? - Jack passou a mão no cabelo suado e caído sobre a testa

de Danny.

- Porque Tio Al arranjou emprego para você. E eu não podia entender como aqui podia ser bom e ruim ao mesmo tempo para você. Foi... - Olhou paia os pais pedindo ajuda. Não tinha a palavra necessária.

- Um dilema? - Wendy, perguntou gentil. - Quando nenhuma das opções parecem boas?

- Isso mesmo. - Balançou a cabeça, aliviado.

- No dia que você aparou os arbustos - falou Wendy eu e Danny tivemos uma conversa no caminhão. No dia da primeira rajada violenta de neve. Lembra-se?

Jack meneou a cabeça. O dia em que aparou os arbustos estava muito claro em sua mente:

Wendy suspirou.

- Acho que não conversamos muito, não foi, doutor?

Danny, a angústia personificada, sacudiu a cabeça.

- Sobre o que conversaram exatamente? - perguntou Jack. - Não sei se gosto de ver minha mulher e meu filho...

conversando sobre o quanto o amam?

- Seja lá o que for, não entendo. Sinto-me como se tivesse chegado ao cinema no meio do filme.

- Falávamos sobre você - disse Wendy, com calma. - E talvez não tenhamos dito tudo em palavras, mas nós dois sabíamos. Eu porque sou sua mulher, e Danny porque ele... simplesmente entende coisas.

Jack estava calado.

- Danny o disse muito bem. O lugar parecia bom para você. Ficaria longe das pressões que o faziam tão infeliz em Stovington. Seria seu próprio patrão, trabalhando com as mãos para poupar o cérebro... todo o seu cérebro... para poder escrever à noite. Depois... não sei bem quando... o lugar começou a parecer ruim para você. Passando aquele tempo todo lá embaixo no porão, revirando aqueles papéis velhos, toda aquela história antiga. Falando dormindo...

- Dormindo? - perguntou Jack. Seu rosto tinha uma expressão cautelosa e espantada. - Falo dormindo?

- A maior parte é bobagem. Certa vez, levantei para ir ao banheiro e você dizia: "Para o inferno com isso, mostrem pelo menos as pegadas, ninguém vai saber, ninguém nunca vai saber." Outra vez você me acordou, praticamente gritando: "Tirem as máscaras, tirem as máscaras, tirem as máscaras."

- Jesus Cristo - exclamou Jack, passando a mão no rosto. Parecia doente.

- E seus velhos hábitos de quando bebia também. Mastigar Excedrin. Esfregar a boca a toda hora. Mal-humorado de manhã. E não conseguiu ainda terminar a peça, não é?

- Não. Ainda não, mas é só uma questão de tempo. Tenho pensado em outra coisa... um novo projeto...

- Este hotel. O projeto sobre o qual Al Shockley telefonou. O que ele queria que você esquecesse.

- Como sabe? - vociferou Jack. - Estava ouvindo a conversa? Você...

- Não - disse ela. - Não poderia ouvir mesmo que quisesse, e você sabe disso. Danny e eu estávamos lá embaixo aquela noite. A mesa do telefone estava desligada. O telefone lá de cima era o único do hotel que estava funcionando, porque estava ligado na linha direta. Você mesmo me disse isso.

- Como pode então saber o que Al me disse?

- Danny me contou. Danny sabia. Da mesma forma que, às vezes, sabe quando as coisas estão fora do lugar, ou quando as pessoas estão pensando em divórcio.

- O médico disse...

Ela sacudiu a cabeça, impaciente.

- O médico é uma merda, e nós sabemos disso. Sempre soubemos. Lembra-se de quando Danny disse que queria ver os caminhões do corpo de bombeiros? Isso não foi intuição. Ele era apenas um bebê. Ele sabe coisas. E agora tenho medo... - Olhou para os ferimentos no pescoço de Danny.

- Você realmente sabia por que Tio A(telefonou para mim, Danny?

Danny meneou a cabeça.

- Ele estava com raiva mesmo, Papai. Porque você telefonou para o Sr. Ullman, e este telefonou para ele. Tio Al não queria que você escrevesse nada sobre o hotel.

- Jesus - disse Jack, novamente. - Os ferimentos, Danny. Quem tentou estrangulá-lo?

O rosto de Danny escureceu.

- Ela. - exclamou o garoto. - A mulher naquele quarto. No 217. A mulher morta. - Seus lábios voltaram a tremer, e ele apanhou a xícara de chá e bebeu.

Jack e Wendy se entreolharam sobre a cabeça inclinada de Danny.

- Sabe alguma coisa sobre isso? - perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça.

- Sobre isso não.

- Danny? - Jack levantou o rosto amedrontado do menino. - Tente, filho. Estamos aqui.

- Eu sabia que aqui era ruim - disse Danny, baixinho. Desde Boulder. Porque Tony me fez sonhar sobre isso.

- Que sonhos?

- Não consigo lembrar tudo. Ele me mostrou o Overlook de noite, com uma caveira e ossos cruzados na frente. E eu ouvia ruídos de batidas. Alguma coisa... não lembro o que... me perseguindo. Um monstro. Tony me mostrou redrum.

- O que é isso, doutor? - perguntou Wendy.

O garoto sacudiu a cabeça.

- Não sei.

- Rum, como garrafa de rum? - perguntou Jack.

Danny sacudiu a cabeça novamente.

- Não sei. Então, nós chegamos aqui, e o Sr. Hallorann conversou comigo no carro. Porque ele é iluminado também.

- Iluminado?

- É... - Danny fez um gesto com as mãos. - Ser capaz de entender coisas. Saber coisas. Às vezes, a gente vê coisas. Como eu soube que Tio AL telefonou. E o Sr. Hallorann, sabendo que vocês, me chamam de doutor. O Sr. Hallorann, ele estava descascando batatas no Exército, quando ficou sabendo que o irmão dele tinha morrido num desastre de trem. E quando telefonou para casa, era verdade.

- Santo Deus - sussurrou Jack. - Você está inventando isso tudo, está, Dan?

Danny sacudiu a cabeça com violência.

- Não, juro por Deus. - Em seguida, com uma pontinha de orgulho, acrescentou: - O Sr. Halloran disse que eu sou a pessoa mais iluminada que ele já conheceu. A gente conversou sem quase abrir nossas bocas.

Os pais se entreolharam novamente, completamente atordoados.

- O Sr. Hallorann quis ficar sozinho comigo porque estava preocupado - prosseguiu Danny. - Ele disse que aqui era um lugar ruim para os iluminados. Falou que vira coisas. Eu vi alguma coisa também. Logo depois que conversei com ele. Quando o Sr. Ullman estava mostrando as coisas para nós.

- O que foi? - perguntou Jack.

- Na Suíte Presidencial. Na parede perto da porta que dá para o quarto. Uma porção de sangue, e outras coisas. Coisa espirrada. Acho... que eram miolos.

- Ó meu Deus! - exclamou Jack.

Wendy estava agora muito pálida, os lábios quase cinzentos.

- Este lugar - continuou Jack - Alguns caras ordinários foram donos daqui há algum tempo atrás. Gente da Máfia de Las Vegas.

- Trapaceiros? - perguntou Danny.

- Sim, trapaceiros. - Olhou para Wendy. - Em 1966, um grandão chamado Vito Gienelli foi morto lá, com dois guarda-costas. Havia uma fotografia no jornal. Danny acabou de descrever a fotografia.

- O Sr. Hallorann disse que viu outras coisas - falou Danny. - Uma vez foi no playground. E outra vez foi uma coisa ruim no apartamento 217. Uma empregada viu e perdeu o emprego porque falou nisso. Então, o Sr. Hallorann subiu e viu também. Mas não contou nada para ninguém, porque ele não queria perder o emprego. Mas falou para eu nunca ir lá. Mas eu fui. Porque acreditei quando ele disse que as coisas que a gente vê aqui não nos podem ferir. - Este final foi quase sussurrado, numa voz baixa e rouca, e Danny tocou os ferimentos inchados do pescoço.

- E o playground? - perguntou Jack, com uma voz estranha c casual.

- Não sei. O playground foi ele quem disse. Os arbustos em forma de animais.

Jack deu um pequeno pulo, e Wendy olhou-o curiosamente.

- Você viu alguma coisa por lá, Jack?

- Não - disse ele. - Nada.

Danny estava olhando para ele.

- Nada - disse o pai, com mais calma. E era verdade. Ele tinha sido vítima de uma alucinação. Foi só.

- Danny, temos que ouvir sobre a mulher - falou Wendy, gentilmente.

Então, Danny contou-lhes, mas suas palavras saíam aos borbotões, às vezes quase incompreensíveis, na pressa de vomitar tudo e se livrar do assunto; apertando-se cada vez mais de encontro ao peito da mãe, enquanto falava.

- Entrei - disse o garoto. - Roubei a chave mestra, e entrei. Era como se eu não pudesse me controlar. Eu precisava saber. E ela... a mulher... estava na banheira. Ela estava morta. Toda inchada. Ela estava pelada... não vestia nada. - Olhou desconsoladamente para a mãe. - E ela começou a se levantar, e ela me queria. Eu sei que sim, porque eu sentia. Ela não estava nem pensando do jeito que você e papai pensam. Era feio... era pensamento mau... como... como as vespas aquela noite no meu quarto! Só querendo machucar. Como as vespas.

Ele engoliu em seco e houve silêncio por um momento, tudo quieto enquanto a imagem das vespas se afundava dentro deles.

- Então, eu corri - continuou Danny. - Corri, mas a porta estava fechada. Deixei aberta, mas estava fechada. Não pensei em simplesmente abrir de novo e sair correndo. Eu estava com medo. Então eu só... me encostei na porta e fechei meus olhos e pensei sobre o que o Sr. Hallorann disse, de que tais coisas eram como desenhos de um livro, e se eu... ficasse dizendo para mim mesmo... você não está aí, vá embora, você não está aí... a mulher iria embora. Mas não funcionou.

Sua voz começou a aumentar histericamente.

- Ela me agarrou... me virou de frente... e eu vi os olhos dela... os olhos dela eram... e ela começou a me estrangular... eu sentia o cheiro dela... Sentia o cheiro de morte...

- Pare agora, shhh - disse Wendy, alarmada. - Pare Danny. Está tudo bem. É...

Já ia começar a cantarolar. Wendy Torrance a cantora de qualquer hora, para qualquer coisa. Especial.

- Deixe-o terminar - disse Jack, peremptório.

- Não tem mais nada - falou Danny. - Eu desmaiei. Ou porque ela estava me

estrangulando, ou porque eu estava com medo. Quando voltei a mim, estava sonhando que você e Mamãe estavam brigando por minha causa, e que você queria fazer a Coisa Feia de novo, Papai. Então, fiquei sabendo que não era um sonho... e que eu estava acordado... e... e fiz xixi na calça. Molhei minha calça como um bebê. - Sua cabeça caiu sobre o suéter de Wendy, e o garoto começou a chorar com uma fraqueza terrível, suas mãos largadas, caídas sobre as pernas.

Jack levantou-se.

- Tome conta dele.

- O que você vai fazer? - O rosto de Wendy estava cheio de medo.

- Vou subir até aquele quarto, o que você pensou que eu ia fazer? Tomar um cafezinho?

- Não, Jack. Não vá, por favor, não vá!

- Wendy, se há mais alguém no hotel, temos que saber.

- Não se atreva a nos deixar aqui sozinhos! - gritou ela; chegando a cuspir tão forte era o grito.

- Wendy, isso é uma imitação perfeita de sua mãezinha.

Ela então começou a chorar, sem poder cobrir o rosto, porque Danny estava em seu colo.

- Sinto muito - falou Jack. - Mas tenho que ir, e você sabe. Sou a droga do zelador. Sou pago para isso.

Ela simplesmente chorava mais, e ele os deixou ali assim, saindo da cozinha, esfregando a boca com o lenço, enquanto a porta balançava atrás dele.

- Não se preocupe Mamãe. Vai correr tudo bem com ele. Ele não é iluminado. Nada por aqui pode feri-lo.

Em meio às lágrimas, ela disse:

- Não, não acredito nisso.

30

217 REVISITADO

Tomou o elevador para subir, e era estranho, porque nenhum deles usara o elevador desde que se mudaram. Fechou a grade de metal e ela rangeu e sacudiu como louca, enquanto o elevador subia. Wendy sentia uma terrível claustrofobia no elevador, ele sabia. Ela visualizava os três, presos entre os andares, enquanto a tempestade se enraivecia lá fora, podia vê-los cada vez mais magros, mais fracos morrendo de inanição. Ou talvez, devorando-se uns aos outros, como aqueles jogadores de rúgbi fizeram. Ele se lembrava de um adesivo que tinha visto em um carro em Boulder, JOGADORES DE RÚGBI COMEM SEUS PRÓPRIOS MORTOS.

Pensava em outros. VOCÊ É AQUILO QUE COME. Ou frases do cardápio. Bem-vindo ao Restaurante do Overlook, o Orgulho das Rochosas. Coma sob o esplendor do Telhado do Mundo. Coxa Humana Grelhada La Spécialité de La Maison. O sorriso desprezivo brilhou mais uma vez em seu rosto.

Quando o número 2 apareceu na parede, empurrou a grade para sua posição primitiva, e o elevador parou. Tirou o Excedrin do bolso, sacudiu três na mão e abriu a porta do elevador. Nada no Overlook o apavorava. Sentia que ele e o hotel eram simpáticos.

Caminhou pelo corredor, jogando o Excedrin na boca, e mastigando um a um. Dobrou o corredor e tomou o corredor pequeno. A porta do Apartamento 217 estava entreaberta, e a chave mestra estava pendurada na fechadura.

Franziu as sobrancelhas, sentindo uma onda de irritação e verdadeira raiva. Fosse o que fosse, o menino tinha violado uma ordem expressa. Fora informado, e de forma muito taxativa, de que algumas áreas do hotel estavam fora dos limites: o depósito, o porão e todos os quartos de hóspedes. Conversaria com Danny sobre isso, assim que o menino se acalmasse. Conversaria com ele ponderada, mas severamente. Havia muitos pais que fariam mais do que simplesmente conversar. Dariam umas boas palmadas, e talvez fosse isso que Danny precisava. Se o menino tinha ficado com medo, não seria isso o que ele merecia?

Caminhou até a porta, retirou a chave mestra, meteu-a no bolso, e entrou. A luz estava acesa. Olhou a cama, viu que não estava desarrumada, e então foi direito ao banheiro. Uma curiosa certeza crescera dentro dele. Apesar de Watson não ter mencionado nomes, nem números de apartamentos, Jack teve certeza de que este era o apartamento onde a mulher do advogado dormira com seu amante, e que este era o banheiro onde ela foi encontrada morta, cheia de barbitúricos e de álcool.

Abriu a porta espelhada do banheiro e entrou. A luz estava apagada. Acendeu-a e observou aquele cômodo que parecia um vagão de trem, decorado no estilo distinto do início do século XIX, e remodelado em estilo do século XX, que parecia ser comum a todos os banheiros do Overlook, excluindo os do terceiro andar esses eram bizantinos, adequados à realeza, aos políticos, estrelas de cinema e mafiosos, que haviam se hospedado lá, no decorrer dos anos.

A cortina do chuveiro, cor-de-rosa, estava fechada protetoramente em volta da banheira

com pés.

(no entanto se movia)

E pela primeira vez sentiu que a nova sensação de segurança (quase insolência) que se apossara dele quando Danny foi a seu encontro, gritando Foi ela! Foi ela!, o abandonava. Um dedo frio pressionou levemente a base de sua espinha, fazendo sua temperatura cair 10 graus. Foi seguido por outros e, de repente, subiram por suas costas até a omoplata, tocando sua espinha como um instrumento selvagem.

A raiva que sentia de Danny desapareceu, e enquanto dava um passo à frente e empurrava a cortina de volta, sentiu sua boca seca e teve apenas pena do filho, e medo.

A banheira estava seca e vazia.

Alívio e irritação desabafaram num repentino "Pó!" que escapou de seus lábios comprimidos, como uma pequena explosão. A banheira tinha sido limpa e esfregada no fim da estação; fora a mancha de ferrugem debaixo das torneiras, tudo reluzia. Havia um cheiro longe, mas definido, de desinfetante, do tipo que pode irritar o nariz durante semanas, meses, uma vez usado.

Curvou-se e passou os dedos pelo fundo da banheira. Seca como um osso. Nem um sinal de umidade. O menino tinha tido ou uma alucinação, ou um sonho. Sentiu raiva de novo. Foi quando o tapete do banheiro atraiu sua atenção. Inclinou-se para ele. O que fazia um tapete ali? Devia estar lá embaixo, no armário de roupas de cama e banho. A roupa toda estava lá. Nem as camas estavam realmente feitas nos quartos de hóspedes; os colchões estavam forrados com capas de plástico e cobertos com colchas. Pensou que Danny tivesse descido e apanhado - a chave mestra abriria o armário - mas, por quê? Passou a ponta dos dedos em toda a extensão do tapete. Estava seco.

Voltou à porta do banheiro e ficou parado ali. Estava tudo em ordem. O menino tinha sonhado. Não havia nada fora do lugar. Estava confuso com a presença do tapete de banheiro, mas a explicação lógica era que alguma camareira, apressada como louca no último dia de temporada, simplesmente tivesse esquecido de apanhá-lo. A não ser por isso, tudo estava...

Suas narinas dilataram-se um pouco. Desinfetante, aquele cheiro peculiar, desinfetante. E...

Sabonete?

Certamente não. Mas uma vez identificado, o cheiro era muito claro para não se sentir. Sabonete. Mas não daqueles sabonetes Ivory tamanho gigante, que se recebem nos hotéis ou motéis. Este odor era leve e perfumado, um sabonete de mulher. Tinha um cheiro rosado. Camay ou Lowila, a marca que Wendy sempre usara em Stovington.

(Não é nada. É sua imaginação.)

(Assim como os arbustos; no entanto se moveram)

(Não se moveram!)

Atravessou a porta que dava para o hall, sentindo a dor de cabeça começar em suas têmporas. Muita coisa acontecera hoje, coisas demais. Não espancaria o menino, nem lhe daria palmadas, apenas conversaria com ele, mas, por Deus, não ia acrescentar a seus problemas o Apartamento 217. Não com base num tapete de banheiro seco e num cheiro de sabonete Lowila. Ele...

Houve um som metálico atrás dele. Surgiu assim que suas mãos se fecharam em volta da maçaneta, e um observador poderia pensar que o aço da maçaneta carregava uma carga elétrica. Ele estremeceu violentamente, olhos arregalados, contorção dos músculos faciais, caretas.

Em seguida, controlou-se um pouco, soltou a maçaneta e voltou-se cuidadosamente. Suas juntas estalaram. Começou a andar de volta à porta do banheiro, passo a passo.

A cortina do chuveiro, que ele tinha puxado para olhar dentro da banheira, estava agora fechada. O som metálico que lhe parecera como movimento de ossos numa cripta, tinha sido dos anéis da cortina, no trilho. Jack olhou fixamente para a cortina. Tinha o rosto lívido, como se tivesse sido encerado, mas sentia um calor de medo por dentro. O mesmo que sentira no playground.

Havia alguma coisa atrás da cortina de plástico cor-de-rosa. Havia alguma coisa na banheira.

Podia sentir, embaciado e turvo, através do plástico, um formato quase amorfo. Poderia ser qualquer coisa. Uma ilusão de óptica. A sombra do chuveiro. Uma mulher morta, reclinada em seu banho, um sabonete Lowila em uma das mãos inchadas, enquanto esperava pacientemente por qualquer amante que aparecesse.

Jack ordenou a si mesmo que desse um passo à frente, com coragem, e abrisse a cortina. Para expor o que quer que pudesse estar lá. Ao invés disso, deu as costas, tremendo, passos largos, o coração batendo amedrontado dentro do peito, e voltou ao quarto.

A porta para o corredor estava fechada.

Olhou imobilizado para ela durante um longo segundo. Sentia o gosto do terror agora. No fundo da garganta, como o sabor de cerejas passadas.

Caminhou até a porta com os mesmos passos largos e trêmulos e forçou a maçaneta.

(Não vai abrir.)

Mas abriu.

Apagou a luz com um gesto desajeitado, pisou no corredor, fechou a porta sem olhar para trás. Lá dentro, parecia ouvir o ruído de alguma coisa molhada, longe, difícil de distinguir, como se alguma coisa tivesse acabado de se arrastar com surpresa, da banheira, para saudar um visitante, como se concluísse que o visitante estava indo embora antes do término das amenidades sociais, por isso corria para porta, toda roxa e sorridente, para convidar o visitante a entrar novamente. Talvez para sempre.

Passos se aproximando da porta, ou seria apenas o bater de seu coração nos ouvidos?

Apalpou a chave mestra. Parecia escorregadia, incapaz de girar na fechadura. Segurou-a firme. Trancou a porta, e deu alguns passos atrás, encostando-se na parede em frente à porta, e um suspiro de alívio escapou-lhe. Fechou os olhos, e todas aquelas velhas frases começaram a desfilar por sua mente, parecia haver centenas delas,

(ficando doido com um parafuso solto o cara ficou maluco ficou tantã enlouqueceu endoidou biruta maluco)

todas com o mesmo significado: ficando louco.

- Não - choramingou, dificilmente consciente de que tinha ficado reduzido a isto, choramingando com os olhos fechados como uma criança. - Oh não, Deus. Por favor, Deus, não.

Mas debaixo da confusão de seus pensamentos caóticos, debaixo do martelo mecânico em que se transformou seu coração, podia ouvir o ruído leve e furtivo da maçaneta sendo virada pari um lado e outro, como se alguma coisa trancada lá dentro tentasse inutilmente sair, alguma coisa que queria encontrá-lo, alguma coisa que gostaria de ser apresentada a sua família, enquanto a tempestade sacudia em torno deles, e a clara luz do dia tornava-se noite escura. Se abrisse os olhos e visse aquela maçaneta se mexendo, ficaria buço. Portanto, manteve-os fechados e, depois de algum tempo, houve calma.

Jack esforçou-se por abrir os olhos, meio convencido de que, quando o fizesse, ela estaria diante dele. Mas o corredor estava vazio.

Sentiu-se observado da mesma forma.

Olhou para o olho mágico no centro da porta e imaginou o que aconteceria se se aproximasse e olhasse por ele. Com que se defrontaria?

Seus pés se moviam

(os pés não me faltarão agora)

antes que percebesse. Afastou-se da porta e caminhou pelo corredor principal, seus pés deslizavam na mata azule negra do tapete. Parou na metade do caminho para as escadas e olhou para o extintor de incêndio. Achou que as dobras da mangueira estavam ajeitadas de forma um pouco diferente. E tinha quase certeza de que o bocal de metal estava virado de frente para o elevador, quando chegou ao corredor. Agora estava virado para o outro lado.

- Não vi nada disso - falou Jack Torrance, muito claramente. Seu rosto estava branco e desfigurado, e a boca continuava tentando sorrir.

Mas não desceu pelo elevador. Ele se parecia muito com uma boca aberta. Demasiadamente. Foi pela escada.

31

O VEREDICTO

Entrou na cozinha e olhou-os, jogando a chave mestra para cima com a mão esquerda, e aparando-a. Danny estava pálido e cansado. Wendy tinha chorado, ele notou; os olhos dela estavam vermelhos e com olheiras. Sentiu uma súbita explosão de alegria por isso. Não estava sofrendo sozinho, isto era certo.

Olharam-no em silêncio.

- Nada por lá - disse ele, surpreso com a sinceridade de sua voz. - Absolutamente nada.

Jogava a chave mestra para cima, sorrindo, seguro, para eles, observando o ar aliviado em seus rostos, e pensou que jamais em sua vida tinha tido tanta vontade de beber quanto agora.

32

O QUARTO

A tardinha, Jack apanhou uma cama de armar no depósito do primeiro andar e colocou-a no canto de seu quarto. Wendy esperara que o menino não fosse dormir bem à noite, mas antes de Os Waltons terem terminado, Danny já estava cochilando, e 15 minutos depois de o cobrirem, ele dormia a sono solto, imóvel, uma das mãos sob a bochecha. Wendy sentou-se, olhando para ele, marcando o livro de bolso com o dedo.

Jack sentara-se à escrivaninha, examinando a peça.

- Merda - disse Jack.

Wendy desviou o olhar de contemplação a Danny.

- Que é?

- Nada.

Baixou os olhos para a peça com mau humor. Como pôde ter achado isso bom? Era pueril. Tinha sido feita milhares de vezes. Pior, não tinha idéia de como ia terminá-la. Já tinha parecido simples. Denker, num acesso de cólera, agarra o espeto junto da lareira e bate em Gary até vê-lo morto. Em seguida, parado de pernas abertas sobre o corpo, o espeto sujo de sangue em uma das mãos, grita para o público: "Está por aqui, em algum lugar, e eu vou encontrar!" Então, ao apagar das luzes, e ao cair do pano, o público vê o corpo de Gary, de bruços, na frente do palco, enquanto Denker caminha a passos largos para a estante e, agitadamente, começa a arrancar os livros das prateleiras, olhando-os, jogando-os para o lado. Achou que o tema já tinha sido muito explorado para poder ser considerado novidade, novidade seria se a peça conseguisse uma temporada de sucesso na Broadway: uma tragédia em cinco atos.

Mas, além de sua repentina mudança de interesse para a história do Overlook, uma outra coisa acontecera. Desenvolvera sentimentos opostos com relação a seus personagens. Isso era algo muito recente. Em geral, gostava de todos os seus personagens, os bons e os maus. Ficava contente por isso. Permitia-lhe tentar ver todos os seus ângulos, e entender mais claramente suas motivações. Sua história favorita, vendida para uma pequena revista ao sul do Maine chamada Contrabando, era uma peça de nome Eis Aqui o Macaco, Paul DeLong. Era sobre um corruptor de crianças, a ponto de cometer suicídio em seu quarto. O nome do corruptor de crianças era Paul DeLong, Macaco para os íntimos. Jack gostava muito de Macaco. Sentia pena de suas necessidades bizarras, sabendo que ele não era o único culpado pelos três crimes de estupro, no passado. Havia pais ruins, o pai dele o espancava, exatamente como seu próprio pai, a mãe era uma molenga e tola, como sua mãe fora. Uma experiência homossexual no curso primário. Humilhação em público. Experiências piores no científico e na universidade. Fora preso e enviado a um estabelecimento para doentes mentais, depois de se exibir para duas menininhas que desciam do ônibus escolar. Pior que tudo, tivera que sair de lá, abandonado pelas ruas, porque o diretor decidira que ele estava bem. O nome deste homem era Grimmer. Grimmer sabia que Macaco DeLong apresentava sintomas anormais, - mas escrevera o relatório bom e promissor, e o deixara ir de qualquer Turma. Jack gostava e se simpatizava com Grimmer, também. Grimmer tinha que dirigir um estabelecimento sem pessoal competente e sem verba, e tentar manter a coisa toda à custa de saliva, cercas de arame e donativos pequenos, dotações do governo estadual que tinha que se defrontar com os eleitores. Grimmer sabia que Macaco podia relacionar-se com outras pessoas, que não sujava a calça, e nem tentava apunhalar seus companheiros com uma tesoura. Não pensava que era Napoleão. O psiquiatra que cuidava do caso de Macaco achava que suas chances seriam bem melhores na rua, e ambos sabiam que, quanto mais tempo um indivíduo fica num hospital psiquiátrico,

mais se torna dependente daquele ambiente fechado, como um viciado em drogas. Ao mesmo tempo, havia gente saindo pela janela. Paranóicos, esquizóides, ciclotímicos, semi-catatônicos, homens que afirmavam ter ido ao céu em discos voadores, mulheres que haviam queimado a genitália dos filhos, alcoólatras, piromaníacos. cleptomaníacos, maníaco-depressivos, suicidas. Mundo cão, rapaz. Se não estiver muito bem regulado, vai sacudir, espernear e rolar, antes de completar 30 anos. Jack compreendia o problemas de Grimmer. Entendia os pais das vítimas assassinadas. Tinha pena das próprias crianças mortas, claro. E de Macaco DeLong. Deixe que o leitor o culpe. Naquela época não queria julgar. O manto de moralista pesava-lhes sobre os ombros.

Começara A Pequena Escola com a mesma veia otimista. Mas, ultimamente, começara a escolher os lados, e, ainda pior, chegara a detestar seu herói, Gary Benson. A princípio concebido como um menino inteligente, mais amaldiçoado do que abençoado pelo dinheiro, um menino que queria acima de tudo colecionar notas altas, para poder ingressar numa boa universidade por merecimento e não porque o pai mexera os pauzinhos, tomara-se para Jack uma espécie de pudico, um seminarista diante do altar de conhecimentos, ao invés de um coroinha contrito, um modelo visível das virtudes dos escoteiros, por dentro um cínico, cheio, não de inteligência (como tinha sido idealizado, a princípio), mas apenas de uma esperteza animal dissimulada. Durante toda a peça se dirigia a Denker infalivelmente como "senhor", exatamente como Jack ensinara ao próprio filho a se dirigir às pessoas mais velhas e de mais autoridade. Achava que Danny usava a palavra muito sinceramente, e Gary Benson, como a princípio idealizado, também, mas, assim que começara o Ato V, vinha-lhe cada vez mais forte que Gary usava a palavra de maneira satírica, exteriormente um cara correto, enquanto em seu íntimo fazia caretas e olhava de esguelha para Denker. Este, que jamais possuíra qualquer das coisas que Gary tinha. Denker, que tivera que trabalhar a vida inteira, apenas para se tornar diretor de uma única escolinha. Defrontava-se com a ruína, por causa de um menino rico, bonito, aparentemente inocente, que colara nas provas finais, e tinha então espertamente disfarçado. Jack vira Denker, o professor, não muito diferente dos apavorados pequenos césares sul-americanos, nus seus reinos de bananas, mantendo os dissidentes contra o muro da quadra mais próxima de tênis ou handball, um superfanático em um atoleiro relativamente pequeno, um homem cujos caprichos se transformam numa cruzada. No início, queria usar a peia como um microcosmo para dizer alguma coisa sobre o abuso do poder. Agora, tinha uma tendência sempre maior de ver Denker como um Sr. Chips, e a tragédia não era uma tortura intelectual de Gary Benson, mas a destruição de um professor e diretor velho, incapaz de ver através tio cínico embuste deste monstro mascarado de menino.

Não pudera terminar a peça.

Sentava-se agora olhando para ela, com o olhar zangado, imaginando se havia algum modo de salvar a situação. Na realidade, não achava que houvesse. Começara com uma peça, e de alguma forma ela se transformara em outra. Abracadabra. Bem, que diabo. De qualquer forma, já tinha sido feita antes. Era um caminhão de merda. E por que enlouquecia em cima dela, hoje à noite? Depois do dia que passara, não se admirava por não conseguir raciocinar.

- ... levá-lo?

Levantou os olhos, tentando afastar as teias de aranha.

- Hem?

- Eu disse, como vamos levá-lo? Temos que levá-lo daqui, Jack.

Por um momento, seu raciocínio ficou tão embotado que nem sequer tinha certeza sobre o que a esposa estava falando. Compreendeu então, e deu uma gargalhada.

- Diz isso como se fosse muito fácil.

- Não quis dizer...

- Não há problema, Wendy. Vou apenas mudar de roupa naquela cabine telefônica do saguão, e levá-lo voando em minhas costas até Denver. Super-Homem Jack Torrance, era assim que me chamavam nos velhos tempos.

O rosto de Wendy demonstrou uma leve mágoa.

- Entendo o problema, Jack. O rádio está quebrado. A neve... mas você precisa entender o problema de Danny. Meu Deus, será que você não entende? Ele ficou quase catatônico, Jack! E se ele não tivesse melhorado?

- Mas melhorou - falou Jack, em poucas palavras. Ele também tinha ficado com medo dos olhos sem expressão de Danny, sem emoção, claro que tinha. A princípio. Mas quanto mais pensava no assunto, mais imaginava se não teria sido uma mentirinha, para se livrar do castigo. Afinal de contas ele havia violado uma ordem que lhe tinha sido expressamente dada.

- Assim mesmo - disse ela. Aproximou-se dele e sentou-se na ponta da cama junto da escrivaninha. Seu rosto estava preocupado e surpreso. - Jack, os ferimentos no pescoço dele! Foi alguma coisa! E quero afastá-lo disso!

- Não grite. Minha cabeça está doendo, Wendy. Estou tão preocupado quanto você, portanto, por favor... não... grite.

- Está bem - disse ela, baixando a voz. - Não vou gritar. Mas não o entendo, Jack. Alguém está aqui conosco. E não é alguém muito interessante. Temos que descer a Sidewinder, não só Danny, como todos nós. Rapidamente. E você... você fica aí sentado lendo sua peça.

- Temos que descer, temos que descer... você só fica dizendo isso. Acho que você pensa que eu realmente sou um super-homem.

- Acho que você é meu marido - falou Wendy com calma, e baixou o olhar para suas mãos.

As têmporas de Jack latejavam. Bateu o original da peça contra a mesa, desalinhando a pilha de papel e amassando as folhas de baixo.

Está na hora de você ouvir algumas verdades, Wendy. Você não parece tê-las assimilado, como dizem os sociólogos. Está tudo solto em sua cabeça, como uma porção de bolas de bilhar. Você precisa aceita-las. Precisa entender que estamos cercados pela neve.

Danny, de repente, começou a ficar inquieto na cama. Ainda dormindo, começou a virar de um lado para o outro. Da mesma maneira que ficava, quando nós brigávamos, pensou Wendy, sombria. E estamos fazendo o mesmo de novo.

- Não o acorde, Jack. Por favor.

Ele olhou para Danny e um pouco do rubor de suas faces havia desaparecido.

- OK. Desculpe-me. Desculpe-me se pareci irritado, Wendy. Não é por sua causa. Mas, eu quebrei o rádio. Se a culpa é de alguém, tem que ser minha. Era nosso grande meio de comunicação com o mundo exterior. Acabou-se a brincadeira. Por favor, venha nos buscar Sr. Guarda-Florestal, não podemos ficar até tão tarde.

- Não - disse ela, e colocou a mão em seu ombro. Ele encostou a cabeça na mão dela. Ela ajeitou o cabelo dele com a outra mão. - Acho que tem algum direito, depois do que lhe acusei. As vezes, sou como minha mãe. Posso ser uma cadela. Mas você precisa entender que algumas coisas... são difíceis de se superar. Tem que entender isso.

- Você quer dizer o braço dele? - Seus lábios se estreitaram.

- Sim - disse Wendy, e continuou rapidamente. - Mas não é só você. Preocupo-me quando ele vai brincar lá fora. Preocupo-me com o fato de ele querer uma bicicleta no ano que vem, mesmo sendo uma com rodinhas auxiliares. Preocupo-me com seus dentes, sua visão, e com esta coisa que ele chama de luz. Preocupo-me. Porque ele é pequeno, e parece tão indefeso, e porque... porque alguma coisa neste hotel parece desejá-lo. E vai passar por cima de nós para apanhá-lo, se for preciso. P por isso que temos que levá-lo daqui, Jack. Sei disso! Sinto isso! Temos que levá-lo.

As mãos dela apertaram-se dolorosamente nos ombros do marido, por causa da agitação, mas ele ficou imóvel. Uma de suas mãos encontrou o seio esquerdo da mulher, e ele começou a acariciá-lo por cima da blusa.

- Wendy - disse ele, e parou. Esperou que ele reestruturasse o que quer que fosse dizer. A mão forte sobre seu seio era gostoso e apaziguador. - Eu poderia descer deslizando

com ele. Ele poderia andar sozinho metade do caminho, mas eu teria que carregá-lo a maior parte do tempo. Significaria ter que acampar uma, duas ou três noites. Isso implicaria em ter-se que montar uma mochila para carregar os utensílios e os colchonetes enrolados. Temos o rádio AM/FM, portanto poderíamos escolher um dia quando a previsão do tempo previsse três dias de estiagem. Mas se a previsão estivesse errada - concluiu, a voz macia e comedida - acho que poderíamos morrer.

O rosto dela empalidecera. Parecia transparente, quase fantasmagórico. Ele continuava a acariciar-lhe o seio, esfregando a ponta do polegar no mamilo.

Ela emitiu um som suave... por causa das palavras do marido, ou da leve pressão em seu seio, ele não sabia. Levantou um pouco a mão e desabotoou o primeiro botão de sua blusa. Wendy mexeu um pouco as pernas. De repente seus jeans ficaram muito apertados, quase irritantes de forma agradável.

- Significaria ter que deixá-la sozinha porque você em matéria de caminhar na neve não vale um tostão. Seriam três dias ao deus dará. Quer isso? - Sua mão desceu ao segundo botão, afastou-o, e o espaço entre os dois seios ficou à mostra.

- Não - disse ela com uma voz um pouco cheia. Olhou para Danny. Tinha parado de se virar de um lado para outro. O polegar voltara à boca. Tudo bem. Mas Jack estava omitindo alguma coisa. Tudo era desanimador. Haveria alguma coisa a mais... o quê?

- Se ficarmos - disse Jack, desabotoando o terceiro e o quarto botões com aquela mesma lentidão deliberada - um guarda-florestal, ou um fiscal de caça virá aqui bisbilhotar para descobrir como estamos. Nesse momento, nós, simplesmente, diremos que queremos descer. Ele irá providenciar. - Alisou seu busto pelo V da blusa aberta, curvou-se, e encaixou os lábios em um mamilo. Era duro e levantado. Deslizou a língua devagar de um lado para outro, de um jeito que sabia que ela gostava. Wendy gemeu um pouco e arqueou as costas.

(?Alguma coisa que eu esqueci?)

- Amor? - ela perguntou. Suas mãos buscavam a cabeça do marido, de tal forma que, quando ele respondeu, a voz estava amortecida pela carne da mulher.

- Como é que o guarda-florestal nos levaria?

Ele levantou um pouco a cabeça para responder, e então colocou a boca no outro mamilo.

- Se o helicóptero não puder ser utilizado, acho que teria que ser em um snowmobile *

* Veículo a motor, adaptado especialmente para andar na neve, e equipado com esqui, no lugar de rodas. (N. da T.)

(!!!)

- Mas temos um! Ullman disse que sim!

Sua boca gelou no seio dela por um momento, e então ele se sentou. O próprio rosto de Wendy estava vermelho, e os olhos faiscando. Os de Jack, por outro lado, estavam calmos como se ele estivesse lendo um livro meio sem graça ao invés de tirar um sarro com a mulher,

- Se há um snowmobile, não há problema - continuou Wendy, animada.. - Podemos descer os três juntos.

- Wendy, nunca dirigi um snowmobile em minha vida.

- Não pode ser tão difícil de se aprender. Lá em Vermont, a gente vê crianças de dez anos dirigindo-os pelos campos... apesar de não se saber o que passa pela cabeça dos pais dessas crianças. E você tinha uma moto quando nos conhecemos. - Jack tinha uma Honda 350 cc. Trocou-a par um Saab pouco depois que Wendy e ele foram viver juntos.

- Acho que poderia - disse ele, devagar. - Mas imagino em que estado deve estar a manutenção. Ullman e Watson... eles dirigem este lugar de maio a outubro. Só têm o verão na cabeça. Certamente não haverá gasolina nele. Pode estar sem velas e bateria. Não quero que construa castelos, Wendy.

- Quanto à gasolina, não há problema - disse ela, agora bastante excitada com a idéia. - Tanto nossa carro quanto o caminhão do hotel estão cheios. Há gasolina para o gerador de emergência lá embaixo, também. E deve haver algum latão de gasolina naquele depósito, para você poder levar um pouco mais como reserva.

- Sim - disse ele. - Há sim. - Na realidade, havia dois latões, um com 20 e outro com 10 litros.

- Aposto como as velas e a bateria estão lá também. Ninguém guardaria um snowmobile num lugar e as velas e baterias noutro, guardaria?

- Não parece possível, não é? - Levantou-se e caminhou até onde Danny dormia. Uma mecha de cabelo caíra sobre a testa do menino, e Jack ajeitou-a delicadamente. Danny nem se mexia.

- E se conseguir consertá-lo, você nos leva embora? - perguntou Wendy, por trás dele. - No primeiro dia que o rádio informar bom tempo?

Por um momento, ele não respondeu. Ficou parado olhando 0 filho, e seus sentimentos se dissolveram numa onda de amor. Ele era como ela dissera, vulnerável e frágil. As marcas no pescoço estavam salientes.

- Sim - respondeu. - Vou consertá-lo, e nós vamos dar o fora o mais depressa possível.

- Graças a Deus!

Ele se voltou. Wendy tinha tirado a blusa e deitado na cama, a barriga achatada, os seios apontados para o teto. Brincava com eles, preguiçosamente.

- Depressa, senhores - disse ela, baixinho. - Está na hora.

Depois, sem nenhuma luz acesa no quarto a não ser a lâmpada que Danny trouxera de seu quarto, ela deitou-se no regaço dos braços do marido, sentindo-se deliciosamente em paz. Achava difícil acreditar que repartiam o Overlook com um assassino clandestino.

- Jack?

- Huuuuuuum?

- O que aconteceu com ele?

Jack não respondeu diretamente.

- Ele tem realmente alguma coisa. Algum talento que nos falta. A maioria de nós, me perdoe. E talvez o Overlook tenha também.

- Fantasmas?

- Não sei. Não no sentido de Algernon Blackwood, com certeza. Seria mais como que resíduos de sensações das pessoas que aqui ficaram. Coisas boas e coisas ruins. Neste sentido, suponho que todo hotel grande tenha seus fantasmas. Especialmente os velhos.

- Mas uma mulher morta na banheira.. . Jack, ele não está ficando louco, está?

Abraçou-a rapidamente.

- Sabemos que ele entra... bem, em transes, na falta de uma palavra melhor... de vez em quando. Sabemos que, quando está em transe, ele às vezes... vê?... coisas que não entende. Se os transes de conhecimento prévio são possíveis, são provavelmente funções do subconsciente. Freud afirmou que o subconsciente nunca fala em linguagem literal. Apenas através de símbolos. Se você sonha que está numa padaria onde ninguém fala sua própria língua, pode ser por causa de preocupações suas em manter a família. Ou talvez simplesmente porque ninguém o compreende. Já li que sonhar que se está caindo denota sensações de insegurança. Jogos, pequenos jogos. O consciente de um lado da rede, o subconsciente do outro, arremessando uma imagem infantil, tola para lá e para cá. O mesmo com relação a doenças mentais, e intuições, tudo isso. Por que o conhecimento prévio seria diferente? Talvez Danny realmente tenha visto sangue nas

paredes da Suíte Presidencial. Para um menino de sua idade, a visão de sangue e o conceito de morte estão interligados. Para as crianças, a imagem é sempre mais acessível que o conceito, de qualquer forma. William Carlos Williams sabia que seria um pediatra. Quando crescemos, os conceitos tornam-se mais fáceis, e deixamos as imagens para os poetas... isto é só conversa-fiada.

- Gosto de sua conversa-fiada.

- Folgo em saber.

- As marcas no pescoço, Jack. Estas são verdadeiras.

- Sim.

Ficaram em silêncio por muito tempo. Começara a pensar que Jack tivesse adormecido, e ela mesma já estava meio zonza, quando ele disse:

- Tenho duas explicações para isso. E nenhuma das duas envolve uma quarta pessoa no hotel.

- Quais? - Wendy se apoiou num cotovelo.

- Estigmas, talvez.

- Estigmas? Isso não é quando as pessoas sangram na Sexta-Feira Santa ou coisa parecida?

- Sim. As vezes, pessoas que acreditam muito na divindade de Cristo apresentam marcas que sangram nas mãos e pés durante, a Semana Santa. Era mais comum na Idade Média do que agora. Naquela época, tais pessoas eram consideradas abençoadas por Deus. Não creio que a Igreja Católica tenha considerado qualquer uma delas como milagres, sem rodeios, o que foi muito inteligente da parte deles. Os estigmas não são muito diferentes de algumas coisas que os Togues fazem. Só que agora são mais bem compreendidos, só isso. As pessoas que entendem da interação entre mente e corpo ... estudam-na, quero dizer, ninguém entende... acredite, temos muito mais controle sobre nossas funções involuntárias do que se poderia pensar. Podem-se diminuir os batimentos cardíacos, se se pensar bastante. Pode-se acelerar o próprio metabolismo. Fazer-se suar mais. Ou fazer-se sangrar.

- Você acha que Danny pensou para aqueles ferimentos aparecerem no pescoço? Jack, simplesmente não posso acreditar nisso.

- Acredito que seja possível, apesar de não me parecer provável. A melhor hipótese é de que ele mesmo o tenha feito.

- Ele mesmo?

- Ele já entrou nesses "transes", e se machucou tempos atrás. Lembra-se daquele dia na mesa do jantar? Mais ou menos há dois anos, eu acho. Estávamos danados da vida um com o outro. Ninguém conversava muito. Então, de repente, seus olhos se enrolaram, e ele meteu a cara direto em cima do prato. E em seguida caiu. Lembra-se?

- Sim - disse ela. - Claro que sim. Pensei que ele estivesse tendo uma convulsão.

- De outra vez estávamos no parque - falou Jack. - Só Danny e eu. Sábado de tarde. Ele estava sentado num balanço, balançando-se. Caiu no chão. Era como se tivesse levado um tiro. Corri, apanhei-o e de repente ele voltou a si. Piscou para mim e disse: "Machuquei a barriga. Diga a mamãe para fechar as janelas do quarto, se chover." E naquela noite choveu à beça.

- Sim, mas...

- E ele aparece sempre com cortes e cotovelos esfolados. Suas canelas parecem um campo de batalha. E quando se pergunta onde

- Se você estiver certo, então é imperativo que o levemos daqui. Não importa o que tenha, este hotel o está tornando pior.

- Eu não diria isso - objetou ele. - Se fosse obediente, em primeiro lugar não teria nunca subido àquele quarto. Isso nunca teria acontecido.

- Meu Deus, Jack! Está querendo dizer que o fato de quase ter sido estrangulado foi um... castigo por passar dos limites?

- Não... não. Claro que não. Mas...

- Nada de mas - falou Wendy, sacudindo violentamente a cabeça. - A verdade é que estamos supondo. Não temos idéia de quando ele vai dobrar um corredor e se deparar com um daqueles... filmes de terror de curta-metragem, lá sei eu. Temos que levá-lo embora daqui. - Riu um pouco na escuridão. - Daqui a pouco nós estaremos vendo coisas.

- Não diga besteira - disse Jack, e na escuridão do quarto viu os leões agrupando-se na alameda, não mais na posição original, mas em posição de guarda, leões famintos de novembro. Um suor frio brotou-lhe na testa.

- Você não viu nada mesmo, não é? - perguntou ela. Isto é, quando subiu até o quarto. Não viu nada?

Os leões haviam desaparecido. Via agora uma cortina de chuveiro cor-de-rosa com uma sombra por trás. A porta fechada. Aquele barulho amortecido e rápido, e ruídos que poderiam ser passos. Seus terríveis batimentos cardíacos, enquanto ele lutava com a

chave mestra.

- Nada - respondeu, e era verdade. Estava confuso, sem ter certeza do que estava acontecendo. Não tivera oportunidade de analisar seus pensamentos à procura de uma explicação razoável sobre as marcas no pescoço do filho. Ele mesmo tinha estado sugestionável, com todos os diabos. Alucinações, às vezes, podiam ser contagiosas.

- E não mudou de idéia? Com relação ao snowmobile, digo.

As mãos dele se apertaram

(Pare de me chatear!)

a seu lado.

- Disse que iríamos, não disse? Irei. Agora vá dormir. Foi um dia muito longo e muito duro.

- E como - falou Wendy. Houve um ruído de lençóis quando ela se virou para ele e beijou seu ombro. - Amo-o Jack.

- Eu também a amo - disse ele, mas estava somente dizendo palavras. As mãos continuavam cerradas. Eram como pedras nas pontas dos braços. A testa latejando. Ela não dissera uma palavra sobre o que aconteceria a eles depois que descessem, quando a festa terminasse. Nem uma palavra. Tinha sido porque Danny isso, Danny aquilo, e Jack tenho tanto medo. Oh sim, ela tinha medo de uma porção de lobisomens imaginários e sombras, muito medo. Mas também não faltavam os verdadeiros. Quando chegassem a Sidewinder, estariam com 60 dólares e a roupa do corpo. Nem sequer um carro. Mesmo que Sidewinder tivesse uma casa de penhores, o que não era o caso, não possuíam nada para empenhar, só o anel de noivado de brilhante de Wendy e o rádio Sony AM/FM. Um avaliador poderia dar 20 dólares. Um avaliador bonzinho. Não haveria emprego, nem temporário, talvez só como limpador de neve, por três dólares a tarefa. O quadro de Jack Torrance, 30 anos, que já publicara conto na Esquire e que alimentava sonhos - em hipótese alguma sonhos descabíveis, ele sentia - de se tomar um importante escritor da década seguinte, com uma pá nos ombros, batendo de porta em porta... aquele quadro de repente ficou mais claro do que os leões, e ele apertou ainda mais as mãos, sentindo as unhas enfiadas nas palmas, e tirando sangue em místicas meias-luas. John Torrance, na fila para trocar os seus 60 dólares por selos de comida, na fila, novamente, da Igreja Metodista de Sidewinder para receber donativos e olhares maldosos dos moradores. John Torrance explicando a AI que eles simplesmente tinham que partir, tinham que desligar a caldeira, tinham que abandonar o Overlook e tudo que continha, exposto aos vândalos ou ladrões em snowmobiles, porque, veja Al, attendez-vous, Al, há fantasmas por lá, e estão atrás de meu filho. Adeus, Al. Pensamentos do Capítulo IV - Chega a Primavera de John Torrance. O que mais? Qualquer coisa? Poderia conseguir chegar até à Costa Oeste no Volkswagen, supunha ele. Uma bomba nova de gasolina resolveria o problema. Oitenta quilômetros a oeste, e tudo em declive, podia-se com certeza colocar

o fusca em ponto morto e ir até Utah. Continuar até à ensolarada Califórnia, terra das laranjas e das oportunidades. Um homem com um excelente antecedente de alcoolismo, espancados de aluno, e caçador de fantasmas, poderia, sem dúvida, se fazer. Como preferir. Engenheiro de manutenção - limpando ônibus interestadual. Negócio com carros - lavar carros com macacão de borracha. Artes culinárias, talvez, lavar pratos num restaurante. Possivelmente, uma posição mais responsável, num posto de gasolina. Um trabalho que, inclusive, continha estímulos intelectuais em conseguir troco, e escrever notas. Posso dar-lhe 25 horas por semana pelo salário mínimo. Isso era duro num ano em que o pão custava 60 cents a fôrma.

O sangue começou a escorrer das palmas das mãos. Como estigmas, oh sim. Apertou mais, martirizando-se com a dor. A mulher dormia a seu lado, por que não? Não havia problemas. Concordara em levar Danny e ela para longe dos lobisomens e não havia problemas. Então você veja, Al, achei que a melhor coisa a fazer seria...

(matá-la.)

O pensamento veio de lugar nenhum, nu e sem adornos. A necessidade de derrubá-la para fora da cama, nua, desnorteada, acabando de acordar; esmurrá-la, agarrar seu pescoço como o caule verde de uma árvore, e estrangulá-la, polegares na traquéia, os dedos apertados no topo da espinha, sacudindo sua cabeça e batendo-a contra o chão, uma vez atrás da outra, batendo, batendo, amassando, esmigalhando. Agite e balance, meu bem. Sacuda, chocalhe e balance. Faria com que ela tomasse o remédio. Até a última gota. A última gota amarga.

Ouvia um ruído amortecido em algum lugar, imediatamente exterior a seu mundo interior quente e apressado. Olhou para o outro lado do quarto e Danny se mexia novamente, virando na cama, revolvendo os cobertores. O menino gemia do fundo da garganta, um som preso e pequeno. Que pesadelo? Uma mulher roxa, há muito morta, cambaleando atrás dele, dobrando corredores de hotel? De alguma forma não achava que fosse isso. Alguma outra coisa perseguia Danny em seus sonhos. Algo pior.

O cadeado amargo de suas emoções estava quebrado. Levantou-se da cama, e caminhou em direção ao menino, sentindo-se enjoado e com vergonha de si mesmo. Era em Danny que tinha que pensar, não em Wendy, ou em si próprio. Só em Danny. E não importa de que forma os fatos se debatiam, sabia no fundo do coração que. Danny devia ser levado dali. Ajeitou os cobertores do menino, e colocou por cima o acolchoado que estava nos pés da cama. Danny acalmou-se novamente, Jack tocou-lhe a testa

(que monstros brincavam por trás daquele osso?)

e achou-a quente, mas não tanto. E ele dormia em paz novamente. Estranho.

Voltou para a cama e tentou dormir. Ilusão.

Era tão injusto as coisas terem ficado assim... a má sorte parecia persegui-los. Não

puderam afastá-la simplesmente vindo para cá. Quando chegassem a Sidewinder amanhã à tarde, a oportunidade dourada se teria evaporado - desaparecido como o sapato azul de camurça, como diria um velho colega seu. Considere a diferença se não descessem, se pudessem de alguma forma eliminar a hipótese. Concluiria a peça. De algum modo arranjaria um fim para ela. Sua própria dúvida sobre os personagens poderia acrescentar um toque de ambigüidade atraente, no final original. Talvez até faria algum dinheiro com ela, não era impossível. Mesmo na falta disso, Al poderia muito bem convencer o Conselho de Stovington a readmiti-lo. Ficaria em experiência, claro, talvez por até três anos, mas se pudesse se manter sóbrio e escrevendo, talvez não tivesse que passar três anos em Stovington. Claro que não ligava muito para Stovington antes, sentia-se sufocado, enterrado vivo, mas isso tinha sido uma reação imatura. Além do mais, como é que um homem podia gostar de ensinar, quando passava as três primeiras aulas com uma dor de cabeça de estourar os miolos? Não seria assim novamente. Conseguiria manter sua responsabilidade muito mais. Tinha certeza.

Em algum lugar no meio daquele pensamento, as coisas começavam a se partir e ele adormeceu. Seu último pensamento seguiu-o como um sino.

Parecia-lhe possível encontrar paz aqui. Finalmente. Se pelo menos deixassem.

Quando acordou estava parado no banheiro do 217.

(sonâmbulo de novo - por quê? - nenhum rádio aqui para quebrar)

A luz do banheiro estava acesa, o quarto atrás dele na escuridão. A cortina do chuveiro estava fechada em volta da banheira. O tapete ao lado estava amassado e molhado.

Começou a sentir medo, mas a qualidade sonhadora de seu medo dizia-lhe que não era real. Ainda assim isso não podia conter medo. Tantas coisas no Overlook pareciam sonhos.

Caminhou para a banheira, sem querer, incapaz de dar as costas e sair.

Abriu a cortina.

Deitado na banheira, nu, refestelado quase sem peso na água, estava George Hatfield, uma faca enfiada no peito. A água, a sua volta, era rosada. Os olhos de George estavam fechados. Seu pênis flutuava límpido, como alga marinha.

- George - Jack se ouviu dizendo.

Com a palavra, os olhos de George se abriram. Eram de prata, não eram absolutamente olhos humanos. As mãos de George, brancas, encontraram as bordas da banheira, e ele se levantou, ficando sentado. A faca estava enfiada no tórax, eqüidistante dos dois mamilos. A ferida não tinha lábios.

- Você adiantou o cronômetro - disse George Olhos de Prata.

- Não, George, não adiantei. Eu...

- Eu não sou gago.

George estava de pé agora, ainda fixando-o com aquele olhar não humano e prateado, mas a boca tinha-se fechado num sorriso horrível de morto. Jogou uma perna para fora da banheira de porcelana. Um pé branco e enrugado colocou-se no tapete.

- Primeiro, você tentou derrubar-me da bicicleta, depois adiantou o cronômetro, e depois tentou apunhalar-me, mas eu mesmo assim não gaguejo. - George vinha em sua direção, as mãos de fora, os dedos ligeiramente dobrados. Cheirava a moto e umidade, como folhas molhadas pela chuva.

- Foi para seu próprio bem - disse Jack, indo para trás. Adiantei-o para seu próprio bem. Além do mais, acontece que eu sei que você colou no Exame Final.

- Eu não colo... eu não gaguejo.

As mãos de George tocaram seu pescoço.

Jack deu as costas e correu, correu com a lentidão flutuante e sem peso, tão comum aos sonhos.

- Foi sim! Você colou! - gritava de pavor e raiva, enquanto atravessava o quarto escuro. - Vou provar!

As mãos de George estavam em seu pescoço novamente. O coração de Jack inchou de medo até ele estar certo de que iria explodir. E então, finalmente, suas mãos envolveram a maçaneta, ela girou sob suas mãos e ele abriu a porta. Saiu, não para o corredor do segundo andar, mas para o porão depois do arco. A lâmpada cheia de teias estava acesa. Sua cadeira, inflexível e geométrica, ao lado. E tudo ao redor era uma miniatura das montanhas, com caixas e caixotes, pacotes amarrados de notas e fichas, e Deus sabe o que mais. Sentiu-se aliviado.

- Vou encontrar! - ouviu-se gritando. Apanhou uma caixa de papelão; ela se partiu ao meio em suas mãos, esparramando uma cascata de folhas finas amarelas. - Está por aqui em algum lugar! Vou encontrar! - Enfiou as mãos no fundo da pilha de papéis e tirou um ninho de vespas feito de papel com uma das mãos, e um cronômetro com a outra. O cronômetro batia. Pregado por trás estava um fio elétrico comprido, e, na outra extremidade uma banana de dinamite. - Aqui! - gritou. - Aqui, tome.

Triunfou de alívio. Tinha feito mais do que fugir de George; tinha sido vitorioso. Com estes talismãs em suas mãos, George nunca encostaria nele novamente. George voaria de medo.

Começou a virar para poder confrontar-se com George, e foi então que as mãos de George se colocaram em volta de seu pescoço, apertadas, sufocando-o, obstruindo inteiramente sua respiração, depois de um suspiro final.

- Não sou gago - sussurrou George, por trás dele.

Deixou cair o ninho de vespas, e vespas se agitaram para fora numa furiosa nuvem marrom e amarela. Seus pulmões se incendiavam. Seu olhar hesitante caiu sobre o cronômetro, e ele recuperou a sensação de triunfo, acompanhada de uma onda alta de cólera justificada. Ao invés de ligar o cronômetro, o fio se ligou ao cabo dourado de uma bengala negra e forte, como a que o pai carregava depois do acidente com o caminhão de leite.

Agarrou-a e o fio partiu-se. Sentiu a bengala pesada em suas mãos. Sacudiu-a no ar. Ela esbarrou no fio do qual pendia a lâmpada que começou a balançar, fazendo as monstruosas sombras do cômodo se agitarem no chão e nas paredes. Ao baixar, a bengala atingiu algo muito mais duro. George gritou. A força das mãos, no pescoço de Jack, diminuíra.

Desvencilhou-se de George. Este estava de joelhos, a cabeça inclinada, as mãos entrelaçadas sobre ela. Sangue jorrava por seus dedos.

- Por favor - sussurrou George. - Dê-me um descanso, Sr. Torrance.

- Agora você vai tornar seu remédio - resmungou lack. Ora, por Deus como vai. Fedelho. Vira-lata. Agora, por Deus, agora mesmo. Cada gota. Cada gota, miserável!

Enquanto a luz balançava sobre ele, e as sombras dançavam e se agitavam, começou a sacudir a bengala, baixando-a consecutivamente, seu braço subindo e descendo como máquina. Os dedos sangrentos que George usava como proteção largaram a cabeça, e Jack baixou a bengala seguidas vezes sobre o pescoço, ombros, costas e braços. Mas a bengala não era mais uma bengala; parecia um taco com uma espécie de cabo brilhante e listrado. Um taco com um lado duro e outro macio. A extremidade usada estava pegajosa com sangue e cabelo. E o ruído surdo e imenso do taco contra a pele tinha sido substituído por um estrondo surdo, que ecoava e repercutia. Sua própria voz adquirira está qualidade, berrando, sem corpo. E ainda assim, paradoxalmente, soava mais fraca, modulada, petulante... como se ele estivesse bêbado.

A figura a seus pés ergueu a cabeça devagar, como que suplicando. Não havia um rosto precisamente, mas apenas uma máscara de sangue através da qual emergiam os olhos. Baixou o taco para um último golpe e depois de arremessado viu que aquele rosto abaixo dele não era o de George, mas o de Danny. Era o rosto do filho.

- Papai...

E então o taco caiu, atingindo Danny entre os olhos, fechando-os para sempre. E alguma coisa, em algum lugar parecia estar rindo...

(!Não!)

Voltou a si, parado, nu, junto à cama de Danny, as mãos vagias, o corpo suado. Seu grito final tinha sido apenas em sua mente. Disse-o mais uma vez, desta vez num sussurro.

- Não. Não, Danny. Nunca.

Voltou à cama sobre pernas que eram de borracha. Wendy dormia profundamente. O relógio na mesa de cabeceira marcava 15 para as cinco. Deitou-se sem conseguir dormir até às sete, quando Danny acordou. Colocou então as pernas para fora da cama, e começou a se vestir. Era hora de descer e verificar a caldeira.

33

O SNOWMOBlLE

Algum tempo depois de meia-noite, enquanto todos eles dormiam inquietos, a neve cessara depois de ter caído 20 centímetros, fresquinha, sobre a velha camada. As nuvens se dissiparam, um vento fresco as tinha varrido, e agora Jack estava no meio de uma réstia empoeirada de sol, que penetrava pela janela suja do lado leste do depósito de equipamentos.

O lugar era quase tão comprido quanto um carro a frete, e quase tão alto. Cheirava a graxa, óleo, gasolina e - um cheiro leve e nostálgico - de grama. Quatro cortadores elétricos de grama, enfileirados como soldados em revista, encostados na parede do lado sul, dois deles do tipo que se pode dirigir, como pequenos tratores. À esquerda deles estavam cavadeiras, pás redondas e cortantes para cirurgia dos gramados, uma serra, um cortador elétrico de arbustos, e um mastro fino de aço longo com uma bandeira vermelha no topo. Caddie, vá apanhar minha bola em 10 segundos e encontrará 25 cents dentro dela para você. Sim, senhor.

Na parede leste, onde o sol batia com mais intensidade, três mesas de pingue-pongue, encostadas, uma na outra, como um castelo de carta . As redes tinham sido removidas e despencavam da prateleira. No canto havia uma pilha de discos para jogo, e um jogo de roque... os pauzinhos amarrados todos juntos com pedaços de fio, bolas pintadas de cores vivas, uma espécie de caixa de ovos (galinhas estranhas você tem por aqui, Watson.. . sim, e precisava ver os animais lá no jardim da frente, ah, ah), e os tacos, dois pares, de pé, em seus cavaletes.

Caminhou até eles, pisando numa bateria (que, tempos atrás, teria ficado debaixo da

capota do caminhão do hotel, sem dúvida) e um carregador de bateria, e um par de cabos para carregar bateria. Tirou um dos tacos curtos do cavalete e o segurou diante do rosto, como um cavaleiro pronto para a batalha, saudando seu rei.

Fragmento de seu sonho (confuso agora, desvanecido) repetido, algo sobre George Hatfield e a bengala de seu pai, o suficiente para deixá-lo inquieto, e por absurdo que pareça, um pouquinho culpado por segurar um taco de rogue. Não que roque fosse um jogo de grama tão comum; seu mais moderno primo, o croqué, é muito mais popular agora... e uma versão infantil do jogo. Roque, no entanto... deve ter sido um senhor jogo. Jack encontrara um livro de instruções mofado no porão, de um dos anos no início da década de 20, quando houve no Overlook um Torneio Norte-Americano de Roque. Um senhor jogo.

(esquizofrênico)

Franziu as sobrancelhas, e então sorriu. Sim, era uma espécie de jogo esquizofrênico. O taco expressava isso perfeitamente. Uma extremidade dura de um lado e macia do outro. Um jogo de finesse e objetividade, e um jogo de poder desmascarado, da era do tacape.

Sacudiu o taco no ar... uuump. Sorriu um pouco do poderoso som assobiador que fazia. Em seguida, colocou-o no cavalete, e voltou-se para a esquerda. O que viu o fez franzir a testa novamente.

O snowmobile estava quase no meio do depósito, um equipamento razoavelmente novo, e Jack não se importou com sua aparência. Bombardier Skidoo estava escrito ao lado do capô, de frente para ele, em letras negras. Havia um friso negro à esquerda e à direita do motor, que chamariam de frisos de corrida, um carro de corrida. Mas a pintura era amarelo vivo, e era disso que não gostava. Acachapado ali naquela réstia de sol da manhã, corpo amarelo e frisos, esquis negros e estofamento negro, sem capota, parecia uma monstruosa vespa mecânica. Quando estivesse em movimento devia também fazer o mesmo ruído. Lamuriosa, zumbindo, pronta para picar. Mas depois, com que mais se pareceria? Pelo menos estava sendo honesto. Depois de ter executado o trabalho, eles estariam bem machucado. Todos eles. Por volta da primavera, a família Torrance estaria tão machucada, que o que aquelas vespas tinham feito com a mão de Danny pareceria beijos de mãe.

Arrancou o lenço do bolso de trás, esfregou os lábios com ele, e foi até o Skidoo. Ficou parado olhando-o, a testa agora muito enrugada, e enfiou o lenço de volta no bolso. Lá fora, uma rajada repentina de vento batia contra o depósito, fazendo-o balançar e estalar. Olhou pela janela, e viu o vento carregar um lençol de reluzentes cristais de neve para trás do hotel, rodopiando-o alto, no céu azul.

O vento melhorou e ele voltou a olhar a máquina. Era realmente uma coisa nojenta. Podia-se praticamente esperar que um ferrão longo saísse pela traseira. Jamais gostara dos malditos snowmobile. Agitavam o silêncio do inverno em milhões de fragmentos chocalhados. Espantavam a fauna. Expeliam imensas nuvens poluentes de fumaça azul -

deixe-me respirar. Era talvez o último brinquedo grotesco do final da idade do petróleo, dado como presente de Natal a criança de 10 anos.

Lembrava-se de um artigo de. jornal que lera em Stovington, uma história acontecida no Maine. Um menino num snowmobile correndo numa estrada que nunca percorrera antes, a mais de 5O km/h. Noite. Faróis apagados. Havia uma corrente pesada esticada entre dois postes com uma placa PARE pendurada no meio. Diziam que a probabilidade era a de que o garoto não tivesse visto a placa. Uma nuvem deve ter encoberto a Lua. A corrente decapitara-o. Ao ler a história Jack quase se sentiu feliz, e agora, olhando esta máquina, a sensação voltava.

(Se não fosse por Danny, eu teria imenso prazer em pegar um daqueles tacos, abrir o capô, e esmurrá-lo até)

Deu um longo suspiro. Wendy estava certa.

Haja o que houver, mesmo a fila da previdência social, Wendy estava certa. Esmurrar esta máquina até morrer seria uma enorme insensatez, não importando o aspecto agradável que essa insensatez teria. Seria quase equivalente a esmurrar o filho até matá-lo.

- Porcaria - disse, em voz alta.

Foi até à traseira do carro, e desatarraxou a tampa do tanque de gasolina. Encontrou um medidor de uma das prateleiras, que lhe batia na altura do peito, em volta pelas paredes, e apanhou-o. Três centímetros saíram molhados. Não era muito, mas era o suficiente para ver se a maldita coisa andaria. Depois, poderia tirar mais do Volks e do caminhão do hotel.

Tampou novamente o tanque e abriu o capô. Nem velas, nem bateria. Voltou à prateleira, e começou a bisbilhotá-la, colocando de lado chaves de fenda e chaves inglesas, um carburador que tinha sido tirado de um cortador de grama velho, caixas plásticas de parafusos, pregos e porcas de vários tamanhos. A prateleira era grossa e escura com graxa velha, e os anos de acumulação de poeira tinham grudado como pele de animal. Não gostou de tocá-la.

Encontrou uma caixinha manchada de óleo com a abreviatura Skid, laconicamente escrita a lápis. Balançou-a e alguma coisa chocalhou lá dentro. Velas. Examinou uma contra a luz, tentando determinar a abertura, sem procurar pelo regulador. Merda, pensou chateado, e jogou a vela de volta na caixa. Se a vela estiver desregulada, azar. Merda.

Havia um banco atrás da porta. Arrastou-o, sentou-se, e adaptou as quatro velas, e em seguida colocou as cabecinhas de plástico sobre cada uma. Feito isso, deixou os dedos brincarem com o magneto. Riam quando eu sentava ao piano.

De volta às prateleiras. Desta vez não conseguiu encontrar o que queria, uma pequena bateria. Três ou quatro volts. Havia chaves de caixa, um estojo cheio de brocas e puas, sacos de fertilizantes e Vigoro para os canteiros de flores, mas nenhuma bateria de snowmobile. Isso não o incomodava em nada. Na verdade, deixavão contente. Estava aliviado. Fiz o que pude, Capitão, mas não consegui. Está bem, filho. Vou condecorá-lo. Você é um orgulho para meu regimento. Obrigado, senhor. Tentei.

Começou a assobiar Red River Valley com ritmo, enquanto remexia os últimos 60 ou 80 centímetros de prateleira. As notas saíam junto com uma fumaça branca. Percorrera o circuito completo do depósito, e a coisa não estava lá. Talvez alguém tivesse levado para cima. Talvez Watson tivesse. Deu uma gargalhada. Aquela velha história de roubar o escritório. Alguns clipes, algumas resmas de papel, ninguém vai dar falta desta toalha de mesa, ou deste talher, e o que me diz desta boa bateria de snowmobile? Sim, é fácil de se carregar. Jogue na mala. Roubo, benzinho. Todo mundo tem dedos que grudam. Por trás das cortinas, costumávamos chamar quando criança.

Voltou ao snowmobile, e deu-lhe um bom chute na lateral, enquanto passava. Bem, foi o fim de tudo. Teria de dizer a Wendy que sentia muito, mas...

Havia uma caixa junto à porta. O banco estava bem em cima. Escrito nela, a lápis, a abreviatura Skid.

Olhou para a caixa, com um sorriso nos lábios. Olhe, senhor, é a cavalaria. Parece que seus sinais de fumaça funcionaram afinal.

Não era justo.

Alguma coisa - sorte, destino, providência - estava tentando salvá-lo. Algum outro tipo de sorte, sorte mesmo. E no último momento a velha falta de sorte voltara. A cartada azarada não estava terminada ainda.

Uma onda cinzenta e silenciosa de ressentimento brotou-lhe na garganta. As mãos apertaram-se.

(Injusto, merda, injusto!)

Por que não olhou em outro lugar? Qualquer lugar! Por que não teve um torcicolo, ou uma coceira no nariz, ou necessidade de piscar? Só uma dessas coisinhas. Nunca a teria visto.

Bem, não tinha. Era só. Era uma alucinação, em nada diferente do que acontecera ontem fora do quarto no segundo andar, ou no maldito zoológico de arbusto. Um cansaço momentâneo, só isso. Bacana, pensei que tivesse visto uma bateria de snowmobile naquele canto. Agora .não há nada lá. Fadiga de combate, eu acho, senhor. Perdão. Levante a cabeça, filho. Acontece com todos nós mais cedo ou mais tarde.

Abriu a porta com força bastante para estalar as dobradiças, e trouxe para dentro seus sapatos de neve. Estavam cheios de neve, e ele os bateu no chão com força para limpar um pouco. Calçou o pé esquerdo... e parou.

Danny estava lá fora, junto à plataforma do leite. Tentando fazer um boneco de neve, pelo visto. Mas não estava com sorte; a neve estava muito fria para poder juntar um pedaço no outro. Ainda assim, tentava, lá fora ;na manhã de sol, um menininho enrolado sobre a neve brilhante, e sob o céu brilhante. Com o chapéu na cabeça virado ao contrário.

(Em nome de Deus, em que você estava pensando?)

A resposta veio sem interrupção.

(Em mim. Estava pensando em mim.)

De repente, lembrou-se da noite anterior, deitado na cama, e em seguida estava contemplando o assassinato da mulher.

Naquele instante, ajoelhado ali, tudo ficou claro para ele. O Overlook não estava apenas influindo sobre Danny. Estava influindo sobre ele também. Não era Danny o elo fraco, era ele. Ele era o vulnerável, aquele que podia ser manobrado.

(até eu não me importar mais e dormir... e quando fizer isso, se fizer)

Olhou para a sucessão de janelas, e o sol batendo nas muitas poças refletia um brilho intenso, que ofuscava seus olhos, mas olhou assim mesmo. Pela primeira vez percebeu como elas se pareciam com olhos. Refletiam o sol, e retinham em seu interior sua própria escuridão. Não olhavam para Danny. Olhavam para ele.

Nesses poucos segundos entendeu tudo. Lembrava-se de uma certa fotografia preto e branco que vira quando criança, numa aula de catecismo. A freira mostrara a fotografia num cavalete para ele, e chamou-a de um milagre de Deus. A turma olhou-a inexpressivamente, vendo nada mais do que uma mistura de preto e branco, sem sentido e sem forma. Então, uma das crianças na terceira fileira suspirara: "E Jesus!", e aquela criança levou para casa um Testamento novinho em folha, e um calendário também por ter sido o primeiro. Os outros olharam mais fixamente, entre eles Jack Torrance. Um por um os meninos deram um suspiro semelhante, uma menininha quase em êxtase, deu um grito estridente: "Eu estou vendo! Eu o estou vendo!" Ela também foi premiada com um Testamento. Finalmente, todos viram o rosto de Jesus numa mistura de preto e branco, exceto Jacky. Esforçava-se cada vez mais, agora com medo, uma parte dele cinicamente pensando que os outros todos estavam fingindo para agradar a Irmã Beatrice, uma outra parte convencida secretamente de que ele não estava vendo, porque Deus decidira que ele era o maior pecador da classe. "Você não está vendo, Jacky?", Irmã Beatrice lhe perguntara com seu jeito meigo e triste. Estou vendo suas tetas, pensara ele desesperadamente. Começou a sacudir a cabeça, e fingiu alegria dizendo:

"Sim, estou! Oh! É Jesus!" E todos na classe riram e o aplaudiram, fazendo-o sentir triunfante, envergonhado e amedrontado. Mais tarde, quando todos haviam subido do porão da igreja para a rua, ele ficou para trás olhando aquela mistura preta e branca sem sentido, que Irmã Beatrice deixara no cavalete. Detestou-a. Era uma farsa. "Merda-inferno-merda", sussurrou entre os lábios, e quando virou as castas viu o rosto de Jesus com o rabo do olho, triste e sábio. E virou-se novamente, o coração na boca. Tudo ficou claro, e ele olhara a fotografia maravilhado, sem poder acreditar que não tinha . visto. Os olhos, o ziguezague da sombra na sobrancelha, o nariz afilado, os lábios compadecidos. Olhando para Jacky Torrance. O que era uma coisa sem significado, tinha-se transformado num desenho completo do rosto de Nosso Senhor Jesus Cristo. O encantamento transformou-se em terror. Ele tinha blasfemado diante da fotografia de Jesus. Seria amaldiçoado. Ficaria no inferno com os pecadores. O rosto de Cristo estivera na fotografia o tempo inteiro. O tempo inteiro.

Agora, ajoelhado ao sol, e observando o filho brincar na sombra do hotel, sabia que era tudo verdade. O hotel queria Danny, talvez todos eles, mas Danny com certeza. Os arbustos realmente caminharam. Havia uma mulher morta no 217, uma mulher que talvez fosse apenas um espírito, e inofensivo, em quase todas as circunstâncias, mas uma mulher que agora constituía um perigo. Como um mecanismo malévolo de um relógio de brinquedo que ele tivesse dado corda e posto para funcionar pela própria cabeça estranha de Danny... e pela sua própria. Foi Watson quem lhe contara que um homem caíra morto de um colapso, um dia, na quadra de roque? Ou tinha sido Ullman? Não importava. Tinha havido um assassinato no terceiro andar. Quantas velhas brigas, suicídios e colapsos? Quantos assassinatos? Estaria Grady espreitando, em algum lugar na ala oeste, com seu machado, esperando apenas que Danny o provocasse para ele poder aparecer?

Os hematomas inchados em volta do pescoço de Danny.

O brilho das garrafas semi-visíveis no salão vazio.

O rádio.

Os sonhos.

O álbum de recortes que encontrara no porão.

(Medoc, você está aí? Virei sonâmbulo de novo, meu cara...)

Levantou-se de repente, jogando os sapatos novamente para fora. Tremia. Bateu a porta, e apanhou a caixa da bateria. Ela escorregou de seus dedos trêmulos

(oh deus e se eu a quebrei)

e caiu. Abriu as dobras do papelão e retirou a bateria, sem prestar atenção ao ácido que poderia estar escorrendo se ela se tivesse quebrado. Mas não tinha. Estava inteira. Um

pequeno suspiro escapou-lhe da boca.

Segurou-a com cuidado, levou-a para o Skidoo, colocou-a na plataforma junto à frente do motor. Encontrou uma pequena chave inglesa em uma das prateleiras, e ligou os cabos rapidamente e sem problema. A bateria estava carregada; não havia necessidade de usar o carregador. Houve uma faísca e um pequeno cheiro de ozônio, quando colocou o cabo positivo em seu lugar. Trabalho executado, ele se afastou, limpando as mãos nervosamente na jaqueta de brim desbotado. Pronto. Deveria funcionar. Não havia por que não. Nenhuma razão a não ser a de que fazia parte do Overlook, e o Overlook realmente não queria que eles saíssem dali. Em hipótese alguma. O Overlook estava-se divertindo a valer. Havia um menininho para amedrontar, um homem e sua mulher para instigar e, se jogasse as cartas corretamente, eles terminariam voando pelos corredores do Overlook como sombras de um romance de Shirley Jackson, o que quer que caminhasse na Casa da Colina caminhava sozinho, mas não se estaria sozinho no Overlook, não mesmo, haveria bastante companhia aqui. Mas não havia realmente nenhuma razão para o snowmobile não funcionar. A não ser, claro,

(A não ser o fato de que ele, na realidade, não queria ir.)

sim, a não ser isso.

Ficou parado olhando o Skidoo, aspirando fumaça branca. Queria que fosse como tinha sido. Quando chegou, ele não tinha dúvidas. Descer seria a decisão errada. Wendy estava apenas com medo do lobisomem criado por um simples menininho histérico. Agora, de repente, ele via seu outro lado. Era como a sua peça, sua maldita peça. Não sabia mais de que lado estava, ou como as coisas ficariam. Uma vez que você viu o rosto de um deus naquela mistura de preto e branco, era o fim da brincadeira... não poderia nunca deixar de vê-lo. Pode ser que alguns riam e digam que não é nada, simplesmente uma porção de borrões sem significado, uma figura formada pela ligação de pontos numerados, mas sempre veria o rosto de Nosso Senhor Jesus Cristo olhando para você. Você o vira numa transição súbita de gestaltismo, o consciente e o inconsciente se unindo naquele momento do choque do conhecimento. Você sempre o veria. Tinha sido condenado a vê-lo sempre.

(Virei sonâmbulo de novo, meu caro...)

Tudo estava bem até que viu Danny brincando na neve. Foi culpa de Danny. Era tudo culpa de Danny. Era ele o iluminado, ou coisa que o valha. Não era uma luz, era uma praga. Se ele e Wendy estivessem aqui sozinhos, passariam o inverno muito bem. Sem dor, sem peso na cabeça.

(Não quero ir? Não posso?)

O Overlook não queria que fossem, e ele também não queria que fossem. Nem Danny. Talvez ele fosse parte do hotel agora. Talvez o Overlook, o grande e errante Samuel Johnson que ele era, o escolheria para ser seu Boswell. Você me diz que o novo zelador

escreve? Muito bem, contrate-o. Está na hora de divulgar nossa história. No entanto, varro-nos livrar da mulher e do filho mimado em primeiro lugar. Não queremos que ele seja perturbado. Nós não...

Estava parado ao lado do banco do snowmobile, a cabeça começando a doer novamente. O que resolveu? Ir ou ficar? Muito simples. Não complique. Devemos ir ou ficar?

Se formos, quanto tempo levará para se encontrar um buraco em Sidewinder?, perguntou urna voz, lá no fundo. O lugar escuro com uma droga de uma TV a cores onde os homens, com as barbas por fazer e desempregados, passam o dia assistindo a jogos? Onde o cheiro de urina no banheiro dos homens data de dois mil anos, e há sempre uma ponta de cigarro Camel se desmanchando na privada? Onde a cerveja custa 30 cents o copo, e você a mistura com sal, e a vitrola automática está cheia de músicas caipiras de 70 anos?

Quanto tempo? Ó Deus, ele temia que não fosse levar muito tempo.

- Não posso vencer - disse ele, baixinho. Isso era tudo. Era como tentar jogar paciência faltando um ás no baralho.

Abruptamente, debruçou-se sobre o motor do Skidoo e arrancou o magneto. Saiu com extrema facilidade. Olhou-o por um momento e, em seguida, foi até a porta dos fundos e abriu-a.

Daqui, a vista das montanhas não era obstruída, era de uma beleza de cartão-postal à luz da manhã. Um vasto campo de neve ia até os pinheiros a um quilômetro de distância. Arremessou o magneto na neve, o mais longe que pôde. Foi muito mais longe do que devia. Houve um ligeiro movimento de neve, quando caiu. A brisa leve carregou os grânulos de neve para outros lugares. Dissipem-se, eu ordeno. Não há nada para ver. Está tudo acabado. Disperso.

Sentiu-se em paz.

Ficou parado à porta, por muito tempo, respirando o ar puro da montanha, e então fechou-a com força e saiu pela outra porta para dizer a Wendy que teriam de ficar. No caminho, parou e brincou de atirar neve com Danny.

34

OS ARBUSTOS

Era dia 29 de novembro, três dias depois do dia de Ação de Graças. A última semana fora boa, a ceia de Ação de Graças a melhor que já tinham tido em família. Wendy assara o peru que Dick Hallorann deixara e, apesar de comerem até se fartar, a bela ave

tinha ficado quase inteira. Jack suspirara, dizendo que comeriam peru pelo resto do inverno: peru com molho, sanduíche de peru, peru com talharim, surpresa de peru.

Não, Wendy disse com um sorriso. Só até o Natal. Depois comeremos o capão.

Jack e Danny suspiraram juntos.

Os hematomas no pescoço de Danny desapareceram, e seus pavores pareciam ter sumido com eles. Na tarde do dia de Ação de Graças, Wendy ficara puxando Danny no trenó, enquanto Jack trabalhava na peça que estava quase pronta.

- Ainda está com medo, doutor? - perguntou ela, sem saber como fazer a pergunta parecer insignificante.

- Sim - respondeu o garoto, simplesmente. - Mas agora eu fico nos lugares seguros.

- Seu pai diz que mais cedo ou mais tarde os guardas-florestais vão perguntar-se por que não nos comunicamos mais pelo rádio. Virão até aqui para ver se há alguma coisa errada. Então, pode ser que a gente vá embora. Você e eu. E seu pai fique até o fim do inverno. Ele tem boas razões para querer que seja assim. De certo modo, doutor... eu sei que isto é duro para você entender... estamos encostados na parede.

- Sim - respondera Danny, com reservas.

Na tarde bonita, os pais estavam no andar de cima, e Danny sabia que tinham feito amor. Estavam cochilando agora. Estavam felizes, sabia. Sua mãe ainda tinha um pouco de medo, mas a atitude do pai era estranha. Era a sensação de haver feito alguma coisa muito difícil e bem feita. Mas Danny não parecia ver exatamente o que era essa coisa. O pai guardava isso com cuidado, até mesmo em sua mente. Seria possível, pensou Danny, ficar feliz por ter feito alguma coisa, e ao mesmo tempo ficar tão envergonhado dessa coisa, que tentava até nem pensar nela? A pergunta era complicada. Não achava que isso fosse possível... numa cabeça normal. Suas investigações mais sérias em relação ao pai trouxeram apenas um retrato obscuro de alguma coisa parecida com um polvo, girando no céu azul. E nas duas ocasiões em que se concentrara profundamente para chegar à questão, o pai de repente ficou olhando fixamente para ele, como se soubesse o que Danny estava fazendo.

Ele agora estava no saguão, arrumando-se para sair. Saía muito, levando o trenó, ou seus sapatos de neve. Gostava de sair do hotel. Quando estava ao sol, era como se tivesse tirado um peso dos ombros.

Puxou uma cadeira, subiu nela, e tirou o capuz e a calça de neve do armário do salão, e então sentou-se para vesti-los. As botas estavam na caixa, e ele as enfiou, a língua de fora no canto da boca, enquanto as amarrava. Colocou as luvas e a máscara de esqui, e estava pronto.

Passou pela cozinha em direção à porta dos fundos, e então parou. Estava cansado de brincar nos fundos do hotel, e a esta hora do dia o lugar onde brincava estaria coberto pela sombra do hotel. Não gostava nem de ficar sob a sombra do Overlook. Resolveu colocar os sapatos ele neve e ir brincar no playground. Dick Hallorann lhe dissera que se mantivesse afastado da copiaria, mas os animais de arbusto não o incomodavam tanto. Estavam enterrados sob a neve, e nada aparecia, a não ser uma ligeira elevação que era a cabeça do coelho e as caudas dos leões. Saindo da neve como estavam, as caudas pareciam mais absurdas do que amedrontadoras.

Danny abriu a porta dos fundos e tirou os sapatos de neve da plataforma de leite. Cinco minutos depois, os estava amarrando aos pés, na varanda da frente. O pai lhe dissera que ele (Danny) pinha um jeito especial de usar os sapatos - passos largos e lentos e que virava os tornozelos para sacudir a neve dos cadarços, exatamente antes de a bota bater de volta ao chão - e o mais importante era ele desenvolver os músculos das coxas, barriga das pernas e tornozelos. Danny descobriu que seus tornozelos se cansavam primeiro. Andar pela neve era quase tão duro para os tornozelos quanto patinar, porque tem-se que ficar limpando os cadarços o tempo todo. De cinco em cinco minutos ele tinha que parar com as pernas abertas, com os sapatos achatados na neve, para descansar.

Mas não precisava descansar no caminho do playground, porque era em descida. Menos de 10 minutos depois que lutava para subir a montanhosa duna de neve que se acumulara na varanda da frente do Overlook, ele estava com as mãos enluvadas no escorrega. Não estava sequer arquejando.

O playground parecia muito mais bonito no meio da neve do que no outono. Parecia uma escultura de um reino de fadas. As correntes dos balanços tinham-se congelado em estranhas posições, os assentos dos balanços dos meninos grandes descansavam sob a neve. O trepa-macaco era uma caverna de gelo guardada por gotas congeladas em forma de dentes. Só as chaminés do Overlook de brinquedo emergiam da neve

(quisera que aquele outro estivesse enterrado assim, só que sem a gente dentro)

e os topos dos túneis de cimento salientes em dois lugares como iglus dos esquimós. Danny vagueou por ali, agachou-se e começou a cavar. Em pouco tempo descobriu a boca escura de um deles, e entrou no túnel frio. Na sua cabeça, era Patrick McGoohan, o Agente Secreto (passaram as reprises desse programa duas vezes na televisão de Burlington e o pai nunca perdia; deixava de ir a uma festa para ficar em casa e assistir a Agente Secreto ou Os Avengers, e Danny sempre fizera companhia a ele), em busca dos agentes do KGB nas montanhas da Suíça. Tinha havido avalanches na região, e o famoso agente do KGB, Slobbo, matara a namorada com um dardo venenoso, mas em algum lugar ali perto estava a máquina russa anti-gravidade. Talvez no fundo deste mesmo túnel. Apanhou a pistola e passou pelo túnel de concreto, os olhos muito abertos e alertas, fumaça saindo pelo nariz.

A outra extremidade do túnel estava solidamente bloqueada pela neve. Tentou escavar,

mas ficou espantado (e um pouco inquieto) de ver como estava sólida, quase como gelo, pelo peso frio e constante de mais neve em cima.

Seu jogo de faz-de-conta fracassou e de repente ele percebeu que estava preso, e extremamente nervoso, dentro daquele anel apertado de cimento. Podia ouvir sua respiração: era úmida, rápida e oca. Ele estava debaixo da neve, e com muita dificuldade a luz se infiltrava pelo buraco que abrira para entrar ali. De repente, quis sair e ficar no sol, mais do que tudo, e se lembrou de que o pai e a mãe estavam dormindo e não sabiam onde ele estava, que, se o buraco que ele cavou desmoronasse, ele ficaria preso, e o Overlook não gostava dele.

Danny virou-se para o outro lado com alguma dificuldade e engatinhou pelo túnel, os sapatos de neve batendo atrás dele, as palmas de suas mãos esmagando as últimas folhas mortas de outono, e deixando-as para trás. Acabara de chegar à saída do túnel, quando uma pequena rajada de neve caiu, uma queda sem importância, mas suficiente para salpicar seu rosto e obstruir a abertura por onde ele tinha entrado e deixá-lo na escuridão.

Por um momento, seu cérebro congelou em pânico, e ele não conseguia pensar. Então, como que vindo de muito longe, ouviu o pai dizendo que ele não deveria nunca brincar no depósito de entulhos de Stovington, porque, às vezes, pessoas idiotas jogavam suas geladeiras velhas lá, sem tirarem as portas, e se você entrasse numa e acontecesse de a porta bater, não haveria mais jeito de sair. Você morreria na escuridão.

(Não gostaria que uma coisa assim acontecesse com você, gostaria doutor?)

(Não, papai.)

Mas tinha acontecido, sua mente frenética dizia, tinha acontecido, ele estava no escuro, estava fechado, e era tão frio quanto uma geladeira. E...

(alguma coisa está aqui comigo.)

Com o susto, sua respiração cessou. Um pavor estonteante passou-lhe pelas veias. Sim. Sim. Havia alguma coisa aqui com ele, alguma coisa horrorosa que o Overlook guardara para uma oportunidade como esta. Talvez uma aranha imensa que se tinha escondido debaixo das folhas mortas, ou, um rato... ou talvez o cadáver de alguma criança que morrera ali no playground. Não acontecera isso? Sim, pensou ele, talvez. Pensou na mulher na banheira. No sangue e nos miolos na parede da Suíte Presidencial. Em alguma criança com a cabeça partida num tombo de um balanço, engatinhando atrás dele no escuro, sorrindo, à procura de um colega, no seu playground interminável. Para sempre. A qualquer momento ele a ouviria aproximando-se.

Na outra extremidade do anel de concreto, Danny ouviu o furtivo farfalhar das folhas mortas, como se alguma coisa se estivesse aproximando dele, engatinhando. A qualquer momento sentiria uma fria mão segurar seu tornozelo...

Aquele pensamento quebrou-lhe a paralisia. Ele estava cavando a neve solta que tapou a extremidade do túnel, jogando-a para trás aos bocados, por entre suas pernas, como um cachorro cavando à procura de um osso. Uma luz azul penetrava, vindo de cima, e Danny imaginou-se um mergulhador saindo do fundo da água. Arranhara as costas no anel de concreto. Um dos sapatos embaraçara no outro. Entrou neve por dentro de sua máscara de esqui e pela gola do capuz. Cavou a neve, com as unhas. Alguma coisa invisível lá estava e parecia tentar segurá-lo, sugá-lo, empurrá-lo para o anel de concreto e mantê-lo ali. Para sempre.

Em seguida saiu, o rosto voltado para o sol, rastejando pela neve, fugindo do anel de cimento, semi-enterrado, respirando com. dificuldade, o rosto quase comicamente branco de neve - uma máscara viva. Foi mancando até a gangorra e sentou-se para ajeitar os sapatos e descansar. Enquanto os ajeitava e amarrava novamente, não tirava os olhos do buraco do fundo do túnel. Esperou para ver. se alguma coisa sairia. Nada aconteceu e, em três ou quatro minutos, Danny voltou a respirar com mais calma. Fosse o que fosse, essa coisa não tolerava o sol. Estava engaiolada ali dentro, talvez só podendo sair quando escurecesse... ou quando as duas saídas de sua prisão circular estivesse bloqueada pela neve.

(mas estou seguro agora estou seguro vou voltar porque agora estou)

Alguma coisa bateu de leve atrás dele.

Voltou-se em direção ao hotel, e olhou. Mas mesmo antes de olhar

(Está vendo os índios neste desenho?)

sabia o que veria, porque sabia o que era aquela leve batida. Era o ruído de um pedaço grande de neve caindo, o mesmo ruído que havia quando a neve escorregava do telhado do hotel e caía no chão.

(Está vendo... ?)

Sim. Via. A neve caíra do arbusto em forma de cachorro. Quando chegara, era apenas um amontoado inofensivo de neve fora do playground. Agora estava ali descoberta, um pedaço de verde fora do lugar na brancura da neve. O cão estava sentado, como que pedindo um docinho ou alguma sobra.

Mas desta vez não se iria apavorar, não se entregaria. Pelo menos não estava preso num buraco escuro. Estava sob a luz do sol. E aquilo era apenas um cachorro. O dia hoje está bonito, pensou esperançosamente. O sol simplesmente derreteu a neve de cima do velho cão, e o resto caiu em pedaços. Talvez seja só isso.

(Não se aproxime daquele lugar... mantenha-se afastado.)

Os cadarços dos sapatos estavam apertados demais. Levantou-se e olhou fixamente para o anel de concreto, quase totalmente submerso na neve, e o que viu no fundo de onde saíra congelou seu coração. Havia um círculo escuro no fundo, uma sombra que marcava o buraco que cavara para entrar. Agora, apesar do brilho refletido da neve, pensou estar vendo alguma coisa ali. Alguma coisa se mexendo. Uma mão. O aceno de uma criança infeliz desesperada, uma mão acenando, suplicando, afogada.

(Salve-me. Oh por favor me salve. Se não me pode salvar pelo menos venha brincar comigo... Para sempre. Para sempre. Para sempre.)

- Não - sussurrou Danny, rouco. A palavra saiu seca e simples de sua boca, que estava seca. Sentia sua mente hesitando, tentando ir embora, como fizera quando a mulher no quarto tinha... não, melhor não pensar nisso.

Agarrou os cordões da realidade, e segurou-os com força. Tinha que sair daqui. Concentrar-se nisso. Ficar calmo. Ser como 0 Agente Secreto. Patrick McGoohan choraria e urinaria nas calças como um bebezinho?

E seu pai?

Isso o acalmou.

Atrás dele, aquele baque surdo de neve caindo veio novamente. Virou-se, e a cabeça de um dos leões estava fora da neve agora, rosnando para ele. Estava mais próximo do que devia, quase no portão do playground.

O pavor quis aparecer, e ele o dominou. Era o Agente Secreto, e escaparia.

Começou a sair do playground, tomando o mesmo atalho que o pai tomara no dia que a neve caiu. Concentrou-se nos sapatos. Passos largos e lentos. Não levante muito os pés ou perderá o equilíbrio. Mexa o tornozelo e tire a neve do peito do pé. Parecia tão lento. Chegou ao canto do playground. A neve estava alta aqui, e ele pôde passar por cima da cerca.

Na metade da travessia quase caiu, quando o sapato ficou preso em um dos postes da cerca. Perdeu o equilíbrio, balançou os braços, lembrando-se de como era difícil levantar, uma vez no chão.

A sua direita, o ruído novamente, pedaços de neve caindo. Olhou e viu os outros dois leões, sem neve, agora sobre as quatro patas, lado a lado, a 20 metros de distância. As marcas recortadas, que eram os olhos, estavam fixes nele. O cachorro virara a cabeça.

(Só acontece quando você não está olhando.)

- Oh, ei...

Tropeçou e caiu de frente na neve, os braços sacudindo inutilmente. Mais neve entrou no capuz, pelo pescoço e pelo cano das botas. Lutou para sair da neve e colocou os sapatos no chão, o coração batendo forte,

(Agente Secreto, lembre-se de que você é o Agente Secreto)

e se desequilibrou para trás. Por um momento ficou ali deitado, olhando para o céu, pensando que seria mais simples desistir.

Pensou então na coisa dentro do túnel de concreto, e sabia que não podia. Pôs-se de pé, e olhou para a topiaria. Os três leões estavam agrupados, a menos de 15 metros de distância. O cachorro colocara-se à esquerda deles, como se para impedir a fuga de Danny. Estavam livres da neve a não ser por alguns flocos em volta do pescoço e do focinho. Todos o olhavam fixamente.

Sua respiração estava acelerada, e o pânico era como um rato em sua testa, torcendo-se e roendo. Lutava contra o pânico e contra os sapatos.

(A voz do pai: Não, não lute contra eles, doutor. Pise neles como se fossem seus pés. Caminhe com eles.)

(Sim, Papai.)

Começou a andar novamente, tentando readquirir o ritmo tranqüilo que praticara com o pai. Aos poucos foi conseguindo, mas com o ritmo veio a consciência do cansaço, do quanto o medo 0 tinha cansado. Os tendões das coxas, da barriga das pernas e dos tornozelos estavam trêmulos e quentes. Adiante podia ver o Overlook, zombando de longe, parecendo olhá-lo com suas muitas janelas, como se este fosse uma espécie de concurso no qual estava pouco interessado.

Danny olhou por cima dos ombros, e sua respiração acelerada acalmou-se por um momento, e em seguida continuou ainda mais apressada. O leão mais próximo estava agora apenas a seis metros de distância, enfrentando a neve como um cachorro nadando numa lagoa. Os dois outros estavam à direita e à esquerda, lado a lado. Eram como um pelotão do Exército, o cachorro, ainda à esquerda, o batedor. O leão mais próximo estava de cabeça baixa. Os ombros juntos poderosamente sobre o pescoço. A cauda levantada como se, no instante anterior, se tivesse voltado para olhar e estivesse balançando para lá e para cá. Achou-o parecido com um grande gato doméstico que se divertia, brincando com o rato antes de matá-lo.

(... caindo...)

Não, se caísse estaria morto. Não o deixariam levantar-se jamais. Eles o agarrariam. Sacudiu os braços como louco e acelerou o passo, cambaleando. Equilibrou-se e correu, olhando para trás de tempos em tempos. O ar saía e entrava pela garganta como vidro quente.

O mundo se resumia na neve brilhante, nos arbustos verdes e no ruído de seus sapatos. E numa outra coisa. Um ruído surdo de passos. Tentou correr mais depressa, mas não pôde. Caminhava sobre a entrada enterrada, um menino com o rosto quase escondido na sombra de seu capuz. A tarde estava calma e brilhante.

Quando olhou para trás novamente, o leão da frente estava apenas a metro e meio de distância. Ele sorria. A boca estava aberta, o dorso tenso como uma mola de relógio. Atrás dele e dos outros podia ver o coelho, a cabeça agora saindo da neve, verde clara, como se tivesse virado a cara sem expressão para assistir ao fim da caçada.

Agora, no jardim da frente do Overlook, entrou em pânico e começou a correr desajeitado nos sapatos de neve, sem se atrever a olhar para trás, cada vez mais inclinado para a frente, os braços esticados como um cego tateando obstáculos. O capuz caiu para trás, descobrindo a pele branca e a face corada, olhos arregalados de pavor. A varanda estava muito próxima agora.

Atrás dele ouvia o repentino esmagar de neve, como se alguma coisa tivesse saltado.

Caiu nos degraus da varanda, gritando sem voz, e subindo apoiado nas mãos e joelhos, os sapatos batendo e virados para o lado errado.

Houve um ruído cortando o ar e de repente sentiu dor na perna. Ruído de roupa sendo rasgada. Alguma outra coisa que devia - tinha - que ser em sua mente.

Um urro, um rugido zangado.

Cheiro de sangue e cipreste.

Caiu na varanda, soluçando rouco, o gosto forte de cobre na boca. O coração batendo forte no peito. Havia um fio de sangue saindo do nariz.

Não tinha idéia do tempo que passara ali até que as portas do saguão se abriram e Jack saiu, só de jeans e chinelos. Wendy estava atrás dele.

- Danny! - gritou ela.

- Doutor! Danny, pelo amor de Deus! O que houve? O que aconteceu?

O pai ajudou-o a se levantar. Abaixo do joelho, a calça de neve estava rasgada. Por baixo, a meia de lã tinha sido rasgada e a barriga da perna superficialmente arranhada... como se ele tivesse tentado trepar num cipreste muito denso, e os galhos o tivessem arranhado.

Olhou para trás. Lá embaixo, depois do gramado, estavam alguns amontoados de neve. Os animais. Entre eles e o playground. Entre eles e a estrada.

Suas pernas lhe faltaram. Jack tomou-o nos braços. Danny começou a chorar.

35

O SAGUÃO

Contara-lhes tudo, omitindo apenas o que acontecera com ele, quando a neve bloqueou a saída do anel de concreto. Não conseguia repetir aquilo. E não encontrava as palavras certas para expressar a crescente sensação de pavor e cansaço, quando ouviu as folhas mortas de álamo estalarem furtivamente na fria escuridão. Mas contou-lhes sobre o ruído surdo dos pedaços de neve caindo. Sobre o leão com a cabeça e os ombros juntos, lutando contra a neve para persegui-lo. Contou-lhes até de como o coelho virara a cabeça para assistir ao final.

Os três estavam no saguão. Jack acendera a lareira. Danny estava enrolado num cobertor no sofá pequeno, onde, certa vez, há dez milhões de anos, três freiras sentaram-se rindo como meninas, enquanto esperavam a fila na recepção diminuir. O menino tomava sopa de macarrão numa caneca. Wendy sentava-se a seu lado, afagando-lhe os cabelos. Jack sentava-se no chão, o rosto cada vez mais circunspecto à medida que Danny contava a história. Por duas vezes, Jack puxou o lenço do bolso de trás e esfregou o lábio ferido.

- Então, eles me seguiram - concluiu o garoto. Jack levantou-se e foi à janela de costas para eles. Danny olhou para a mãe. - Seguiram-me o tempo todo, até a varanda. - Lutava por manter a voz calma, porque se mantivesse a calma talvez acreditassem. O Sr. Stenger não ficara calmo. Começara a chorar e não tinha conseguido parar, então OS HOMENS DE CAMISAS BRANCAS levaram-no, porque, se alguém não pudesse parar de chorar, isso significava que TINHA PERDIDO UM PARAFUSO, e quando voltaria? NINGUÉM SABE. Seu capuz, calças e sapatos encharcados estavam sobre o tapete junto às grandes portas da frente.

(Não vou chorar. Não me vou deixar chorar)

E achava que conseguiria, mas não conseguia parar de tremer. Olhava para o fogo, e esperara que o pai dissesse alguma coisa. Chamas altas amarelas na lareira de pedra escura. Um pedaço de lenha estourou e as faíscas correram para a chaminé da lareira.

- Danny, venha cá. - Jack voltou-se para eles. Seu rosto ainda tinha aquela expressão extremamente aflita. Danny não gostava de olhar.

- Jack...

- Só quero que o menino venha aqui um minuto.

Danny desceu do sofá e foi para junto da pai.

- Menino obediente. Agora, o que você está vendo?

Danny sabia o que iria ver, mesmo antes de chegar à janela. Abaixo das confusas pegadas de botas, marcas de trenó e de sapatos de neve, que demarcavam sua área normal de brincar, o campo de neve que cobria os jardins do Overlook descia até à topiaria: e ao playground, mais adiante. Estava desfigurado por dois conjuntos de pegadas, um deles em linha reta da varanda ao playground, o outro uma linha sinuosa que subia.

- Só minhas pegadas, Papai. Mas...

- E os arbustos, Danny?

Os lábios de Danny começaram a tremer. Ia chorar. E se não conseguisse parar?

(não vou chorar não vou chorar não vou não vou NÃO VOU) - Tudo coberto de neve - sussurrou. - Mas, Papai...

- O quê? Não ouvi!

- Jack, isto é um interrogatório! Não vê que ele está triste, que ele está...

- Cale a boca! Bem, Danny?

- Eles me arranharam, Papai. Minha perna...

- Você deve ter cortado a perna na neve.

Então, Wendy ficou entre eles, o rosto pálido e zangado.

- O que você quer que ele faça? - perguntou ela. - Confesse um crime? O que há com você?

A estranheza dos olhos de Jack pareceu diminuir.

- Estou tentando ajudá-lo a descobrir a diferença entre uma coisa real e uma alucinação, só isso. - Agachou-se junto a Danny para que pudessem ficar da mesma altura, e então o abraçou apertado. - Danny, não aconteceu de verdade. OK? Foi como aqueles transes que você, às vezes, tem. Só isso.

- Papai?

- Que é, Dan?

- Não cortei a perna na neve. Ainda não está congelada. Ainda está macia. Nem fica grudada para a gente fazer bolas de neve. Lembra-se de que a gente tentou fazer uma guerra de bola de neve e não conseguiu?

Sentiu a severidade do pai.

- No degrau da varanda, não foi?

Danny esquivou-se. De repente, teve a luz. Sua mente iluminou-se repentinamente, como, às vezes, acontecia, como tinha acontecido com a mulher que queria entrar na calça cinza do homem. Olhou o pai com os olhos fixos e arregalados.

- Você sabe que estou dizendo a verdade - murmurou o garoto, chocado.

- Danny... - O rosto de Jack ficou tenso.

- Você sabe porque viu...

O som da mão espalmada de Jack no rosto de Danny foi cheio, sem ser em nada dramático. A cabeça do menino sacudiu, a marca vermelha dos dedos no rosto.

Wendy gemeu.

Ficaram imóveis por um momento, os três, e então Jack agarrou o filho e disse:

- Danny, perdoe-me, você está bem, doutor?

- Você bateu nele, seu safado! - gritou Wendy. - Seu sujo!

Agarrou a outra mão do filho, e por um momento Danny foi puxado pelos dois.

- Por favor parem de me puxar! - gritou para eles, e havia tanta agonia em sua voz que os dois o soltaram, e então as lágrimas tiveram que cair e ele perdeu as forças, chorando entre o sofá e a janela, os pais o olhando, sem poder fazer nada, como crianças que olham um brinquedo quebrado numa luta furiosa. Na lareira, um outro pedaço de lenha estourou como uma granada, assustando-os.

Wendy deu-lhe aspirina infantil, e Jack colocou-o na cama, sem protestos. Não dormia, mas o polegar estava em sua boca.

- Não gosto disso - falou ela. - E uma regressão.

Jack não respondeu.

Olhou-o com calma, sem raiva, sem também sorrir.

- Quer que me desculpe por tê-lo chamado de safado? Muito bem, peço desculpa. Perdão. Mas ainda acho que não devia ter batido nele.

- Eu sei - murmurou Jack. - Sei disso. Não sei que diabo foi que aconteceu comigo.

- Você prometeu que nunca mais bateria nele.

Ele a olhou furioso, e então a fúria arrefeceu. De repente, com pena e pavor, ela viu como seria Jack quando velho. Nunca o tinha visto assim antes.

(de que forma?)

Derrotado, ela mesma respondeu. Tem a expressão de quem foi pisado.

- Sempre pensei que pudesse cumprir minhas promessas falou Jack.

Ela foi até ele, e colocou as mãos sobre seu braço.

- Bem, está terminado. E quando o guarda-florestal vier para nos ver, vamos dizer que queremos descer. Certo?

- Certo - respondeu ele; e no momento, pelo menos, estava sendo sincero. Da mesma forma que sempre fora sincero naquelas manhãs seguintes, olhando o rosto pálido e desfigurado no espelho do banheiro. Vou parar, vou largar tudo de vez. Mas a manhã dava lugar à tarde, e à tarde sentia-se melhor. E a tarde dava lugar à noite. Como diria um grande pensador do século vinte, a noite precisa vir.

Viu-se desejando que Wendy perguntasse sobre os arbustos, perguntasse o que Danny quis dizer com Você sabe porque viu... Se ela o fizesse, ele contaria tudo. Tudo. Os arbustos, a mulher no quarto, até sobre a mangueira do extintor de incêndio que pareceu ter mudado de posição. Mas até onde iria a confissão? Poderia dizer que jogara o magneto fora? Que poderiam todos estar em Sidewinder agora, se não o tivesse feito?

O que ela disse foi:

- Quer chá?

- Quero. Uma xícara de chá cairia bem.

Ela foi até a porta e parou, esfregando os braços por cima do suéter.

- A culpa é tanto minha, quanto sua - disse. - O que estávamos fazendo enquanto ele passava por aquele... sonho, ou seja lá o que for?

- Wendy...

- Estávamos dormindo - disse ela. - Dormindo como um casal de adolescentes satisfeitos.

- Pare com isso. Acabou.

- Não - respondeu Wendy, e lançou-lhe um sorriso estranho e inquieta. - Não acabou.

Foi fazer o chá, e o deixou tomando conta do filho.

36

O ELEVADOR

Jack acordou de um sono leve e inquieto, onde figuras enormes e indefinidas o perseguiam por campos de neve intermináveis, o que pensou ser um outro sonho: escuridão, uma repentina mistura de sons mecânicos.

Então, Wendy sentou-se ao lado, e ele percebeu que não era um sonho.

- O que é isso? - a mão dela, fria, agarrou-lhe o pulso. Ele reprimiu a vontade de sacudi-la... como é que podia saber o que era aquilo? O relógio iluminado na mesa de cabeceira marcava cinco para meia-noite.

O barulho novamente. Alto e constante, com pouquíssima diferença.

Era o elevador.

Danny estava sentado.

- Papai? Papai? - Sua voz era sonolenta e cheia de medo.

- Estou aqui, doutor - disse Jack. - Venha para cá. Sua mãe também está acordada.

Houve o ruído das roupas de cama, enquanto Danny subia na cama para ficar entre eles.

- E o elevador - sussurrou o garoto.

- É sim - disse Jack. - Só o elevador.

- O que quer dizer por só? - perguntou Wendy. Havia um certo tom de histeria em sua voz. - Já é madrugada. Quem está mexendo nele?

Barulho. Em cima deles agora. O chocalhar da grade se abrindo, a batida das portas se

abrindo e fechando. Em seguida, o ruído do motor e dos cabos novamente.

Danny começou a chorar.

Jack pôs os pés no chão.

- Talvez seja um curto. Vou dar uma olhada.

- Não se atreva a sair deste quarto!

- Não seja boba - disse ele, vestindo o robe. - É o meu trabalho.

Ela mesma estava fora da cama pouco depois, tendo Danny a seu lado.

- Nós vamos também.

- Wendy...

- Por que não? - perguntou Danny, triste. - Por que não, Papai?

Ao invés de responder deu as costas, o rosto zangado e duro. Fechou o robe junto à porta, abriu-a, e saiu pelo corredor escuro.

Wendy hesitou por um momento, e foi praticamente Danny que começou a andar primeiro. Ela acompanhou-o rapidamente, e todos saíram juntos.

Jack não se importou com as luzes. Wendy tateou à procura do interruptor que acendia as quatro lâmpadas do corredor que dava para o corredor principal. Adiante, Jack já dobrava o corredor. Desta vez, Danny encontrou o interruptor e acendeu as lâmpadas. O corredor, que dava para as escadas, e o elevador, iluminou-se.

Jack estava parado diante da porta do elevador, que era ladeada por bancos e cinzeiros de pé. Estava imóvel em frente à porta fechada. No roupão xadrez desbotado, chinelos de couro marrom, o cabelo despenteado, ele parecia um absurdo Hamlet do século vinte, uma figura indecisa tão influenciada pela tragédia próxima que não conseguia desviar ou alterar seu curso.

(deus pare de pensar como louca...)

As mãos de Danny estavam muito apertadas às da mãe. Olhava-a atentamente, o rosto tenso e ansioso. Tentava captar céus pensamentos, concluiu Wendy. Simplesmente, o muito ou o pouco que obtinha era impossível dizer, mas ela ruborizou-se, como se ele a tivesse apanhado masturbando-se.

- Venha - disse ela, e caminharam no corredor em direção a Jack.

O barulho ali era mais alto, de modo amedrontador e desconexo. Jack olhava fixamente para a porta. Pela janelinha de vidro, no centro, ela pensou que poderia enxergar os cabos vibrando um pouco. O elevador retiniu parando abaixo deles, no saguão. Ouviram as portas abrirem. E...

(festa)

Por que pensara em festa? A palavra simplesmente saltara em sua cabeça sem razão alguma. O silêncio no Overlook era completo e incenso, com exceção dos ruídos estranhos que vinham do cabo do elevador.

(deve ter sido uma senhora festa)

(???Que festa???)

Por um momento, a mente de Wendy se encheu com uma imagem tão real, que parecia ser uma lembrança... não qualquer lembrança, mas uma daquelas que você gosta, uma daquelas que você guarda para ocasiões muito especiais, e raramente fala nelas. Luzes... centenas, talvez milhares delas. Luzes e cores, o estourar das rolhas de champanha, uma orquestra de 40 figuras tocando In the Mood, de Glenn Miller. Mas este músico morrera antes de ela ter nascido, como podia ter Glenn Miller na lembrança?

Olhou para Danny e viu sua cabeça tombada de lado, como se estivesse ouvindo algo que ela não ouvia. O rosto estava pálido.

Um baque.

A porta fechou-se lá. Um zumbido quando o elevador começou a subir. Ela viu o motor em cima do carro pela janelinha de vidro, depois o interior do carro visto pelos losangos formados pela grade. Uma luz amarela pálida do teto do carro. Estava vazio. O carro estava vazio. Estava vazio, mas

(nas noites de festa deviam encher o carro além dos seus limites de segurança, mas naturalmente ele era novo nessa época, e todos usando máscaras.)

(???QUE MASCARAS???)

O elevador parou no andar de cima, terceiro andar. .Ela olhou para Danny. Seu rosto era só olhos. A boca apertada, amedrontada e branca. Acima deles, a grade abrindo. A porta do elevador aberta num baque, aberta num baque porque era hora, a hora era chegada, era hora de dizer

(Boa-noite... boa-noite... sim, foi maravilhoso... não, realmente não posso ficar para a retirada das máscaras... cedo para a cama, cedo para levantar... oh, aquela era Sheila?... O monge?... aquela não é a graciosa Sheila fantasiada de monge?... sim, boa-noite... boa)

Baque.

Som metálico. Motor engatado. O carro começou a descer.

- Jack - sussurrou ela. - O que é? O que está acontecendo?

- Um curto-circuito - respondeu Jack. Seu rosto estava como madeira. - Eu lhe disse que era um curto-circuito.

- Fico ouvindo vozes em minha cabeça! - gritou Wendy. O que é? O que está acontecendo? Sinto-me como se estivesse ficando louca!

- Que vozes? - Olhou-a com doçura.

Ela voltou-se para Danny.

- Você ouviu... ?

Danny meneou a cabeça devagar.

- Sim. É música. De muito tempo atrás. Em minha cabeça.

O elevador parou novamente. O hotel estava silencioso, estalando, deserto. Lá fora o vento gemia na escuridão.

- Talvez vocês dois estejam loucos - disse Jack, naturalmente. - Não escuto absolutamente nada, só mesmo o elevador passando por um caso de soluços elétricos. Se vocês dois querem formar um dueto histérico, bem. Mas não me incluam.

O elevador estava descendo novamente.

Jack deu um passo à direita, onde havia uma caixa com a frente de vidro. Deu-lhe um soco para quebrá-lo. Cortou a mão. E de dentro tirou uma chave comprida e lisa.

- Jack, não. Não.

- Vou cumprir meu dever. Agora, deixe-me sozinho, Wendy!

Ela tentou agarrar-lhe o braço. O marido a empurrou. Seus pés tropeçaram na barra do robe e ela caiu no tapete com um tombo desajeitado. Danny deu um grito estridente e caiu de joelhos ao lado dela. Jack voltou-se para o elevador e enfiou a chave no buraco.

Os cabos do elevador desapareceram e o piso do carro surgiu na pequena janela. Um segundo depois, Jack girou a chave com força. Houve um rangido e um chiado, enquanto o elevador parava. Por um momento, o motor desembrenhado, no porão,

gritou ainda mais, e então o interruptor de circuito desligou-o, e o Overlook ficou em silêncio. O vento da noite lá fora parecia muito alto. Jack olhou estupidamente para a porta cinza de metal do elevador. Havia tr8s manchas grandes de sangue embaixo da fechadura.

Voltou-se para Wendy e Danny. Ela estava sentada e Danny tinha o braço a sua volta. Os dois o olhavam fixamente, como se ele fosse um estranho, possivelmente um estranho perigoso. Ele abriu a boca sem ter certeza do que ia sair.

- É... Wendy, é o meu trabalho.

- A merda com o seu trabalho - disse ela, claramente.

Ele se voltou para o elevador, passou os dedos na fenda que corria no lado direita da porta, e abriu-a um pouco. Depois, conseguiu pôr todo seu peso na porta e abriu-a.

O carro parara na metade, o piso na altura do peito de Jack. A luz ainda ligada, contrastando com a escuridão do poço embaixo.

Olhou para o interior, durante o que pareceu um longo tempo.

- Está vazio - falou ele, então. - Um curto-circuito, como eu disse. - Enfiou os dedos na fenda atrás da porta e começou a fechá-la... Em seguida, as mãos dela pousaram sobre seu ombro, com surpreendente força, afastando-o.

- Wendy! - gritou Jack. Mas ela já tinha alcançado o piso do elevador e dava pulos para poder olhar o interior do carro. Em seguida, com um movimento dos músculos dos ombros e barriga, ela tentou impulsionar-se para cima. Por um momento, ficou suspensa. Seus pés balançavam-se sobre a escuridão do poço e um chinelo cor-de-rosa caiu do pé e desapareceu.

- Mamãe! - gritou Danny.

Então, ela subiu, seu rosto ruboresceu, a testa tão pálida e iluminada como uma lamparina.

- O que me diz disto, Jack? Isto é um curto-circuito? - Jogou alguma coisa e, de repente, o corredor estava cheio de confetes vermelhos, brancos, azuis e amarelos. - B? - Uma serpentina verde, desbotada em um tom pastel claro com a idade. - E isto? Atirou-a, e ela veio pousar no tapete azul, uma máscara de cetim negro, enfeitada de lantejoulas no canto das têmporas. - Isto lhe parece um curto-circuito, Jack? - gritou para o marido.

Jack afastou-se devagar, sacudindo a cabeça mecanicamente. A máscara olhava perdida para o teto, pousada sobre o tapete do corredor coberto de confete.

37

O SALÃO DE BAILE

Era primeiro de dezembro.

Danny estava no salão de baile da ala leste, em cima de uma poltrona estofada, de espaldar alto, olhando o relógio. Ficava no centro, uma prateleira enfeitada, ladeada por dois grandes elefantes de marfim. Quase esperava que os elefantes começassem a se mexer, tentando espetá-lo com suas presas, mas eles estavam imóveis. Eram "seguros". Desde a noite do elevador, dividia todas as coisas no Overlook em duas categorias. O elevador, o porão, o playground, o apartamento 217 e a Suíte Presidencial (era Suíte, era assim que se escrevia; tinha visto num livro de contabilidade que o pai estivera lendo no jantar na noite anterior, e memorizara com cuidado)... estes lugares eram "inseguros". Seus alojamentos, o saguão e a varanda eram "seguros". Aparentemente o salão de baile era também.

(Os elefantes pelo menos são.)

Não estava certo quanto aos outros lugares e, portanto, geralmente os evitava.

Olhou o relógio dentro da redoma de vidro. Ficava sob o vidro porque toda a sua engrenagem estava exposta. Um sulco cromado ou de aço contornava estes trabalhos, e imediatamente abaixo do mostrador havia uma barra com um par de rodas dentadas em cada extremidade. Os ponteiros do relógio estavam parados um quarto depois das XI, e apesar de não conhecer algarismos romanos podia adivinhar pela configuração dos ponteiros a que horas o relógio tinha parado. O relógio repousava sobre uma base de veludo. Em frente, um pouco distorcida pela curva da redoma, estava uma chave de prata, cuidadosamente trabalhada.

Supôs que o relógio era uma das coisas que ele não devia tocar, como as peças decorativas da lareira que ficavam no armário torneado de bronze junto à lareira do saguão, ou o menino alto de porcelana no fundo do restaurante.

Uma sensação de injustiça e de revolta cresceram nele e

(não se incomode com o que não devo tocar, simplesmente não se incomode; me tocou, não tocou? brincou comigo, não brincou?)

era verdade. E não tinha cuidado para não quebrá-lo, também.

Danny estendeu as mãos, tocou a redoma de vidro, e levantou-a. Deixou, por um momento, um dedo brincar sobre o interior do relógio, a ponta do dedo indicador acompanhando os dentes, passando de leve sobre as rodas. Pegou a chave de prata. Para um adulto, seria desconfortavelmente pequena, mas cabia perfeitamente entre seus

dedos. Colocou-a no buraco, no centro do mostrador. Entrou firmemente em seu lugar, com um pequeno clique, mais sentido do que ouvido. Girava para a direita, claro: sentido horário.

Danny girou a chave até que ela ficasse travada, e então retirou-a. O relógio começou a bater. Os dentes giravam. Uma grande roda balançava de um lado para outro, em semicírculos. Os ponteiros se mexiam. Se a pessoa mantivesse a cabeça imóvel e os olhos bem abertos, poderia ver o ponteiro de minutos caminhando para seu encontro, daqui a quarenta e cinco minutos, com o ponteiro das horas. As XII.

(E a Máscara da Morte Rubra dominava tudo.)

Franziu a testa, e afastou o pensamento. Era um pensamento sem significado ou referência para ele.

Estendeu o dedo indicador mais uma vez e empurrou o ponteiro dos minutos até o das horas, curioso com o que poderia acontecer. Obviamente, não era um relógio de cuco, mas aquele trilho de metal tinha que ter um propósito.

Houve uma pequena série de cliques, e então o relógio começou a tocar o Danúbio Azul, de Strauss. Um rolo de fazenda com, não mais do que, cinco centímetros de largura começou a se desenrolar. Uma pequena série de martelinhos subiam e desciam. Por trás do mostrador duas figuras foram vistas, bailarinos, à esquerda uma jovem com uma saia .fofa e meias brancas, à direita um rapaz de malha e sapatilhas. Suas mãos estavam seguras em arco sobre suas cabeças. Juntaram-se no meio, em frente ao VI.

Danny viu pequenas estrias em seus lados, exatamente abaixo das axilas. A barra entrou por estas estrias, e ele ouviu um outro pequeno clique. As rodas dentadas dos dois lados da barra começaram a girar. O Danúbio Azul soava. Os braços dos bailarinos desceram e se entrelaçaram. O rapaz levantou a moça acima da cabeça e em seguida rodopiou sobre a barra. Deitavam-se agora de bruços, a cabeça do rapaz mergulhada por baixo da saia curta de balé da moça, o rosto dela apertado no meio da malha do rapaz. Contorciam-se num frenesi mecânico.

O nariz de Danny franziu. Estavam beijando os pipis. Aquilo o deixou enjoado.

Minutos depois, as coisas começaram a retroceder. O rapaz rodopiou sobre a barra. Levantou a jovem numa posição ereta. Pareciam cumprimentar-se, enquanto suas mãos formavam o arco sobre suas cabeças. Retiraram-se como chegaram, desaparecendo assim que o Danúbio Azul terminou. O relógio começou a_ repicar os carrilhões de prata.

(Meia-noite! Está batendo meia-noite!)

(Tirem as máscaras!)

Danny rodopiou na poltrona, quase caindo. O salão de baile estava vazio. Adiante do janelão via neve fresca, começando a cair. O imenso tapete do salão (que ficava enrolado para o baile, claro), com um bordado rico, dourado e vermelho, repousava tranqüilo sobre o chão. Espalhadas em redor, estavam pequenas mesas para dois, as cadeiras viradas com as pernas apontando para o teto.

O salão todo estava vazio.

Mas não estava realmente vazio. Porque aqui, no Overlook, as coisas simplesmente pareciam não terminar. Houve uma noite interminável em agosto de 1945, com alegria e bedida, alguns poucos escolhidos subindo e descendo no elevador, bebendo champanha e soprando língua-de-sogra na cara um do outro. Ainda não era de manhã, em junho, há cerca de 20 anos, e os mafiosos atiraram nos corpos esfacelados e cheios de sangue de três homens, que viveram sua infindável agonia. Num quarto do. segundo andar, uma mulher boiava na banheira, esperava visitantes.

No Overlook, tudo tinha uma espécie de vida. Era como se se tivesse dado corda no lugar todo, com uma chave de prata Q relógio batia. O relógio batia.

Ele era aquela chave, pensou Danny triste. Tony avisara, e ele simplesmente deixou que as coisas prosseguissem.

(Só tenho cinco anos!)

Gritou para aqueles que ele pressentia estar ali.

(Não faz nenhuma diferença eu ter só cinco anos?)

Não houve resposta.

Voltou-se, relutante, para o relógio.

Tentava pará-lo na esperança de que alguma coisa acontecesse para ajudá-lo a não chamar Tony novamente, que um guarda-florestal chegasse, ou um helicóptero, ou uma equipe de salvamento; sempre chegavam na hora certa nos programas da televisão, e as pessoas eram salvas. Na televisão, os guardas, a SWAT e o pessoal da equipe médica era uma força branca amiga, contrabalançando o mal que ele percebia no mundo; quando as pessoas estavam em apuros, eram ajudadas. Eles não tinham que lutar para sair sozinhos.

(Por favor?)

Não houve resposta.

Nenhuma resposta, e se Tony viesse seria o mesmo pesadelo? A voz exuberante, rouca o petulante, o tapete preto e azul como cobras? Redrum?

Mas o que mais?

(Por favor oh por favor)

Nenhuma resposta.

Com um suspiro trêmulo, olhou para o mostrador do relógio. Rodas dentadas giravam e se encaixavam umas nas outras. Uma outra balançava hipnoticamente de um lado para outro. E se você mantivesse a cabeça imóvel, poderia ver o ponteiro dos minutos caindo de XII para V. Se você mantivesse a cabeça imóvel, poderia ver que...

O mostrador desapareceu. Em seu lugar, estava um buraco nego e redondo. Levava para o além. Começou a aumentar. O relógio desapareceu. O salão atrás dele. Danny cambaleou e caiu na escuridão que se escondera por trás do mostrador por todo o tempo.

O pequeno menino na poltrona, de repente, encostou-se e refestelou-se nela, a cabeça jogada para trás, os olhos arregalados e perdidos em direção ao teto alto do salão.

Descendo, descendo, descendo, descendo para...

... o corredor, agachado no corredor, e dobrara no lugar errado, tentando tomar de volta o caminho das escadas, dobrara no lugar errado e agora E AGORA ...

... viu que estava num corredor curto, sem saída que levava apenas à Suíte Presidencial, e o estrondo se aproximava, o taco de roque assobiando brutalmente pelo ar, enterrando a cabeça na parede, cortando o papel de seda, fazendo cair pequenos pedaços de gesso.

(Merda, venha cá! Tome seu)

Mas havia outra figura no corredor. Indiferentemente relaxado contra a parede atrás dele. Como um fantasma.

Não, não um fantasma, mas todo vestido de branco, vestido de branco.

(Vou alcançá-lo, seu maldito fedelho)

Danny encolheu-se de medo. Subindo pelo corredor principal do terceiro andar. Logo o dono daquela voz apareceria dobrando 0 corredor.

(Venha cá! Venha cá, seu merdinha!)

A figura de branco se ajeitou um pouco, tirou o cigarro do canto da boca,. e puxou um pedaço de fumo do lábio inferior. Era Hallorann, viu Danny. Vestido com o uniforme branco de cozinheiro, ao invés do casaco azul que usava no último dia.

- Se houver problema - dissera Hallorann - dê um sinal. Um chamado forte como o que você deu minutos atrás. Pode ser que eu o escute até mesmo lá na Flórida. E se isso acontecer, virei correndo. Virei correndo. Virei correndo...

(Venha agora então! Venha agora, venha AGORA! Oh, Dick, preciso de você, nós todos precisamos)

-... correr. Perdão, mas tenho que correr. Perdão, Danny amigão, mas tenho que correr. Foi muito divertido, seu danadão, mas tenho que ir depressa, tenho que correr.

(Não!)

Mas enquanto observava, Dick Hallorann virou-se, pôs o cigarro de volta no canto da boca; e passou indiferente através da parede.

Deixando-o sozinho.

E foi quando a sombra dobrou o corredor, imensa na escuridão do corredor, só deixando claro o vermelho dos olhos.

(Aí está! Peguei-o, seu bosta! Agora vou ensiná-lo!)

Balançou-se em direção a Danny, cambaleando, o taco de roque sacudindo. Danny caminhando para trás, gritando, e de repente passando através da parede e caindo, rolando pelo buraco, pelo buraco do coelho para uma terra cheia de extravagâncias.

Tony estava muito adiante, também caindo.

(Não posto mais vir, Danny... ele não me vai deixar chegar puto de você... nenhum deles vai-me deixar chegar peto de você... chame Dick... chame Dick...)

- Tony! - gritou.

Mas Tony desaparecera e, de repente, ele estava numa sala escura. Mas não totalmente escura. Uma luz muito fraca. Vinha do algum lugar. Era o quarto da mãe e do pai. Vis a escrivaninha do pai. Mas o quarto era um terrível campo de batalha. Já estivera neste quarto antes. O toca-discos da mãe derrubado no chão. Seus discos espalhados pelo tapete. O colchão metade fora da cama. Quer arrancados das paredes. A cama tombada cano um cachorro morto, o Violento Volkswagen Violeta reduzido a pedaços de plástico violeta.

A luz vinha da porta do banheiro, entreaberta. Por trás dela, uma mão flácida balançando, sangue pingando das pontas dos dedos. E, no espelho do armário de remédios, a palavra REDRUM acendendo e apagando.

De repente, um imenso relógio dentro de uma redoma de vidro materializou-se na

frente. Não havia ponteiros, nem números no mostrador, apenas uma data escrita em vermelho: 2 DE DEZEMBRO. E então, olhos arregalados de pavor, viu a palavra REDRUM refletida vagamente na redoma de vidro, agora refletida duas vezes. E viu que formava MURDER. *

* MURDER - ASSASSINATO. (N. da T:)

Danny Torrance gritou de pavor. A data desaparecera do mostrador. O próprio mostrador desaparecera, substituído por um buraco escuro que crescia, crescia como uma pupila dilatada. Apagava tudo, e ele tombou para frente, fiando a cair, caindo, ele estava...

Caindo da poltrona.

Por um momento deitou-se no chão do salão, ofegante.

REDRUM.
MURDER.

REDRUM.
MURDER.

(E a Máscara da Morte Rubra dominava tudo!)

(Retirem as máscaras! Retirem as máscaras!)

E, por trás de cada máscara brilhante e linda, o rosto até então escondido com a forma do que o perseguira nos corredores escuros, os olhos vermelhos e grandes, vagos e homicidas.

Oh, ele tinha meda do rosto que poderia aparecer, quando finalmente chegasse a hora da retirada das máscaras. (DICK!) gritou com toda a força A cabeça parecia tremer com a força (!!! OH DICK OH POR FAVOR POR FAVOR POR FAVOR VENHAM !!!)

Acima, o relógio, o relógio que dera corda com a chave de prata continuava a marcar os segundos, minutos e horas.

QUINTA PARTE

Questões de Vida e Morte

38

FLÓRIDA

O terceiro filho da Sra. Hallorann, Dick, vestido de uniforme branco de cozinheiro, um Lucky Strike pendurado no canto da boca, apanhou seu Cadillac reformado no estacionamento do Mercado de Frutas e Legumes, e deu uma volta devagar em torno do prédio. Masterton, agora sócio, que conservava desde antes da Segunda Guerra Mundial um jeito especial e todo seu de andar se arrastando, empurrava uma caixa de alfaces para dentro do edifício alto e escuro.

Hallorann apertou o botão que abria a janela do lado do banco do acompanhante e gritou:

- Esses abacates estão caros à beça, seu pão-duro.

Masterton olhou por cima dos ombros, deu um sorriso largo para mostrar os três dentes de ouro, e gritou de volta:

- E sei exatamente onde é que você pode enfiá-los, rapaz.

- Não costumo esquecer-me desse tipo de lembrete, mano.

Masterton fez um sinal obsceno com o dedo. Hallorann retribuiu.

- Recebeu os pepinos? - perguntou Masterton.

- Recebi.

- Venha cedo amanhã, vou dar-lhe as batatas mais bonitas que já se viu.

- Vou mandar o menino - disse Hallorann. - Vai passar por lá hoje à noite?

- Comes e bebes, mano?

- É isso ai.

- Conte comigo. Vá devagar para casa. Todo guarda daqui a St. Pete sabe seu nome.

- Você sabe de tudo, hem? - perguntou Hallorann, sorrindo.

- Sei mais do que você pensa, homem.

- Ouça este crioulo metido. Quer ouvir?

- Vá embora, saia daqui antes que eu jogue estas alfaces em cima de você.

- Pode jogar. Sendo de graça, eu pego.

Masterton fez que ia jogar um pé de alface. Halloraan desviou rapidamente a cabeça, levantou a janela, e saiu. Sentia-se bem. Durante a última meia hora tinha sentido o cheiro de laranja, mas não estranhou. Tinha passado a última meia hora em um mercado hortigranjeiro.

Eram quatro e meia da tarde, primeiro dia de dezembro, o Velho Inverno açoitava quase todo o pais, mas aqui os homens usavam camisas abertas de manga curta, e as mulheres, vestidos leves e shorts. No topo do edifício First Bank of Florida, um termômetro, enfeitado com imensas grapefruits, marcava 25°. Agradeço a Deus por ter-me dado a Flórida, pensou Hallorann, com seus mosquitos e tudo.

No banco de trás da limusine havia duas dúzias de abacates, um caixote de pepinos, idem de laranjas, ibidem de grapefruits. Três sacolas de compras cheias de cebola, as verduras mais maravilhosas que o bom Deus criou, ervilhas boas que seriam servidas com a entrada e que voltariam intactas nove vezes em cada dez refeições, e uma única abóbora que era estritamente para consumo pessoal.

Hallorann parou no sinal da Rua Vermont, e quando a seta verde acendeu no sinal, engatou e saiu pela Estrada 219, a 70, mantendo esta velocidade até que a cidade começou a dar lugar a uma porção de postos de gasolina e lanchonetes. A encomenda hoje tinha sido pequena, poderia ter mandado Baedecker buscar, mas este estava doido para chegar sua vez de comprar a carne e, além do mais, Hallorann nunca deixava passar uma oportunidade de um papo com Frank Masterton. O amigo talvez aparecesse à noite para assistir à televisão e beber a cerveja de Hallorann, ou talvez não. Qualquer possibilidade era boa. Mas vê-lo era importante. De uns tempos para cá, tornara-se importante, pois eles não eram mais jovens. Nos últimos dias parecia estar pensando muito neste assunto. Quando se chega próximo aos 60 (ou... para dizer a verdade... se ultrapassa) já não se é mais tão jovem, e, é preciso começar a pensar na morte. Pode-se ir a qualquer hora. E isso estava em sua mente esta semana, não de forma pesada, mas como um fato. Morrer é uma parte da vida. A pessoa tem que se ligar nisso, se quiser tornar-se um ser humano em sua totalidade. E se o fato de sua própria morte era difícil de ser entendido, pelo menos não era impossível de ser aceito.

Por que isso estava em sua mente, não podia dizer, mas a outra razão para ele mesmo ter apanhado a pequena encomenda era porque assim poderia subir até o pequeno escritório sobre o Frank's Bar e Grill. Havia lá um advogado agora (o dentista que passara por lá o ano passado tinha aparentemente falido), um jovem negro de nome McIver. Hallorann entrara e dissera a este McIver que queria fazer um testamento, e será que McIver poderia ajudá-lo? Hem, McIver respondeu, para quando quer o documento? Para ontem, disse Hallorann, jogando a cabeça para trás e rindo. Tem alguma coisa complicada em

mente?, foi a próxima pergunta de McIver. Hallorann não tinha. Tinha seu Cadillac, sua conta bancária - uns 9.000 dólares - e um armário de roupas. Queria que tudo fosse para sua Irmã. E se ela morrer antes de você?, perguntou McIver. Não se incomode, respondeu Hallorann. Se isso acontecer, farei um novo testamento. O documento estava pronto e assinado em menos de três horas - trabalho rápido para um rábula - e agora morava no bolso da camisa de Hallorann, dobrado dentro de um envelope azul com a palavra TESTAMENTO em letras desenhadas.

Não podia dizer por que escolhera este dia ensolarado, quando se sentia tão bem, para fazer algo que adiara durante anos, mas o impulso viera, e ele não dissera não. Acostumara-se a seguir seus impulsos.

Estava fora da cidade agora. Acelerou a limusine até os proibidos 100, e a deixou correr na pista da esquerda, que servia de escoamento para a maior parte do tráfego ao redor de Petersburg. Sabia, por experiência própria, que a limusine rodaria ainda com a mesma estabilidade a 140, e até a 190. Mas sua época de corredor já havia passado há muitos anos. A idéia de pôr 190 no carro numa reta, simplesmente o apavorava. Sentia frio.

(Deus, essas laranjas têm cheiro forte. Será que estão passadas?)

Insetos se esmagavam contra o pára-brisa. Ligou o rádio numa estação de soul de Miami e ouviu a voz macia de Al Green.

"Que época linda vivemos,

Agora está ficando tarde e devemo-nos nos separar..."

Abriu a janela, para jogar fora a ponta do cigarro e afastar o cheiro de laranjas. Batia os dedos de leve no volante e cantarolava. Pendurada no espelho retrovisor, sua medalha de São Cristóvão balançava um pouco.

De repente, o cheiro forte. de laranjas aumentou, e sabia que alguma coisa estava vindo a ele. Viu os próprios olhos no espelho retrovisor arregalarem-se surpresos. E então a coisa veio de uma vez, numa força imensa que afastou tudo o mais: a música, a estrada adiante, a própria consciência de si mesmo como única criatura humana. Era como se alguém lhe tivesse encostado um revólver psíquico 'na cabeça e tivesse atirado um grito de calibre 45.

(!!!OH DICK OH POR FAVOR POR FAVOR
POR FAVOR VENHA!!!)

A limusine emparelhou com uma caminhonete dirigida por um homem com roupa de trabalhador. O homem viu a limusine avançando em sua pista e buzinou. Quando o Cadillac continuou a correr, ele olhou rapidamente para o motorista e viu um homem preto grande ao volante, os olhos voltados vagamente para cima. Mais tarde, o homem disse à mulher que sabia tratar-se de um desses cabelos afros que todos os negros usam

hoje em dia, mas; na ocasião, parecera que cada fio de cabelo na cabeça do crioulo estava arrepiado. Pensou que o negro estivesse tendo um ataque cardíaco.

O trabalhador freou bruscamente, aproveitando o pouco espaço que lhe restava. Foi adiante, o Cadillac ainda o fechando, e viu apavorado quando as lanternas traseiras grandes e em forma de foguete cortaram sua pista a menos de centímetro do pára-choque.

O trabalhador passou para a esquerda, ainda buzinando, e berrou ao passar pela limusine descontrolada. Mandou o motorista da limusine ir praticar algum ato sexual anormal sem parceiro. Participar de sexo oral com roedores e pássaros. Articulou seu desejo de que todas as pessoas de sangue negro voltem ao continente de origem. Expressou sua sincera convicção do lugar que a alma do motorista da limusine ocuparia depois de morto. Concluiu dizendo que achava ter conhecido a mãe do motorista numa casa de prostitutas em Nova Orléans.

Depois, seguiu em frente e se viu fora de perigo; percebendo, de repente, que urinara na calça.

Na mente de Hallorann o pensamento se repetia

(VENHA DICK POR FAVOR VENHA DICK POR FAVOR)

mas começou a se esvanecer como acontece com uma estação de rádio quando você se aproxima dos limites da área de transmissão. Sentiu que o carro estava no acostamento a mais de 80 quilômetros por hora. Dirigiu-o de volta à estrada, sentindo a traseira do carro por um momento antes de retomar o asfalto.

Havia um anúncio de restaurante adiante. Hallorann ligou a seta e entrou, o coração batendo forte no peito, o rosto pálido. Estacionou, tirou o lenço do bolso, e esfregou a testa com ele.

(Santo Deus!)

- O que deseja?

A voz surpreendeu-o novamente, apesar de não ter sido a voz de Deus, mas sim a de uma garçonete bonitinha, junto à janela do carro com um bloco de pedidos.

- Sim, benzinho, um refrigerante. E um sorvete duplo de creme. OK.

- Sim, senhor. - Ela saiu, os quadris balançando jeitosos debaixo do uniforme de nylon vermelho.

Hallorann recostou-se no banco de couro, e fechou os olhos. Não sobrara mais nada. O último vestígio se apagara, quando estacionou e fez o pedido à garçonete. Tudo que

restou foi uma dor de cabeça forte, como se os miolos tivessem sido torcidos, espremidos e postos para secar. Como a dor de cabeça que teve quando deixou aquele menino Danny penetrar em sua mente lá em cima, na "Menina dos Olhos de Ullman".

Mas data vez tinha sido muito mais forte. Naquela ocasião o menino tinha apenas brincado com ele. Desta vez, tinha sido uma loucura, cada palavra gritava alto em sua cabeça.

Olhou para os braços. O sol quente batia neles, mas ainda assim estavam arrepiados. Tinha dito ao menino que o chamasse, se precisasse de ajuda, lembrava-se disso. E agora o menino estava chamando.

De repente, imaginou como poderia ter deixado aquele menino por lá, iluminado como era. Tinha que haver problemas, talvez sérios.

De repente, ligou a limusine, deu marcha à ré, e voltou para a estrada, o motor cantando no asfalto. A garçonete dos quadris salientes parou junto ao arco do anúncio, com uma bandeja nas mãos.

- Vai tirar o pai da forca? - gritou ela, mas Hallorann já havia saído.

O gerente era um homem chamado Queems; e, quando Hallorann entrou, Queems falava ao telefone com o bookmaker, pois queria apostar em quatro cavalos. Não, nada de acumulada. Apenas os quatro de sempre, 600 dólares redondos. E os Jets no domingo. Como assim, os Jets* contra os Bills.** Ele não sabia contra quem os Jeta iam jogar? Quinhentos. Quando Queems desligou, desapontado, Hallorann compreendeu como um homem poderia ganhar 50.000 por ano como gerente deste pequeno balneário, e ainda vestir calça velha. O gerente olhou para Hallorann com os olhos vermelhos de tanto olhar para o fundo do copo de uísque da noite anterior.

* JETS - time de futebol de Nova York. (N. da T.)
** BILIS - time de futebol de Buffato. (N. da T.)

- Algum problema, Dick?

- Sim, Queems, acho que sim. Preciso de três dias.

Havia um maço de Kent no bolso da camisa amarela de Queems. Tirou um cigarro sem remover o maço, segurando-o entre os dedos, e mordendo, melancólico, o filtro. Acendeu-o com o isqueiro de mesa.

- Eu também - disse o gerente. - Mas o que tem em mente?

- Preciso de três dias - repetiu Hallorann. - E o meu garoto.

Os olhos de Queems baixaram para a mão esquerda de Hallorann, que não tinha aliança.

- Estou divorciado desde 1964 - falou Hallorann, com paciência.

- Dick, você sabe qual é a situação no fim-de-semana. Estamos lotados. Até os portões. Até mesmo os quartos baratos. Até o Salão Flórida vai estar cheio no sábado à noite. Portanto, eu lhe dou meu relógio, minha carteira, minha pensão. Merda, dou-lhe até minha mulher, se você agüentar. Mas, por favor, não me peça dias de folga. O que ele tem, está doente?

- Sim, senhor - disse Hallorann, imaginando-se amassando um chapéu de pano barato entre os dedos e revirando os olhos. Levou um tiro.

- Tiro! - exclamou Queems. Colocou o Kent no cinzeiro que tinha um emblema da Universidade de Mississipi, por onde se formara em Administração.

- Sim, senhor - confirmou Hallorann, sombrio.

- Acidente de caça?

- Não, senhor - disse Hallorann, baixando o tom de voz. - Jana está vivendo com um motorista de caminhão. Um branco. Ele atirou no meu garoto. Está num hospital em Denver, Colorado. Estado grave.

- Com os diabos, como foi que você descobriu? Pensei que tivesse ido comprar os legumes.

- Sim, senhor, eu fui. - Ele parara no escritório da Western Union antes de ir para o hotel, para reservar um carro no balcão da Avis no Aeroporto de Stapleton. Antes de sair roubara um formulário da Western Union. Agora, tirava do bolso o formulário dobrado, e em branco, e o passava pelos olhos arregalados de Queems. Colocou-o de volta no bolso, e deixando a voz baixar mais um pouco, disse: - Jana mandou. Estava na minha caixa de carta quando voltei agora.

- Jesus. Jesus Cristo - falou Queems. Havia uma expressão peculiar de preocupação em seu rosto, com a qual Hallorann já se habituara. Era quase uma expressão de piedade de um branco que se considerava "bonzinho para com os coloreds", quando se tratava de um negro ou seu filho mítico. - Sim, muito bem, vá andando. Baedecker pode substituí-lo durante os três dias, acho eu. O menino que está trabalhando de garçom pode ajudar.

Hallorann balançou a cabeça, deixando seu rosto parecer mais calmo, mas a idéia de um menino ajudar Baedecker o fazia rir por dentro. Mesmo em dias calmos, Hallorann duvidava de que o menino pudesse acertar o pinico na primeira mijada.

- O senhor pode descontar no pagamento desta semana. disse Hallorann. - Tudo. Sei o problema que isto está causando para o senhor.

O rosto de Queems contraiu-se ainda mais, parecia ter um osso atravessado na garganta.

- Podemos conversar sobre isso mais tarde. Vá e arrume as malas. Vou conversar com Baedecker. Quer que lhe faça uma reserva no avião?

- Não senhor, eu mesmo faço.

- Muito bem. - Queems levantou-se, curvou-se sinceramente e soltou uma grande quantidade de fumaça. Tossiu com força, o rosto fino e branco tornando-se vermelho. Hallorann fez força para manter a expressão sombria. - Espero que tudo se resolva, Dick. Telefone quando tiver alguma notícia.

- Telefonarei.

Apertaram as mãos sobre a mesa.

Hallorann desceu até o andar, térreo e foi às dependências dos empregados explodindo numa gargalhada. Ainda ria e enxugava os olhos com o lenço, quando o cheiro de laranjas veio forte e nauseante, seguido pelo raio, que o atingiu na cabeça, levando-o, numa vertigem, de volta contra uma parede de reboco cor-de-rosa.

(!!!POR FAVOR VENHA DICK POR FAVOR VENHA VENHA DEPRESSA!!!)

Aos poucos, recuperou-se e finalmente se sentiu capaz de subir as escadas externas do apartamento. Guardava a chave debaixo do capacho, e quando se abaixou para apanhá-la, alguma coisa caiu do seu bolso batendo no chão com um ruído surdo. Sua mente ainda estava tão ligada à voz que ouvira na cabeça que, por um momento, só conseguia olhar para o envelope azul, sem saber o que era.

Em seguida, virou-o e a palavra TESTAMENTO fixou-se nele com letras negras.

(Ó meu Deus é isso?)

Não sabia. Mas poderia ser. Durante toda a semana o pensamento do próprio fim tinha estado em sua mente como uma... bem, como uma

(Vá, diga)

como uma premonição.

Morte? Por um momento sua vida inteira passou diante dele, não com sentido histórico, nem topográfico dos altos e baixos por que o terceiro filho da Sra. Hallorann, Dick, passara, mas sua vida como era agora. Martin Luther King contara-lhes, não muito antes que a bala o levasse para a cova de mártir, que ele havia ido à montanha. Dick não podia dizer o mesmo. Nenhuma montanha, mas chegara a um platô ensolarado depois de três anos de luta. Tinha bons amigos. Tinha todas as referências que precisasse para um

emprego em qualquer lugar. Quando queria trepar, bem, encontrava sempre uma amiga simpática, sem perguntas nem frescuras sobre o significado daquilo. Ele assumiu o fato de ser negro... assumiu mesmo. Já tinha mais de 60 e graças a Deus passava bem.

Arriscaria tudo isso - o fim dele mesmo - por causa de três brancos que nem sequer conhecia?

Mais isso era mentira, não era?

Conhecia o menino. Haviam-se relacionado como muitos amigos não se relacionam mesmo depois de 40 anos de amizade. Conhecia o menino, e o menino o conhecia, pois ambos tinham uma espécie de farol na cabeça, algo que não haviam pedido, algo que simplesmente lhes tinha sido concedido.

(Agora você tem uma lanterna, e ele o farol.)

E, às vezes, aquela luz, aquela luz interior, parecia uma coisa bonita. Você podia escolher os cavalos, ou como o menino dissera, podia dizer ao pai onde estava a arca dada por perdida. Mas isso era só o molho, o molho numa salada onde embaixo havia uma ervilha muito mais amarga escondida em meio a pepinos frescos. Você podia sentir o gosto de dor, de morte e de lágrimas. E agora o menino estava preso naquele lugar, e ele iria. Por causa do menino. Pois, conversando com o menino, só se notava que eram de cor diferente quando abriam as bocas. Portanto, iria. Faria o que pudesse, pois, se não o fizesse, o menino morreria exatamente .dentro de sua cabeça.

Mas, por ser humano, não podia conter um desejo amargo de que nunca tivesse que passar por isso.

(Ela começou a sair e vir atrás dele.)

Enfiava uma muda de roupa na sacola, quando um pensamento lhe veio à cabeça, deixando-o gelado pelo poder da lembrança, como sempre acontecia. Tentava pensar o menos possível.

A camareira, Delores Vickery, era seu nome, tinha ficado histérica. Dissera algumas coisas às outras camareiras e, pior ainda, a alguns hóspedes. Quando a coisa chegou aos ouvidos de Ullman, como era de se esperar, ele a despedira, imediatamente. Ela fora até Hallorann aos prantos. Não por ter sido despedida, mas por causa do que vira naquele-apartamento do segundo andar. Entrara no 217 para trocar as toalhas, dizia ela, e lá estava aquela tal da Sra. Massey, deitada, morta, na banheira. Aquilo, naturalmente, era impossível. A Sra. Massey fora, discretamente, levada para longe, no dia anterior, e estava naquele momento voando de volta a Nova York - junto com as bagagens ao invés de junto aos passageiros da primeira classe a que se acostumara.

Hallorann não gostava muito de Delores, mas subira, naquela noite, para olhar. A criada tinha a pele cor de azeitona, 23 anos, e trabalhava como garçonete no final da

temporada, quando o movimento diminuía. Era um pouco iluminada, julgava Hallorann, na verdade não mais do que um vislumbre; um homem tímido e sua acompanhante, usando um casaco desbotado, chegaram para jantar e Delores trocou uma de suas mesas pela deles. O pequeno homem deixou, ao sair, uma boa gorjeta sob o prato, desagradável o suficiente para a menina que havia feito a troca, mas pior, Delores gritava de alegria por causa disso. Era preguiçosa, cometia vexames numa organização dirigida por um homem que não admitia vexames. Costumava-se sentar num armário de roupas de cama, lendo fotonovela e fumando, mas quando Ullman aparecia numa de suas "incertas" (e ai da moça que era apanhada descansando os pés) encontrava-a trabalhando eficientemente, a revista escondida sob os lençóis na prateleira de cima, o cinzeiro cuidadosamente enfado no bolso do uniforme. Sim, pensava Halloraan, ela era uma preguiçosa e uma relaxada, e as outras moças ressentiam-se dela, mas Delores tinha um certo vislumbre de luz interior. Não se metia nunca em maus lençóis. Mas o que vira no 217 a amedrontara a suficiente, de tal forma que ela estava mais do que contente em pôr em andamento os papéis que Ullman emitira, e sumir.

Por que ela viera até ele? Um iluminado identifica outro, pensou Hallorann, rindo.

Então, ele subiu aquela noite, e se deixou entrar no apartamento, que deveria ser ocupado novamente no dia seguinte. Usara a chave mestra para entrar, e se Ullman o apanhasse com aquela chave teria ido fazer companhia a Delores Vickery, na fila da previdência social.

A cortina do chuveiro, em volta da banheira, estava fechada. Abrira-a, mas mesmo antes de o ter feito, pressentiu o que iria ver. A Sra. Massey inchada e roxa, deitada molhada na banheira que estava com água pela metade. Parara olhando para ela, uma pulsação forte na garganta. Havia outras coisas no Overlook: um pesadelo ocorria a intervalos irregulares - uma espécie de baile à fantasia de que participava no salão do Overlook e ao grito de retirada das máscaras, todos exibiam seus rostos que eram os mesmos de insetos podres - e havia os arbustos em formato de animais. Duas vezes, talvez três, ele tinha (ou pensava ter) visto os animais se movendo, sempre muito pouco. Aquele cachorro parecia sair de sua posição para outra um pouco mais agachado, e os leões pareciam andar para frente, como se ameaçando os pequenos vira-latas do playground. Ano passado, em maio, Ullman mandara-o ao sótão para procurar um jogo de ferramentas de lareira que agora ficava ao lado da lareira do saguão. Enquanto estava lá em cima, as três lâmpadas penduradas apagaram-se, e ele ficou perdido. Tropeçara por ali durante um tempo indeterminado, cada vez mais próximo do pânico, batendo as canelas nas caixas, e se chocando contra coisas, com uma sensação cada vez mais forte de que alguma coisa o espreitava no escuro. Alguma criatura grande e terrível que se esgueirara pela madeira quando as luzes se apagaram. E quando literalmente tropeçou no trinco da porta de saída, desceu o mais depressa que pôde, deixando a porta aberta, coberto de fuligem e desarrumado, com uma sensação de desastre sem possibilidade de ser impedido. Mais tarde, Ullman descera pessoalmente à cozinha, para informar que ele havia deixado a porta de saída do sótão aberta e as luzes acesas lá em cima. Hallorann por um acaso achava que os hóspedes gostariam de subir e brincar de esconde-esconde? Achava que eletricidade era de graça?

E ele suspeitava de que - não, era quase sim - muitos dos hóspedes teriam visto ou ouvido coisas também. Nos três anos que estivera ali, a Suíte Presidencial tinha sido ocupada 19 vezes. Seis dos hóspedes que passaram por lá deixaram o hotel mais cedo, alguns deles com a aparência de doentes. Vários hóspedes deixaram outros apartamentos de forma igualmente brusca. Certa noite, em agosto de 1974, ao anoitecer, um homem que recebera condecorações de Bronze e Prata na Coréia (ele agora fazia parte da diretoria de três das principais empresas do país, e comentava-se ter ele pessoalmente despedido um famoso homem de notícias da televisão) teve inúmeras crises histéricas de gritos no gramado. E havia dezenas de crianças, durante a participação de Hallorann no Overlook, que simplesmente se recusavam a ir ao playground. Uma criança tivera uma convulsão no túnel de concreto, mas Hallorann não sabia se isso poderia ser atribuído à música da sirene mortal do Overlook ou não... comentava-se, entre os empregados, que a criança, única filha de um bonito artista de cinema, era epiléptica sob controle médico, e que simplesmente esquecera de tomar o remédio naquele dia.

E, então, com o olhar fixo no cadáver da Sra. Massey, teve medo, mas não ficou totalmente amedrontado. Não era de todo inesperado. O pavor veio quando ela abriu os olhos exibindo pupilas prateadas e começou a sorrir para ele. O pavor veio quando

(ela começou a sair e vir atrás dele.)

Fugira, o coração disparado e não se sentira seguro nem depois de ter saído, fechado e trancado a porta. Na realidade, admitia consigo mesmo fechando o zíper da sacola, nunca mais se sentira seguro em lugar nenhum do Overlook.

E agora o menino... chamando, clamando por ajuda.

Olhou o relógio. Eram 5:30 da tarde. Foi até à porta do apartamento, lembrou-se de que era inverno em Colorado, especialmente nas montanhas, e voltou ao armário. Tirou o casacão comprido de pele de carneiro de um saco de plástico e o colocou nos braços. Era a única peça de roupa de inverno que possuía. Apagou as luzes e olhou ao redor. Esquecera alguma coisa? Sim. Uma coisa. Tirou o testamento do bolso da camisa e colocou-o na borda do espelho da penteadeira. Se tivesse sorte, voltaria para apanhá-lo.

Claro, se tivesse sorte.

Saiu do apartamento, trancou a porta, colocou a chave debaixo do capacho, e desceu as escadas externas para seu Cadillac conversível.

No meio do caminho para o Aeroporto Internacional de Miami, confortavelmente distante da mesa telefônica onde Queems ou seus bajuladores ouviam as conversas, Hallorann parou no centro comercial de máquinas de lavar públicas e telefonou para as Aerolineas United. Vôos para Denver?

Havia um às 6:36 da tarde. O cavalheiro conseguiria chegar a tempo?

Hallorann olhou o relógio que marcava 6:02, e disse que conseguiria. Há lugar no avião?

Vou verificar.

Um ruído seguiu-se de um falso Montovani destinado a fazer a espera mais agradável. Não fazia. Hallorann apoiava-se de um pé

para outro, alternando olhares entre o relógio e uma jovem mãe que tirava roupas da máquina de lavar com um bebê dormindo em uma cesta em suas costas. Ela temia que chegasse em casa mais tarde do que planejara, o assado queimasse e o marido - Mark? Mike? Matt? - ficasse aborrecido.

Um minuto se passou. Dois. Ele tinha acabado de resolver apanhar o carro, ir até lá e arriscar a sorte, quando uma voz enlatada de reservas de vôo veio ao ar. Havia um lugar, uma desistência. Era na primeira classe. Isso fazia alguma diferença?

Não. Ele queria.

O pagamento seria a dinheiro ou com cartão de crédito?

Dinheiro, benzinho, dinheiro. Preciso viajar.

E o nome era... ?

Hallorann, dois eles, dois enes. Até mais tarde.

Desligou e correu para a porta. O simples pensamento da moça preocupada com o assado apossou-se dele cada vez mais até que pensou que fosse enlouquecer: As vezes é assim, sem nenhuma razão, você capta um pensamento, totalmente isolado, totalmente puro e claro... e geralmente inútil.

Quase conseguiu.

Acelerada a limusine a 120 e o aeroporto já estava praticamente à vista, quando a polícia rodoviária o fez parar.

Hallorann abriu a janela automática e a boca para o guarda que folheava páginas na caderneta de multas.

- Eu sei - disse o guarda, consolando. - E um funeral em Cleveland. Seu pai. p um casamento em Seattle. Sua irmã. Um incêndio em San José que acabou com a loja de doces do vovô. Maconha guardada num armário na rodoviária em Nova York. Adoro este trecho da estrada nas proximidades do aeroporto. Desde menino, a hora das

historinhas é a coisa que mais gosto.

- Ouça, seu guarda, meu filho está...

- A única parte da história que eu nunca adivinho antes do fim - disse o guarda, encontrando a página certa na caderneta de multa - é o número da carteira da habilitação do motorista/contador de histórias e seu registro. Portanto, seja bonzinho. Deixe-me dar uma olhada.

Hallorann olhou nos olhos calmos e azuis do guarda, tentou ainda assim contar a história de que o filho estava em situação crítica, e resolveu que só pioraria as coisas. Este guardinha não era nenhum Queems. Pegou a carteira de documentos.

- Que beleza - falou o guarda. - Quer fazer o favor de tirá-las? Só preciso ver como estão as coisas.

Calado, Hallorann tirou a carteira de motorista e seu registro da Flórida, e os entregou ao guarda.

- Muito bem. Está tudo tão direitinho que você vai ganhar um presente.

- O quê? - perguntou Hallorann, esperançoso.

- Quando eu acabar de anotar estes números, vou deixá-lo soprar este balãozinho para mim.

- Oh, Deeeeus! - resmungou Hallorann. - Seu guarda, meu vôo...

- Shhh - fez o guarda de trânsito - Não seja teimoso.

Hallorann fechou os olhos.

Chegou ao balcão da United às 6:49, esperando, mesmo sem esperança, que o vôo estivesse atrasado. Não precisou sequer perguntar. O monitor de partidas sobre o balcão contou a história. O vôo 901 para Denver, de 6:36, partira às 6:40. Fazia nove minutos.

- Merda - disse Dick Hallorann.

E de repente o cheiro de laranjas, forte e nauseante, e ele só teve tempo de ir ao banheiro dos homens antes que a coisa chegasse, ensurdecedora, amedrontadora:

(!!!VENHA POR FAVOR VENHA DICK POR FAVOR POR FAVOR VENHA!!!)

NA ESCADA

Uma das coisas que venderam para aumentar um pouco sua reserva, antes de se mudarem de Vermount para Colorado, foi uma coleção que Jack tinha de 200 discos de rock and roll e blues; renderam um dólar cada um. Um desses discos, o favorito de Danny, era um álbum duplo de Eddie Cochran com quatro páginas de apresentação escritas por Lenny Kaye. Wendy sempre se surpreendia com a fascinação de Danny por este determinado disco de um rapaz que vivera pouco, e morrera jovem... morrera, na realidade, quando ela tinha 10 anos.

Agora, às quinze para sete (Hora da Montanha), enquanto Dick Hallorann contava a Queems sobre o namorado branco de sua ex-mulher, ela aproximou-se de Danny que estava sentado no meio da escada entre o saguão e o primeiro andar, jogando uma bola vermelha de borracha de uma mão para a outra, e cantando uma das canções daquele disco. Sua voz era baixa e desafinada.

"Então, eu subo um-dois subo três subo quatro vezes", cantava Danny, "cinco subo seis subo mais sete... quando chego lá em cirna, estou muito cansado para dançar o rock... "

Ela chegou mais perto, sentou-se num dos degraus, e viu que o lábio inferior do filho estava inchado, e que havia sangue seco no queixo. O coração bateu mais forte no peito, mas conseguiu falar com naturalidade.

- O que houve, doutor? - perguntou ela, apesar de, no íntimo, saber. Jack o agredira. Claro que sim. Só faltava isso, não é mesmo? Mais cedo ou mais tarde voltava ao ponto de partida.

- Chamei Tony - respondeu Danny. - No salão. Acho que cal da cadeira. Não está mais. doendo. Só... parece que minha boca está muito grande.

- Foi isso mesmo que aconteceu? - perguntou Wendy, olhando-o agitada.

- Não foi Papai - respondeu. - Hoje não.

Olhou para ele envergonhada. A bola passava de uma mão para a outra. Ele lera sua mente. O filho havia lido sua mente.

- O que... o que Tony lhe disse, Danny?

- Não importa. - Seu rosto estava calmo, a voz indiferente.

- Danny. - Ela agarrou seu ombro, cora mais força do que pretendia. Mas ele não recuou, nem tentou afastá-la.

(Oh nós estamos acabando com este menino. Não é só Jack, sou eu também, e talvez

não sejamos só nós, o pai de Jack, minha mãe, estariam aqui também? Claro, por que não? O Lugar já é uma droga com os fantasmas que existem, por que não mais um casal? d Deus do Céu, ele é como uma daquelas matas que mostram na propaganda da televisão, arrebentada, atirada dos aviões, passando por prensas mecânicas. Ou um relógio Timex. Pode água entrar, ele continua a funcionar. Oh Danny, perdão)

- Não importa - disse ele novamente. A bola passava de uma mão para a outra. - Tony não pode mais vir. Eles não vão deixar. Ele está vencido.

- Quem não vai?

- As pessoas no hotel - disse ele. Olhou-a então, e seus olhos não estavam indiferentes. Estavam penetrantes e apavorados. - E as... as coisas no hotel. Há todos os tipos de coisas. O hotel está cheio delas.

- Você vê...

- Não quero ver - respondeu, baixinho, e então olhou de volta para a bola de borracha, passando de uma mão para a outra. - Mas posso ouvi-las, às vezes tarde da noite. São como o vento, todas suspirando juntas. No sótão. No porão. Nos quartos. Em todo lugar. Achei que era minha culpa, por causa do jeito que sou. A chave. A chavinha de prata.

- Danny, não... não se aborreça assim.

- Mas ele também - disse Danny. - Papai. E você. Ele quer todos nós. Está enganando Papai, está brincando com ele tentando fazê-lo pensar que o hotel me quer mais do que todo mundo. Ele me quer mais do que todo mundo, mas vai levar todos nós.

- Se pelo menos aquele snowmobile...

- Não deixariam - falou Danny, com a mesma voz baixa. - Fizeram-no jogar uma peça na neve. Muito longe. Eu sonhei. E ele sabe que aquela mulher está mesmo no 217. - Olhou para a mãe. com os olhos negros e apavorados. - Não importa se você acredite em mim ou não.

Passou um braço em volta do filho.

- Acredito em você. Danny, diga a verdade. Jack... Jack vai tentar machucar a gente?

- Eles vão tentar obrigar Papai - disse Danny. - Tenho chamado o Sr. Hallorann. Ele disse que, se eu precisasse dele, era só chamar. E eu chamei. Mas é muito difícil. Eu fico cansado. E o pior é que não sei se ele me está ouvindo ou não. Acho que ele não me pode responder porque é muito longe para ele. E eu não sei se é muito longe para mim, ou não. Amanhã...

- O que tem amanhã?

Sacudiu a cabeça.

- Nada.

- Onde é que ele está agora? - perguntou Wendy. - Seu pai.

- Está no porão. Acho que ele não vai subir hoje.

Ela se levantou de repente.

- Espere aqui. Cinco minutos.

A cozinha estava fria e deserta sob as lâmpadas fluorescentes. Ela foi até a prateleira onde estavam penduradas as facas nos trilhos magnéticos. Apanhou a mais comprida e mais afiada, enrolou-a num pano de prato, e saiu da cozinha, apagando as luzes.

Danny estava sentado na escada com os olhos acompanhando o movimento da bola de borracha em suas mãos. Cantava:

"Ela mora no vigésimo andar na cidade, o elevador está quebrado. Então subo um-dois subo três subo quatro... "

(Ciranda, cirandinha...)

Parou de cantar. Ouviu.

(... Vamos todos cirandar...)

A voz estava em sua cabeça, tão junto dele, tão terrivelmente nítida, que poderia ser parte de seu próprio pensamento. Era suave e infinitamente furtiva. Zombando dele. Parecendo dizer:

(Oh sim, você vai gostar daqui. Experimente, você vai gostar. Experimente, você vai goooostar...)

Agora, seus ouvidos estavam atentos e ele os ouvia novamente, a assembléia, fantasmas ou espíritos, ou talvez o próprio hotel, uma terrível casa de diversões onde todos os espetáculos terminavam em morte, onde todos os fantasmas, especialmente pintados, eram reais, onde arbustos caminhavam, onde uma pequena chave de prata poderia dar início à obscenidade. Suave, suspirando, sussurrando como o interminável vento do inverno que brincava sob a beirada do telhado à noite, o vento mortalmente tranqüilo que os turistas do verão nunca escutaram. Era como o zumbido sonolento das vespas de verão num ninho adormecido, como um morto que começava a acordar. Estavam a 3.000 metros de altitude.

(Por que um corvo é como uma escrivaninha? Quanto maior a altitude, menor o número, claro! Tome mais uma xícara de chá!)

Era um som vivo, mas não eram vozes, nem respiração. Um homem com uma tendência a filósofo chamaria de som de almas. A babá de Dick Hallorann, que crescera nas estradas do Sul, anos antes da passagem do século, chamaria de assombração. Um médium teria um nome comprido para isso: eco mediúnico, psicognosia, telepatia. Mas para Danny isto era apenas o som do hotel, o velho monstro, estalando e cada vez fechando mais o cerco ene volta deles: corredores encolhendo em tempo e distância, sombras famintas, hóspedes inquietos que não descansavam em paz.

No salão escuro, o relógio sob a redoma de vidro bateu sete e meia com uma única nota musical.

Uma voz rouca, transformada pela bebida em voz brutal, gritou:

"Retirem as máscaras e vamos trepar!"

Wendy no meio do saguão, sacudiu-se e ficou imóvel.

Olhou para Danny na escada, ainda brincando com a bola. Ouviu alguma coisa?

Danny limitou-se a olhá-la,

Dormiram pouco aquela noite, mesmo com a porta trancada.

E no escuro, com os olhos abertos, Danny pensou:

(Ele quer ser um deles e viver para sempre. É isso o que ele quer.)

Wendy pensava:

(Se for preciso, vou levá-lo mais adiante. Se vamos morrer, prefiro que seja nas montanhas.)

Ela deixara a faca, ainda embrulhada no pano, debaixo da cama. Mantinha a mão junto dela. Cochilavam e acordavam. O hotel rangia em volta deles. Lá fora, a neve começara a cair do céu como chumbo.

40

NO PORÃO

(!!! A caldeira a maldita caldeira!!!)

O pensamento explodiu brilhante e vivo na mente de Jack Torrance, apoiado na voz de Watson:

(Se esquecer, ela vai aumentando e você e sua família vão terminar na Lua... está regulada para 250 mas explodiria muito antes disso... ninguém me faria ficar junto dela a 180.)

Passara a noite inteira ali, examinando caixas de discos velhos, dominado por uma sensação desvairada de que o tempo estava ficando curto, a que teria de andar depressa. Além do mais, os indivíduos vivos, as conecções que tornariam tudo claro, o iludiam. Seus dedos estavam amarelos e sujos por causa dos papéis velhos. E ficou tão absorto, que não verificara a caldeira nenhuma vez. Regulara-a a noite anterior por volta das seis, quando desceu. Agora eram...

Olhou o relógio e se assustou, derrubando uma porção de notas velhas.

Cristo, eram cinco e quinze da manhã.

Atrás dele, a fornalha começou a funcionar. A caldeira assobiava e gemia.

Correu até ela. O rosto, que ficara mais fino no último mês, estava agora sombreado pela barba por fazer, e ele tinha a aparência de um prisioneiro de um campo de concentração.

O manômetro da caldeira marcava 210 libras. Julgou que pudesse praticamente ver os lados da caldeira velha, remendada e soldada, inchando com a corrente letal.

(Ela aumenta... ninguém me faria ficar junto dela a 180...)

De repente, uma voz interior fria e tentadora falou com ele.

(Deixe. Vá apanhar Wendy e Danny e se mande daqui. Deixe que expluda.)

Podia visualizar a explosão. Uma trovoada que rasgaria primeiro o coração deste lugar, depois a alma. A caldeira explodiria num brilho laranja-arroxeado que faria chover estilhaços quentes por todo o porão. Em sua mente, podia ver os pedaços de metal incandescentes batendo no chão, parede e teto, como estranhas bolas de bilhar, assobiando morte pelo ar. Alguns, certamente, entrariam por aquele arco de pedra, acendendo papéis velhos no outro lado, e incendiariam o inferno. O fogo destruiria os segredos, queimaria os indícios, um mistério que vivalma decifraria. Em seguida, a explosão de gás, um grande estrondo e a crepitação de uma chama gigante que transformaria todo o hotel numa grelha. Escadas, corredores, tetos e quartos em chamas como o castelo no último rolo de um filme de Frankenstein. As chamas se alastrando para as alas, correndo pelos tapetes como hóspedes ansiosos. O papel de parede de seda carbonizando e enrolando. Não havia sistema contra incêndio automático, apenas aquela

mangueira fora de moda e ninguém para usá-las. E não havia bombeiro no mundo que pudesse chegar antes do final de março. Queime, bonzinho, queime. Em 12 horas não haveria mais nada, simplesmente ossos.

O ponteiro do manômetro subia para 212. A caldeira estalava e gemia como uma velha tentando levantar-se da cama. Jatos de vapor que assobiavam, começaram a brincar em volta dos velhos remendos; pedaços de solda começaram a chiar.

Não via; não ouvia. Estava paralisado, com a mão na válvula que baixaria a pressão e conteria o fogo, os olhos brilhando como safiras.

(E minha última chance.)

A única coisa não vendida, até agora, era a apólice de seguro de vida que havia feito, com Wendy, no verão, entre o primeiro e o segundo anos em Stovington. Quarenta mil dólares em caso de morte, indenização dobrada, se um dos dois morresse em acidente de trem, avião ou incêndio. Como um jogo de dados, quanto mais diferente a morte, mais dinheiro.

(Um incêndio... oitenta mil dólares.)

Teriam tempo de sair. Mesmo que estivessem dormindo, teriam tempo de sair. Acreditava nisso. E não achava que os arbustos, ou qualquer outra coisa, tentasse detê-los, se o Overlook entrasse em chamas.

(Chamas.)

O ponteiro do manômetro sujo de óleo, quase opaco, subira a 215.

Uma outra lembrança ocorreu-lhe, uma lembrança de infância. Havia um ninho de vespas nos galhos inferiores da macieira no quintal de sua casa. Um de seus irmãos mais velhos - não se lembrava quem agora - fora picado enquanto balançava no pneu velho que o pai pendurara em um dos galhos mais baixos da árvore. Era um fim de verão, quando as vespas estão no seu apogeu.

O pai, acabando de chegar em casa, vestido no uniforme branco, cheirando a cerveja, reunira os três meninos, Brett, Mike e o pequeno Jacky, e lhes dissera que se ia livrar das vespas.

- Agora, vejam - dissera sorrindo e cambaleando um pouco (nessa época não usava a bengala, a colisão com o caminhão de leite se daria anos depois). - Talvez aprendam alguma coisa. Foi meu pai quem me ensinou.

Juntara uma porção de folhas úmidas pela chuva, debaixo do galho onde o ninho de vespas repousava como uma fruta venenosa em meio às maçãs velhas, porém saborosas do fim de setembro. Ateou fogo às folhas. O dia estava claro e sem vento. As folhas

arderam, mas não queimaram de verdade, e exalaram um cheiro - uma fragrância - que ele sentia a cada outono, quando os homens juntavam folhas e queimavam. Um cheiro doce com uni leve amargo, rico, e que lhe invadia a lembrança. As folhas faziam muita fumaça, que subia envolvendo o ninho.

O pai deixara as folhas queimando a tarde inteira, bebendo cerveja na varanda, jogando as latas vazias em um balde de plástico, os dois filhos mais velhos a seu lado, e o pequeno Jacky sentado nos degraus a seus pés, brincando com o João Teimoso e cantarolando:

"Seu coração enganador... vai fazer você chorar... seu coração enganador... o vai trair."

As quinze para seis, antes do jantar, o pai foi até a árvore tendo os filhos cuidadosamente agrupados atrás dele. Em uma das mãos levava uma enxada. Afastou as folhas, deixando pequenos pedaços ao redor para queimar e morrer. Depois, virou o cabo da enxada para cima, sacudindo, e depois de duas ou três tentativas derrubou o ninho no chão.

Os meninos coseram buscando a segurança na varanda, mas o pai ficou ali junto do ninho, olhando e remexendo. Jacky engatinhou para ver. Algumas vespas arrastavam-se devagar sobre o terreno de papel de sua propriedade, mas não tentavam voar. De dentro do ninho, um lugar escuro e estranho, vinha um som que nunca mais seria esquecido: um zumbido baixo, sonolento, como o ruído de fios de alta tensão.

- Por que elas não o mordem, Papai? - perguntara Jacky.

- A fumaça deixa as vespas tontas, Jacky. Vá buscar minha lata de gasolina.

Correu para ir buscá-la. O pai embebeu o ninho de gasolina.

- Agora, dê o fora, Jacky, a menos que queira perder as sobrancelhas.

Ele se afastará. De algum lugar em meio às dobras de seu blusão, o pai tirou um fósforo de cozinha. Acendeu-o e o atirou no ninho. Houve um explosão branda. O pai afastara-se às gargalhadas. O pinho das vespas desapareceu num instante.

- Fogo - dissera Papai, voltando-se para Jacky com um sorriso. - O fogo mata qualquer coisa.

Depois do jantar os meninos saíram e, sob a luz do entardecer, colocaram-se solenemente, de pé, em volta do ninho carbonizado. Do interior quente vinha um ruído de corpos de vespas pipocando como milho.

O manômetro marcava 220. Um ruído baixo e metálico crescia no fundo da coisa. Jatos de vapor levantavam-se em centenas de lugares como um porco-espinho.

(O fogo mata qualquer coisa.)

Jack acordou de repente. Estava cochilando... e quase que só foi acordar no céu. Em que, em nome de Deus, estaria pensando? Proteger o hotel era seu dever. Era o zelador.

Um suor frio espalhou-se por sua mão tão rapidamente que, a princípio, perdeu a firmeza ao segurar a grande válvula. Em seguida, colocou os dedos nos pinos. Girou-os uma, duas, três vezes. Houve um imenso assobio de vapor, a respiração do dragão. Uma névoa morna levantou-se da caldeira e o envolveu. Por um momento, não via mais o marcador, mas pensou que devia ter esperado muito tempo; o gemido e o chiar dentro da caldeira aumentavam, seguidos por uma série de ruídos metálicos fortes e o solavanco do metal.

Quando o vapor se dissipou um pouco, constatou que o manômetro caíra de volta a 200 e ainda estava caindo mais. Os jatos de vapor que escapavam pelos remendos de solda começaram a diminuir de intensidade. Os ruídos começarem a baixar.

Cento e noventa... 180... 175...

(Ele descia a 140 quilômetros por hora, quando o assobio transformou-se num grito...)

Mas não achava que fosse explodir agora. A pressão estava a 160.

(... encontraram-no nos escombros com a mão na válvula, escaldado pelo vapor.)

Afastou-se da caldeira, resfolegando, tremendo. Olhou para as mãos e notou que já havia bolhas nas palmas. A merda com as bolhas, pensou, e deu uma gargalhada. Quase morrera com a mão na válvula, como Casey, - o engenheiro, em O Fim da Locomotiva 97. Pior ainda, teria acabado com o Overlook. O fracasso final. Fracasso final. Fracassara como professor, como escritor, como marido e como pai. Fracassara até como bêbado. Mas não poderia fazer, em termos de fracasso, nada melhor do que explodir o edifício que deveria estar cuidando. E este não era um edifício qualquer.

Em hipótese alguma.

Deus,, precisava de um gole.

A pressão caíra para 80. Com cuidado, tremendo um pouco por causa da dor nas mãos, fechou a válvula novamente. Mas daqui para frente a caldeira teria que ser observada mais de perto do que de costume. Ela pode ter sido seriamente afetada. Não arriscaria mais do que 100 durante o resto do inverno. E se sentissem um pouco de frio, paciência, teriam simplesmente que sorrir e enfrentar.

Furara duas bolhas. As mãos latejavam como dentes podres.

Um gole. Um gole o reanimaria, mas não havia nada naquela maldita casa além de

vinho próprio para cozinhar. A esta altura, um gole seria medicinal. Só isso, por Deus. Um anestésico. Cumprira com sua obrigação e agora poderia usar um pouco de anestésico... algo mais forte do que Excedrin. Mas não havia nada.

Lembrou-se das garrafas reluzindo nas sombras.

Salvara o hotel. O hotel gostaria de recompensá-lo. Tinha certeza disso. Tirou o lenço do bolso e foi à escada. Esfregou a boca. Só um gole. Um só. Para aliviar a dor.

Serviria o Overlook, e agora o Overlook o serviria. Tinha certeza. Seus pés nos degraus eram rápidos e ávidos, os passos apressados como os de um homem que chegou em casa de uma guerra longa e amarga. Eram 5:25 da manhã.

41

DIA

Danny acordou ofegante de um pesadelo terrível. Tinha havido uma explosão. Um incêndio. O Overlook estava em chamas. Ele e a mãe assistiam ao desastre do jardim da frente.

A mãe dissera:

- Veja, Danny, veja os arbustos.

Olhou-os e eles estavam todos mortos. Suas folhas eram de um marrom sufocante. Os galhos muito juntos pareciam esqueletos de cadáveres semi-esquartejados. E então o pai surgira pelas enormes portas do Overlook, ardendo como um tocha. Suas roupas estavam em chamas, a pele adquirira um bronzeado escuro e sinistro que escurecia cada vez mais, o cabelo um matagal queimando.

Foi quando acordou, a garganta sufocada de medo, as mãos agarradas ao lençol e cobertores. Gritara? Olhou para a mãe. Wendy estava deitada de lado, enrolada nos cobertores, o cabelo cor de palha caindo no rosto. Parecia uma criança. Não, ele não gritara.

Deitado na cama, olhando para cima, o pesadelo começou a apagar-se. Tinha uma sensação curiosa de que uma grande tragédia

(incêndio? explosão?)

tinha sido evitada por pouco. Deixou sua mente passear, à procura do pai, e o encontrou em algum lugar lá embaixo. No saguão. Danny se esforçou mais um pouco, tentando penetrar no pai. Não era bom. O pai pensava sobre a Coisa Feia. Pensava em como

(um ou dois seriam bons não me importo que o sol esteja se pondo em alguma parte do mundo lembra como costumávamos dizer isso ai? gim e tônica bourbon com um pouco de uísque e rum e coca-cola duas pessoas quase iguais um gole para mim e um gole para os três marcianos que aterraram em algum lugar do mundo princeton ou houston, stokely on carmichael ou alguma merda de lugar afinal de contas é época de ser feliz e nenhum de nós está)

(SAIA DA CABEÇA DELE, SEU MERDINHA!)

Recuou apavorado com aquela voz na cabeça, os olhos arregalados, as mãos apertadas na colcha. Não era a voz do pai, mas uma mímica perfeita. Uma voz que conhecia. Rouca, bruta, e ainda assim delineada com uma espécie de humor.

Estava tão próximo então?

Afastou os cobertores e botou os pés no chão. Com os pés puxou os chinelos debaixo da cama, e os calçou. Foi até à porta, abriu-a e correu para o corredor, os chinelos deslizando no pêlo do tapete. Dobrou o corredor.

Havia um homem engatinhando na metade do corredor, entre ele e a escada.

Danny ficou imóvel.

O homem olhava para ele. Os olhos eram pequenos e vermelhos. Estava vestido com uma espécie de fantasia prateada, bordada de lantejoulas. Uma fantasia de cachorro, imaginou Danny. Brotando do traseiro desta estranha obra de criação, havia uma cauda comprida e desajeitada com um pompom na ponta. Um zíper ia até o pescoço na parte de trás da fantasia. A esquerda, estava a cabeça do cachorro ou lobo, olhos mortiços acima do focinho, a boca aberta rosnando sem sentido, e mostrando o desenho preto e azul entre as presas que pareciam ser de papier-mâché.

A boca, o queixo e as faces do homem estavam sujos de sangue.

Começou a rosnar para Danny. Sorria, mas o rosnar era verdadeiro. Saía do fundo da garganta como um som primitivo. Em seguida, começou a latir. Os dentes também estavam manchados de sangue. Começou a engatinhar em direção a Danny, sacudindo 0 rabo. A cabeça de cachorro da fantasia repousava despercebida sobre o tapete, com o olhar perdido para o ombro de Danny.

- Deixe-me passar - disse Danny.

- Vou comê-lo, menininho - respondeu o homem-cachorro, e de repente uma chuva de latidos saiu de sua boca risonha. Eram imitações humanas, mas a ferocidade dos latidos era verdadeira. O cabelo do homem era preto, molhado com suor provocado pela fantasia sufocante. Havia uma mistura de uísque e champanha em seu hálito.

Danny recuou, mas não correu.

- Deixe-me passar.

- Só se for sobre meu cadáver - respondeu o homem-cachorro. Seus pequenos olhos vermelhos estavam atentamente fixados no rosto de Danny. Continuava a sorrir. - Vou comê-lo, menininho. E acho que vou começar por seu peruzinho roliço.

Começou a empinar-se para frente, dando pequenos saltos e rosnando.

Danny não agüentou. Voou de volta para o corredor pequeno que o levava ao quarto, olhando por cima dos ombros. Houve uma série de uivos, latidos, rosnares, quebrados por murmúrios inarticulados e risadinhas.

Danny ficou parado no corredor, tremendo.

- Levante! - gritava o homem-cachoro bêbado, dobrando 0 corredor. Sua voz era violenta e desesperadora. - Levante, Harry, seu filho da puta! Não me importa quantos cassinos e companhias aéreas e cinematográficas você tenha! Sei bem do que gosta no aconchego do seu lar-r! Levante! Vou soprar... vou bufar... até Harry Derwent suuuuuuuumir! - concluiu com um uivo longo que parecia transformar-se num grito de raiva e dor antes de desaparecer.

Danny voltou-se, apreensivo, para a porta fechada do quarto no fundo do corredor e caminhou calmamente para lá. Abriu-a e enfiou a cabeça pela fresta. A mãe dormia na mesma posição. Ninguém ouvia isto, só ele.

Fechou a porta com cuidado e voltou à intersecção do seu corredor com o principal, esperando que o homem-cachorro tivesse desaparecido, da mesma forma que o sangue nas paredes da Suíte Presidencial desaparecera. Espreitou com cuidado.

O homem com a fantasia de cachorro ainda estava lá. Colocara a máscara de volta, e estava agora sobre as quatro patas junto à escadaria, querendo agarrar o rabo. De vez em quando dava um salto no tapete e voltava grunhindo.

- Au! Au! Au! Grrm!

Estes sons saíam de dentro da boca estilizada da máscara, e entre eles haviam o que podiam ser soluços ou risos.

Danny voltou ao quarto e se sentou na cama de armar, tapando os olhos com as mãos. O hotel agora dirigia os fatos. Talvez, no inicio, as coisas que aconteceram tivessem sido apenas acidentes. Talvez, no início, as coisas que vira fossem mesmo como gravuras de terror que não podiam atingi-lo. Mas agora o hotel controlava essas coisas e elas podiam atingi-lo. O Overlook não queria que ele fosse atrás do pai. Isso poderia estragar a festa.

Por isso, colocara o homem-cachorro em seu caminho, assim como colocara os arbustos de animais entre eles e a estrada.

Mas seu pai podia vir aqui. E mais cedo ou mais tarde ele viria.

Começou a chorar, as lágrimas rolando silenciosamente pelo rosto. Era tarde demais. Iam morrer, os três, e quando o Overlook abrisse no próximo final de primavera, estariam bem aqui para saudar os hóspedes junto com o resto dos fantasmas. A mulher na banheira. O homem-cachorro. A coisa escura horrorosa que estava no túnel de cimento. Estariam...

(Pare! Pare com isso!)

Enxugou furiosamente as lágrimas. Esforçar-se-ia para que isso não acontecesse. Nem com ele, nem com o pai e a mãe. Esforçar-se-ia.

Fechou os olhos e dirigiu a mente para fora num raio possante.

(!!! DICK POR FAVOR VENHA RÁPIDO ESTAMOS EM APUROS DICK PRECISAMOS)

E de repente, na escuridão dos olhos fechados, a coisa que o perseguia pelos corredores escuros do Overlook em sonhos estava ali, ali mesmo, uma criatura enorme vestida de branco, o tacape pré-histórico levantado sobre a cabeça:

- Vou fazer você parar! Seu maldito fedelho! Vou fazer você parar porque sou seu PAI!

- Não! - Voltou à realidade do quarto, os olhos bem abertos e arregalados, gritos vibrando inutilmente na boca, enquanto a mãe acordava, levantando o lençol até o peito.

- Não, Papai, não não não...

E os dois ouviram o sacudir do tacape invisível, cortando o ar em algum lugar muito próximo, depois desaparecendo no silêncio, enquanto ele corria para junto da mãe, abraçando-a, tremendo como um coelho numa armadilha.

O Overlook não o deixaria chamar Dick. Isso também poderia estragar a festa.

Estavam sós.

Lá fora, a neve caia mais forte, formando uma cortina que os separava do resto do mundo.

NO AR

O vôo de Dick Hallorann foi chamado às 6:45 da manhã, Hora do Leste, e o comissário de embarque o deteve junto ao Portão 31, onde ele ficou, passando a mala, nervoso, de uma mão para outra, até a última chamada às 6:55. Procuravam por um homem de nome Carlton Vecker, o único passageiro do vôo TWA 196 de Miami para Denver, que ainda não chegara.

- Muito bem - disse o comissário, entregando a Hallorann uma ficha de embarque de primeira classe. - Você é o felizardo. Pode embarcar.

Hallorann apressou-se na rampa de embarque coberta, e deixou a aeromoça de sorriso mecânico rasgar o passe e lhe dar o canhoto.

- Serviremos café da manhã a bordo - disse a aeromoça. Se preferir...

- Só café, benzinho - disse ele, e desceu o corredor em direção a uma poltrona na ala dos fumantes. Ficou na expectativa de que o desaparecido Vecker desse o ar de sua graça no último segundo, como uma caixa de surpresa. A mulher na poltrona da janela lia Você Pode Ser Seu Melhor Amigo com uma expressão indiferente no rasto. Hallorann apertou o cinto, colocou as grandes mãos negras sobre os braços da poltrona, e jurou ao ausente Carlton Vecker que seriam necessários cinco comissários fortes da TWA para arrancá-lo da poltrona. Olhou o relógio. Os minutos para as sete horas - hora da decolagem - se arrastavam com uma lentidão tremenda.

Às 7:05 a aeromoça informou que haveria um ligeiro atraso enquanto o pessoal da manutenção verificava mais uma vez um dos trincos da porta de cargas.

- Merda - murmurou Dick Hallorann.

A mulher de fisionomia impenetrável e expressão indiferente voltou-se para ele, e em seguida baixou os olhos de volta ao livro.

Passara a noite no aeroporto, indo de balcão em balcão United, American, TWA, Continental, Braniff - chateando o pessoal de passagens. Por volta de meia-noite, bebendo a oitava ou nona xícara de café na lanchonete, chegou à conclusão de que era um imbecil por ter arcado com o peso dessa coisa toda. Havia autoridades. Descera aos telefones, e depois de falar com três telefonistas diferentes, conseguiu o número de emergência da autoridade do Parque Nacional das Montanhas Rochosas.

O homem que atendeu o telefone parecia profundamente cansado. Hallorann usara um nome falso e dissera que havia problemas no Hotel Overlook, a oeste de Sidewinder. Problemas sérios.

Pediram-no que aguardasse na linha.

O guarda-florestal (Hallorann presumiu que fosse um guarda-florestal) voltou em cerca de cinco minutos.

- Eles têm um radio-transmissor - disse o guarda.

- Claro que têm um radio-transmissor.

- Não tivemos ainda nenhum chamado de socorro vindo deles.

- Cara, isso não importa. Eles...

- Que tipo de problema é, Sr. Hall?

- Bem, há uma família. O zelador e sua família. Acho que ele talvez tenha ficado louco, sabe. Acho que talvez possa agredir a mulher e o filho.

- Posso saber como o senhor obteve esta informação, senhor?

Hallorann fechou os olhos.

- Como se chama, rapaz?

- Tom Staunton, senhor.

- Bem Tom, eu sei. Agora, serei tão objetivo quanto puder. Há problema lá por cima. Talvez assassinato, está entendendo?

- Sr. Hall, eu realmente preciso saber como o senhor...

- Ouça - disse Hallorann. - Estou-lhe dizendo que sei. Há alguns anos houve um sujeito por lá chamado Grady. Ele matou a mulher e as duas filhas, e depois se matou. Estou-lhe dizendo que vai acontecer de novo, se vocês não arrastarem a bunda até lá e impedirem!

- Sr. Hall, não está ligando do Colorado.

- Não. Mas que diferença...

- Se o senhor não está no Colorado, está fora do alcance do radio-transmissor do Hotel Overlook. Se está fora do alcance do radio-transmissor, não pode nunca ter estado em contato com a, uh...

Às 7:20 da manhã o 747 da TWA deslizou, taxiou, e foi em direção à cabeceira da pista. Hallorann deu um suspiro profundo e silencioso. Carlton Vecker, onde que que você esteja, corra meu amigo.

O avião levantou vôo às 7:28, e às 7:31, depois de ganhar altitude, a cabeça de Dick Hallorann foi atingida, mais uma vez pelo tiro de pensamento. Os ombros contraíram-se por causa do cheiro de laranjas, e sacudiram espasmodicamente. A testa franziu, a boca arqueou numa careta de dor.

(!!! DICK POR FAVOR VENHA RÁPIDO ESTAMOS EM APUROS DICK PRECISAMOS)

E foi só isso. De repente, acabou. Nenhum desmaio desta vez. A comunicação fora cortada, como se com uma faca. Sentiu medo. As mãos ainda apertadas nos braços da poltrona, estavam quase brancas. A boca seca. Alguma coisa acontecera com o menino. Tinha certeza. Se alguém tivesse machucado aquela criança...

- Sempre reage com tanta violência às decolagens?

Olhou para o lado. Era a mulher de óculos de chifre.

- Não é isso - falou Hallorann. - Tenho uma chapa de aço. Por causa da Coréia. De vez em quando me dá uma pontada. Vibra, sabe? Mistura os sinais.

- E mesmo?

- Sim, madame.

- E o soldado que no final das contas paga pela intervenção estrangeira - falou, inflexível, a mulher de fisionomia impenetrável.

- E mesmo?

- Sim. Este país deve renunciar a estas guerrinhas sujas. A CIA tem sido a raiz de cada guerrinha suja em que a América tem participado neste século. A CIA e a diplomacia do dólar.

Ela abriu o livro e voltou a ler. O sinal de NÃO FUME apagou. Hallorann viu a terra sumindo de vista, e pensou se o menino estaria bem. Desenvolvera um sentimento de afeição pelo menino, apesar de seus familiares não terem significado grande coisa.

Pedia a Deus que eles estivessem tomando conta de Danny.

43

BEBIDA POR CONTA DA CASA

Jack estava no restaurante junto à porta de vaivém que dava para o Salão Colorado, a cabeça levantada, escutando. Sorria.

Em volta dele, ouvia o Hotel Overlook renascer.

Era difícil dizer como sabia, mas imaginava que não devia ser muito diferente das percepções que Danny tinha por vezes... tal .pai, tal filho. Não era assim que se dizia popularmente?

Não via, não ouvia, apesar de estar muito próximo disso; uma sensação separada desses sentidos pela mais tênue cortina de percepção. Era como se um outro Overlook estivesse agora a poucos centímetros deste, separado do mundo real (se é que tal coisa como "mundo real", pensou Jack), mas aos poucos se harmonizando com ele. Lembrou-se dos filmes em terceira dimensão a que assistira quando menino. Se você olhava para a tela sem os óculos especiais, via uma imagem dupla - o tipo da coisa que sentia agora. Mas depois de colocar os óculos, tudo fazia sentido.

Todas as eras do hotel estavam juntas agora, só faltando a atual, a Era dos Torrances. E esta estaria junto com o resto muito breve. Isso era bom. Isso era muito bom.

Podia quase ouvir o pretensioso ding! ding! da campainha prateada do balcão de recepção, intimando carregadores a se apressarem, enquanto homens vestidos em elegantes calças de flanela da moda de 1920 entravam, e homens de paletós transpassados da moda de 1940 saíam. Havia três freiras sentadas diante da lareira esperando a fila de encerramento de contas diminuir, e atrás delas, elegantemente vestidos, tendo prendedores de brilhante em suas gravatas azuis-vermelhas-e-brancas, Charles Grondin e Vito Gienelli discutiam lucros e perdas, vida e morte. Havia uma dúzia de caminhões na área de carregamento nos fundos, desalinhados como fotografias mal tiradas.

No salão da ala leste, dezenas de diferentes convenções sobre negócios aconteciam ao mesmo tempo a poucos centímetros umas das outras. Havia um baile. Havia saraus, recepções de casamento, festas de aniversário e comemorações. Homens conversando sobre Neville Chamberlain e o Arquiduque da Áustria. Música. Alegria. Embriaguez. Histeria. Amores passageiros, não aqui, mas uma tendência constantemente disfarçada à sensualidade. E quase podia ouvi-los todos juntos se movimentando pelo hotel, e dizendo piadinhas. No restaurante, onde estava, cafés da manhã, almoços e jantares dos últimos 70 anos estavam todos sendo servidos simultaneamente atrás dele. Podia quase... não, elimine o quase. Podia ouvi-los, ainda longe, porém claros... da mesma forma que alguém ouve um trovão a quilômetros num dia quente de verão. Podia ouvi-los todos, os maravilhosos estranhos. Tareara-se consciente deles, assim como eles devem ter-se tornado conscientes dele desde o início.

Todos os apartamentos do Overlook estavam ocupados esta manhã.

Casa cheia.

E por trás da porta de vaivém, um murmúrio baixo de conversa sinuosa como fumaça preguiçosa de cigarro. Mais sofisticada, mais privada. Risos femininos grossos, do tipo que parece vibrar um terreno de fadas entre as vísceras e a genitália. O ruído de máquina registradora, a janela suavemente iluminada pela penumbra, registrando o preço dos gins com gelo, Manhattans, coquetéis, gim tônica, hi-fi. A vitrola automática entornando suas melodias.

Empurrou a porta, e entrou. ,

- Olá, rapazes - disse, suavemente, Jack Torrance. - Estive ausente por algum tempo, mas estou de volta.

- Boa-noite, Sr. Torrance - falou Lloyd, com prazer. Que bom ver o senhor.

- É bom estar de volta, Lloyd - disse ele, grave, pendurando a perna num banco entre um homem com um terno azule uma mulher de olhar turvo e de vestido preto, que olhava o fundo do copo.

- O que vai ser hoje, Sr. Torrance?

- Martíni - respondeu, com muito prazer. Olhou para o fundo do bar com suas fiteiras de garrafas cintilantes, tampadas com sifões de prata. Jim Beam. Wild Turkey. Gilby's. Sharrod's Private Label. Toro. Seagram's. Estamos aí.

- Um marciano duplo, por favor - falou Jack. - Estão aterrados por aí, Lloyd. - Tirou a carteira, e com cuidado colocou uma nota de 20 sobre o bar.

Enquanto Lloyd preparava o drinque, Jack olhou para trás. Todos os reservados estavam ocupados. Alguns dos ocupantes estavam fantasiados... uma mulher de calça de odalisca e sutiã coberto de pedraria, um homem com uma cabeça de raposa erguendo astutamente de seu traje de gala, um homem com uma fantasia prateada de cachorro com um pompom na ponta da cauda longa, que fazia cócegas no nariz de uma mulher de sarongue, para alegria de todos.

- O senhor não paga, Sr. Torrance - disse Lloyd, colocando o copo sobre a nota de 20. - Seu dinheiro não é recebido aqui. Ordens do gerente.

- Gerente?

Um certo desconforto tomou conta dele; no entanto, pegou o copo de martíni e o agitou, observando a azeitona balançar no fundo da bebida gelada.

- Claro. O gerente. - Lloyd deu um sorriso largo, mas seus olhos estavam cercados de olheiras e a pele estava terrivelmente branca, como um defunto. - Mais tarde ele espera cuidar do bemestar de seu filho. Ele está muito interessado em seu filho. Danny é um

menino inteligente.

O cheiro de gim era enlouquecedor, mas também lhe parecia estar bloqueando a razão. Danny? O que isso tudo tinha a ver com Danny? E o que estava fazendo num bar com um copo na mão?

JURARA. Tornara-se ABSTÉMIO. RENUNCIARA.

O que poderia querer com o filho? O que poderiam querer com Danny? Wendy e Danny não estavam envolvidos. Tentou ver os olhos sombreados de Lloyd, mas estava muito escuro, muito escuro, era como tentar ver emoção nas órbitas vazias de um crânio.

(Sou eu que eles devem estar querendo... não é? Sou eu. Nem Danny, nem Wendy. Quero gosta daqui sou eu. Eles queriam ir embora. Fui eu que cuidei do snowmobile... vasculhei a papelada velha... baixei a pressão da caldeira... menti... praticamente vende minha alma... o que poderiam querer com ele?)

- Onde está o gerente? - tentou perguntar casualmente, mas as palavras pareciam chegar aos lábios já entorpecidas como conseqüência do primeiro drinque, como palavras de um pesadelo ao invés das de um sonho doce.

Lloyd limitava-se a sorrir.

- O que querem com meu filho? Danny não está nisto... está? - Sentiu o apelo em sua própria voz.

O rosto de Lloyd parecia estar fugindo, mudando, tornando-se algo nojento. A pele branca tornando-se hepaticamente amarela, rachando. Chagas vermelhas brotavam na pele, expelindo um líquido malcheiroso. Gotas de sangue brotando na testa de Lloyd como suor, e em algum lugar um carrilhão de prata batia um quarto de hora.

(Retirem as máscaras, retirem as máscaras!)

- Beba seu drinque, Sr. Torrance - disse Lloyd, calmo. Isso não é um assunto que lhe diga respeito. Não a este ponto.

Pegou o copo novamente, levou-o à boca, e hesitou. Ouviu o estalo duro e horrível do braço quebrado de Danny. Viu a bicicleta voando sobre a capota do carro de Al, estilhaçando o pára-brisa. Viu a única roda sobre a estrada, com os raios torcidos apontando para o céu como pedaços de uma corda de piano.

Percebeu que a conversa cessara.

Olhou para trás. Estavam todos olhando-o com expectativa, em silêncio. O homem ao lado da mulher de sarongue tirara a máscara de raposa da cabeça, e Jack viu que era Horace Derwent, o cabelo louro claro caindo-lhe na testa. Todos no bar também

olhavam. A mulher ao lado olhava-o de perto, como se tentando focalizá-lo. O vestido escorregava em um ombro, e olhando para baixo, ele podia ver um mamilo sobre o seio flácido. Voltando 0 olhar para seu rosto, começou a pensar que essa devia ser a mulher do 217, a que tentara estrangular Danny. Por sua vez, o homem de terno azul tirava um pequeno revólver de cabo de pérola, calibre 32, do bolso do paletó e o girava despropositadamente, como que pensando em roleta-russa.

(Quero...)

Descobriu que as palavras não passavam pelas cordas vocais congeladas e tentou mais uma vez.

- Quero ver o gerente. Eu... Eu não creio que ele entenda. Meu filho não faz parte disso. ele...

- Sr. Torrance - falou Lloyd, com a voz saindo com terrível gentileza de dentro do rosto vermelho de chagas. - O senhor se encontrará com o gerente na ocasião certa. Aliás, ele resolveu fazê-lo seu agente neste assunto. Agora, beba seu drinque.

- Beba seu drinque - todos repetiram.

Pegou-o com a mão trêmula. Era gim puro. Olhou para dentro do copo, e sentiu como se se estivesse afogando.

A mulher a seu lado começou a cantar sem vida e sem ritmo:

"Role... role... o barril... e nós teremos.. . um barril... de alegria... "

Lloyd acompanhou. Em seguida o homem de terno azul. O homem-cachorro juntou-se a eles, batendo uma pata na mesa

"Está na hora de rolar o barril... "

Derwent juntou sua voz à do resto. Um cigarro levantado no canto da boca, elegantemente. O braço direito em volta dos ombros da mulher de sarongue, e a mão tocando-lhe delicadamente o seio. Ele olhava para o homem-cachorro com grande desprezo, enquanto cantava.

"... porque a turma está... toda... aqui!"

Jack levou o copo à boca e bebeu o gim em três goles, que desceram livres pela garganta, como um furgão atravessando um túnel, explodindo, ricocheteando no cérebro, onde era tomado por uma crise convulsiva de tremores.

Quando isso acabava, sentia-se bem.

- Mais um por favor - disse empurrando o copo vazio para Lloyd.

- Pois não, senhor - falou Lloyd, apanhando o copo. Lloyd parecia perfeitamente normal de novo. O homem da pele cor de azeitona guardara o 32. A mulher a sua direita olhava fixamente para o copo, um seio agora inteiramente exposto, recostada no couro que revestia o bar. Um murmúrio vago saiu de sua boca flácida. A conversa voltou, enredando, enredando.

O novo drinque apareceu diante dele.

- Muchas gracias, Lloyd - disse ele, pegando-o.

- E sempre um prazer servi-lo, Sr. Torrance. - Lloyd sorriu.

- Você sempre foi o melhor, Lloyd.

- Obrigado, senhor.

Bebeu devagar desta vez, deixando o gim descer lentamente pela garganta, jogando alguns amendoins pela corredeira.

A bebida nem bem acabava, e ele já pedia mais. Sr. Presidente, conheci os marcianos, e tenho o prazer de informar que eles são muito simpáticos. Enquanto Lloyd fazia outro, começou a revistar os bolsos à procura de uma moeda para pôr na vitrola automática. Pensou em Danny novamente, mas o rosto do filho estava coberto de penugem e indefinível. Machucara Danny uma vez, mas isso tinha sido antes de ter aprendido a conviver com a bebida. Esses dias estavam distantes dele agora. Nunca machucaria Danny novamente.

Nem morto.

44

CONVERSA NA FESTA

Estava dançando com uma bela mulher.

Não tinha idéia das horas, quanto tempo passara no Salão Colorado, ou há quanto tempo estava aqui no salão de baile. O tempo deixara de ser importante.

Tinha vagas lembranças: de ouvir um homem que já tinha sido um cômico de sucesso no rádio, e depois um astro de variedades no início da história da televisão, contando uma piada muito longa e engraçada sobre o incesto entre gêmeos siameses; de ver a mulher de calça de odalisca e sutiã coberto de lantejoulas fazendo um strip-tease lento e

insinuante ao som da música especial da vitrola automática (parecia o tema musical de David Rose para A Desnudada); atravessando o saguão com mais dois homens, vestidos com roupas que datavam dos anos 20, todos cantando versos às calcinhas de Rosie O'Grady. Parecia ver, pelas grandes portas duplas, arcos que acompanhavam a entrada de carros - brilhavam como jóias, em suaves cores pastel. O globo grande de vidro no teto da varanda estava aceso, e os insetos noturnos batiam e voavam a sua volta, e uma parte dele, talvez o último pequeno traço de sobriedade, tentou dizer-lhe que eram seis horas de uma manhã de dezembro. Mas o tempo fora abolido.

(As discussões sobre a loucura terminam em blablablá...)

De quem era isso? De algum poeta que lera na universidade? De algum poeta universitário que agora vendia máquinas de lavar roupa em Wansau ou apólices de seguro em Indianápolis? Talvez um pensamento original? Não importava.

(A noite está escura / as estrelas estão no alto / uma torta de creme / flutua no céu...)

Riu sem se conter.

- Alguma coisa engraçada, meu bem?

E aqui encontrava-se ele novamente no salão de baile. O lustre estava aceso e os casais dançavam, alguns fantasiados, outros não, aos acordes suaves de uma orquestra do pós-guerra - mas que guerra? Você sabe?

Não, claro que não. Estava certo de uma coisa somente: dançava com uma bela mulher.

Ela era alta, de cabelos castanho-avermelhados, com um vestido de cetim branco, e dançava junto dele com os seios apertados leve e docemente contra seu peito. Sua mão entrelaçada na dele. Usava máscara de cara de gato, e o cabelo tinha sido penteado para um lado, o que parecia juntar o vale formado entre os ombros que se tocavam. O vestido era rodado, mas podia sentir as coxas dela roçando em suas pernas de vez em quando, certificando-se cada vez mais de que ela estava completamente nua sob o vestido

(para melhor sentir sua ereção, meu querido)

e de que ele estava excitado. Se isso a ofendia, dissimulava bem; chegava cada vez mais perto dele.

- Nada de engraçado, meu bem - disse ele, e riu novamente.

- Gosto de você - sussurrou ela, e Jack achou que seu perfume era como o lírio escondido secretamente por entre fendas cobertas de musgo... lugares onde a luz do sol é pouca, e as sombras são muitas.

- Gosto de você também.

- Poderíamos subir, se quisesse. Eu deveria estar com Harry, mas ele não vai perceber nunca. Está preocupado em chatear Roger.

A música terminou. Houve aplausos e em seguida a orquestra começou a tocar Mood Indigo quase que imediatamente.

Jack olhou por cima dos ombros nus da mulher, e viu Derwent, de pé, junto à mesa de bebidas. A garota de sarongue estava com ele. Havia garrafas de champanha dentro de baldes de gelo enfileirados ao longo da toalha branca de mesa, e Derwent segurava uma garrafa espumante. Um grupo de pessoas juntou-se, rindo. Diante de Derwent e da garota de sarongue, Roger, de quatro, pulava grotescamente, sacudindo o rabo. Latia.

- Fale, rapaz, fale! - gritou Harry Derwent.

- Au! Au! - respondeu Roger. Todos bateram palmas; alguns homens assobiaram.

- Agora, sente-se. Sente-se cachorrinho!

Roger sentou sobre as patas traseiras. O focinho da máscara estava frio no seu eterno rosnar. Dentro das órbitas, os olhos de Roger enrolavam-se comicamente. Estendeu os braços, balançando as patas.

- Au! Au!

Derwent virou a garrafa de champanha, e derramou uma espécie de Niagara de espuma sobre a máscara virada para cima. Roger lambeu, e todos aplaudiram novamente. Algumas das mulheres gritaram de tanto rir.

- Não é o fim? - perguntou sua parceira, chegando mais perto novamente. - Todos acham. Ele é bissexual, sabe? Pobre Roger, ele não, é só homossexual. Passou um fim-de-semana com Harry, certa vez, em Cuba... oh, há muitos meses. Agora ele corre atrás de Harry por toda parte, abanando o rabinho.

Ela riu. O aroma tímido de lírio recendeu.

- Mas Harry nunca trepa mais de uma vez com o mesmo cara... e Roger é fogo. Harry disse que, se ele viesse ao baile fantasiado de cachorrinho, um cachorrinho bonitinho, poderia reconsiderar, e Roger é tão bobo que...

O número terminou. Houve mais aplausos. Os músicos desceram para descansar.

- Com licença, doçura - disse ela. - Há alguém com quem eu realmente preciso... Daria! Daria, menina querida, por onde tem andado?

Ela se meteu em meio à multidão que comia e bebia, e ele a acompanhou de longe como

um bobo, imaginando como, em primeiro lugar, teriam dançado juntos. Não se lembrava. Incidentes pareciam acontecer sem nenhuma conecção. Primeiro aqui, depois ali, depois em toda a parte. A cabeça girava. Sentia o cheiro de lírio e zimbro. Junto à mesa de salgados, Derwent segurava um pequeno sanduíche triangular sobre a cabeça de Roger, insistindo com ele, para alegria geral dos observadores, que desse um salto mortal. A máscara de cachorro estava voltada para cima. As laterais prateadas da fantasia dilatavam e encolhiam. Roger, de repente, deu um salto, baixando a cabeça, e tentou virar uma cambalhota no ar. Seu salto foi muito baixo e fraco; caiu desajeitado sobre o dorso, batendo a cabeça nos ladrilhos. Um grunhido surdo saiu da máscara de cachorro.

Derwent deu início aos aplausos.

- Experimente mais uma vez, cachorrinho! Experimente mais uma vez!

Os observadores prosseguiram em coro - mais um, mais um - e Jack saiu de perto cambaleando, sentindo-se um pouco enjoado.

Quase caiu sobre o carrinho de bebidas, que era empurrado por um homem de sobrancelhas cerradas e de paletó branco. Seu pé tropeçou na prateleira inferior do carrinho; as garrafas e sifões na prateleira de cima tilintaram musicalmente.

- Perdão - disse Jack, rouco. De repente, sentiu-se confinado e sufocado; quis sair. Queria que o Overlook voltasse a ser o que era... livre destes hóspedes indesejáveis. Seu lugar não era o do verdadeiro abre-alas; era apenas mais um dos 10.000 outros, um cachorrinho cumprindo ordens.

- Não foi nada - disse o homem de paletó branco. A linguagem fina e recortada saindo do rosto de assassino era surrealista. Um drinque?

- Martíni.

Atrás deles, irrompeu uma outra gargalhada; Roger uivava uma música caipira. Alguém acompanhava no piano.

- Aqui está.

O copo gelado foi colocado em sua mãos. Jack bebeu agradecido, sentindo o gim atingir e derrubar os primeiros sinais de sobriedade.

- Está bom, senhor?

- Está.

- Obrigado, senhor. - O carrinho começou o deslizar novamente.

Jack estendeu a mão e tocou o ombro do homem.

- Sim, senhor.

- Desculpe-me, mas... como se chama?

O outro demonstrou surpresa.

- Grady, senhor. Delbert Grady.

- Mas você... quero dizer...

O garçom olhava-o com cortesia. Jack tentou falar novamente, apesar de a boca estar pesada pelo gim e pela irrealidade; sentia cada palavra tão grande quanto um cubo de gelo.

- Você já não foi o zelador daqui? Quando você... quando... - Mas não podia concluir. Não conseguiu dizer.

- Claro que não, senhor. Acho que não.

- Mas sua mulher... suas filhas...

- Minha mulher está ajudando na cozinha, senhor. As meninas, naturalmente, estão dormindo. Já é tarde.

- Você era o zelador. Você... - Vamos diga! - Você as matou.

A expressão de Grady continuou atenciosa.

- Não tenho a menor lembrança disso, senhor. - O copo estava vazio. Grady tirou-o dos dedos sem resistência de Jack, e começou a preparar-lhe outro drinque. Havia um pequeno balde de plástico, no carrinho, que estava cheio de azeitonas. De alguma forma lembravam cabeças degoladas. Grady espetou uma, com habilidade, jogou-a no copo, e o entregou a Jack.

- Mas você...

- O senhor é o zelador, meu senhor - disse Grady, moderadamente. - Sempre foi o zelador. Eu sei, senhor. Sempre trabalhei aqui. O mesmo gerente nos admitiu, ao mesmo tempo. Correto, senhor?

Jack engoliu a bebida rapidamente. Sua cabeça girava.

- O Sr. Ullman...

- Não conheço ninguém com este nome, senhor.

- Mas ele...

- O gerente - disse Grady. - O hotel, senhor. É claro que

o senhor sabe quem o admitiu, senhor.

- Não - falou Jack, com voz rouca. - Não, eu...

- Creio que deva consultar seu filho, Sr. Torrance. Ele entende tudo, apesar de o senhor não lhe ter explicado. Bastante rebelde da parte dele, se me permite ser tão ousado, senhor. Na realidade, ele o traiu várias vezes, não é verdade? E ainda não tem seis anos.

- Sim - disse Jack. - Você tem razão. - Houve mais ímpeto de alegria por trás deles.

- Ele precisa ser corrigido, se não se importa que eu diga. Ele precisa de um bom diálogo, e talvez de mais alguma coisa. Minhas meninas mesmo, senhor, não davam muita importância ao Overlook no princípio. Uma delas chegou até a roubar uma caixa de fósforos e tentou atear fogo ao hotel. Eu as corrigi. Corrigi severamente. E quando minha mulher tentou impedir-me de cumprir meu dever, eu também a corrigi. - Deu um sorriso afável e sem significado. - Acho triste, porém verdadeiro, o fato de as mulheres dificilmente entenderem a responsabilidade de um pai de família para com os filhos. Maridos e pais têm certas responsabilidades, não têm, senhor?

- Sim.

- Não gostavam do Overlook tanto quanto eu - disse Grady, começando a preparar outro drinque. Bolhas prateadas brotavam na garrafa de gim virada. - Da mesma forma que sua mulher e seu filho não gostam... não no momento, por enquanto. Mas virão a gostar. O senhor deve mostrar-lhes o erro de seus caminhos, Sr. Torrance. Concorda?

- Sim, concordo.

Percebia. Tinha sido muito frouxo em relação a eles. Maridos e pais tinham suas responsabilidades. Papai Sabe Tudo. Não entendiam. Sabiam que não era nenhum crime, mas deliberadamente não entendiam. Não era o que se podia chamar de um homem severo. Mas acreditava em castigo. E se seu filho e sua mulher, deliberadamente, colocaram-se contra sua vontade, contra as coisas que ele sabia serem melhores para cies, não teria ele um certo dever...?

- Uma criança mal-agradecida é pior do que um dente de serpente - falou Grady, entregando-lhe o drinque. - Realmente acho que o gerente poderia pôr seu filho na linha. E sua mulher o seguiria pouco depois. Concorda, senhor?

De repente ficou indeciso.

- Eu... mas... se pudessem simplesmente ir embora... quero dizer, afinal de contas, sou eu que o gerente quer, não é? Deve ser. Porque... - Por quê? Deveria saber, mas subitamente compreendeu que não sabia. Oh, seu pobre cérebro flutuava.

- Cachorro feio! - dizia alto Derwent, seguido por uma explosão de alegria. - Cachorro feio que faz pipi no chão.

- E naturalmente o senhor sabe - continuou Grady, debruçando-se confidencialmente sobre o carro de bebidas. - Seu filho está tentando trazer um estranho para cá. Seu filho tem muito talento, do tipo que o gerente poderia usar para posteriormente melhorar o Overlook, para posteriormente... enriquecê-lo, poderíamos dizer. Mas seu filho está disposto a usar este mesmo talento contra nós. Ele está deliberado, Sr. Torrance. Deliberado.

- Estranho? - perguntou Jack como um idiota.

Grady assentiu.

- Quem?

- Um negro - disse Grady. - Um negro cozinheiro.

- Hallorann?

- Acho que é este o nome, senhor.

Uma outra explosão de gargalhada por trás deles surgiu quando Reger disse alguma coisa com uma voz queixosa de protesto.

- Sim! Sim! Sim! - começou Derwent a cantar. Os outros em volta o acompanhavam, mas antes que Jack ouvisse o que queriam que Reger fizesse agora, a orquestra começou a tocar novamente... a música era Tuxedo Junction, com muito sax, mas pouco soul.

(Seul? Soul ainda não tinha sido descoberto. Ou tinha?)

(Um negro... um negro cozinheiro.)

Abriu a boca para falar sem saber o que iria sair. O que saiu foi

- Disseram-me que você não terminou o curso secundário. Mas você não fala como um homem sem instrução.

- É verdade que abandonei a escola muito cedo, senhor. Mas o gerente se interessa por seus empregados. Ele acha que compensa. A instrução sempre compensa, não acha, senhor?

- Sim - falou Jack, atordoado.

- Por exemplo, o senhor demonstra um grande interesse em aprender mais sobre o Hotel Overlook. Muito inteligente de sua parte, senhor. Muito nobre. Um certo álbum de recortes foi deixado no porão para que o senhor o encontrasse...

- Por quem? - perguntou Jack, ansioso.

- Pelo gerente, naturalmente. Outros materiais poderiam ser colocados a sua disposição, se o senhor desejasse...

- Eu quero. Muito. - Tentou controlar a ansiedade em sua voz e fracassou redondamente.

- O senhor é um verdadeiro estudioso - disse Grady. Persegue o objetivo até o fim. Até se esgotarem todas as fontes. - Baixou a cabeça com as sobrancelhas cerradas, ajeitou a lapela do paletó branco, e tirou com a ponta dos dedos uma poeirinha invisível aos olhos de Jack. - E o gerente não é miserável - prosseguiu Grady. - De maneira nenhuma. Eu, por exemplo, veja, abandonei os estudos no primeiro ano científico. Imagine o quão longe o senhor poderia ir na estrutura organizacional do Overlook. Talvez... com o tempo... à cúpula.

- É mesmo? - sussurrou Jack.

- Mas isto realmente depende de seu filho, não é? - perguntou Grady, levantando as sobrancelhas espessas e de alguma forma agressivas.

- De Danny? - Jack franziu as sobranceias para Grady. Não, claro que não. Não permitiria que meu filho tomasse decisões com relação a minha carreira. Em hipótese alguma. Quem você pensa que sou?

- Um homem dedicado - disse Grady, afavelmente. - Talvez me tenha expressado mal. Digamos que seu futuro aqui depende de como o senhor decida lidar com os caprichos de seu filho.

- Tomo minhas próprias decisões - murmurou Jack.

- Mas o senhor deve acertar com ele.

- Vou acertar.

- Com firmeza.

- Sim.

- Um homem que não consegue controlar sua própria família goza de muito pouco prestígio junto ao gerente. Um homem que não consegue dirigir os rumos de sua mulher e de seu filho dificilmente conseguirá dirigir os seus, ou conseguirá assumir sozinho uma posição de responsabilidade numa organização desta envergadura. Ele...

- Eu disse que cuidarei dele! - gritou Jack de repente enraivecido.

Tuxedo Junction terminara, e a outra música ainda não começara. Seu grito caiu exatamente no intervalo, e a conversa de repente cessou atrás dele. Seu corpo inteiro estava quente. Percebeu que todos os observavam. Já tinham feito o que queriam com Roger, e agora era sua vez. Role. Sente-se. Finja-se de morto. Se jogar o jogo conosco, jogaremos o jogo com você. Posição de responsabilidade. Queriam que sacrificasse o filho.

(... agora ele corre atrás de Harry por toda parte, abanando o rabinho...)

(Role. Finja-se de morto. Castigue seu filho.)

- Por aqui, senhor - dizia Grady. - Algo que lhe pode interessar.

A conversa continuou, alterando o ritmo ao compasso da orquestra, que executava agora um arranjo de Ticket to Ride, de Lennon e McCartney.

(lá ouvi melhores nos alto-falantes de supermercados.)

Sorriu idiotamente. Olhou para a mão esquerda e viu que havia outro copo, pela metade. Esvaziou-o com um gole.

Estava agora parado em frente à lareira, o calor do fogo aquecia-lhe as pernas.

(um incêndio?... em agosto?... sim... e não... tudo de uma só vez)

Havia um relógio sob uma redoma de vidro, ladeado por dois elefantes de marfim. Os ponteiros marcavam um minuto para a meia-noite. Olhou-o com os olhos turvos. Era isso que Grady queria que visse? Voltou-se para perguntar, mas Grady o tinha deixado.

No meio de Ticket to Ride, a orquestra executou um floreio de metais.

- Está na hora! - proclamou Horace Derwent. - Meia-noite! Retirem as Máscaras! Retirem as máscaras!

Tentou voltar-se novamente para ver que rostos famosos se escondiam sob o brilho, a pintura e as máscaras, mas ficou paralisado, sem conseguir tirar os olhos do relógio... os ponteiros se haviam juntado e apontavam para cima.

- Retirem as máscaras! Retirem as máscaras! - prosseguiu o coro.

O relógio começou a bater delicadamente. Ao longo do trilho abaixo do mostrador, duas figuras se encontravam. Jack observava fascinado, esquecendo a retirada das máscaras. O relógio batia. As rodas dentadas giravam e se encaixavam, os metais brilhavam. A roda de equilíbrio balançava precisamente de um lado para outro.

Uma das figuras era um homem na ponta dos pés com o que parecia um pequeno taco nas mãos. A outra era um menino com orelhas de asno. As figuras encantavam pela fantástica precisão. Na frente do chapéu do garoto lia-se a palavra BOBO.

As duas figuras se afastaram para as extremidades opostas de um eixo de aço. De algum lugar, vinham os acordes de uma valsa de Strauss. Um jingle comercial louco passou-lhe pela cabeça: Compre comida de cachorro, au-au, au-au, compre comida de cachorro...

O taco de metal nas mãos da figura do pai caiu sobre a cabeça do menino. A figura do filho esfacelou-se. O taco subia e descia, subia e descia. As mãos do menino estendidas em defesa começaram a vacilar. O menino curvou-se, prostrado. E o taco ainda assim subia e descia no ar ao som da melodia de Strauss, e parecia que ele podia ver o rosto contraído do homem, podia ver a boca da figura do pai abrindo e fechando, enquanto ralhava com a figura inconsciente e açoitada do filho.

Uma mancha vermelha saltou por dentro da redoma de vidro...

Mais outra. Mais duas.

Agora, o líquido vermelho espirrava como uma chuva, atingindo as laterais do vidro da redoma e escorrendo, escondendo o que havia em seu interior e, em meio a uma mancha vermelha, havia pequeninos fragmentos de tecido, osso e cérebro. E ainda podia ver o taco subindo e descendo enquanto o relógio continuava a funcionar e as rodas continuavam a encaixar os mecanismos e dentes desta engrenagem habilmente fabricada.

- Retirem as máscaras! Retirem as máscaras! - gritava Derwent atrás dele, e em algum lugar um cachorro uivava com voz humana.

(Mas engrenagem de relógio não sangra, engrenagem de relógio não sangra)

A redoma inteira estava manchada de sangue, podia ver pedaços de cabelo, mas nada mais graças a Deus, nada mais, e ainda assim achava que iria vomitar porque ouvia as pancadas, ouvia através do vidro assim como ouvia o Danúbio Azul. Mas os sons não eram mais os tique-taques mecânicos de um taco mecânico atingindo uma cabeça igualmente mecânica, e sim os sons surdos de um taco verdadeiro dilacerando e golpeando destroços úmidos e esponjosos. Destroços que já tinham sido...

- RETIREM AS MASCARAS!

(... a Máscara da Morte Rubra dominava tudo!)

Com um grito angustiado, deu as costas para o relógio, tropeçando nos próprios pés como se fossem blocos de madeira, as mãos estendidas implorando que parassem, que levassem Danny, Wendy e ele, que levassem o mundo todo se quisessem, mas que parassem, e que deixassem nele um pouco de sanidade, um pouquinho só.

O salão estava vazio.

As cadeiras altas estavam sobre as mesas, com as pernas viradas para cima. As mesas cobertas com uma capa de plástico. O tapete vermelho com -os bordados dourados estendidos sobre o soalho, protegendo a superfície de madeira encerada. No palco, havia somente um pé de microfone e um violão sem cordas, empoeirado, encostado na parede. A luz fria da manhã, luz de inverno, entrava pelas janelas altas.

Sua cabeça ainda girava, ainda se sentia bêbado, mas, quando se voltou para a lareira, a bebida havia sumido. Havia apenas os elefantes de marfim... e o relógio.

Atravessou, tropeçando, o saguão frio e sombrio, e o restaurante. Seu pé direito prendeu-se num pé de mesa, e ele caiu derrubando a mesa, fazendo barulho. Bateu o nariz com força no chão .e começou a sangrar. Levantou-se, fungando e limpando o nariz com a mão. Atravessou o Salão Colorado e empurrou a porta de vaivém, fazendo-a bater contra as paredes.

O lugar estava vazio... mas o bar estava cheio. Deus seja louvado. Vidros e rótulos de prata cintilavam na escuridão.

Certa vez, lembrava-se, há muito tempo, aborrecera-se porque não havia um fundo de espelho no bar. Agora estava feliz. Olhando através dele veria um outro bêbado que abandonara o vagão dos abstêmios: nariz sujo de sangue, camisa para fora das calças, despenteado, rosto barbado.

(Isto é que é enfiar a mão inteira no ninho.)

A solidão caiu sobre ele repentina e totalmente. Gritou de infelicidade e desejou honestamente que estivesse morto. A mulher e o filho estavam lá em cima com a porta trancada. Os outros haviam todos partido. A festa terminara.

Cambaleou para frente novamente, e chegou ao bar.

- Lloyd, onde diabos você está? - gritou.

Não houve resposta. Neste cômodo

(cela)

muito bem revestido, suas palavras nem sequer ecoavam para dar a ilusão de companhia.

- Grady!

Nenhuma resposta. Somente as garrafas, imóveis e atentas.

(Role. Finja-se de morto. Vá buscar. Finja-se de morto. Sente-se. Finja-se de morto.)

- Não importa, eu mesmo preparo, merda.

No meio do caminho para o bar, perdeu o equilíbrio e se jogou para frente, batendo a cabeça no chão. Pôs-se de quatro, os olhos virando de um lado para outro, sons indistintos saindo da boca. Em seguida, perdeu os sentidos, o rosto virado de lado, roncando.

Lá fora, o vento assobiava mais alto, trazendo a neve espessa. Eram 8:30 da manhã.

45

AEROPORTO DE STAPLETON, DENVER

As 8:31 da manhã, uma mulher no vôo 196 da TWA começou a chorar e dar, aos gritos, sua opinião, que talvez fosse compartilhada pelos outros passageiros (ou mesmo pela tripulação), de que o avião ia cair.

A mulher de fisionomia impenetrável ao lado de Hallorann levantou os olhos do livro e fez uma breve análise caricatural:

- Criancice. - E voltou a ler. Ela engolira duas vodcas durante a viagem, mas não pareciam tê-la afetado.

- Vai cair! - gritou a mulher estridente. - Eu simplesmente sei que vai!

Uma aeromoça correu a sua poltrona e se agachou a seu lado. Hallorann pensou com seus botões que somente aeromoças e jovens donas-de-casa conseguiam agachar-se com graciosidade; era um talento raro e maravilhoso. Pensava nisso, enquanto a aeromoça conversava calmamente baixinho com a mulher, tranqüilizando-a aos poucos.

Hallorann não sabia se outras pessoas no 196 sentiam, mas ele, particularmente, morria de medo. Lá fora, não se via nada, a não ser uma fustigada cortina branca. O avião balançava um pouco com os ventos, que pareciam vir de toda parte. Os motores aumentavam a rotação para dar estabilidade maior, e, como conseqüência, o piso

vibrava sob seus pés. Várias pessoas gemiam na classe turística atrás dele, uma aeromoça fora até lá com uma porção de sacos para enjôo, e um homem, três poltronas à frente de Hallorann, vomitara sobre o seu National Observer, e, sorrindo, pedia desculpas iì aeromoça que veio ajudá-lo.

- Não foi nada - a moça o consolou - é assim que me sinto com relação a Seleções.

Hallorann já voara o suficiente para poder conjeturar o que acontecera. A maior parte do trajeto voaram contra o vento, o tempo em Denver piorara de repente e inesperadamente, e agora era um pouco tarde para desviar a rota para qualquer outro lugar onde o tempo estivesse melhor. Antes tarde do que nunca.

(Buddy, rapaz, este é um ataque da cavalaria.)

Parecia que a aeromoça havia obtido sucesso em conter a histeria da mulher. Esta fungava e assoava o nariz num lenço, mas deixara de emitir suas opiniões sobre o possível fim do vôo para todos. A aeromoça deu-lhe um último capinha nos ombros, e se levantou exatamente quando o 747 deu a pior guinada. A aeromoça cambaleou, e caiu sentada no colo do homem que vomitara no jornal, exibindo belas coxas cobertas de nylon. O homem piscou e, em seguida, deu-lhe um capinha gentil no ombro. Ela sorriu, mas Hallorann viu estampado o esforço em sorrir. Era um vôo tremendamente difícil.

Houve um pequeno silvo, quando a luz do NÃO FUME acendeu novamente.

"Aqui é o comandante falando", informou uma voz macia, com sotaque de sulista. "Estamos prontos para o pouso no Aeroporto Internacional de Stapleton. Foi um vôo difícil, pelo qual peço desculpas. A aterragem poderá ser também um pouco trabalhosa, mas não antecipamos nenhuma dificuldade real. Por favor, observem os avisos de APERTAR OS CINTOS e NÃO FUMAR, e esperamos que apreciem sua estada em Denver. Esperamos também... "

Um outro solavanco sacudiu o avião, o fez baixar com um vácuo nauseante. O estômago de Hallorann embrulhou. Muitas pessoas - não apenas mulheres - gritaram.

"... vê-los novamente em um outro vôo da TWA muito breve."

- Deus me livre - disse alguém atrás de Hallorann.

- Tão tolo - comentou a mulher de fisionomia impenetrável ao lado de Hallorann, marcando o livro com um palito de fósforo, e o fechando enquanto o avião começava a aterrar. - Quando já se presenciou os horrores de uma guerra suja... como o senhor já viu... ou já se sentiu a imoralidade degradante da intervenção da CIA na diplomacia do dólar... como eu já senti... uma aterragem difícil se perde na insignificância. Estou certa, Sr. Hallorann?

- E como, madame - respondeu, olhando para a neve que caía forte.

- Como é que sua chapa de aço está reagindo a isso tudo, se me permite a pergunta?

- Oh, minha cabeça está bem - disse Hallorann. - Só o estômago está um pouco enjoado.

- Que vergonha. - E abriu o livro novamente.

Enquanto baixavam pelas impenetráveis nuvens de neve, Hallorann pensou num acidente que ocorrera no Aeroporto de Boston, há alguns anos. As condições eram semelhantes, só que havia nevoeiro ao invés de neve, que reduzia a visibilidade a zero. O trem de aterragem ficara preso em um muro perto da cabeceira da pista. O que restara das oitenta e nove pessoas a bordo não foi muito diferente de um cozido.

Não se importaria muito se acontecesse com ele. Estava sozinho no mundo agora, e as presenças a seu funeral se restringiriam mais às pessoas com quem" trabalhara, e àquele velho renegado Masterton, que, pelo menos, brindaria em sua homenagem. Mas o menino... o menino dependia dele. Ele representava talvez toda a ajuda que aquela criança esperava, e não gostara do jeito como 0 último chamado o atingira. Ficava pensando na forma como os arbustos de animais pareciam mexer-se...

Uma mão leve e branca apareceu sobre a sua.

A mulher de fisionomia impenetrável tirara os óculos. Sem eles sua expressão tornara-se muito mais suave.

- Vai melhorar - disse ela.

Hallorann sorriu, e meneou a cabeça.

Como antecipado, o avião baixou com dificuldade, reencontrando-se com a terra com força suficiente para derrubar a maioria das revistas e arrastar bandejas que vinham da cozinha e que mais pareciam cartas gigantes de baralho. Ninguém gritou, mas Hallorann ouviu o trincar de dentes como se fossem castanholas de cigana.

Então as turbinas uivaram, o avião freou, e enquanto o ruído diminuía, a voz suave do piloto, talvez não muito segura, veio ao interfone.

"Senhoras e senhores, aterramos no Aeroporto de Stapleton. Por favor, permaneçam sentados até a completa parada das turbinas. Obrigado."

A mulher ao lado de Hallorann fechou o livro e deu um longo suspiro.

- Dias melhores virão.

- Madame, este ainda não acabou.

- Verdade. Pura verdade. Gostaria de tomar um drinque comigo?

- Gostaria, mas tenho um horário apertado a cumprir.

- Urgente?

- Muito urgente - disse Hallorann, sério.

- Algo que contribuirá de alguma forma, para a melhoria da situação geral, espero.

- Eu também espero - falou Hallorann, com um sorriso. Ela também sorriu, e remoçou dez anos ao fazê-lo.

Como só tivesse uma sacola como bagagem, Hallorann foi o primeiro passageiro a chegar ao balcão da Hertz. Pelas janelas embaçadas podia ver a neve caindo. O vento levantava nuvens de neve, e as pessoas que andavam no parque de estacionamento lutavam contra ele. Um homem perdeu o chapéu, e Hallorann sentiu pena dele, enquanto o chapéu voava alto e imponente. O homem o perseguia com o olhar, e Hallorann pensou:

(Oh, não esquente a cabeça, cara Esse chapéu só vai baixar no Arizona.)

E a propósito do pensamento:

(Se está assim em Denver, como estará a oeste de Boulder?)

Talvez seja melhor não pensar nisso.

- Deseja alguma coisa, senhor? - perguntou a moça de amarelo do balcão da Hertz.

- Se você tiver um carro, seria muito bom - disse, com um sorriso largo.

Por um preço mais pesado que o normal, conseguiu um carro mais pesado que o normal, um Buick Electra preto e prateado. Pensava nas estradas sinuosas mais do que no modelo, teria ainda que parar em algum lugar no caminho, para colocar correntes. Sem elas não iria muito longe.

- O tempo está feio? - perguntou, enquanto ela lhe entregava o contrato para ser assinado.

- Dizem que esta é. a pior nevasca desde 1969 - respondeu a moça, de maneira inteligente. - O senhor tem que ir muito longe?

- Mais longe do que gostaria.

- Se o senhor quiser, posso telefonar para o posto da Texaco no entroncamento da Rota 270. Eles colocarão as correntes para o senhor.

- Isso seria formidável, querida.

Ela apanhou o telefone e fez a ligação.

- Estarão a sua espera.

- Muito obrigado.

Ao deixar o balcão, viu a mulher de fisionomia impenetrável parada numas das filas em frente ao carrossel de bagagem. Ainda estava lendo o livro. Hallorann, ao passar, piscou os olhos para ela. Ela levantou o rosto, sorriu, e fez com os dedos o sinal da paz.

(luz interior.)

Ele levantou a gola do casaco, sorrindo, e passou a sacola leve para a outra mão. Muito pouco, mas o fazia sentir melhor. Lamentava ter-lhe contado aquela mentira sobre a chapa de aço na cabeça. Em sua mente desejava-lhe o bem, e enquanto saía no vento e na neve, pensou que ela também lhe desejava o mesmo.

A taxa, para colocação de correntes no posto de serviço, era pequena, mas Hallorann ofereceu ao empregado da garagem mais 10 dólares para ser passado na frente na lista de espera. Faltavam ainda 15 para as 10, antes de ele ter realmente entrado na estrada, os limpadores de pára-brisa estalavam e as correntes batiam monotonamente nas rodas grandes do Buick.

A estrada estava uma desgraça. Mesmo com as correntes não conseguia andar a mais de 50. Os carros derrapavam das formas mais loucas, e em muitos dos aclives o tráfego avançava com dificuldade, os pneus de verão rodavam impotentes na neve. Era a primeira nevasca do inverno aqui na baixada (se é que se podia chamar 1 .600 metros acima do nível do mar de "baixada"), e era fogo. Muitos dos motoristas estavam despreparados, o que era bastante normal, mas Hallorann ainda se viu xingando ao passar por eles, espreitando no retrovisor externo, sujo de neve para se certificar de que nada estava

(Despencando pela neve...)

subindo pela esquerda para lhe cutucar a traseira.

Havia mais falta de sorte a sua espera no início da subida da Rota 36. Esta rodovia, que ligava Denver a Boulder, também vai para oeste de Estes Park, onde se junta com a Rota 7. Esta estrada, também conhecida como a Estrada Montanhosa, passa por Sidewinder, pelo Hotel Overlook, e finalmente desce a encosta oeste até Utah.

O início da subida estava bloqueado por um caminhão virado. Chamas fortes estavam espalhadas em volta como velas de aniversário em um bolo idiota de criança.

Parou e baixou a janela. Um guarda, com um chapéu de pele tipo cossaco, gritava e apontava para o fluxo do tráfego, que se movia em direção norte na I-25.

- Não pode subir por aqui! - berrou para Hallorann no vento. - Desça, entre na 91, que encontra com a 36 em Broomfield!

- Pensei que pudesse fazer a volta pela esquerda! - gritou Hallorann. - Isso que você está dizendo significam mais 32 quilômetros no meu caminho.

- Dou-lhe uma cacetada na cabeça! - gritou o guarda. Esta rampa está fechada!

Hallorann engatou a ré, esperou uma oportunidade, e prosseguiu a caminho da Rota 25. As placas informavam que estava apenas a 160 quilômetros de Cheyenne, Wyorning. Se não prestasse atenção a sua entrada, acabaria lá.

Aumentou a velocidade para 55, mas não se atreveria a ir mais além; a neve já ameaçava emperrar o limpador de pára-brisa e as rotas de tráfego estavam decididamente loucas. Trinta e dois quilômetros de desvio. Praguejou, e a sensação de que o tempo estava cada vez mais curto para o menino aumentou novamente, quase o sufocando com a urgência. E ao mesmo tempo teve uma certeza determinada de que não voltaria desta viagem.

Ligou o rádio, passou por cima dos anúncios de Natal, e encontrou uma previsão meteorológica.

"... já quinze centímetros, e mais trinta são esperados em Denver e seus arredores ao cair da noite. A polícia local e estadual recomenda que você não tire seu carro da garagem a menos que seja absolutamente necessário, e avisam que a maioria dos desfiladeiros nas montanhas já foi fechada. Portanto, fique em casa, lubrifique seus esquis, e continue ligado na... "

- Obrigado, mamãe. - disse Hallorann, e, furioso, desligou o rádio.

46

WENDY

Por volta do meio-dia, depois que Danny foi para o banheiro, Wendy apanhou a faca enrolada no pano de prato que estava debaixo do travesseiro, colocou-a no bolso do roupão, e foi à porta do banheiro.

- Danny?

- Que é?

- Vou descer para preparar o almoço para nós. Está bem?

- Sim. Quer que eu desça?

- Não, vou trazer aqui para cima. O que me diz de uma omelete de queijo e sopa?

- Bom.

Ela hesitou do lado de fora da porta fechada por mais um momento.

- Danny, tem certeza de que está bem?

- Tenho - respondeu. - Tome cuidado.

- Onde está seu pai? Você sabe?

A voz dele voltou, curiosamente desanimada:

- Não. Mas está tudo bem.

Ela sufocou um desejo imenso de continuar fazendo perguntas, de prosseguir bisbilhotando. A coisa estava ali, sabiam o que era, bisbilhotar só aumentaria o medo de Danny... e dela também.

Jack enlouquecera. Por volta de oito da manhã, quando a tempestade começava a ficar mais forte, sentaram-se juntos na cama de armar de Danny, e o ouviram, lá embaixo, berrando e caindo por cima das coisas. A maior parte dos ruídos parecia vir do salão de baile. Jack cantava trechos desafinados de canções, Jack discutia, Jack gritava alto, apavorando-os e fazendo com que se entreolhassem. Finalmente, ouviram-no tropeçando pelo saguão, e Wendy pensou ter ouvido uma pancada alta, como se ele tivesse caído ou empurrado uma porta abrindo-a com violência. Desde 8:30 - fazia agora três horas e meia - só havia silêncio.

Ela foi até o pequeno corredor, dobrou para o corredor principal do primeiro andar, e desceu as escadas. Parou no intervalo do primeiro lance olhando para o saguão. Parecia deserto, mas o dia cinzento de neve deixara quase todo o longo saguão às escuras. Danny poderia estar errado. Jack poderia estar atrás de uma cadeira ou sofá... talvez atrás do balcão de recepção... esperando que ela descesse...

Molhou os lábios.

- Jack?

Nenhuma resposta.

Sua mão segurou o cabo da faca, e ela começou a descer. Vira o fim de seu casamento várias vezes, através do divórcio, da morte de Jack em um acidente de carro, embriagado (uma visão constante na escuridão das madrugadas de Stovington), e, às vezes, em sonhos, acordada, via-se sendo descoberta por um outro homem, um herói de novela que a levaria para longe junto com Danny, em seu cavalo branco. Mas nunca se tinha imaginado rondando corredores e escadas como uma doente mental, segurando uma faca para se defender de Jack.

O pensamento fez com que uma onda de desespero tomasse conta dela, e teve que parar na metade da escada, segurando o corrimão, temendo que as pernas lhe faltassem.

(Admita. Não é só Jack, ele é apenas a única coisa sólida de lodo isso, onde você pode encostar as outras coisas, aquelas em que você não acredita e que está sendo forçada a acreditar, aquilo tudo sobre os arbustos, os restas de festa no elevador, a máscara)

Tentou impedir o pensamento, mas era muito tarde.

(e as vozes.)

Porque, por vezes, não parecera que havia um homem louco solitário abaixo deles, gritando e mantendo diálogos com fantasmas em sua mente demente. Por vezes, como um sinal de rádio que ia e vinha, ela ouvira - ou imaginara ter ouvido - outras vozes, música e risos. Em certos momentos, ouvia Jack conversando com um homem de nome Grady (o nome era familiar, mas não fez nenhuma ligação concreta), fazendo afirmações e perguntas no silêncio, falando alto, como se para se fazer ouvir em meio a um vozerio de uma festa. E então, misteriosamente, havia outros ruídos, parecendo escorregar do lugar: uma orquestra de baile, aplausos, um homem de voz alegre, mas ao mesmo tempo autoritária, que parecia tentar persuadir alguém a fazer um discurso. Durante 30 a 60 segundos ouvira isso, tempo suficiente para aumentar o pavor, e extinguiu-se novamente, e ela só ouvia Jack, falando de modo imponente, mas ainda um pouco enrolado que lembrava sua voz de bêbado. Mas não havia nenhuma bebida no hotel, além do vinho na cozinha. Não era mesmo? Sim, mas se ela podia imaginar que o hotel estava cheio de vozes e música, não poderia Jack imaginar-se bêbado?

Não gostava desse pensamento. De jeito nenhum.

Wendy chegou ao saguão e olhou em redor. A fita de veludo que cercava a porta do salão de baile fora baixada; a barra de aço em que estivera presa tinha sido arrastada, como se alguém tivesse descuidadamente esbarrado ao passar. Uma luz suave entrava pela porta aberta batendo no tapete do saguão, vinda das janelas altas e estreitas do salão de baile. Com o coração batendo forte, foi às portas abertas do salão e olhou. Estava vazio e silencioso, o único som era o eco baixo e curioso que parece permanecer em todos os lugares grandes, da catedral mais imponente ao mais simples salão de bingo de

uma cidadezinha.

Voltou ao balcão de recepção e ficou ali, indecisa por um momento, ouvindo o vento uivar lá fora. Até agora, esta tinha sido a pior tempestade, e ainda continuava forte. Em algum lugar na ala oeste, um trinco de veneziana quebrara, e a veneziana batia ininterruptamente, como um stand de tiro ao alvo com um único freguês.

(Jack, você realmente devia cuidar disso. Antes que alguma coisa aconteça.)

O que faria se ele se aproximasse agora, . pensou. Se ele saísse por detrás do balcão de recepção escuro, envernizado, com seus formulários e campainha prateada, como uma caixa de surpresa assassina, de onde saía um boneco grotesco sorridente com um cutelo de açougueiro na mão, e olhos desvairados. Ficaria paralisada de pavor, ou haveria nela uma leoa capaz de lutar pelo filho até a morte? Não sabia. O pensamento a enjoava... fazia-lhe sentir que sua vida inteira tinha sido um sonho longo e tranqüilo que acabara em um verdadeiro pesadelo. Estava calma. Quando os problemas apareciam, dormia. Seu passado não era digno de nota. Nunca fora exposta a uma prova de fogo. Agora, esta encontrava-se diante dela, não de fogo, mas de gelo, e não lhe seria permitido dormir numa situação dessas. O filho estava a sua espera lá em cima.

Apertando o cabo da faca com mais força, espreitou por cima do balcão.

Nada ali.

Deu um longo suspiro de alívio.

Levantou a tampa do balcão e prosseguiu, parando para dar uma olhada no escritório, antes de cair em si. Tateou, na porta seguinte, à procura dos interruptores das lâmpadas da cozinha, esperando friamente que uma mão pousasse sobre a sua a qualquer momento. Em seguida, as lâmpadas fluorescentes acenderam, e ela pôde ver a cozinha do Sr. Hallorann - agora sua cozinha - com azulejos verdes, fórmica brilhante, porcelana limpíssima, ferragens cintilantes. Prometera que manteria a cozinha limpa, e cumprira. Sentia que era um dos lugares seguros para Danny. A presença de Dick Hallorann parecia envolvê-la e consolá-la. Danny chamara pelo Sr. Hallorann, e lá em cima, sentada ao lado do filho amedrontado, enquanto o marido gritava e se enfurecia embaixo, aquilo parecia ser a mais remota esperança. Mas aqui, no lugar do Sr. Hallorann, parecia quase possível. Talvez estivesse a caminho agora, querendo chegar até eles independente da tempestade. Talvez fosse assim.

Foi à despensa, abriu a porta e entrou. Apanhou uma lata de sopa de tomate, fechou a porta da despensa novamente, a trancou. A porta era bem rente ao chão. Se fosse mantida trancada, não era preciso preocupar-se com detritos de rato ou camundongo no arroz, na farinha ou no açúcar.

Abriu a lata e colocou o conteúdo numa panela - plop. Foi à geladeira, apanhou leite e ovos para a omelete. Em seguida, foi ao frigorífico gigante apanhar queijo. Todas essas

ações, tão comuns e tão parte de sua vida antes do Overlook, ajudavam-na a se acalmar.

Derreteu a manteiga na frigideira, dissolveu a sopa no leite, e então acrescentou os ovos batidos na panela.

Uma repentina sensação de que havia alguém atrás dela tomou conta de sua garganta.

Voltou-se para trás, segurando a faca. Ninguém.

(!Contenha-se, moça!)

Cortou um pedaço de queijo, acrescentou-o à omelete, agitou a frigideira, e baixou o fogo. A sopa estava quente. Colocou a panela numa bandeja grande, com os talheres, dois pratos fundos, dois rasos, o sal e a pimenta. Quando a omelete ficou pronta escorregou-a para um dos pratos, e a cobriu.

(Agora de volta por onde veio. Apague as luzes da cozinha. Passe pelo escritório. Pelo portão da recepção, apanhe 200 dólares.)

Parou no saguão junto ao balcão de recepção e descansou a bandeja ao lado da campainha prateada. A irrealidade só poderia chegar até aqui; tudo isso era como um jogo surrealista de esconde-esconde.

Parou no saguão escuro, franzindo a testa com o pensamento.

(Não fuja dos fatos desta vez, moça. Há certas verdades, tão loucas quanto a situação possa parecer. Uma delas é que você pode ser a única pessoa responsável que restou nesta pilha grotesca. Você tem um filho com quase seis anos para cuidar. E seu marido, não importa o que tenha acontecido, nem o quão perigoso ele possa ser... talvez seja parte de sua responsabilidade também. E mesmo que não seja, considere isto: hoje é dia 2 de dezembro. Pode ser que fique presa aqui por mais quatro meses, se um guarda-florestal não aparecer. Mesmo que comecem a imaginar por que não os têm ouvido no radio-transmissor, ninguém virá hoje... ou amanhã... talvez nem durante semanas. Vai passar um mês se escondendo para apanhar comida com uma faca no bolso e se assustando a cada sombra? Acha realmente que pode evitar Jack durante um mês? Acha que pode proibir a entrada de Jack em seu quarto? Ele tem a chave mestra e um chute mais forte pode arrebentar o trinco.)

Deixando a bandeja no balcão, caminhou devagar para o restaurante e observou. Estava deserto. Havia uma mesa com as cadeiras em volta, a mesa em que tentaram comer até que o vazio do restaurante começou a fazê-los sentirem-se esdrúxulos.

- Jack? - chamou ela, hesitante.

Naquele momento o vento soprou forte, fazendo a neve bater nas venezianas, mas lhe parecia que havia alguma coisa. Um gemido abafado.

- Jack?

Nenhuma resposta desta vez, mas seus olhos bateram em algo debaixo da porta de vaivém do Salão Colorado, algo que cintilava longe, na luz suave. O isqueiro de Jack.

Criando coragem, foi até a porta de vaivém e a abriu. O cheiro de gim era tão forte que precisou prender a respiração. Se é que se podia chamar aquilo de cheiro; era positivamente uma catinga. Mas as prateleiras estavam vazias. Onde, em nome de Deus, ele encontrara bebida? Uma garrafa escondida atrás de um dos armários? Onde?

Houve outro gemido baixo, ligeiramente embriagado, que se ouvia perfeitamente. Wendy caminhou devagar para o bar.

- Jack?

Nenhuma resposta.

Olhou para o bar, e lá estava ele, estendido no chão em estado de letargia. Pelo cheiro, estava bêbado como um gambá. Deve ter tentado pular por cima do bar e perdeu o equilíbrio. Um milagre não ter quebrado o pescoço. Um velho provérbio ocorreu-lhe: "À criança e ao borracho, Deus põe a mão embaixo." Amém.

Ainda assim, não sentia raiva dele; olhando-o pensou que parecia um menininho terrivelmente cansado, que depois de muita atividade adormecera no meio da sala. Deixara de beber, e não foi Jack que tomara a decisão de recomeçar não; havia bebida para ele começar com... então de onde viera?

Em cada dois metros do bar em forma de ferradura havia garrafas de vinho cobertas de palha, com os gargalos tampados com velas. Deveriam dar a aparência de boêmia, achava ela. Sacudiu uma, esperando ouvir o barulho de líquido

(vinho novo em garrafas velhas)

Mas não havia nada. Colocou-a de volta no lugar.

Jack se mexia. Ela rodeou o bar, encontrou a portinhola e foi até onde Jack estava deitado, parando apenas para olhar as torneiras cintilantes. Estavam secas, mas ao passar por elas sentiu o cheiro de cerveja fresca.

Ao se aproximar de Jack, ele se virou, abriu os olhos, e olhou para ela. Por um momento seu olhar foi sem expressão, e aos poucos clareou.

- Wendy? - perguntou. - É você?

- Sim - disse ela. - Acha que agüenta subir? Se se apoiar em mim? Jack, onde foi que

você...

Suas mãos apertaram brutalmente os tornozelos da mulher.

- Jack! O que você está...

- Peguei-a - falou, e começou a sorrir maliciosamente. Havia um cheiro azedo de gim e azeitonas em volta dele, que parecia acelerar um velhor terror, um terror pior do que qualquer hotel por si só poderia causar. Uma parte distante dela pensou que o pior era que tudo se tivesse reduzido a isto, ela e o marido bêbado.

- Jack, quero ajudar.

- Oh, sim. Você e Danny querem apenas ajudar. - A força no tornozelo aumentava agora. Ainda segurando, Jack se pôs de joelhos, tremendo. - Vocês nos queriam ajudar, bem longe daqui. Mas agora... eu... a peguei!

- Jack, você está machucando . meu tornozelo.

- Vou machucar muito mais que o tornozelo, . sua sem-vergonha.

A expressão atordoou-a de tal forma, que não fez o menor esforço para fugir, quando ele soltou o tornozelo, e cambaleou para se pôr de pé.

- Você nunca me amou - disse ele. - Queria que fôssemos embora porque sabia qual seria meu fim. Já parou para pensar nas minhas re... res... responsabilidades? Não, aposto que não. Tudo em que você pensa são formas de acabar comigo. É exatamente como minha mãe, sua puta!

- Pare com isto - disse ela, chorando. - Você não sabe o que está dizendo. Está bêbado. Não sei como, mas está bêbado.

- Oh, eu sei. Estou sabendo. Você e ele. Aquele fedelho lá em cima. Vocês dois, confabulando. Não é isso?

- Não, não! Nunca confabulamos nada! O que você...

- Mentirosa! - gritou. - Sei como fazem! Acho que sei! Quando eu digo, "Nós vamos ficar aqui e eu vou fazer meu trabalho", você diz, "Sim, querido", e ele diz, "Sim, Papai", e então fazem as confabulações. Planejaram usar o snowmobile. Vocês planejaram isso. Mas eu sabia. Deduzi. Achou que eu não fosse deduzir? Peruou que eu fosse um idiota?

Ela o olhava fixamente, sem poder falar. Ele iria matá-la, e depois mataria Danny. Então talvez o hotel ficasse satisfeito e deixaria que ele se matasse. Exatamente como o antigo zelador. Exatamente como

(Grady.)

Quase desmaiando de pavor, concluiu finalmente com quem Jack estivera conversando no salão de baile.

- Você instigou meu filho contra mim. Isso foi o pior. - Seu rosto cedeu à auto-piedade. - Meu filhinho. Agora ele me detesta também. Você cuidou para que isso acontecesse. Sempre foi seu plano, não foi? Sempre teve ciúme, não teve? Exatamente como sua mãe. Não ficaria satisfeita enquanto não comesse o bolo inteiro, não é? Não é?

Ela não conseguia falar.

- Bem, vou dar um jeito em você - disse ele, e tentou pôr as mãos em volta do pescoço da mulher.

Wendy deu um passo atrás, em seguida outro, e ele cambaleou por cima dela. Wendy lembrou-se da faca no bolso do roupão, e tateou procurando, mas agora o braço esquerdo do marido passou em volta dela, prendendo-lhe o braço esquerdo. Ela sentiu o cheiro forte de gim e o azedo do suor.

- Tem que ser castigada - resmungou ele. - Punida. Punida... severamente.

A mão direita encontrou a garganta de Wendy.

Ao sentir-se asfixiada, o pânico tomou conta dela. A mão esquerda de Jack juntou-se à direita, e agora suas mãos estavam livres para poderem agarrar a faca, mas esqueceu disso. Ergueu as duas mãos e começou a empurrar inutilmente as mãos maiores e mais fortes do marido.

- Mamãe! - gritou Danny de algum lugar. - Papai, pare! Você está machucando Mamãe! - gritou ele em voz alta e aguda, e Wendy ouviu o som cristalizado ao longe.

Raios vermelhos de luz saltavam diante de seus olhos como bailarinos. O lugar escureceu. Viu o filho trepando no bar e se atirando sobre os ombros de Jack. De repente, uma das mãos que lhe apertavam a garganta afastou-se para empurrar Danny rispidamente. O menino caiu sobre as prateleiras vazias, e, tonto, foi ao chão. A mão estava na garganta novamente. Os raios vermelhos começaram a se tornar pretos.

Danny chorava baixinho. O peito de Wendy ardia. Jack gritava em seu rosto:

- Vou dar um jeito em você! Sua miserável, vou mostrar quem é que manda aqui! Vou mostrar-lhe...

Mas todos os sons se apagavam em um longo corredor escuro. Começou a perder as forças. Uma das mãos soltou a mão de Jack, lentamente, até que o braço estivesse

esticado, formando um ângulo reto com o corpo, a mão balançando como a de uma mulher afogada.

A mão esbarrou numa garrafa - uma das garrafas de vinho enroladas em palha que serviam de castiçais decorativos.

Sem ver, usando de suas , últimas forças, tateou à procura da garrafa e a encontrou, sentindo a gordura de parafina nas mãos.

(e Deus se escorregar)

Levantou-a e em seguida baixou-a, rezando para acertar, sabendo que se atingisse apenas o ombro ou o braço dele, ela estaria liquidada,,.

Mas a garrafa acertou em cheio a cabeça de Jack, e o vidro despedaçou por dentro da palha. A base era grossa e pesada, e fez um ruído ao atingir o crânio do marido como se fosse uma bola de boliche que cai sobre o chão de madeira. Jack balançou, virando os olhos nas órbitas. A pressão na garganta diminuiu, e desapareceu por completo. Ele tirou as mãos de cima dela, como se para se equilibrar, e em seguida caiu de costas.

Wendy respirou fundo. Ela mesma quase caiu, segurou-se no bar, tentando equilibrar-se. Ainda não estava totalmente consciente. Ouvia Danny chorando, mas não tinha idéia de onde ele estava. Parecia um choro dentro de uma câmara de eco. Viu, vagamente, gotas de sangue pingando sobre a superfície escura do bar... do nariz, pensou. Limpou a garganta e cuspiu no chão. Sentiu uma agonia na garganta, que aos poucos se transformava em dor... suportável.

Aos poucos, foi recuperando os sentidos.

Soltou-se do bar, voltou-se e viu Jack deitado, a garrafa quebrada ao lado. Parecia um gigante derrubado. Danny estava agachado debaixo do balcão da caixa registradora do bar, as mãos na boca, olhos fixos no pai inconsciente.

Wendy foi até ele sem firmeza, e lhe tocou os ombros. Danny afastou-se.

- Danny, ouça...

- Não, não - resmungou ele, com a voz forte de homem feito. - Papai machucou você... você machucou Papai... Papai machucou você... Quero ir dormir. Danny quer dormir.

- Danny...

- Dormir, dormir. Boa-noite.

- Não!

A garganta doía novamente. Tremeu. Mas Danny abriu os olhos. Olhavam-na atentamente de dentro das órbitas cercadas de olheiras.

Wendy controlou-se para falar com calma, olhando-o nos olhos. Sua voz era baixa e rouca, quase um sussurro. Era difícil falar. Doía.

- Ouça, Danny. Não foi seu pai que tentou machucar-me. E eu não quis machucá-lo. O hotel apossou-se dele, Danny. O Overlook apossou-se de seu pai. Você me entende?

Uma espécie de compreensão brotou aos poucos nos olhos de Danny.

- A Coisa Feia - murmurou o garoto. - Não havia nada por aqui antes, havia?

- Não. O hotel colocou aqui. O... - parou com uma crise de tosse e cuspiu mais sangue. Já sentia a garganta inchada, muita inchada. - O hotel fez com que ele bebesse. Você ouviu aquelas pessoas com quem ele conversava hoje de manhã?

- Ouvi... as pessoas do hotel...

- Eu também ouvi. E isso significa que o hotel está ficando mais forte. Quer machucar todos nós. Mas eu acho... espero... que o faça somente através de seu pai. Ele era o único que o hotel poderia apanhar. Está-me entendendo, Danny? É muito importante que você entenda.

- O hotel apanhou Papai. - O garoto olhava para Jack e gemia.

- Sei que ama seu pai. Eu também amo. Temos que nos lembrar de que o hotel está tentando machucá-lo tanto quanto a nós. - E ela estava convencida de que era verdade. Mas, por que achava que Danny era a pessoa que o hotel realmente queria, a razão por estar indo tão longe... talvez a razão é que podia ir tão longe. Poderia ser até que de alguma forma a luz interior de Danny transmitisse força ao hotel, do mesmo modo que uma bateria gera força à parte elétrica de um carro... do mesmo modo que uma bateria aciona um carro. Se saíssem daqui, o Overlook poderia apaziguar seu velho estado sensitivo, podendo mostrar tão-somente pequenos slides de terror aos hóspedes psiquicamente mais atentos que chegassem. Sem Danny, o hotel não seria mais do que uma casa mal-assombrada de um parque de diversões, onde um ou dois hóspedes ouviriam ruídos ou sons fantasmagóricos de um baile de máscaras, ou ocasionalmente veriam alguma coisa estranha. Mas se o hotel absorvesse Danny... ou sua luz interior, ou força vital, ou espírito... como queiram... como seria?

O pensamento deixou-a fria.

- Eu queria que Papai estivesse bom - disse Danny, e as lagrimas voltaram a rolar.

- Eu também - disse ela, e abraçou Danny apertado. - E meu bem, é por isso que você precisa ajudar-me a pôr seu pai em algum lugar. Um lugar onde o hotel não possa fazê-

lo machucar a gente, e onde ele não possa machucar-se. Então... se seu amigo Dick vier, ou um guarda-florestal, poderemos levá-lo daqui. E eu acho que ele vai ficar bom novamente. Acho que ainda há uma possibilidade, se formos fortes e corajosos, como você foi quando pulou nas costas dele. Você entende? - Olhou-o suplicante, e pensou em como isso tudo era estranho; nunca o tinha visto tão parecido com Jack.

- Sim - falou Danny, balançando a cabeça. - Acho... que se a gente puder ir embora daqui... tudo vai ser como era antes. Onde a gente pode colocar Papai?

- Na despensa. Há lá comida e um ferrolho forte na porta. É quentinho. E nós podemos usar a comida que está no congelador e na geladeira. Haverá comida bastante para nós, até chegar alguém para nos ajudar.

- A gente vai lazer isso agora?

- Sim, agora mesmo. Antes que ele acorde.

Danny levantava o balcão do bar, enquanto ela dobrava as mãos de Jack sobre o peito, e ouvia sua respiração. Era lenta, mas regular. Peto cheiro, pensou ela, devia ter bebido muito... e perdera o hábito. Achou que a bebida e a pancada na cabeça ajudaram a derrubá-lo.

Pegou as pernas de Jack e começou a arrastá-lo pelo chão. Estava casada há quase sete anus, ele deitara por cima dela inúmeras vezes... centenas... mas nunca imaginara que fosse tão pesado. Wendy assobiava ao respirar, e sentia dor na garganta ferida. No entanto, sentia-se bem, como há dias não se sentia. Estava viva. Tendo chegado tão próximo da morte, isso era precioso. E Jack também estava vivo. Por mera sorte, encontraram talvez o único modo de se salvarem.

Ofegante, parou por um momento, segurando os pés de Jack junto aos quadris. O cenário recordava-lhe do grito do velho pirata, na Ilha do Tesouro, depois que o Capitão Gancho entregou-lhe o papel com a Mancha Negra: Ainda vamos acabar com eles!

E em seguida lembrou-se, inquieta, de que o velho marujo morrera segundos depois.

- Você está bem, Mamãe? Ele é... ele é muito pesado?

- Dou conta. - Voltou a arrastá-lo. Danny estava ao lado de Jack. Uma das mãos caíra de cima do peito, e Danny com muito carinho colocou-a de volta.

- Tem certeza, Mamãe?

- Sim. l; o melhor, Danny.

- É como botar Papai na cadeia.

- Só por pouco tempo.

- Então está bem. Tem certeza de que agüenta?

- Tenho.

Mas quase não conseguiu. Danny estava segurando a cabeça do pai, quando passaram pela soleira da porta, mas suas mãos escorregaram no cabelo oleoso de Jack quando entraram na cozinha. A cabeça bateu no ladrilho, e Jack começou a resmungar e a se agitar.

- Tem que usar fumaça - murmurou Jack, rapidamente. Agora corra e vá buscar a lata de gasolina.

Wendy e Danny entreolharam-se com medo.

- Ajude-me - disse ela, baixinho.

Por um momento, Danny parou como que paralisado pelo rosto do pai, e em seguida passou desajeitado para o lado dela para ajudá-la a segurar a perna esquerda. Arrastaram-no pela cozinha, numa espécie de câmara lenta de um pesadelo, o único ruído era o zumbido das lâmpadas fluorescentes e das respirações.

Quando chegaram à despensa, Wendy baixou os pés de Jack e voltou-se para procurar o ferrolho. Danny olhou para Jack, que se acalmara novamente. A camisa saíra para fora das calças, enquanto o arrastaram, e Danny imaginou se o pai, mesmo tão bêbado, sentiria frio. Parecia errado trancá-lo na despensa como um animal selvagem, mas vira o que ele tentou fazer com a mãe. Mesmo quando estava lá em cima, sabia que o pai iria fazer isso. Ouvira, em sua cabeça, os dois discutindo.

(Se pelo menos pudéssemos todos sair daqui. Ou se fosse um sonho que eu estivesse sonhando em Stovington. Se pelo menos.)

O ferrolho estava preso.

Wendy puxava com toda a força, mas o ferrolho não saía do lugar. Não conseguia deslizar o miserável ferrolho. Isso não fazia sentido... ela o abrira sem problema, quando veio apanhar a lata de sopa. Agora não saía do lugar, e o que faria? Não podiam colocá-lo na geladeira; morreria de frio. Mas se o deixassem do lado de fora e ele acordasse...

Jack mexeu-se de novo no chão.

- Cuido disso - resmungou. - Compreendo.

- Ele está acordando, Mamãe! - avisou Danny.

Soluçando, ela empurrou o ferrolho com as duas mãos.

- Danny? - Havia um tom ameaçador, se bem que vago, na voz de Jack. - É você, doutor?

- Durma, Papai - disse Danny, nervoso. - Já é hora de dormir, você sabe.

Olhou para a mãe, ainda fazendo força com o ferrolho, e notou imediatamente o que estava errado. Ela esquecera de girar o ferrolho antes de arrastá-lo. A pequena lingüeta estava presa na tranca.

- Aqui - disse ele, baixinho, afastando as mãos trêmulas da mãe; suas próprias mãos tremiam quase que com a mesma intensidade. Soltou a tranca e a lingüeta deslizou.

- Rápido - disse ele. Olhou para baixo. Jack abrira os olhos, e desta vez olhava diretamente para o filho, o olhar vago e indagador.

- Você colou - disse o pai. - Sei que colou. Mas está por aqui em algum lugar. E eu vou encontrar. Juro a você. Vou encontrar... - Suas palavras não faziam sentido mais uma vez.

Wendy abriu a porta da despensa com o joelho, sem sentir o cheiro forte de fruta seca que pairava no ar. Apanhou novamente os pés de Jack, e o arrastou para dentro. Ela respirava com muita dificuldade agora, com as forças esgotadas. Enquanto puxava a corrente para acender a luz, os olhos de Jack se abriram novamente.

- O que está fazendo? Wendy, o que está fazendo?

Ela parou a seu lado.

Ele foi rápido; impressionantemente rápido. Uma das mãos caiu, e ela teve que pisar de lado, quase caindo pela porta para evitar que ele a agarrasse. Ainda assim, ele conseguiu pegar um pedaço do roupão, e houve o ruído alto de pano se rasgando. Ele estava apoiado nos joelhos e mãos agora, o cabelo caído sobre os olhos, como um animal pesado. Um cachorro grande... ou um leão.

- A merda vocês dois. - Sei o que querem. Mas não vão conseguir. Este hotel... é meu. 19 a mim que eles querem. A mim! A mim!

- A porta, Danny! - gritou Wendy. - Feche a porta!

Ele bateu a porta pesada de madeira, exatamente quando Jack pulou. A porta trancou, e Jack esmurrou-a inutilmente.

As mãozinhas de Danny buscaram o ferrolho. Wendy estava muito longe para ajudar; a questão se ficaria preso ou solto seria decidida em dois segundos. Danny soltou o

ferrolho, encontrou-o novamente, e o fechou. Houve uma série de murros, quando Jack jogou o ombro contra a porta. O ferrolho de ferro, com um centímetro de diâmetro, não foi abalado. Wendy suspirou lentamente.

- Tirem-me daqui! - gritava Jack. - Deixem-me sair! Danny, ora essa, sou seu pai e quero sair! Faça o que estou mandando!

A mão de Danny moveu-se automaticamente em direção ao ferrolho. Wendy segurou-a, e a apertou contra o peito.

- Ouça o que seu pai está dizendo, Danny! Faça o que estou dizendo! Faça, ou vou dar-lhe uma surra que nunca mais vai esquecer. Abra esta porta ou eu esmago seus miolos!

Danny olhou para a mãe, pálido como uma janela de vidro.

Ouviam a respiração de Jack por detrás da pesada porta.

- Wendy, deixe-me sair! Deixe-me sair agora! Sua puta desclassificada! Deixe-me sair! Estou dizendo! Deixe-me sair e eu esqueço tudo! Se não me soltar, acabo com você! Estou dizendo! Acabo com você de tal forma que nem sua mãe vai reconhecer-lhe no meio da rua! Agora, abra esta porta!

Danny gemeu. Wendy observou-o, e viu que ele iria desmaiar a qualquer momento.

- Venha, doutor - disse ela, surpresa com a calma de sua própria voz. - Não é seu pai, lembre-se. É o hotel.

- Voltem aqui e me soltem AGORA! - gritou Jack. Houve arranhões quando Jack atacou a porta com a unhas.

- É o hotel - disse Danny. - E o hotel. Eu me lembro. - Mas olhou por cima dos ombros com o rosto perplexo e apavorado.

47

DANNY

Eram três horas da tarde de um dia muito longo.

Estavam sentados na cama grande, no quarto. Danny brincava com o Volkswagen violeta com o monstro que saía pela capota.

Ouviam as batidas de Jack na porta se espalhando por todo o saguão, as batidas e a voz rouca e aborrecida como a de um rei derrotado, vomitando promessas de castigo,

vomitando palavrões, prometendo aos dois que passariam o resto da vida arrependidos por o terem traído depois de toda uma vida de sacrifícios por eles.

Danny pensou que de cima não pudessem mais ouvir, mas os gritos de raiva passavam pelo pequeno elevador de comida que ligava o quarto e a cozinha. O rosto da mãe estava pálido, e havia terríveis hematomas em seu pescoço, onde o pai tentara...

Virava o carro, vezes seguidas, em suas mãos, o prêmio que o pai lhe dera por ter aprendido as leituras.

(... onde o pai tentara abraçá-la muito apertado.)

A mãe pôs uma música no pequeno toca-discos. Sorriu para ele, cansada. O garoto tentou retribuir u sorriso, mas não conseguiu. Mesmo com a música alta, achou que ainda ouvia o pai gritando e esmurrando a porta como um animal numa jaula do jardim zoológico. E se Papai quisesse ir ao banheiro? Como seria?

Danny começou a chorar.

Wendy baixou o volume do toca-discos de uma vez, segurou o filho e o balançou no colo.

- Danny, meu amor, tudo vai terminar bem. Vai sim. Se o Sr. Hallorann não ouvia sua mensagem, alguma outra pessoa ouvirá. Assim que a tempestade parar. Nevando como está, ninguém vai conseguir subir até aqui. O Sr. Hallorann ou qualquer outra pessoa. Mas quando a tempestade cessar, tudo vai ficar bem. Vamos embora. E sabe o que faremos na primavera? Nós três?

Danny sacudiu a cabeça encostada no peito da mãe. Não sabia. Parecia que nunca mais haveria primavera.

- Vamos pescar. Vamos alugar um barco e vamos pescar, como fizemos o ano passado em Chatterton Lake. Você, eu e Papai. E talvez você pegue uma perca para o jantar. Ou talvez a gente não apanhe nada, mas com certeza nos iremos divertir.

- Gosto muito de você, Mamãe - disse Danny, abraçando-a.

- Oh, Danny, eu também gosto muito de você.

Lá fora, o vento assobiava e uivava.

Por volta de 4:30, quando o dia começava a morrer, os gritos cessaram.

Os dois cochilaram, inquietos; Wendy, ainda segurando Danny nos braços, não acordou. Mas Danny acordou. Por algum motivo, o silêncio era pior, mas agourento do que os gritos e socos contra a forte porta da despensa. Estaria o pai dormindo ? Ou morto? Ou

o quê?

(Saiu?)

Quinze minutos depois, o silêncio foi quebrado por um ruído metálico. Houve um rangido forte e, em seguida, um zumbido mecânico. Wendy acordou com um grito.

O elevador funcionava novamente.

Ouviram-no, olhos arregalados, abraçados um ao outro. Passava por cada andar, a grade chocalhando, a porta de aço se abrindo. Havia risos, gritos bêbados, berros esporádicos, e interrupções.

O Overlook renascia em volta deles.

48

JACK

Ele sentou no chão da despensa com as pernas para frente, um pacote de biscoito entre elas, olhando para a porta. Comia os biscoitos um por um, sem sentir o sabor, comendo só por comer. Quando saísse daqui, iria precisar de muita força. Toda a força.

Neste exato momento, pensou que nunca se sentira tão miserável cm toda a sua vida. A mente e o corpo doíam terrivelmente. A cabeça doía, latejando como se estivesse de ressaca. Os outros sintomas estavam ali também: sentia como se alguém tivesse depositado um ancinho de adubo em sua boca, os ouvidos zumbiam, os ombros doíam por ter-se jogado contra a porta, e a garganta estava sensível por causa dos gritos inúteis. Cortara a mão direita no trinco.

E quando saísse daqui, iria dar um jeito em alguém.

Mastigava ruidosamente os biscoitos, um por um, recusando-se a se render a seu pobre estômago, que queria vomitar tudo. Pensou nos Excedrins no bolso, e resolveu esperar até que o estômago se acalmasse um pouco. Não fazia sentido engolir um analgésico, se logo depois iria vomitá-lo. É preciso usar a cabeça. A admirável cabeça de Jack Torrance. Não é você o cara que ia viver de sua capacidade mental? Jack Torrance, o autor bestseller. Jack Torrance, aclamado escritor de peças de teatro e ganhador do Prêmio do Círculo de Críticos de Nova York. John Torrance, homem de letras, pensador respeitado, ganhador do Prêmio Pulitzer aos 70, por seu fabuloso livro de memórias, Minha Vida no Século Vinte. A lição dessa merda toda era aprender a ser esperto.

Ser esperto é saber sempre onde estão as vespas.

Pôs um outro biscoito na boca, e mastigou.

A coisa recaía, supunha ele, na falta de confiança nele. O fato de não acreditarem que sabia o que era melhor para eles, e como alcançar o melhor. A mulher tentara usurpá-lo, primeiramente por meios justos

(ou quase)

depois injustos. Quando viu suas alegações e reclamações sendo contestadas por seus argumentos sensatos, ela voltou o menino contra ele, tentando matá-lo com uma garrafa, e, em seguida, trancando-o na merda da despensa, em meio a tantos outros lugares.

Ainda assim, uma pequena voz interior o importunava.

(Sim, mas de onde veio a bebida? Esse não é na verdade o busílis da questão? Você sabe o que acontece guando bebe, você sabe por experiências amargas. Quando bebe, perde a razão.)

Atirou o pacote de biscoito para o outro lado do pequeno cômodo. Ele bateu numa prateleira de enlatados e caiu no chão. Olhou para o pacote, esfregou os lábios com a mão e, em seguida, olhou para o relógio. Eram quase 6:30. Fazia horas que estava aqui. A mulher o trancara aqui, e aqui ficaria por uma porrada de tempo.

Começava a sentir pena do pai.

O que nunca se perguntou, Jack imaginava agora, era exatamente o que levara o pai a começar a beber. E realmente... quando se chegava à conclusão daquilo que seus alunos chamavam satisfeitos de causa... não seria por um acaso a mulher com quem se casara? Uma mulher covarde, sempre se arrastando em silêncio pela casa, com uma expressão de mártir no rosto? Uma bola e uma corrente no tornozelo de Papai? Não, não era bola, nem corrente. Na realidade nunca tentara fazer de Papai um prisioneiro, como Wendy fizera com ele. Para o pai de Jack deve ter sido como o destino de McTeague, o dentista, no fim do grande romance de Frank Norris: algemado a um homem morto no deserto. Sim, como figura era melhor. Mental e espiritualmente morta, a mãe tinha estado algemada ao pai pelo matrimônio. Ainda assim, o pai tentara agir com severidade, enquanto arrastava pela vida o cadáver morto. Tentou educar os quatro filhos ensinando-os a distinguir o certo do errado, a entender os princípios de disciplina e, acima de tudo, a respeitar o pai.

Bem, eram uns ingratos, todos, inclusive ele mesmo. E agora pagava o preço; seu próprio filho tornara-se também um ingrato.

Mas havia esperança. De alguma forma sairia daqui. Puniria os dois, severamente. Daria um exemplo a Danny, de tal forma que, quando estivesse crescido, saberia fazer melhor o que ele próprio havia feito.

Lembrava-se do jantar de domingo, quando, à mesa, o pai agredira a mãe com a bengala... como ele e os irmãos se horrorizaram. Agora podia ver como aquilo tinha sido necessário, como seu pai apenas dissimulava sua embriaguez, como sua lucidez estivera sempre aguçada e viva por trás, todo o tempo, atento ao menor sinal de desrespeito.

Jack engatinhou atrás dos biscoitos e voltou a comê-los, sentado junto à porta que ela trancara tão traiçoeiramente. Imaginou exatamente o que o pai vira, e como descobrira o fingimento dela. Estaria ela zombando dele pelas costas? Pondo a língua para fora? Fazendo gestos obscenos com o dedo? Ou simplesmente olhando-o insolente e arrogantemente, convencida de que ele estava muito bêbado para ver? Fosse o que fosse, apanhara-a, e a punira severamente. E agora, 20 anos depois, podia finalmente contemplar a sabedoria do pai.

Claro que você irá dizer que o pai tinha sido um bobo por ter-se casado com uma mulher assim, por ter-se deixado algemar a um cadáver em primeiro lugar... e um cadáver desrespeitoso. Mas quando os jovens se casam precipitadamente, só lhes resta o arrependimento, e talvez o pai de Papai se tivesse casado com o mesmo tipo de mulher, com quem o filho e o neto inconscientemente se casaram. Mas sua mulher, ao invés de se sentir satisfeita com o fato de já ter arruinado uma carreira e mutilado outra, optara pela tarefa ativa e venenosa de tentar destruir sua última e melhor oportunidade: tornar-se um membro do staff do Overlook, e possivelmente subir... até a posição de gerente. Negava-lhe Danny, e Danny era seu passe de admissão. Isso era tolice, naturalmente - por que iriam querer o filho, quando podiam ter o pai? - mas patrões sempre têm idéias tolas, e essa era a condição.

Não poderia argumentar com ela, percebia agora. Tentara isso no Salão Colorado, e ela se recusara a ouvir, agredira-o na cabeça com uma garrafa como recompensa por seu esforço. Ela não perderia por esperar. Ele sairia daqui.

De repente, prendeu a respiração e levantou a cabeça. Um piano tocava boogie-woogie em algum lugar, e as pessoas riam e batiam palmas. O som era amortecido pela porta de madeira, mas mesmo assim podia ouvir. A música era There'll Be a Hot Time in the Old Town Tonight.

Cerrou os punhos; tinha que se conter para não arrebentar a porta. A festa recomeçara. A bebida rolaria de graça. Em algum lugar, dançando com outra pessoa, estaria a moça que sentira tão loucamente nua sob o vestido branco de cetim.

- Pagarão por isso! - berrou. - À merca vocês dois, pagarão! Tomarão seu maldito remédio por isto, juro! Vocês ...

- Aqui, aqui, agora - uma voz meiga falou por detrás da porta. Não precisa gritar, amigo. Estou ouvindo bem.

Jack pôs-se de pé.

- Grady? É você?

- Sim, senhor. Sou eu mesmo. Parece que o senhor está trancado.

- Deixe-me sair, Grady. Depressa.

- Vejo que não conseguiu dar conta do assunto que discutimos, senhor. O castigo para sua mulher e seu filho.

- Foram eles que me trancaram aqui. Puxe o ferrolho, pelo amor de Deus!

- Deixou que eles o trancassem aqui? - A voz de Grady denotava surpresa. - Oh, meu caro. Uma mulher com metade do seu tamanho e um menininho? Isso dificilmente faz do senhor um bom candidato para esta alta posição.

O sangue começou a ferver nas veias de Jack.

- Deixe-me sair, Grady. Cuidarei deles.

- Cuidará mesmo, senhor? Imagino. - A surpresa transformou-se em pesar. - Lamento dizer que duvido muito. Eu... e os demais... realmente chegamos à conclusão de que seu coração não está nisto, senhor. Que o senhor não tem... estômago para isto.

- Eu tenho - gritou Jack. - luro.

- Traria seu filho para nós?

- Sim! Sim!

- Sua mulher objetaria a isso veementemente, Sr. Torrance. E ela aparenta ser... de alguma forma mais forte do que imaginávamos. De alguma forma, nais desembaraçada. Com toda a certeza, parece ter levado a melhor sobre o senhor.

Grady riu à socapa.

- Talvez, Sr. Torrance, devêssemos ter tratado tudo com ela.

- Eu o trarei, juro - disse Jack. O rosto estava bem junto à porta agora. Suava. - Ela não objetará. Juro que não. Não poderá.

- Temo que seja preciso matá-la - disse Grady, friamente.

- Farei o que for preciso. Simplesmente deixe-me sair.

- Dá a sua palavra, senhor? - insistiu Grady.

- Minha palavra, meu compromisso, minha promessa solene, o que diabo quiser. Se você...

Houve um estalo surdo do ferrolho sendo puxado. A porta abriu-se meio centímetro. A respiração e as palavras de Jack cessaram. Por um momento, sentiu que a morte estava ali fora daquela porta.

A sensação passou.

- Obrigado, Grady - murmurou. - Juro que não vai arrepender-se. Juro que não.

Não houve resposta. Percebeu que todos os ruídos haviam cessado, a não ser o vento que uivava lá fora.

Abriu a porta da despensa; as dobradiças rangeram um pouco. A cozinha estava vazia. Grady desaparecera. Tudo estava parado e congelado sob o brilho das lâmpadas fluorescentes. Seus olhos bateram no balcão de cortar carne, onde os três tomavam as refeições.

Ali em cima, havia um copo de martíni, uma dose de gim, e um prato plástico de azeitonas.

Encostado ali, um dos tacos de roque do depósito.

Olhou-o por muito tempo.

Então uma voz, mais grossa e muito mais poderosa de que a de Grady, falou de algum lugar, de todo lugar... de dentro dele.

(Cumpra com a promessa, Sr. Torrance.)

- Cumprirei - disse. Sentiu a bajulação e a subserviência na própria voz, mas não conseguia controlá-la. - Cumprirei.

Caminhou até o balcão e segurou o cabo do taco.

Levantou-o.

Sacudiu-o.

O taco assobiou maliciosamente no ar.

Jack Torrance começou a sorrir.

49

HALLORANN SOBE A MONTANHA

Faltavam 15 para as duas da tarde, e de acordo com o adômetro do Buick da Hertz estava a menos de cinco quilômetros de Estes Park, quando finalmente saiu da estrada.

Nas colinas a neve caía mais rápido e com uma fúria que Hallorann nunca vira (o que não era, talvez, de se estranhar, pois ele sempre fizera tudo para ver o menos possível de neve em sua vida), e o vento soprava forte - ora do oeste, ora do norte, trazendo nuvens de neve a seu campo visual, fazendo-o ver, em cada curva mal feita, que poderia ser arrastado a 60 metros abaixo da estrada, o Electra rolando pela ribanceira. Para piorar ainda mais a situação, havia o fato de ser um inexperiente motorista de inverno. Apavorava-o ter a faixa amarela enterrada sob a neve, e o apavorava quando as rajadas de vento vinham livres pelos desfiladeiros, e faziam o pesado Buick derrapar. Apavorava-o ver que as placas da estrada estavam quase mascaradas de neve, e que era preciso adivinhar se a estrada dobraria para a esquerda ou para a direita naquela tela branca por onde passava. Sentia medo. Suava frio desde o início da subida de Boulder e Lyons, manobrando o acelerador e o freio, como se fossem porcelana chinesa. Entre músicas de rock and roll no rádio, o locutor constantemente implorava que os motoristas se mantivessem afastados das estradas principais, e em hipótese alguma subissem as serras, pois muitas estradas estavam intransponíveis e todas eram perigosas. Grande número de pequenos acidentes foram noticiados, e dois graves: um grupo de esquiadores num microônibus e a família que seguia para Albuquerque pelas montanhas de Sangue de Cristo. O resultado dos dois acidentes foram quatro mortos e cinco feridos. "Portanto, fiquem longe das estradas e ouçam a boa música da sua KTLK", concluiu alegre o locutor, aumentando então a tristeza de Hallorann quando tocou Seasons in the Sun. "Tivemos alegria, nos divertimos, tivemos..." Terry Jacks zombava feliz, e Hallorann desligou o rádio com raiva, sabendo que o ligaria novamente em cinco minutos. Não importava que fosse ruim, de qualquer forma era melhor do que dirigir sozinho por este manicômio branco.

(Admita. Este neguinho é covarde... e Pião é pouco!)

Não era engraçado. Teria voltado antes de chegar a Boulder, se não fosse pela convicção de que o menino estava com um terrível problema. Mesmo agora, uma vozinha no fundo do crânio - vinda da razão, mais do que da covardia - dizia-lhe que pernoitasse no motel de Estes Park, e esperasse as máquinas de limpeza para, pelo menos, poder ver as faixas novamente. Aquela voz lembrava-o da aterragem do jato em Stapleton, da sensação de afogamento, quando imaginou que o avião pudesse descer em pane, despejando os passageiros nos portões do inferno, e não no Portão 39, Pátio B. Mas a razão não se sobreporia à compulsão. Tinha que ser hoje. A tempestade era falta de sorte sua. Teria que agüentá-la. Temia que, se não agüentasse, teria algo bem pior contra o que lutar em seus sonhos.

O vento soprava novamente, desta vez vindo de nordeste, e mais uma vez não podia distinguir as colinas das barreiras de cada lado da estrada. Dirigia através do nada.

E então as lâmpadas altas de sódio da máquina de limpar neve apareceram em meio à garoa, de repente, e, para seu pavor, notou que ao invés de estar ao lado, a frente do Buick estava voltada diretamente para aquelas lâmpadas. A máquina não se estava importando muito em se manter em sua faixa, e Hallorann deixou o Buick deslizar.

O ronco do motor diesel da máquina penetrava pelo assobio do vento, e houve então o barulho forte, longo, quase ensurdecedor, da buzina.

Os testículos de Hallorann tornaram-se dois pequenos sacos amassados cheios de gelo raspado. Suas entranhas pareciam ter-se transformado em massa de modelar.

A cor se materializava fora do branco, a neve ficou alaranjada. Via a cabine alta, a figura do motorista gesticulando por irás do limpador de pára-brisa. Via as lâminas limpadoras formando uma asa em V cuspindo mais neve para a barreira à esquerda da estrada como um tubo de descarga branco e esfumaçado.

BOOOOOOO!, gritou a buzina, indignada.

Apertou o acelerador como se fosse o peito da mulher amada, e o Buick fugiu para a direita. Não havia barreira aqui. A máquina limpava a neve atirando-a pela ribanceira.

(A ribanceira, ah sim, a ribanceira...)

As lâminas à esquerda de Hallorann, a mais de um metro acima do teto do Electra. Hallorann achou, a princípio, que o acidente fosse inevitável. Uma oração, que foi quase uma apologia inarticulada ao menino, passou rapidamente por sua cabeça como um pano rasgado.

A máquina passou, as lâmpadas azuis cintilavam no espelho retrovisor de Hallorann.

Jogou o volante do Buick de volta para a esquerda, mas nada aconteceu. Deslizou, e o Buick escorregou em direção à ribanceira, espirrando neve pelos pára-lamas.

Girou o volante na direção do deslizamento, e dianteira e traseira do carro inverteram posições. Apavorado, agora, apertou o freio com força e sentiu então uma batida forte. Diante dele, a estrada desaparecera... olhava para um abismo de neve, e pinheiros verde acinzentados lá embaixo bem longe.

(Vou minha Nossa Senhora vou despencar)

E foi então que o carro parou, inclinando num ângulo de 30 graus, o pára-choque esquerdo amassado na cerca de segurança, as rodas de trás quase para fora da estrada. Hallorann tentou a ré, as rodas giravam sem sair do lugar. O coração batia forte.

Desceu - com muito cuidado desceu - e deu a volta até a traseira do Buick.

Estava ali parado, olhando as rodas traseiras, quando uma voz alegre disse por trás dele:

- Oi, cara. Você deve ter ficado maluco.

Voltou-se e viu a máquina a 40 metros abaixo na estrada, escondida na neve que soprava, deixando aparecer somente a linha escura do tubo de descarga, e as luzes azuis no topo. O motorista estava bem atrás dele, vestido com um casacão comprido de pele de carneiro e uma capa impermeável por cima. Um capacete azul de engenheiro enfiado na cabeça, e Hallorann quase não acreditava que o capacete pudesse estar firme com todo este vento.

(Visão. Só pode ser visão, creu Deus.)

- Oi - respondeu. - Pode ajudar-me a empurrar?

- Acho que sim - falou o motorista da máquina de limpar neve. - Que diabo o senhor está fazendo aqui por cima? Boa forma de se arrebentar todo.

- Negócio urgente.

- Nada é tão urgente - disse o motorista devagar e gentil, como se estivesse falando com um retardado mental. - Se se tivesse jogado por cima daquele poste, com um pouco mais de força, só lhe iriam encontrar no dia 1° de abril. Não é daqui, é?

- Não. E não estaria aqui, se o negócio não fosse tão urgente como eu disse.

- E assim? - O motorista mudou de posição, como se estivessem batendo um papo no quintal de casa, ao invés de estarem parados, em meio a uma tempestade, entre a cruz e a caldeirinha, com o carro de Hallorann equilibrado a 100 metros acima das árvores lá embaixo.

- Para onde vai? Estes?

- Não, um lugar chamado Hotel Overlook - respondeu Hallorann. - Um pouco mais acima de Sidewinder.

O motorista sacudiu a cabeça tristemente.

- Acho que sei bem onde é. O senhor nunca vai conseguir chegar até o Overlook. As estradas entre Estes Park e Sidewinder estão tudo um inferno. Mal tiro a neve, aparece mais. Passei agorinha mesmo por um monte que tinha quase dois metros. E se conseguir chegar a Sidewinder, então, a estrada de lá para Buckland, Utah, está fechada. Não. - Meneou a cabeça. - Jamais vai conseguir, senhor. Nunca.

- Tenho que tentar - disse Hallorann, recorrendo às últimas reservas de paciência para manter a voz calma. - Há um menino lá em cima...

- Menino? Não. O Overlook fecha no fim de setembro. Não pode ficar mais tempo aberto. Há muita tempestade como esta.

- Ele é o filho do zelador. Está metido numa encrenca.

- Como sabe?

Sua paciência acabou.

- Pelo amor de Deus, vai ficar aí parado conversando fiado 0 dia todo? Eu sei, eu sei! Vai ajudar-me a empurrar, ou não?

- Está nervoso, não está? - observou o motorista, sem se perturbar. - Claro, entre. Tenho uma corrente atrás do banco.

Hallorann voltou ao volante, começando a tremer fortemente. Suas mãos estavam paralisadas. Esquecera-se de trazer luvas.

A máquina colocou-se atrás do Buick, e ele viu o motorista sair com uma corrente comprida. Hallorann abriu a porta e gritou:

- O que posso fazer para ajudar?

- Fique fora do caminho, só isso. Faço isto num piscar de olhos.

O que era verdade. O Buick sacudiu quando a corrente o arrastou, e um segundo depois, estava na estrada, mais ou menos voltado para Estes Park. O motorista foi até a janela e bateu no vidro. Hallorann abriu-a.

- Obrigado - disse ele. - Desculpe ter gritado com você.

- Já gritaram comigo antes - disse o motorista, sorrindo. Acho que está um pouco nervoso. Tome. - Um par de luvas azuis, grandes, caíram no colo de Hallorann. - Vai precisar delas quando sair fora da estrada novamente, eu acho. Está frio. Use as luvas, a não ser que queira passar o resto da vida limpando o nariz com uma agulha de crochê. E devolva. Foi minha mulher que fez, e tenho um carinho especial por elas. O nome e o endereço estão costurados no forro. Por falar nisso, sou Howard Cottrell. Devolva quando não precisar mais delas. E com frete pago, se não se importar.

- Está bem - disse Hallorann. - Obrigado. Obrigado mesmo.

- Tome cuidado. Eu o levaria, mas estou mais enrolado do que linha em carretel.

- Não faz mal. Obrigado mais uma vez.

Começou a fechar a janela, mas Cottrell o impediu.

- Quando chegar em Sidewinder, se chegar, vá ao Durkin's Conoco. Fica do lado da biblioteca. Bem à vista. Pergunte por Larry Durkin. Diga que Howie Cottrell o mandou, e que quer alugar um snowmobile. Diga meu nome e mostre as luvas, vai ter um abatimento no preço.

- Mais uma vez, obrigado - falou Hallorann.

Cottrell meneou a cabeça.

- Engraçado. Não sei como conseguiu saber que alguém está encrencado lá em cima no Overlook... o telefone não funciona, tenho certeza absoluta. Mas acredito em você. Tenho um sexto sentido.

Hallorann balançou a cabeça.

- Eu também tenho.

- Sim, sei que tem. Mas tome cuidado.

- Fique tranqüilo.

Cottrell desapareceu na névoa com um aceno de despedida, o capacete ainda enfiado na cabeça. Hallorann prosseguiu viagem, as correntes açoitando a neve na estrada, finalmente cavando o suficiente para o Buick andar. Atrás dele, Howard Cottrell fez, com a buzina, um sinal de boa sorte, apesar de totalmente desnecessário;

Hallorann podia senti-lo desejando-lhe boa sorte.

Dois iluminados num mesmo dia, pensou, e isso tem que ser uma espécie de presságio. Mas não acreditava em presságios, fossem bons ou maus. E o fato de encontrar-se com dois iluminados ato mesmo dia (quando geralmente não se deparava com mais de quatro ou cinco ao longo de um ano) talvez não significasse nada. Uma sensação de determinação, uma sensação

(como se as coisas estivessem caminhando bem)

que não podia definir muito bem, ainda o acompanhava. Era...

O Buick quis derrapar numa curva fechada, e Hallorann manobrou-o com cuidado, sem se atrever a respirar. Ligou o rádio novamente, e ali estava Aretha, e sendo Aretha as coisas estavam bem. Qualquer dia desses repartiria com ela seu Buick da Hertz.

Uma outra lufada de vento atingiu o carro, fazendo-o balançar e deslizar. Hallorann controlou-o e chegou mais perto do volante. Aretha terminou a música e o locutor entrou no ar novamente, dizendo que dirigir hoje era uma boa maneira de se matar.

Hallorann desligou o rádio.

Conseguiu chegar a Sidewinder, apesar de ter ficado quatro horas e meia na estrada depois de Estes Park. Quando chegou à estrada de subida da serra já estava escuro, mas a tempestade de neve não apresentava sinais de arrefecimento. Por duas vezes precisou parar diante de montes que eram tão altos quanto o carro, e esperar as máquinas passarem para derrubá-los. Perto de um dos montes, a máquina aparecera na contramão e mais uma vez, quase-quase. O motorista simplesmente deu uma guinada, sem sair para conversar fiado, mas mostrou o gesto com os dois dedos, que qualquer um, acima de dez anos conhece, e que não era o sinal de paz.

Parecia que quanto mais se aproximava do Overlook, maior era a compulsão de correr. Via-se olhando o relógio de pulso quase constantemente. As mãos pareciam estar voando.

Dez minutos depois de ter começado a subida, passou por duas placas. O vento limpara a neve das duas e ele pôde então ler o que estava escrito nelas. SIDEWINDER 16 KM, dizia a primeira. A segunda: ESTRADA FECHADA 20 KM ADIANTE DURANTE MESES DE INVERNO.

- Larry Durkin - murmurou Hallorann consigo mesmo. Seu rosto estava cansado e tenso sob o brilho verde dos mostradores do painel. Eram 6:10. - Conosco ao lado da biblioteca. Larry....

E foi quando o cheiro de laranja atingiu-o com força total, com ira assassina:

(SAIA DAQUI SEU NEGRO SUJO NÃO SE META SEU NEGRO VOLTE VOLTE OU O MATAREMOS O ENFORCAREMOS NUMA ÁRVORE SEU MALDITO NEGRO E DEPOIS QUEIMAMOS SEU CORPO]É ISSO QUE FAZEMOS COM NEGROS POR ISSO VOLTE IMEDIATAMENTE)

Hallorann gritou no confinamento do carro. A mensagem não lhe chegou em palavras, mas numa série de logogrifos ilustrados com gravuras, que eram jogados em sua cabeça com uma força incrível. Tirou as mãos do volante para afastar as imagens.

Em seguida, o carro bateu em uma barreira, derrapou e parou. As rodas traseiras giravam.

Hallorann colocou o carro em ponto morto, e cobriu o rosto com as mãos. Na realidade não chorou; só deixou escapar alguns poucos soluços. O peito ofegava. Sabia que, se aquele raio o tivesse atingido no meio de um trecho sem barreiras, estaria morto agora.

Talvez fosse esse o intuito. E poderia atingi-lo novamente, a qualquer hora. Teria que se proteger contra isso. Estava cercado por uma imensa força vermelha de grande poder que podia advir da memória. Ele era puro instinto.

Tirou as mãos do rosto, e abriu os olhos com cuidado. Nada. Se havia mais alguma coisa que testava amedrontá-lo, não estava conseguindo. Ele estava fechado.

Acontecera isso com o menino? Santo Deus, acontecera isso com o menininho?

E de todas as imagens, a que mais o incomodava era o ruído de uma surra grande, como um malho batendo num pedaço grosso de queijo. O que significaria isso?

(Jesus, aquele menininho não. Jesus, por favor.)

Engatou o carro, e acelerou um pouco. As rodas giravam, prendiam, giravam e prendiam novamente. O Buick começou a correr, os faróis cortando muito fraco a neve. Olhou o relógio. Quase seis e meia. E começava a sentir que já era tarde demais.

50

REDRUM

Wendy Torrance estava indecisa, parada no meio do quarto, olhando o filho, que adormecera.

Fazia meia hora que o barulho cessara. Todos os barulhos de ama vez. O elevador, a festa, as portas que abriam e fechavam. Ao invés de acalmá-la, o silêncio aumentava a tensão que crescia dentro dela; toda calmaria é sinal de tempestade. Mas Danny adormecera; a princípio um sono leve, agitado, e finalmente, 10 minutos depois, um sono mais pesado. Mesmo olhando fixamente para ele, dificilmente percebia o movimento do tórax estreito.

Imaginou qual teria sido a última vez que ele dormira a noite inteira, sem pesadelos, ou longos períodos de insônia, ouvindo festins, que só se tinham tornado audíveis - e visíveis - para ela, nos últimos dias, quando o cerco do Overlook em torno dos três apertou.

(Verdadeiros fenômenos psíquicos, ou hipnose coletiva?)

Ela não sabia, e não achava que fosse importante. O que estava acontecendo era horrível em todos os sentidos. Olhou para Danny e pensou

(Que Deus o guarde)

que não sendo perturbado, poderia dormir o resto da noite. Qualquer que fosse seu talento, ele ainda era um menino pequeno, e precisava descansar.

Era com Jack que começava a se preocupar.

Fez uma careta de dor, tirou a mão da boca, e viu que quebrara uma unha. E suas unhas eram uma coisa que ela sempre tentou manter bonitas. Não eram tão longas para serem chamadas de garras, mas tinham um belo formato e

(e por que se está preocupando com as unhas?)

Riu um pouco, mas o riso era um ruído trêmulo, sem alegria.

Primeiro Jack parara de vociferar e bater na porta. Depois a festa recomeçara

(por um acaso parara alguma vez? teriam cuidado para que, às vezes, os ruídos não fossem ouvidos?)

acompanhada dos ruídos do elevador. Depois, tudo acabara. Nesse novo silêncio, enquanto Danny dormia, imaginou ouvir vozes baixas, em tom de conspiração, vindas da cozinha, quase que exatamente embaixo do quarto. A princípio, afastara o pensamento imaginando que fosse o vento, que era capaz de imitar muitos sons da voz humana, desde um sussurro em volta das portas e janelas, até um grito na beira dos telhados... o som de uma mulher fugindo de um assassino num melodrama barato. Ainda assim, sentada imóvel ao lado de Danny, a idéia de que eram realmente vozes tornou-se cada vez mais forte.

Jack e mais alguém, discutindo sua fuga da despensa.

Discutindo o assassinato da mulher e do filho.

Não seria nenhuma novidade dentro destas paredes; assassinatos já tinham tido lugar aqui antes.

Foi até o aquecedor e encostou o ouvido ali, mas naquele exato momento a fornalha começou a funcionar, e os ruídos se perdiam no ar quente que subia do porão. Quando a fornalha desligara novamente, há cinco minutos, o lugar estava totalmente em silêncio, e só o vento soprava, a neve batia no prédio, e uma tábua rangia.

Olhou para a unha quebrada. Pequenas gotas de sangue brotavam por baixo.

(Jack saiu.)

(Não diga besteira.)

(Sim, ele saiu. Está com uma faca de cozinha ou talvez um cutelo de açougueiro. Está

subindo para cá agora, pisando junto ao corrimão para os degraus não estalarem.)

(!Você está louca!)

Seus lábios tremiam, e por um momento pensou que tivesse falado em voz alta. Mas o silêncio continuava.

Sentiu-se sendo observada.

Virou-se de costas e olhou para a janela, e um rosto branco horrendo, com círculos escuros no lugar de olhos, a observava, o rosto de um monstro lunático que se escondera nestas paredes durante todo o tempo...

Era só uma figura de gelo do lado de fora do vidro.

Respirou fundo com medo, e lhe pareceu ouvir, muito nitidamente desta vez, risadinhas alegres vindas de algum. lugar.

(Está com medo até de sua sombra. !á é ruim o bastante sem isso. Amanhã de manhã, estará pronta para o manicômio.)

Havia só um modo de apaziguar esses medos, e ela sabia qual era.

Teria que descer e se certificar de que Jack ainda estava na despensa.

Muito simples. Descer. Verificar. Voltar. Oh, no caminho, parar e pegar a bandeja no balcão da recepção. A omelete não prestaria mais, mas a sopa poderia ser requentada no fogareiro junto à máquina de escrever de Jack.

(Oh sim e não morrer se ele estiver lá embaixo com uma faca.)

Foi à penteadeira, tentando sacudir o manto de medo que a envolvia. Espalhados sobre a penteadeira estavam uma pilha de moedas, uma de cupons de gasolina para o caminhão do hotel, dois cachimbos que Jack levava com ele para toda parte mas que raramente fumava... e o chaveiro dele.

Apanhou-o, segurou-o por um momento, e colocou-o de volta na penteadeira. A idéia de trancar a porta do quarto ocorreu-lhe, mas simplesmente não agradou. Danny dormia. Vagos pensamentos passaram por sua mente, e algo batia mais forte, mas ela deixou passar.

Wendy atravessou o quarto, parou, indecisa, junto à porta por um momento, pegou a faca do bolso do roupão e segurou o cabo de madeira.

Abriu a porta.

O corredor pequeno estava vazio. As tochas elétricas todas brilhavam, mostrando o fundo azul e sinuoso da tecelagem.

(Está vendo? Por aqui, nenhum fantasma.)

(Não, claro que não. Querem eliminá-la. Querem que você faça algo idiota e pueril, e é exatamente isso o que você está fazendo.)

Hesitou mais uma vez, miseravelmente presa, sem querer deixar Danny e a segurança do apartamento, e ao mesmo tempo precisando desesperadamente certificar-se de que Jack ainda estava... seguramente isolado.

(Claro que está.)

(Mas as vozes)

(Não havia vozes. Foi sua imaginação. Foi o vento.)

- Não foi o vento.

O som de sua própria voz assustou-a. Mas sua convicção fez com que prosseguisse. A faca balançava, refletindo luz no papel de parede de seda. Os chinelos sussurravam no pêlo do tapete. Os nervos à flor da pele.

Chegou ao corredor principal e espreitou, a mente preparada para o que pudesse ver ali.

Não havia nada para ver.

Depois de um momento de hesitação, começou a caminhar pelo corredor principal. Cada passo a frente, em direção à escada cheia de sombras, aumentava seu pavor, e lhe fazia consciente de que estava deixando o filho adormecido para trás, sozinho e desprotegido. O ruído dos chinelos no tapete parecia cada vez mais alto em seus ouvidos; por duas vezes olhou para trás para se convencer de que ninguém a seguia.

Chegou à escada e pôs a mão no pilar frio no topo do corrimão. Havia 19 degraus largos até o saguão. Já os contara tantas vezes, que sabia de cor. Dezenove degraus atapetados e ninguém espreitando. Claro que não. Jack estava trancado na despensa, por trás de um ferrolho forte de aço e uma porta grossa de madeira.

Mas o saguão estava escuro, e cheio de sombras.

O coração batia forte na garganta.

Adiante, um pouco para a esquerda, o elevador aberto, zombeteiro, convidando-a a entrar e fazer o passeio mais maravilhoso de sua vida.

(Não, obrigada)

O interior tinha sido revestido de serpentina rosa e branca de crepe. Confete saindo das línguas-de-sogra. No canto direito, ao fundo, havia uma garrafa de champanha vazia.

Sentiu movimento atrás e se voltou para olhar para cima dos 19 degraus que levavam ao 2.° andar, e não viu nada; ainda assim tinha uma estranha sensação de que as coisas

(coisas)

saltaram para trás na mais profunda escuridão do corredor lá em cima, antes que seus olhos pudessem registrá-las.

Olhou os degraus novamente.

Sua mão direita suava no cabo de madeira da faca; passou-a para a esquerda, enxugou a palma direita no robe de veludo corde-rosa, e voltou a faca para a direita. Quase sem saber que sua mente comandava o corpo, impulsionando-o para frente, começou a descer, a mão vazia escorregando pelo corrimão.

(Onde é a festa? Não se assustem, bando de sacanas! Não temam uma mulher apavorada com uma faca! Vamos ouvir um pouco de música! Um pouco de ânimo!)

Dez degraus, doze, treze.

A luz do corredor, do primeiro andar, era muito fraca aqui, e se lembrou de que teria que acender as luzes do saguão, ao lado da entrada para o restaurante, ou dentro do escritório da gerência.

Mas havia luz vinda de algum outro lugar, branca e silenciosa.

As lâmpadas fluorescentes, claro. Na cozinha.

Parou no décimo terceiro degrau, tentando lembrar-se se apagara ou as deixara acesas quando ela e Danny saíram. Simplesmente não se lembrava.

Abaixo dela, no saguão, as cadeiras de espaldar alto estavam ocupadas pelas sombras. O vidro nas portas do saguão era branco, coberto por uma cortina de neve uniforme. Tachas de metal, nos sofás, brilhavam como olhos-de-gato. Havia uma centena de esconderijos.

Suas pernas estavam duras de medo, e ela continuou a descer.

Dezessete, dezoito, dezenove.

(Térreo, madame. Saia com cuidado.)

As portas do salão de baile estavam abertas, e só a escuridão saía de lá. De dentro, vinha um tique-taque constante, como o de uma bomba. Ficou imóvel; depois lembrou-se do relógio sobre a lareira, e sob a redoma de vidro. Jack ou Danny devem ter dado corda nele... ou talvez ele mesmo se dera corda, como tudo no Overlook.

Voltou-se para o balcão de recepção, querendo passar pelo portãozinho, ir à gerência, e chegar à cozinha. Brilhando, a bandeja de lanche.

Então, o relógio começou a bater, tinindo pequenas notas musicais.

Wendy ficou imóvel, a língua levantada no céu da boca. Em seguida, relaxou. Batia oito horas, só. Oito horas

. . cinco, seis, sete...

Contava as batidas. De repente, pareceu errado mexer-se antes de o relógio parar .

... oito... nove...

(??Nove??)

...dez...onze...

De repente, ocorreu-lhe. Voltou-se, sem graça, para a escada já sabendo que era tarde demais. Mas como poderia saber?

Doze.

As luzes do salão de baile acenderam. Houve um imenso floreio de metais. Wendy deu um grito alto, insignificante diante do clangor dos metais.

- Retirem as máscaras! - ecoou o grito. - Retirem as máscaras! Retirem as máscaras!

Em seguida sumiram, como se tivessem entrado por um longo túnel do tempo, deixando-a mais uma vez sozinha.

Não, sozinha não.

Virou-se e ele caminhava em sua direção.

Era Jack, e ao mesmo tempo não era Jack. Seus olhos refletiam um brilho vago e assassino; a boca familiar esboçava um sorriso trêmulo e triste.

Trazia o taco de roque em uma das mãos.

- Pensou que me tivesse trancado? Foi isso que pensou?

O taco assobiou no ar. Ela deu um passo atrás, tropeçou num capacho, e caiu no tapete do saguão.

- Jack...

- Sua miserável - murmurou ele. - Sei o que você é.

O taco caiu assobiando, com enorme velocidade, sobre o estômago macio de Wendy. Ela gritou, submersa, de repente, num oceano de dor. Muito vagarosamente ela viu o taco ricochetear. Viu paralisada que ele pretendia agredi-la até a morte com o taco que segurava nas mãos.

Tentou gritar mais uma vez, implorar-lhe que parasse pelo amor de Danny, mas não tinha fôlego. Só conseguia esboçar um soluço fraco, que dificilmente se assemelhava a qualquer som.

- Ora. Ora, por Deus - falou ele, sorrindo. Chutou o capacho para fora de seu caminho. - Acho que agora você vai tomar seu remédio.

O taco desceu. Wendy rolou para a esquerda, o roupão enrolado nos joelhos. O taco soltou-se das mãos de Jack, e caiu no chão. Ele teve que se curvar para apanhá-lo, e enquanto se abaixava, ela correu para a escada, recuperando finalmente o fôlego. Seu estômago era um hematoma latejando de dor.

- Miserável - disse ele entre dentes, e começou a correr atrás dela. - Sua miserável, acho que vou dar-lhe aquilo que merece. Acho mesmo.

Ela ouviu o taco assobiar no ar, e então uma dor imensa tomou conta do seu lado direito, quando o taco atingiu-a abaixo do busto, quebrando duas costelas. Caiu nos degraus, e uma nova agonia tomou conta dela, quando encostou no lado ferido. Mas o instinto a fez rolar, rolar fugindo do taco que zuniu ao lado de seu rosto, não o atingindo por um triz. Atingiu o tapete grosso da escada com uma pancada amortecida. Foi quando ela viu a faca, que caíra de sua mão com a queda. Estava no quarto degrau, brilhando.

- Miserável - repetiu Jack. O taco desceu. Ela deu um impulso para cima, e o taco atingiu-a bem abaixo da rótula. De repente sua perna ardia. Sangue começou a jorrar da barriga da perna. E, em seguida, o taco baixava novamente. Sacudiu a cabeça afastando-se dele, e o taco atingiu o degrau no espaço entre o pescoço e o ombro, esfolando-lhe a orelha.

Ele baixou o taco novamente, e desta vez ela rolou em sua direção, escada abaixo, dentro de seu alcance. Um grito escapou-lhe quando suas costelas bateram nos degraus. Empurrou as pernas dele com o peso de seu corpo, fazendo-o cair de costas, gritando de

raiva e surpresa, sacudindo os pés tentando colocá-los no degrau. Em seguida, ele bateu no chão, o taco voando de sua mão. Sentou-se, olhando para ela por um momento com os olhos assustados.

- Vou matá-la por isso - falou Jack.

Rolou e esticou o braço para apanhar o taco. Wendy tentou se pôr de pé. A dor ia da perna ao quadril. O rosto estava pálido, mas ela encontrava-se lúcida. Pulou por cima das costas de Jack, cujas mãos se fechavam no cabo do taco de roque.

- Santo Deus! - gritou ela para o saguão do Overlook cheio de sombras, e enterrou a faca de cozinha nas costas do marido, até o cabo.

Jack ficou imóvel debaixo dela e depois gritou. Nunca ouvira um som mais pavoroso em toda a sua vida; era como se todos os quadros, janelas e portas do hotel tivessem gritado. Parecia prosseguir, enquanto ele continuava duro como um pedaço de pau sob o peso dela. Eram como um arremedo de cavalo e cavaleiro. A única diferença era que as costas da camisa xadrez vermelho e preto ficavam cada vez mais escuras, encharcadas de sangue.

Depois ele tombou, derrubando-a, fazendo-a gemer.

Ela se deitou respirando com força durante algum tempo, sem poder mover-se. Ela era dor dos pés à cabeça. Em cada inspiração, alguma coisa espetava-lhe, e o pescoço estava molhado de sangue por causa da orelha esfolada.

Os únicos ruídos eram os de sua luta em respirar, do vento c do tique-taque do relógio no salão de baile.

Finalmente, forçou-se para se pôr de pé e caminhou mancando até a escada. Ao alcançá-la, apoiou-se no corrimão e baixou a cabeça, sentindo-se fraca. Quando se achou melhor, começou a subir, apoiando-se na perna sadia, e puxando o corpo com os braços no corrimão. Olhou uma vez para cima, esperando ver Danny, mas a escada estava vazia.

(Grafias a Deus ele ficou dormindo graças a Deus graças a Deus)

Depois de subir seis degraus, precisou descansar, cabeça baixa, o cabelo louro caindo sobre o corrimão. O ar assobiava dolorosamente pela garganta, como se tivesse criado espinhos. Seu lado direito era uma massa inchada e quente.

(Vamos Wendy vamos moça tranque-se por trás de uma porta e veja que não foram só estes os estragos. Quando chegar lá em cima no corredor pode rastejar. Eu lhe dou permissão.)

Inspirou a quantidade de ar que suas costelas quebradas permitiram, e aos poucos foi

subindo.

Quando estava no nono, quase na metade do caminho, a voz de Jack chegou-lhe aos ouvidos. Ele dizia grosso:

- Sua miserável. Você me matou.

O pavor tão negro como a noite tomou conta dela. Olhou para trás e viu Jack se levantando devagar.

A cabeça dele estava caída, e ela viu o cabo da faca. Os olhos de Jack pareciam contraídos, quase perdidos, as pálpebras caídas. Segurava sem força o taco na mão esquerda. A ponta estava ensangüentada. Um pedaço do robe de veludo cor-de-rosa colado quase no centro.

- Vou dar-lhe seu remédio - murmurou ele, e começou a cambalear em direção à escada.

Tremendo de medo, ela voltou a se impulsionar para cima. Dez degraus, doze, treze. Mas o corredor do primeiro andar parecia-lhe tão distante quanto um pico de uma montanha inatingível. Arquejava. O cabelo se agitava no rosto. O suor corria-lhe. O tique-taque do relógio na redoma parecia encher-lhe os ouvidos, marcando o compasso dos suspiros agonizantes de Jack, enquanto ele começava a subir as escadas.

51

A CHEGADA DE HALLORANN

Larry Durkin era um homem alto e magro, de olhar triste e cabelos vermelhos. Hallorann encontrara-o exatamente quando saía do posto Conoco, o rosto triste enterrado no capuz de um casaco do Exército. Relutou em executar qualquer outro serviço naquele dia de tempestade, não interessando saber de onde Hallorann viera, e relutou mais ainda em alugar um de seus snowmobiles a esse negro que insistia em subir até o velho Overlook. Entre os habitantes de Sidewinder, o hotel tinha uma reputação duvidosa. Crimes já haviam sido cometidos por lá. Um bando de gangsters dirigiu o lugar durante algum tempo, e homens do tipo que fazem qualquer negócio, também. E coisas que aconteceram no velho Overlook nunca chegaram aos jornais, pois o dinheiro falava mais alto. Mas os habitantes de Sidewinder tinham uma boa idéia a respeito. A maioria das camareiras era de lá, e camareiras vêem muita coisa.

Mas quando Hallorann mencionou o nome de Howard Cottrell e mostrou a Durkin a etiqueta dentro das luvas azuis, o dono do posto de gasolina mudou de atitude.

- Ele o mandou aqui, mandou? - perguntou Durkin, abrindo uma das garagens e levando Hallorann para dentro. - E bom saber que o velho ainda tem juízo. Pensei que não

tivesse mais. Acendeu as lâmpadas fluorescentes velhas e muito sujas. - Agora, diga-me, o que, diabo, você quer naquele lugar lá em cima, cara?

Hallorann começou a perder a calma. Os últimos quilômetros para Sidewinder tinham sido muito difíceis. Uma lufada de vento, que não devia estar a menos de 90 quilômetros por hora, fez o carro dar uma derrapada de 360 graus. E havia ainda alguns quilômetros a percorrer, e só Deus sabia o que o esperava. Estava aterrorizado pelo menino. Já eram quase dez para as sete e tinha ainda que desfiar o rosário novamente.

- Alguém está em dificuldade lá em cima - disse, com muito cuidado. - O filho do zelador.

- Quem? O filho dos Torrances? Que tipo de dificuldade?

- Não sei - resmungou Hallorann. Estava doente com o tempo que isto tomava. Conversava com um homem de cidade de interior, e ele sabia que todos os homens de cidade de interior sentem uma necessidade enorme de fazer negócios pormenorizados, pesquisar antes de se meterem no meio. Mas não havia tempo, pois agora ele era um crioulo apavorado e, se continuasse por muito tempo nesse papo, poderia resolver cortá-lo, e sair correndo.

"Olhe - disse. - Por favor. Preciso ir até lá em cima e tenho que ter um snowmobile para conseguir chegar. Pago seu preço, mas pelo amor de Deus, deixe-me ir cuidar de minha vida!

- Muito bem - falou Durkin, impertubável. - Se Howard o mandou, basta. Leve este ArcticCat. Vou colocar 25 litros de gasolina na lata de reserva. O tanque está cheio. Vai dar para subir e descer, acho eu.

- Obrigado - disse Hallorann, ainda inquieto.

- São vinte dólares. Isso inclui a gasolina.

Hallorann tirou uma nota de 20 da carteira e entregou. Durkin enfiou-a em um dos bolsos da camisa, quase imperceptivelmente.

- Acho melhor trocar de casaco também - disse Durkin, tirando seu casaco com capuz. - O seu não vai valer nada esta noite. Você me devolve quando trouxer o snowmobile.

- Que é isto, eu não posso...

- Deixe de besteira comigo - interrompeu Durkin ainda com calma. - Não quero que fique congelado. Só tenho que andar dois quarteirões, e estou em casa. Deixe disso.

Um pouco tonto, Hallorann trocou seu casaco pelo de Durkin com forro de pele e capuz. As lâmpadas fluorescentes zumbiam, fazendo-o lembrar-se a cozinha do Overlook.

- O filho dos Torrances - disse Durkin, meneando a cabeça. - É um menino bonitinho, não é? Ele e o pai costumavam vir até aqui antes de a neve começar a cair no duro. Quase sempre no caminhão do hotel. Eles pareciam tão apegados. Aquilo sim é um menininho que gosta do pai. Espero que ele esteja bem.

- Eu também. - Hallorann levantou o zíper e fechou o capuz.

- Deixe eu ajudá-lo a levar isso lá para fora - disse Durkin. Empurraram o snowmobile pelo chão de concreto cheio de manchas de óleo. - Já dirigiu isso antes?

- Não.

- Bem, não há nada de mais. As instruções estão pregadas ali no painel, mas o negócio é basicamente parar e andar. O acelerador está aqui, exatamente como um acelerador de motocicleta. O freio é do outro lado. Apóie-se nele nas curvas. Esta preciosidade faz cento e dez quilômetros em neve dura, mas nesse pó gelado não vai conseguir passar de oitenta, e com sacrifício.

Estavam agora na área da frente do posto de gasolina, cheia de neve, e Durkin falava alto para se fazer entender na ventania.

- Mantenha-se na estrada! - gritou no ouvido de Hallorann. - Fique de olho nas cercas de segurança e nas placas, e tudo vai correr bem, eu acho. Se sair da estrada, morre. Entendeu?

Hallorann meneou a cabeça.

- Espere. - disse Durkin, e correu à garagem.

Enquanto 0 outro não voltava, Hallorann ligou a chave e apertou um pouco o acelerador. O snowmobile encheu-se de vida.

Durkin voltou com uma máscara de esqui vermelha e preta.

- Ponha isto por cima do capuz! - gritou.

Hallorann apanhou-a. Era de tamanho pequeno, mas cortava o vento que batia nas faces, testa e queixo.

Durkin inclinou-se para se fazer ouvir.

- Acho que você deve saber das coisas do mesmo jeito que Howie às vezes sabe - disse. - Não ligo, mas aquele lugar tem uma péssima reputação por aqui. Posso dar-lhe um rifle, se quiser.

- Não acho que vai ser preciso - gritou Hallorann.

- Você manda. Mas se apanhar o garoto, traga-o para a Rua Peach, 16. A mulher terá uma sopinha preparada.

- OK. Obrigado por tudo.

- Cuidado! - gritou Durkin. - Mantenha-se na estrada!

Hallorann meneou a cabeça e acelerou devagar. O snowmobile foi para a frente, o farol cortando a neve que caía forte, com um cone claro de luz. Viu a mão levantada de Durkin pelo espelho retrovisor, e levantou a sua. Virou o guidom para a esquerda e tomou a rua principal, o snowmobile andando suave pela luz dos postes da rua. O velocímetro marcava 50. Eram sete e dez. No Overlook, Wendy e Danny dormiam e Jack Torrance discutia sobre questões de vida e morte com o zelador anterior.

Cinco quarteirões depois, os postes acabaram. Durante 800 metros havia pequenas casas, todas muito bem fechadas contra a tempestade, e depois somente a escuridão e o assobio do vento. Novamente na escuridão sem nenhuma luz a não ser o facho fino do farol do snowmobile, o pavor envolveu-o, um medo infantil, sinistro e desalentador. Nunca se sentira tão só. Por vários minutos, enquanto as luzes de Sidewinder desapareciam no retrovisor, a vontade de voltar era quase incontrolável. Refletiu que, mesmo com toda a boa vontade e preocupação com o filho de Jack Torrance, Durkin não se oferecera para levar o outro snowmobile, e subir junto com ele.

(Aquele lugar tem uma péssima reputação por aqui.)

Trincando os dentes, apertou o acelerador e viu o ponteiro do velocímetro passar pelos 60 e parar nos 70. Parecia estar indo incrivelmente rápido, e ao mesmo tempo temia que não fosse rápido o suficiente. A esta velocidade, levaria quase uma hora para chegar ao Overlook. Mas a uma velocidade maior, poderia não chegar.

Mantinha os olhos fixos na cerca de segurança e nos refletores do tamanho de uma moeda colocados um sobre o outro no que, em outras épocas, seria o acostamento. Muitos deles estavam escondidos sob a névoa. Por duas vezes viu placas com sinais de curva, muito tarde, e sentiu o snowmobile subindo os montes que disfarçavam a ribanceira antes de voltar para o que seria, no verão, o leito da estrada. O odômetro contava a quilometragem com uma lentidão enlouquecedora - cinco, dez e finalmente quinze. Mesmo sob a máscara de esqui, seu rosto começava a ficar duro e as pernas dormentes.

(Acho que daria 100 dólares por um par de calas de esqui.)

A mudança de cada quilômetro, seu medo aumentava ... como se o lugar tivesse uma atmosfera de veneno que se tornava cada vez mais densa, à medida que se aproximava. Era assim antes? Nunca, na realidade gostara muito do Overlook, e havia outros que

compartilhavam de seu sentimento, mas jamais desta forma.

Ele ouvia a voz que quase o arruinara antes de Sidewinder ainda querendo entrar, passar por suas fortalezas para chegar até a carne. Se ela foi forte a 40 quilômetros atrás, como seria agora? Não podia afastá-la. Um pouco dela estava infiltrando, enchendo seu cérebro com imagens sinistras. Trazia cada vez mais a imagem de uma mulher ferida dentro do banheiro com as mãos levantadas querendo proteger-se. Sentiu cada vez mais que aquela mulher devia ser...

(Deus, cuidado!)

A barreira se aproximava como se fosse um trem de carga. Pensando besteira não viu a placa. Jogou o guidom para a direita, e o snowmobile deu meia-volta, inclinando-se. Do lado de baixo veio o som de metal sobre pedra. Pensou que fosse capotar, mas conseguiu equilibrar-se antes de deslizar até uma superfície mais ou menos nivelada da estrada. Depois, a ribanceira estava a sua frente, o farol mostrando o fim da neve e a escuridão adiante. Virou o guidom mais uma vez, com o coração na garganta.

(Mantenha-se na estrada Dick velho camarada.)

Forçou-se por aumentar um pouco a velocidade. O ponteiro do velocímetro estava agora abaixo dos 80. O vento uivava. O farol rasgava a escuridão.

Algum tempo depois, viu numa curva, uma luz brilhando adiante. Apenas um vislumbre, e em seguida foi encoberta por uma elevação. A luz foi tão breve que chegou a desejar que uma outra curva a trouxesse novamente um pouco mais próxima, por mais alguns segundos. Desta vez não questionou sua veracidade; já vira aquela luz deste ângulo várias vezes anteriormente. Era o Overlook. Parecia que as luzes eram do primeiro andar e do saguão.

Parte de seu pavor - o medo de sair da estrada, ou arrebentar o snowmobile numa curva despercebida - desapareceu por completo. O snowmobile cobria com estabilidade a primeira metade de uma curva em S que agora ele lembrava palmo por palmo, quando o farol focalizou

(ó santo deus o que é)

a estrada adiante dele. Pintado em preto e branco, Hallorann, a princípio, pensou que fosse algum lobo imenso que descera com a tempestade. Em seguida, ao aproximar-se, reconheceu-o, e o pavor bloqueou-lhe a garganta.

Não um lobo, mas um leão. Um leão de arbusto.

Suas feições eram uma máscara de sombra e neve, as ancas rija:: para um salto. E realmente saltou, espalhando neve em volta das patas traseiras numa explosão silenciosa de cristais.

Hallorann gritou e virou o guidom para a direita, com força, baixando o corpo ao mesmo tempo. A dor de um arranhão profundo tomou conta do rosto, pescoço e ombros. A máscara de esqui rasgou-se. Ele foi atirado para fora do snowmobile. Bateu na neve, espalhou-a e rolou.

Sentia o leão vindo em sua direção. No focinho havia um cheiro amargo de folhas verdes e azevim. Uma pata imensa de folhas atingiu-o nas costas e ele voou a três metros de altura, e caiu estirado no chão como um capacho. Viu o snowmobile, sem motorista, chocar-se contra a barreira, a traseira levantada, o farol buscando o céu. O veículo caiu com um estrondo e parou.

Em seguida, o leão estava em cima de Hallorann. Havia um crepitar e farfalhar de folhas. Algo destruindo o capuz, rasgando-o. Deviam ser galhos duros, mas Hallorann sabia que eram garras.

- Você não existe! - gritou Hallorann para o leão que rosnava. - Você não existe de forma alguma! - Lutou para se pôr de pé, e conseguiu chegar à metade do caminho do snowmobile, quando o leão deu um bote, atingindo-lhe a cabeça com uma pata de garras afiadas. Hallorann viu luzes explodindo silenciosas.

- Não existe - falou novamente, mas era apenas um murmúrio. Os joelhos enfraqueceram e ele caiu na neve. Arrastou-se em direção do snowmobile, o lado direito do rosto uma cicatriz de sangue. O leão atacou-o mais uma vez, virando-o de barriga para cima como uma tartaruga. Rosnava jocosamente.

Hallorann lutou por alcançar o snowmobile. O que necessitava, estava lá. E, então, o leão atirou-se sobre ele novamente, rasgando e ferindo.

52

WENDY E JACK

Wendy arriscou uma outra olhadela para trás. Jack estava no sexto degrau, arrastando-se com a ajuda do corrimão, como ela mesma estava fazendo. Ele ainda sorria maliciosamente, e sangue escuro corria lentamente pelo maxilar inferior. Mostrava os dentes para ela.

- Vou esmagar-lhe os miolos. Acabar com eles. - Subiu com dificuldade mais um degrau.

O pânico tomou conta dela, e a dor diminuiu um pouco. Arrastou-se o mais depressa que pôde, apesar da dor, empurrando o corrimão convulsivamente. Chegou ao topo e olhou para trás.

Ele parecia ganhar força ao invés de perder. Estava a quatro degraus do topo, medindo a distância com o taco de roque na mão esquerda, enquanto se impulsionava com a direita.

- Bem atrás de você - falou, arquejando, através do sorriso de sangue, como se estivesse lendo a mente de Wendy. - Bem atrás de você agora, sua miserável. Com seu remédio.

Ela correu cambaleando pelo corredor principal, as mãos pressionadas no peito. A porta de um dos quartos abriu, e um homem com uma máscara verde de terror apareceu. "Que festa incrível, não é?", gritou no rosto de Wendy, soprando uma língua-de-sogra. Houve um ruído estridente, e, súbito, ela se viu enrolada em serpentinas de crepe. O homem de máscara riu às gargalhadas, e voltou para o quarto. Wendy caiu no tapete. Parecia explodir em dor, e lutava contra a perda de consciência desesperadamente. Podia ouvir vagamente o elevador funcionando de novo, e sob os dedos das mãos percebia que o desenho do tapete parecia mover-se sinuosamente.

O taco bateu atrás, e ela se jogou para a frente, soluçando. Olhando para trás, viu Jack cambaleando, perdendo o equilíbrio, e baixando o taco pouco antes de cair, expelindo sangue no tapete.

A cabeça do taco atingiu-a exatamente entre as clavículas, e por um momento a agonia foi tão grande que ela se contorceu, com as mãos abrindo e fechando. Alguma coisa dentro dela estalara... ouviu perfeitamente, e, por uns poucos momentos, ficou consciente, de uma forma silenciosa e abafada, de que estava simplesmente observando estas coisas através de um invólucro de neblina.

Em seguida, recobrou a consciência, o pavor e a dor.

Jack tentava levantar-se para concluir o trabalho.

Wendy também tentava pôr-se de pé e viu que era impossível. O esforço parecia provocar uma corrente elétrica em suas costas. Começou a se arrastar. Jack arrastava-se atrás, usando o taco de rogue como muleta ou bengala.

Ela chegou ao pequeno corredor e fez a curva, usando as mãos para empurrar a aresta da parede. Seu pavor aumentou ... não achava que fosse possível, mas era. Era 100 vezes pior vê-lo ou saber como ele se aproximava. Arrancava pêlos do tapete ao arrastar-se, e estava na metade deste pequeno corredor, quando viu que a porta de seu quarto estava aberta.

(Danny! Oh Deus)

Forçou para se pôr de joelhos e arranhou o papel de parede de seda na tentativa de se pôr de' pé. As unhas se soltaram um pouco. Ignorou a dor, e, andando sem firmeza, passou pela porta, enquanto Jack dobrava o corredor, e começava a vir em direção à

porta aberta, apoiado no taco de roque.

Ela se apoiou na penteadeira, firmou-se e agarrou o portal.

- Não feche essa porta! - gritava o marido. - Sua desgraçada, não se atreva a fechá-la!

Ela bateu e trancou a porta. A mão esquerda escorregou sobre a penteadeira, derrubando moedas que rolaram em todas as direções. A mão buscou o chaveiro, no mesmo instante em que o taco batia sobre a porta, fazendo-a tremer. Enfiou a chave na fechadura, e a girou para a direita. Ao ruído da fechadura, Jack gritou. O taco batia na porta numa série de estrondos que a faziam recuar. Como poderia ele estar fazendo isso com uma faca enfiada nas costas? Onde encontrava força? Ela quis gritar Por que não morre?, para a porta trancada.

Ao invés disso, deu-lhe as costas. Ela e Danny teriam que se trancar no banheiro, no caso de Jack arrebentar a porta. A idéia de fugir pelo elevador de comida passou-lhe pela cabeça louca, mas ela a rejeitou. Danny era pequeno e passaria, mas ela não conseguiria controlar a corda. Ele desceria batendo contra a parede.

Teria que ser no banheiro. E se Jack entrasse ali...

Mas controlaria o pensamento.

- Danny, meu bem, vai ter que acordar ag...

Mas a cama estava vazia.

Quando o filho começou a dormir, ela jogara os cobertores e o edredom em cima dele. Agora, eles estavam esparramados.

- Vou-lhe pegar! - vociferou Jack. - Vou pegar vocês dois! - Cada palavra era pontuada por um baque do taco de roque, mas Wendy ignorava ambos. Toda sua atenção estava voltada para aquela cama vazia.

- Venha cá! Abra esta maldita porta!

- Danny? - sussurrou ela.

Claro... quando Jack a atacou. Tinha que ter chegado até ele, como sempre acontecia com as emoções violentas. Talvez ele tivesse visto a coisa toda num pesadelo. Estava escondido.

Ela caiu de joelhos, sentindo dor na perna inchada e ensangüentada, e olhou debaixo da cama. Nada ali, somente bolas de poeira e os chinelos do marido.

Jack gritou seu nome, e desta vez, quando arremessou o taco, uma lasca comprida de

madeira pulou da porta, e estalou no soalho. A outra pancada teve o som de uma rachadura, o ruído de madeira velha sob um machadinho. A cabeça do taco suja de sangue abrira um buraco na porta, e subia e descia, espalhando pedaços de madeira por todo o quarto.

Wendy, para se levantar novamente, apoiou-se no pé da cama e, mancando, atravessou o quarto até o armário de roupas. As costelas quebradas a espetavam, fazendo-a gemer.

- Danny?

Arrastou, aflita, os cabides; alguns escorregavam e caíam no chão. Ele não estava no armário.

Caminhou, mancando, em direção ao banheiro, e chegando à porta olhou para trás. O taco continuava a bater, alargando o buraco, e então uma mão apareceu, tateando à procura do trinco. Viu, apavorada, que deixara o chaveiro de Jack balançando na fechadura.

A mão abriu o ferrolho e, ao fazê-lo, esbarrou no chaveiro. As chaves balançavam. A mão agarrou-as vitoriosa.

Com um soluço, arrastou-se para dentro do banheiro, e bateu a porta, no mesmo instante em que a porta abriu e Jack entrou vociferando.

Wendy trancou a porta, olhando ao redor desesperada. O banheiro estava vazio. Danny também não estava lá. E ao olhar-se no espelho do armário de remédio, viu o próprio rosto coberto de sangue, ficou contente. Nunca fora a favor das crianças testemunharem pequenas discussões dos pais. E, talvez, a coisa que estava agora delirando pelo quarto, quebrando coisas, finalmente desmoronaria antes que visse o filho. Talvez, pensou, lhe fosse possível infligir mais danos ainda à coisa... matá-la, talvez.

Seus olhos passaram pela louça do banheiro, procurando por qualquer coisa que pudesse servir de arma. Havia um sabonete, mas mesmo enrolado numa toalha, ela não achava que pudesse ser letal. Tudo o mais estava fixo. Deus, não haveria nada que pudesse fazer?

Por trás da porta, os ruídos animalescos de destruição continuavam, seguidos por gritos de que eles "tomariam seu remédio" e "pagariam pelo que tinham feito com ele". Ele "lhes mostraria quem mandava ali". Eles "não valiam nada", os dois.

Houve um estrondo, quando o toca-disco foi virado, um estampido surdo quando o tubo de imagem do televisor de segunda mão foi atingido, o tilintar de vidro de janela seguido de uma corrente de ar frio por baixo da porta do banheiro. Uma pancada surda quando os colchões foram arrancados das camas onde dormiram juntos, lado a lado. Estrondos, quando Jack atacava as paredes indiscriminadamente com o taco.

Não havia nada do verdadeiro Jack naquela voz petulante, que berrava e dizia disparates. Alternava tons baixos de auto-piedade com gritos altos; lembravam-na os gritos deprimentes que ouvira na ala de geriatria do hospital onde trabalhara durante as férias de verão, quando era ainda estudante secundária. Demência senil. Jack não estava mais lá fora. Ela ouvia a voz irada e lunática do próprio Overlook.

O taco atingiu a porta do banheiro, derrubando um enorme pedaço do painel fino da porta. Um rosto meio louco e determinado fixou o olhar nela. A boca, faces e garganta estavam cobertas de sangue, o único olho que conseguia ver estava miúdo e brilhante.

- Não tem para onde correr, sua vagabunda - disse-lhe, ofegante, por entre o sorriso. O taco baixou novamente, sacudindo lascas de madeira para dentro da banheira e contra a superfície refletora do armário de remédio...

(!!!O armário de remédio!!!)

Um lamento desesperado escapou-lhe enquanto ela se virou, a dor momentaneamente esquecida, e abriu a porta espelhada do armário. Começou a vasculhar. Atrás dela, aquela voz rouca berrava:

- Estou chegando! Estou chegando, sua porca! - Demolia a perla num frenesi mecânico.

Vidros caíam ante seus dedos loucos - xarope, vaselina, xampu, água oxigenada, benzocaína - caíam na pia e quebravam.

Suas mãos se fecharam sobre o estojo de gilete no mesmo instante em que ouviu novamente a mão, buscando o ferrolho e abrindo o trinco.

Tirou uma das lâminas, sem jeito, respirando com dificuldade. Cortara o polegar. Deu uma volta e cortou a mão que abria o trinco e que tateava à procura do ferrolho.

Jack gritou. A mão pulou fora.

Ofegante, segurando a gilete entre o polegar e o indicador, Wendy esperou que ele tentasse novamente. Tentou, e ela o cortou. Mais uma vez ele gritou, tentando agarrar-lhe a mão, e ela o cortou novamente. A lâmina girou em sua mão, cortando-a mais uma vez, e caiu no ladrilho junto à privada. .

Wendy tirou mais uma lâmina do estojo e esperou.

Movimento no quarto...

(??indo embora??)

E um ruído entrando pela janela do quarto. Um motor. Um zumbido alto como se fosse um inseto.

Um berro de raiva de Jack, e então - sim, sim, tinha certeza - ele estava saindo do apartamento do zelador, passando pelos escombros e entrando no corredor.

(??Alguém chegando um guarda-florestal Dick Hallorann??)

- Ó Deus - murmurou ela, com a boca que parecia cheia de serragem e pedaços de madeira. - Ó Deus, por favor.

Tinha que sair agora, encontrar o filho, para juntos enfrentarem o resto deste pesadelo. Tentou sair, e procurou o ferrolho. O braço parecia esticar-se por quilômetros. Finalmente destravou-o. Abriu a porta, hesitou, e foi de repente tomada pela terrível certeza de que Jack fingira ir embora, que estava esperando por ela.

Wendy olhou em volta. O quarto estava vazio, a sala também. Coisas reviradas e quebradas por toda parte.

O armário? Vazio.

Depois, sombras suaves começaram a descer, e ela caiu sobre o colchão que Jack arrancara da cama, semiconsciente.

53

HALLORANN DERROTADO

Hallorann conseguiu chegar ao snowmobile virado, exatamente no momento em que, a dois quilômetros dali, Wendy se arrastava no corredor pequeno que levava ao apartamento do zelador.

Não era o snowmobile que ele queria, mas a lata de gasolina presa na traseira. As mãos ainda metidas nas luvas azuis de Howard Cottrell pegaram a tira superior que prendia a lata, enquanto o leão rugia atrás... um som que parecia estar mais dentro de sua cabeça do que fora. Houve um empurrão forte da perna esquerda, fazendo-a doer, pois a junta nunca dobrara daquela forma. Um gemido escapou pelos dentes trincados de Hallorann. O leão poderia matá-lo a qualquer momento, cansado das brincadeiras.

Procurou a segunda tira. Sangue jorrava-lhe nos olhos.

(Rugido! Empurrão!)

Esse atingiu a bunda, quase atirando-o para longe do snowmobile, novamente. Segurou-se pra valer... para a vida.

Conseguiu então soltar a segunda tira. Segurou firme a lata de gasolina, quando o leão atacou outra vez, fazendo-o cair de costas. Viu-o novamente, apenas uma sombra na escuridão e na neve, tão pavoroso quanto uma carranca. Hallorann girou a tampa da lata, enquanto a sombra se aproximava, sacudindo neve. Abriu a lata, libertando um cheiro forte de gasolina.

Hallorann ficou de joelhos e, enquanto o leão se aproximava, abaixado e incrivelmente rápido, atirou-lhe gasolina.

Houve um chiado, um fungado e o leão recuou.

- Gasolina! - gritou Hallorann, com a voz ainda trêmula. - Vai queimar você, benzinho! Curta isso!

O leão aproximou-se novamente, ainda fungando feroz. Hallorann atirou mais gasolina, mas desta vez o leão não se acovardou. Avançou. Hallorann sentiu mais do que viu, a cabeça junto a seu rosto, e então jogou-se para trás, evitando-o. Ainda assim, o leão atingiu seu peito e uma chama de dor se acendeu ali. A gasolina entornou da lata que ainda segurava e molhou seu braço e mão, frios como a morte.

Estava agora caído na neve, cerca de três metros à direita do snowmobile. O leão era uma presença enorme a sua esquerda, aproximando-se. Hallorann achou que via a cauda sacudindo.

Arrancou com os dentes a luva de Cottrell da mão, sentindo o gosto da lã ensopada de gasolina. Levantou a bainha do casaco e enfiou a mão no bolso das calças. Lá no fundo, junto com suas chaves e algum trocado, havia um isqueiro Zippo antigo. Comprara-o na Alemanha em 1954. Certa vez a molinha quebrou, e ele o devolveu à fábrica Zippo, e eles o consertaram sem cobrar nada, exatamente como anunciado.

Um pesadelo tomou conta de sua mente por um segundo.

(Caro Zippo meu isqueiro foi engolido por um crocodilo caiu de um avião perdido na trincheira do Pacifico salvou-me de uma bala alemã na última guerra caro Zippo se este patife não funcionar esse leão vai-me arrancar a cabeça)

Tirou o isqueiro. Apertou-o. O leão avançando para ele, um rosnado, o dedo de Hallorann tremendo no acendedor, uma fagulha, a chama,

(minha mão)

sua mão, encharcada de gasolina, em chamas, o fogo subindo pela manga do casaco, sem dor, sem dor por enquanto, o leão, assustado com a tocha que, de repente, se acendeu a sua frente, uma escultura vegetal com olhos e boca, fugindo, muito tarde.

Tremendo de dor Hallorann encostou o braço em chamas, nos galhos da criatura.

Em poucos minutos toda ela estava em chamas, uma fogueira empinada e tremendo na neve. O leão berrava de raiva e dor, parecendo querer agarrar o rabo em chamas, enquanto ziguezagueava para longe de Hallorann.

Este enfiou o braço bem fundo na neve, apagando o fogo, sem poder tirar os olhos do leão agonizante, nem por um momento. Então, pôs-se de pé. A manga do casaco de Durkin estava chamuscada, mas não queimada e isso se aplicava também à mão. Vinte metros abaixo de onde estava, o leão de folhas transformara-se numa bola de fogo. Faíscas voavam para o céu e eram despedaçadas pelo vento. As costelas e o crânio foram marcadas por uma chama alaranjada e em seguida pareceram cair, desintegrar e cair em pilhas separadas.

(Não se incomode. Vá em frente.)

Pegou a lata de gasolina e a colocou com dificuldade no snowmobile. Seu estado consciente parecia ir e vir, oferecendo-lhe cenas familiares, lampejos apenas. Em uma delas, Hallorana viu-se empurrando o snowmobile para a posição primitiva e se sentando nele, sem fôlego e sem poder mover-se durante alguns momentos. Em outra, ele estava prendendo novamente a lata de gasolina, que ainda estava pela metade. A cabeça latejava terrivelmente, por causa do cheiro da gasolina (e em conseqüência da luta com o leão, supunha), e viu, na neve, que vomitara, mas não se lembrava quando.

O snowmobile, com o motor ainda quente, pegou imediatamente. Apertou o acelerador, e o movimento inicial foi uma série de solavancos, o que fez a cabeça doer ainda com mais força.

A princípio, o snowmobile ziguezagueou, mas o fato de ficar com metade do rosto acima do pára-brisa e exposto ao vento forte, eliminou um pouco a letargia. Apertou mais o acelerador.

(Onde está o resto dos animais de arbustos?)

Não sabia, mas pelo menos não seria apanhado desprevenido novamente.

O Overlook apareceu diante dele, as janelas do primeiro andar iluminado, lançando retângulos amarelos sobre a neve. O portão da entrada estava trancado, e ele o abriu depois de cuidadosamente olhar em volta, rezando para que não tivesse perdido as chaves quando tirou o isqueiro do bolso... não, estavam lá. Apanhou-as ajudado pela luz do farol do snowmobile. Pegou a chave certa e abriu o cadeado, deixando-o cair na neve. A princípio, não achou que fosse conseguir abrir o portão; afastou, aflito, a neve em volta do portão, sem pensar na dor de cabeça e no medo de que outros leões estivessem espreitando. Conseguiu abri-lo cerca de 50 centímetros, esgueirou-se pela abertura e empurrou. Conseguiu abrir mais uns 60 centímetros, espaço bastante para o snowmobile, e o atravessou.

Percebeu movimento adiante na escuridão. Os animais de arbustos, todos eles, estavam agrupados junto aos degraus do Overlook, guardando a entrada e a saída. Os leões espreitavam. O cachorro estava com as patas dianteiras no primeiro degrau.

Hallorann apertou o acelerador, o snowmobile foi à frente, levantando neve atrás. No apartamento do zelador, a cabeça de Jack Torrance sacudiu com o zumbido alto do motor, como o de uma vespa que se aproximava e, de repente, ele começou a se mover laboriosamente para o corredor. A miserável não era importante agora. A miserável podia esperar. Agora era a vez do negro sujo. Esse negro sujo e intrometido se metendo onde não foi chamado. Primeiro ele, depois o filho. Mostraria a eles. Mostraria bem que... que ele... que ele tinha pulso.

Lá fora, o snowmobile voava como um foguete. O hotel parecia lançar-se sobre ele. A neve batia no rosto de Hallorann. O farol iluminou a cara do cão pastor.

Em seguida afastou-se, deixando uma abertura. Hallorann girou o volante com toda a força que lhe restava, e o snowmobile fez uma semicírculo fechado, arremessando nuvens de neve, ameaçando derrubá-lo. A traseira bateu nos pés da escada da varanda e ricocheteou. Num piscar de olhos, Hallorann estava fora, subindo as escadas. Cambaleou, caiu, levantou-se. O cachorro rosnava novamente em sua cabeça - junto dele. Alguma coisa arranhou o ombro do casaco e, em seguida, ele estava na varanda, no corredor estreito que Jack fizera no meio da neve, a salvo. Eles eram muito grandes para caberem ali.

Chegou às grandes portas duplas do saguão e mais uma vez procurou as chaves. Enquanto as buscava, experimentou girar a maçaneta e a porta abriu. Entrou.

- Danny! - gritou, rouco. - Danny, onde está?

Silêncio novamente.

Seus olhos percorreram o saguão até os pés da escada e um suspiro lhe escapou. O tapete estava sujo de sangue. Havia um pedaço de veludo cor-de-rosa. As pegadas de sangue levavam à escada. O corrimão também estava sujo.

- Ó Jesus - murmurou; e levantou a voz novamente. Danny! DANNY!

O silêncio do hotel parecia zombar dele com os ecos.

(Danny? Quem é Danny? Alguém aqui conhece um tal de Danny? Danny, Danny, quem está com Danny? Alguém quer jogar com Danny? Brincar com Danny? Saia daqui, seu preto. Ninguém nunca viu Danny mais gordo.)

Jesus, teria ele passado por tudo aquilo, e chegado muito tarde? Já teria sido feito?

Subiu as escadas correndo, de dois em dois degraus, e parou no primeiro andar. O

sangue ia até o apartamento do zelador. O horror cresceu em suas veias e no cérebro, enquanto começava a andar pelo corredor pequeno. Enfrentar os animais de arbusto tinha sido ruim, mas isto era pior. No fundo, tinha certeza do que iria encontrar, quando chegasse.

Não tinha pressa em ver.

Jack estava escondido no elevador, quando Hallorantt subiu as escadas. Pôs-se por trás da figura de casaco coberto de neve, como um fantasma ensangüentado, com um sorriso nos lábios. O taco de rogue estava levantado tão alto quanto a dor feia e dilacerante que sentia nas costas

(??a miserável me espetou não me lembro??)

permitia.

- Preto - murmurou. - Vou-lhe ensinar a não se meter com a vida dos outros.

Hallorann ouviu o assobio e se voltou, baixou a cabeça, e o taco de roque o atingiu. O capuz do casaco amorteceu a pancada, mas não o bastante. Um foguete explodiu em sua cabeça e ele viu estrelas... e depois nada.

Ele tombou sobre o papel de parede de seda e Jack atacou-o novamente, o taco cortando os lados desta vez, quebrando 0 osso da face de Hallorann e a maior parte dos dentes do lado esquerdo. Tombou.

- Agora - murmurou Jack. - Agora, por Deus. - Onde estava Danny? Tinha negócios a acertar com o filho desobediente.

Três minutos depois, a porta do elevador batia no escuro terceiro andar. Jack Torrance estava ali sozinho. O carro parara abaixo do piso, e foi preciso que ele desse um impulso para sair no terceiro andar, contorcendo-se de dor como um aleijado. Arrastava o taco lascado. No telhado, o vento assobiava e uivava. Jack virou os olhos. Havia sangue e confete em seu cabelo.

O filho estava ali em cima em algum lugar. Podia sentir. Deixado sozinho, faria qualquer coisa: riscar o elegante papel de parede de seda com os lápis de cor, estragar os móveis, quebrar as janelas. Era um mentiroso e um trapaceiro, e teria que ser castigado... severamente.

Jack Torrance fez esforço para se pôr de pé.

- Danny? - chamou. - Danny, venha cá um minuto, por favor. Você fez uma coisa errada e eu quero que venha e tome seu remédio como um homem. Danny? Danny!

54

TONY

(Danny...)

(Danniii...)

Escuridão e corredores. Andava pela escuridão e corredores que eram como os que passavam por dentro do corpo do hotel, mas de alguma forma eram diferentes. As paredes forradas de papel de seda eram altas, e mesmo levantando a cabeça Danny não conseguia ver o teto. Estava perdido no infinito. Todas as portas estavam trancadas, e elas também se perdiam no infinito. Abaixo dos olhos mágicos (nestas portas gigantes eram do tamanho de uma alça de mira), pequenas caveiras e ossos cruzados estavam aparafusados em cada porta, no lugar de números de apartamentos.

E em algum lugar, Tony o chamava.

(Dannniii...)

Houve um ruído de batidas, Deus bem sabia, e gritos roucos, ao longe. Não conseguia entender bem palavra por palavra, mas agora conhecia o texto muito bem. Já o ouvira antes, em sonhos e acordado.

Parou, um menino pequeno com menos de três anos, de fraldas e tentou decifrar onde estava, onde poderia estar. Havia medo, mas um medo suportável. Sentira medo todos os dias, fazia agora dois meses, a um nível que ia de simples inquietação até terror incrível. Este ele suportava. Mas queria saber por que Tony viera, pois a forma como dizia seu nome não era parte nem das coisas reais, nem da terra de sonhos onde Tony, às vezes, lhe mostrava coisas. Por que, onde...

- Danny.

Lá embaixo no corredor gigante, quase tão pequena quanto 0 próprio Danny, estava uma figura escura. Tony.

- Onde estou? - gritou, suave, para Tony.

- Dormindo - disse Tony. - Dormindo no quarto de sua mãe e de seu pai. - Havia tristeza na voz de Tony. - Danny, sua mãe vai ser muito machucada. Talvez seja morta. O Sr. Hallorann também.

- Não!

O menino gritou com uma tristeza distante; um terror que parecia abafado peto

ambiente de sonho e melancolia. No entanto, imagens de morte apareciam: um sapo morto pregado na estrada como uma estampa horrível; o relógio quebrado do pai por cima de uma caixa de sucata para ser jogado fora; túmulos com uma pessoa morta em cada um; um gaio morto junto a um poste telefônico; as sobras que a mãe raspava dos pratos caindo na boca escura da lixeira.

Não conseguia comparar estes símbolos simples com a realidade complexa de sua mãe; ela satisfazia sua definição infantil de eternidade. Ela foi quando ele ainda não era. Ela continuaria a ser quando ele deixasse novamente de ser. Danny aceitava a possibilidade de sua própria morte, convivia com isso desde o encontro no Apartamento 217.

Mas não a dela.

Não a de Papai.

Nunca.

Começou a se debater, e a escuridão e o corredor começaram a tremular. A forma de Tony tornou-se quimérica, indistinta.

- Não - gritou Tony. - Não faça isso, Danny!

- Ela não vai morrer! Não vai!

- Então, você tem que ajudá-la. Danny... você está num lugar profundo em sua mente. No lugar onde estou. Sou parte de você, Danny.

- Você é Tony. Você não é o meu eu. Quero Mamãe... quero Mamãe...

- Eu não lhe trouxe aqui, Danny. Você mesmo se trouxe. Porque sabia.

- Não...

- Sempre soube - prosseguiu Tony, e começou a se aproximar. Pela primeira vez, Tony começou a se aproximar. - Está mergulhado no fundo de você mesmo, num lugar onde nada penetra. Estamos sozinhos aqui, por algum tempo, Danny. Este é um Overlook onde ninguém pode vir nunca. Aqui, os relógios não funcionam. Nenhuma chave serve para lhes dar corda. As portas nunca foram abertas, e ninguém nunca ficou nos apartamentos. Mas você não pode ficar por muito tempo. Porque está chegando .

- É ... - sussurrou Danny, com medo, e ao fazê-lo um ruído irregular de batidas parecia .aproximar-se, mais alto. O terror, frio e distante de há poucos momentos, tornou-se uma coisa imediata. Agora, as palavras saíam. Roucas, desprezíveis; eram proferidas numa imitação grosseira da voz de seu pai, mas não era seu pai. Sabia disso agora. Sabia.

(Você mesmo se trouxe. Porque sabia.)

- Oh, Tonny, é meu pai? - gritou Danny. - É meu pai, que está vindo pegar-me?

Tony não respondeu. Mas Danny não precisava de resposta. Sabia. Houve aqui uma festa longa e horrível de máscaras, e que continuava durante anos. Aos poucos uma força adveio, tão secreta e silenciosa quanto juros numa conta bancária. Força, presença, forma eram todas apenas palavras e nenhuma delas era importante. Usavam muitas máscaras, mas era só um. Agora, em algum lugar, vinha em sua direção. Escondia-se por trás do rosto de Papai, imitava a voz de Papai, usava as roupas de Papai.

Mas não era Papai.

Não era seu pai.

- Tenho que ajudá-los! - gritou.

E agora Tony estava exatamente a sua frente, e olhar para Tony era como se olhar num espelho mágico e se ver daí a 10 anos, os olhos muito grandes e muito escuros, o queixo firme, a boca bem traçada. O cabelo louro como o de sua mãe, mas os traços eram os do pai, como se Tony - como se Daniel Anthony Torrance que um dia seria - fosse um rapazola, misto de pai e filho, um fantasma de ambos, uma fusão.

- Tem que tentar ajudar - disse Tony. - Mas seu pai... ele está com o hotel agora, Danny. É onde ele quer estar. O hotel quer você também, porque é muito ganancioso.

Tony passou por ele, entrando nas sombras.

- Espere! - gritou Danny. - O que posso...

- Ele está perto agora - disse Tony ainda indo embora. 'Irem que correr... esconder-se... ficar longe dele. Ficar longe.

- Tony, não posso!

- Mas já começou - disse Tony. - Vai lembrar-se daquilo que seu pai esqueceu.

Desapareceu.

E de algum lugar ali perto vinha a voz de seu pai, aduladora.

- Danny? Pode sair, doutor. É só uma surrinha. Só. Aceite-a como um homem, e pronto. Não precisamos dela, doutor. Só eu e você, certo? Quando deixarmos esta pequena... surra... atrás de nós, seremos apenas eu e você.

Danny correu.

Atrás dele, o gênio da coisa rompeu a normalidade fingida.

- Venha cá, seu merdinha! Agora!

Correu por um corredor comprido, ofegando. Dobrou para outro corredor. Subiu um lance de escada. E enquanto passava, as paredes que eram tão altas e distantes começaram a baixar; o tapeie, que era apenas um borrão sob seus pés, readquiriu os traços sinuosos do desenho preto e azul; as portas voltaram a ser numeradas e por trás delas as festas intermináveis povoadas de gerações de hóspedes. A atmosfera parecia estar sombria a sua volta, as batidas do taco contra as paredes ecoando. Ele parecia estar rompendo uma placenta fina do útero para o tapete da Suíte Presidencial no terceiro andar; deitados perto dele, em meio a uma quantidade enorme de sangue, estavam os corpos de dois homens de terno e gravatas estreitas. Vinham sido assassinados a tiros e agora começavam a se mexer diante dele e a se levantar.

Encheu os pulmões para gritar, mas não gritou.

(!!ROSTOS FALSOS!! NÃO VERDADEIROS!!)

Desvaneceram-se como fotografias velhas, e desapareceram.

Mais abaixo, o som distante do taco contra as paredes continuava, subindo pelo poço do elevador e pelas escadas. A força dominadora do Overlook, na forma de seu pai, batendo-se no primeiro andar..

Uma porta abriu com um ranger, atrás dele.

Uma mulher em decomposição com um vestido podre de seda apareceu, os dedos amarelados e quebrados, cobertos de anéis cheios de azinhavre. Vespas gordas passeavam sobre seu rosto.

- Venha - disse-lhe baixinho, sorrindo com os lábios negros. - Venha e dançareeeemos o taaaango...

- Rosto falso!! - gritou Danny. - Não verdadeiro! - Ela se afastou alarmada, e ao se afastar foi sumindo e desapareceu.

- Onde está? - gritou a coisa, mas a voz estava tão-somente em sua cabeça. Podia ainda ouvir a coisa que usava o rosto de Jack no corredor do primeiro andar... e mais alguma coisa.

O ruído alto de um motor se aproximando.

Danny ficou sem fôlego. Seria mais uma faceta do hotel, uma outra ilusão? Ou seria Dick? Queria - queria desesperadamente acreditar - que fosse Dick, mas não se atrevia a

arriscar.

Foi para o corredor principal, e entrou então em ..iin dos pequenos corredores, os pés deslizando no pêlo do tapete. As porcas trancadas exprimiam-lhe desagrado, como faziam em sonhos, em visões, só agora estava no mundo de coisas reais, onde o jogo era pra valer.

Virou para a direita e vacilou, o coração batendo forte no peito. Calor tomava conta de seus tornozelos. Do aquecedor, naturalmente. Hoje devia ser o dia de Papai esquentar- a ala oeste e

(Vai lembrar-se daquilo que seu pai esqueceu)

O que era? Quase sabia. Algo que salvaria a mãe e a ele? Mas Tony disse que ele teria que fazer sozinho. O que era?

Encostou-se na parede, tentando desesperadamente pensar. Era tão difícil... o hotel ficava tentando entrar em sua cabeça... a imagem daquela forma escura e arrasada, sacudindo o taco de um lado para o outro, arrancando o papel de parede... desprendendo poeira branca do gesso.

- Ajude-me - sussurrou. - Tony, ajude-me.

E de repente percebeu que o hotel estava em silêncio mortal. O ruído do motor gessara

(não deve ter sido verdadeiro)

e os ruídos da festa acabaram, e só havia o vento, assobiando sem-fim.

O elevador zumbiu.

Subia.

E Danny sabia quem - o que - estava lá dentro.

Firmou-se nos pés, os olhos arregalados. O pânico invadiu seu coração. Por que Tony o mandara para o terceiro andar? Estava numa ratoeira aqui em cima. Todas as portas estavam trancadas.

O sótão!

Havia um sótão, ele sabia. Viera aqui com o pai no dia que ele espalhou as ratoeiras lá em cima. Não deixara Danny subir com ele, por causa dos ratos. Temia que o filho fosse mordido. Mas a porta do sótão ficava no teto do último corredorzinho desta ala. Havia uma vara encostada na parede. O pai abrira a porta com a vara. Houve um zumbido de contrapeso, quando a porta abriu e uma escada baixara. Se conseguisse subir e tirar a

escada...

Em algum lugar no labirinto de corredores atrás dele, o elevador parou. Houve um ruído- metálico, quando a grade foi empurrada. E em seguida a voz - não em sua cabeça agora, mas terrivelmente real - chamando.

- Danny? Danny, venha cá um minuto, faça o favor. Fez uma coisa errada e quero que você venha tomar seu remédio, come: um homem. Danny? Danny.

A obediência estava tão arraigada nele, que chegou a dar dois passos automaticamente em direção ao som daquela voz, até que parou. Cerrou as mãos.

(Não é verdadeiro! Rosto falso! Sei o que você é! Tire a máscara!)

- Danny! - berrava. - Venha cá, seu fedelho! Venha cá e o tome como um homem! - Um estrondo surdo e alto quando 0 taco atingiu a parede. Quando a voz berrou seu nome, novamente mudara de lugar. Aproximava-se.

No mundo de coisas reais, a caçada começava.

Danny correu. Pés silenciosos no tapete grosso, passava correndo pelas portas dos apartamentos, pelo papel de parede de seda, pelo extintor de incêndios pregado no canto do corredor. Hesitou, e em seguida, mergulhou no último corredor. Nada no final, a não ser uma porta com ferrolho, e mais nenhum lugar para onde correr.

Mas a vara ainda estava lá, ainda encostada na parede onde o pai a deixara.

Danny apanhou-a. Levantou a cabeça para ver a porta. Havia um gancho na ponta da vara e era preciso enfiá-lo numa argola que havia na porta. Era preciso...

Havia um cadeado novinho balançando, que Jack Torrance colocara no ferrolho depois de ter espalhado as ratoeiras, no caso de o filho resolver vir explorar o lugar qualquer dia.

Trancado. O terror tomou conta dele.

Atrás, a coisa se aproximava, desajeitada e cambaleante em frente à Suíte Presidencial, o taco assobiando no ar.

Danny recuou, encostando-se na última porta trancada à espera.

55

O QUE FOI ESQUECIDO

Wendy voltou a si, a inconsciência desvanecendo, a dor tomando seu lugar: as costas, a perna, o lado... não achava que fosse possível mexer-se. Até os dedos doíam, e a principio não sabia por quê.

(A lâmina de gilete, era isso.)

O cabelo louro, molhado e embaraçado, caía-lhe nos olhos. Levantou-o, e as costelas espetaram lá dentro, fazendo-a gemer. Via agora um pedaço de colchão azul e branco, sujo de sangue. O sangue dela, ou talvez o de Jack. De qualquer forma ainda estava fresco. Não ficara muito tempo desacordada. E isso era importante porque...

(?Por quê?)

Porque...

Primeiro, lembrou-se do zumbido do motor como se fosse um inseto. Por um momento fixou-se estupidamente na memória, e então num ataque vertiginoso e nauseante, sua mente parecia faiscar de volta, mostrando-lhe tudo de uma vez.

Hallorann. Deve ter sido Hallorann. Por qual outro motivo Jack sairia tão de repente, sem acabar... sem acabar com ela?

Porque não estava mais tranqüilo. Ele tinha quê encontrar Danny rapidamente e... e fazê-lo antes que Hallorann o impedisse.

Ou será que já tinha acontecido?

Podia ouvir o zumbido do elevador subindo pelo poço.

(Não Deus por favor não o sangue o sangue ainda está fresco não permita que já tenha acontecido.)

De algum modo, conseguiu pôr-se de pé e cambalear pelo quarto e pelas ruínas da sala até a porta quebrada. Abriu-se e foi ao corredor.

- Danny! - gritou, contorcendo-se com a dor no peito. Sr. Hallorann! Há alguém aí? Alguém?

O elevador corria novamente e parou. Ouviu o ruído metálico da grade sendo aberta e, logo em seguida, uma voz falando. Devia ser sua imaginação. O vento estava muito alto para poder realmente saber.

Encostada na parede, conseguiu chegar ao corredor principal. Estava quase virando quando o grito paralisou-lhe, pairando na escada e no poço do elevador:

- Danny! Venha cá, seu fedelho! Venha cá e o fome como um homem!

Jack. No segundo ou terceiro andar. Procurando por Danny.

Dobrou o corredor, perdeu o equilíbrio, quase caiu. Sem fôlego. Alguma coisa

(alguém?)

encostada na parede a alguns passos da escada. Arrastou-se mais depressa, contorcendo-se toda vez que seu peso caía sobre a perna machucada. Era um homem, viu, e ao se aproximar entendeu o significado do zumbido do motor.

Era o Sr. Hallorann. Finalmente chegara.

Ajoelhou-se ao lado dele, orando incoerentemente para que não estivesse morto. O nariz de Hallorann sangrava, e uma terrível placa de sangue saíra de sua boca. O lado do rosto era um hematoma inchado. Mas respirava, graças a Deus. A respiração vinha em suspiros longos, que lhe sacudiam o corpo.

Ao olhá-lo mais de perto, os olhos de Wendy arregalaram-se.

Uma das mangas do casaco que cie usava escava preta e chamuscada. Um dos lados estava rascado. Havia sangue no cabelo e um arranhão superficial, mas feio, na nuca.

(Meu Deus, o que aconteceu com ele?)

- Danny! - a voz rouca berrava em cima deles. - Venha cá, desgraçado!

Não havia tempo para reflexões. Começou a sacudi-lo, o rosto contraindo com a dor nas costelas. Sentia um de seus lados inchado e quente.

(E se estiverem perfurando o pulmão quando me mexo?)

Não podia fazer nada, também. Se Jack encontrasse Danny, matá-lo-ia, bateria nele até morrer com aquele taco, como tentara fazer com ela.

Sacudiu Hallorann, e começou a dar tapas no lado do rosto que não estava machucado.

- Acorde - disse. - Sr. Hallorann, precisa acordar. Por favor... por favor...

Lá de cima, as incansáveis batidas do taco, enquanto Jack procurava o filho.

Danny ficou encostado na porta, olhando o ângulo reto onde os corredores se encontravam. As batidas constantes e irregulares do taco contra as paredes ficaram mais altas. A coisa que o caçava gritava, uivava e xingava. Sonho e realidade se encontraram sem distinção.

Dobrou o corredor.

De certa forma, o que Danny sentiu foi alívio. Não era seu pai. A máscara do rosto e corpo fora arrancada e partida e transformou-se numa brincadeira de mau gosto. Não era seu pai, não este Show de Horror de Sábado à Noite com os olhos virados, ombros curvados e pesados, e camisa ensopada de sangue. Não era seu pai.

- Ora, por Deus - suspirou. Enxugou os lábios com a mão trêmula. - Agora você vai saber quem manda aqui. Vai ver. Não é você que eles querem. É a mim. A mim! A mim!

Bateu o taco já semi-destruído, disforme pelos inúmeros impactos. Atingiu a parede, cortando um círculo no papel de parede de seda. Poeira de gesso espalhou-se. A coisa começou a sorrir.

- Vamos ver se você faz aqueles seus truques agora - murmurou. - Não nasci ontem, sabe. Não fui encontrado na porta da igreja, por Deus. Vou cumprir meu dever de pai, menino.

- Você não é meu pai - falou Danny.

A coisa parou. Por um momento, ficou, na realidade, incerta, como se não estivesse segura de quem ou o que era. Depois, começou a andar novamente. O taco, assobiando, bateu numa porta e provocou um estrondo surdo.

- Mentiroso - disse. - Quem mais eu poderia ser? Tenho as duas marcas registradas, o umbigo e até o peru, meu rapaz. Pergunte a sua mãe.

- Você é uma farsa - disse Danny. - Simplesmente um rosto falso. A única razão que o hotel precisa para usá-lo é que você não está tão morto quanto os outros. Mas quando não tiver mais nada a tratar, você não será absolutamente nada. Você não me apavora.

- Vou apavorá-lo! - berrou a coisa. O taco bateu com força no. chão, entre os pés de Danny. O menino não se mexeu. - Você mentiu a meu respeito. Você fez um pacto com ela! Vocês tramaram contra mim! Você foi desonesto! Colou no exame final! - Os olhos se iluminaram debaixo das sobrancelhas espessas. Havia neles uma expressão demente. - Vou descobrir. Está lá embaixo no porão. Vou encontrar. Eles me prometeram que eu poderia olhar tudo que eu quisesse. - Ergueu o taco mais uma vez.

- Sim, prometeram - retrucou Danny. - Mas estão mentindo.

O taco hesitou no ar.

Hallorann começara a voltar a si, e Wendy parara de dar tapinhas em seu. rosto. Alguns momentos atrás, as palavras Você foi desonesto! Colou no exame final! flutuaram pelo

poço do elevador, longe, quase inaudível na ventania. De algum lugar no fundo da ala oeste. Estava praticamente convencida de que estavam no terceiro andar e que Jack - o que quer que tivesse possuído Jack - encontrara Danny. Não havia nada que ela ou Hallorann pudessem fazer agora.

- Oh, doutor - murmurou Wendy. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

- Filho da puta, quebrou meu maxilar - resmungou Hallorann, com voz grossa. - E minha cabeça... - Tentou sentar-se. O olho esquerdo enegrecia rapidamente e inchava. Ainda assim, viu Wendy.

- Sra. Torrance...

- Shhhh - fez ela.

- Onde está o menino, Sra. Torrance?

- No terceiro andar - - respondeu Wendy. - Com o pai.

- Estão mentindo - falou Danny, novamente. Algo passara por sua cabeça, claro como um meteoro, muito rápido, muito claro para poder ser segurado. Só o rabo do pensamento sobrou.

(está lá embaixo no porão em algum lugar)

(vai lembrar-se daquilo que seu pai esqueceu)

- Você... você não devia falar assim com seu pai - disse a coisa, com voz rouca. O tacou tremeu e baixou. - Só está piorando as coisas para você mesmo. Seu... seu castigo. Pior. - Cambaleou como um bêbado e olhou para Danny fixamente com autocompaixão que começou a se transformar em ódio. O taco começou a se erguer novamente.

- Você não é meu pai - disse Danny, novamente. - E se existe algum resto de meu pai dentro de você, este resto sabe que eles estão mentindo. Tudo é mentira e um embuste. Como o jogo com o dado viciado que meu pai colocou no meu sapato no Natal passado, como os presentes que põem nas vitrinas e que meu pai diz que não há nada dentro, nenhum presente, são só caixas vazias. Só para enfeitar, meu pai diz. Você é uma coisa, não meu pai. Você é o hotel. E quando conseguir o que quer, não vai dar nada a meu pai, porque você é egoísta. E meu pai sabe disso. Você teve de fazê-lo beber a Coisa Feia. Só assim conseguiu conquistá-lo, sua careta mentirosa.

- Mentiroso! Mentiroso! - As palavras saíam em gritos fortes. O taco balançou no ar.

- Vá, bata. Nunca vai conseguir de mim o que você quer.

O rosto, na frente dele, modificou-se. Era difícil dizer como; não houve mudança de

traços fisionômicos. O corpo tremeu um pouco, e então as mãos ensangüentadas se abriram curro garras quebradas. O taco caiu e bateu no tapete. Foi só. Mas de repente seu pai estava ali, olhando para ele em agonia mortal, e com uma tristeza tão grande que o coração de Danny se inflamou dentro do peito. A boca arqueou.

- Doutor - disse Jack Torrance. - Vá embora correndo. Rápido. E lembre-se do quanto eu o amo.

- Não - falou Danny.

- Oh Danny, pelo amor de Deus...

- Não - repetiu Danny. Segurou uma das mãos ensangüentadas do pai e beijou-a. - Está quase terminado.

Hallorann pôs-se de pé apoiando as costas na parede e se empurrando. Ele e Wendy se entreolharam como sobreviventes de um hospital bombardeado.

- Precisamos ir lá em cima - disse ele. - Precisamos ajudá-lo.

Os olhos assombrados no rosto pálido de Wendy fixaram-se nos dele.

- Já é tarde - falou Wendy. - Agora, só ele pode ajudar-se.

Um minuto se passou, depois dois. Três. E então ouviram a coisa gritando, não de raiva ou triunfo agora, mas de terror mortal.

- Santo Deus - sussurrou Hallorann. - O que está acontecendo?

- Não sei - respondeu ela.

- Matou Danny?

- Não sei.

O elevador voltou a funcionar e começou a descer com a coisa raivosa engaiolada no interior.

Danny ficou imóvel. Não havia um lugar para onde corresse em que o Overlook não estivesse. Compreendeu de repente, total e claramente. Pela primeira vez na vida tivera um pensamento adulto, um sentimento adulto, a essência de sua experiência neste lugar ruim... uma triste experiência:

(Mamãe e Papai não me podem ajudar e estou sozinho.)

- Vá embora - disse o menino ao estranho ensangüentado a sua frente. - Vá. Saia daqui.

Inclinou-se, exibindo o cabo da faca nas costas. Suas mãos fecharam-se em volta do taco novamente, mas, ao invés de apontar para Danny, inverteu, apontando o lado duro do taco para seu próprio rosto.

O entendimento chegou rápido a Danny.

Então, o taco começou a subir e descer, destruindo a última imagem de Jack Torrance. A coisa no corredor dançava uma estranha e confusa polca, o ritmo marcado pelo hediondo taco batendo vezes seguidas. Sangue sujou o papel de parede. Pedaços de osso saltaram no ar como teclas de piano quebradas. Era impossível dizer quanto tempo se passou. Mas quando voltou sua atenção para Danny, seu pai desaparecera para sempre. O que restou do rosto tornou-se uma estranha composição, muitos rostos misturados em um. Danny viu a mulher do 217; o homem-cachorro; o menino faminto que estava no anel de concreto.

- Máscaras tiradas, então - murmurou a coisa. - Não mais interrupções.

O taco ergueu-se uma última vez. Um tique-taque encheu os ouvidos de Danny.

- Alguma coisa mais a dizer? - perguntou a coisa. - Tem certeza de que não quer correr? Brincar de pique, talvez? Tudo o que temos é tempo, você sabe. Uma eternidade de tempo. Ou devemos ficar por aqui? Tanto faz. Afinal de contas, estamos perdendo a festa.

Sorriu com um dente quebrado.

E lhe ocorreu. O que o pai esquecera.

Um triunfo repentino encheu-lhe o rosto; a coisa viu e hesitou confusa.

- A caldeira! - gritou Danny. - Desde esta manhã não foi regulada! Está subindo! Vai explodir!

Uma expressão grotesca de terror e crescente percepção apossou-se da coisa semidestruída, diante dele. O taco caiu de suas mão que ricocheteou inofensivamente no tapete preto e azai.

- A caldeira - gritou a coisa. - Oh, não! Isso não pode ser! Claro que não! Não! Seu fedelho desgraçado! Claro que não! Oh, oh, oh...

- Sim! - gritou Danny, com força. Começou a saltitar diante da coisa arruinada. - A qualquer momento! Eu sei! A caldeira, Papai esqueceu a caldeira! E você esqueceu, também!

- Não, oh não, não pode, não pode, seu menino sujo, farei você tomar o remédio, farei

você tomar até a última gota, oh não, oh não...

De repente, virou-se de costas e começou a se afastar. Por um momento, sua sombra balançou na parede, crescendo e minguando. Deixava gritos como rastros, como serpentinas desenroladas.

Momentos depois, o elevador funcionava.

De repente, a luz interior estava sobre ele

(mamãe Sr. Hallorann dick os meus amigos juntos vivos estão vivos precisam sair vai explodir vai explodir até o céu)

como um nascer de sol brilhante e forte, e ele correu. Um pé chutou o taco de roque ensangüentado e deformado para o lado.

Não percebeu.

Chorando, desceu as escadas.

Precisavam sair.

56

A EXPLOSÃO

Hallorann não sabia como as coisas evoluíram depois disso. Lembrava-se de que o elevador descera passando por eles, sem parar, e que alguma coisa estava lá dentro. Mas não fez nenhum esforço para tentar ver através da pequena Janela, pois o que lá estava não parecia humano. Minutos depois, houve pés correndo na escada. Wendy Torrance, a princípio, encolheu-se na direção dele, e depois começou a cambalear pelo corredor principal em direção às escadas o mais depressa possível.

- Danny! Danny! Ó, graças a Deus! Graças a Deus!

Acolheu-o num abraço, gemendo de alegria e de dor.

(Danny.)

Danny olhou para ele por cima dos ombros da mãe, e Hallorann notou como o menino havia mudado. O rosto estava pálido e aflito, os olhos escuros e insondáveis. Parecia mais magro. Olhando os dois juntos, Hallorann achou que a mãe parecia mais nova, apesar da surra terrível que levara.

(Dick - precisamos ir - correndo - o lugar - vai)

Quadro do Overlook, chamas saltando do telhado. Tijolos caindo na neve. Alarme de incêndio... não que algum caminhão do corpo de bombeiros pudesse chegar aqui em cima muito antes do fim de março. O que vinha mais do pensamento de Danny era um sentido de urgência imediata, uma sensação de que iria acontecer a qualquer momento.

- Muito bem - falou Hallorann. Caminhou em direção aos dois, e, no começo, foi como nadar no fundo d'água. Seu equilíbrio estava uma merda, e o olho direito estava fora de foco. O maxilar latejava até às têmporas e descia ao pescoço, sentia a face tão grande quanto um repolho. Mas a urgência do menino o movia, e tornava o movimento mais fácil.

- Muito bem? - perguntou Wendy. Olhou Hallorann e o filho e, de volta, Hallorann. - O que quer dizer com muito bem.

- Precisamos ir - falou Hallorann.

- Não estou vestida... minhas roupas...

Danny soltou-se de seus braços e correu pelo corredor. Ela o acompanhou com os olhos, e quando ele desapareceu no encontro dos dois corredores, voltou os olhos para Hallorann.

- E se ele voltar?

- Seu marido?

- Ele não é Jack - murmurou Wendy. - Jack está morto. Este lugar o matou. Este maldito lugar. - Bateu com as mãos na parede e gritou, pois seus dedos cortados doeram. - É a caldeira, não é?

- É sim, senhora. Danny diz que vai explodir.

- Muito bem. - A palavra saiu carregada de ódio. - Não sei se posso descer esta escada novamente. Minhas costelas... ele quebrou minhas costelas. E alguma coisa em minhas costas. Está doendo.

- Vai conseguir - falou Hallorann. - Vamos conseguir. - Mas, de repente se lembrou dos animais de arbusto, e imaginou o que fariam se estivessem guardando a saída.

Danny voltava. Trazia as botas de Wendy, casaco e luvas, e também seu casaco e luvas.

- Danny - disse a mãe. - Sua botas.

- Tarde demais - respondeu o menino. Seus olhos fixaram-se neles com uma espécie de

loucura desesperada. Olhou para Dick e, de repente, a mente de Hallorann se fixou na imagem de um relógio sob uma redoma de vidro, o relógio do salão de baile que fora doado por um diplomata suíço em 1949. Os ponteiros do relógio marcavam um minuto para a meia-noite.

- Ó meu Deus - exclamou Hallorann. - Ó meu Santo Deus.

Passou um braço em volta de Wendy e a levantou. Passou o outro braço em volta de Danny. Correu para a escada.

Wendy gritou de dor, quando ele apertou suas costelas quebradas, como se alguma coisa estivesse sendo triturada, mas Hallorann não diminuiu o passo. Atirou-se pela escada com os dois nos braços. Um olho arregalado e desesperado, o outro inchado e miúdo como uma fresta. Parecia um pirata de um olho só, raptando reféns para serem resgatados depois.

De repente, ã luz interior tomou conta dele, e entendeu o que Danny quis dizer quando falou que era tarde demais. Podia sentir a explosão pronta para ribombar no porão e rasgar as entranhas deste lugar horroroso.

Correu mais depressa, e passou pelas portas duplas.

A coisa correu pelo porão e entrou no brilho amarelo pálido da sala da fornalha. Babava de medo. Estivera tão perto, tão perto de arrebatar o menino com seu poder terrível. Não poderia perder agora. Não podia acontecer. Regularia a caldeira e depois castigaria o menino severamente.

- Não podia acontecer - gritou. - Oh não, não podia acontecer!

Cambaleava para a caldeira, que tinha um brilho vermelho na metade de seu corpo tubular. Ela soprava, chocalhava e assobiava vapores em centenas de direções, como um aerofone. O ponteiro do manômetro estava na ponta do marcador.

- Não, não será permitido! - gritou o gerente/zelador.

Colocou as mãos de Jack Torrance na válvula, ignorando 0 cheiro de queimado que se espalhava ou o ressecar da pele enquanto a roda incandescente afundava, como que num sulco de lama.

A roda cedeu e, com um grito triunfante, a coisa girou-a com força. Um assobio gigante de vapor escapando saiu da caldeira, uma dúzia de dragões assobiando em concerto. Mas antes de o vapor obscurecer a agulha do manômetro totalmente, o ponteiro começou visivelmente a balançar.

- VENCI! - gritou. .Saltava de contentamento na névoa quente que se erguia, sacudindo as mãos queimadas sobre a cabeça. - NÃO TÃO TARDE! VENCI! NÃO TÃO

TARDE! NÃO...

As palavras transformaram-se em um grito de triunfo, e o grito foi engolido no estrondo da explosão da caldeira do Overlook.

Hallorann atirou-se pelas portas duplas e carregou os dois pela trincheira de neve da varanda. Viu claramente os animais, mais claro do que nunca, e quando caiu em si de que seu medo fazia sentido, pois os animais estavam entre a varanda e o snowmobile, o hotel explodiu. Pareceu-lhe que tudo aconteceu de uma vez, apesar de depois descobrir que não poderia ter sido assim.

Houve uma explosão, um som que parecia existir em uma nota baixa, difusa

(WHUMMMMMMMM...)

e, em seguida, houve um sopro de vento quente em suas costas, que parecia empurrá-los de leve. Foram atirados da varanda, os três e um pensamento confuso

(é assim que o super-homem deve sentir-se)

passou pela mente de Hallorann, enquanto eles voavam no ar. O cozinheiro os soltara. Perdeu o controle sobre mãe e filho, e, em seguida, chocou-se brandamente com a neve. Esta entrou por debaixo de sua camisa e no nariz, percebendo Hallorann, então, como era agradável em contato com seu rosto ferido.

Após, com esforço, conseguiu subir o monte de neve, não pensando, nesse momento, nos animais de arbustos, nem em Wendy Torrance, ou sequer no garoto. As invés disso, voltou o corpo para ver a destruição final do hotel.

As janelas do Overlook se despedaçaram.

No salão de baile, a redoma do relógio partiu-se em dois e caiu no chão. O relógio parou de funcionar: suas peças ficaram imóveis. Houve um suspiro, um sussurro e uma grande onda de poeira. No 217, a banheira de repente partiu-se em dois, expelindo uma pequena torrente de água esverdeada de cheiro ruim. Na Suíte Presidencial, o papel de parede de repente explodiu em chamas. As dobradiças da porta de vaivém do Salão Colorado subitamente se partiram, e a porta caiu no chão no restaurante. Adiante do arco do porão, as grandes pilhas e pacotes de papel velho se incendiaram e subiram como assobio de maçarico. Água quente rolou sobre as chamas sem apagá-las. Como folhas de outono queimadas debaixo de um ninho de vespas, elas giravam e escureciam tudo. A fornalha explodiu, partindo o teto do porão, derrubando-o como ossos de um dinossauro. O propulsor de gás que alimentara a fornalha, destampado agora, erguia-se num mastro escandaloso de chamas pelo soalho rachado do saguão. O tapete nos degraus foi tomado pelas chamas que subiam ao primeiro andar rapidamente, como se quisessem dar as espantosas notícias. Uma fuzilaria de explosões rasgou o ar. O lustre no restaurante, como uma bomba de cristal de 100 quilos, caiu em estilhaços,

derrubando mesas para todos os lados. As chamas eram vomitadas pelas cinco chaminés do Overlook em direção às nuvens.

(Não! Não pode! Não pode! NÃO PODE!)

A coisa berrava; gritava, mas agora estava sem voz e só gritava pânico, condenação e desgraça em seu próprio ouvido, dissolvendo, perdendo o pensamento e a força, a trama se desintegrando, buscando sem encontrar caminho, saindo, saindo, voando, saindo para o vazio, o nada, esfarelando-se.

A festa acabou.

57

A SAÍDA

O estrondo sacudiu toda a fachada do hotel. Vomitou vidro na neve, onde ficava brilhando como diamantes. O cachorro de folhas que se estava aproximando de Danny e sua mãe, recuou, as orelhas de sombras caídas, o rabo entre as pernas, as ancas desarmadas. Em sua cabeça, Hallorann ouviu o cão ganir de medo e, misturado a isso, estava o miado medroso e confuso dos gatos grandes. Esforçou-se para se pôr de pé e ir até os outros dois e ajudá-los, e ao fazê-lo viu algo mais horrendo do que o resto: o coelho, ainda coberto de neve, debatia-se contra a cerca do fundo do playground, e a rede de arame tilintava uma música horrenda, como uma cítara fantasmagórica. Mesmo aqui ouvia os sons dos galhos, que formavam seu corpo, estalarem como ossos quebrados.

- Dick! Dick! - gritou Danny. Tentava sustentar a mãe, ajudá-la a tomar o snowmobile. As roupas que carregara para os dois estavam espalhadas pelo chão. Hallorann de repente percebeu que a mulher estava de roupa de dormir e Danny, sem casaco, sob uma temperatura de 25 graus abaixo de zero.

(meu deus ela está descalça)

Caminhou com dificuldade pela neve, apanhando o casaco, as botas de Wendy, o casaco e as luvas de Danny. Em seguida, correu para eles, afundando as pernas na neve, de vez em quando tendo que se debater para sair.

Wendy estava terrivelmente pálida, o lado do pescoço coberto de sangue, sangue que agora se congelara.

- Não posso - murmurou ela. Estava semiconsciente. Não, eu... não posso. Sinto muito.

Danny olhou para Hallorann, suplicante.

- Ela vai melhorar - disse Hallorann, e carregou-a novamente. - Vamos.

Os três conseguiram chegar onde o snowmobile rodopiara e atolara. Hallorann colocou a mulher no banco de acompanhante e lhe vestiu o casaco. Levantou-lhe os pés - apresentavam-se frios, mas ainda não estavam congelados - e os esfregou com o casaco de Danny antes de calçar as botas. O rosto de Wendy estava pálido como alabastro, os olhos semicerrados e esgazeados, mas começara a tremer. Hallorann achou que era um bom sinal.

Atrás deles, uma série de três explosões levou o hotel pelos ares. Chamas alaranjadas iluminavam a neve.

Danny pôs a boca junto ao ouvido de Hallorann e gritou alguma coisa.

- O quê?

- Perguntei se precisava disso. - O menino apontava para a lata vermelha de gasolina tombada na neve.

- Acho que precisamos.

Apanhou-a e limpou-a. Não sabia dizer quanta gasolina ainda havia ali. Prendeu a lata na traseira do snowmobile, atrapalhando-se várias vezes até encaixá-la corretamente, pois os dedos estavam ficando dormentes. Pela primeira vez percebeu que perdera as luvas de Howard Cottrell.

(quando me livrar disso vou pedir a minha irmã para tricotar uma dúzia pra você, hawie)

- Suba! - gritou Hallorann para o menino.

- Vamos congelar! - gritou Danny em resposta.

- Temos que passar pelo depósito! Há coisas por lá... cobertores... coisas assim. Fique atrás de sua mãe!

Danny subiu, e Hallorann virou a cabeça para poder gritar no rosto de Wendy.

- Sra. Torrance! Segure-se em mim! Está me entendendo? Segure-se!

Ela pôs os braços em volta dele e descansou o rosto em suas costas. Hallorann ligou o snowmobile e apertou o acelerador delicadamente para que não sacudisse. A mulher segurava-se nele, sem forças, e se ela tombasse para trás, seu peso derrubaria tanto ela quanto o menino.

Começaram a se pôr em movimento. Ele fez um círculo com o snowmobile, tomando

uma paralela a oeste do- hotel. Hallorann entrou mais, para circular os fundos do depósito.

Viram momentaneamente o saguão do Overlook. A chama saindo pelo chão rachado como uma gigante vela de um bolo de aniversário, amarela no corpo e azul nas pontas. Naquele momento, parecia estar apenas iluminando, não destruindo. Viam o balcão da recepção com a campainha prateada, os decalques de cartões de crédito, a caixa registradora antiga, os pequenos tapetes, as cadeiras de espaldar alto, as almofadas de crina. Danny via o pequeno sofá junto à lareira onde as três freiras sentaram no dia que chegaram... último dia. Mas este era o verdadeiro último dia.

Depois, o monte na varanda bloqueou o olhar. Minutos após, passavam pelo lado oeste do hotel. Ainda havia luz suficiente para se enxergar sem o farol do snowmobile. Os dois andares superiores estavam agora em chamas, e flâmulas de fogo se agitavam nas janelas. A tinta branca começara a escurecer e derreter. As cortinas que cobriam as janelas da Suíte Presidencial - cortinas que Jack cuidadosamente fechara de acordo com instruções recebidas em meados de outubro - eram agora chamas que expunham a ampla escuridão por trás, como uma boca desdentada bocejando num último e silencioso extertor de morte.

Wendy apertou o rosto nas costas de Hallorann para se proteger do vento, e Danny também apertou o rosto nas costas da mãe, e portanto foi apenas Hallorann que viu o desfecho, e ele nunca tocou no assunto. Pensou ver uma coisa imensa e escura saindo da janela da Suíte Presidencial e encobrindo o campo de neve que ficara para trás. Por um momento, a coisa assumiu a forma de uma arraia imensa, e depois o vento pareceu apanhá-la, rasgá-la e picá-la como papel velho. Fragmentou-se, foi apanhada por um redemoinho de fumaça, e minutos depois desapareceu como se nunca tivesse existido. Mas nesses poucos segundos em que rodopiara escura, dançando como grãos de sombras, Hallorann lembrou-se de algo de sua infância... há cinqüenta anos ou mais. Ele e o irmão descobriram um imenso ninho de vespas ao norte de sua fazenda. Estava enfiado no espaço entre a terra e uma árvore velha partida por um raio. Seu irmão tinha uma cabeça-de-negro na aba do chapéu, guardada desde o Quatro de Julho. Acendera-a e a jogara "no ninho. Explodira com um som alto, e um zumbido - quase um grito surdo - ergueu-se do ninho destruído. Ambos correram como se demônios estivessem em seu encalço. De certo modo, Hallorann supôs que eram demônios. E olhando para trás, como estava agora, vira, naquele dia, uma nuvem escura de diabinhos se erguendo no ar quente, rodopiando, desintegrando-se, procurando pelo inimigo que fizera isso com sua casa para - a única inteligência grupal - picarem-no até a morte.

Depois, a coisa no céu desapareceu, e pode ser até que tenha sido fumaça e um pedaço de papel de parede, e havia apenas o Overlook, uma pira ardente na boca da noite.

Havia uma chave do depósito em seu chaveiro, mas Hallorann viu que não havia necessidade de usá-la. A porta estava entreaberta, o cadeado pendurado, aberto.

- Não posso entrar lá - sussurrou Danny.

- Está bem. Fique com sua mãe. - Havia ali uma pilha de cobertores velhos. Provavelmente comidos pelas traças, mas é melhor do que morrer de frio. - Sra. Torrance, tudo certo?

- Não sei - respondeu uma voz fraca. - Acho que sim.

- Ótimo. Volto já.

- Volte o mais rápido que puder - sussurrou Danny. Por favor.

Hallorann meneou a cabeça. Dirigira o farol para a porta e agora andava desajeitadamente pela neve, formando uma sombra comprida a sua frente. Abriu a porta do depósito e entrou. Os cobertores ainda estavam no canto, junto ao jogo de roque. Apanhou quatro - cheiravam a mofo e a coisa velha, e as traças certamente estavam-se banqueteando - e então parou.

Um dos tacos de roque não estava ali.

(Foi com isso que ele me agrediu?)

Bem, não importava com o que fora agredido, importava? Mas seus dedos passearam pela face e começaram a explorar a inchação. Seiscentos dólares de tratamento dentário jogados fora numa única pancada. E afinal de contas

(talvez ele não me tenha agredido com um desses. Talvez um esteja perdido. Ou roubado. Ou levado como lembrança. Afinal de contas)

não importava. Ninguém iria jogar rogue aqui no próximo verão. Ou em qualquer verão num futuro previsto.

Não, na realidade não importava, mas olhar para o porta-tacos com a falta de um apenas continha uma espécie de fascinação. Viu-se pensando no uac! da cabeça do taco atingindo a bola de madeira. Um som gostoso de verão. Observá-lo roçando pelo

(osso. sangue)

cascalho. Conjeturando imagens de

(osso. sangue)

chá gelado, cadeiras de balanço na varanda, senhoras com chapéus de palha brancos, o zumbido de mosquitos, e

(meninos levados que não seguem as determinações.)

tudo isso. Claro. Jogo gostoso. Fora de moda agora, mas... gostoso.

- Dick? - A voz era fina, desvairada, e, em sua opinião, desagradável. - Você está bem, Dick? Venha, agora. Por favor!

(saia agora seu preto o senhor o está chamando.)

Apertou a mão num dos cabos de taco, gostando da sensação.

(sem pancada, não se educa uma criança.)

Seus olhos ficaram parados na escuridão. Realmente, estaria prestando aos dois um favor. Ela se estava acabando... de dor... e a maior parte

(tudo)

foi culpa daquele menino desgraçado. Claro. Deixara seu próprio pai lá queimando. Quando se pensa nisso, vê-se que está muito próximo de assassinato. Chamam a isso parricídio. Coisa desgraçadamente sórdida.

- Sr. Hallorann? - A voz dela era baixa, fraca, queixosa. Não gostava muito do som.

- Dick! - O menino agora soluçava de pavor.

Hallorann tirou o taco do cavalete e se voltou para a luz do farol do snowmobile. Os pés arranhavam as tábuas do depósito, como os pés de um brinquedo de corda posto em movimento.

De repente parou, olhando perdido para o taco em sua mão, e se perguntando, com crescente terror, em que estivera pensando em fazer. Assassinato? Pensara em assassinato?

Por um momento, toda a sua mente foi tomada por uma voz zangada, um pouco insolente:

(Faça-o! Faça-o, seu negro castrado! Mate-os! MATE OS DOIS!)

Então, derrubou o taco para trás com um grito baixo e horrorizado. Bateu no canto onde os cobertores estavam, uma das cabeças voltadas para ele, num convite mudo.

Ele voou.

Danny estava sentado no assento do snowmobile e Wendy se segurava nele sem força. O rosto estava banhado de lágrimas, e o menino tremia como 'se estivesse; com febre. Entre os dentes trincados, disse:

- Onde o senhor estava? Nós ficamos com medo.

- E um bom lagar para se ter medo - falou Hallorann, devagar. - Mesmo que esse lugar queime até os alicerces, nunca vão conseguir trazer-me nem a duzentos quilômetros daqui. Tome, Sra. Torrance, enrole-se nestes cobertores. Vou ajudar. Você também, Danny. Vista-se como árabe.

Enrolou dois cobertores em Wendy, ajeitando um deles num capuz para cobrir-lhe a cabeça, e ajudou Danny a amarrar o seu para não cair.

- Agora, fé em Deus e pé na tábua - disse. - Temos muito chão pela frente, mas o pior já passou.

Deu a volta no depósito e dirigiu o snowmobile para sua trilha. O Overlook era uma tocha agora, apontada para o céu. Buracos grandes foram abertos dos lados, e havia um inferno lá dentro. A neve derretida corria como quedas-d'água.

Deslizaram pelo caminho iluminado. As dunas de neve estavam vermelhas.

- Veja! - gritou Danny, quando Hallorann diminuiu a velocidade no portão da frente. O menino apontava para ó playground.

As criaturas de arbusto estavam todas em suas posições primitivas, mas estavam nuas, pretas, chamuscadas. Seus galhos mortos eram uma perfeita rede de fogo, suas folhas pequeninas espalhadas em volta dos pés como pétalas caídas.

- Estão mortos ! - gritou Danny, com um triunfo histérico na voz. - Mortos! Eles estão mortos!

- Shhhh - fez Wendy. - Muito bem, meu amor. Muito bem.

- Ei, doutor - disse Hallorann. - Vamos para um lugar quentinho. Está pronto?

- Estou - murmurou Danny. - Já faz tanto tempo que estou...

Hallorann esgueirou pela abertura do portão. Um momento depois, estavam na estrada, na direção de Sidewinder. O ruído do motor do snowmobile diminuiu até se perder no incessante rugir do vento. Chocalhava sobre os galhos desnudos dos animais de arbusto num som baixo e desolador. O fogo aumentava e diminuía. Algum tempo depois que o ruído do snowmobile desapareceu, o telhado do Overlook desabou - primeiro o da ala oeste, depois o da leste e, segundos depois, o telhado central. Uma imensa espiral de fagulhas e chamas subia na noite de inverno.

Um feixe de telhas em chamas e de caibros quentes foi arrastado pelo vento, entrando no depósito aberto.

Depois de algum tempo, o depósito também começou a queimar.

Encontravam-se ainda a 35 quilômetros de Sidewinder, quando Hallorann parou para colocar o resto da gasolina no tanque do snowmobile. Estava muito preocupado com Wendy Torrance, que parecia estar desfalecendo. Ainda faltava um longo caminho.

- Dick! - gritou Danny. Estava de pé no assento, apontando. - Dick, veja! Olhe lá!

A neve cessara e uma lua cheia espreitava pelas nuvens. Lá embaixo, mas em sua direção, subindo por uma série de esses, estava uma corrente iluminada como um colar de pérola. O vento diminuiu por um momento, e Hallorann ouviu o zumbido distante de motores de snowmobiles.

Hallorann, Danny e Wendy alcançaram-nos em 15 minutos. Haviam trazido roupas, conhaque e remédio.

E a longa escuridão terminara.

58

EPILOGO/VERÃO

Depois de ter acabado de examinar as saladas que sua eventual substituta fizera, e de beliscar o feijão à moda da casa que serviam como abertura nesta semana, Hallorann tirou o avental, pendurou-o num gancho e saiu pela porta dos fundos. Tinha talvez 45 minutos, antes que tivesse que se preparar, mesmo, para jantar.

O nome deste lugar era Hospedaria Red Arrow, e estava cravada nas montanhas oeste do Maine, a 50 quilômetros da cidade de Rangely. Era um bom negócio, pensou Hallorann. O movimento não era pesado, as gorjetas ajudavam, e até então nenhuma refeição tinha sido devolvida. Nada mal, considerando-se que a estação estava chegando ao fim.

Passou pelo bar ao ar livre e pela piscina (apesar de não entender, como alguém poderia usar a piscina, com o lago tão pertinho), atravessou um gramado onde um grupo de quatro pessoas jogava croqué e ria, e subiu uma colina. Aqui, os pinheiros se espalhavam, e o vento sussurrava agradavelmente entre eles, trazendo o aroma de abeto e resina doce.

Do outro lado, algumas cabanas com vistas para o lago estavam discretamente colocadas entre as árvores. A última era a mais bonita, e Hallorann a reservava para duas pessoas em abril, quando adquiriu o lugar.

A mulher estava sentada na varanda numa cadeira de balanço, com um livro nas mãos.

Hallorann assustou-se novamente com a mudança dela. Uma coisa era a maneira rígida, quase cerimoniosa de se sentar, apesar do ambiente informal - forçada, naturalmente, pelo colete ortopédico. Ela tivera uma vértebra e três costelas quebradas e danos internos. As costas eram de cicatrização mais lenta, e ela ainda estava no colete... daí a postural formal. Mas a mudança era mais do que isso. Parecia mais velha, e parte da alegria desaparecera de seu rosto. Agora, enquanto lia o livro, Hallorann viu ali uma beleza sóbria, que faltava no dia em que se conheceram, há uns nove meses. Na época, ela era apenas uma menina. Agora, uma mulher, um ser humano que fora arrastado para o lado escuro da Lua e voltara capaz de juntar os pedaços. Mas esses pedaços, pensou Hallorann, nunca mais se encaixam perfeitamente. Nunca, nunca mais.

Ela ouviu os passos de Hallorann e levantou os olhos, fechando o livro.

- Dick! Oi! - Começou a se levantar e uma careta de dor passou por seu rosto.

- Não, não se levante - disse ele. - Não me levanto em nenhuma cerimônia, a não ser que seja a rigor.

Sorriu quando ele subiu os degraus e se sentou ao lado dela na varanda.

- Como vão as coisas?

- Bem - admitiu Hallorann. - Experimente o camarão crioulo hoje à noite. Vai gostar.

- Combinado.

- Onde está Danny?

- Lá embaixo. - Apontou, e Hallorann , viu uma figurinha sentada na ponta do ancoradouro. Usava jeans enrolados até os joelhos e uma camisa de listras vermelhas. Mais adiante, na água calma, uma bóia flutuava. De vez em quando, Danny enrolava a linha, observava o anzol, e depois o atirava na água novamente.

- Está ficando preto - disse Hallorann.

- Está. Muito preto. - Olhou-o contente.

Ele apanhou um cigarro, bateu e acendeu. A fumaça passeou preguiçosa na tarde ensolarada.

- E os sonhos que ele tem tido?

- Tem melhorado - disse Wendy. - Só um esta semana. Costumava ser toda noite, às vezes duas ou três vezes. As explosões. Os arbustos. E principalmente... você sabe.

- Sim. Ele vai melhorar., Wendy.

Ela olhou para ele.

- Vai? Não sei.

Hallorann meneou a cabeça.

- Você e ele, vocês estão melhorando. Diferentes, talvez, mas estão melhorando. Não são o que foram, você dois, mas isso não é necessariamente ruim.

Ficaram calados por algum tempo, Wendy balançando levemente a cadeira, Hallorann com os pés na cerca da varanda, fumando. Uma brisa, abrindo seu caminho secreto pelos pinheiros, mas quase sem agitar o cabelo de Wendy. Ela o cortara.

- Resolvi aceitar a oferta de Al... Sr Shockley - disse.

Hallorann balançou a cabeça.

- Parece um bom emprego. Alguma coisa em que se interessar. Quando começa ?

- Logo depois do Dia do Trabalho. * Quando Danny e eu sairmos daqui, iremos direto a Maryland procurar um lugar. Foi na verdade o panfleto da Câmara de Comércio que me convenceu, você sabe. Parece uma boa cidade para educar uma criança. E eu gostaria de estar trabalhando novamente antes que a gente entre muito no dinheiro do seguro que Jack deixou. Ainda tenho mais de quarenta mil dólares. O bastante para mandar Danny para a universidade com uma boa sobra para ele poder começar a vida, se for bem investido.

* O Dia do Trabalho; feriado de lei tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá, e é comemorado anualmente na primeira segunda-feira de setembro. (N. da T.)

Hallorann meneou a cabeça.

- E sua mãe?

- Olhou-o e sorriu abatida.

- Acho que Maryland é suficientemente distante.

- Não vai esquecer os velhos amigos, vai?

- Danny não me deixaria. Vá lá e fale com ele, está esperando o dia inteiro.

- Bem, eu também. - Levantou-se e ajeitou a roupa branca de cozinheiro nos quadris. - Vocês dois vão melhorar - repetiu.

- Dá vara sentir?

Levantou os olhos para ele e, desta vez, o sorriso foi mais simpático.

- Sim - respondeu Wendy, tomando a mão dele e a beijando. - As vezes, acho que estou melhorando.

- O camarão crioulo - disse ele, indo para os degraus.

Não se esqueça.

- Não esquecerei.

Desceu a ladeira de cascalho que levava ao ancoradouro e depois tomou as tatuas, castigadas pelo tempo, até o final, onde Danny estava sentado, com os pés na água clara. Adiante, o lago largo, refletindo os pinheiros nas margens. O terreno era montanhoso por aqui, mas as montanhas eram antigas, arredondadas e rebaixadas pelo tempo. Hallorann gostava delas.

- Já pegou muitos? - indagou Hallorann, sentando-se ao lado do garoto. Tirou um sapato, depois o outro. Com um suspiro, mergulhou os pés quentes na água fria.

- Não. Mas senti uma mordida, faz pouquinho.

- Amanhã de manhã, vamos passear de barco. Tem que ir para fora, se quiser apanhar peixe, meu rapaz. Os grandões estão lá longe.

- Grandes como?

Hallorann encolheu os ombros.

- Oh... tubarões, marfins, baleias, esse tipo de coisa.

- Não há nenhuma baleia!

- Baleia azul, não. Claro que não. Estas daqui não vão a mais de vinte e cinco metros. Baleias rosadas.

- Como podem chegar aqui, vindo do mar?

Hallorann pôs a mão no cabelo louro-avermelhado do menino e o sacudiu.

- Nadam corrente acima, meu rapaz. Ir assim.

- Verdade?

- Sim.

Ficaram calados durante muito tempo, observando a calmaria, e Hallorann apenas pensando. Quando olhou de volta para Danny, viu que os olhos do garoto estavam cheios de lágrimas. Abraçando-o, disse.

- O que é isso?

- Nada - sussurrou Danny.

- Está com saudade de seu pai, não está?

Danny meneou a cabeça.

- Você sempre sabe. - Uma lágrima rolou do olho direito. - Não podemos ter segredos - concordou Hallorann. - É assim mesmo.

Olhando para a vara, Danny disse:

- As vezes, ficou pensando que seria melhor se fosse comigo. Foi minha culpa. Toda minha.

- Você não gosta de falar nisso na frente de sua mãe, não é? - Não. Ela quer esquecer o que aconteceu. Eu também, mas...

- Mas não consegue.

- Não.

- Quer chorar?

O menino tentou responder, mas as palavras foram engolidas por um soluço. Encostou a cabeça no ombro de Hallorann e chorou, as lágrimas agora lavando seu rosto. Hallorann segurou-o sem dizer nada. O menino teria que derramar suas lágrimas várias vezes, ele sabia; e Danny tinha sorte em ser jovem ainda para poder chorar. As lágrimas que curam são também lágrimas que escaldam e castigam.

Quando ele se acalmou um pouco, Hallorann disse:

- Você vai passar por cima disso. Não acha que vai agora, mas irá. Você é ilu...

- Eu queria não ser! - falou Danny, sufocado, a voz ainda grossa com as lágrimas. - Eu queria não ser!

- Mas é - disse Hallorann, com calma. - Queira ou não queira. Independe de sua vontade, menininho. Mas o pior já passou. Pode usar sua luz para conversar comigo,

quando as coisas ficarem feias. E se ficarem muito feias, simplesmente me chame e eu irei a seu encontro.

- Mesmo se eu estiver lá em Maryland?

- Mesmo lá.

Ficaram em silêncio, observando a bóia de Danny se mover a cerca de 10 metros do ancoradouro. Depois, Danny disse, baixinho:

- Vai ser meu amigo?

- Se me quiser.

O menino apertou-o e Hallorann o abraçou.

- Danny? Ouça. Vou falar-lhe sobre isso pela primeira e última vez. Há coisas que não se deve dizer nem a um menino de sessenta anos; mas como as coisas devem ser e como são na realidade, dificilmente isto coincide. O mundo é um lugar duro, Danny. Não se importa com a gente. Não odeia você nem a mim, mas também não morre de amor por nós. Coisas terríveis acontecem no mundo, e são coisas que ninguém pode explicar. Indivíduos bons morrem de forma ruim e dolorosa e deixam as pessoas que os amam sozinhas. As vezes, parece que só as pessoas ruins permanecem sadias e prósperas. O mundo não ama você, mas sua mãe o ama e eu também. Você é um bom menino. Angustia-se pela morte de seu pai e, quando sente que precisa chorar pelo que aconteceu com ele, esconde-se num armário ou debaixo. das cobertas e chora até que saia tudo de dentro de você novamente. E isso que um bom filho deve fazer. Mas veja, você continua vivendo. E sua obrigação, neste mundo duro, manter viva a chama do amor e ver que continua vivendo, não importa como. Seja um bom artista e continue.

- Está bem - murmurou Danny. - Virei vê-lo no verão que vem, se quiser... se não se importar. No próximo verão, já vou ter sete anos.

- E eu sessenta e dois. E vou arrancar-lhe os miolos pelos ouvidos de tanto abraço. Mas vamos deixar um verão terminar para planejarmos o outro.

- OK. - Olhou para Hallorann. - Dick?

- Hummm?

- Você ainda vai viver muito, não vai?

- Não estou pensando nisso. Você está?

- Não, senhor. Eu...

- Morderam a isca, filhinho - falou Hallorann, apontando para o lago. Uma bóia vermelha e branca afundara. Subiu novamente faiscando, e desceu outra vez.

- Ei! - exclamou Danny.

Wendy descera e se juntara a eles, de pé, atrás do filho.

- O que é? - perguntou. - Lúcio?

- Não, senhora - respondeu Hallorann. - Acho que é uma baleia rosada.

A vara envergou. Danny puxou-a, e um peixe comprido e colorido cintilou, rápido, e sumiu novamente.

Danny enrolou o carretel freneticamente, arquejando.

- Ajude-me, Dick! Peguei! Peguei! Ajude-me!

Hallorann riu.

- Está indo muito bem sozinho, homenzinho. Não sei se é uma baleia rosada ou uma truta, mas qualquer uma serve. Qualquer uma virá a calhar.

Pôs um braço em volta de Danny, e o menino ficou enrolando o carretel, pouco a pouco. Wendy sentou-se do outro lado de Danny, e os três estavam na ponta do ancoradouro sob o sol da tarde.

* * *